

DICCIONARIO BIOGRAPHICO

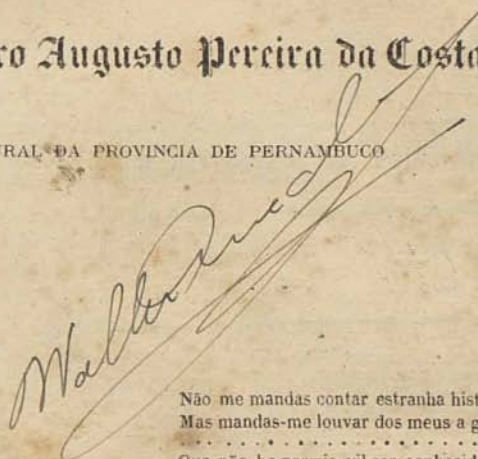
DE

PERNAMBUCANOS CELEBRES

POR

Francisco Augusto Pereira da Costa

NATURAL DA PROVINCIA DE PERNAMBUCO



Não me mandas contar estranha historia ;
Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.

Que não he premio vil ser conhecido -
Por hum pregão do ninho meu paterno.

Camões.

Livraria da Congregação

DE

J. C. Ferreira Chaves

Travessa da Praça 17 n. 3

RECIFE

RECIFE

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

Rua do Imperador n. 50

1882

V
920.08134
C 837
d
1882

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado

sob número 1956

do ano de 1972

DUAS PALAVRAS

O presente trabalho é um tenue tributo de homenagem á memoria dos nossos illustres antepassados, pelos seus feitos e empreendimentos, pelas suas conquistas e victorias, e por suas virtudes e patriotismo.

Primus inter pares, Pernambuco occupa incontestavelmente um logar de honra entre as suas irmãs, que formam a communhão do vasto e florescente imperio da Santa Cruz; e a sua historia, uma das mais esplendidas e monumentaes, é um codigo sublime de arrojo e patriotismo, de nobilissimos commettimentos, e de gloriosas tradições.

Obtendo pela constancia e valor do seu heroico donatario, os mais assinalados triumphos na empreza colossal da sua conquista e colonisação, logo após a sua fundação, em principios do seculo XVI, Pernambuco elevou-se e occupou uma posição distincta; e quando a sorte era adversa á conquista e estabelecimentos coloniaes de outras capitánias, aqui, a obra regeneradora da civilisação firmava em solidas bases os fundamentos do seu esplendido monumento; a vida, a actividade e o trabalho o encaminhavam na senda do progresso, e em breve tempo a Nova Lusitania de hontem, o Pernambuco de hoje, constituia uma das mais ricas e florescentes colonias portuguezas da America.

Descendentes de um povo que atirou-se intrepido ás mais arrojadas conquistas que desvendaram ao velho mundo novos mundos, de um povo que occupa na historia da civilisação um logar proeminente pelos seus feitos e gigantescas emprezas, pelas suas arrojadas descobertas e viagens *por mares nunca d'antes navegados*, na phrase de Camões, o inspirado cantor das glórias portuguezas, os pernambucanos herdaram dos seus illustres antepassados o seu genio audaz e emprehendedor, e assim o seu nome se acha intimamente ligado á historia de todas as provincias do norte do imperio, por sua iniciativa e arrojados commettimentos.

Mallogradas todas as tentativas dos diversos donatarios das capitánias do norte no intuito de se levar a effeito as conquistas e colonisação daquellas capitánias, infructiferos todos os esforços tendentes a esse mesmo fim, depois da perda de inumeras vidas e de avultados cabedaes, o genio e iniciativa dos generosos pernambucanos pôde, emfim, conseguir com as suas expedições o difficil e quasi impossivel desideratum: vencer todas as barreiras que se erguiam á sua frente, bater não só os naturaes possuidores do paiz, como aos aventureiros estrangeiros que d'elle se haviam apposado,

e firmar aqui e alli novos nucleos de civilisação que prosperaram e se desenvolveram, e hoje constituem as mais bellas capitaes e outras cidades das provincias do norte.

Em 1581, quando a capitania de Pernambuco contava apenas dez lustros, partiu de Olinda, sua florescente e já opulenta capital, uma expedição sob o mando do capitão João Tavares, e lançou os fundamentos da cidade da Parahyba, mais tarde consolidados por outras expedições pernambucanas ao mando de Fructuoso Barbosa e D. Felipe de Moura.

Em 1597, Manoel Mascarenhas Homem parte para o Rio Grande do Norte com cerca de mil homens, funda a cidade do Natal, e deixa á frente do seu governo o intrepido e energico Jeronymo de Albuquerque.

No Ceará e Maranhão, ainda o elemento e iniciativa pernambucana firmam a conquista e fundam novos estabelecimentos: naquella, o mesmo Jeronymo de Albuquerque, depois de bater os indigenas, lança os fundamentos de uma cidade a que chamou de *Nossa Senhora do Rozario*, na bahia das Tartarugas; e nesta, batendo os francezes, arranca-lhes a posse d'essa importante provincia, firma e consolida o dominio portuguez, tendo em premio dos seus serviços a merecida honra de ser incumbido do seu governo; e o heroico restaurador do Maranhão, para perpetuar mais essa gloriosa pagina da sua vida, addicionou ao seu nome o da terra conquistada, como outr'ora os dous Sipiões fizeram após as conquistas de Africa e Azia.

A' historia da fundação da capitania do Pará ligam-se o nome de um pernambucano illustre, já glorificado pela sua attitude heroica na guerra da restauração do Maranhão, Jeronymo Fragoso de Albuquerque, e os dos bravos que partiram posteriormente d'alli sob o commando de Francisco Caldeira Castello Branco; e á da expedição e descoberta do Amazonas, o do intrepido pernambucano Pedro da Costa Favella.

Em 1567, um punhado de pernambucanos, ao mando de Mem de Sá, fez parte da expedição que foi expellir do Rio de Janeiro os francezes alli estabelecidos. Em 1624, por occasião de invadirem os hollandezes a Bahia, muitos pernambucanos empenharam-se em prol da libertação d'aquella provincia, e a um delles coube a honra de tomar parte em seu governo, até que foi incumbido desse cargo o bispo D. Marcos Teixeira; e mais tarde, quando em 1638 foi de novo a Bahia invadida pelos hollandezes, partiu a soccorrel-a uma expedição desta provincia, sob o mando do conde de Bagnuolo. Em 1700, por occasião da guerra de Portugal com a Hespanha e com a França, marchou um corpo de tropas para o Maranhão. Em 1735, os pernambucanos seguiram para a colonia do Sacramento; e nesse mesmo anno expulsaram os francezes da ilha de Fernando de Noronha, como anteriormente já haviam feito com os hollandezes. Em 1774, partiu uma expedição para Santa Catharina. Em 1775, partiu uma outra para o Rio Grande do Sul; notando-se ainda as expedições de Cayenna em 1809, de Montevideo em 1817, e a da restauração da Bahia em 1823, e finalmente as campanhas

de Cisplatina, da Confederação Argentina e do Paraguay. Em todas essas expedições o nome pernambucano elevou-se; a honra nacional teve nelles dignos e esforçados defensores, que partilharam das glorias de todos esses feitos, muitos dos quaes são delles, exclusivamente delles.

A historia da provincia de Alagoás, outr'ora comarca de Pernambuco, é a propria historia d'esta provincia até a epocha da sua desmembração, em 1817, constituindo assim um padrão glorioso da nossa iniciativa e genio emprehendedor.

E quando Pernambuco dispunha de taes elementos, collodando-se na vanguarda do progresso e da civilização do Brazil, elevando aqui e alli os povos indigenas do estado de abatimento e selvageria em que viviam, chamando-os ao gremio da religião e da sociedade, empenhado sempre nessas missões regeneradoras, não esquecia-se jamais do seu proprio engrandecimento. As suas conquistas internas dilatavam-se por todos os angulos do seu vasto territorio. O seu commercio mantido pelos seus productos agricolas, era grandioso. Olinda, sua capital, apresentava o aspecto de uma cidade européa, grande, extensa, faustosa e magnifica: era a *propria imagem do paraizo*, na phrase de um de seus chronistas.

Soou porém a hora tremenda da provação—a guerra da invasão hollandeza.

Abandonado aos seus proprios recursos, fracos para a sua defesa em uma guerra desigual, Pernambuco accitou intrepido o cartel de desafio que lhe atirou uma nação poderosa, forte por seu numero exercito, aguerrido e disciplinado. E se a sorte das armas nos foi adversa n'essa pugna do fraco contra o forte, de um punhado de bravos a defender a sua liberdade e a honra do seu paiz, usurpadas pelos poderosos invasores, seu valor e heroismo, porém, teceram uma epopéa magnifica e esplendida de feitos de arrojado e inexcedivel patriotismo.

Firmaram os hollandezes o seu dominio á força de armas, consolidaram-no, e o estenderam desde Sergipe até o Maranhão. E mais tarde, quando Pernambuco readquiriu suas forças, quando pelo correr do tempo se multiplicaram seus recursos, então seus filhos, sentindo-se mais fortes, e incitados pelo amor da patria, ergueram-se altivos e intrepidos. Soou o grito da revolta. Lançaram mão das armas; e as suas trombetas annunciaram por toda a parte a guerra patriótica, a guerra da liberdade. E sós, entregues aos seus proprios meios de defesa, abandonados pela metropole que lutava tambem pela sua liberdade, os pernambucanos puzeram a guerra em campo; bateram o inimigo em Tabocas, Casa Forte, Guararapes e em outros pontos, e após nove annos de lutas, e da mais heroica e gloriosa pugna, a victoria veio coroar os seus esforços: a capitulação do Toborda, firmada aos 27 de Janeiro de 1654, remata e corôa a obra esplendida que firmou a futura nacionalidade brasileira.

Já anteriormente a essas duas memoraveis epochas, o nome pernambucano se havia illustrado tambem em outros feitos no seu proprio territo-

rio, senão tão esplendidos como os das guerras da invasão e restauração hollandeza, ao menos de tanto valor e de tanto patriotismo : a invasão dos piratas inglezes e francezes no seculo anterior a dos hollandezes.

Cabe-nos agora mencionar a guerra e conquista da famosa republica dos Palmares, essa Troya negra, na phrase de um historiador, em fins do seculo XVII; e mais tarde, em principios do seculo seguinte, a celebre guerra dos Mascates, na qual os pernambucanos, em tremenda luta fratri-cida, sustentaram e defenderam os seus foros e tradições, por occasião da pendencia entre Olinda e o Recife, quando este foi elevado a cathegoria de villa.

1800, a infructifera tentativa da proclamação de uma republica, sob a protecção de Napoleão Bonaparte; 1817, a proclamação da independencia sob a forma republicana; 1821, as lutas constitucionaes e a guerra ao despotico governo do capitão-general Luiz do Rego Barreto; 1824, a proclamação da Confederação do Equador; 1829, as lutas da liberdade contra o despotismo, luta que se prolongou até 1831, quando se deu o acto da abdicacão de D. Pedro I, causa immediata da guerra dos Cabanos, que enlutou por muito tempo esta provincia; e finalmente a revolução liberal de 1848, são outros tantos feitos do nobre e elevado patriotismo do povo pernambucano, do seu character altivo e independente, e do seu acrysolado amor ás liberdades patrias e ás instituições livres.

Por meio seculo, pois, foi esta provincia o theatro da mais renhida e sanguinolenta luta, luta que ainda mais realçou o brio e character de tão nobre povo: 1800 é o prologo desse periodo de patriotismo e de martyrio; 1848 é o seu epilogo, o marco que firma a derradeira iniciativa, o derradeiro protesto erguido contra a tyrannia e a oppressão.

Até aqui a iniciativa pernambucana em sua provincia, no Brazil, na America, em fim.

Agora em outros continentes.

Na Africa, por occasião da mallograda jornada de Alcacer-Kibir, no seculo XVI, os dous irmãos, Jorge e Duarte de Albuquerque, illustraram os seus nomes pelas suas façanhas, e portaram-se briosa e dignamente. Duarte de Albuquerque, segundo donatario de Pernambuco, lá ficou estendido no campo da batalha, e Jorge de Albuquerque, mortalmente ferido, cahiu prisioneiro em mãos do inimigo. Ainda no mesmo continente, em Angola, os pernambucanos que compunham as cinco expedições que d'aquí partiram, prestaram valiosissimos serviços á causa portugueza.

Na Azia, entre muitos nomes, realça o de D. Francisco de Moura Rolim, encarregado da expedição e tomada da praça de Soar, na costa da Arabia, occupada pelos mouros, cuja conquista franqueou ao commercio portuguez das Indias a livre passagem das suas armadas por aquelle porto.

Na Europa, porém, abre-se mais vasto campo ás glorias e renome dos pernambucanos. Mathias de Albuquerque, o heróe da batalha de Montijo e de outros feitos na guerra da restauração de Portugal do dominio da

Hespanha, o homem que na phrase do Sr. Pinheiro Chagas, cingiu com a aureola da victoria a resurgida bandeira de Portugal; André de Albuquerque que morreu gloriosamente na batalha das linhas de Elvas, quando investia uma fortificação; Alexandre de Moura e Albuquerque, que muito se distinguio com o seu batalhão nas batalhas de Montes Claros e Ameixial; Jeronymo Fragoso de Albuquerque, cujos feitos importaram a conferencia do governo da praça de Tavira, e muitos outros pernambucanos sagraram-se heróes pelos seus feitos na guerra da independencia da patria commum, assim como nas da Hespanha e Flandres, e em outras occasiões em Portugal.

Na magistratura, na alta administração do paiz, ainda mesmo nos tempos obscuros da colonia, quando qualquer missão confiada a um brasileiro importava o seu merecimento e muita distincção, não só pelo atrazo em que viviamos, victimas da mal entendida politica da metropole sobre as suas colonias da America, como tambem pelo calculado systema de coarctar o voo e aspiração dos brasileiros, muitos pernambucanos, a despeito de tudo isto, occuparam logares elevadissimos e de muita confiança na alta administração do paiz, tomando parte não só nos conselhos da corôa, como em outras missões importantes, assim na metropole, como nos governos das principaes praças e colonias da Azia, Africa e America; e na representação do paiz no estrangeiro, não menos se illustraram alguns nas missões diplomaticas de que foram incumbidos.

Na hierarchia religiosa, vemos D. Frei Manoel de Santa Catharina, bispo de Angola; D. Frei Bernardo de Nossa Senhora, bispo de Meliapor; e o Padre Dr. Manoel Gonçalves que não acceitou a mitra do bispado de S. Thomé; o conselheiro Dr. João Ribeiro Pessoa, monsenhor mitrado da igreja patriarchal de Lisboa; o Dr. Francisco José Arantes, deão da cathedra de Coimbra, e muitos outros, não só em Portugal como n'esta e n'outras provincias; e nos nossos tempos, o sabio bispo do Rio de Janeiro, Conde de Irajá; D. Frei Carlos de S. José, bispo do Maranhão; D. Frei Pedro de Santa Marianna, bispo de Chrysopolis; D. Francisco Cardoso Ayres e D. Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira, bispos d'esta diocese.

Na litteratura nacional, Pernambuco não só se tem distinguido assás, como ao nome de um seu filho cabe a gloria de abrir o prologo da historia litteraria brasileira—Bento Teixeira Pinto, o primeiro brasileiro que illustrou a sua patria com as producções do seu talento, poeta e historiador, constituindo assim, na phrase eloquente do Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo, o primeiro elo da immensa cadeia de litteratos do Brazil.

O vasto campo das sciencias e das artes, ainda que modesto entre nós, não é menos bella e interessantemente cultivado e exaltado pelos pernambucanos. Os nomes de Arruda Camara, de Frei Leandro do Sacramento, do Conde de Irajá, do Bispo de Chrysopolis, do Barão de Igua-rassú, e de muitos outros, principalmente na jurisprudencia e nas sciencias

cias que lhe são relativas, são bem conhecidos e não precisamos fazer a sua longa enumeração.

No parlamento brasileiro e na assembléa constituinte portugueza de 1821, Muniz Tavares, Araujo Lima, Ferreira da Silva, Maciel Monteiro, Nunes Machado, Urbano Sabino, Mendes da Cunha, Paula Baptista, Feitosa, Ferreira Barreto, Lopes Gama, Venancio de Rezende, Sá e Albuquerque, Buarque de Macedo e tantos outros, conquistaram esplendidos triumphos pela eloquencia e inspiração da sua palavra, verdadeiros e consumados oradores parlamentares. A tribuna sagrada, exaltam-na Barreto, Caneca, Lopes Gama, Jaboatão, João Baptista da Fonseca, Ferreira Portugal, Abreu e Lima, Frei João do Rozario, Frei João Baptista da Purificação, Frei Luiz Botelho do Rozario, Frei Manoel de Macedo e outros que não só conquistaram applausos e renome no Brazil, como tambem em Portugal e na Hespanha.

E' pois a memoração dos feitos de tantos heróes, a perpetuação de tantos nomes illustres e legendarios, o acrysolado patriotismo e as glorias de tantos benemeritos pernambucanos, o que deu incentivo a grandiosa empreza a que mettemos hombros, empreza sem duvida superior ás nossas forças,—a publicação do Diccionario Biographico de Pernambucanos Celebres.

Incompleto como é o nosso trabalho, incorrecto mesmo, sem as elegancias da forma e preceitos litterarios, encerra elle todavia um cabedal bem valioso de notas e apontamentos, que legamos aos futuros biographos que d'est'arte aqui encontrarão reunido o que andava esparso pelos nossos archivos e jornaes, como tambem pelas diversas obras relativas as nossas cousas, e por documentos e informações particulares, tendentes a perderem-se.

São, pois, fidedignas e authenticas as fontes em que fomos buscar as informações do nosso trabalho. As pesquisas, o colleccionamento, a forma imperfeita e incorrecta que tem, trabalhos de longas fadigas, vigílias e sacrificios, eis o que nos pertence, eis unicamente o que é nosso. E hoje, que após sete longos annos de incessantes trabalhos, damos á luz da publicidade o nosso *Diccionario Biographico*, é-nos grato render os nossos sinceros agradecimentos, e significar a nossa gratidão a todos os amigos que nos facilitaram os meios da sua confecção, prestando-nos valiosos subsidios e informações, e sua constante animação na empreza que tomamos sobre nossos hombros, e tambem a illustre e patriótica Assembléa Legislativa Provincial pela valiosa coadjuvação que votou para a sua publicação.

A' todos, pois, a significação da nossa mais sincera e immorredca gratidão.

Recife, Janeiro de 1882.

F. A. Pereira da Costa.

DICCIONARIO BIOGRAPHICO



A

Affonso de Albuquerque Mello. Nasceu em principio do seculo XVII no engenho Rosario em Serinhaem, e foram seus paes Diogo Martins Pessôa e D. Felippa de Mello; foram seus avós paternos Fernão Martins Pessôa e D. Izabel Gonçalves da Camara, e maternos, Jeronymo de Albuquerque e D. Felippa de Mello, pertencentes ás mais illustres familias desta capitania.

Perdendo seu pai em 1612, ainda bem creança, recebeu de sua mãe a mais esmerada educação, e abraçando a nobilissima carreira das armas, o jovem Affonso de Albuquerque conquistou pelos seus feitos, titulos de immorredoras glorias.

A guerra travada nesta provincia por occasião da invasão hollandeza, em 1630, encontrou-o já possuindo as dragonas de capitão, e elle tomando parte na acção heroica da tomada do forte de S. Jorge como um dos poucos e valentes cabos que o guarneciam, cobriu-se de louros nesse brilhante feito de armas, um dos mais notaveis dos annos guerreiros de Pernambuco. Rendendo-se o forte na ultima extremidade, depois de um apertado cerco, quando as balas inimigas haviam derrubado os seus parapeitos e desmontado as peças sobre elles assestadas, falta de mantimentos e de meios possiveis de resistencia depois da mais heroica defesa, o capitão Affonso de Albuquerque foi um dos poucos bravos que ficaram prisioneiros em poder do inimigo, após a capitulação, por não aceitar a condição imposta, de não pelejar contra elle por espaço de seis mezes.

Recobrando a sua liberdade, Affonso de Albuquerque reuniu-se ao exercito pernambucano, e em 1634 encontrou-o já figurando como um dos capitães a quem o general em chefe incumbira do assalto do Pontal de Nazareth, cujas primeiras trincheiras chegaram a ganhar.

Affonso de Albuquerque occupando sempre um dos primeiros lugares na historia desses feitos memoraveis, figurou em todos os movimentos, viu cair o unico baluarte que podia oppor seria resistencia ao inimigo, e fez parte da famosa jornada de Pernambuco á Bahia.

Estacionando o exercito em Villa-Formosa, Affonso de Albuquerque foi incumbido de ahi ficar com outros companheiros á guarnecel-a, ao passo que o resto das forças foi dividido sobre outros pontos que demandavam segurança, ficando ahi estabelecido o quartel general.

Os holandezes marcharam a desalojar os pernambucanos de tão importante ponto, e Affonso de Albuquerque que occupava uma das guardas avançadas, é um dos primeiros que recebe o choque do inimigo em numero consideravelmente maior, mas sahindo immediatamente o resto das nossas forças ao mando do intrepido general Mathias de Albuquerque, os fez retirar.

Em 1635 marchou Affonso de Albuquerque com o resto das forças que nos restava em demanda da Bahia. Então, já não era possivel cousa alguma tentar mais em prol da liberdade desta terra, usurpada pelas tropas invasoras da Hollanda.

Affonso de Albuquerque chegando finalmente á Bahia, após uma longa e penosa travessia por terra, ahi se conservou, até que, de novo foram reclamados os seus serviços por occasião da guerra da restauração em 1645.

Partindo immediatamente ao appello da mãe patria, elle illustrou de novo o seu nome nessa segunda e memoravel guerra, cuja victoria final depois de renhidos e gloriosos combates, teve lugar no memoravel dia 27 de Janeiro de 1654 com o acto da capitulação do Taborda, depois de uma luta gloriosa de nove longos annos.

Restaurada esta provincia do jugo hollandez, o bravo capitão Affonso de Albuquerque Mello recebeu do general Francisco Barreto de Menezes a honrosa incumbencia de ir á côrte de Lisbôa levar a El-Rei D. João IV a segunda via da noticia de tão faustoso acontecimento.

Ouçamos agora um escriptor notavel, o Tenente-coronel Antonio José Victorino Borges da Fonseca, descrever na sua *Nobiliarhia Pernambucana*, ainda que em largos traços, a vida e os feitos do illustre capitão Affonso de Albuquerque Mello:

« Já no anno de 1630 em que os holandezes vieram á Pernambuco, e elle briosamente ficou prisioneiro, era capi-

tão, e com este mesmo posto serviu até a restauração, sem que duas viagens que fez a còrte de Madrid, fossem bastante para poder contrastar a fortuna ordinariamente adversa aos varões fortes. No assalto do forte do Pontal, no encantamento da Villa-Formosa de Serinhaem, e na sua defesa, e finalmente na marcha de Alagôas, cumpriu inteiramente com as obrigações de um perfeito capitão, porque alem do valor de que foi dotado, conseguiu geral applauso e veneração, o que sabia muito bem conciliar sua grande capacidade.»

Em outro logar da mesma obra, diz ainda Borges da Fonseca :

« Affonso de Albuquerque Mello, a quem chamaram *o Colomin*, foi um dos mais valentes cabos que viu a campanha de Pernambuco, assim na sua defesa, como na expulsão dos hollandezes, de que resultou, que um poeta tão satyrico como o que escreveu os primeiros encontros das nossas armas com as dos hollandezes, não teve de que o arguir, quando o seu intento era increpar a todos, antes entre todos o singularisou nos seguintes versos :

*Albuquerque, a que lhamam Colomin
Hisolo, como bueno, alfin. »*

Affonso de Albuquerque falleceu em Portugal, esquecido e desapreciado. Esta a sorte de um dos mais valentes cabos, cujos feitos tanto contribuíram á nova posse de uma das mais ricas possessões á corôa de Portugal.

Agostinho Barbalho Bezerra. Nasceu em Olinda segundo conjecturas, em principios do seculo XVII. Era filho do heroico pernambucano Luiz Barbalho Bezerra, oriundo de Antonio Bezerra Felpa de Barbuda, natural de Ponte de Lima e sua mulher D. Maria de Araujo, os quaes vieram para esta capitania no começo de sua povoação, com o seu primeiro donatario Duarte Coêlho.

Agostinho Barbalho Bezerra, bem jovem ainda, achou-se envolvido nas lutas marciaes da invasão hollandeza em Pernambuco, e nos campos da batalha não desmentiu o já proverbial enthusiasmo e valor pernambucano.

Occupada esta provincia em 1630 pelo exercito hollandez, seu pae que então estava no começo de sua carreira militar, apresentou-se ao general Mathias de Albuquerque, com os seus escravos e criados, mantidos á sua custa e sem

remuneração alguma pelo estado, e offerece os serviços de todos pela cauza da patria; e nessa mesma phalange, destacava-se o vulto de dous jovens soldados, imberbes ainda, mas em cujas fronte resplendia o sol da liberdade, estrella peregrina, phanal de heroicos feitos e assombrosos commettimentos.

Estes dous jovens soldados chamavam-se Agostinho, e Guilherme Barbalho Bezerra, ambos filhos do intrepido Luiz Barbalho Bezerra, que os conduzia a tenda do general em chefe, para sagral-os defensores da patria.

Agostinho Barbalho Bezerra assentou praça no exercito como simples soldado; mas ao lado de seu pae, inflamado do seu valor e heroismo, elle soube conquistar pelos seus feitos, quer no Brazil, quer em Portugal na guerra da restauração, titulos e postos honrosos, e um nome que a posteridade reverente proclama bem alto.

A heroica defesa do Arraial do Bom Jesus, os feitos da Varzea do Capibaribe, de Serinhaem e outros, foram testemunhas do valor de Agostinho Barbalho Bezerra. Cahindo prisioneiro em poder dos hollandezes, por dous annos esteve privado da sua liberdade; mas conseguindo-a, elle apresenta-se de novo no exercito no anno de 1639, então já possuindo as dragonas de capitão de infantaria que lhe conferira o Conde da Torre.

Na celebre jornada que desta provincia para a da Bahia fez por terra o exercito pernambucano, quando já não restava-lhe esperança alguma no resultado da guerra, Agostinho Barbalho muito assignalou-se nos encontros que em tão penosa viagem teve com os inimigos, e supportou heroicamente todos os trabalhos que passaram por caminhos invios e mattas, em uma penosa marcha de mais de quatrocentas legoas!

Em 1641 embarcou da Bahia como cabo de uma esquadilha composta de oito navios, destinada a comboiar uma frota que d'alli partia para o reino, mas voltou logo, porque a sua missão era pol-a fóra da barra, e livral-a por consequente do alcance da esquadra hollandeza que então crusava por esses mares. Em 1643 embarcou Agostinho Bezerra para o Rio de Janeiro, acompanhando a seu pae o mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra, que despachado governador dessa capitania, ia assumir a sua administração, e no anno seguinte seguiu para Portugal como cabo da frota dos assucars.

Estava então em Portugal travada a luta renhida com

a Hespanha. Agostinho Barbalho sóbe aos regios paços de D. João IV, e offerece os seus serviços em defesa da causa da liberdade portugueza. Parte sem demora para o Alemtejo, acompanhado de criados e cavalleiros mantidos á sua custa, e nos oito dias em que o Marquez de Torrecusa teve sitiada a praça de Elvas, Agostinho Barbalho achou-se em todos os combates que se deram.

Recebendo então a noticia do fallecimento de seu pae na cidade do Rio de Janeiro, Agostinho Barbalho parte para essa provincia, e ali se demora por algum tempo residindo na freguezia de S. Gonçalo, onde possuia uma fazenda.

Em 1660, o governador Salvador Correia de Sá e Benevides, partiu para a capitania de S. Vicente, á inspecção das minas que estavam a seu cargo, e em seu lugar deixou no governo da capitania Thomé Correia de Alvarenga.

Poucos dias depois da partida de Sá e Benevides, amotinou-se o povo contra elle, negando-lhe obediencia, depondo e prendendo o seu delegado; e apoiado pela Camara, proclamaram governador a Agostinho Barbalho. Elle nega-se a annuir aos desejos dos revoltosos, refugia-se no convento de S. Francisco, mas elle era o unico homem que merecia as sympathias e confiança do povo e do Senado da Camara.

O povo procura-o, descobre-o afinal, insta para que accete o cargo que a sua confiança nelle depositava e elle resiste; mas esgotada a paciencia e os meios suasorios, vem a ameaça, a força, e Agostinho Barbalho, entre a morte e o governo, acceta por fim o mandato popular.

Recebendo Corrêa de Sá a noticia da revolta, em Santos, onde se achava, manda publicar um bando perdoando aos revoltosos, e reconhecendo a Agostinho Barbalho como delegado seu, e não do povo, ordenando que, como tal continuasse no governo; mas isto não convindo a Camara, e sem duvida não se prestando Agostinho Barbalho a reagir contra a ordem do governador, foi deposto do governo pela mesma Camara aos 8 de Fevereiro de 1661, e dahi por diante, até a posse que deu ao mestre de campo João Corrêa de Sá, ficou elle governando por si só a capitania.

Voltando Salvador Correia, e assumindo ao governo, remetteu presos para Lisbôa Agostinho Barbalho e os autores do levante; mas reconhecendo El-Rei a sua innocencia, permittiu-lhe a volta para o Rio de Janeiro, e honrou-o com a doação da capitania de Santa Catharina.

A prudencia com que se houve Agostinho Barbalho no

seu ephemero governo, aquietou e serenou os animos populares, correndo não poucas vezes a sua vida, grandes riscos e perigos. No anno seguinte de 1662, já Agostinho Barbalho achava-se de novo em Portugal militando na campanha do Alemtejo, acompanhado de criados e cavallos mantidos á sua custa.

Taes foram os serviços de Agostinho Barbalho Bezerra, que valeram-lhe a conferencia do foro de fidalgo da casa real portugueza, e a mercè do cargo de administrador das minas de Paranaguá em S. Paulo, por carta regia de 7 de Dezembro de 1663.

Alem destas mercês, lhe foi confiada a administração das minas de esmeralda na capitania do Espirito-Santo, com a patente de governador da gente que ia administrar, por cujo cargo lhe foi mandado dar 600,000 de soldo, assim como expédiu depois o governo ordem a Camara de Santos afim de auxiliá-lo nesses descobrimentos.

Na guerra da invasão hollandeza em Pernambuco, e na guerra da restauração de Portugal do dominio de Hespanha, Agostinho Barbalho Bezerra conquistara titulos taes de benemerencia e de honra, que jamais o seu nome deixará de figurar entre os homens illustres de um e outro paiz.

Não foi somente com o valor do seu braço e abnegação que elle conquistára taes titulos; o resumido quadro de sua vida que acabamos de esboçar, mostra claramente que elle não foi somente um soldado distincto, mas sim tambem um homem patriota e generoso. Como governador do Rio de Janeiro, déra exemplo de alta lealdade ao soberano, e do proceder mais digno em grave revolta que rebentára na cidade desse nome, e por isso merecêra elogios e premios.

No Rio de Janeiro casara-se Agostinho Barbalho com D. Cecilia Barbosa, e ahí fallecendo, legou a sua esposa e filhas fortuna tão mediocre, que apenas a salvava da pobreza. A data do fallecimento de Agostinho Barbalho Bezerra, é desconhecida; mas em 1675 elle já não pertencia ao numero dos vivos, pois a 25 de Julho desse anno, sua viuva D. Cecilia Barbosa deu começo a fundação de um recolhimento na ermida de Nossa Senhora d'Ajuda, na cidade do Rio de Janeiro, para suas filhas, para si, e para donzellas e senhoras que quizessem viver em clausura, e separadas e desprendidas do seculo, consagradas exclusivamente á Deus.

O convento d'Ajuda foi fundado no Rio de Janeiro, diz

um illustre escriptor, á outros coube a gloria do maior trabalho, e de mais patente e fructuoso empenho para realisar com todas as suas condições indispensaveis a instituição religiosa; mas a idéa, que é a primeira pedra, pertence a viuva, á mãe das filhas de Agostinho Barbalho Bezerra.

Balthazar da Silva Lisboa, tratando nos seus annaes do Rio de Janeiro, de Luiz Barbalho Bezerra, consagrou estas palavras a memoria de seu filho: Elle deixou a sua imagem e semelhança em Agostinho Barbalho Bezerra, o bravo debellador dos corsarios que infestavam as costas, tendo logar distincto na apothese entre os seus patricios pelas suas virtudes, valor, generosidade, e acerto nos negocios: serviu tambem de administrador geral das minas, e por seus bons serviços obteve alvará de commenda.

Agostinho Bezerra Cavalcante e Souza Nasceu na cidade do Recife no anno de 1788.

Homem de côr preta, mas filho de familia honesta, Agostinho Bezerra foi destinado por seus paes á seguir a nobilissima carreira das armas, e ainda bem criança, assentou praça de soldado no batalhão dos homens pretos, denominado dos Henriques, batalhão legendario, cujo titulo era uma solemne perpetuação do nome do heroico soldado que o instituiu, o illustre Henriques Dias.

Na curta vida militar de Agostinho Bezerra, não se offereceu occasião de illustrar-se nos campos da batalha; mas elle pelos seus serviços, pela sua dedicação e exemplar conducta, em breve conquistou as dragonas de capitão do 4.º batalhão de granadeiros dos Henriques. Na luta politica de 1817 em prol da independencia da patria, não encontramos o seu nome figurando entre os patriotas liberaes, e nem o Padre Dias Martins o contempla nos seus *Martyres Pernambucanos*; no entretanto, foi elle uma das victimas do esquecimento, e honorifica mensão do seu nome na historia desse movimento generoso e patriotico.

Salvou, porem, o seu nome do total esquecimento, o seu interrogatorio incerto na primeira parte do tomo XXXI da *Revista Trimensal do Instituto Historico Brasileiro*, do anno de 1868, á pagina 253. Por esse documento vemos, que Agostinho Bezerra occupava em 1817 o posto de tenente do batalhão dos Henriques, e exercia a profissão de alfaiate, que fôra preso em Maio, e remettido para a Bahia onde ainda se achava em Janeiro de 1819, quando ratificou o primeiro auto de perguntas ou interrogatorio de que acima fallamos.

Creado o batalhão de caçadores, no dominio da revolução, Agostinho Bezerra foi elevado ao posto de capitão, e ainda que fosse mui limitado o papel que representou nesse movimento cujo fim era firmar a nossa emancipação politica, comtudo, ao apello da patria elle corre presuroso a prestar os seus serviços, e a distincção que lhe conferira o governo provisorio elevando-o a posto superior, elle correspondera digna e honrosamente.

Restituída a sua liberdade, voltou para Pernambuco; e quando o general Luiz do Rego reorganizou o exercito, foilhe conservada a patente de capitão, e continuou a servir no mesmo corpo.

Agostinho Bezerra começou então a tomar parte muito activa em todos os movimentos politicos desta provincia, que tinham por alvo a firmeza dos seus fóros e liberdades. Em 1822, figurando no movimento politico em reacção a tropa sublevada em Olinda, cahiu preso da mesma a 19 de Setembro, mas a 27 a junta do governo o pôz em liberdade, quando restabelecida a ordem e apasiguado o motim.

Em 1824, quando Manoel de Carvalho Paes de Andrade proclamou a Confederação do Equador, Agostinho Bezerra achou-se a seu lado, e prestou reaes serviços quer a causa liberal, quer a causa da ordem publica.

No dominio da revolução, então já elevado ao posto de major, commandou Agostinho Bezerra o 4.º batalhão de artilharia dos Henriques, e á sua frente marchou para Ipojuca com o governador das armas José de Barros Falcão, d'onde voltou logo para o Recife com o seu batalhão, afim de guarnecer o forte das Cinco Pontas.

Na commissão do commando do 4.º batalhão, o major Agostinho prestou mui bons serviços, e pelo seu desempenho honrosamente correspondeu a esse mandato de confiança; restabelecendo não só a disciplina do corpo, como augmentando o numero de suas praças, e mantendo o seu brio e garbo militar.

O major Agostinho Bezerra Cavalcante e Souza, era incansavel em empregar todos os meios, todas as forças possiveis, na conservação e tranquillidade da ordem publica. Vigilante atalaia, elle percorria todos os pontos da cidade com patrulhas do seu batalhão, a noite multiplicava-as, e os habitantes da cidade do Recife, quer nacionaes quer estrangeiros, sobre quem estavam indispostos os animos populares, dormião tranquilllos, confiados no zelo e ordem que sabia manter e conservar o major Agostinho Bezerra.

Bloqueado o porto do Recife pela esquadra imperial, na noite de 21 de Junho de 1824 os soldados da guarnição dos seus navios cahiram sobre a barca do registro do porto, atacaram-na a ferro e fogo, e barbaramente assassinaram alguns pernambucanos que ahi estavam de serviço. No dia seguinte, sabido o facto, levantou-se o povo, armou-se e correu a vingar-se de todas as pessoas que julgavam desafectas a sua opinião, e assim foi praticando.

Então apresenta-se o major Agostinho Bezerra com o seu batalhão, expede numerosas patrulhas com ordem de accommodar os desordeiros, de tomar as armas dos paisanos, de prender os militares que se achassem no conflicto e de os recolher á seus quartéis e elle em pessoa percórre todos os bairros da cidade, taes providencias deu e taes meios empregou, que conseguiu apasiguar o povo, que já havia commettido varios desatinos, e longe se dispunha a exercer os seus actos de morticínio e anarquia.

Avança porem o exercito imperial sobre a cidade depois de vencer os obstaculos que lhe oppunha as forças pernambucanas ao sul da provincia, saltam em terra as tropas do bloqueio, e os patriotas viram perdida a sua causa, derubada a Confederação do Equador.

O major Agostinho como outros companheiros, procura fugir a vingança e atrocidades das tropas invasoras, refugia-se e parte para o interior da provincia, a ver se ainda seria possivel oppor alguma resistencia.

Trez mezes durou a penosa peregrinação de Agostinho Bezerra; e depois de internar-se pelo centro desta provincia, passar a da Parahyba, e chegar a do Ceará, foi preso em virtude da capitulação do exercito fugitivo aos 29 de Setembro de 1824, e no dia 1 de Dezembro partio para o Recife onde entrou a 17 a uma hora da tarde. Agostinho foi apresentado assim como os seus companheiros ao general Francisco de Lima e Silva; mas este nem o quiz ver, e immediatamente mandou-o conduzir para a cadeia, onde foi recolhido incommunicavel á um immundo, apertado e escuro calabouço, que d'antes servia de armario de guardar as cabeças dos enforcados!

No dia seguinte installou-s e a commissão militar, e o major Agostinho Bezerra foi um dos primeiros réos que compareceram á barra deste terrivel tribunal, e cinco dias depois, a 23 de Dezembro de 1824, lavrava-se a sentença que o condemnava a pena de morte natural!

A favor do major Agostinho acudio logo o commercio,

varias pessoas gradas, todas as quaes fizeram valer os serviços prestados por elle a causa da ordem publica por occasião do motim popular, e disto compenetrada a propria commissão militar, não deu immediata execução a sentença, e o recommendou a clemencia imperial, « *em attenção ao que o mesmo réo dedusio em sua defesa, e comprovou com testemunhas, e vem a ser o relevante serviço que prestou á nação em o dia 22 de Junho em que poudo obstar por meio das suas praticas e actividade que se não desenvolvesse o furor do povo lecantado em massa, e disposto a assassinar nacionaes e estrangeiros, que julgava terem tido relações com o bloqueio, na occasião em que deste foram expellidos alguns lanchões, que atacaram o registro do Porto, onde mataram algumas pessoas.* »

Mas a clemencia imperial despresando o mais santo, bello e honroso attributo que lhe é conferido, não attendeu as representações, e nem os serviços do major Agostinho, e confirmou a barbara sentença que lhe fôra imposta.

O que constituiria titulos de honra e de benemerencia ao major do batalhão dos Henriques, Agostinho Bezerra Cavalcante e Souza, se vingasse a causa da revolução, se o norte do Brazil fosse hoje essa potencia que se chamaria Confederação do Equador, constituiu, por não haver triumphado a causa dos pernambucanos, titulos de apoio para a sua condemnação! E D. Pedro I, que então era um heróe, porque havia triumphado a causa da independencia, porque havia triumphado a sua rebeldia contra sua patria, contra seu proprio pai até, negava o perdão ao major Agostinho, considerado traidor, infame, rebelde, porque foi debellada a causa pernambucana, titulos que sem duvida caberia a D. Pedro I, se a causa da independencia tambem não triumphasse!

Foi pois Agostinho Bezerra condemnado por haver assignado todas as actas do Conselho, para se não acceitar o projecto da Constituição outhorgada por D. Pedro I, quando havia dissolvido a força de armas a Assembléa Constituinte; a do ajuntamento que depoz a Camara Municipal do Recife, e a do conselho militar que deliberou atacar em hostilidades a provincia de Alagoas; por ter sido o commandante do corpo que marchou á resistir o exercito imperial, por haver occupado a fortaleza do Brum, e finalmente por se haver encorporado e marchado com as tropas para o interior, até que foi preso!

Taes foram as bases da barbara sentença fulminada pela Commissão Militar contra o major Agostinho Bezerra Cavalcante e Souza!

Amanhece o luctuoso dia 19 de Março de 1825, o ultimo de sua curta vida de trinta e sete annos.

O honrado e benemerito Agostinho, condemnado a ignominiosa morte, foi exautorado das honras militares que lhe pertenciam como major, e assim, deixou a honrosa farda que tanto o distinguira, e que por elle tão honrada fôra, para morrer como simples paizano.

Contam pessoas do tempo, e é constante essa tradição, que, Agostinho Bezerra sahio da cadeia para o patibulo, trajando calça, collete e palliot branco, chapéo de palha branca com fita verde, gravata e sapatos da mesma côr, tendo porem estes, laços de fita amarella. Todas as ruas do lugubre trajecto, que comprehendia as do Collegio, hoje Imperador, onde era situada a cadeia, hoje tribunal do jury, Crespo, Queimado, Livramento, Direita, Terço, e Cinco Pontas, em cujo largo erguia-se a forca, estavam replectas de povo.

Agostinho marchou como que em triumpho, alegre, despedindo-se natural e pramenteiramente das pessoas suas conhecidas, enternecidas e banhadas de lagrimas, quando elle sorria, e accenava com o chapéo para as senhoras que se achavam nas varandas dos sobrados, e assim chegou ao patibulo. E elle sóbe resolutos as suas escadas, volta-se para o povo e dirigi-lhe com voz firme e segura um breve discurso, e dispensando os serviços do carrasco, representou ao mesmo tempo o papel de victima e de algóz, e atirou-se elle mesmo da escada abaixo!...

Perdia nesse momento a patria um filho honrado, illustre e patriota, mas a historia inscrevia o seu nome de benemerito em suas paginas, sagrando-o martyr da liberdade, e as muzas saudavam-no, erguendo hymnos e canticos á sua memoria.

.....

Morreu! porem não morre na memoria
De illustre heroe, altas façanhas;
Pela patria emprenheu marcias campanhas
Alcançando-lhe as palmas da victoria.

De Dias descendente a quem a historia
 Applicou á Pernambuco acções extranhas
 Deixa o grande Agostinho, á patria ganhas
 Mil grinaldas exalsas d'onra e gloria.

No seu sepulchro p'ra futura idade,
 Pernambuco saudoso d'hoje em vante,
 Este insigne epitaphio gravar ha de:

« Aqui jaz um heroe, firme, constante,
 « Um capitão da Patria e Liberdade,
 « Agostinho Bezerra Cavalcante! »

Alvaro Teixeira de Macedo. Nasceu na cidade do Recife aos 13 de Janeiro de 1807. Foram seus progenitores o sargento-mór Diogo Teixeira de Macedo e sua consorte D. Anna Mattoso da Camara de Macedo, « senhora de rara belleza. »

Alvaro Teixeira de Macedo, que foi governador da fortaleza da Conceição do Rio de Janeiro, onde creou a fabrica de armas, e posteriormente servio de governador de Benguella, onde falleceu, foi seu avô paterno. O capitão-mór Luiz Prates Mattoso da Camara, cavalheiro da ordem de Christo, e familiar do Santo Officio, *varão que por sua austeridade de costumes e respeito, gozava a consideração de chefe das tres familias de Macedos, Meneses e Camaras, distinctas na colonia de Angola pelos seus serviços, riqueza e posição,* foi seu avô materno. Diogo Teixeira de Macedo em sua viagem de Angola para Lisboa, tocou nesta provincia, e d'aqui seguiu para Portugal. Alli, porem, foi bem pouco duradoura a sua permanencia, em virtude dos acontecimentos politicos da Europa, os quaes o fizeram emigrar para o Brazil e fixar a sua residencia em Pernambuco, onde estabeleceu uma casa commercial.

E', pois, devido a esses calamitosos acontecimentos de que a Europa foi theatro ao alvorecer do presente seculo, a essa numerosa emigração para o Brazil, quando o velho Portugal se vio ameaçado pelas tropas invasoras, que registramos na *Galeria* dos nossos pernambucanos celebres o nome do illustre Alvaro Teixeira de Macedo.

Em 1809 seus pais seguiram para o Rio de Janeiro; Alvaro Teixeira de Macedo contava então os seus dous annos de idade. Na capital do então reino do Brazil fez elle o seu curso primario, mas veio a Pernambuco estudar

o latim, pelo que matriculou-se nas aulas da Congregação do Oratorio de S. Felippe Nery, ou da Madre de Deus, na cidade do Recife, e onde esteve sob a recommendação de seu padrinho o negociante Antonio da Silva. De Pernambuco passou-se Alvaro Teixeira de Macedo á Londres, com dous filhos de seu padrinho, e ahi entrou em um collegio catholico, d'onde sahio depois de quatro annos habilitado em todos os conhecimentos necessarios á vida commercial, para a qual era destinado.

Mas á sua nenhuma vocação para essa vida levou-o a tentar abraçar o sacerdocio da medicina, e para esse fim partiu para a França, e matriculou-se na Universidade de Pariz. Em breve, porém, vê-se obrigado pelo seu estado de saude, que não o coadjuvava no estudo da medicina, a abandonal-o. Volta a Portugal, apresenta-se em Coimbra, mas acclamando-se D. Miguel ao throno portuguez, fecha-se a Universidade, e Alvaro Teixeira de Macedo vê-se forçado a voltar ao Brazil.

Por esse tempo acabava-se de crear o Curso Juridico de Olinda, e o nosso comprovinciano volta de novo a patria em busca da sciencia, que se lhe negara n'um paiz o absolutismo de um rei, e no outro a debilidade de suas forças.

Em Março de 1829 matriculou-se Alvaro Teixeira de Macedo no Curso Juridico de Olinda, quando contava os seus vinte e dous annos de idade. E assim, diz um seu illustre biographo, depois de percorrer as capitães mais civilizadas da Europa, e enriquecido o seu espirito com o estudo das linguas vivas que fallava e escrevia perfeitamente, e com a illustração que transmittem as viagens, vinha o mancebo pernambucano pela segunda vez procurar a sciencia e a instrucção na terra em que vio a luz! Elle mesmo commemorava com ufania este resultado das voltas do mundo.

Na Faculdade, encontrou Alvaro Teixeira de Macedo entre os seus collegas que o apreciavam pelo seu trato amavel e cavalheirosas maneiras, a seus dous irmãos Sergio Teixeira de Macedo, depois conselheiro e ministro de Estado, e Diogo Teixeira de Macedo, depois desembargador.

Na risonha e encantadora Olinda, nos seus lindos e pitorescos bosques, nas ruinas dos monumentos do seu antigo luxo e opulencia, sob o formoso e esplendido céu que a corôa, no deslizar das aguas do ameno Beberibe que lhe banha as plantas, e no rumorejar das ondas do Oceano

que beija as suas praias bordadas de immensos coqueiraes, nasceu da alma do joven academico a poesia, porém a poesia terna e encantadora, e a *doce musica de sua alma* começou a se fazer ouvir.

Firmado ha bem poucos annos ainda, o facto da independencia politica do imperio, era o dia feliz anniversario desse feito solemnisado enthusiasmicamente com pomposas festas. Tinham por costume alguns cidadãos desses bons tempos de outr'ora, em que ainda existia o verdadeiro patriotismo e civismo brazileiro de festejarem tambem o anniversario da nossa separação de Portugal, a 7 de Setembro, com um lauto e profuso jantar na cidade do Recife, para o qual convidavam as principaes pessoas desta capital.

Era o anno de 1829, diz o seu illustre biographo o commendador Antonio Joaquim de Mello, anno de lucta encarniçada, entre a opinião liberal defensora da Constituição, e a que se dizia, e bem o parecia, querel-a derribar. Convidaram os patriotas festejadores os academicos de Olinda a fazerem-se representar no jantar por quatro de entre elles. Um dos escolhidos foi o nosso Alvaro Teixeira de Macedo, que recitou naquelle brilhante e politico regosijo nacional, entre vivas e applausos, um elogio em versos hericos, a que a imprensa deu logo publicidade.

Cinco annos depois concluiu Alvaro Teixeira de Macedo o seu curso academico, durante o qual lhe foi conferido por diversas vezes honrosos e significativos premios e distincções, e recebeu a carta de bacharel em sciencias juridicas e sociaes, conferida pela Faculdade de Olinda, no anno de 1833.

Laureado por um dos primeiros estabelecimentos scientificos do Imperio, seguiu Alvaro Teixeira de Macedo para a cõrte do Rio de Janeiro, onde residiam seus pais, e procedendo-se por esse tempo a refôrma da Alfandega dessa capital, obteve a nomeação de primeiro escriptuario.

As recordações das sumptuosidades e prazeres da soberba filha de Agenor, continúa o seu biographo, certo empenho, que elle quiz, e podia romper, e o dissabor do estado politico do Brazil, o decidiram a solicitar um lugar na classe diplomatica. Despacharam-no addido servindo de secretario da Legação Imperial de Lisboa, para onde havia sido no mesmo anno de 1834 nomeado chefe com o caracter de encarregado de negocios seu irmão mais moço Sergio.

No anno de 1836 foi Alvaro Teixeira de Macedo promovido a secretario da legação de Londres.

D'aqui por diante começou elle a soffrer as injustiças do governo. Do que lhe valiam os seus serviços, a sua dedicação e desinteresse, tantas e honrosas attestações de tudo isso por consumados e abalisados estadistas, como um Galvão, um Montezuma e um Marques Lisboa, sob cujas ordens servira?

Sempre o triumpho dos protegidos da fortuna, sempre as mediocridades a campear altivas, sempre o demerito pelo merito! Outros mais modernos do que elle, haviam já passado a encarregados de missões. Outros, começavam a sua carreira, confiando-se-lhes o desempenho de cargos mais elevados; Alvaro Teixeira de Macedo estava condemnado a ser *secretario perpetuo!*

Essas magoas, esses dissabores que heroicamente supportou, tantas injustiças e preterições que soffreu, fizeram-no arrancar do peito essa queixa, tão magistralmente desenhada no oitavo e ultimo canto do seu poema — *A Festa de Baldo:*

Já que os rijos boléos de má ventura
Até por fim a porta me encerram
Do Templo da Justiça, rasga ousado,
Engenho meu, caminha triumphante
Por meio das fileiras indiscretas
Daquelles, que a fortuna caprichosa,
Cega sem tacto, p'ra seus fins protege.
Eu, que de tal Senhora não recebo
Mil favores, que a vejo dar aos outros,
Que tão mal concebi suas promessas,
Que lancei pelas geiras do futuro
Sem proveito somente d'esperanças,
Pretendo que meu nome, ora esquecido,
Meu nome, que o Poder tão mal afaga,
Viva longo nas azas do Conceito,
Talvez no coração da minha Gente
Viva sempre seguro na memoria
Daquelles que applaudirem meus esforços.
Eis a sorte feliz que tanto anhele,
E o maior galardão porque trabalho.

Alvaro Teixeira de Macedo, quando secretario da Legação Imperial de Lisboa, ahi casara-se com uma illustre senhora dessa capital.

Accommettido gravemente em Londres de uma molestia, effeitos ainda de uma febre intemittente que soffreu em Olinda, quando estudante, determinaram-no a pedir uma

licença, e ir gozar-a em Lisboa. Em 1843 achava-se elle ahi medicando-se em casa da familia de sua consorte, quando recebeu ordem de partir para Vienna d'Austria, a tomar conta interinamente do lugar de ministro daquella legação.

Apezar de enfermo, elle partio sem demora, e pela rapidez da viagem não se fez acompanhar pela esposa. Em Vienna, aggravaram-se consideravelmente os seus males correndo sua vida eminente perigo; mas pelos cuidados e amizade de um generoso medico, cuja dedicação levou-o a alojar-o em sua casa, elle foi salvo; porém a sua saude estava para sempre arruinada.

Quando Alvaro Teixeira de Macedo esperava do governo um acto de justiça e de equidade, enviando-lhe a carta imperial de sua nomeação effectiva para Ministro do Brasil em Vienna, viu com pezar um outro ser o nomeado e elle removido para Lisboa, ainda como secretario daquella Legação!

Finalmente, no ultimo quarquel da vida, quando a morte já assomava nos umbraes do seu tugurio, foi elle promovido em 1848 a encarregado dos negocios da Belgica, para onde se transportou com sua familia.

Eis como o commendador Antonio Joaquim de Mello descreve os derradeiros dias de sua existencia :

« Sua vida era um continuo soffrer; o estomago era atacado, e depois o cerebro. Soffriadores de cabeça terribes; perdeu a memoria dos factos recentes e actuaes, posto que guardasse a dos antigos. Os medicos julgaram haver tuberculos no cerebro. Tornou-se vesgo e quasi cego, e ainda victima de frequentes syncopes, ou desmaios. Nada lhe valeram a sciencia dos primeiros medicos, e os esmeros e desvellos de sua virtuosa consorte. Em 7 de Dezembro de 1849 um dos costumados ataques, de que era atormentado, poz-lhe fim a existencia. »

Os ultimos officios que lhe prestaram os seus compatriotas alli residentes, e o governo junto ao qual estava acreditado como Ministro do Brazil, foram solemnes e pomposos, e repassado dessa tristeza e respeito que infundem as ceremonias dessa ordem. Eis como a gazeta *L'Independence Belge*, de 10 de Dezembro de 1849, descreve o seu funeral :

« Hoje, a uma hora depois do meio dia, tiveram lugar as exequias solemnes do Cavalheiro Alvaro Teixeira de Macedo, encarregado de Negocios do Brazil junto ao governo Belga,

« Dous batalhões do 5.º regimento de linha, sob o commando do coronel Van Rode formavam a escolta. A musica do 5.º abria a marcha executando árias funebres. A casa do rei era representada por duas carroagens em grande libré, occupadas pelo general Dupont, ajudante de campo do rei e por um ajudante de ordens. No cortejo, além do Sr. Heffschmid, ministro dos negocios estrangeiros, e do secretario geral do Ministerio, notava-se o Nuncio Apostolico, os Ministros Plenipotenciarios dos Paizes Baixos, e da Grã-Bretanha, da Prussia, da França e o do Imperio Germanico. O Ministro da Sardenha por doente fez-se representar pelo Secretario da Legação. Seguiam-se o cavalheiro Amaral, encarregado dos Negocios do Brazil em Pariz, o Ministro Residente da Dinamarca, os encarregados de Nogocios da Suecia, Estados-Unidos, Hespanha, Turquia, e Portugal; os Secretarios e Addidos da Nunciatura e outras Legações; os Vice-Consules do Brazil em Antuerpia, Bruges, e Termonde; todos os brazileiros residentes na Belgica, e uma longa serie de carroagens occupadas pelos amigos pessoases do finado, e por outras pessoas relacionadas com o seu paiz. »

« A familia do illustre finado era representada pelo cavalheiro Siqueira, compatriota e antigo collega do Sr. Macedo, assistido pelo Dr. Cumier. Ambos elles estreitamente ligados com o finado, tem cercado sua viuva de uma dedicação acima de todo o elogio nos terriveis trances porque tem passado.

Os restos mortaes, precedidos do Clero, foram conduzidos á igreja parochial de San-Josse-en-Nood, onde foram celebrados os officios, e depois inhumados no cemiterio daquelle municipio, com as honras prescriptas pelo ceremonial diplomatico. »

Tal foram as homenagens rendidas à memoria do illustre morto.

Alvaro Teixeira de Macedo recebeu por consorte a D. Anna de Macedo, filha de Roberto Lucas, negociante em Lisboa, associado á primeira casa de commercio dos vinhos de Portugal, oriundo de uma illustre familia ingleza; seu pai possuio o Deado de S. Paulo, um dos beneficios mais consideraveis de Londres.

A unica felicidade que teve Alvaro Teixeira de Macedo foi a do lar domestico.

Sua virtuosa esposa foi o anjo das consolações que

Deus baixou sobre elle para suavisar e amenisar as agruras de sua vida publica, e da molestia que o atormentava.

Esta vida de encantos e innocencia, cercada pelos ternos rebentos de sua alma, essa fiel companheira que os céos lhe destinara, esse dom inapreciavel que só o sabe bemdizer aquelles que gozam de taes encantos e felicidades, elle o reconhecia, elle o bemdizia, e no seu poema—*A Festa de Baldo*—, elle o proclamou bem alto no Canto VI, dessa maneira :

« Feliz eu que alcancei das mãos da Sorte
A Mulher que meu Baldo procurava !
Seu peito vai no rumo da Fortuna,
Complacente sorrindo a seus caprichos,
E gaita qualquer bem alto louvando.
Feliz eu, que alcancei das mãos da sorte
A Mulher que meu Baldo procurava ! »

No exercicio dos cargos que occupou, quér como secretario das legações de Lisboa e Londres, quér como Ministro nas cortes da Belgica e Austria, encontraram os brasileiros, e maxime os pernambucanos, seus comprovincianos, que alli appareciam, a mais sincera dedicação, as maiores attensões e urbanidades, e o mais affectuoso e attractivo agasalho.

Alvaro Teixeira de Macedo, diz uma respeitavel autoridade, foi certamente um dos homens que na esphera diplomatica, souberam sustentar na Europa a estima e dignidade do nome brasileiro : a pensão de 800\$, com que o governo do Brazil e a assembléa geral em remuneração dos seus serviços, agraciaram a sua viuva, assella esta verdade. E se elle na rota diplomatica assim illustrou-se, tambem no Parnaso, considerado o seu poema, o recebem contentes, e dão-lhe assento entre si, Gresset, Boileau, Pope e Diniz.

Além da poesia a Independencia que foi publicada no *Diario de Pernambuco* de 15 de Setembro de 1829, reproduzida neste nosso trabalho, no *Jornal do Recife* de 6 de Dezembro de 1877, e do poema — *A Festa de Baldo*, — nada mais consta que tivesse tido publicidade. No entretanto, quão numerosos foram os trabalhos que produziu Alvaro Teixeira de Macedo, e que no circulo de alguns amigos, delles fazia leitura? Compoz um drama em verso em que zurzia a um tempo os usurarios e as loureiras, traduzio

em verso a tragedia — *Othero* — de Shakspeare, e nos ultimos dias de sua vida destruiu uma grande parte das suas elucubrações poeticas, que ainda não tinha aperfeçoado.

O seu poema mixto em oito cantos, *A Festa de Baldo*, foi publicado em Lisbôa, em 1847, em oitavo, contendo noventa e quatro paginas, e foi reproduzido depois no 3.º volume das *Biographias de alguns poetas e homens illustres da província de Pernambuco*, pelo commendador Antonio Joaquim de Mello.

A acção do poema passa-se em Pernambuco, na villa hoje cidade de Goyanna. Clara, mulher do escrivão Cleto Baldo, era de uma educação mediocre e filha de um mascate. Pelas preleções ethrorias philosophicas de *Mestre Berto*, anthusiasmara-se muito e fallava já com certo des- embaraço com os vizinhos.

Nunca teve filhos; e depois de quinze annos de casada induzio a seu marido, homem esquisito e cheio dos antigos preconceitos sociaes, a dar um banquete no dia anniversario do seu consorcio. A lucta que D. Clara sustentou com seu esposo foi digna de uma secretaria da philosophia de Epicuro, mas nada podera obter d'elle, que muito se admirara dos seus progressos e conhecimentos.

Alvaro Teixeira de Macedo descreve magistralmente este quadro interessante, quando Cleto sorpreso de tanta sabedoria, exclama :

Ah! Clara, onde foi tua ignorancia?
 Onde o tempo em que tanto não sabias?
 Onde o tempo em que tu mais meiga e simples,
 Mettendo colherada nas conversas,
 Davas que rir ao nosso bom Ministro,
 Sabio, que bem tolera poucas lettras,
 Naquelles onde julga muito senso.
 Lembras-te que uma vez lhe perguntaste,
 Fallando elle em Catão, se esse bom homem
 Não fôra juiz de paz da Boa-Vista?...

Clara nada podendo obter de seu marido, abandonaa casa, e segue o caminho dos lares paternos. O bom do mascate corre a ter com o genro, e finalmente accordam em dar-se a festa. Nesse dia nada faltou; e ao romper da aurora foram acordados pelos harmoniosos sons dos

instrumentos, surpresa que lhes havia preparado o amigo Berto. Era um concerto matinal.

Sõa a flauta da villa, e a guitarra,
E a voz sincera, que a compasso offerta
Louvores mil, que aquella aurora inspira.
Em seguida se elevam as sonatas,
As árias maviosas d'outros tempos,
Que os peitos innocentes suavizam.

Finalmente no melhor da festa, quando todos saboreavam das suas delicias, todos fogem espavoridos, abandonam o festim, no momento em que as tropas de Manoel de Carvalho entravam pela villa de Goyanna.

Os principaes personagens deste poema são: Cleto Baldo, D. Clara, o Mestre Berto e o Vigario: os mais são personagens secundarias.

Eis como Alvaro Teixeira de Macedo descreve os dous esposos:

Cleto Baldo era lhano de apparencia,
Palido, magrosinho, calvo em frente,
E antes longo que baixo de estatura.
Seguia no trajar a moda antiga,
Usava de rabicho e cabelleira,
Fivella no sapato, calça curta:
Cincoenta annos contava já passados,
E assim mesmo as comadres sustentavam
Ser homem de feição, nada maricas,
Capaz de conviver em qualquer parte,
Sem nunca traspassar as leis da honra.

D. Clara, morena, rosto alegre,
Olhos pretos, altura além da marca,
Affavel, serviçal, boa vizinha,
Era mulher que a todos agradava.
Seu pai homem de bem, fôra mascate,
E sem rival vendia pregoando
Quanta chita espantada vio Goyanna,
Quanta cassa, filó, ou sêda verde
A gente de bom gosto alli trajava.
Nas missas, nos presepios luminosos,
Nos passeios, a fresca domingueiros,
Podia Guimarães, o Pai de Clara —
Dizer afoitamente e com vaidade —
Metade, ao menos, do esplendor me devem.

Tal é em largos traços o bello e interessante poema do nosso illustre pernambucano Alvaro Teixeira de Macedo, que tão justos louvores mereceu do immortal poeta portuguez Almeida Garret.

« Alvaro Teixeira de Macedo, diz Warnhagem na introdução do seu *Florilegio da Poesia Brasileira*, era um moço de saber e conhecedor profundo da lingua e litteratura ingleza, e desta grande admirador. *A Festa de Baldo*, apesar de seus defeitos, que consistem em faltas de desenvolvimento de certos pensamentos, e no prosaismo de alguns versos, é o nosso primeiro poema heróe-comico.

« A muita convivencia que, na qualidade de collega, com Macedo tivemos, e a amizade que a elle nos ligava, nos permittiram quasi que assistir a composição dos ultimos dous cantos do seu poema, ao qual a pedido nosso, o autor decidio-se dar *côr mais americana* na parte descriptiva; e lastimamos que não desse ainda mais desenvolvimento a este nosso pensamento nomeando as fructas, etc.

« A obra de Macedo ganhará talvez de dia para dia mais popularidade, e d'aquí a menos de um seculo figurará no paiz e na litteratura mais do que hoje. Nella nos legou o autor uma verdadeira imagem na sua maneira sincera de pensar em religião, em politica, em proceder social e domestico, em tudo finalmente. Nella nos apresenta um espelho do seu caracter, que conciliava a profissão de principios serverissimos com um trato tão alegre e galho-feiro, quanto lh'o permittiam as queixas que tinha contra a sorte, que pouco o favorecera na carreira que abraçara. Essas queixas, reunidas a sua compleição debil, lhe quebrantaram a existencia aos 42 annos de idade. Falleceu em Bruxellas, onde servia como representante do Brasil.»

André de Albuquerque. A naturalidade deste illustre pernambucano, foi posta em duvida pelo erudito autor do *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Innocencio Francisco da Silva, que a pag. 57 do tomo I dessa obra, diz que André de Albuquerque nasceu em Cintra aos 21 de Maio de 1621, e lhe accrescenta o sobrenome de Ribafria. No entretanto, diz o conde de Ericeira no seu *Portugal Restaurado*, que elle falleceu com 39 annos de idade, em 1659, d'onde claramente se vê que o anno de seu nascimento, foi o de 1620.

Este mesmo escriptor, que foi seu contemporaneo e militara com elle, diz, que André de Albuquerque, come-

çára a sua carreira militar no Brazil como praça de soldado, o que tambem diz Frei Francisco de Santa Maria, no seu *Anno Historico*.

Ora, não consta de nenhum dos escriptores que larga e minuciosamente trataram da guerra da invasão hollandeza, que André de Albuquerque *viesse de Portugal militar no Brazil*, mas sim, diz o autor da *Nobiliarchia Pernambucana*, a pag. 298 do v. III, obra criteriosa e escripta a vista de documentos irrecusaveis, extrahidos dos archivos publicos desta provincia, e de certidões parochiaes, « *que elle foi para Portugal, onde servio e morreu honradamente na guerra da acclamação do Sr. Rei D. João o IV.* »

Tambem o commendador Antonio Joaquim de Mello, diz mui positivamente, que elle era pernambucano, e que servio em Portugal durante as guerras com Hespanha pela acclamação de D. João IV.

Além disso accresce, que, seus paes nunca sahiram de Pernambuco. Dous irmãos mais que teve André de Albuquerque, tambem d'aqui nunca sahiram. O seu irmão mais velho, Gonçalo de Albuquerque, foi baptisado na Sé de Olinda aos 3 de Abril de 1616, e o mais moço, *sempre viveu na patria*, como tudo affirma o citado autor da *Nobiliarchia Pernambucana*.

Cremos, pois, que, com a exhibição de todas estas provas, não restará mais duvida alguma sobre a naturalidade de André de Albuquerque, ser Pernambuco, e não Cintra, como disse o autor do *Diccionario Bibliographico Portuguez*, e assim, podemos dizer que elle nasceu nesta provincia, na segunda dezena do seculo XVII, e que foram seus paes Antonio Leitão de Vasconcellos, fidalgo da Casa Real, e D. Catharina de Albuquerque e Mello.

Agostinho de Hollanda de Vasconcellos e D. Maria de Paiva, foram seus avós paternos e maternos, André de Albuquerque, fidalgo da casa real, alcaide-mór da villa de Iguarassú e governador da Parahyba, e D. Catharina de Mello.

Como vimos pelos autores citados, André de Albuquerque começou a sua carreira militar no Brazil, em praça de soldado, e subio a todos os postos até o de general, *pelos degrãos do valor, não da valia*.

Quando ainda bem jovem acabava de illustrar o seu nome nos campos da patria, batalhando contra os seus invasores, seguiu para Portugal.

Lá o aguardavam novos triumphos, novos trophéos

iam immortalisar o seu nome, na memoravel guerra da restauração do dominio hespanhol.

Dado o grito da revolta no 1.º de Dezembro de 1640, e acclamado D. João IV, achava-se André de Albuquerque nas fileiras do exercito restaurador, e em 1642, quando apenas contava vinte e dous annos de idade, já possuía as dragonas de capitão.

Dessa época, até o dia em que cahio ferido pelo raio da marte nos campos de Elvas, a vida desse heróe é uma serie successiva de grandiosos feitos, de assombrosos commetimentos.

Em 1646 recebeu a patente de capitão-general da artilharia do Alemtejo, occupando então o posto de mestre de campo, achando-se desde 1644 a frente do governo da praça de Campo-Maior.

« A eleição de André de Albuquerque, diz o conde da Ericeira, ainda que muito acertada por ser digno o seu procedimento de grandes occupações, occasionou desarraçoada queixa nos mestres de campo Luiz da Silva, João de Saldanha e D. Sancho Manoel por serem mais antigos. Fez El-Rei toda a diligencia pelos socegar; porém João de Saldanha veio por esta causa a largar o posto, e os dous não se deram por satisfeitos sem maiores occupações, a que passaram dentro de pouco tempo. »

Muito póde a inveja. De nada serve o valor e o merito. André de Albuquerque tinha tudo isso, porém os outros *eram mais antigos* e tanto bastava!

As victorias da tomada do castello da Codeceira em 1646; de Salvaterra em 1651; de Arronches em 1653, onde foi ferido, e de cujo feito publicou a sua descripção; de Oliva em 1654 a derrota da cavallaria inimiga em Badajóz e muitos outros feitos que abrilhantam a corôa das glórias militares da velha Lusitania, cabem exclusivamente ao heroico pernambucano André de Albuquerque.

Elle não tomou parte em acção alguma, que deslustasse o seu nome de heróe, a sua gloria militar, e os seus honrosos e elevados postos que obteve com a conquista de cada victoria! E os seus feitos, a historia de Portugal do periodo dessa guerra, prolama-os bem alto.

Em 1657 foi nomeado mestre de campo general do exercito do Além-Tejo, por proposta do Conde de Soure; « não por ser seu afeiçoado, diz o historiador dessa guerra, mas porque o seu valor e grandes virtudes o faziam merecedor dos maiores empregos. »

Neste mesmo anno de 1657, marchou André de Albuquerque de Elvas onde se achava acampado com cinco batalhões, para Campo Maior; porém encontrando a cavallaria hespanhola que havia passado Caia, e sendo o inimigo em numero muito superior as tropas de que dispunha, e não querendo sacrificar-a inutilmente, retirou-se; mas no anno seguinte os louros da victoria coroaram de novo as suas armas, com a derrota desta mesma cavallaria, perto de Badajóz, sendo ella commandada pelo Duque de Ossuna.

A 14 de Janeiro de 1659, travou-se a sanguinolenta e renhida batalha das linhas de Elvas. Commandava o exercito inimigo D. Luiz Mendes de Haro, e o portuguez o Conde de Castanhede; André de Albuquerque occupava então o posto de mestre de campo general, com o titulo de primeiro, e com exercicio no generalato da cavallaria.

Foi nessa memoravel batalha, quando obrava os maiores prodigios de valor, quando ia enfeixar mais esse louro e conquistar a Mural corôa, e no momento em que indicava com o seu bastão, a maneira de escalar a estacada de um forte, parte uma bala, atravessa-lhe o peito, e elle cahe sem vida!

Finda a batalha, e quando o exercito entoava o hymno da victoria, seguia o seu cadaver para a cidade de Elvas, e lá o sepultaram.

André de Albuquerque contava apenas 39 annos de idade, e dir-se-hia que, cada um delles era assignalado por um feito gigantesco, por uma acção heroica.

Que o diga a sua patente de general, a commenda da ordem de Christo, subida e significativa honra, ent ova-lioso attestado do merito e valor de quem as possuia, e a alcaidaria-mór de Cintra.

André de Albuquerque achava-se justo em casamento com D. Anna de Portugal, filha de D. José de Almeida, quando a morte o sorprehendeu.

« André de Albuquerque, diz o conde da Ericeira, grangeou geralmente com todos os que teve trato, amor e respeito, porque era igualmente affavel e severo. Teve valor insigne e excellente discipação militar, e experiencia toda a que se podia colher dos successos, que houve até aquelle tempo na guerra do Além-Tejo. Tinha agradavel gentileza, usando sem artificio do traje magnifico; era galhardo, de estatura proporcionada. »

O Padre Francisco de Santa Maria, depois de descrever

o brilhante feito de armas em que pereceu esse heróe, no seu *Anno Historico*, v. I. pag. 99, consagrou-lhe as seguintes linhas :

« Foi André de Albuquerque um dos varões mais excellentes deste appellido, e um dos capitães mais valerosos do seu tempo. Desde a primeira idade, militou na America, depois na Europa, e dos postos inferiores subiu aos mais altos, pelos degrãos do valor, não da valia. O largo exercicio da guerra o fez insigne na disciplina militar; sabia melhor que todos, mandar com acerto, e obedecer com promptidão. Alternava extremos de affavel e severo, de modesto e altivo, regulando os affectos a proporção dos casos, das pessôas.

Amava com extremo aos soldados valerosos, não soffria aos fracos. Em todas as facções em que se achou, deu singulares provas de valor. Na batalha das linhas de Elvas, se excedera a si mesmo. No maior furor della, vendo que um dos nossos esquadrões que havia atacado um forte, começava a vacillar, se lançou adiante, e tocando com a bengala nas estacas, advertiu aos soldados o modo de arrancal-as; então lhe acertou uma bala pelos peitos, de que cahiu morto, mas será immortal nos annaes portuguezes a gloria do seu nome. »

André Dias de Figueiredo. Nasceu na segunda metade do seculo XVII, assentou praça de soldado a 7 de Janeiro de 1689, passou a sargento, a alferes de infantaria paga, e a capitão, por patente do governador Francisco de Castro Moraes, de 11 de Janeiro de 1704.

Em 1690 seguiu André Dias para a Bahia, em companhia do ex-governador desta capitania Antonio Gonçalves da Camara Coutinho, que ia tomar conta do governo geral do Brazil, e regressando posteriormente, em 1697 fez parte da guarnição de uma sumaca, que partiu á comboiar uma não da frota, ameaçada por dous navios de piratas, que estavam á vista do porto do Recife, portando-se André Dias nesta empresa *com grande zelo do real serviço.*

Tendo de partir para Angola uma expedição de socorro, em observancia a ordem Regia de 15 de Junho de 1703, o governador Castro Moraes ordenou ao commandante do batalhão em que servia André Dias, que lhe indicasse um official habil para conduzir e commandar dita expedição, e recahindo sobre elle tão honrosa indicação, *pelo seu talento, prestimo e sufficiencia,* recebeu

então do governador a respectiva nomeação, assim como a promoção ao posto de capitão, *em satisfação aos seus serviços e merecimento, e por ser pessoa honrada com o fôro de fidalgo da casa de S. M.*

Preparada a expedição, partiu do porto do Recife em 1704, sob o commando de André Dias, *o qual se houve no decurso da viagem, diz El-Rei em uma Carta Regia, com todo o bom tratamento e agasalho com os soldados, atalhando por todos os modos qualquer levantamento que entre elles podesse haver, por serem mandados violentamente e contra a sua vontade, no que me fez particular serviço.*

Terminando a sua missão de Angola, o capitão André Dias de Figueiredo regressou á Pernambuco, e pouco tempo depois seguiu para Portugal. Na côrte de Lisbôa, o seu merecimento e serviços conquistaram-lhe honrosas distincções, e obteve por Patente Real de 6 de Agosto de 1709 a confirmação do posto de capitão, a que o elevava o governador de Pernambuco, sendo-lhe então designado para servir, o terço de infantaria da praça do Recife. André Dias parte então para esta provincia, assume ao exercicio do seu posto, e nesta posição achava-se já no anno seguinte de 1710, quando rebenta a celebre guerra denominada dos Mascates.

Homem de nobres e generosos sentimentos, patriota exaltado, em cujas veias girava o sangue de seus illustres antepassados, herdeiro das suas glorias e renome, o capitão André Dias de Figueiredo representou um papel distincto n'esta phase tremenda porque passou esta provincia. Livre o governador Sebastião de Castro e Caldas da sentença que lhe lavraram aquelles que foram feridos por elle em seus brios, o capitão André Dias foi um dos primeiros pernambucanos sobre quem recahiu immediatamente todas as suspeitas da mallograda tentativa contra a vida do odiado governador.

Preso, mettido no segredo de uma das fortalezas do Recife, ali gemeu até que o povo insurgido oppoz seria resistencia aos mascates, demoliu o pelourinho e dissolveu a nova camara do Recife, ponto da pendencia com Olinda, que perdia assim os seus fóros, e obteve então a sua liberdade. Marchando para Olinda, tomou parte no celebre conselho convocado pela camara do senado, discutiu calorosamente, e foi um dos poucos que sustentaram a idéa de Bernardo Vieira de Mello, de que Pernambucos e decla-

rasse em republica *ad-instar* dos venesianos, cortando-se assim todas as difficuldades.

Entrando o bispo diocesano D. Manoel Alvares da Costa na governança do paiz, serenou um pouco os animos, mas em meados de 1711 accendeu-se de novo o facho da revolta, as tropas pernambucanas poseram o Recife em cerco, e o nosso heroe preso previamente pelos mascates, poudé conseguir a sua evasão coadjuvado pela companhia do seu commando, e marchou para os Afogados, onde prestou assignalados serviços, tomando parte em todas as proezas desse presidio, na phrase de um historiador.

Incumbido depois, da guarnição do sitio da Barreta, um dos pontos mais importantes e disputados pelos mascates, foi destacado para explorar os movimentos no Cabo, tramados pelos inimigos, cuja missão foi coroada do mais feliz resultado, conseguindo a prisão de um dos mais adeptos partidarios dos mascates, cuja pessoa trouxe como refen dos trahidores.

A incansavel actividade do capitão André Dias de Figueiredo, os seus feitos de audacia e de arrojado patriotismo, haviam-no constituido o terror do inimigo encurralado no Recife. Mallograda a batalha de Sibiró, para cujo campo partiu André Dias á frente de um auxilio de trezentos homens, não chegãdo á tempo de tomar parte na acção, fez alto no engenho Velho, e no outro dia voltou em boa ordem para Olinda.

Foi então accordado o plano de marchar-se ao encontro do inimigo em correrias no sul da provincia, e o bravo capitão André Dias fazendo parte dessa briosa phalange que partiu em demanda do inimigo, foi um dos bravos da celebre batalha de Ipojuca, ferida aos 8 de Setembro de 1711, cuja victoria afugentou os nossos contrarios, confusos e humilhados. André Dias teve a gloria de ser o primeiro que investiu e rompeu as trincheiras inimigas, tomando-lhes de assalto uma das casas que lhes ficava mais perto, e d'onde com a tropa com que a guarneceu, lhes causou immensos damnos.

Acabava então de chegar o novo governador e capitão general Eelix José Machado, e todos esperavam no procedimento desse agente do governo, a necessaria justiça e imparcialidade, quando em breve tempo, corrompido pelos mascates, seus compatriotas, votou odio eterno aos pernambucanos, calcou aos pés o direito e a rasão, e

constitui-se o terror desta terra, cujo nome tornou-se de execranda memoria.

Abriu-se então o livro das perseguições e do martyrio. O capitão André Dias de Figueiredo, que se constituiria o terror dos inimigos, que fôra um dos capitães mais arrojados e de mais audacia n'essa quadra que atravessou esta provincia, não podia escapar ás fúrias dos cruceis e implacaveis inimigos dos seus irmãos, e da justiça e equidade que assistia á sua causa. Tantos merecimentos, diz o autor dos *Martyres Pernambucanos*, tratando de André Dias; tantos merecimentos não podiam deixar de attrahir-lhe o odio dos tyrannos, e por isso, na devassa que se abriu, foi logo um dos primeiros accusados e pronunciados.

Partiu então occultamente para Olinda, e refugiou-se no collegio dos Jesuitas por não lhe ser possivel procurar um outro abrigo, pela diligencia empregada para o prender, estando já divulgada a sua auzencia do Recife. Consequindo os mascates descobrir o logar em que se achava o capitão André Dias, obtiveram do governador uma ordem de cerco para o collegio, correram-no duas vezes, e não o encontrando foi determinado um cerco mais apertado, deitaram fóra do collegio os seus padres, foi publicado um bando em que se o declarava inconfidente, e se offercia não só um premio a quem o descobrisse, como se impunha a pena de inconfidente a quem o acoitasse. E depois de um longo martyrio de treze dias na occasião em que os soldados davam uma nova busca, André Dias rende-se em fim, quando já desesperado sahia do esconderijo em que estava, quasi morto á fome!

Eis como um escriptor do tempo narra esse episodio: o capitão André Dias de Figueiredo foi preso com tanto gosto e contento dos officiaes, quanto até ali tinha sido a diligencia de o buscar. Entregue ao ouvidor João Marques Bacalháo e ao juiz de fóra Paulo de Carvalho, com toda a soldadesca, em seguimento marchou para o Recife á correr primeiro todas as ruas, para que as vozes do povo fari-zaico o acclamassem, não vassallo confidente como era, mas desleal e sem fé, como pelas falsidades contra elle levantadas, o suppunham. E depois do governador ter satisfeito aos mascates e a mais plebe com este regozijo, o mandou para o forte do Mar.

Dous annos jazeu o illustre martyr na mais immunda e rigorosa prisão, até que, frustrado o projecto de ser execu-

tado, embarcou para Portugal a 23 de Outubro de 1713, com mais onze companheiros, victimas como elle da mais barbara e nefanda tyrannia, entre os quaes figurava um seu irmão o Licenciado José Tavares de Hollanda. Uma de suas trez irmãs viuvias, que ficaram ao desamparo e á miseria, D. Lourença Tavares de Hollanda, «*matrona de grande nome e de talento*», valeu-se de alguns fidalgos e outros homens notaveis de Lisbôa, pintando em phrases eloquentes e inspiradas a situação em que se achavam á falta de seus irmãos, e intercedendo por elles, mas nada obteve. André Dias assim como seu irmão e os demais companheiros de infortunio, foram atirados aos carcereiros da cadeia do Limoeiro, d'onde depois de algum tempo seguiram degredados para as Indias Portuguezas.

O capitão André Dias de Figueiredo, foi uma das onze victimas que nunca mais viram sua patria! Morreu bem longe da terra que lhe dera o berço, longe daquelles que lhe eram mais charos pelos laços do coração, tragando o pão negro do desterro, cheio de privações, e ao abandono. Martyr pela mais justa e generosa idéa, por amor da mais sublime das causas, a liberdade de sua patria, a firmeza dos seus fôros e tradições, elle pagou bem caro o crime da sua rebeldia!

Fique ao menos registrado o nome de tão illustre e benemerito patriota aqui nestas paginas, como um tributo, como uma homenagem a grandeza de sua alma, ao seu acrisolado patriotismo, como uma victima immolada pela obscuridade dos tempos em que viveu, como um martyr illustre, como uma das mais legitimas glorias desta terra.

Anselmo Francisco Peretti Nasceu na cidade, então villa de Goyanna aos 21 de Abril de 1812. Foram seus paes o Dr. em medicina João Sebastião Peretti e sua mulher D. Maria Joaquina de Castro.

Desde os seus primeiros annos dedicou-se Anselmo Francisco Peretti aos estudos das letras, fez o curso de preparatorios, em 1831 matriculou-se na Academia Juridica de Olinda, e em 1835 recebeu o grão de bacharel em sciencias juridicas e sociaes. Por esse tempo seguiu Peretti para a Europa, visitou diversos paizes, e demorando-se em Pariz cursou as aulas da sua Universidade, a qual lhe conferiu o grão de bacharel em lettras.

Voltando ao seu paiz natal, entrou na vida publica,

exerceu o cargo de secretario do governo das provincias do Maranhão e Ceará, em 25 de Outubro de 1842 foi nomeado presidente da provincia de Sergipe, de cuja administração tomou posse a 28 de Setembro do mesmo anno, e dirigiu até 17 de Fevereiro de 1844; a 27 de Novembro de 1843 foi nomeado presidente das Alagoas, tomou posse a 1 de Março do anno seguinte e conservou-se na administração da provincia até 1 de Julho do mesmo anno.

Posteriormente nomeado presidente do Piauí, dirigiu a sua administração por algum tempo, e em Pernambuco, na qualidade de seu primeiro vice-presidente, teve occasião de assumir a sua administração, de 1 de Dezembro de 1864 a 20 de Janeiro seguinte. A provincia do Piauí elegeu-o seu deputado á camara temporaria, honroso mandato a que soube corresponder dignamente pelo seu zelo e inteireza, contribuindo efficazmente para prosperidade e bem estar do paiz. No Ceará recebeu Anselmo Francisco Peretti a nomeação de seu terceiro vice-presidente, por seus habitantes foi eleito supplente á deputação geral, vindo a tomar assento na camara temporaria nesta qualidade. Exerceu tambem por algum tempo o cargo de vereador da Camara Municipal do Recife, interinamente o de procurador Fiscal da Thesouraria de Fazenda, e da presidencia da provincia recebeu a nomeação de professor de geographia e historia do Lyceu, cargo este que não chegou a exercer.

Por esta simples enumeração de cargos e datas, vê-se o gráo de consideração e conceito que gosava o Dr. Anselmo Francisco Peretti, não só do governo imperial, como tambem dos seus conterraneos.

Até aqui, temos somente tratado do Dr. Anselmo Francisco Peretti em relação a sua vida politica e administrativa; agora o magistrado, em cujo sacerdocio conquistou uma posição notavel e elevada, por sua intelligencia e illustração, por seu zelo e honradez, por sua jamais maculada reputação.

Como magistrado exerceu o Dr. Anselmo Francisco Peretti os cargos de juiz de direito do crime das comarcas do Brejo, de Goyanna, Limoeiro e Victoria, e o de primeiro juiz de direito especial do commercio da comarca do Recife, por cujos serviços a Associação Commercial Beneficente mandou tirar o seu retrato e o collocou no salão de honra do seu edificio. Nomeado desembargador da Relação desta provincia, serviu como fiscal e depois como presidente do Tribunal do Commercio, cargo este que occupou não só

emquanto esse tribunal exerceu as funções administrativas e judicarias, como quando somente passou a exercer as administrativas. Deixando a presidencia do Tribunal do Commercio, passou a occupar a da Relação em cujo cargo conservou-se até a sua morte.

Creando-se a irmandade da Santa Casa de Misericordia do Recife, mereceu o Desembargador Anselmo Francisco Peretti dos membros desta corporação beneficente, na sua primeira eleição de 1860, ser escolhido seu provedor, cargo este que successivamente occupou até 1872. Durante o longo espaço de doze annos em que occupou a provedoria deste estabelecimento, o Desembargador Peretti foi incansavel em promover a prosperidade de tão util quão humanitaria instituição. Pelo seu zelo, pelos immensos serviços que prestou, contribuindo efficazmente para collocar-a no gráo em que hoje se acha, muito deve a Santa Casa de Misericordia do Recife a memoria do seu primeiro provedor, cuja gratidão attesta o acto que deliberou collocar o seu retrato no salão de honra deste estabelecimento, na galeria dos seus bemfeitores.

O Desembargador Anselmo Francisco Peretti, por tantos e immensos serviços prestados ao paiz, foi agraciado pelo governo imperial com o officialato da Ordem da Rosa, depois foi-lhe conferida a commenda da mesma ordem e a de Christo e posteriormente a carta de Conselho. Taes são os traços da vida de tão illustre e honrado magistrado, cuja existencia finou-se aos 9 de Outubro de 1877, na idade de sessenta e cinco annos.

A phase da vida publica do Conselheiro Anselmo Francisco Peretti, deixa ver á evidencia que era credor da consideração, distincção e acolhimento que sempre gosou, não só do governo, como de todos aquelles que sabem prezar e apreciar o merito e honrar os nobres e elevados caracteres. Mas o que principalmente illustrou Anselmo Francisco Peretti, na phase de orador do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, tecendo o seu elogio funebre na sessão magna de 27 de Janeiro de 1878, a cuja instituição pertencia, não foram essas elevadas posições que alguns teem occupado sem igual merecimento; foi sim a par de uma intelligencia vigorosa e illustrada, uma honestidade e rigidez de character raras e admiraveis.

Ouçamos agora o que sobre a vida e crenças politicas do Conselheiro Anselmo Francisco Peretti, disse o Sr. Dr. Antonio Epaminondas de Mello num discurso que recitou

no Cemiterio Publico do Recife, na occasião da inhumação dos seus restos mortaes.

« Os meritos do finado são conhecidos.

« Vimol-o na primeira phase de sua vida publica, unido aos liberaes, combatendo o governo que arvorara, como principio, a preponderancia de familia. Então fôra elle um dos collaboradores do periodico *Pedro II*, que com José Tavares Gomes da Fonseca, Agostinho da Silva Neves, e outros, arcaram contra o despotismo daquellas eras.

« Deste primeiro passo, atirou-se á carreira politica, durante a qual foi eleito deputado geral e provincial, nomeado secretario e presidente de provincia, cargo que exerceu diversas vezes.

« A vida de sua paixão, porém, era a de juiz: desta tirava o modelo para aquella. O politico era quasi o magistrado; queria a liberdade, mas sobretudo queria a lei, queria na administração a frieza do juiz, a calma que o direito prescreve; a estababilidade e a ordem preocupavam-lhe o espirito, e modificando-lhe as convicções, arrastaram-no para o seio do partido conservador.

« Desconhecia ou temia a audacia e os commettimentos dos revolucionarios, e custava acceitar a temeridade com que os estadistas rompem pelo passado, quebram a rotina, e innovam situações fecundas que transformam a sociedade para melhor, e para a prosperidade.

« O liberalismo do finado baseava-se nos principios, mas na fôrma de applical-o, cahia elle nas illusões que dominam e matam os homens excessivamente moderados, ou amigos da paz á todo o transe.

« Evitava o ardor e enthusiasmo que dá coragem ao crente, e ao patriota, e que leva o homem a praticar heroismos; fugia da fascinação da liberdade, com receio das grandes vertigens sociaes, que pôdem levar o paiz a abysmos medonhos.

« Tinha muita intelligencia para acceitar os principios, mas não tinha vocação para pôl-os em pratica. Na theoria podia dizer-se um liberal; na pratica estacava como um conservador. Tal o motivo porque isolou-se dos partidos: não era militante, não era politico de acção.

« A legalidade era o espelho predilecto em que se mirava.

« *Peretti* acreditava, ou suppunha possivel que a sociedade se podesse reformar sem nenhum abalo, ou agitação, e com a mesma placidez e socego de espirito,

qual elle empregava, em seu gabinete, na reforma de um despacho judiciario.

« Todavia, na sua carreira politica, jamais divorciou-se da senda da honestidade. Nós os liberaes não somos intolerantes; á conservadores da sua tempera, de tamanho merecimento, jamais negaremos o culto que a justiça impõe.

.....

Neste mesmo discurso, depois de tratar ligeiramente do jornalista e do politico como vimos, do deputado, do administrador e do provedor, o Sr. Dr. Epaminondas de Mello tratou do magistrado, do jurisconsulto, em cujo sacerdocio « *absorveu, attrahiu todas as glorias desse multiplo merecimento, e das suas peregrinas qualidades pessoases.* » Sejanos licito, pois, fazermos echo das palavras de tão autorisado juiz, e as trasladarmos aqui porque ellas são o mais fiel e exacto caracteristico de tão illustre pernambucano.

Eis pois as suas palavras, eis pois o magistrado segundo esse competentissimo juiz.

.....

« Anselmo Francisco Peretti, foi um modelo, um prototypo na elevada missão de julgador.

« A severidade da sua indole, poz termo á rapina mercantil, e ás fraudes dos bancarroteiros e estellionatarios. Na epocha em que começou a executar-se o Codigo Commercial, *Anselmo Peretti* teve a vantagem, e a satisfação de reerguer o Fôro á alta moralidade que lhe é precisa.

« Em toda a sua vida de magistrado, foi sempre o amparo e protector da liberdade individual. O *habeas-corpus* merecia-lhe mais veneração, do que talvez mereceu aos inglezes humanitarios que o crearam.

« Nunca o recusou ao opprimido, qualquer que fosse o poder, ou influencia do oppressor.

« Nos autos crimes, civeis, e commerciaes, e nas discussões do Tribunal, derramava torrentes de luz que convenciam o auditorio, ou leitores.

« Vasto era o conhecimento que tinha do direito, profundo o conhecimento dos homens. Para pintal-o como juiz, tomarei o que escreveu o muito illustre Beranger, magistrado da França:

« O cuidado do processo, o estudo das fórmulas, cujo habito de emaranhal-as na legislação recebemos do direito romano, occupam mui exclusivamente nossos modernos magistrados; não lhe resta descanso para entrega-

rem-se á meditações mais elevadas, e todos seus esforços parecem limital-os ao papel de habeis procuradores. Nossa magistratura assemelha-se ao ancião, cuja caducidade morosa e afflictta, accusa a brilhante virilidade dos seus contemporaneos. Ella se arrasta após o seculo que se adianta sempre, maltrata-o, castiga-o; porem o seculo mais esclarecido, deixa-a atraz de si, zomba dos seus juizos, e prosegue em seu caminho.

« Em geral, a sciencia da philosophia, que o sabio d'Aguesseau, recommendava aos magistrados com immensa solitudine, parece que lhes é extranha; e como desconhecem os homens, ignoram a arte de dar aos espiritos uteis direcções. Só sabem lutar contra o *podor* ou poder da opinião, em vez de collocarem-se á frente, para guiarem-n'a melhor, e della constituirem-se orgãos. »

« Como queria o illustre Beranger, que fosse o magistrado, assim o foi *Anselmo Francisco Peretti*.

« Eis o seu elogio, elogio magnifico que o colloca acima de muitos dos seus collegas. Varios o igualam no glorioso estadio; nenhum o excedeu.

« *Peretti* era *primus inter pares* pela presidencia do Tribunal, mas era tambem *primus inter pares* pela intelligencia, e pela illustração juridica, e litteraria. »

Antonino José de Miranda Falcão. Nasceu a 10 de Maio de 1798.

Aos 25 annos de idade, Antonino Falcão recebeu a nomeação de professor da cadeira de primeiras letras do Tren Nacional, hoje Arsenal de Guerra, por Portaria da Junta do Governo de 27 de Novembro de 1823, vencendo o ordenado de 300\$000 rs. annuaes, pagos por quartel. No anno seguinte por Portaria de 20 de Julho, foi nomeado director da Typographia Nacional, então existente, vencendo o honorario de 480\$000 rs.

Antonino Falcão, prestou então, quer no character de director da imprensa nacional, quer como cidadão, valiosa coadjuvação a proclamada Confederação do Equador, por cuja adhesão e opiniões politicas, foi demittido quando o general Francisco de Lima e Silva restaurou o governo imperial em Pernambuco, preso e processado pela alçada, como rebelde e réo de alta traição. Conseguindo a sua liberdade depois de algum tempo de prisão, posteriormente, em 1829 envolveu-se em novos movimentos politicos, cujas opiniões sustentou na imprensa em diversos

escriptos, e foi de novo arrastado ás prisões da fortaleza do Brum onde gemeu por espaço de 14 mezes, como implicado na rebellião de Santo Antão.

Logo que foi solto, Antonino José de Miranda Falcão seguiu para a Europa, onde demorou-se algum tempo visitando diversos paizes, e regressando depois para o Brazil estabeleceu-se no Rio de Janeiro, onde montou uma typographia que girou sob a firma de Miranda & Carneiro.

Antonino Falcão occupa um logar de honra na historia do jornalismo e da imprensa do Brazil, não só pela sua iniciativa e empresas, como tambem pelos seus escriptos, interesses e trabalhos em prol da firmeza e engrandecimento da sua causa. Estabelecido com uma typographia em Pernambuco no anno de 1825, sob a firma social de Miranda & Companhia, Antonino Falcão fundou neste mesmo anno o *Diario de Pernambuco*, em formato menor que uma folha de papel almaço, com quatro paginas, e duas columnas de composição em cada uma dellas, sahindo neste anno apenas 43 numeros cuja collecção forma um volume de 141 paginas.

O *Diario de Pernambuco*, que hoje conta 57 annos de existencia, impresso em grande formato, contendo 8 paginas cada numero, é um dos mais antigos e conceituados jornaes do Brazil; e Antonino Falcão dirigiu a sua empresa até o anno de 1837, quando passou a ser dirigida pelo finado Commendador Manoel Figueirôa de Faria.

A' par da direcção da sua typographia e da empresa do seu jornal, Antonino José de Miranda Falcão desempenhou diversas commissões, entre ellas, em 1826, a de confeccionar os mappas da população da provincia para serem enviados ao governo imperial, assim como mais tarde o cargo de official da Secretaria do Governo para o qual foi nomeado por Portaria de 20 de Agosto de 1834, cargo este que deixou posteriormente; á 23 de Abril de 1842 foi de novo interinamente nomeado para o mesmo cargo, passando á effectividade por Portaria de 2 de Julho, e a 22 de Novembro do mesmo anno foi nomeado archivist, sendo especialmente incumbido da missão de organizar, classificar e ordenar chronologicamente todos os seus documentos, proporcionando-se-lhe uma gratificação de 200\$000 rs.

Em 1846, tendo terminado esta ultima commissão, assim como exercido o cargo de secretario da presidencia

da provincia de Sergipe, quando presidente o Senhor Conselheiro João Lins Vieira Cansansão de Sinimbú, seguiu de novo para o Rio de Janeiro, sendo então nomeado pelo Visconde de Albuquerque administrador da *Gazeta Official*, em cujo logar se conservou até a extincção daquella folha.

Nomeado pelo Conselhheiro Eusebio de Queiroz director da Casa de Correção da cõrte do imperio em 1849, Antonino José de Miranda Falcão estudou e pôz em pratica o systema penitenciario no Brazil, e deixando esse logar em 1852 por ter de partir para os Estados Unidos na qualidade de consul geral do imperio, sendo ao mesmo tempo incumbido pelo governo de estudar o systema penitenciario daquelle paiz, cujos estudos foi depois aperfeiçoar e terminar na Europa.

De volta ao Brazil em 1853, foi pela segunda vez occupar o cargo de director da mencionada Casa de Correção, em cujo estabelecimento pôz em pratica todos os melhoramentos até então conhecidos, merecendo então os seus serviços, e particularmente o satisfatorio cumprimento da sua missão, como comprova o minucioso e luminoso relatório que apresentou ao governo imperial, a conferencia do Officialato da Ordem da Rosa, e posteriormente a commenda da mesma Ordem.

Pedindo e obtendo em 1861 a exoneração desse cargo, em 1865 seguiu para a provincia do Rio Grande do Sul, na qualidade de official de gabinete do Conde da Boa Vista, que ia dirigir a administração daquella provincia, terminando esta missão no anno seguinte, quando o mesmo Conde deixou a dita administração.

Já avançado em annos, lutando sempre com as adversidades da fortuna, e sem meios de subsistencia o Commendador Antonino Falcão accitou a nomeação de um officio de partidor e distribuidor na mesma provincia do Rio Grande do Sul, cargo este que por pouco tempo exerceu. Regressou então para o Rio de Janeiro, e foi empregado na redacção do *Diario Official*, na qualidade de traductor das noticias e correspondencias estrangeiras, mas em meados de 1878 se viu privado desse ultimo recurso que lhe restava, recebendo acintosa e cruel demissão!

O Commendador Antonino José de Miranda Falcão, morreu na mais extrema penuria, no dia 9 de Dezembro de 1878, em idade superior a 80 annos, na cõrte do Rio de Janeiro. Homem probo e honrado, cidadão distincto pelos

seus serviços e merecimento, intelligente e dotado de illustração e conhecimentos variadissimos, martyr pela idéa generosa da liberdade e independencia patrias, jornalista distincto e um dos seus patriarchas, Antonino Falcão viu-se mal apreciado, despresado, e no fim da vida, quando era justo colher os fructos de tanta dedicação e serviços em prol do engrandecimento e lustre da patria, depois de tantos esforços e sacrificios, vê-se privado do unico e parco recurso que o abrigava da fome e da miseria, e morre ralado de desgostos, no meio das maiores privações, na mais extrema penuria! E assim terminou os seus dias o patriota illustre e distincto, o funcionario honrado e benemerito, o jornalista intelligente e laborioso, o Commendador Antonino José de Miranda Falcão. Sirva ao menos a inserção do seu nome nestas paginas, condemnado talvez a um total esquecimento, de um protesto da posteridade aos erros dos contemporaneos.

Antonio Affonso Ferreira. Nasceu na cidade do Recife aos 15 de Março de 1812. Foram seus pais o Dr. Francisco Affonso Ferreira, desembargador aggravante da Casa da Supplicação da Côrte, e sua consorte D. Margarida Maria Miquilina Ferreira. O coronel Domingos Affonso Ferreira foi seu avô paterno; e materno, o capitão de mar e guerra Miguel José Fernandes.

Destinado por seus pais á carreira das letras encetou Antonio Affonso Ferreira em 1824 os seus estudos preparatorios, e os concluindo, matriculou-se em 1830 nas aulas do primeiro anno do Curso juridico de Olinda, cuja academia conferiu-lhe aos 18 de Outubro de 1834, o gráo de bacharel em sciencias juridicas e sociaes.

No curso dos seus estudos quer preparatorios, quer superiores, Antonio Affonso gosou sempre dos fóros de optimo estudante, não só pela sua applicação e intelligencia, cujos resultados eram o seu aproveitamento e progressos, como tambem pelo seu character, costumes e moralidade.

No anno seguinte ao de sua formatura, em 1835, foi despachado juiz municipal e de orphãos da cidade do Recife, por portaria de 26 de Janeiro e neste mesmo anno occupou interinamente o cargo de chefe de policia. Em 11 de Julho de 1836, foi nomeado juiz de direito da comarca do Rio Formoso, cargo que exerceu por espaço de 7 annos, deixando-o em 1843, quando por mesquinhas vinganças

políticas, foi removido para a comarca de Jacobina, na provincia da Bahia.

Em 1844, por carta imperial de 8 de Junho, foi o Dr. Antonio Affonso Ferreira nomeado chefe de policia desta provincia, cujo cargo exerceu com intelligencia, zelo, honradez e justiça, até 24 de Maio de 1848, dia em que foi demittido, em virtude de haver sido apeado do poder o partido liberal em cujas fileiras militava.

Eleito deputado á assembléa geral na legislatura de 1845 a 1848, por esta provincia, assim como por vezes a Assembléa Provincial, o Dr. Antonio Affonso Ferreira desempenhou todas estas commissões ou mandatos populares, *de uma maneira nobre e condigna com o seu character desinteressado, justiceiro e patriotico.*

Subindo o partido conservador ao poder em 1848, adida a as camaras Antonio Affonso volta a Pernambuco, e rebentando a revolta praeira, elle abraça a sua causa, e em 31 de Dezembro parte para o Sul da provincia com os seus companheiros de deputação, deixando assignada com elles, uma proclamação aos pernambucanos, chamando-os as armas, cuja proclamação foi destribuida em grande escala entre o povo. O Dr. Antonio Affonso Ferreira, acompanhou todo o movimento revolucionario; marchas, assaltos, combates, correspondencia com os chefes de outras localidades, dedicação a causa que sustentava, patriotismo, em tudo figurou, tudo isso o caracterisava.

Na columna que aos 2 de Fevereiro atacou a cidade pela Boa Vista, achava-se Antonio Affonso; trava-se renhida luta, pelejam heróicamente atacantes e atacados, mas a perda de Nunes Machado fez arrefecer o combate, a morte do illustre chefe desanimou os corajosos combatentes, e elles deixam o campo, partem, conduzem aos seus braços o corpo da illustre victima, depositam-no na capellinha de Belem, e dispersam-se.

Debellada a causa da revolução, occultou-se o Dr. Antonio Affonso Ferreira, mas foi como os seus companheiros processado e pronunciado. Os trabalhos e soffrimentos da revolta, fizeram reaparecer e aggravarem-se os seus antigos padecimentos. Occulto em casa de sua familia, o seu medico assistente o fallecido Dr. Moraes Sarmiento aconselha-lhe como unico remedio á recobrar a perdida saúde, uma viagem a Europa. Elle resigna-se, e aos 23 de Junho de 1850 parte para Lisbôa a bordo do brique *Tarujo I*, e d'ahi seguiu para a Ilha da Madeira por

conselho dos medicos de Lisbôa; mas aumentando-se consideravelmente os seus padecimentos, falleceu aos 20 de Dezembro de 1850 na cidade do Funchal, e foi sepultado no cemiterio das Angustias em sepultura perpetua.

Morreu na terra do exilio, diz um jornal desta provincia, pobre, talvez cercado de necessidades, e na mais pungente saudade por não mais vêr a sua querida familia, seus amigos e patricios, a quem tanto amava, e pelos quaes tanto se sacrificou. Sua vida foi toda honrosa, sua morte é toda cheia de gloria, porque elle morreu, pôde-se assim dizer, martyr da liberdade de seu paiz, pela qual tanto propugnou com sua penna nos jornaes, e com seus esforços no campo da honra, quando a revolução de 1848 para alli o chamou.

A Revolução de Novembro, em seu numero de 4 de Setembro de 1852, consagrou algumas palavras a memoria do illustre Dr. Antonio Affonso Ferreira; e em phrases repassadas de sentimentos, assim teceu a merecida corôa de suas glorias e patriotismo, assim abriu-lhe as portas do templo da immortalidade.

« Pernambuco se deve ufanar de ter sido seu filho o Dr. Antonio Affonso Ferreira.

« Esse martyr da revolução de Novembro, curtido de desgosto, ralado de saudades da patria, da esposa e dos filhos; morreu em terra estranha!

.....

« Era um pernambucano illustre, de grande moralidade, e de acrisolado patriotismo, digno em tudo de alto renome.

« Era um desses caracteres antigos, que sempre mereceram a veneração dos povos.

« Era um desses homens raros, cuja austeridade os torna celebres.

« Era de um coração leal, e de uma alma justa.

« Os seus cuidados pela moralidade da revolução, revellaram sua grande virtude, sua dedicação patriótica.

« Não era guerreiro mais era firme.

.....

« Pernambuco não pôde nunca esquecer filho tão respeitavel.

.....

Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho.

Nasceu na segunda metade do seculo XVII. Era filho de Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, que foi governador da Guarda e do Maranhão, e de sua consorte D. Ignez Maria Coelho, e neto de Francisco Coelho de Carvalho, primeiro governador e capitão general do estado do Maranhão e Grão-Pará, descendente de Pedro Coelho, senhor de Filgueiras, e D. Luiza de Góes.

Os primeiros passos da vida de Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho são pontos obscuros, pelas omissões dos chronistas do tempo, e falta de documentos a tal respeito. Sabemos apenas que seguiu a carreira das armas, e segundo a phrase do autor da *Nobiliarchia Pernambucana*, serviu com grande valor na guerra da grande liga, e foi sargento-mór de batalha, posto correspondente hoje a marechal de campo, governador da Beira Baixa e da praça de Olivença. Como militar, foram estes os unicos dados de sua vida que encontramos; como administrador porem, são mais conhecidos os seus actos nos diversos governos que dirigiu, cujos serviços o nobilitaram, e mereceram dos historiadores honrosa menção.

Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, nos primeiros annos de sua mocidade seguiu para o Pará em companhia de seu pae, de onde partiu para Portugal; e voltando a essa capitania, foi incumbido do governo das de Tapuytaperá e Cametá, de que era seu pae donatario, até que recebeu a nomeação de capitão-mór do Grão-Pará, e a 25 de Julho de 1685 apresentando a patente regia de sua nomeação entrou em exercicio.

Vagando em 1690 o cargo de governador dos estados do Maranhão e Grão-Pará, mereceu Coelho de Carvalho do governo a nomeação do mesmo, e a 17 de Maio tomou conta do bastão, que lhê foi entregue pelo seu antecessor Arthur de Sá de Menezes, ainda no Pará. Para melhor dirigir o governo dessas duas capitancias, Coelho de Carvalho residia ora n'uma, ora n'outra, e tão solícito se mostrou no desempenho da sua missão, que angariou a estima e consideração dos seus governados.

Em 1692, achando-se no Pará, afim de expedir os navios da frota real, as camaras de S. Luiz e de Belem, muito satisfeitas com o seu governo, enviaram ao throno suas representações, *para que fosse elle conservado por tempo mais largo*. Com tudo, esperando o seu successor voltou á S. Luiz; mas a metropole ouviu o pedido das

camaras, e para lhe dar mais evidentes provas de que reconhecía o seu merecimento, acompanhou tambem esta mercê com uma generosa ajuda de custo. »

Em 1695, empreendendo Coelho de Carvalho uma expedição, affim de examinar por si proprio os vastos sertões do cabo do Norte e o famoso Amasonas, partiu a 9 de Dezembro, terminando as suas explorações em 1697. Ao regressar, soube da noticia da occupação da fortaleza de Macapá, pelas tropas do marquez de Ferrol, governador de Cayena; e recebendo com desprezo o seu commandante, que deixou-a cahir em poder dos francezes, sem oppor a minima resistencia, sem disparar um só tiro, deu todas as providencias, expediou forças, e traçou o plano da empresa restauradora, a qual glorificada pelo seu resultado, pela victoria ganha sobre os inimigos, assegurou de novo aos portuguezes a posse desse ponto invadido pelos soldados francezes.

A fortaleza do Cabo do Norte, sob a invocação de S. Antonio de Macapá, fôra por elle proprio fundada em 1688, quando capitão-mór do estado do Grão-Pará, aproveitando para isso as ruinas e materiaes da fortificação de Camamú, que seu tio Feliciano Coelho havia demolido em 1632, depois de tomada aos inglezes.

Na vida activa e trabalhosa que sempre teve Coelho de Carvalho, contrahiu molestias, que não poude debellar; era necessario retirar-se, e em outros climas recobrar-se das perdidas forças. Envia pois um requerimento pedindo a sua demissão; instou pela vinda de um successor, e não foi attendido, nem n'uma, nem n'outra supplica e por fim, enviou um outro requerimento, solicitando ao menos uma licença; e sendo-lhe esta concedida por tempo limitado, o monarcha reconhecido pelos seus serviços, abriu o cofre das graças, e conferiu-lhe a commenda de Val de Telhas da Ordem de Christo, a alcaidaria-mór de Sines, e o Senhorio do Couto de Util, e o dos Fornos da Judicaria e rua dos Cavalleiros da villa de Setubal. Nessa mesma occasião recebeu a communicacão official de que havia condicionalmente cessado as pretensões da França, relativas as usurpações do marquez de Ferrol, na questão de limites, pelo tratado de 4 de Março de 1700.

Coelho de Carvalho partiu então de S. Luiz para o Pará, affim de cuidar da sua viagem, e chegando a Belem a 22 de Maio de 1701, o senado da camara *intentou detel-o com*

uma larga representação da orphandade, em que deixava todos aquelles povos.

Mas elle era forçado a partir, a deixar os seus governados, e sensibilidade por tantas demonstrações de apreço e consideração, e para corresponder a todas essas manifestações, e para os esperar, assegurou-lhes, que breve voltaria a continuar o seu governo.

Por mais de 11 annos governou Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, o estado do Maranhão e Grão-Pará, e passando a administração ao seu loco-tenente Fernão Carrilho, que os ministros e outros amigos da côrte para mais facilitar a concessão da solicitada licença, o enviaram como tal em 1699 para S. Luiz, embarcou para a Europa aos 11 de Junho de 1701.

Coelho de Carvalho demorou-se algum tempo em Portugal; e sendo depois despachado governador e capitão general de todo o estado do Sul do Brazil, partiu para o Rio de Janeiro, e aos 11 de Junho de 1709 tomou posse do seu novo cargo. A Capitania de Minas-Geraes, sujeita então a sua jurisdição, estava em agitação por alguns movimentos politicos; Coelho de Carvalho parte immediatamente para Minas, disfarçado, sem apparatus algum, e consegue com a sua politica sagaz e moderada, acalmar os movimentos dessa capitania.

Aproveitando-se do ensejo que lhe proporcionava esta viagem, Coelho de Carvalho visitou todas as povoações de Minas, erigiu villas, creou comarcas, levantou milicias, e assegurou na obediencia as leis e ao governo aquelles subditos, já por meio da paz que entre todos implantou, como pela tranquillidade publica que resultou das salutaes e acertadas medidas que tomou, das providencias que deu, com o estabelecimento de autoridades que vigiassem no cumprimento das leis e de suas ordens.

Concluida essa tarefa, passou-se Coelho de Carvalho á capitania de S. Vicente afim de apylacar a desordem dos paulistas; mas encontrando-os em sua marcha, commandados pelo celebre Amador Bueno, em direcção á Minas-Geraes, aventurou-se a persuadil-os que desistissem de sua temeraria empresa, porem foi desattendido e até ameaçado com prisão. Coelho de Carvalho, forçado então pelas circumstancias, sem dispor de elemento algum de resistencia, acompanhado apenas de quatro officiaes e dez soldados, regressou ao Rio de Janeiro.

Ahi, soube que os paulistas realmente haviam inva-

dido o territorio de Minas-Geraes, levado a desordem por toda a parte, causando immensos damnos e destruições.

Coelho de Carvalho reassumindo a administração da capitania, despede immediatamente para Minas duas companhias de linha sob o commando do mestre de campo Gregorio de Castro Moraes, e dirigindo-se aos revoltosos paulistas por meio de uma carta, enviando-lhes ao mesmo tempo um retrato do soberano, significando que daquella maneira os visitava, assegurou-lhes o regio perdão e a sua protecção, se melhor avisados fizessem terminar as desordens, restabelecendo-se a paz e tranquillidade dos estados confiados ao seu governo.

Desanexando-se as capitánias de S. Paulo e Minas-Geraes da do Rio de Janeiro, foi Coelho de Carvalho incumbido do seu governo, por carta regia de 23 de Julho de 1709, facultando-se-lhe a escolha do logar de sua residencia. Deixando o governo do Rio de Janeiro em 30 de Abril de 1710, seguiu para a villa de S. Paulo, e aos 18 de Junho do mesmo anno toma posse do governo. Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, diz um historiador, esquecendo-se do que com elle proprio praticaram os paulistas, tratou com muita brandura e prudencia aquelles povos, praticando o mesmo que já tinha feito em Minas em bem e proveito de todos, sendo o primeiro governador, que fez respeitar n'aquelles logares o seu nome e as autoridades constituidas em nome d'El-Rei.

Em 21 de Setembro de 1711, recebendo Coelho de Carvalho a noticia da invasão do Rio de Janeiro pelos francezes, commandados por Duguay Trouin, reuniu a toda a pressa um exercito de mil homens, e partiu immediatamente; mas ao chegar a serra do Tingoá, soube da noticia da fugida do respectivo governador Francisco de Castro Moraes, e logo após, a da capitulação dos francezes. Seguindo para o Rio de Janeiro, e existindo na respectiva camara do senado uma carta regia datada de 26 de Novembro de 1709, a qual determinava, que, se por qualquer motivo fosse Coelho de Carvalho áquella cidade, se lhe entregasse a administração do seu governo, em consequencia disso, passou elle a dirigir o governo da dita capitania, até que foi substituido por D. Francisco Xavier de Tavora, aos 7 de Junho de 1713.

Do Rio de Janeiro partiu Coelho de Carvalho para Portugal; mas em sua viagem veio visitar Pernambuco, a sua patria, ausente della por tantos annos. Em 12 de De-

zembro de 1713, saltou no porto do Recife, e esperando encontrar os seus patricios, parentes e amigos, no goso de suas propriedades e dos seus bens, á sombra da paz e da justiça, encontrou-os perseguidos, foragidos, e exterminados, por essa guerra cruenta chamada dos *Mascates*, fructos das recompensas desse governo a quem os seus antepassados se submeteram, ao firmar pelo seu valor e patriotismo a capitulação do Taborda, que marca a era da expulsão dos hollandeses do Brazil!

Depois de uma pequena demora de dezoito dias em Pernambuco, partiu para Portugal, sendo portador de muitas petições dirigidas ao rei, por aquelles miseraveis que jaziam atirados aos carceres das fortalezas, victimas da atroz e barbara perseguição dos *Mascates*, da primeira parte da historia dessa guerra, escripta pelo Padre Antonio Gonçalves Leitão, da segunda via dos summarios que se haviam feito em ordem a desmentir as calumnias que contra o bispo diocesano D. Manoel Alvares da Costa, e a nobresa foram levantadas, alem de muitas cartas e outros documentos justificativos.

A 30 de Dezembro de 1713 partiu Antonio de Albuquerque do porto do Recife em demanda de Lisbôa, e nesta viagem teve occasião de mais uma vez assignalar-se e illustrar o seu nome, já tão vantajosamente reputado. Accommettida inopinadamente a não em que seguia, por tres navios de piratas mouros, trava-se então renhidissima peleja; *mas defendeu-se com tanta bizarria, que, sendo abordada por vezes, e em todas lançando-lhe o inimigo gente dentro, em nenhuma a venceu, e pelo contrario uma das tres nãos inimigas metteu a pique; e a todas fizera o mesmo, se as outras na fugida não evitassem a sorte da primeira.*

Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho chegando a Lisbôa, não se esqueceu da missão que lhe confiaram os seus compatriotas, antecipando-se-lhe a occasião de sobre semelhante incumbencia fallar ao monarcha, a narração que lhe devia fazer do combate que sustentára contra as nãos corsarias e da victoria que obtivera, dispondo de forças e elementos tão desiguaes.

D. João V ouviu com attenção o que sobre o estado lamentavel de Pernambuco e dos seus naturaes lhe expuzera Antonio de Albuquerque; e admirando-se por lhe parecer que o regio perdão que havia expedido sortiria os devidos effeitos, mandou examinar todo o negocio, e remetteu aos Conselhos as queixas que de novo se lhe fizeram do gover-

nador e dos ministros syndicantes, reconhecendo-se nesta occasião, que a nota remettida pelo ministerio ao syndicante para proceder a devassa, achava-se viciada, tal o suborno, tal a influencia dos *Mascates*, ainda mesmo nas secretarias de estado do reino !

A generosa missão de Antonio de Albuquerque, o seu empenho em promover o bem estar de sua patria opprimida por vis e audaciosos inimigos, obteve resultados immediatos e incalculaveis. D. João V. dirigindo-se ao governador, estranhou-o severamente do seu procedimento, assim como aos ministros syndicantes, prohibiu expressamente de proseguirem a devassa, mandou restituir a liberdade a todos os presos, não só os que se haviam remettido para Lisbôa, como os que se achavam nesta provincia ; e mais tarde foi demettido o governador, e restabeleceu-se a paz, a provincia entrou de novo nas lides dos trabalhos pacificos, reconquistou o seu brilho e esplendor, e surgiu o progresso, a prosperidade e o engrandecimento, á sombra da oliveira pacifica.

Pernambuco cobriu-se de galas ao chegar as suas plagas tão faustosas noticias. Festas, luminarias, banquetes, manifestações de alegria, tudo celebrou-se com expansão e com indizivel prazer e regosijo ; manifestações estas que se foram prolongando pelo interior da provincia, a proporção que tão grata noticia se ia derramando, e que á todos se fornava conhecida. As chronicas do tempo não nos transmittiu os votos de reconhecimento e de gratidão dos generosos pernambucanos, áquelle que havia tão zelosa e dedicadamente advogado a sua causa perante a magestade do Rei Fidelissimo ; mas elles sem duvida não se esqueceram de tributar ao seu heroico e benemerito compatriota, a significação de sua gratidão e reconhecimento pelo grandioso serviço que lhes prestara : e se o não fizeram, a posteridade que representa de juiz no tribunal do passado, cumpre um dever em tudo isto patentear, e de render á memoria dos feitos nobilissimos de Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, mas esse preito de admiração e de louvor.

Antonio de Albuquerque demorou-se em Portugal até principios de 1722, quando recebendo a patente regia de sua nomeação de governador e capitão general de Angola, seguiu para o seu destino, e ahí chegando tomou posse do governo da colonia aos 22 de Março do mesmo anno de 1722. Curto como foi o seu governo, facto algum notavel teve logar durante elle, a não ser a rebelião das sóvas do

sertão de Benguella, e a criação dos logares de juiz de fóra, de ouvidor e de auditor de guerra, reunindo este ultimo as funcções de juiz de orphãos.

O autor do catalogo dos governadores de Angola, inserto no tomo III das *Noticias para a historia das nações ultramarinas*, tratando do seu governo consagrou-lhe estas palavras: «Não teve successo extraordinario; todo se applicou ao bem dos povos, e fez um governo brando, suave e recticissimo. Elle foi o primeiro que trouxe o soldo acrescentado a quinze mil cruzados, vedando-se-lhe, e a seus successores o commercio, que desde o principio da conquista até seu antecessor havia sido permittido.»

Neste governo de Angola terminou os seus dias Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, aos 25 de Abril de 1725, depois de uma administração de quasi dous annos, sendo os seus restos mortaes inhumados na egreja dos Padres Capuchinhos da cidade de S. Paulo de Loanda.

A simples enumeração dos serviços prestados por este illustre e benemerito pernambucano, quer particularmente ao Brazil na qualidade de governador das capitancias de S. Paulo, Minas, Rio de Janeiro, Maranhão e Pará como á corôa portugueza, já como administrador, já como militar, nada mais é licito dizer em seu louvor, porque elles proprios, mais que tudo, proclamam o seu merito, a sua grandeza e heroismo, em remuneração do que, foi agraciado com os titulos de fidalgo da casa real portugueza, de commendador de Santo Ildefonso na ordem de Aviz, e de Santa Maria de Cea e de villa Cova na de Christo, alem de outras mercês que já deixamos mencionadas. Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho era tambem donatario de Santa Cruz de Cametá, e de Santo Antonio, no extincto estado do Maranhão e Grão-Pará.

Antonio de Albuquerque Maranhão. Filho de Jeronymo de Albuquerque o illustre conquistador do Maranhão e de sua mulher Catharina Pinheiro Feio, nasceu na opulenta villa de Olinda em fins do seculo XVI; foram seus avós paternos Jeronymo de Albuquerque, cunhado do primeiro Donatario Duarte Coelho e um dos colonos mais esforçados na conquista e povoação d'esta capitania, e a india D. Maria do Espirito Santo Arco Verde, e maternos, Antonio Pinheiro Feio, que acompanhára seu pae á conquista do Maranhão na qualidade de feitor-mór da armada, e sua mulher D. Leonor Guardéz.

Antonio de Albuquerque Maranhão tambem acompanhou a seu pae na conquista do Maranhão, para cuja empreza se offereceu voluntariamente, e foi-lhe então conferrida a patente de capitão, commandando uma companhia de sessenta homens; e partindo com a expedição no dia 1 de Junho de 1613, allí chegando e depois dos primeiros feitos de armas, foi nomeado pelo governador geral Alexandre de Moura, commandante do forte de S. José de Itapari, com 50 homens de guarnição.

Se a conquista da provincia do Maranhão do poder dos francezes, é uma pagina brilhante da vida do heroico pernambucano Jeronymo de Albuquerque, é tambem da de seu filho Antonio de Albuquerque que o acompanhou passo a passo em todos os episodios dessa arriscada e gloriosa empresa, e cujo governo, por morte de seu pae em 1618, lhe foi confiado.

A nascente cidade de S. Luiz do Maranhão, sepultou-se em profundo pezar com a morte do seu fundador e primeiro governador; e tamanha foi a falta, como diz Berredo em seus Annaes, que a não substituiu-a a sua propria imagem na pessoa de Antonio de Albuquerque, seu filho primogenito, a quem deixou encarregado do governo, seria inconsolavel tão justa magoa.

Ferido pelejando com os inimigos na conquista do Maranhão, como reza a Carta Regia de 9 de Agosto de 1622, sellando com o seu sangue facto tão grandioso, herdeiro das glorias e renome de seu pae, que nada tendo para legar a essa terra a que tanto amava, deixou-lhe uma parte de sua existencia e de sua alma no governo, Antonio de Albuquerque assumiu as redeas da administração da capitania com geral applauso dos seus habitantes, como digno successor d'aquelle, cujo nome lhes era tão caro.

Jeronymo de Albuquerque no intuito de dar maior garantia á gerencia dos negocios publicos, tanto a seu filho, que era o chefe, como aos seus governados, nomeou mais dous adjuntos para o ajudar a dirigir a náó do estado, e foram elles os capitães Bento Maciel Parente e Domingos da Costa Machado.

Bento Maciel, diz um historiador, conhecendo mui de perto a capacidade de Antonio de Albuquerque, descansou nelle inteiramente o peso do governo, e circumscreveu seus cuidados á reedificação do forte de S. José de Itapari; Domingos da Costa, porem, permaneceu sem exercicio no emprego de adjunto. De tal sorte se ia dirigindo Antonio

de Albuquerque, *sem mais assistencia que a do seu bom juizo*, que principiou a ganhar applausos até dos seus proprios emulos, o que excitando a inveja em Bento Maciel, que havia sido o primeiro em sua approvação, desgostou-se de não lhe tocar parte dos applausos do povo.

Bento Maciel dissimulando a principio os seus sentimentos, manifestou, depois, queixas que o governador até desculpava, e afinal rompeu francamente em hostilidades, dizendo a Antonio de Albuquerque, que, *tudo o que elle obrava sem o seu parecer e o do capitão Domingos da Costa reputava como nullo, e assim lhe negava obediencia.*

N'estas circumstancias, Antonio de Albuquerque, *embora tão prudente como valoroso*, o mandou prender na fortaleza de S. Felipe, e quatro mezes depois o remetteu para Pernambuco sob a guarda do capitão Domingos da Costa, que vinha aqui tomar passagem para Portugal. Livre assim de um adversario impertinente, Antonio de Albuquerque applicou-se todo á prosperidade e desenvolvimento da terra cujo governo estava confiado aos seus cuidados, e entre os serviços que prestou no exercicio desse cargo, nota-se a expedição contra os indios Tupinambás, que levantados procuraram unir-se com outros gentios da mesma tribu na provincia do Pará, conseguindo internal-os pelas mattas onde se abrigaram.

Antonio de Albuquerque apesar de merecer do governador geral D. Luiz de Souza, a confirmação da nomeação que d'elle fez seu pae, viu-se porem desconceituado e ferido em seus brios por esta mesma autoridade, que, não só absolveu a Bento Maciel Parente, como o encarregou da guerra contra os Tupinambás.

Dando por adjunto a Antonio de Albuquerque o mesmo capitão Domingos da Costa, *com a declaração de que não concordando com o seu voto nas materias mais graves seria decisivo o de Luz de Madureirá, ouvidor e auditor geral da capitania*, o governador geral conheceu sem duvida que elle não se sujeitaria a tantas humilhações, e para prevenir desagradaveis consequencias, lavrou outra patente de capitão-mór a Domingos da Costa Machado, para servir no caso de se realizar as suas previsões.

Recebendo Antonio de Albuquerque a patente que lhe entregára o capitão Costa Machado, «ocultou seu justo resentimento dizendo que, não acceitava, porque, quando deu conta ao ministerio de Madrid, da morte de seu pae,

pediu logo a sua demissão, pela urgencia que tinha de sua presença as necessidades de sua casa.»

Quatorze mezes, diz Berredo em seus Annaes, governou Antonio Albuquerque a capitania do Maranhão, de que já tinha sido um dos primeiros conquistadores debaixo das ordens de seu pae; e natural herdeiro das suas virtudes, regulou de sorte todas as suas acções pela doutrina dellas, que muito apezar das saudades d'aquelles moradores, passou a Portugal, onde se attendeu bem o seu merecimento e aos serviços de seu pae, que lhe pertenciam, no prompto despacho da capitania-mór da Parahyba, com a mercê da commenda de Santo André de Ervedal da ordem de Christo, e cinco legoas de sesmaria na conquista do Maranhão.

Governando a capitania do Maranhão por bem pouco tempo como vimos, a sua honra e o seu brio impelliram-no a renunciar o seu governo, e entregando-o ao capitão-mór Domingos da Costa Machado, seguiu para Portugal no anno de 1619, em cujo governo encontrou a reparação das desattenções de que foi victima, sendo bem significativas e assás honrosas á sua pessoa, as palavras seguintes da Carta Regia de 20 de Maio de 1622 que lhe conferiu a commenda de Christo; *por benemerito e digno de ser remunerado na dita ordem e ajudado nos bens della.*

Nomeado governador da capitania da Parahyba, por patente regia de 9 de Agosto de 1622, com o posto de capitão-mór, Antonio de Albuquerque voltou ao Brazil, e tomou posse do governo que lhe fôra confiado, e posteriormente pelos serviços prestados no desempenho desse cargo, El-Rei lhe fez mercê de 100,000 annuaes em quanto servisse no dito governo, por Alvará de 10 de Junho de 1627, independente do ordenado que lhe era relativo, *sem embargo da Ordenação do livro segundo, titulo quarenta, que dispõe o contrario.*

Governava já Antonio de Albuquerque a capitania da Parahyba a doze annos, quando os hollandezes resolvem a sua tomada, pela vantagem e conveniencia que resultaria, por ficar entre o Rio Grande do Norte e Itamaracá, já então sob o seu dominio; e para esse fim parte do porto do Recife uma frota composta de 29 navios, tendo a seu bordo 2354 soldados, e a 4 de Dezembro de 1634 apparece em frente do Cabo-Branco e já com a tropa prompta para o desembarque. A's lanchas e barcaças tripoladas pela tropa, seguindo-as um patacho, tomaram a direcção do

ponto em que se achava Antonio de Albuquerque á frente das suas tropas; mas o patacho em vez de as acompanhar, entra na enseada de Jaguaribe, e começa a disparar sobre a terra, emquanto as outras embarcações seguiam direito o seu rumo, o que vendo a gente da enseada corre á reunir-se ao governador.

Mas de repente cessa o fogo do patacho, e a um signal convencionado as lanchas e barcaças voltando a prôa para a enseada effectuam o desembarque, e quando Antonio de Albuquerque conhece do estratagemas, e volta á impedir-lhes o passo, já achou as tropas inimigas formadas em trez columnas, tendo á frente de cada uma dellas uma peça de campanha.

Antonio de Albuquerque faz alto com a sua gente, cujo numero constava apenas de 500 homens, e destaca uma companhia para observar pelo matto os movimentos do inimigo; mas em breve se vê atacado, e apesar da desigualdade das forças de que dispunha, os nossos soldados sustentaram bizarramente o fogo por algum tempo, até que viram-se forçados a abandonar o campo em retirada.

Antonio de Albuquerque concentrou então toda a gente que pode reunir na fortaleza do Cabedello, fortificou-se convenientemente, e tomou outras providencias necessarias á situação.

Assediada a fortaleza pelo exercito inimigo, cahe em seu poder doze dias depois, e vencidos os outros pontos fortificados que oppunham resistencia á marcha para a cidade, os inimigos occupam-na finalmente a 24 de Dezembro de 1634.

Antonio de Albuquerque, partindo da ermida da Guia, onde se achava acampado, para a capital afim de a defender como pudesse, recebe em caminho a noticia da sua occupação pelos hollandezes, e então resolvendo firmar-se em algum ponto que pela sua posição os pudesse encomodar, acampou perto do engenho de Duarte Gomes da Silveira, mas no dia seguinte parte em demanda de um outro ponto que melhor se prestasse aos seus intuitos, e esta ultima tentativa fez elle no engenho de Antonio de Valadares, que ficava dez legoas pela terra á dentro, o qual convenientemente fortificado offerencia uma optima posição.

No entretanto, dispondo de pouca gente, sem meios de defesa e resistencia ao inimigo, vendo perdidas todas as suas posições, encontrando má vontade da parte dos mo-

radores em o ajudar, Antonio de Albuquerque viu-se obrigado a evacuar o paiz, e no dia 31 de Dezembro de 1634 pôe-se em marcha para Pernambuco, seguido do resto do seu pequeno exercito e de algumas pessoas que não se quizeram sujeitar ao dominio hollandez.

Dirigindo o governo da capitania da Parahyba por espaço de doze annos, em cujo cargo os seus serviços foram innumerados e grandiosos, quer como administrador, quer como militar, Antonio de Albuquerque vê-se forçado pelas circumstancias a abandonar o seu posto de honra, quando se haviam esgotado todos os recursos ou outro qualquer meio de que podesse lançar mão. Partindo para Pernambuco, em longa travessia d'ahi até ao Cabo de Santo Agostinho, reuniu-se ao nosso exercito sob o commando de seu primo o general Mathias de Albuquerque, tomou parte nos ultimos movimentos que se deram, e depois em 1635, seguiu para a Bahia, d'onde embarcou para Portugal.

Empreendendo uma viagem á Hespanha, ahi se achava em 1640, quando os portuguezes deram o grito de independencia. Regressando a Portugal em Agosto de 1648, achou embargado o rendimento das suas commendas, attribuindo-se-lhe sentimentos pouco generosos como partidario da causa da Hespanha, mas justificando-se plenamente, pôz a salvo a sua reputação, e conseguiu a restituição das suas rendas por Alvará de 12 de Maio de 1649.

Fixando-se definitivamente na cidade de Lisbôa, ahi casou com D. Joanna Luiza de Castello Branco, filha de D. João de Castello Branco, da opulenta e illustre casa dos merinhos môres do Reino. Do seu consorcio teve Antonio de Albuquerque dous filhos; D. Antonia Maria de Albuquerque, que falleceu sendo religiosa do mosteiro da Madre de Deus de Xabregas, e Affonso de Albuquerque, que embarcando em 1671 para o Brasil em companhia do governador Affonso Furtado de Mendonça, falleceu na altura desta provincia.

Antonio de Albuquerque Maranhão falleceu em avançada idade na cidade de Lisbôa, pelos annos de 1667, rico, conceituado e nobilitado pelos seus serviços á causa publica, e pelos seus feitos na vida militar, tendo por padrão das suas glorias, a conquista do Maranhão do poder dos francezes, e a guerra da invasão hollandeza na Parahyba e em Pernambuco, por cujos serviços, teve como premio o fôro de fidalgo cavalleiro da casa real, as commendas

de Santo André de Ervedal e da ilha de Porto Santo, da Ordem de Christo, e os títulos de conselho e cavalleiro dessa mesma ordem, em cujo gráo professou, além de algumas doações de grandes lotes de terra, nas conquistas do Maranhão e Rio Grande do Norte.

Antonio de Andrade Luna. Natural da freguezia da Boa-Vista, filho legitimo de Francisco de Salles Rego e D. Francisca Xavier de Andrade, nasceu fóra das grandezas que ostentam os eleitos da fortuna, mais no seio da mais honrada pobreza.

Educado modesta e cuidadosamente segundo as circumstancias de seus paes, dedicou-se á vida ecclesiastica, professou a regra da religião de S. Francisco no convento da villa de Iguarassú, e fez os estudos do seu noviciado no collegio da sua Ordem, assumiu ao sacerdócio, e tomou o nome religioso de Frei Antonio da Conceição.

Acabava então de ser decretada a Lei da creação dos Cursos Juridicos de S. Paulo e Olinda, e no anno de 1828 quando este começou a funcionar, Frei Antonio da Conceição foi um dos trinta e oito primeiros estudantes matriculados, e a par de Euzebio de Queiroz, Ferreira de Aguiar, Nunes Machado, Loureiro, Padre Rodrigues de Araujo, e outros que subiram depois ás mais altas posições, cursou os cinco annos da academia; e recebeu em 1833 a laurea de bacharel em sciencias juridicas e sociaes, e posteriormente defendendo theses dessas mesmas sciencias, lhe foi conferida a borla e o campello de doutor.

Annos decorridos, e por motivos que lhe sobrevieram, viu-se forçado a deixar o claustro da sua ordem, e secularizou-se, passando então a uzar de novo do seu nome primitivo, Antonio de Andrade Luna.

Dedicando-se inteiramente ao estudo da jurisprudencia, dotado de um talento superior, illustrado em gráo elevadissimo, o Dr. Andrade Luna conquistou tão grandiosos titulos de saber, que era apontado como um dos mais notaveis jurisconsultos do imperio.

Fazendo uma viagem ao Rio de Janeiro, o seu merecimento e o seu talento deram ainda maior realce ao seu nome, e mereceu o honroso despacho de inspector da Thezouraria de Fazenda da provincia das Alagôas, em cujo emprego, « elle desenvolveu a toda a prova o seu raro talento, e desempenhou com intelligência, circumspecção e inteireza as funcções que lhe eram inherentes. »

Assaltado infelizmente de uma terrivel molestia, arruinada seriamente a sua saude, o Dr. Andrade Luna vê-se forçado a deixar o exercicio do seu cargo, e parte para a sua terra natal em busca de alivio aos seus males, e aqui foi recebido com as atenções e provas de afeição condignas do seu character e elevados merecimentos.

Recobrando nos ares da patria e no seio da familia e dos amigos a sua saude tão seriamente ameaçada, obtem consideravel melhora em seus padecimentos, pediu demissão do cargo que exercia, fixou residencia no Recife abriu banca de advogado, em cuja profissão o seu robusto talento e profundos conhecimentos, conquistaram-lhe um nome respeitavel e merecida fama, fama esta que o apregoava, um dos ornamentos mais brilhantes do fóro desta cidade.

Não era, porem, a jurisprudencia o exclusivo estudo a que se dedicava o Padre Dr. Antonio de Andrade Luna. As bellas lettras, a litteratura e a poesia, mereceram tambem o culto da sua dedicação e aprofundados estudos. Mas o que nos resta dos productos do seu talento, dos fructos dos seus estudos e locubrações, e dos seus numerosos trabalhos quer sobre direito, quer sobre litteratura?

Em 1824, ainda religioso, vivia o Dr. Andrade Luna no seu convento do Recife, quando rompe a revolução patriótica que proclamou a republica separatista sob a denominação de Confederação do Equador, e ainda que não fosse elle um dos activos batalhadores dessa idéa, « fazia votos pela liberdade de sua provincia, que elle suppunha ameaçada. » Venceu porém, a despeito do nobre e generoso esforço dos patriotas pernambucanos, a causa imperialista, e viram-se rolar do alto dos patibulos, as cabeças dos mais illustres martyres da liberdade brasileira.

E depois dos vencedores entoar os hymnos da victoria, e de tingir as suas mãos no sangue dos seus irmãos vencidos, não se pejaram quasi todos, de ornar os peitos das suas fardas, com as insignias das nossas mais honrosas condecorações, conferidas em remuneração aos serviços de tão nobre empresa! Então, o illustre patriota Frei Antonio da Conceição vibra indignado a sua lyra, e mimosea a esses brasileiros com estes versos :

Quando os sec'los das trevas dominavam,
Das cruces os ladrões se penduravam ;
Hoje domina o seculo das luzes,
Pendientes dos ladrões andam as cruces.

Eis, pois, o que nos resta do muito que produziu nos

diversos ramos dos conhecimentos humanos o Dr. Antonio de Andrade Luna, cujos trabalhos, se os tivesse dado publicidade, se ao menos existissem e se soubesse do seu destino, constituiria um monumento mais solido ás suas glorias e ao seu nome, e muito contribuiriam á maior riqueza e esplendor da nossa litteratura patria.

O Dr. Andrade Luna, ainda que obtivesse melhora consideravel dos males que o affligiam, ficou porem com a sua saude seriamente compromettida, e por bem pouco tempo gosou dos fructos que lhe prodigalisava a nobilissima profissão de advogado, porque reapareceram os seus antigos soffrimentos, e tão fortemente o acommetteram que o prostrou no leito de dores. Então, recolheu-se de novo ao convento da sua Ordem, e pelo amor que lhe consagrava deixou o seculo em que vivia, e quiz morrer nos claustros do convento de Santo Antonio do Recife, servindo-lhe de mortalha e habito do grosseiro burel dos seus religiosos.

E poucos dias sobreviveu nesta habitação de paz e de contemplação, porque o mal zombando de todos os cuidados da medicina e dos de seus irmãos religiosos, tão rapidamente se desenvolveu, que o prostrou sem vida. O Dr. Antonio de Andrade Luna, sabio e virtuoso sacerdote, morreu aos cincoenta annos de idade, e *os seus escriptos, o seu nome, e o seu amor á liberdade, victimas da ingratição dos seus contemporaneos, jazem com elle no tumulo.* O convento de S. Antonio do Recife, guarda os restos mortaes de tão illustre quão benemerito varão.

Frei Antonio dos Anjos. Natural da cidade de Olinda, professou no instituto da Ordem Franciscana no convento de Nossa Senhora das Neves, da mesma cidade, no anno de 1599.

Varão de eminentes virtudes e illustração, Frei Antonio dos Anjos gosava na sua ordem dos créditos, renome e acatamento que inspiram semelhantes predicados, em consideração do que, no capitulo da sua ordem, celebrado na provincia de S. Antonio de Lisboa, a 7 de Setembro de 1626, mereceu a eleição de Custodio do Brazil, de cujo e elevado cargo tomou posse em fins do anno seguinte.

Investido de semelhante dignidade, um dos primeiros cuidados de Frei Antonio dos Anjos foi visitar todos os conventos da jurisdicção da sua Custodia, attendendo, quer como virtuoso sacerdote, quer como exemplar prelado, a tudo que era conveniente á perfeição religiosa e fiel obser-

vancia da instituição. Em 1627 abriu um curso de estudos no convento de Olinda, o qual por motivos da invasão hollandeza foi terminado no da Bahia, e empregando todos os meios á seu alcance no intuito de elevar a sua ordem ao maior gráo de esplendor e prosperidade possiveis, promôveu a fundação de novas casas conventuaes afim de propagar e desenvolver a religião catholica, e teve a gloria de ver os seus esforços coroados do mais auspicioso exito, fundando em 1629 o convento da Villa Formosa de Serinhãem, e em 1630 o de Sergipe do Conde no Reconcavo da Bahia.

No meio porem da sua obra, «quando seu coração se possuia de acrysolado prazer pelos progressos que ia alcançando a sua ordem com a fundação de novas casas, uma tempestade medonha veio interromper os seus anhelos, trazendo a turbação e os perigos aos seus religiosos.» A 15 de Fevereiro de 1630 surgiu em frente á cidade de Olinda a armada hollandeza, na noite deste mesmo dia desembarcam em Páo Amarello as tropas invasoras, em numero consideravel, e na manhã seguinte a velha capital pernambucana cahia sob o poder do audacioso inimigo,

Frei Antonio dos Anjos, á frente da sua phalange de religiosos, abandona o seu convento de Olinda e procura no refugio um asylo mais seguro; mas acompanhando ao exercito, em combate travado com o inimigo, não foge ao perigo que o ameaçava de todos os lados, e acompanhado dos seus religiosos, afronta todos os perigos, vóa aos pontos em que se travava a mais renhida peleja, anima os combatentes, falla-lhes em nome de Deus e da patria, presta-lhes os ultimos soccorros da religião, e assim conquista ás suas virtudes e saber, um nome heroico pelo seu patriotismo e civismo, cujo nome passou á posteridade pela honorifica menção da historia.

Immensos e grandiosos serviços prestou Frei Antonio dos Anjos a causa da patria e da humanidade na quadra afflictissima porque passou esta provincia por occasião da invasão hollandeza. Seguido sempre de seus companheiros de clausro, acompanhou o exercito em todas as suas evoluções de guerra, e jamais o abandonou no extremo perigo em que se vio.

O General Mathias de Albuquerque, commandante em chefe das forças pernambucanas, em um documento firmado aos 20 de Agosto de 1635, narra nas seguintes palavras os serviços, dedicação e heroismo desses soldados da milicia de Christo:

«Certifico que vindo no mez de Fevereiro do anno de 1630 sobre o porto e villa desta capitania de Pernambuco, uma mui poderosa armada hollandeza, o Padre Custodio de S. Francisco, Frei Antonio dos Anjos, que era então, com muitos religiosos de sua ordem, acudiram á praia, as trincheiras e aos baluartes a confessar e animar os soldados e gente da terra, para que sustentassem as ditas trincheiras e baluartes, onde assistiram até de todo serem rendidas. E vindo nós para o Recife, vieram tambem os religiosos da dita ordem, alguns dos quaes foram assistir no forte do Mar á confessar, e no de terra (S. Jorge) fizeram o mesmo officio até de todo serem rendidos: e fazendo eu arraial no sitio de Parnameirim, para nelle formar uma fortificação, como formei, em que me defendesse do inimigo, os ditos religiosos se retiraram, e dentro do forte fizeram um oratorio, no qual sempre assistiram de seis religiosos para cima, dizendo missa no dito oratorio e administrando os Sacramentos da confissão e sagrada communhão, e fazendo sermão quando era necessario, com muita pontualidade; e tres annos contínuos os ditos religiosos foram dizer missa ás estancias dos Afogados e Salinas e todas as mais, e nellas administrando os sobreditos Sacramentos com a mesma pontualidade e deligencia: e em todos os rebates e assaltos que tivemos com os inimigos se acharam presentes os ditos religiosos, em companhia dos nossos soldados, animando aos sãos e confessando os feridos com mui grandes trabalhos e riscos, e assistiram no seu oratorio e no arraial, prestando os mesmos officios até o dia 9 de Junho de 1635 em que se rendeu o dito arraial.»

Frei Antonio dos Anjos acompanhou então a sorte dos vencidos, a sorte da adversidade. Depois de immensos trabalhos e sacrificios, dos tormentos porque passou, vendo sangrar-lhe o coração a cada momento pelo supplicio e martyrio de seus companheiros, victimas do odio e do ferro cruento dos inimigos, e quando viu, apezar da heroica dedicação e tenaz resistencia dos seus compatriotas, o inimigo assenhoriado da terra da patria, seguiu para Portugal, recolheu-se ao convento de S. Antonio de Lisboa, e pouco tempo sobrevivendo, ahi terminou os seus dias.

Frei Antonio dos Anjos foi o 11.º Custodio que teve a religião Serafica no Brazil, titulo que nessa epocha conferido a um brasileiro, significava eloquentemente o seu merecimento as suas virtudes e a sua sabedoria.

Antonio Augusto de Araujo Torreão. Nasceu aos 25 de Março de 1845, e era filho legitimo do Dezembargador Basilio Quaresma Torreão, um dos martyres da revolução de 1817, e de sua consorte D. Josepha de Araujo Torreão.

Acompanhando seu pae, então juiz de direito, removido para a provincia do Rio Grande do Norte, ahí estudou primeiras letras o jovem Araujo Torreão, e passando-se depois com seus paes ao Maranhão encetou o curso de humanidades, o qual foi aperfeiçoar e concluir na cidade do Rio de Janeiro, para onde seguiu em companhia de seu avô, com o fim de matricular-se na Academia de Marinha, sendo reconhecido aspirante a 28 de Fevereiro de 1861, aos dezeseis annos de idade.

Araujo Torreão, na phrase de um seu biographo, cultivava com amor as bellas letras e a muzica; mas sua vocação ardente era a marinha; no curso da respectiva escola distinguiu-se, conquistou louros e á 26 de Novembro de 1863 foi promovido á guarda marinha em Dezembro do mesmo anno seguiu para a Europa na corveta *Bahianna* em viagem de instrucção, e de volta em Outubro de 1864, fez exame da pratica de navegação, completando assim os seus estudos regulares de official de marinha.

Promovido a guarda marinha, rico de instrucção, alma ardente e enthusiasmada, Araujo Torreão terminou os seus estudos em uma epocha que abria largos, vastissimos horisontes á conquista de glorias e renomes de fama e de immortalidade; o Brazil acabava de apanhar o cartel de desafio que lhe arremeçara a republica do Paraguay.

O Brazil invocando o patriotismo dos seus filhos, a honra e a dignidade nacionaes ultrajadas pelo despota Solano Lopez, bradavam vingança, e os brios nacionaes pediam a sua desafronta. A guerra estava chamando os bravos á peleja, o governo apanhado de improvisado pela guerra do Paraguay, sem exercito nem marinha, começou a improvisar um exercito de voluntarios, e a organizar uma armada empregando os seus velhos e arruinados navios, e assim abriu a serie de brilhantes operações dessa guerra famosa, cujos feitos de arrojado patriotismo e valentia, tanto exaltou e nobilitou o seu nome.

Quando o vapor de guerra *Mearim* partio do porto do Rio de Janeiro, Araujo Torreão, radiante e enthusias-

mado sonhando já os louros da victoria, partiu a se incorporar á esquadra brasileira em operações no Rio da Prata.

Chegou o dia terrível de Riachuelo, na phrase de um historiador; terrível, mas de heroicidade e de gloria para a marinha brasileira. Na madrugada do dia 11 de Junho de 1865, desce de Humaytá a esquadra paraguaya composta de oito vapores e oito chatas, bem guarnecidos e artilhados, e pela manhã surgem em Riachuelo onde se achava fundeada a esquadra brasileira.

A esquadra paraguaya descendo rio abaixo, toma posição favoravel, cercam os nove vasos de guerra de que se compunha a nossa frota, contra os quaes quarenta peças de artilharia assestadas na barranca do rio, arrojam a destruição e a morte.

Atacados os nossos vapores com furor e desespero, desconcertados os paraguayos por vel-os ahi postados á impedir-lhes o passo, trava-se horrível e sanguinolenta batalha, a mais horrível, porem a mais notavel e sanguinolenta das que se tem ferido sobre as aguas do Paraná.

E' horrorosa a batalha diz o Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo: o *Jequitinhonha* encalhado fez-se alvo de torrente de balas: o *Parnahyba* tem seu tombadilho inundado de sangue e coberto de cadaveres de heróes, e antes que o *Amazonas* em um inaudito arrojio venha decidir a acção quasi perdida, os outros vapores brasileiros batem-se desesperados contra tentativas de abordagem.

No pequeno vapor *Mearim* o commandante, os officiaes, e a guarnição ostentava galharda valentia e habil manobra, pelejando brilhantemente, e livrando-se da abordagem; mas no meio de tantos bravos distingue-se o jovem guarda marinha Araujo Torreão pelo entusiasmo e pericia, com que commanda uma peça de artilharia: impavido, quasi risonho, e com olhos flammejantes, sua voz sôa firme e electrizadora, gritando — fogo!...

A peleja continua horrível e heroica, o *Parnahyba* abordado, offerecia um espectaculo de horrível carnificina, brasileiros e paraguayos, batem-se como heróes, como leões, quando Barroso, aprôa a corveta *Amazonas* sobre os vasos inimigos, trez vão a pique, aprisiona uns e os outros deixam o campo da batalha destroçados e fogem agua acima.

E nessa peleja, o *Mearim* no seu posto de honra, batia-se galharda e intrepidamente; e no furor da luta, cahe aos pés do bravo Torreão, morto por uma bala ini-

miga, o chefe da peça que elle commandava. Torreão lança-se immediatamente sobre ella, substitue aquelle marinheiro que acabava de cahir sem vida na defesa da honra de sua patria, e no momento em que tapava o ouvido da peça para nova carga, vòu outra bala dos navios paraguayos, decepa-lhe a mão e o fere mortalmente.

O bravo Torreão na phrase inspirada do illustre Dr. Macedo, cahe sobre a culatra da peça, bradando ainda — fogo!... seu sangue cahe em jorro das arterias, e pouco depois expira, murmurando: — Patria..... Nem teve a consolação de saudar a grandiosa victoria da patria em Riachuelo.

Assim morreu heroica e gloriosamente o bravo guarda marinha Antonio Augusto de Araujo Torreão, aos vinte annos de idade, bem jovem ainda, quando começava a desvendar-se ante seus olhos, um futuro esplendido, e immensamente grande. Não ouviu o entoar dos hymnos festivos da patria victoriosa, mas a patria agradecida tecelhe a epopéa de heróe, e inscreve o seu nome immortal e glorioso, nas paginas dos seus annaes.

Antonio Cavalcante de Albuquerque. Nasceu em Olinda, a velha capital de Pernambuco, Manoel Gonçalves Cerqueira, cavalleiro do habito de Christo e sua esposa D. Isabel Cavalcante, foram os seus progenitores. Era neto paterno de Pedro Gonçalves Cerqueira, fundador da capella de Santa Catharina da Misericordia de Olinda, e D. Catharina Friellas; e materno de Antonio Cavalcante de Albuquerque e D. Isabel Gonçalves, todos de nobre ascendencia, e da mais illustre familia de Pernambuco.

Antonio Cavalcante de Albuquerque, era sem duvida muito creança ainda na epocha da invasão hollandeza nesta provincia em 1630, pois o seu nome não figura na historia dessa guerra cruenta e gloriosa; mas o troar dos canhões e da mosquetaria, e os hymnos das victorias, embalaram sem duvida o berço daquelle que mais tarde devia ser a alma, o iniciador dessa revolta patriótica e audaz, que libertou o solo da patria da occupação estrangeira.

Ao governo benefico, illustrado e animador do conde Mauricio de Nassau, succedeu o despotismo e as perseguições de toda a sorte praticadas pela soldadesca desenfreada e apoiada pelo obscuro governo que a tão illustre administrador succedera. Concebê-se o plano da revolta, a esperança fagueira da liberdade da patria, a santidade

dessa causa, a todos illumina e alenta. Mas, quando apenas predispunham-se os animos, e traçava-se o plano da revolta, uma denuncia é enviada ao governo hollandez, declinando os nomes dos conspiradores, o plano adoptado, tudo finalmente.

Na noite de 12 de Junho de 1645, partem furtivamente do Recife diversas partidas de tropa hollandeza com o fim de cercar as casas dos principaes conjurados indigitados, que eram Antonio Cavalcante, João Fernandes Vieira e outros, todos moradores e proprietarios de diversos engenhos da freguezia da Varzea, e prendel-os, para assim abortar aconspiração que, segundo a denuncia dada ao Supremo Conselho Hollandez, devia romper no dia seguinte.

Auxiliados pela escuridão da noite chegaram os hollandezes ao seu destino, procederam a minucioso varejo, mas Antonio Cavalcante assim como os seus companheiros de rebellião não foram encontrados, porque conhecedores da denuncia, refugiaram-se nas mattas.

Descobertos pelos hollandezes, pizeram-se os revoltosos em campo, e reunidos em S. Lourenço da Matta, aos 13 de Junho de 1645 no engenho de Luiz Braz Bezerra, deram o grito da revolta que restaurou o paiz do dominio hollandez.

Antonio Cavalcante, foi um dos chefes proclamados por seus companheiros. Tres dias depois, dentro das mattas, no oiteiro do Bezerra, fez-se a resenha da tropa, e apenas achou-se cento e trinta homens, bem mal armados!

D'ahi partiu Antonio Cavalcante a frente do seu exercito para Camaragibe, onde acampa, afim de expedir-se communicações aos demais conjurados, e organisar-se a tropa mais regularmente.

Fernandes Vieira, adoptou então para si o titulo — *de capitão-mór e governador da guerra*, e as vezes *da liberdade divina*; Antonio Cavalcante nada reservou para si, senão a gloria de ver em breve restaurada do jugo estrangeiro a sua cara patria, e embora alguns escriptores tentassem marear a sua gloria, indigitando-o como cabeça de uma revolta contra Fernandes Vieira, comtudo, o seu nome, os seus esforços pela causa da patria, põe-no a salvo de qualquer duvida.

Na primeira batalha ferida nos montes Tabocas, o prologo dessa guerra gloriosa, esplendida pagina de nossa historia, Antonio Cavalcante foi um dos herões desse feito de armas, conquistou immorredouros louros.



Depois de tão esplendida victoria, o exercito restaurador deixou os montes das Tabocas, e seguiu para o sul, e então, unindo-se as tropas de Henrique Dias e Camarão, foi accordado entre os chefes que se destacasse uma parte da força para o norte e do seu commando foi incumbido o capitão-mór Antonio Cavalcante, que gostosamente sem duvida accitou esta commissão, por se achar em desharmonia com Fernandes Vieira.

Antonio Cavalcante partiu do engenho Gurjaú, onde então acampou o exercito com uma força de 150 homens. Chegando a Iguarassú, ahi deteve-se algum tempo, e depois seguiu para Goyanna, onde terminou os seus dias, mysteriosamente. Os amigos de Vieira, diz Varnhagem, chegaram a accusar a Cavalcante de intenções perfidas, como a de haver pretendido descartar-se d'elle por qualquer meio, sem omittir o da propinação de veneno; mas o que é sem duvida, é que foi Cavalcante quem logo depois de separar-se, perdeu a vida, em Iguarassú; e as cruéis accusações que lhe fizeram ainda depois da morte, os seus inimigos, deixam essa morte envolvida em certo mysterio.

E' que Fernandes Vieira temia-se de Antonio Cavalcante, pelo prestigio de sua numerosa familia, pelos seus titulos de nobreza, por sua fortuna e ascendente, que lhe offuscasse o seu brilho, e oppozesse diques aos seus planos ambiciosos, de elevação e de grandeza.

E' um ponto duvidoso da historia, digno de ser elucidado; a intervenção de Vieira na iniciação, no plano, na idéa da restauração de Pernambuco do dominio hollandez. Antonio Cavalcante, firmando-nos nas duvidas de alguns historiadores, e na affirmação clarissima de um escriptor consciencioso e de criterio, Antonio José Victoriano Borges da Fonseca, é incontestavelmente sobre quem recae toda a gloria dessa nobre e gigante empreza.

Ouçamos este escriptor na sua *Nobiliarchia Pernambucana*:

«Antonio Cavalcante de Albuquerque, a quem chamaram o da guerra, e a cuja idéa devemos a restauração de Pernambuco, da qual foi executor João Fernandes Vieira, ou por mais rico, ou por mais feliz, o que digo por ter visto varios documentos antigos que me tiraram do embaraço que poderá causar a posteridade e lisonja, que ditou muitos periodos do rustico ainda que Valeroso Lucideno, e a maior parte do Castrioto Lusitano, chegando a dependen-

cia até onde podia chegar o odio no character que lhe fizeram estes autores. »

Em outro lugar, diz ainda esse escriptor o seguinte, tratando de Antonio Cavalcante:

« Foi um homem de grande juizo, e aos seus prudentes conselhos deveu João Fernandes Vieira a resolução de restaurar Pernambuco, supposto que por particulares razões, se desuniram, e em obsequio deste, fizeram os criticos da nossa terra menos gloriosa a sua memoria.»

A morte de Antonio Cavalcante, envolve-se em um insondavel mysterio; a sua memoria amesquinhada, o nome de traidor que lhe dá Frei Raphael de Jesus no seu Castrioto Lusitano, obra escripta sob as inspirações de Vieira, na qual é endeosado, tudo isto é expressivo, é significativo mesmo, digno de um estudo serio e escrupuloso.

Fique pois registrado o nome desse pernambucano illustre, cujas glorias usurpadas lhe serão um dia restituídas pelos rectos juizes do tribunal da posteridade, proclamando-o — o heroico iniciador da generosa e magnanima idéa da restauração de Pernambuco do dominio hollandez.

Antonio Cavalcante de Albuquerque morreu obscuramente em Agosto de 1645, sem ver raiar a almejada aurora da liberdade no horizonte de sua patria. Os historiadores que escreveram apaixonada e parcialmente sob as inspirações de Fernandes Vieira, nem ao menos uma palavra de sentimento dispensaram a memoria desse patriota e distincto cidadão, que pelos seus serviços mereceu o fôro de fidalgo da casa real; pelo contrario, Frei Raphael de Jesus, tratando de sua morte, ainda que sem mencionar o seu nome, diz que — « uma pontada lhe tirou a vida, porque morresse da malignidade de que a traição se alimentava em seu peito, successo que adiantamos ao tempo, por não deixarmos a ponta deste fio sem nó.»

Sim, o tempo reivindicará as glorias e o renome desse illustre pernambucano, tão vilmente usurpadas!

Antonio Coelho de Sá e Albuquerque. Filho legitimo do commendador Lourenço de Sá e Albuquerque e D. Marianna de Sá e Albuquerque, nasceu na freguezia de Muribeca, no engenho Guararapes propriedade de seus paes, aos 18 de Outubro de 1821.

Recebendo dos mesmos esmerada educação, fazendo com aproveitamento e vantagem o curso preparatorio, Sá

e Albuquerque já aos 17 annos o havia concluido, e matriculando-se na Academia Juridica de Olinda em 1838, 5 annos depois recebeu o premio das suas lides academicas, conferindo-lhe a mesma Academia o gráo de bacharel em sciencias juridicas e sociaes no anno de 1842.

Genio iniciador e perspicaz, laborioso e intelligente, estudioso cujos fructos asseguravam o gráo de illustração que ainda tão moço ostentava, Sá e Albuquerque atirou-se á vida publica com interesse e actividade, desenvolvendo em todas as missões de que fôra incumbido, a sua intelligencia e illustração, o seu genio laborioso e investigador. Nomeado interinamente procurador fiscal da Thesouraria Provincial por portaria da presidencia de 26 de Fevereiro de 1844, foi posteriormente incumbido do cargo de director geral da instrucção publica por portaria de 14 de Novembro de 1853, dizendo então um jornal que por esse tempo se publicava nesta capital, que os seus reconhecidos talentos, a sua illustração e probidade, eram garantias mais que sufficientes da excellente escolha que acabava de fazer o governo para tão importante cargo.

Ainda que por pouco tempo exercesse o cargo de director geral da instrucção publica desta provincia, pois em Abril de 1856 pediu e obteve a sua exoneração, com tudo, prestou valiosissimos serviços no desempenho desse importante ramo de serviço publico confiado ao seu zelo e patriotismo, deixando no relatorio que em 30 de Janeiro de 1854 apresentou á presidencia, o qual corre impresso, uma prova incontestavel de tudo isso, pelas suas theorias, pelo desenvolvimento e vantagem da propagação e derramamento da instrucção por entre o povo, pelas novas idéas e reformas que propoz, e pelos subsidios estatisticos que apresentou do estado em que então se achava o ensino publico nesta provincia.

Em 1853 Sá e Albuquerque mereceu dignamente dos seus conterraneos a conferencia de um logar no seio da representação nacional, e occupando honrosa e patrioticamente no parlamento uma cadeira de representante da sua provincia natal, o seu merecimento e serviços conquistaram-lhe successiva eleição desde aquella legislatura até 1864, quando lhe foi conferido um outro mandato mais honroso e significativo, a inclusão do seu nome em uma lista triplice offerecida a corôa para a escolha de um senador pela provincia de Pernambuco; e recahindo sobre

o seu nome a escolha imperial por Carta de 18 de Outubro de 1864, tomando posse no dia seguinte.

Na alta administração do paiz, Sá e Albuquerque representou um papel importantissimo, não só pelas diversas e honrosas missões de que foi incumbido pelo governo imperial, como pelo seu desempenho sempre cercado do mais satisfatorio e cabal resultado, apregoando os seus merecimentos de administrador zeloso e intelligente, as presidencias das provincias do Pará, Maranhão, Ceará, Parahyba, Alagoas e Bahia, e finalmente nomeado para a do Rio Grande do Sul, deixou de acceitar por haver sido incumbido da direcção da pasta do ministerio dos Estrangeiros por acto de 27 de Outubro de 1866.

Occupando anteriormente a pasta do ministerio da Agricultura por nomeação de 24 de Maio de 1862, o conselheiro Sá e Albuquerque conquistou novos titulos de merecimento, e exaltou o seu nome e as suas glorias de estadista no desempenho do novo cargo de ministro dos Estrangeiros que lhe confiára o governo imperial, bastando para immortalisar o seu nome a gloria que lhe coube de representar o memoravel Decreto de 7 de Dezembro de 1866, que abriu a todas as nações amigas a navegação dos rios Amasonas, Tocantins, Tapajós, Madeira, Negro e S. Francisco, cuja abertura solemne teve lugar no dia 7 de Setembro do anno seguinte.

O conselheiro Sá e Albuquerque na administração das provincias que lhe foram confiadas, empenhou-se especialmente sobre o desenvolvimento de dous dos mais excensiaes elementos da nossa vida e engrandecimento: a agricultura e a instrucção publica. Promovendo os seus mais palpitantes melhoramentos materiaes, desenvolvendo idéas e projectos relativos a sua pratica nos diversos relatorios apresentados as respectivas Assembléas Provinciaes, percorrendo o interior das provincias, para vêr por si proprio o que era preciso providenciar, recto e zeloso do cumprimento e desempenho dos cargos que dirigia, o conselheiro Sá e Albuquerque conquistou a consideração e gratidão dos seus governados, cujo nome veneram, cuja memoria exaltam e engrandecem.

Os Alagoanos, diz a Camara Municipal do Penedo em uma felicitação que lhe dirigiu em 18 de Dezembro de 1854; os Alagoanos rendem graças a Providencia por ter illuminado o governo imperial na escolha que fez da pessoa de V. Exc. para presidente desta provincia, e esta comarca

anhela seja a administração de V. Exc. por duradouros annos.

O grande incremento que deu a agricultura quando presidente da Parahyba, é expressado por estas palavras de gratidão e reconhecimento que lhe foram dirigidas em uma felicitação: a V. Exc. coube a gloria de arrancar-nos da antiga rotina tão defeituosa e nociva, a V. Exc. coube ainda a gloria de melhorar outros ramos da agricultura, como o fez, introduzindo no fertil solo parahybano os arados de ferro para a cultura da canna, mandando buscar á outras provincias mais puras sementes agricolas. A V. Exc. pois, deverá sempre a agricultura desta provincia os grandes beneficios que acaba de receber, e folgamos de asseverar, que, os nossos comprovincianos bem dirão sempre o nome de V. Exc.

Não menos honrosas e significativas foram as provas de distincção e gratidão que lhe prodigalisaram as outras provincias que dignamente dirigiu, e a successiva nomeação de uma para outra, a missão elevadissima de ministro da corò, exercendo os cargos de ministro da agricultura e estrangeiros, a sua escolha senatorial, os titulos de conselho e commendador da Ordem da Rosa, e outros que lhe foram conferidos, são assás eloquentes, e manifestam o seu elevadissimo merecimento, os seus grandiosos serviços e o zelo e patriotismo que caracterisavam todos os seus actos no desempenho dos mandatos que lhe foram confiados.

Dirigia o conselheiro Sá e Albuquerque a pasta dos negocios Estrangeiros, quando terrivel enfermidade o acommetteo. Obtendo permissão do governo imperial para ausentar-se da côrte, veio procurar melhora dos seus soffrimentos em sua provincia natal, mas infelizmente não poudo vencer a sua distancia, e veio a succumbir a bordo do vapor *Paraná* que o transportava, ainda em meia viagem, em frente á provincia da Bahia. Apenas fundeado o vapor, e chegada a terra a noticia do seu fallecimento, o presidente da provincia mandou dar a salva que a cathgoria do illustre finado demandava, e a fortaleza do Mar incumbida desse mister, salvou de quarto em quarto de hora, até a sahida do paquete; fecharam-se as repartições publicas, os navios surtos no porto, casas consulares e outras estações estavam com os pavilhões em funeral, e como que um véo de tristeza cobriu a cidade de S. Salvador da Bahia.

Embalsamado o seu cadaver, veio para esta provincia, e foi sepultado no cemiterio publico do Recife, sendo-lhe tributadas todas as honras inherentes aos seus titulos e elevada posição. O conselheiro senador Antonio Coelho de Sá e Albuquerque, falleceu aos 22 de Fevereiro de 1868, aos 47 annos de idade, e no exercicio do cargo de ministro e secretario de estado dos negocios estrangeiros, victima do seu dever, pois a sua vida foi totalmente consagrada ao serviço do seu paiz, e o seu passamento foi uma perda sensível para esta provincia, pois era um de seus filhos mais distinctos, e cujo character honesto grangeára apreço e geral estima.

Antonio Coelho de Sá e Albuquerque, diz o *Jornal do Recife* em um artigo edictorial, desce á campã fria adornado de grandes e bons serviços ao paiz. O Decreto de 7 de Dezembro de 1866, que consagrou o principio da liberdade dos rios, só por si bastaria para immortalisar-lhe o nome; mas elle não se recommendava somente como estadista perspicaz e atilado, como administrador esclarecido, zeloso e incansavel; era tambem um bello character generoso, affavel, cheio de pundonor, de altivez e dignidade. Sá e Albuquerque teve uma alta e quiçá penosa missão de cumprir, e cumprio-a de um modo honroso, tão honroso, nobre e cavalheiroso, em verdade, que nem mesmo o inimigo politico o mais sanhudo e rancoroso ousaria exprobar-lhe com fundamento um acto se quer que a moral reprove ou condemne, e não lhe tenha sido ditado pelas conveniencias publicas. Aquillo que a rasão de estado lhe prescrevia, elle o praticava embora lhe pesasse o coração. Nós, filhos desta terra, cujas entranhas parecem de certo tempo a esta parte eivadas de esterilidade, cerquemnos todos o tumulo de um pernambucano, que por algum tempo ainda estava destinado a retardar a decadencia da provincia. Choremos o fallecimento prematuro de um patricio, que, mesmo estendido no leito da dôr, dava á sua provincia natal todos os seus pensamentos.

No decurso do seu longo e cruel padecimento, os seus primeiros cuidados, quando do Rio de Janeiro chegavam os vapores do norte, não se voltavam para a familia ausente, para os amigos que tanto queria, a sua primeira pergunta era: *quantos soldados enviou Pernambuco para os campos de batalha?*... Era esta então a preocupação de todo o paiz; e para desafronta dos ultrages que lhe

cuspiram, o mais ardente desejo de Sá e Albuquerque, era que nenhuma provincia excedesse a Pernambuco no empenho glorioso de debellar o inimigo do Brazil. E' que elle nascera junto aos montes Guararapes, e nas veias corria-lhe o sangue dos Albuquerques.

Antonio Correia Seára. Nasceu aos 2 de Janeiro de 1802; quem foram seus paes, e em que localidade desta provincia viu elle despontar a luz da vida, a tradição historica não nos transmittiu os seus nomes, e nem nos indicou tal lugar; legou-nos porem a legenda dos seus feitos marciaes, a sua bravura e heroismo no campo das lutas em prol da independencia e da honra do Brazil, e a enumeração dos seus serviços prestados ao paiz, não só como militar, senão como cidadão.

Em 1817, quando Antonio Correia Seára abandonando a paz das escolas cursava as aulas de latim, rethorica e philosophia, e o general Luiz do Rego Barreto, governador desta provincia reorganisava o seu exercito, já creando novos corpos, como implantando a mais severa disciplina militar, e instruindo-os com repetidos e apparatusos exercicios no manejo das armas, despertou-se no animo do menino estudante a tendencia pela vida militar, e dominado por esta enthusiastica resolução, no primeiro de Agosto desse mesmo anno assentou praça como voluntario na divisão do general Luiz do Rego. Antonio Correia Seára, diz um seu biographo, não errou a sua vocação: o brilho que circunda o seu nome, participa dos clarões da aurora de nossa emancipação.

De simples soldado voluntario, galgou Seára o posto de Alferes, e em 1821, quando contava apenas quatro annos de praça e dezenove de idade, passou a tenente em virtude dos serviços prestados á independencia, no primeiro movimento politico que se deu nesta provincia nesse mesmo anno em Goyanna, afim de se fazer jurar as bases da decretada constituição. No anno seguinte o Brazil sacudindo o jugo de Portugal, firma a sua independencia, e para consolidal-a foi necessario lutar em algumas provincias. Mas o Brazil lutava pela sua liberdade, venceu, triumphou a sua causa, porque a causa da liberdade jamais será subjugada. A provincia da Bahia, ainda em poder das tropas portuguezas, reclamava o auxilio de suas irmães a libertarem-na do jugo que a prendia; e ao seu reclamo ellas não foram

surdas, e da divisão que partiu desta provincia fazia parte o joven tenente Antonio Correia Seára.

Os campos de Pirajá na Bahia, diz o seu biographo, viram-no desenvolver o seu genio militar, e a patria apontou para elle como um dos seus filhos, de que mais tinha a esperar. Por observancia á ordem hyerarchica, o posto de capitão lhe foi conferido; por observancia á ordem hyerarchica, dizemos nós, porque depois da batalha de 8 de Novembro de 1822 ficou patente, que, de posto muito mais elevado era elle capaz. A um tal soldado, porem, os postos se não deviam fazer esperar; e assim aconteceu.

Em 1824, quándo Manoel de Carvalho Paes de Andrade proclamou em Pernambuco a *Confederação do Equador*, Seára já possuia a patente de major, e achava-se no commando do batalhão 17 de caçadores. Mostrando-se adverso a causa separatista proclamada por Manoel de Carvalho, prendeu-o por occasião do conflicto travado entre elle e o morgado do Cabo Francisco Paes Barreto, depois marquez do Recife, quando um e outro disputavam a posse da presidencia desta provincia. Reintegrado Manoel de Carvalho em sua liberdade, Seára seguiu para a Barra Grande á frente das tropas que se conservaram fieis á causa do morgado, e foi incumbido do seu commando em chefe. Travam-se diversos combates, Seára ostenta uma coragem e valor inescediveis, sahe victorioso dessa luta ingloria, desse verdadeiro fratrecidio, mas, com uma ferida, que ameaçou a sua vida.

Em 1826, declarada a guerra do Rio da Prata, Seára recebeu a nomeação de ajudante general do exercito do Rio Grande do Sul; acabava então de ser elevado ao posto de tenente-coronel. Incumbido depois do commando do batalhão 13 de caçadores, em cuja commissão reuniu á gloria de austero e habilissimo disciplinador, a já adquirida reputação de bravo e perito militar, Seára conquistou então novos titulos de admiração pelo seu valor, conseguindo os seus esforços reerguer esse batalhão do abatimento em que se achava, julgado até perdido para o exercito. Na campanha mereceu Seára a nomeação successiva de ajudante de ordens dos generaes marquez de Barbacena, visconde da Laguna, e Brown, durante o commando em chefe desses generaes na campanha do Rio da Prata, porque «nelle viram sempre estes generaes um companheiro, a quem por sua pericia e luzes podiam proveitosamente consultar; foi

Seára um ajudante, que não ajudou somente a expedir ordens, ajudou tambem a confeccional-as.»

Seára passou depois a commandar o batalhão 14 de caçadores, cuja missão constitue uma das paginas mais brilhantes da vida deste illustre militar.

1831, achava-se com o seu batalhão na côrte do Rio de Janeiro, nessa epocha de maiores couvulsões politicas por que tem passado o Brazil. Rebentando a revolução de 7 de Abril que motivou o acto da abdicção, Seára conservou-se firme em seu posto de honra, não sahiu do seu quartel, e o seu batalhão foi o unico que não adheriu, ou antes não contribuiu para o esplosão revolucionaria. Rasgos dessa fidelidade, esclama o seu biographo, dessa fidelidade cêga, porem sublime, do soldado ao seu imperador: se D. Pedro I tivesse querido reagir contra a revolução, teria achado o tenente coronel Seára e o seu batalhão... Mas, o imperador cedeu; abdicou em seu filho, a ordem de cousas mudou, e o tenente coronel Seára, recebendo ordem de ir reunir-se aos seus companheiros; e obedecendo como obedeceu, obedeceu ainda á vontade do imperador: passava ao filho a fidelidade, que votára ao pae, porque o pae assim o quizera...

Quando todos em acinte ao ex-imperador haviam renegado as condecorações, que d'elle haviam recebido, o tenente coronel Seára apresentou-se com as suas, o que deu azo, a que contra elle se levantassem em altas vozes de ameaça mesclada de escarneo. Mas, aquellas condecorações haviam sido ganhas com o seu sangue, haviam sido dadas pelo imperador, a quem ainda n'aquella occasião obedecia, curvando-se ao decreto da abdicção; e, pois o tenente coronel Seára, firme com o seu batalhão, impoz silencio, honrou a si, honrou D. Pedro I, honrou a seu filho, conservando isoladamente naquelle dia o lustre das insignias que haviam partido das imperiaes mãos! Que magia tem a força de character!

O batalhão commandado por Seára, passou a ser para o governo que acabava de assumir ao mando do estado, um penhor e garantia da ordem e tranquillidade publicas. Designado á fazer as honras por occasião da solemnidade do acto da abertura da primeira reunião da assembléa geral legislativa, deu-se um episodio que revella a independencia, sobranceira e nobreza de character do tenente coronel Seára. Postado com o seu batalhão em frente ao edificio da assembléa, ao chegar a regencia não lhe fez con-

tinencia alguma; censuram-no, intimam-no mesmo em forma a que a fizesse, mas elle responde que não, *porque a sua missão, as suas ordens, eram fazer as honras á Nação, actua da qual nada havia*: e a continencia exigida não foi feita!

Em 1834, quando a provincia do Pará achava-se revolucionada, nessa epocha tumultuosa em que se achou envolvida, Seára recebe a nomeação de seu commandante das armas. No anno seguinte é substituido, assim como o presidente da provincia, porem accende-se de novo a revolta, uma e outra autoridade cahem victimas dos revoltosos, e reaparece a anarchia, consequencias do acto do governo exonerando a Seára do cargo de commandante das armas, e a Machado de Oliveira do de presidente, nomeando para este o deputado Lobo de Souza, e para áquelle o major Santiago; porem só o máo fado dessa provincia, diz um historiador, teria concorrido para semelhantes nomeações.

Ronpendo em 1837 e revolução republicana da Bahia, que chegou a tomar um caracter bem assustador para o governo, Seára seguiu para alli, então já elevado a coronel, commandando o batalhão 3 de caçadores. Na Bahia commandou Seára a primeira brigada do exercito em operações, e recebeu um ferimento em um dos combates que alli se deram. Acabada em 1838 a revolta da Bahia, e nomeado brigadeiro, a cujo posto subiu por distincção, seguiu para o Rio Grande do Sul, e foi incumbido do commando da primeira divisão. Os combates do banhado de Inhatheum, do Passo de S. Borja e Estancia do Meio, o ataque ás forças rebeldes de Capané, inteiramente derrotadas, deixando grande numero de presioneiros, e outros encontros que teve com os rebeldes, tecem a corôa das glorias militares do intrepido brigadeiro Seára, conquistada na campanha do Sul. Depois passou ao commando em chefe das forças em operações no Rio Grande, commandou as armas na mesma provincia, e substituido pelo marquez depois duque de Caxias, este, publicando a sua ordem do dia ao tomar posse desse cargo, disse, que — *«o vacuo deixado pelo general Seára no exercito do Sul não se podia encher.»*

A' revolta de 1844 da provincia das Alagoas, prestou tambem o brigadeiro Seára immensos serviços á causa da ordem publica. Nomeado commandante em chefe das forças em operações nessa provincia, atacou os rebeldes que occupavam a villa de Atalaia e ficou senhor do acampa-

mento. Em 1856, já possuindo o bastão de marechal, e achando-se na inspeccão do quarto districto militar, foi elevado a patente de tenente general, depois passou a inspector do terceiro districto militar de infantaria, segundo a organização dada ás inspecções, cargo este que deixou para tomar assento no conselho de guerra. «Eil-o no ultimo grão da escala militar, cheio de merecidas honras e distincções.»

Alem de todas estas commissões, cada qual mais honrosa á vida do illustre general Seára, por tres vezes commandou as armas em Pernambuco; a primeira vez, tomou posse a 13 de Dezembro de 1844, a segunda a 14 de Fevereiro de 1850, e a terceira finalmente, a 20 de Setembro do anno seguinte.

Por duas vezes mereceu o general Seára dos seus compatriotas, a honrosa missão de deputado á assembléa geral legislativa; a primeira, na legislatura de 1834-1837 pela provincia do Pará, e a segunda na de 1853-1856 pela de Pernambuco. A sua provincia natal, devia-lhe um testemunho em manifestação de apreço ao renome e glorias de seu illustre filho, e deu-lh'o sendo lembrado, e o primeiro votado; a provincia do Pará, grata pelos serviços que lhe prestára na epocha calamitosa que atravessou, testemunhou assim o seu reconhecimento e gratidão. Vejamos porem como um seu biographo traça o perfil do illustre general, como representante da nação:

«Por algumas vezes occupou a tribuna. No orador advinhava-se o soldado afeito à rudeza dos combates; mas via-se bem claro o esmalte do homem de juizo recto, de entendimento esclarecido. Como deputado por Pernambuco, fez parte da opposição denominada — parlamentar, e em opposição conservou-se até a entrada do marquez de Caxias para o ministerio. Militar, nunca degradou, nem de longe, a dignidade do seu posto; e o deputado não se esqueceu do soldado.»

Antonio Correia Seára, tenente general, conselheiro de guerra, dignitario das ordens do Cruzeiro e da Rosa, commendador da de S. Bento de Aviz, condecorado com a insignia de ouro pelo imperador «aos mais bravos», e com diversas medalhas commemorativas de campanhas, e de distincção em combate, falleceu na cidade do Rio de Janeiro, em Maio de 1858, aos cincoenta e seis annos de idade.

O *Diario de Pernambuco* de 7 de Junho, noticiando o seu passamento, consagrou á memoria do illustre general,

um artigo em que resumidamente discreve a sua vida, que é como que uma serie successiva de feitos nobilissimos e de grandiosos serviços prestados á causa de sua patria. O general Seára, extractamos desse artigo, foi um dos filhos mais illustres de Pernambuco, que sem familia, sem recommendação ou protecção, tudo deveu a si mesmo; foi filho das suas proprias obras. O sangue do general Seára sempre regou a arvore da nossa liberdade politica por diversas vezes, desde o primeiro momento em que no solo da Santa Cruz soou o grito prestigioso da independencia. Poucos foram os gloriosos feitos de armas que a nossa historia contemporanea refere, em que o distincto pernambucano não desembainhasse a sua espada, e a palma mais brilhante do triumpho sempre lhe pertenceu. A tradição dos seus relevantes serviços está tão viva na mente de todos, que não é possível esquecel-a.

Eis em resumo a vida publica do general Seára; na qual, fazendo nossas as palavras do seu biographo, repetimos, «ha gloria mais que bastante para um homem só, orgulho para nós brazileiros, muito orgulho para nós pernambucanos.»

Antonio da Costa. Homem de côr preta, descendente de africanos, nasceu em principios do seculo XVII, assentou praça de soldado no terço de Henrique Dias a 27 de Maio de 1645 quando Pernambuco evocou o patriotismo de seus filhos por occasião da revolta contra o jugo hollandez, e empenhando-se na luta heroica e resolutamente e com essa intrepidez que tanto distinguiu os filhos e descendentes da ardente Africa, Antonio da Costa nobilitou-se por seus feitos, e conquistou um nome glorioso que a historia reverente exalta e proclama.

Soldado, cabo de esquadra, alferes e capitão do terço dos homens pretos sob o commando do heroico e legendario Henrique Dias, Antonio da Costa figurou em todas as jornadas da guerra da restauração de Pernambuco, e constituiu principalmente a corôa dos seus feitos militares, os combates da força de Afogados, das Cinco Pontas, da Casa Forte da Asseca, as duas batalhas dos Guararapes, tomada do forte da Villa, e força das Salinas, e finalmente a tomada das forças do Recife, o unico baluarte que restava aos hollandezes, cabendo-lhe a empresa honrosa do seu reconhecimento, e á frente da sua companhia «pellejou sempre na

vanguarda com muito valor á vista do seu governador, matando e ferindo a muitos dos inimigos. »

Terminada a guerra em 1654 após nove annos de luta incessante, Antonio da Costa que iniciára a campanha em praça de soldado, viu terminal-a já elevado ao posto de capitão, mas os serviços que prestara, o valor e coragem que tanto os distinguíam, tiveram justa remuneração, e mais tarde, foi elevado ao posto de sargento-mór do seu terço por patente régia de 11 de Junho de 1657.

Se a honra e o valor foram os nobres característicos deste illustre capitão nos tempos calamitosos da guerra, o foram tambem quando após a luta patriótica da guerra da restauração, entrou o periodo da paz. Sempre zeloso no cumprimento dos seus deveres, conquistando cada vez mais novos titulos de benemerencia, o seu nome e o seu merecimento não foram ovildados, e uma nova distincção os veio exaltar.

Determinando o regimento desta capitania que os seus governadores proveriam todos os postos militares da ordenança sem dependencia alguma, « e convindo ao serviço real prover o posto de coronel da gente parda, e preta forra destas capitánias em pessoa de valor, pratica e experiencia nas cousas da guerra; » o governador por patente de 9 de Novembro de 1671 proveu no dito posto ao mestre de campo Antonio da Costa, « tendo respeito á que na sua pessoa concorriam todas estas qualidades, e á particular satisfação com que se houve no exercicio do mesmo posto, alem do bem que tem servido ao estado nesta capitania, desde o anno de 1645, em praça de soldado, cabo de esquadra, alferes, capitão, sarjento mór por patente real e depois mestre de campo do terço de Henrique Dias; procedendo com satisfação em todas as occasiões de guerra de maior importancia que se lhe offereceram, particularmente nas duas batalhas dos Guararapes, sahindo ferido na segunda, e na restauração destas praças com empregos muito assignalados. »

Estas significativas e honrosas palavras que o governador desta capitania Fernão de Souza Coutinho escreveu na patente que lavrou conferindo o posto de coronel ao illustre Antonio da Costa, encerram por si sós todo o merecimento deste bravo militar, e a synthese da sua vida glorificada por tantos serviços, por tantos feitos de abnegação e de patriotismo.

A guerra dos Palmares, abriu ainda ao coronel Antonio

da Costa ensejo á conquista de novos triumphos em sua vida militar. Uma meia duzia de escravos fugidos acastelados na Serra da Barriga em Alagóas, desde os tempos da dominação hollandeza, haviam-se constituido pelo andar do tempo em uma republica, que segundo alguns historiadores attingiu a uma população de vinte a trinta mil homens, depois de meio seculo de existencia. O governador desta capitania Caetano de Mello e Castro de accordo com o governador geral da Bahia fez marchar contra os Palmares um corpo de tropas de sete mil homens, a que os negros resistiram rigorosamente, porem tiveram de render-se depois de um rigoroso assedio.

O coronel Antonio da Costa, ainda que velho, vergado ao peso dos annos e dos serviços rigorosos da vida militar, foi um dos cabos que mais se distinguiram n'esse feito de armas cuja victoria importou a destruição da celebre republica dos Palmares, serviços que lhe valeram a graça de uma tença mensal, por Carta Régia de 21 de Março de 1684, « por se achar nas entradas que se fizeram aos Palmares, encontros que se teve com os negros delles por varias vezes, nas investidas, assaltos, pelejas e queimas de povoações, com que procedeu com valor. »

Escassos como são estes apontamentos da vida do coronel Antonio da Costa, deixam, porém, realçar o seu merecimento, e constituem assim mesmo duas paginas brilhantes da vida de tão heroico quão modesto militar.

Homem de côr preta, vivendo em uma epocha de prejuizos e de obscurantismos, em uma terra em que os homens da sua raça eram olhados com desprezo e indifferentismo, sujeitos a mais barbara e nefanda escravidão, gemendo sob um jugo despotico e cruel, o merecimento e virtudes de alguns filhos dessa raça como que maldita e condemnada, fizeram realçar o merito e eleva-los ao grão de apreciação e respeito a que tinham incontestavel direito, e o coronel Antonio da Costa foi um desses homens cujos meritos elevaram-no a uma posição superior, cujos serviços foram distinguidos condignamente, e cujo nome a posteridade vem tirar do esquecimento de dous séculos, e proclamal-o um patriota benemerito digno de respeito e admiração.

Antonio da Costa Rego Monteiro. Nasceu na cidade do Recife aos 14 de Agosto de 1805; foram seus paes José da Costa Rabello Guimarães e sua consorte D. Serafina da Costa Bezerra.

Recebendo de seus paes cuidadosa e esmerada educação, fez com aproveitamento os estudos de alguns preparatorios, e ainda bem jovem, com pouco mais de 17 annos, mereceu da Junta Provisoria do Governo desta provincia a nomeação de amanuense da secretaria do Governo, por portaria de 26 de Janeiro de 1823, com o ordenado de 100\$000 rs. annuaes. Elevado estes vencimentos a 200\$000 rs. pelo presidente Manoel de Carvalho Paes de Andrade, no anno seguinte, com a nomeação de escripturario que obteve, foi confirmado nesse cargo pelo General Francisco de Lima e Silva por portaria de 20 de Setembro do mesmo anno de 1824, *em attenção a sua honra e intelligencia, bem como a sua decidida adhesão pela causa da independencia e da integridade do imperio que elle tem sempre praticado com o mais louvavel fervor.*

Estas honrosas palavras exaradas na propria portaria de confirmação do seu cargo, pelo General Lima e Silva, demonstram que Rego Monteiro foi contrario á causa separatista proclamada por Manoel de Carvalho, e talvez justifique a demissão que lhe foi dada em 1834 pelo mesmo Manoel de Carvalho quando presidente desta provincia.

Os serviços de Antonio da Costa Rego Monteiro prestados nessa quadra, em prol da integridade do imperio, manifestando as mais pronunciadas tendencias liberaes, como haviam sido proclamadas em a nossa constituição politica, mereceram-lhe a conferencia do habito da Ordem de Christo por Decreto de 23 de Fevereiro de 1825 (a unica condecoração que acceitou) e nesse mesmo anno foi escolhido pelo General Lima e Silva para secretario do seu serviço particular, *resolvendo o encarregar desse cargo, pela sua intelligencia, actividade e zelo no cumprimento de seus deveres,* como consta da portaria de sua nomeação.

Demittido em 1834 como vimos, dous annos depois, por portaria de 14 de Outubro de 1836, foi nomeado primeiro escripturario da contadoria da Thesouraria Provincial, aposentando-se em 1841 por motivo de molestia, com o tempo proporcional que contava de exercicio. Rego Monteiro dedicou-se então a vida commercial, e em 1845 teve carta de matricula de negociante de grosso trato, que lhe conferiu o Tribunal do Commercio desta provincia em data de 20 de Maio.

Liberal por idéas e convicção, politico influente e prestigioso, Rego Monteiro mereceu dos seus conterraneos a distincção do mandato de representante desta provincia

no parlamento nacional em 1836, e tomando assento na camara, ostentou toda a independencia e patriotismo digno do seu caracter, e na sessão de 1838 distanciou-se dos seus collegas de Pernambuco, sendo o unico deputado que manifestou-se em opposição ao ministerio. Em 1840, de novo eleito deputado, Rego Monteiro tomou parte muito activa na campanha parlamentar da maioridade, contribuindo com todas as suas forças para a cessação dessa interinidade regencial, que ameaçava perigar as instituições do paiz.

Em 1842 Rego Monteiro foi um dos encarregados pelo centro liberal do Rio de Janeiro da criação de uma sociedade secreta nesta provincia, afim de sustentar as idéas de ordem constitucional contra a influencia de uma olygarchia que caminhava á usurpação de toda a influencia politica da provincia, e desta associação nasceu o partido praeiro, e Rego Monteiro um dos seus patriarchas, viu ainda os seus serviços galardoados com a conferencia de uma cadeira no gremio da representação nacional na legislatura de 1844; e em 1848 sustentou a renhiddissima eleição que teve logar, no intuito de afastar dous candidatos adversarios, o que constituia então uma questão de honra para o partido *praeiro*.

No mesmo anno de 1848 rompe a revolução praeira, e Rego Monteiro um dos seus chefes, manteve-se firme no seu posto de honra, figurou dignamente em todas as suas phases prestando ao seu partido os mais eminentes serviços. Mallograda a revolta, emigrou para o Rio da Prata e foi residir na cidade de Buenos Ayres, onde se conservou até que lhe foi concedida a amnistia, sendo o seu comportamento no exilio o mais cheio de dignidade e o mais conforme com os brios que herdára de seus antepassados.

Regressando em 1851 aos seus lares, depois de 2 annos de exilio, o incansavel lidador achou organizada a *Sociedade Liberal Pernambucana*, com o fim de proseguir na realisação das idéas de ordem constitucional, pelas quaes se havia sacrificado, apressou-se logo em tomar assento entre os seus membros, e prestou os mais relevantes serviços, não poupando sacrificios e contribuindo para a bôa direcção dos negocios com os seus conselhos cheios da mais consumada prudencia. Em 1854 Rego Monteiro assumiu a direcção da sociedade, e neste cargo a que o collocára a confiança dos seus amigos e correligionarios,

desenvolveu uma actividade admiravel e prestou serviços de ordem tal, que foi investido da chefia do partido Liberal d'esta provincia.

Homem de tino, reflectido e calmo, Rego Monteiro mostrou na renhidissima eleição de 1856, que sabia comprehender a altura e dignidade da sua posição. Os manebos, diz um artigo necrológico á seu respeito, admiravam nelle essa força de vontade, essa paciencia de ferro, essa actividade sempre constante com que o digno chefe procurava centralisar a acção de um grande partido, que o poder, abusando dos seus meios de força por tão grande espaço de tempo, havia procurado desmembrar, despedaçar.... A moderação e bom senso, a affabilidade, a gravidade, a dedicação, a lealdade, a constancia e o verdadeiro amor ao povo, faziam de Antonio da Costa Rego Monteiro um verdadeiro democrata amado, respeitado, estimado de todos, e ainda mesmo dos seus adversarios politicos.

Não foi somente como homem politico que Rego Monteiro conquistou os fóros e o nome de um cidadão notavel, prestante e benemerito. No desempenho de diversas commissões que lhe foram confiadas, como na de outras de que fez parte, nos cargos de eleição popular, taes como os de juiz de paz, deputado provincial e geral em diversas legislaturas, sendo que nesta ultima camara foi distinguido pormais de uma vez com a eleição de presidente, na quadra afflictissima porque passou esta provincia, por occasião da epidemia do cholera morbus, em que na qualidade de membro da commissão da freguezia de S. José, prestou valiosissimos serviços, e em muitas outras occasiões ainda, Rego Monteiro ostentou-se um homem prestimoso, delicado e patriota.

Homem de merecimento real, de serviços relevantissimos, modesto e despretençioso, as honras e grandesas não o seduziam, e conquistando titulos honorificos que mais realce davam ainda ao seu merito e serviços, jamais procurou tirar os respectivos diplomas de taes condecorações, usando apenas, e bem raras vezes, do habito de Christo com que o governo o agraciára em 1825. Consul da republica da Bolivia em 1843, socio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro em 1845, estes titulos ainda mais confirmam o bom conceito que gosava.

Antonio da Costa Rego Monteiro falleceu aos 54 annos de idade, no dia 1 de Agosto de 1859, e foi sepultado no

Cemiterio Publico do Recife. A' sua morte, a provincia e o partido Liberal soffreram uma grande perda, pois finára-se um patriota que consagrara toda a sua vida ao serviço do paiz.

D. Antonio Felipe Camarão. Qual Homero, o inspirado cantor da glorias de Troya e de Ulysses, é a honra do berço desse heroe, disputada não por sete cidades, mas por tres provincias tão grandes ou maiores que muitas nações do Globo.

Mas hoje, acham-se vantajosamente destruidas as ambiciosas pretensões do Ceará e Rio Grande do Norte, e Pernambuco já tão rico de brilhantes tradições, já tão ennobrecido pelas glorias e triumphos de seus filhos, acaba de reivindicar para si a honra de ter sido o berço de um heroe tão grande, como o indio D. Antonio Felipe Camarão.

Ao commendador Antonio Joaquim de Mello, esse venerando zelador das glorias patrias, coube a gloriosa tarefa de haver restituído á Pernambuco a honra usurpada de ser a patria do illustre Camarão.

O commendador Mello, nessa patriótica empreza, provou clara e evidentemente, exhibiu provas tão irrecusaveis e documentos tão comprobatorios, bateu tão vantajosamente as idéas contrarias, apresentadas pelos Srs. Francisco Adolpho Varnhagen, (Visconde de Porto Seguro), Basilio Quaresma Torreão e o Dr. Pedro Theberge, que jamais se poderá conscienciosamente dizer que Pernambuco não é a patria do illustre Camarão.

Esse importante e bello trabalho do commendador Antonio Joaquim de Mello encontra-se publicado no *Diario de Pernambuco* de 4 de Abril e 18 de Maio de 1860 e 25 de Novembro de 1861.

D. Antonio Felipe Camarão nasceu na Taba dos Pytiguares nos sertões de Pernambuco, e recebeu de seus paes o nome de Puty, que quer dizer — Camarão —.

A' voz eloquente do Evangelho, pregado pelos missionarios jesuitas, não foram surdos os seus ouvidos. Ella o attrahiu ao gremio do christianismo, e elle o abraçou.

Quando os padres Diogo Nunes e Gaspar de S. Peres, partiram de Pernambuco para a sua aldeia do Cerra Mirim, e deram começo a sua missão, achava-se então o indio Puty ou Camarão como principal da aldeia do Igapó no Rio Grande do Norte.

Camarão com o seu prestigio muito auxiliou os missionarios e a causa da civilisação muito lhe deve.

Instruido nos mysterios da Religião Catholica, as aguas lustraes do baptismo o encaminharam ao seu seio e esse acto foi um dos mais sollemnes e pomposos que se celebrou sob o esplendido céu do Brazil, no meio das suas immensas selvas.

Camarão como principal, diz o padre José de Moraes, era a pessoa mais abalisada naquelles sertões; pediu elle e approvaram os missionarios, que o seu baptismo se fizesse com aquella solemnidade que pedia o seu character e era preciso para conciliar mais respeito, assim ao Sacramento como ao cargo que entre os mais o distinguia.

Recolhidos os padres á povoação e marcado o dia, foi Camarão solememente baptisado na sua aldeia de Igapó, na dominga da quinquagesima do anno de 1612, a qual segundo calculos provados, cahiu a 4 de março. Camarão recebeu o nome de Antonio, addicionou depois o de Felippe, em lembrança das honras que recebeu do Rei de Hespanha e Portugal, e á esses dous juntou o seu primitivo nome indigena, Camarão.

Conjecturando porem o Sr. Varnhagen, que o baptismo de Camarão tivera lugar em 1580, diz o seguinte:

« Reflectindo nos seus dous nomes, Antonio e Felippe, e rastejando as praticas daquelles tempos de ser conferido o nome do soberano reinante aos chefes selvagens importantes que se baptisaram, ou aos seus descendentes, propendemos a acreditar que o nosso Camarão seria baptisado em 1580 quando ainda lutavam em Portugal pela corôa, o Prior do Crato D. Antonio e Felippe II, e o Brazil esperava o resultado da luta, para saber a quem devia proclamar; ou antes que lhe deram o nome de Antonio quando pensavam que seria acclamado o Prior do Crato, e lhe acressentaram o de Felippe para depois de algum modo remediar o engano. »

Aos reclamos da patria, por occasião da invasão holandeza em 1630, o illustre Camarão como principal de sua aldeia e de outras que lhe eram subordinadas, marcha do sertão á frente de um pequeno exercito, apresenta-se ao general Mathias d'Albuquerque, e aos 16 de Fevereiro, achava-se ás margens do Rio Doce com uns duzentos indios tendo por interpretes João Mendes Flores e Antonio Pereira, e incorporado ao exercito, intrepido esperou o inimigo.

D'ahi marca a serie não interrompida dos feitos de

Camarão, feitos tão grandiosos, que immortalizando o seu nome, immortalisarão tambem o de Pernambuco, sua patria.

Refugiado o exercito no campo do Bom Jesus, Camarão á frente de seus indios, era incansavel nas sortidas contra os hollandezes. Quando as tropas do general Henrique Lonck seguiam pelo isthmo para Olinda, recebem de improviso o choque dos indios de Camarão, fere-se o combate, os hollandezes soffrem perdas consideraveis, e o proprio general ferido no hombro, deve a vida á ligeireza de seu cavallo.

Já o illustre Camarão havia conquistado um nome honroso nas emboscadas de Agua Fria, quando os hollandezes marchavam para o Arrayal, e tanto se tinha illustrado pelos seus feitos guerreiros, que tres annos depois da invazão por Carta Regia de 14 de Maio de 1633, El-Rei lhe conferiu o habito da ordem de Christo, carta de brazão de armas, quarenta mil réis de soldo e a patente de capitão-mór dos indios.

A victoria obtida em 18 de Agosto de 1633, quando os hollandezes commandados pelo general Sigismundo tentaram se apoderar do Campo Real, deve-se ao valor e intrepidez de D. Antonio Felippe Camarão. O seu nome era respeitado e o seu braço temido pelos hollandezes, que eram os proprios a reconhecer o seu valor e a publicar os seus feitos.

O general Arcizeuski, batido por Camarão no ataque de Goyanna exclama: « Ha mais de quarenta annos que milito na Polonia, Allemanha e Flandres, occupando sem interrupção postos hõnrosos, só o indio brasileiro Camarão veio abater-me o orgulho. »

Este trecho de ouro que registra os annaes de nossos feitos, basta para ajuizar do seu merito e valor militar; e as honrosas distincções que recebeu de Felippe IV, taes como o fõro de fidalgo da casa real, o titulo de Dom e a cruz do habito de Christo, são significativas e solemnes provas de tudo isso.

Frei Raphael de Jesus, historiando esta façanha de D. Antonio Felippe Camarão, assim se exprime:

« Basta saber-se que se o flamengo excedia no poder, o Camarão o avantajava no valor e na industria. Houve dia, em que nossa espada lhe degollou cincoenta hollandezes; tão receiosos dos assaltos com que em toda parte, e a toda hora o investia, já em campo raso, já em carros

portateis, com que igualava as suas fortificações, que desatinado o inimigo dizia assombrado, que só um indio tivera poder para lhe cortar a fortuna e confundir a opinião. »

« Resolvendo Camarão retirar-se para Porto-Calvo, recolheu os moradores que o quizeram seguir, que com suas familias fizeram o numero de mil e seiscentas pessoas, muitas das quaes ficarão mortas; abriu caminhos pelos sertões em distancia de quarenta leguas, caminho seguro para a marcha, mas falto de todo o necessario para a vida; e veio entrar no Porto-Calvo, onde foi recebido pelo conde e pelo presidio com palmas e vivas, igualmente devidos ao que destruiu e ao que conservou. »

No ataque da Matta Redonda em 1636, temerariamente revoldo pelo general Roxas y Borja, tudo se perderia como elle proprio, e o sacrificio do exercito seria immenso, se Camarão não obstasse as consequencias de uma completa derrota, desenvolvendo habilissimas manobras.

Camarão era infatigavel; sonhava com os louros e conquistas da victoria. A guerra era o seu principal elemento.

A' frente dos seus soldados, formando pequenas guerrilhas, elle percorria todo o extenso territorio desta provincia em direcções diversas, varrendo com a sua espada tudo o que encontrava, destruindo tudo o que pertencia aos inimigos até que em 1639, quando se achava no Rio Grande do Norte, seguiu por terra para a Bahia, pelo interior do paiz, incorporado á divisão de Luiz Barbalho Bezerra.

D'essa epocha até 1645, permaneceu D. Antonio Felipe Camarão na provincia da Bahia, e depois passou-se á de Sergipe, d'onde partiu para Pernambuco a incorporar-se ao exercito libertador, quando a patria reclamou os serviços dos seus filhos á sacudir o jugo inimigo.

De posse os hollandezes do paiz houve uma especie de treguas, e o nosso heroe foi descansar á sombra dos louros colhidos, e esperar pelo dia em que de novo devia desembainhar a sua laureada espada pela liberdade de sua patria.

Esse momento não se fez esperar muito. O acto impolitico da retirada do principe Mauricio de Nassau, foi o grito da revolta que se fez ecoar.

D. Antonio Felipe Camarão não foi surdo ao appello da mãe patria. A sua espada era uma eloquencia muda que se erguia em prol das suas liberdades.

Restaurado Portugal do dominio da Hespanha, El-Rei D. João IV reconhecendo os seus serviços, lhe fez mercê da commenda dos Moinhos de Soure, por carta de 3 de Março

de 1641, dispensando Sua Santidade por um Breve, a condição exigida de serviços na Africa, então indispensaveis aos que tinham de ser agraciados na ordem de Christo, com commendas lucrativas.

E' que o rei de Portugal não considerava as honrosas distincções, que já lhe havia conferido o rei de Hespanha, sufficientes para galardoar tanto valor e merecimento de um indio brasileiro, que, na phrase autorizada do autor do « Valeroso Lucideno, » era o seu mais fiel vassallo da America, e mais amigo dos portuguezes, do que todos os que até então tinham tido e tinham no Brazil, e o mais valeroso e ardiloso na guerra que todos os de sua nação.

Proclamada a revolta e recebendo a carta de convite de João Fernandes Vieira, Camarão parte immediatamente de Sergipe d'El-Rei para Pernambuco a frente dos seus indios, e incorpora-se ao exercito libertador de sua patria, no engenho Covas onde o mesmo se achava acampado.

Em sua passagem pelas Alagoas e outros lugares, excitou o pronunciamiento da revolta, e assim foi durante a sua viagem de Sergipe a Pernambuco, preparando os animos e encorajando todos os moradores a pegar em armas e unir-se á causa sagrada da restauração da patria.

O glorioso feito dos montes de Tabocas aos 3 de Agosto de 1645, foi a primeira victoria que conquistou as armas pernambucanas, o prologo dessa famosa e memoravel guerra de 9 annos que restaurou Pernambuco e as demais capitancias do Brazil, do dominio hollandez.

Ena galeria dos heróes d'esse brilhante feito d'armas, o vulto do indio D. Antonio Felipe Camarão, ergue-se altaneiro com a fronte a lampear por mais esse louro que enramou sobre ella, entre muitos que já tanto o ennobreciam.

A subsequente batalha da Casa Forte, foi como que a sancção do feito de Tabocas. Os hollandezes curvam-se de novo ao poder das armas pernambucanas, e de novo o valente Camarão ergue mais um monumento ás suas glorias, ás glorias de sua patria.

A' defeza dos habitantes da Parahyba e Rio Grande do Norte, elle vòu com o seu terço pelo interior da provincia, e ás vantagens da victoria, envia ao exercito de Pernambuco, consideraveis mantimentos, cuja falta já era bem sensivel.

De volta dessas difficeis e honrosas missões, Camarão incorpora-se ao exercito e continua a prestar os seus ser-

viços, e a trabalhar ardentemente em prol da liberdade da patria.

A victoria do ataque do Arraial Novo pelas tropas holandezas commandadas pelo general Sigismundo, lhe é unicamente devida; esses louros lhe pertencem. Dado o rebate, foi elle quem primeiro se apresentou em campo, cahiu sobre o inimigo e tão heroica e inopinadamente, que elle abandonou o campo deixando grande numero de mortos, todas as suas armas, e tudo quanto havia pilhado, para mais facilmente aligeirar o passo, e assim o perseguiu até a Barreta.

O proprio general Sigismundo, viu-se em eminente perigo, promettendo até um grande premio a quem pozesse á salvo sua pessoa.

Mas, com a conquista de cada victoria, ia o illustre Camarão terminando o desempenho do brilhante papel que representava.

O grandioso feito dos montes Guararapes aos 19 de Abril de 1648, foi o ultimo episodio de sua vida. Foi o sello dos brilhantes feitos de sua carreira militar.

O Conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro, referindo os feitos desse illustre guerreiro, diz o seguinte:

«Encheriamos volumes se quizessemos historiar todos os recontros em que o intrepido caudilho se avantajara sobre nós, dizer que não houve uma só acção em que se pleiteasse a causa da liberdade, em que não sentissem os batavos o peso de seu braço; impallescendo ao ouvir seu nome aquelles mesmos que nas aguas do *Zuidersee* haviam submergido os braços de Castella. Diga-o Cunháú, onde capitaneando 350 indios e 250 portuguezes, pôz em completa debandada os inimigos arrazando as trincheiras que com tanto afan haviam construido, e juncado o campo de mortos e feridos: digam-o finalmente os montes Guararapes, essas Termopylas Pernambucanas, que a 19 de Abril de 1648, contemplaram o denodo com que, pelejando na ala direita do exercito libertador, fez fugir diante de seus *Carijós*, os aguerridos soldados de Sigismundo, tecendo com suas heroicas mãos, a grinalda da victoria nesse dia depositada no altar da patria.»

Como o heróe thebano, pouco sobrevivea o heroico governador dos indios a esse esplendoroso feito d'armas, a primeira batalha campal que se ha ferido nos campos do Brazil.

Quatro mezes depois, accommettido por uma febre, foi

recolhido ao Arraial da Varzea, e succumbiu dentro de poucos dias, sem ver raiar o sol da liberdade, que rasgando as espessas nuvens que o occultavam, já começava a despontar dourando os horisontes da patria.

O seu cadaver foi dado á sepultura na Igreja matriz da Varzea com toda a solemnidade e honras militares a que tinha direito.

O historiador Netscher descrevendo a primeira batalha dos Guararapes diz: «La perte des insurgés fut comparative-ment très minime; mais ils eurent à regretter la mort d'un de leurs chefs le plus distingué le vaillant Camaram.»

D. Antonio Felippe Camarão, commandante em chefe dos indios do Brazil, Fidalgo da Casa Real, cavalheiro da Ordem de Christo e commendador dos Moinhos de Soure, foi um destes heróes, um destes cabos de guerra tão distinctos, que pelos seus feitos, valor e heroicidade, não nos deslumbram as glorias, nem os brilhantes feitos dos soldados da antiga Roma.

Que o diga, não Pernambuco, que o proclama um dos seus maiores heróes, e ufana-se de ser o seu berço; mas o Ceará na expulsão dos francezes; o Rio Grande do Norte, a Parahyba, as Alagôas, Sergipe e Bahia nas guerras contra os hollandezes, os quaes o chamavam o «anjo do exterminio.»

Educado pelos padres jesuitas, recebeu D. Antonio Felippe Camarão, uma educação firmada nos solidos principios de uma pura e sã moral e da religião catholica. Os mesmos padres ensinaram-lhe a ler, escrever e alguma cousa do latim, e aprendeu tambem com muita facilidade a lingua hollandeza; mas era tão modesto que quando tinha necessidade de fallar, era sempre por intermedio de um interprete.

A par da gloria e renome de D. Antonio Felippe Camarão, resplende o nome de sua illustre consorte D. Clara Camarão.

Ella o acompanhara em todos os combates e expedições e teve parte em todas as suas victorias. Porto Calvo foi o seu primeiro feito d'armas, e do seu valor e exemplo, seguiram as senhoras desse lugar, e d'ahi partiu D. Clara Camarão, á frente de seu exercito feminil, para a Magdalena, depois para o Penedo e finalmente para Sergipe donde se passou para a Bahia em 1634.

Dessa heroína, que bem se pode chamar a Artemisia

brazileira, pelos seus feitos guerreiros, pelo seu patriotismo, bem pouco sabemos.

O seu nome figura na galeria do Theatro Heroico, e o Sr. José Norberto de Souza e Silva, consagrou-lhe algumas paginas nas suas— *Brazileiros Celebres*.

Tambem não sabemos se morreu antes do esposo ou se sobreviveu á sua morte. Os nossos antepassados nada nos legaram a tal respeito.

D. Antonia Felipe Camarão não teve filhos, e por isso lhe succedeu no commando do terço dos indios, um seu sobrinho.

Frei Raphael de Jesus, no seu «*Castrioto Luzitano*,» tecendo a grinalda de louros de suas victorias e glorias militares, descreveu-as com firmes traços, elevou o seu nome ao pinaculo do pantheon das nossas glorias nacionaes.

E quando um dia a patria agradecida erguer esse monumento consagrado á memoria dos nossos heróes, quando pagar essa divida de honra e gratidão, grave sobre a base da columna consagrada ás glorias do illustre D. Antonio Felipe Camarão, as seguintes palavras desse escriptor:

«D. Antonio Felipe Camarão foi um varão grande de nação humilde. Nasceu indio, porem entre os indios, o mais nobre. O nascimento lhe deu o nome de Poty, que na lingua do gentio é o mesmo que Camarão, o baptismo lhe deu o de Antonio. No tempo de Mathias de Albuquerque era já respeitado entre os seus por maioral de muitos; e com muitos auxiliares veio soccorrer e servir a nação, quando o nosso poder se alojava no Arraial Velho chamado de Parna-Mirim: illustre prova de fidelidade e amor, com que servia a nação e o principe; offerecer-lhe a espada quando os perseguia a fortuna. A mesma adversidade, de que o mais gentio fez causa para a rebeldia, fez o Camarão motivo para a aliança. Em servir a igreja e a corôa ganhou luzido credito de soldado e religioso; e tão observante de suas obrigações, que nunca o viu destrahido quem sempre o venerou soldado. Para sahir aos rebates e para entrar nas batalhas, primeiro se fortalecia com os sacramentos que com as armas. Em quanto soldado, não houve capitão mais amado, nem mais obedecido, porque não houve capitão que achasse mais imperio na affabilidade que no dominio do que este valeroso capitão.

«As emprezas o esperavam sempre com as victorias, e ganhou tantas quantas foram as occasiões em que pelejou. Para o seu genio, era o ocio martyrio, e o trabalho, des-

canço. Avaliava a penalidade por deleite e as occasiões por dita. Seu nome, como memorial de suas proezas, se ouvia entre os nossos com espanto; e dilatou-o de sorte a fama, que chegou aos ouvidos de seu rei tão distante quanto o apartavam os dilatados mares que dividem a America da Europa; sem petição o despachou seu merecimento.

«Deu-lhe El-Rei Felipe o habito de Christo, o titulo de Dom e o posto de governador e capitão general de todos os indios da America.

«Zelou o decoro que se devia ao posto que occupava, com toda a circumspecção que lhe ensinava o seu claro juizo. Na arte da milicia foi insigne, na do governo, claro. Com os seus era facil no trato; com os superiores, grave na conversação; com estranhos affavel no agasalho; mas tão medido com todos que obrigava á maior reverencia. Intacto quasi do chumbo e do ferro, sahio de innumeraveis combates e batalhas, e entregou o espirito ao seu Creador, poucos mezes depois da dos Guararapes, em sua propria cama, para que não faltasse á sua *morte, o parecer somno*. Deu-se-lhe sepultura na Igreja do Arraial com a funeral pompa que costumava a piedade e a milicia e com aquelle concurso a que obrigava o amor e o respeito.»

Antonio Fernandes Padilha. Nasceu na ilha de Itamaracá no anno de 1797, e foram seus paes Manoel da Assumpção Padilha e sua consorte D. Francisca Fernandes Padilha.

Como seu pae, Antonio Fernandes Padilha seguiu a carreira das armas, assentando praça de soldado voluntario a 2 de Setembro de 1817, aos vinte annos de idade; e em 1822, tomando parte na campanha da independencia da provincia da Bahia, mereceu pela sua distincção e brioso comportamento a condecoração honorifica conferida aos *bravos* que expelliram daquella provincia as tropas portuguezas.

Terminada a campanha da Bahia, e rompendo em Pernambuco a revolta que proclamou a Confederação do Equador, no anno de 1824, Padilha incorpora-se ao exercito imperialista da Barra Grande, toma parte em todos os movimentos da guerra civil, recebendo então como premio dos seus serviços a medalha de *constancia* concedida ao exercito cooperador da boa ordem, e por Decreto de 15 de Junho de 1825 foi promovido ao posto de alferes, tendo já exercido todos os postos inferiores até essa patente.

Dous mezes não eram passados ainda, quando uma nova distincção veio dar maior lustre ao seu merecimento, intrepidez e grandeza de animo, e por Decreto de 2 de Agosto do mesmo anno foi promovido ao posto de tenente, quarenta e oito dias depois de lavrado o que o promovera ao de alferes. Capitão por Decreto de 5 de Fevereiro de 1827, dez annos depois marchava para a rebellada provincia do Rio Grande do Sul, com um contingente que mais tarde foi incorporado ao 5.º batalhão de caçadores. A attitude do illustre capitão Padilha na campanha do Rio Grande, os serviços que então prestou á causa da integridade do imperio, mereceram-lhe a immediata promoção á patente de major graduado, por Decreto de 20 de Agosto de 1838.

Em 1839, quando se achava acampado em quartéis de inverno, marchou em uma expedição para o Rio Camaquã, á effectuar a tomada de uns lanchões rebeldes ali fundeados, e o resultado dessa empreza assim como o de muitas outras que lhe foram confiadas, foi tão satisfatorio, que por Decreto de 2 de Dezembro foi-lhe dada a effectividade do posto de major, e por outro de 19 do mesmo mez e anno foi condecorado com o habito de S. Bento de Aviz. Tomando parte no celebre ataque do Taquari, a 3 de Maio de 1840, o major Padilha «revellou a maior intrepidez e valor, e portou-se com admiravel coragem, derramando o sangue e expondo a vida com decisão e bravura, até que soffreu um grave ferimento e foi recolhido ao hospital.»

Restabelecido depois de um longo e desvellado tratamento, em 20 de Dezembro de 1841 embarcou para o Rio de Janeiro incumbido de uma commissão de confiança, e alli ainda se achava o major Padilha, quando lhe foi conferido em 30 de Maio de 1842 o officialato da imperial ordem do Cruzeiro, da qual já era cavalheiro desde 2 de Dezembro anterior, pelos serviços que prestára na campanha do Rio Grande do Sul, sendo tambem despachado tenente coronel graduado por Decreto de 7 de Setembro do dito anno, com antiguidade de 18 de Julho de 1841. O governo imperial não podia olvidar, nem deixar de aproveitar os serviços e merecimentos de tão illustre e distincto official, e assim, em 4 de Maio de 1844 foi elle nomeado commandante do 1.º batalhão de fuzileiros da côrte, e a 23 de Julho do mesmo anno foi lavrado o decreto que lhe conferia a effectividade do posto de tenente coronel.

Obtendo exoneração do commando do 1.º batalhão de fuzileiros em Novembro de 1846, em Março de 1848 foi o te-

nente coronel Antonio Fernandes Padilha nomeado commandante do 2.º batalhão da mesma arma, sendo posteriormente removido para o commando do 3.º de infantaria. Commandava elle o 2.º de fuzileiros, quando teve de responder a um conselho assim como mais nove officiaes, por motivo de um desfalque de dinheiros que se deu no respectivo cofre, e que a má vontade de alguns officiaes do batalhão, manifestada em seus depoimentos, como que apresentava indicios remotos de haver elle tido parte em semelhante desfalque.

Felizmente, porem, a honradez e probidade do illustre commandante, mostrou-se illisa e limpa de toda a mancha, e foi reconhecida pelo general Francisco Xavier Calmon da Silva Cabral, então commandante das armas da côrte, que em luminoso parecer ou informação, muito honrosa ao character do tenente coronel Padilha, informou ao governo imperial, que, somente houvera falta de regularidade no andamento do conselho administrativo do batalhão, falta esta que era attenuada pelo estado em que elle se achava anteriormente, o que confirmava a circumstancia de estar ainda em processo o seu precedente commandante, por causa d'aquella mesma irregularidade.

Saindo-se honrosa e airosamente dessa intriga mesquinha e pequenina que lhe teceram, pouco tempo depois foi o tenente coronel Padilha nomeado commandante do 3.º batalhão de infantaria, de cuja commissão foi dispensado em Julho de 1851, passando para o estado maior de segunda classe por Decreto de 2 de Agosto do mesmo anno. Nomeado commandante da fortaleza de Sant'Anna na provincia de Santa Catharina, em principios de 1854 seguiu para essa provincia e entrou no exercicio do seu cargo, no qual se conservou até o anno de 1857, quando o governo imperial resolveu que aquella fortaleza passasse á disposição do ministerio da marinha, afim de servir de quartel á companhia de aprendizes marinheiros.

Em 1858 exerceu o illustre veterano o cargo de assistente interino do ajudante general do exercito, e nomeado commandante da fortaleza da Barra do Sul entrou em exercicio em Março de 1860 e conservando-se nesse cargo até fins do anno de 1862, o seu zelo e assiduidade, e o rigor disciplinar que a si proprio impunha, não olharam as condições insalubres do lugar e outras circumstancias que o tornavam nocivo á saude, e até ameaçador da propria vida; e desde então, o illustre militar, vigoroso e cheio de vida,

sentiu alterada a sua saude, e começou a soffrer sensivelmente.

Em 2 de Dezembro de 1864, foi promovido ao posto de coronel, por antiguidade, porem desenvolvendo-se o mal que o affligia, requereu uma inspecção medica, deixou o commando da fortaleza da Barra do Sul, e seguiu para a cidade do Desterro, capital da provincia. Não conseguindo melhoras, e vendo-se inhibido de continuar a prestar ao paiz os seus serviços, o coronel Padilha solicitou do governo a sua reforma, a qual lhe foi concedida no posto de brigadeiro, com o respectivo soldo, por Decreto de 20 de Julho de 1864.

Gravemente doente como se achava o brigadeiro Padilha, ainda assim, recebeu mais uma prova da confiança do governo imperial, nomeando-o por Aviso de 27 de Fevereiro de 1865 inspector da colonia militar de Santa Thereza na mesma provincia, commissão esta que o illustre enfermo renunciou em vista do estado em que se achava. O general Antonio Fernandes Padilha, o veterano da independencia, o bravo e illustre militar, falleceu na capital da provincia de Santa Catharina, aos 7 de Agosto de 1865, contando sessenta e oito annos de idade, e quarenta e sete de vida militar. O unico legado do bravo soldado á sua familia, alem de um nome honrado e glorificado pelos seus serviços e por seus feitos, a sua ultima recommendação, foi que remetterssem á sua familia em Pernambuco a sua espada e o officialato do Cruzeiro, «legado summamente precioso, não somente por ser a ultima vontade de um pae extremo, ausente e moribundo, como porque elle despertará sem duvida a grande consideração de que aquella espada foi por muitas vezes desembainhada com honra e vantagem em prol da patria e do throno, e que, aquella insignia condecorou um peito, onde a coragem e o patriotismo se união ás mais acrisoladas virtudes. »

Antonio Francisco Bastos. Nasceu em meados do seculo passado. Sobre a sua filiação e data do seu nascimento, noticias da sua infancia e outros dados relativos a sua vida, nada encontramos. Sabemos apenas, que, dedicando-se á carreira das letras, fôra educado em Portugal, e que se graduara Dr. em mathematicas na universidade de Coimbra.

Quando já em fins do seculo passado começaram as reformas, e se adoptou o regimem das instituições libe-

raes proclamadas pela revolução franceza, e o governo portuguez começou a olhar para as suas colonias da America, e conferindo-lhe mais amplas liberdades e curando do desenvolvimento intellectual do povo propagando e derramando a instrucção entre elle, crearam-se varias escolas nesta provincia, não só primarias como de algumas linguas e sciencias. D'entre estas, foi creada por Decreto de 1 de Agosto de 1795 uma cadeira de geometria na villa da Recife, e a sua regencia coube ao Dr. Antonio Francisco Bastos, vencendo o honorario de 480\$000 annuaes, e gosando dos privilegios de lente da universidade de Coimbra.

O Dr. Antonio Francisco Bastos, gosava já então, de credito e renome dignos do seu merecimento. Regressando de Portugal para esta provincia em 1796, entrou no exercicio da regencia da sua cadeira, e nesse mesmo anno, por Patente Regia de 9 de Fevereiro, teve praça de capitão de artilharia, aggregado a primeira plana da còrte, vencendo mais 240\$000 de soldo.

Demorando-se aqui por algum tempo, seguiu em 1802 para Portugal, e ahí se achou na phase tremenda por que passou este paiz por occasião da invasão franceza, no periodo da qual foram valiosissimos e grandiosos os serviços que prestou a patria commum, d'onde só voltou em 1813. quando já tinha deixado as plagas lusitanas o exercito invasor. Voltando de novo á Pernambuco, o Dr. Bastos assumiu ao exercicio de sua cadeira, e em 1815 já se achava elevado á patente de sargento-mór, vencendo não só o soldo desta como o da de capitão, além de uma pensão de mais 300\$000 annuaes, « *em attenção aos seus serviços e reconhecido merecimento litterario.* »

Incumbido pelo governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro da organização de um plano sobre os estudos de humanidades e philosophia, afim de ser submittido á approvação regia, para depois ser posto em execução, elle o apresentou convenientemente, mas nada encontramos sobre o seu resultado, assim como sobre uma outra incumbencia que tivera de organizar e regular o curso mathematico dos estudantes de engenharia e artilharia.

Dedicado inteiramente ao seu magisterio, derramando e infundindo os seus conhecimentos por entre o povo, erguendo o espirito publico desta provincia pela propagação e desenvolvimento da instrucção, o Dr. Antonio

Francisco Bastos representa um vulto elevado e proeminente nesse periodo de grandeza pela elevação e cultura do espirito, nessa epocha em que a instrucção publica de Pernambuco firmando as bases do seu edificio, ergueu-se e elevou-se, cujas conquistas demonstram o espirito patriotico e illustrado dos martyres de 1817 e 1824.

Regendo cumulativamente a cadeira de geometria elemental com a de calculo integral, mechanica e hydrodynamica, creada pelo Decreto de 7 de Março de 1809, dirigiu-as até o anno de 1822, quando passou a reger a cadeira de phronomia; porem em 1824 por portaria de 20 de Fevereiro, foi de novo incumbido da regencia da cadeira de calculo por determinação do presidente Manoel Carvalho Paes de Andrade.

O Dr. Antonio Francisco Bastos, na phrase autorizada do venerando commendador Antonio Joaquim de Mello, gosava de grandes credits em mathematicas; era engenheiro hydraulico: Frei Joaquim do Amor Divino Caneca o chamava seu *mestre sapientissimo*. Lembrome, continua o commendador Mello, de vel-o na cadeira circundado de muitas pessoas adultas e respeitaveis, seus discipulos, entre os quaes o nosso Frei Joaquim do Amor Divino Caneca — que o substituiu na cadeira de geometria, Frei Carlos, depois bispo do Maranhão, Frei Leandro do Sacramento, o celebre naturalista, Frei José Maria, todos ha muito já presbyteros, e ate muitos moços que davam geometria.

No entretanto, o Dr. Antonio Francisco Bastos, notavel por tantos titulos, encanecido no estudo das sciencias e na sua vulgarisação na cadeira de mestre, possuindo honrosos precedentes e uma posição digna dos seus merecimentos e serviços, viu-se mal apreciado pelo governador Caetano Pinto, e preterido até por um homem muito inferior aos seus titulos e merecimentos; mas o Dr. Bastos nasceu pernambucano, e era quanto bastava!

Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, tratando em um dos seus escriptos politicos sobre a preterição dos brazileiros em suas aspirações nos tempos da metropole, diz o seguinte sobre as injustiças de que foi victima o illustre mestre da mocidade pernambucana: Ainda Deus conserva os dias ao Dr. Antonio Francisco Bastos para prova da opposição, que os europeus faziam aos pernambucanos, e preferencia que sobre elles davam aos seus europeus; por que vindo despachado em tenente de engenharia civil desta

praça Antonio Bernardino Pereira do Lago, só com um exame de geometria elementar no collegio dos nobres, e certidão de matricula do segundo anno de mathematicas, foi promovido rapidamente pelo governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro em capitão, sargento-mór, e finalmente graduado em tenente-coronel de engenheiro, afim de que por este titulo tivesse a preferencia ao dito Dr. Bastos, que era sargento-mór engenheiro hydraulico, e tivesse a a direcção das obras das pontes, como teve, das quaes deitou abaixo a formosa ponte do Recife, que ainda (1824) se achava por construir desde 1815, para perpetua memoria da sciencia daquelle engenheiro protegido pelo governo, contra a direito e a justiça do outro.

Em que democracia, por mais platonica, interroga Frei Caneca em outro lugar desse mesmo. escripto, Antonio Bernardino Pereira do Lago, havia de ser não só nivelado, mais ainda preferido ao Dr. Antonio Francisco Bastos, lente da universidade de Coimbra, o primeiro geometra do Brazil, o mais sabio da Nova Lusitania, engenheiro hydraulico, e sargento-mór do corpo de engenheiros? Qual seria o magistrado mais democrata, que fizesse o que fez Caetano Pinto de Miranda Montenegro, que pisou aos pés a lei, a razão e a justiça, para atrazar Bastos e adiantar Lagos?

Coarctar o vôo dos brasileiros nos dominios da sciencia, preterir os militares á não attingir a postos elevados, restringir finalmente a uma posição limitada e media, todos quantos se intregavam a esta ou aquellá profissão, sem se levar em conta o merito e as distincções, tal a sorte dos brasileiros que ousavam erguer-se um pouco e procurar sahir da esphera commum a que estavam condemnados pela absurda politica dos nossos dominadores.

E o Dr. Antonio Francisco Bastos foi uma destas victimas, o que mais ainda se evidencia pela correspondencia official de Caetano Pinto, onde se encontram alguns officios que lhe foram dirigidos, repassados de indirectas e insultos, desattenciosos e indignos do character do governador de uma capitania como Pernambuco. Mas o seu nome revive na posteridade, circundado pela aureola do talento e do merecimento.

Fallecendo em uma idade avançada, nobilitado pelos seus serviços, não só no apostolado da instrucção dos seus conterraneos, como naquelles que requeriam a firmesa da mais justa e generosa idéa do seu tempo, a independencia e liberdades patrias, o Dr. Antonio Francisco Bastos desceu

á campa coberto de benções, honrado e respeitado; e hoje, que a posteridade vem salvar do esquecimento as victimas dos erros politicos de outr'ora, inscreve o seu nome nos annaes da gratidão nacional, conferindo assim a sua memoria, aquillo que em vida não logrou da justiça dos homens: as honras e as distincções que inspiram a sabedoria, a honra, o talento e o patriotismo.

Antonio Francisco de Paula e Hollanda Cavalcanti de Albuquerque. (Visconde de Albuquerque).

Nasceu a 21 de Agosto de 1797. Foram seus paes o capitão-mór Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, agricultor e rico proprietario, e sua consorte D. Maria Rita de Albuquerque Mello; seus avós paternos o coronel Francisco Xavier Cavalcanti de Albuquerque e sua mulher D. Felippa Cavalcanti de Albuquerque; e maternos o tenente coronel Antonio de Hollanda Cavalcanti de Albuquerque e sua mulher D. Maria Manoela de Mello.

Hollanda Cavalcanti assentou praça no exercito, em 1 de Agosto de 1807, aos dez annos de idade, e começou a vencer tempo, e a 3 de Novembro desse anno sendo reconhecido cadete, foi servir no regimento de artilharia do Recife, e passou a 2.º tenente por patente de 5 de Março de 1813.

Em 1816 obtendo licença do governo, partiu para o Rio de Janeiro, e d'ahi seguiu para Africa, na qualidade de ajudante de ordens do governador e capitão general de Moçambique, José Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque.

Regressando ao Rio de Janeiro, foi promovido ao posto de major por decreto de 20 de Abril de 1819, e por aviso de 12 de Junho do mesmo anno, foi nomeado lente do segundo anno da escola real de pilotos, em Macão, e ao mesmo tempo foi designado á servir no batalhão do principe regente, pertencente áquella mesma praça. Em 1824 voltou Hollanda Cavalcanti para o Brazil, e tocando em Parnambuco, encontrou a provincia conflagrada pelo grito separatista da Confederação do Equador, e unindo-se então as tropas do morgado do Cabo, Francisco Paes Barreto, depois marquez do Recife, «prestou-se com toda a honra e desinteresse em defender os direitos de Sua Magestade Imperial, da independencia e integridade do imperio, não só na praça, como acompanhando a tropa cooperadora para a Barra Grande, dando toda a prova do quanto se interessava

no serviço do mesmo augusto senhor», segundo attestou o proprio Paes Barreto.

Por decreto de 18 de Novembro de 1824, passou Hollanda Cavalcanti a servir no estado maior do exercito, foi elevado ao posto de tenente coronel em 20 de Março de 1827, e neste mesmo posto obteve a sua reforma, em 9 de Novembro de 1832. Em sua carreira militar, Hollanda Cavalcanti não teve occasião de illustrar-se; ella comprehendeu um periodo de esterilidade para elle, não só por se achar fóra do paiz, durante a luta da independencia, como depois disso, em diversas commissões que o trasiam afastado do campo das lutas tanto no proprio paiz, como no estrangeiro. No entretanto, possuia elle estudos especiaes da arma de artilharia, e outros da arte militar, assim como de humanidades.

Até aqui o militar; agora o homem politico, o parlamentar, o estadista.

Em 1826 seguiu Hollanda Cavalcanti para o Rio de Janeiro, tendo sido eleito deputado a assembléa geral legislativa, por esta provincia; honra esta que continuou a merecer até que incluindo o seu nome em uma lista offerecida a corôa, foi escolhido senador por esta mesma provincia, por decreto de 7 de Fevereiro de 1838.

Desde 1826, diz um seu biographo, elle frequentou a tribuna, embora lhe faltassem alguns dos principaes dotes que se exigem ao orador: não tinha o dom da palavra fluente; ao contrario, esta muitas vezes lhe acudia difficil, obrigando-o a hesitar e parar em quanto procurava a melhor expressão para a idéa: nos seus discursos nem havia brilhantismo, nem arte na ordem dos argumentos, e menos na disposição das partes oratorias; mas Hollanda Cavalcanti obrigava a attenção pela sua franqueza caracteristica, e as vezes rude. Subia a tribuna para dizer o que pensava, e dizia-o com simplicidade, e com certa altivez propria de quem fallava sem jamais calcular com o agrado ou com o desagrado de quem quer que fosse. Foi liberal desde 1826 até o ultimo dia de sua vida; mas sempre com a mais absoluta independencia de idéas e sem jamais respeitar disciplina de partido. O primeiro que no Brazil requereu accusação formal de ministros de estado, foi Hollanda Cavalcanti, propondo na camara a accusação de Lucio Soares Teixeira de Gouvêa, e de Joaquim de Oliveira Alvares, ministros, o primeiro da justiça, e o segundo da guerra.

A 3 de Novembro de 1830, subiu Hollanda Cavalcanti

ao ministerio, occupando a pasta dos negocios da fazenda. Representando elle nesse gabinete o principio liberal, achou-se em desintelligencia com o marquez de Paranaguá e com algum outro, sobre a direcção politica da marcha dos negocios. Recomposto o ministerio, a 18 de Março de 1831, em virtude do espirito de nacionalidade justamente irritado pelos insultos dos portuguezes praticados nas celebres noites das garrafadas, na capital do Rio de Janeiro, ficára predominando então o elemento liberal, imposto pelas circumstancias em que se achava collocado D. Pedro I, Hollanda Cavalcanti continuou a occupar a mesma pasta da fazenda, até 5 de Abril, quando foi demittido o ministerio. Dous dias depois rebenta a revolução, D. Pedro I abdica, a regencia assume ao poder, e no anno seguinte, dado o golpe de estado de 30 de Julho, á que ardentemente se oppuzera, é chamado novo ministerio ao poder, Hollanda Cavalcanti é incumbido das pastas do imperio e da fazenda, e a 13 de Setembro deixa o poder com os demais collegas desse ministerio, chamado pela sua ephemera duração, — o ministerio dos quarenta dias.

Por esse tempo, a marcha que tomava os negocios politicos do Brazil, fizera transparecer a idéa da proclamação da maioridade do Senhor D. Pedro II.

Em sessão do Senado de 13 de Maio de 1840, Hollanda Cavalcanti, pronuncia um discurso, em que desenvolvendo as vantagens da proclamação da maioridade, concluiu apresentando o respectivo projecto. Foi immensa a sensação causada por esse discurso, e dahi por diante feriu-se a mais renhida luta parlamentar, até que afinal passou o projecto, e S. M. o Imperador foi declarado maior aos quinze annos de idade, por decreto de 23 de Julho de 1840.

Em 1852 Hollanda Cavalcanti apresentou no Senado um projecto para que a capital do imperio fosse transferida para o interior do Brazil, no Rio S. Francisco, fundamentando-o e desenvolvendo as immensas vantagens que resultariam de semelhante resolução; mas o seu projecto cahiu, e essa idéa de um grande alcance ficou esquecida, e alem do illustre Visconde de Porto Seguro que sobre esse assumpto escreveu um primoroso trabalho, bem poucos propugnadores tem encontrado. No entretanto o germen ficou plantado, e um dia talvez, a idéa do venerando Visconde de Albuquerque seja aproveitada.

Extrenuo propugnador do acto da maioridade, Hollanda Cavalcanti foi incumbido da pasta dos negocios da mari-

nha, no primeiro ministerio organizado pelo jovem monarcha, e conservou-se no governo até 23 de Março de 1841, quando o passou aos seus adversarios chamados ao poder. Em 1844 sóbe de novo aos conselhos da corôa, occupando outra vez a pasta da marinha a 23 de Maio; e Hollanda Cavalcanti conservou-se no ministerio até 29 de Abril de 1847, desempenhando nesse periodo interinamente o cargo de ministro da guerra, e depois apasta da fazenda effectivamente. Em 1862 emfim, voltou ainda ao poder, como ministro da fazenda do gabinete de 30 de Maio, organizado pelo marquez de Olinda, cujo exercicio foi interrompido pela morte que o feriu no anno seguinte.

Alem dos cargos que deixámos ennumerados, tanto da vida politica e parlamentar de Hollanda Cavalcanti, como da vida militar, exerceu o de conselheiro de estado extraordinario, para o qual foi nomeado em 14 de Setembro de 1850, passando a ordinario em 20 de Agosto de 1859. Alem desses cargos, Hollanda Cavalcanti occupou outros, e no desempenho de todos elles, é proverbial o seu zelo, honestidade e independencia, predicados estes que sempre o distinguiram; e morreu pobre, mas honrado, respeitado e venerado. Em 20 de Agosto de 1840, S. M. o Imperador conferiu-lhe o titulo de gentil homem da imperial camara, e por carta de 13 de Julho de 1855, o de visconde de Albuquerque, com as honras de grandeza, possuindo alem destes titulos o habito da Ordem de Christo, e a dignitaria do Cruzeiro.

Quando em 1862 fôra convidado pelo marquez de Olinda para fazer parte do ministerio, achava-se então o velho e venerando visconde de Albuquerque soffrendo grave e adiantada affecção do coração; mas não hesitou em tomar parte no gabinete, acceitou a pasta da fazenda, luta e em constante com o trabalho, despresando a marcha progressiva da molestia, por amor do desempenho do seu mandato, tudo affrontando pelos restrictos cumprimentos dos seus deveres, no fim de onze mezes de soffrimentos e de sacrificio pessoal, falleceu aos 14 de Abril de 1863, e no dia seguinte foi sepultado no cemiterio de S. João Baptista.

As manifestações de sentimento que foram tributadas a memoria do venerando visconde de Albuquerque por occasião do seu fallecimento, quer publicas quer particulares, traduzem a estima e conceito que na capital do imperio gosava esse illustre e benemerito servidor do estado.

Treze annos depois de sua morte, a marinha brazileira ergueu um monumento á memoria dos creadores do corpo

de imperiaes marinheiros e da companhia de aprendizes, monumento este levantado por iniciativa de um dos seus mais illustres chefes, o Sr. barão de Iguatemy, na ilha de Villegaignon, cuja inauguração teve logar solememente, no dia 16 de Dezembro de 1876. O monumento, constante de uma bella columna de ferro da ordem corinthia, sobre um pedestal de granito, assentado em uma base elevada de cantaria, orlado por um gradil preparado com gosto e ornamentado de ancoras, pilhas de balla e corôas delouro, «*é um tributo de reconhecimento da corporação da armada*» erguido á memoria do general Salvador José Maciel, creador do corpo de imperiaes marinheiros em 1836, e do senador visconde de Albuquerque, creador da primeira companhia de aprendizes marinheiros em 1840, quando ministro da marinha.

Os nomes desses dous illustres cidadãos, gravados nos espelhos da base desse monumento, recordam os serviços que prestaram ao paiz; e a briosa corporação da armada imperial, cumpriu assim um dever de honra e gratidão. E' que nunca é tarde para retribuir aos benemeritos da patria com o galardão merecido pelos serviços que prestaram; assim começou o seu discurso o Sr. Barão de Iguatemy, na solemnidade inaugural desse tão modesto quão significativo e honroso monumento. Pernambuco tambem honrou a memoria do seu illustre filho o visconde de Albuquerque, denominando a Camara Municipal do Recife as ruas que se estendem pelo oitão da matriz de Boa Vista, *rua do Visconde de Albuquerque*.

O Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo, no seu *Anno biographico brasileiro*, consagrou algumas paginas á memoria deste illustre e benemerito cidadão, e com o talento e mestria que lhe são proverbias, esboçou ainda que em ligeiros traços o seu perfil, deixando porem transparecer todas as phases de sua vida, encarando-a por todos os lados, e assim deixou bempatente o cidadão, o militar, o funcionario e o parlamentar. Eis pois os topicos mais caracteristicos do visconde de Albuquerque, traçados pelo Sr. Dr. Macedo:

.....

«Sua franqueza, sua independencia characteristics e sua fidelidade aos principios liberaes eram por todos respeitadas. O visconde de Albuquerque tinha na tribuna do Senado desde alguns annos exaltado aquellas virtudes da

franqueza e da independencia pessoal á tal ponto e com dizeres taes, que em vivos epigrammas, e em idéas que se afguravam excéntricas, ennuuciava grandes verdades tomadas por ironias ou por paradoxos. Em 1846 por exemplo, alludindo claramente a falsificação do systema eleitoral, ousou declarar que os ministerios podiam governar sem maioria de votos na camara, chamando *artificiaes* as maiorias parlamentares.

« Fôra do governo exclamou um dia no senado :— não ha no Brazil duas cousas que se pareçam mais uma com a outra do que um liberal com um conservador.

« Em uma discussão financeira, em que se tratava de acudir a falta de recursos do Estado, o visconde de Albuquerque disse aos ministros:— dinheiro temos nós de sobra, o que nos falta é juizo. Combatendo a creação de uma nova repartição ministerial, e a idéa de que os serviços de cada uma das antigas seis pastas ministeriaes já eram demasiado peso, e tarefa quasi impossivel de bem desempenhar-se, o visconde de Albuquerque zombava dos ministros, atacando as novas e grandes despezas, que se exigiam do thesouro, e clamava:— acham excessivo o trabalho?... pois eu não penso assim: estou prompto á tomar sobre mim o desempenho de todas as seis pastas ministeriaes.»

« Em outra occasião dizia: « Senhor Presidente! o paiz vai mal, e o seu estado não melhorará, em quanto se não enforçar algum ministro.» Sempre que tomava a palavra no Senado lançava algumas dessas proposições incisivas, que envolviam em certa exageração e fórma um pouco original, fundo de verdade inegavel.

« Foi em toda a sua vida parlamentar energico defensor da liberdade da imprensa. Na administração era activo e economico, zeloso e honradissimo. Cidadão benemerito e de probidade tão reconhecida que nunca uma simples suspeita ousou insinuar-se contra elle, o visconde de Albuquerque morreu pobre, e o governo do Estado honrou seus serviços e bella memoria, decretando bem merecidas pensões para suas filhas. »

Antonio Gomes Pacheco. Nasceu na ilha de Itamaracá, e foi baptisado, na capella do engenho do Meio da mesma freguezia, aos 15 de Janeiro de 1742, ministrando o padre João Manoel Carneiro.

Seus pais foram o capitão Manoel da Costa Gadelha, e D. Manoela Izabel de Barros Pacheco. Pelo lado paterno

era neto do coronel Jorge da Costa Gadelha e D. Marianna Teixeira da Silveira; e pelo materno do capitão-mór Antonio Gomes Pacheco e D. Maria Coelho de Reboredo, todos naturaes de Pernambuco.

Deliberando Antonio Gomes Pacheco abraçar a carreira ecclesiastica, seguiu para a villa de Iguarassú, onde cursou a aula de latim do professor publico Diogo velho Cardoso e concluindo no Recife e Olinda o curso necessario a esse estado, e recebendo por sentença do Dr. Provisor Antonio Pereira de Castro a sua habilitação de ordens datada de 18 de Fevereiro de 1763, ordenou-se presbytero.

Foi o padre Antonio Gomes Pacheco, diz o venerando commendador Antonio Joaquim de Mello, um dos clerigos Brazileiros, que por sua instrucção, e virtudes, honram a sua jerarchia. Discorria sobre os conhecimentos agradaveis, litteratura amena, deleite dos bons espiritos, com tal facilidade, abundancia e gosto, que encantava.

Como seu irmão o padre José Gomes da Costa Gadelha, era tambem poeta o padre Antonio Gomes Pacheco, porem das suas producções bem pouco nos resta.

O commendador Mello nas suas — *Biographias de alguns poetas e homens illustres da provincia de Pernambuco* —, depois de um ligeiro traço biographico do padre Gomes Pacheco, dá apenas cinco poesias suas que custosamente pôde obter, sendo ellas um soneto, duas decimas, duas glosas de quatro versos e uma de um verso, cujos motes são os seguintes :

Jesus para nosso bem

*Eu bem posso querer bem,
Sem mostrar do peito a chamma;
Fingindo que quero mal,
Obrando como quem ama.*

*Pergunta certa Senhora,
Sem presumir mal algum,
Se um beijo em sexta-feira
Fará quebrar o jejum.*

Este segundo mote é alheio; e a glosa do terceiro, é em forma de dialogo, entre um padre mestre e seu discipulo.

No entretanto alem destas poesias do padre Antonio Gomes Pacheco possuimos outras que até aqui não viram a luz da publicidade.

Celebrando-se em Pernambuco aos 19 de Março de 1775, dia do anniversario natalicio do governador José Cezar de Menezes, uma festa litteraria em seu louvor, o padre Gomes Pacheco foi dos que tomou parte nella, recitando uma Ode, uma glosa e um romance joco-serio.

O padre Gomes Pacheco, incumbiu-se de colleccionar todas as peças recitadas nesse certame poetico, e depois de obtidas dos seus autores, organisou um bello album, com o titulo de *Colleção das obras feitas aos felicissimos annos do Illm. e Exm. Sr. José Cezar de Menezes governador e capitão general de Pernambuco na sessão academica de 19 de Março de 1775, offerecida por Antonio Gomes Pacheco, presbytero secular.*

Precede esta colleção mais duas poesias do padre Gomes Pacheco, como dedicatorias; são dous bellos sonetos, um ao governador José Cezar de Menezes, e um outro — *ao leitor* —.

O album que tivemos em mãos, e que benignamente nos foi confiado por um amigo, é em manuscrito; mas de um trabalho tão delicado e primoroso, que a primeira vista tomamos por impresso, e assim todas as pessoas que o viram.

E por isso, e pela sua luxuosa encadernação, pensamos que fôra este o proprio album offerecido a José Cezar de Menezes, por occasião da festa litteraria que em seu louvor fôra celebrada; e d'entre as mais bellas flores desse primoroso ramalhete, notam-se as que foram offertadas pelo padre Antonio Gomes Pacheco.

Antonio Gonçalves da Cruz (Cabugá). Illustrissimo pernambucano de 1817 na phrase de um escriptor, natural do Recife, herdeiro de uma casa opulentissima, Antonio Gonçalves da Cruz em consequencia de uma renhida demanda viu-se forçado a deixar Pernambuco, viajou bastante, e cahindo prisioneiro dos francezes revolucionados, instruiu-se com elles nos principios democraticos, e voltou á patria tão enthusiasnado por taes idéas, *que a menor fãisca o exaltava, pondo-o em combustão.*

Instruido convenientemente, não só por sua educação como pelo que vira e aprendera em suas viagens, rico e

generoso, ardente e enthiasmado patriota, José Gonçalves da Cruz foi logo procurado pelos conspiradores que promoviam a obra da nossa emancipação politica, iniciou-se nos clubs secretos; fez parte das academias do Cabo e Paraiso, e por fim, a sua propria casa situada na rua que tem por nome o seu appellido — Cabugá, foi convertida em um outro centro de reuniões, e na sua magnifica quinta do Manguinho alternava os trabalhos de sua casa do Recife, com profusos, esplendidos e delicados banquetes.

Na sua casa da cidade, chamada pelos portuguezes *capella de baptisados maçonicos*, ostentava-se o luxo e a riqueza, nas suas salas viam-se primorosos quadros com os retratos dos vultos mais salientes das revoluções franceza e ingleza, e na sua bibliotheca encontrava-se uma escolhida colleção de livros sobre assumptos politicos, especialmente sobre os principios democraticos, e outros sobre a historia das suas iniciativas e resultados. Este pernambucano, diz Muniz Tavares, tinha viajado na Europa, e possuia consideravel fortuna; a sua casa era o receptaculo dos brazileiros mais conspicuos attrahidos pela sua affabilidade. Os portuguezes somente por esta razão o detestavam, e o apontavam como um dos maiores revolucionarios.

Apontado como conspirador, alvo do despeito e da maledicencia, e querendo em tempo subtrahir-se á perseguições, Cabugá resolveu fixar-se nos Estados Unidos, vendeu todos os seus bens, e obteve passaporte para New-York. Nesse interin, é o governador informado da conspiração, e no conselho que reuniu na manhã de 6 de Março, Cabugá foi um dos primeiros condemnados á prisão, da qual se encarregou um seu amigo o marechal José Roberto Pereira da Silva. Mas o immediato rompimento da revolta nesse mesmo dia, não deu tempo a effectuar-se a sua prisão, e elle corre á se reunir com os patriotas, toma parte em todos os movimentos desse dia e do subsequente, e só os deixou depois de effectuada a capitulação da fortaleza do Brum, *levando para a sua casa a gloria de ter sido um dos fundadores da liberdade de sua patria.*

No dia 8, na primeira reunião do governo provisorio, Cabugá recebe a nomeação de presidente do Erario Nacional, mas deliberado o alvitre de se enviar aos Estados Unidos um agente diplomatico na qualidade de encarregado de negocios, a escolha recahiu em Cabugá por acto

de 11 de Março, dando-se-lhe como secretario e interprete da embaixada o patriota Domingos Malaquias de Aguiar Pires Ferreira. A missão de Cabugá tinha por objecto promover o reconhecimento formal da nova republica pelo governo dos Estados Unidos, sendo ao mesmo tempo encarregado de engajar alguns officiaes francezes alli emigrados, para servirem no exercito de Pernambuco; de comprar armamentos e petrechos de guerra, de que muito se necessitava; e que fizesse quanto antes transportar tudo ao porto do Recife, ou a algum outro das provincias limitrophes no caso de bloqueio, para o que lhe foi entregue a quantia de 60:000\$000.

No dia 24 de Março de 1817 partiu a embaixada do porto do Recife, acompanhando-a os votos dos patriotas pelo bom exito da sua missão. Cabugá chegando em Baltimore, satisfez promptamente a segunda parte da sua incumbencia, e fazendo remessa de tudo para Pernambuco, seguiu para Washington á tratar do primeiro e principal negocio da sua embaixada. Mas o mallogro da revolução, cuja noticia lhe chegou rapidamente, « não lhe deu tempo para desenvolver os seus grandes talentos diplomaticos, nem se aproveitar da preciosa coadjuvação de Domingos Malaquias, secretario e interprete da legação.»

Livre a sua pessoa da perseguição e martyrio votados aos infelizes patriotas, pela garantia que lhe offerecia a sua ausencia, vingaram-se porem, confiscando-lhe todos os seus bens, e incluindo o seu nome na lista dos proscriptos; mas, accusado perante a Alçada « por prestar a sua casa para ajuntamentos, vender os seus bens nas vespas da revolução, ter despendido muito dinheiro com a mesma, ter gente armada em sua casa na noite de 5 para 6 de Março por esperar ser preso, dizer que ha muito se tratava da revolução e por isso ter excluido do segredo aos mações europeos, figurar no motim do dia 6 entre os mais rebeldes, e por ser embaixador na America ingleza, *onde tem feito serviços distinctos á rebellião*», e apesar de se não obter provas de todos estes pontos de accusação, comtudo foi condemnado á pena de morte!

Na impossibilidade de prestar os seus serviços á causa da patria, Cabugá passou-se para Philadelphia, onde prestou-se immenso aos poucos de seus patricios que conseguiram emigrar para os Estados Unidos. Em 1826 veio elle a Pernambuco, foi ao Rio de Janeiro, tornou a esta provincia, e d'aqui seguiu para America em virtude da

nomeação que recebeu do governo imperial, incumbindo-o do consulado geral do Brazil nos Estados Unidos.

Até aqui chegaram as noticias que a respeito de tão illustre patriota podemos obter. Outras particularidades, o papel que desempenhou depois da independencia, os seus serviços de então, onde e quando terminou os seus dias, são pontos desconhecidos, sobre os quaes nada obteve as nossas indagações e pesquisas.

Antonio Joaquim de Mello. Nasceu aos 2 de Fevereiro de 1794 no bairro de S. Antonio do Recife. Era filho legitimo de Ignacio Correia Gomes de Mello e D. Anna Francisca das Chagas Alves Marinho.

Bem cedo revelou Antonio Joaquim de Mello a sua grande intelligencia, e o bello talento com que o dotára a natureza. De seus pais, apenas recebeu a instrucção primaria; mas, pelo seu amor e dedicação ás lettras, conseguiu conquistar tantos conhecimentos, accumular um tão subido gráo de instrucção, que admirava como tanto podera conseguir comsigo mesmo, tal era o seu estudo, dedicação e força de vontade.

Ainda bem joven, entrou para o cartorio do tabellião de notas desta cidade, Miguel Peres Correia Gomes, na qualidade de escrevente; mas bem pouco tempo permaneceu neste emprego.

Em 1815, os seus amigos, e aquelles que o conheciam e louvavam a sua dedicação e amor pelos estudos, e que apreciavam as suas qualidades e honroso proceder obtiveram do governador e capitão general desta capitania, Caetano Pinto de Miranda Monte-Negro a sua nomeação para o officio de tabellião do judicial e notas e escrivão do civil e crime da cidade do Recife.

A obtenção deste emprego para Antonio Joaquim de Mello, é a mais honrosa e significativa prova de seu merito, e honrosos precedentes. Tendo por norte apenas as qualidades e os dotes do nomeado, o general Caetano Pinto ultrapassára as exigencias da lei, a determinação de que para taes cargos só fossem nomeados os casados e maiores de 25 annos!

E' que o general Caetano Pinto comprehendia que não é o estado e nem a idade que dão as habilitações e que constituem o real e verdadeiro merito, as qualidades e os dotes necessarios aos individuos para o exercicio de qualquer emprego.

Vivia, pois, o joven Antonio Joaquim de Mello entregue aos labores da vida forense, e nas horas de descanso e repouso entregava-se ao estudo. Em intima convivencia com alguns homens notaveis pelas suas letras e sciencias, taes como Manoel Caetano de Almeida e Albuquerque, João Nepomuceno da Silva Portella, Antonio Joaquim de Abreu, Francisco Ferreira Barreto, José Marianno Falcão Padilha, frei Carlos de S. José, depois bispo do Maranhão, e outros mais, que, como elle, tornaram-se celebres na historia politica e litteraria do nosso paiz, a elles apresentava as suas lucubrações, as primicias do seu engenho.

Mas António Joaquim de Mello, não era sómente um entusiasta das bellas letras, um dos seus mais dedicados cultivadores. Naquelle generoso e nobre coração, estava gravado o verbo patriotico da liberdade e independencia do seu paiz. E foi assim que, moço e ardente como era, associou-se logo áquelles benemeritos varões, áquelles illustres patriotas, que conceberam o arrojado plano de derrubar o imperio do depotismo e proclamar a patria livre!

Rompe a revolução aos 6 de Março de 1817; Antonio Joaquim de Mello não calcula os perigos a que se expunha, tudo despreza, e corre a se unir com os patriotas nas barricadas da liberdade, e não duvida até em derramar o seu proprio sangue por amor da patria, dessa patria que tanto amou, cujas glorias e tradições tanto o orgulhava e ensoberbecia.

Emquanto outros patriotas prestavam os seus serviços á causa sacrosanta da liberdade, empunhando a arma do soldado nos campos da batalha, elle, no gabinete dos governadores provisorios, era o agente infatigavel das correspondencias e officios, e de todo o expediente do governo.

Teve, pois, por campo de batalha o terreno da intelligencia e por armas a sua penna, essa mesma penna que ao depois immortalisára os nomes de tantos illustres e benemeritos pernambucanos.

Cahe a republica, ergue-se de novo o imperio da realza, sacrifica-se ao seu capricho e tyrannia innumeradas victimas e Antonio Joaquim de Mello escapa felizmente dos algozes da sua patria. Mas no anno seguinte, quando de novo accendeu-se o furor dos canibae, prendem-o, encarceram-o na cadeia desta cidade, em a noite de 6 de Abril de 1818, por haver sido accusado pela alçada, e com

elle muitos outros patriotas, cujas prisões fizeram debulhar em lagrimas mais de 60 familias pernambucanas, vendo-se desamparadas de seus chefes, e elles ameaçados dos mais barbaros e atrozes supplicios!

Porém bem curta foi a detenção do illustre preso, porque valeu-lhe o primeiro decreto de perdão de 6 de Fevereiro de 1818.

Depois dessa epocha demittio-se Antonio Joaquim de Mello do officio de tabellião e escrivão, e seguiu para o centro da provincia á exercer a nobre e independente profissão de advogado, occupando tambem no sertão o lugar de thesoureiro dos ausentes. Na segunda viagem que fez ao sertão casou-se em Garanhuns com D. Maria Magdalena de Mello, natural de Tacaratú, mas 3 annos depois a terna companheira dos seus dias o deixou na viuvez, legando-lhe dous filhos. Eis como elle proprio descreve a felicidade do seu consorcio e como lamenta a perda da esposa, quando na biographia do illustre pernambucano Alvaro Teixeira de Macedo trata da sua felicidade conjugal:

« Eu tambem fui ditoso! Mas o anjo de ternura e consolação, que o sereno céo dispensou-me, o céo m'ô revocou, apenas passados trez annos. Ainda agora, na viuvez melancolica de 34 invernos, a sua lembrança me é tão viva e tão penetrante!... Tão saudosa!... Quão poucos instantes brilha o dia escasso da nossa vida! »

Depois de 4 annos de residencia no interior da provincia regressou para esta capital, quando a liberdade já assomava nos horisontes da patria. Proclamada a independencia do Brazil, foi Antonio Joaquim de Mello nomeado procurador fiscal da Thesouraria de Fazenda desta provincia, por decreto imperial de 18 de Novembro de 1822.

A elle coube a honrosa missão de ser o installador desta repartição, e no desempenho deste cargo, que lhe fôra confiado pelo governo, se conservou por espaço de 32 annos, quando recebeu o decreto de sua aposentadoria, em data de 11 de Março de 1854.

Em 1823 foi Antonio Joaquim de Mello, eleito para o cargo de vereador da Camara Municipal do Recife e no anno seguinte rompendo a revolução que proclamou nesta provincia a Confederação do Equador, elle liberal firme e de convicção, amante da liberdade e das instituições livres, vòu ao campo dos revoltosos, espósa a causa da revolução, e nessa opposição e pugna politicas que os pernambucanos

bucanos levantaram intrepidos, elle já como particular, e já officialmente, prestou grandiosos serviços, foi um dos baluartes e sustentaculos do novo governo.

« O movimento politico ou revolução em 1824, diz um escriptor, tão generoso e grandioso como o que houvera em 1817, era um protesto energico, erigido em nome da soberania nacional contra a permanencia da monarchia absoluta, que se desfarçava em uma forma constitucional representativa; era o meio proprio da reivindicacão de direitos conculcados; era uma verdadeira revolução no terreno da verdade, porque os principios justos e exactos eram por elle proclamados e sustentados. »

Debellada a revolução, rasgou-se o immenso scenario das perseguições, e muitas foram as victimas sacrificadas em holocausto no altar da patria; os abutres da tyrannia estavam sedentos de sangue, e só o sangue dos illustres patriotas lhes saciava a sede.

Antonio Joaquim de Mello para escapar aos furores e perseguições dos agentes dorei, abandona a sua residencia, occulta-se, e vive foragido por algum tempo, lutando com as maiores privações, molestias, trabalhos e fadigas.

Estava elle no Brejo da Madre de Deus, quando lhe chegou a noticia de que se preparava em Portugal uma expedição militar contra o Brazil; então, tomando mão da lyra patriotica, vibrou as suas cordas de ouro, e produziu uma bella e inspirada cantata nacional — Os Cahétes, — que depois inserio no seu livro de versos publicado em 1847, e a pagina 100 do segundo volume das suas *Biographias de alguns poétas e homens illustres da provincia de Pernambuco*.

Depois regressou ao centro da provincia, e acolheu-se a uma casa no lugar denominado Bongi, proximo a esta cidade. Ahi, compareciam accidentalmente outros compromettidos politicos, e se entretinham muitas vezes, como era natural, sobre a recente revolução, e a terrivel conducta do obsecado e atroz poder triumphante. Alli, conta elle proprio, vinham a balha até os despotismos e crueldades dos primeiros colonisadores sobre os Incolas, de inculpada selvageria, senhores naturaes do Brazil. A pobre familia hospedeira, nutria honestos principios liberaes, e os attrahia e excitava mesmo as vezes a taes discussões e contos. Nesse abrigo e circumstancias, que não foram sem sustos em diversas occasiões, compoz Antonio Joaquim de Mello o seu idyllio Itaé, que depois cor-

regio e ampliou ; e em 1845 pessoalmente o offereceu em manuscripto a S. M. o Imperador, que se dignou benignamente acolhel-o, cuja poesia encontra-se nas mesmas obras que acima fallamos.

Debellada a revolução, e em virtude do decreto de 7 de Março de 1825, concedendo amnistia aos revoltosos, voltou Antonio Joaquim de Mello do seu homisio, e entrou no goso de seus direitos e beneficios.

Mas, novas perseguições o aguardavam em 1828. A influencia e o prestigio que elle tinha sobre o corpo eleitoral, fizeram-no timido, e então os seus inimigos politicos lançaram mão dos meios de o afastar do seu partido, da sua direcção, embora esse meio fosse uma infamia. Fazem pasquins contra o governo de D. Pedro I, publicam-no, fixam-no pelas esquinas das ruas e vão depois denunciar a Antonio Joaquim de Mello e outros, como autores de tão infame procedimento.

Antonio Joaquim de Mello é preso e recolhido á fortaleza do Brum em Fevereiro de 1829, e ainda em Fevereiro do anno seguinte, requeria ao desembargador ouvidor geral do crime, *que nomeasse um outro escrivão para o seu barbaro processo, afim de não soffrêr outro anno de prisão, sem ser julgado por falta de juizo, o que certo aconteceria si o mesmo escrivão continuasse nos traslados, porque antes que os acabasse, iriam para as côrtes os ministros deputados, e para a Bahia o desembargador Monteiro de Barros, e continuariam então os seus inimigos a rirem-se da sua oppressão; o que só lhe foi concedido quasi um mez depois!*

Treze mezes permaceu preso Antonio Joaquim de Mello, victima dessas *inquisitorias devassas depasquins e da chamada rebellião*, até que foi solto por accordão da Relação.

Ainda em 1838, foi de novo submettido a processo, por haver dito em um officio que dirigio ao presidente da provincia, em resposta a um outro que recebera, que, uma phrase por elle usada, fôra escripta com muita precipitação e leviandade!! E por isso foi denunciado pelo promotor José Thomaz Nabuco de Araujo Junior, em 8 de Junho de 1838, como incurso na metade da pena estabelecida no art. 237 § 2.º pela disposição do art. 238 do Codigo Criminal, no gráo maximo por se haver dado as circumstancias aggravantes dos numeros 4, 7 e 8 do art. 16 do mesmo Codigo!

Porém, Antonio Joaquim de Mello triumphou; os seus

inimigos politicos viram quebrarem-se as armas mesquinhas que haviam forjado contra elle. E' que a justiça não conhece altos nem baixos, e nem sempre serve de joguete a vinganças pequeninas.

A revolução patriótica de 7 de Abril de 1831, cujo fructo foi a abdicção de D. Pedro I e a sua partida para a Europa, extremara dous partidos; um, envidava todos os meios, empregava todas as suas forças pela restauração do governo do primeiro imperador: o outro, porém, sustentava a abdicção, e além de luctar com os seus adversarios, luctava tambem com a influencia portugueza, que então ainda tinha algum valor.

Antonio Joaquim de Mello, tendo passado já duas vezes pelos cadinhos do martyrio, patriota extremado, liberal de ideas e firmes convicções, soldado amestrado nas luctas das liberdades patrias, pertencia ao partido moderado, isto é, ao partido que sustentava a abdicção, e foi o seu chefe em Pernambuco.

O partido contrario havia creado para centro de suas deliberações uma sociedade secreta denominada — *Columnna do throno e do altar* —, e Antonio Joaquim de Mello para centro de acção e necessario órgão de defesa, instituiu e presidiu a sociedade *Patriotico-harmonisadora*, e redigiu um periodico órgão da sociedade e do partido, ao qual denominou — *Harmonisador*, o que extraordinariamente contribuiu, não só para que se firmasse a generosa e patriótica idéa do partido, como para o restabelecimento da ordem publica, quando rebentou nesta cidade a sedição militar conhecida na historia por Setembrisada, nos dias 14, 15 e 16 de Setembro de 1831, cuja associação não só poz a disposição do governo as pessoas dos seus membros, como tambem os seus haveres.

Com a abdicção de D. Pedro I, tambem nasceu a idéa da reforma constitucional, e no meio das oscilações do espirito publico, das diversas opiniões que se apresentaram, surgiu a idéa da reforma da constituição no sentido federativo.

Entre outras provincias onde mais se havia desenvolvido a idéa federativa, a Parahyba do Norte apresentava serias difficuldades ao governo, pelo progresso que havia feito os seus partidarios.

Era pois de urgente necessidade enviar a Parahyba, um homem de confiança e prestigio, que assumisse as redeas da sua administração; e esse homem pelos seus

precedentes, pelas suas opiniões, serviços e dedicação, foi Antonio Joaquim de Mello.

Nomeado pela Regencia por carta imperial de 10 de Dezembro de 1832, seguiu para a Parahyba, e aos 16 de Março do anno seguinte, prestou juramento e assumio as redeas da administração da provincia. Porém, por bem pouco tempo se conservou nessa difficil e melindrosa missão, pois aos 6 de Janeiro do anno seguinte entregou a sua administração, e seguiu para o Rio de Janeiro, a tomar assento na camara geral como deputado por Pernambuco, cuja eleição conseguira achando-se ausente d'aqui, tal o seu prestigio e o merito que lhe reconheciam possuir os seus comprovincianos.

Os serviços prestados por Antonio Joaquim de Mello na presidencia da Parahyba, á ordem publica e a manutenção das nossas instituições politicas, foram inumeros, foram relevantissimos.

A entrada de Antonio Joaquim de Mello no parlamento, como representante de sua provincia natal, foi um novo horisonte que rasgou-se esplendido ás suas conquistas, á exhibição do seu talento e dos seus dotes parlamentares.

Antonio Joaquim de Mello, diz um seu biographo, fez então prodigio de valor parlamentar, tomando parte muito activa na confecção do acto adicional, sustentando e insinuando as theses politicas mais sãs e verdadeiras, que, adoptadas, se lêem hoje na reforma da nossa Constituição e que fariam o bem e a prosperidade de nossas provincias, se lei interpretativa e mais tarde os actos do poder central não cerceassem os germens da descentralisação politica e administrativa, que essa liberrima lei encerra; e em tão arduo e afanoso, quão patriotico trabalho, luctou, até com alguns dos seus proprios collegas, deputados por esta provincia, que se oppunham á qualquer reforma na Constituição.

Quando terminou a sessão legislativa, o governo instou para que elle voltasse a Parahyba á exercer o cargo de presidente que lhe havia sido confiado; mas elle instou tambem pela sua demissão, a qual a muito custo lhe foi dada já em 1835, agradecendo-lhe então o governo da regencia em um honroso documento, os valiosos serviços que elle prestara a causa da sustentação das nossas instituições politicas, da ordem e tranquillidade publica.

Nas seguintes legislaturas, não se apresentou candidato a deputação geral; e apezar das publicas declarações

que fizera, e de tanto se recusar a aceitar tão honroso mandato, alegando modestamente que, *haviam outros mais aptos do que elle para os altos cargos de eleição*, no entretanto foi ainda por varias vezes honrado com o suffragio popular, e por isso, ante o mais sagrado dos deveres, o da gratidão, vio-se por muitas vezes obrigado a corresponder a honrosa confiança dos seus amigos, acceitando uma cadeira de deputado no parlamento nacional.

Ahi, sempre que se aventavam questões de magno interesse para o bem estar do paiz, sempre que se apresentava um projecto de reforma ou de melhoramentos tendentes ao seu engrandecimento e prosperidade, erguia-se o vulto do illustre patriota, e a sua voz fazia-se ouvir, e na fileira dos baluartes dos defensores dos nossos interesses, dos sustentaculos da nossa honra e dignidade nacional, lá se destacava o vulto proeminente de Antonio Joaquim de Mello.

Não tentamos enumerar os serviços prestados ao paiz, por esse illustre pernambucano no parlamento nacional; sirva-lhe apenas de brasão das suas glorias parlamentares, a brilhante attitude que tomou na confecção do acto adicional, e a grande parte que tomou na elaboração do Codigo Commercial, de cuja commissão fez parte, e da qual foi talvez a cabeça pensante.

Além dos cargos de eleição popular que lhe confiaram os seus conterraneos, taes como os de vereador da Camara Municipal do Recife, da qual foi presidente, conselheiro do governo e da provincia, juiz de paz e deputado a assembléa legislativa provincial, e geral em quatro legislaturas, exerceu tambem cargos de magistratura, como os de juiz de fóra e de orphãos pela lei, e o de ouvidor.

Ha um factó na vida de Antonio Joaquim de Mello, que por si só, basta para mostrar a autoridade do seu elevado character, o brio e a dignidade desse illustre pernambucano. Para a legislatura provincial de 1844 a 1845, foi eleito deputado; mas o classico costume das falsificações de actas, excluíram-no e deram-lhe o diploma de terceiro supplente!

Mas o dever de honra e dignidade do homem que se preza, fizeram-no devolver o diploma a Camara Municipal, fazendo-o incluso em um officio datado de 17 de Abril de 1844, no qual dizia que, *a obrigação de concorrer, quanto lhe permittissem as suas tenuissimas fôrças, para a moralidade e bem da sua terra, não lhe permittia ser tao in-*

dulgente com o roubo que se lhe fez do lugar de membro effectivo, ou do numero da Assembléa, por meio da sabia falsificação da acta do collegio de Iguarassú, que chegasse comparecendo, servir na qualidade em que o chamavam de terceiro supplente, e dar assim por sua parte effeito e vigor a impunida falsificação.

Por cinco vezes foi este illustre patriota votado para senador do Imperio, e por tantas vezes excluido da honrosa missão de representar a sua provincia no Senado.

A primeira vez, na eleição de 1837, por fallecimento do senador José Joaquim de Carvalho, foi Antonio Joaquim de Mello o primeiro votado (273 votos). A segunda, em 1838, pela vaga do marquez de Inhambupe, foi o terceiro votado (206 votos). A terceira, em 1839, por fallecimento do senador José Ignacio Borges, foi tambem o terceiro votado (370 votos). A quarta, em 1845, por morte do senador Manoel Caetano de Almeida e Albuquerque, foi ainda o terceiro votado. (509 votos). A quinta, em 1850, por fallecimento dos senadores Antonio Carlos Ribeiro de Andrade Machado e Silva e José Carlos Marink da Silva Ferrão, foi da lista sextupla o segundo votado (930 votos).

Em 1863, os seus amigos lembraram-se de o apresentar candidato a vaga que se deu no senado. Envidaram todos os esforços, pedem, rogam, publicam no *Diario de Pernambuco* de 9 de Outubro um bello artigo descrevendo todos os seus serviços, tiram-se em avulso, espalham-no para todos os eleitores com cartas de recommendação, mas tudo foi baldado, tudo foi inutil, e desta vez, o patriota illustre encanecido nas lutas das liberdades patrias, o cidadão prestante e virtuoso, o escriptor fecundo que com a sua penna tanto exaltara e engrandecera a sua provincia, nem ao menos conseguiu entrar na lista triplice!!

Ainda em 1868, quando se tratou da eleição de um senador nesta provincia, alguém inserio um artigo no *Diario de Pernambuco* de 19 de Maio sob o pseudonimo — *O justiceiro*, lembrando o seu nome, e o apresentando para ser incluído na lista triplice, dizendo, que era chegada a occasião de reconhecimento e gratidão que deviamos ter em pagar uma divida que por cinco vezes a provincia tinha querido ver realisada, fazendo ao mesmo tempo a apologia dos seus meritos, do seu talento e illustração, e dos serviços que havia prestado ao paiz nas mais calamitosas épocas porque havia passado, desde os tempos coloniaes.

Mas tudo foi improficuo, nada se obteve, senão uma

eloquente e modesta replica a esse artigo, firmada por elle proprio no *Diario de Pernambuco* de 25 de Maio do mesmo anno de 1868.

« Não sou essa illustração, e sabio, que a sua sympathia imagina; apenas tenho desejado e procurado ser patriota desinteressado, independente representante da nossa provincia, quando esta honra me foi conferida; austero e bemfazejo, sempre acatando, mas nunca rastejando ante o poder: a prova incontestavel disto são estas cinco vezes, de que falla o *Sr. Justiceiro*. Apenas serviços hei prestado a patria; e persistirei em prestal-os sempre que o possa. Mas é este um dever de todos nós, dever que se desnatura e avilta, se põem fito seu ganho de interesses pessoaes. O exposto porém não basta, maxime no presente, para attingir a sublimidade da posição, a que allude o *Sr. Justiceiro*, e a que só os grandes talentos, e virtudes devem aspirar. »

A estas eloquentes palavras, repassadas de patriotismo e modestia, não nos é licito accrescentar uma só palavra. Ellas por si só, bastam para realçar o que havia de grande naquelle homem, a austeridade do seu character, e a altivez e independencia que sempre ostentara.

E o governo tão prodigo em certas occasiões, tão solícito em distinguir até a mediocridades, que nada valem por si, contentou-se em remunerar os serviços de Antonio Joaquim de Mello, depois da maioridade, conferindo-lhe o diploma de commendador da ordem de Christo, e o officiato da Rosa, titulo este que não tirou; e foram essas as unicas distincções que recebeu do governo durante a sua vida.

Mas Antonio Joaquim de Mello tinha um grande defeito; não sabia insinuar-se, não sabia fazer praça e apregoar, e encarecer os seus serviços, encommendar ou fazer mesmo artigos elogiando-se a si proprio, render culto a gregos e a troyanos.

E quando outros solicitam nomeações para os grandes cargos, elle recusava-se de acceitar varias presidencias, entre ellas a desta provincia, as pastas de ministro da marinha e imperio, e outros elevados cargos da representação nacional.

E pela sua independencia de character, e pela sua abnegação e desinteresse, viveu esquecido, pobre retirado á sua modesta habitação, mas trabalhando, tirando do pó do esquecimento salvando do indifferentismo e aniquilamento

as nossas glorias e tradições brilhantes, os vultos proeminentes dos heróes desta legendaria terra, de cujas glorias foi elle o mais entusiasta e dedicado zelador.

O seu nome ainda resplende nos annaes de duas das mais utilissimas instituições que possui esta provincia. Sim; não esqueçamos nenhum dos actos de tão illustre quão prestimoso cidadão, cuja memoria esta terra que lhe dera o berço guarda reverente.

A criação da Bibliotheca Publica e do Thesouro Provincial, deve-se ao illustre patriota Antonio Joaquim de Mello, quando deputado provincial.

Além de outras propostas todas de magno interesse ao engrandecimento desta provincia, propoz que se mandasse tirar cópias na Torre do Tombo e em outros archivos publicos de Portugal, dos documentos relativos a historia e geographia de Pernambuco. Veio uma descripção desta provincia, que pára na Secretaria da Presidência quasi inutilisada pelo cupim, e um outro trabalho que, nem ao menos inutilisado existe.

Em 1859, S. M. o Imperador lembrou-se de Antonio Joaquim de Mello como pessoa competente, para colligir na Thesouraria de Fazenda os documentos antigos e mais importantes que existissem sobre a historia de Pernambuco. A presidencia em officio de 20 de Novembro desse mesmo anno, lhe mandou communicar tal indicação; mas nada sabemos sobre o resultado desta incumbencia.

Até aqui temos rapidamente esboçado o vulto do patriota illustre, do cidadão prestimoso e cheio de dedicação, desinteresse e abnegação, do homem publico em fim. Passemos agora ao litterato, ao cultor das musas, ao biographo, ao zelador das nossas glorias e tradições.

As musas embalaram o berço do commendador Antonio Joaquim de Mello, e imprimiram em sua frente um beijo de inspiração. Bem joven ainda, já didilhava uma lyra, cujas modulações poeticas, apresentava a um pequeno circulo de amigos, todos como elle, dedicados cultores das bellas lettras.

Ainda que os seus empregos, e o desempenho das diversas commissões de que fôra incumbido absorvessem a sua attenção, comtudo, nunca deixou por falta de cuidado emmurchecer as bellas florinhas que havia cultivado, e de vez emquando, á brisa fagueira do descanso, ellas desprendiam das suas petalas o mais agradavel perfume.

Retirando-se á vida privada e concentrada, quando já

asua fronte alvejava ao peso da corôa da velhice, abatido por molestias e injustiças, elle então dedicou-se exclusivamente a cultura das letras, cujas producções honram e enriquecem a nossa litteratura.

Em 1847, colleccionou algumas das suas poesias e deu-as ao prelo nesta provincia.

Fernando Wolf na sua obra o *Brazil litterario*, menciona o seu nome, e tratando do seu idyllio *Itaé*, diz que elle muito interessa pela côr local. Além de varias producções poeticas que publicou nos jornaes desta provincia, n'alguns folhetos e nas suas *Biographias*, deixou muitas outras ineditas, todas interessantes pelo assumpto e pela fórma.

De todos os trabalhos publicados pelo commendador Mello, notam-se os tres volumes das *Biographias de alguns poetas e homens illustres da provincia de Pernambuco*, aqui impressas em 1856—1858—1859.

Nessa galeria figuraram os vultos de João Nepomuceno da Silva Portella, padre Manoel de Souza Magalhães, padre José Gomes da Costa Gadelha, Felipe Bandeira de Mello, Pedro de Albuquerque, Manoel Caetano de Almeida e Albuquerque, padre Felipe Benicio Barbosa, vigario Francisco Ferreira Barreto, Luiz Barbalho Bezerra, padre Antonio Gomes Pacheco, Luiz Francisco de Carvalho Couto, Jeronymo de Albuquerque, Alvaro Teixeira de Macedo e João Antonio Salter de Mendonça.

Esta obra, se prima pelo seu stylo pomposo e elegante, pela erudição e variados conhecimentos que ostenta o seu autor e pela noticia que dá de tantos vultos proeminentes, condemnados ao esquecimento, e os seus nomes ignorados, e as suas acções e composições sem serem conhecidas e apreciadas, prima tambem pela rica e variada cópia de documentos historicos que vem appensos, todos ineditos, todos de grande valor e interesse historico.

E essa obra que tanta luz tem trazido á nossa historia, que tanto illustra a nossa nascente litteratura, que conquistára um nome immorredouro ao seu autor, e que tão saudada e encomiada tem sido por escriptores não só nacionaes como estrangeiros, acaba de ser amesquinhada, não a obra, porque felizmente não a podia ser, mas sim a memoria dos biographados, por um escriptor do Rio de Janeiro, o conego Fernandes Pinheiro!

Eis o que elle diz no seu *Resumo de Historia Litteraria*, vol. 2. p. 473:

« *Biographias de alguns poetas e homens illustres da provincia de Pernambuco*, tal é o titulo que para a sua obra escolheu o Sr. Antonio Joaquim de Mello, imprimindo-a na cidade do Recife (em 3 vol. de 8.º grs.) entre os annos de 1858—1860.»

« Acreditamos que ás affeições particulares mais do que aos grandes interesses da historia attendeu o Sr. Mello nas suas biographias a que nos estamos referindo. A excepção de tres a quatro vultos todos os outros são inteiramente desconhecidos fóra da provincia, e seus feitos de tal sorte secundarios que foram precisas assiduas pesquisas e indagações (a que aliás se entregou o autor) para explicar-lhe a razão da existencia.»

« Como auxiliar historico não é destituida de valor o trabalho do biographo pernambucano, que se recommenda pela abundancia de documentos, tão raros como authenticos. O estylo é fluente e de grande correção.»

A essa opinião parcial e injusta do conego Fernandes Pinheiro relativa aos biographados, muito tinhamos que oppor; basta-nos, porem, para salvar a reputação do illustre pernambucano, o que sobre essa mesma obra, disseram alguns escriptores, todos notaveis, assim pela sua illustração, como pela sua autoridade e imparcialidade.

Innocencio Francisco da Silva, no supplemento do seu *Diccionario Bibliographico*, diz, que, « é uma colleção dobradamente interessante, na qual se incluem subsidios de maior proveito para os que de futuro tiverem de occupar-se da historia politica e litteraria do Brazil, com referencia em particular á provincia de Pernambuco. »

Fernando Wolf, no seu *Le Bresil Litteraire*, diz, que, « o commendador Antonio Joaquim de Mello muito mereceu dos seus compatriotas, publicando as suas *Biographias de alguns poetas e homens illustres da provincia de Pernambuco*, e que infelizmente esta obra lhe chegou muito tarde para que podesse se utilizar della em seu livro. »

O Dr. Antonio Rangel de Torres Bandeira, em um artigo publicado na *Aurora Pernambucana*, n. 89 de 1859, disse o seguinte :

« O Sr. Mello veio corresponder a uma necessidade tanto mais eminente e clamorosa, quando é certo que nada tinhamos antes que podesse satisfazer esse *desideratum*. »

.....

« Quando se houver de fallar, daqui por diante, nos engenhos brazileiros que mais se nobilitaram pela sua de-

dicação ao culto das musas, ha de se dizer que o digno autor das *Biographias de alguns poetas e homens illustres da provincia de Pernambuco*, fez quanto lhe era possivel para salvar do esquecimento as memorias de muitos delles, a respeito dos quaes a posteridade encontrará ahí muitos elementos para seu juizo regular e desapassionado. »

Poderíamos ir muito mais além na exhibição de opiniões de outros escriptores, sobre a obra em questão; mas para destruir a parcialidade e injustiça do conego Fernandes Pinheiro, bastam apenas as que vimos de apresentar.

O commendador Mello, publicando essa obra, não parou, nem julgou que tivesse pago a divida de honra que havia imposto a si mesmo.

Nesse afanoso e difficil trabalho, já despendendo quantias superiores ás suas posses, com a cópia de documentos e outras informações, já empregando-se exclusivamente a isso, quando a sua avançada idade reclamava repouso e descanso, compoz ainda as biographias de Gervasio Pires Ferreira, José da Natividade Saldanha, João do Rego Barros, José Correia Picanço (Barão de Goyanna), Joaquim Jeronymo Serpa, brigadeiro Joaquim Ignacio de Lima, Agostinho Barbalho Bezerra e Luiz Alves Pinto.

Todas estas biographias, assim como as demais, são importantes e valiosos subsidios, á historia politica e litteraria desta provincia e comprehendem todos, se não a maior parte dos trabalhos, quer publicados, quer ineditos dos biographados, collegidos com immenso trabalho, esmero e cuidado.

A custo de muito esforço, difficuldades e até mesmo de desgostos, conseguiu o commendador Mello vender os seus trabalhos a provincia, mas por quantia tal, que certamente não o remunerou do valioso e inapreciavel serviço que prestára ao seu paiz, com essa grandiosa empreza que emprehendera, e que, graças ao seu amor, dedicação e patriotismo, poude conseguir levar-a ao termo.

Fazendo entrega do seu trabalho a provincia, a presidencia o remetteu a uma commissão composta do Mon-senhor Francisco Muniz Tavares e Drs. Joaquim Pires Machado Portella e José Soares de Azevedo para dar o seu juizo sobre o mesmo, cujo parecer ella apresentou em data de 29 de Outubro de 1868, concebido nestes termos:

« A commissão nomeada pela presidencia da provincia, em 23 de Junho do corrente anno, para nos termos do art.

1.º da lei provincial n. 831 de 22 de Maio do mesmo anno, dar o seu parecer ácerca do merecimento das *Biographias de alguns pernambucanos illustres*, escriptas pelo commendador Antonio Joaquim de Mello, leu com a mais acurada attenção as de Gervasio Pires Ferreira, Dr. José da Natividade Saldanha, Brigadeiro Joaquim Ignacio de Lima, Capitão-mór João do Rego Barros, Agostinho, Barão de Goyanna, José Correia Picanço, Joaquim Jeronymo Serpa e Luiz Alves Pinto, cujos authographos lhe foi confiado; entende que o trabalho commettido a sua apreciação é de um grande valor historico, não só pela diligencia com que o escriptor averigua os factos e pelo espirito de justiça com que os julga, mas pela somma de peças curiosas e importantes que adduz a cada biographia, collidos esses documentos á força de paciencia, de perseverança e de muito dispendio pecuniario; e é por isso a commissão de parecer que está o biographo no caso de se lhe fazer effectiva á disposição da primeira parte do citado art.1.º da lei n. 831.»

Além destes trabalhos, compoz tambem a biographia de Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, addicionando uma grande copia de documentos relativos a sua vida, que são valiosissimos para a nossa historia politica, e todas as suas produções, assim como nas mesmas circumstancias a do vigario Francisco Ferreira Barreto, cujos trabalhos sendo vendidos á provincia, foram mandados publicar pela presidencia, em virtude da autorisação de uma lei provincial. Estas obras tem por titulo:

Obras religiosas e profanas do vigario Francisco Ferreira Barreto. Recife, 1876—1877, 2 vol. in. 4.º

Obras politicas e litterarias de Frei Joaquim do Amor Divino Caneca. Recife, 1876—1877, 2 vol. in. 4.º

Resta pois ainda a publicação das outras obras, que se acham archivadas no Thesouro Provincial. A sua publicação é de urgente necessidade, e de magno interesse para a historia e litteratura, que é por assim dizer a propria historia dos notaveis acontecimentos politicos desta provincia de 1817, 1821 e 1824, acontecimentos que constituem gloriosas paginas da historia desta provincia.

Como poeta, o commendador Mello deixou o seu nome immortalizado em varias composições que correm impressas nos jornas desta provincia, nas suas obras, e nos dous folhetos que tem por titulo:

Versos de Antonio Joaquim de Mello. Pernambuco,

1847, in. 8.º Consta da dedicatoria, de 1 idyllio, 3 cantatas, 3 odes, 5 sonetos e 15 anacreonticas.

O Postilhão Olindense. Idyllio offerecido ao senador Honorio Hermeto Carneiro Leão. Pernambuco, 1848.

Além de todos estes trabalhos, existem muitos outros em poder da familia do illustre patriota e distincto litterato, notando-se entre elles a biographia de Manoel de Carvalho Paes de Andrade, e outras diversas e importantes produções em prosa e verso.

Em quanto ao merito das produções litterarias do commendador Antonio Joaquim de Mello, e do seu juizo critico, nada podemos dizer, porque nos confessamos incompetentes para isso; venha porem em nosso auxilio o que a esse respeito disse o illustrado Dr. J. J. Tavares Belfort, no seu discurso biographico, lido em sessão magna e anniversaria do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, aos 27 de Janeiro de 1875:

« Como vêdes, Srs., na prosa o commendador Mello escreveu de preferencia n'um dos mais difficeis generos de litteratura — á *biographia* e o mesmo fez no verso, pois a *ode* era a forma poetica de sua particular predilecção.

« Quem lê as biographias dos pernambucanos illustres, escriptas pelo não menos illustre pernambucano o commendador Mello, se extasia perante a belleza de tal trabalho, admira o talento e gosto na investigação de tão difficeis e esparso materiaes para a historia patria, applaude a critica sincera e conscienciosa dos homens e de suas produções.

« O commendador Mello não se limitou nas biographias, que escreveu, a traçar com minudencia e escrupulo a vida particular e publica dos individuos, apreciou a historia desses tempos, os acontecimentos em que os biographados tomaram parte, juntando judiciosas considerações a taes factos e provando-os com os mais curiosos documentos, laboriosamente obtidos de nossos empoeirados e despresados archivos.

« As biographias escriptas pelo commendador Mello não são somente a exposição de factos externos das vidas, que biographara, são tambem a exposição dos factos intellectuaes e moraes da vida dos biographados, e mais ainda das paginas da historia, isto é, descrições conscienciosas, exactas e verdadeiras das epochas em que os biographados viveram.

« Assim um conhecimento perfeito da vida dos ho-

mens illustres, que biographara; uma luminosa apreciação das epochas em que elles viveram e das influencias, circumstancias, condições e relações no meio das quaes fallaram e obraram; um grande amor da verdade e escrupulo na sua investigação e prova; uma corajosa imparcialidade nos conceitos e juizos, taes são os caracteristicos do merito intrinseco de taes trabalhos, que pela forma tambem se recommendam, pois o estylo é proprio, correcto, claro, elegante, energico, elevado, harmonioso, com côres proprias, e movimentos adaptados ao assumpto.

«A linguagem é, Senhores, o interprete da alma, diz um distincto escriptor; e em uma certa associação dos sentimentos e das idéas com as palavras, que não são senão os signaes dos mesmos sentimentos e idéas que se deve achar com verdade o principio de todas propriedades do estylo.

«Conhecedor perfeito da nossa lingua e daquella de onde ella deriva e das que lhe são irmãs; litterato de gosto apurado e fino até ao atticismo; o commendador A. J. de Mello deixa como prosador, no genero de litteratura em que mais se avantajou, monumentos dignos de figurarem ao lado dos trabalhos de igual natureza, feitos em todos os paizes e em todas as epochas e que mais successo obtiveram.

«E esses brilhantes predicados, que ornavam o illustre commendador Mello, como prosador, se revelaram tambem exuberantemente nas suas produções poeticas, especialmente no genero lyrico a que mais particularmente se dedicára.

«Como sabeis, Senhores, na ode o poeta exhala, expande, patenteia os sentimentos os mais intimos e profundos de sua alma; manifesta em explosões do mais ardente entusiasmo as emoções as mais sinceramente apaixonadas da admiração, da alegria e da dor; pinta aquillo que de repente enflamma a sua imaginação — os assumptos da ode são, pois, de ordem a mais elevada, da natureza a mais sublime; a inspiração deve ser então completa, real, viva, mas instantanea, de subida duração e é incontestavelmente á forma de poesia em que mais e com razão se exige o espirito poetico.

«O commendador Mello escreveu muitas odes, quer religiosas (hymnos), quer heroicas, quer didacticas e neste genero especialmente odes philosophicas, quer finalmente odes politicas — primou pela variedade dos assumptos; e

em todas essas producções a correccão da fórma, a regularidade da expressão, a pureza do estylo, a originalidade da expressão, a melodia do rhythmo, a harmonia e sonoridade dos versos, o colorido das figuras, a pompa das imagens, a precisão das palavras, rivalisam com o enthusiasmo poetico a verdadeira inspiração, a sublimidade dos conceitos, o arrojo das concepções, a graça e magestade dos assumptos e finalmente a sabedoria das idéas.

«A ode, Senhores, depende do julgamento do ouvido, o mais soberbo de todos, diziam os antigos — *Judicium aurium superbissimum*; — e de certo a harmonia nas odes do commendador Mello é completamente perfeita, está sujeita a todas as suas severas leis.

«Apenas é de sentir que nas odes politicas, onde são cantados grandes heróes, ou grandes feitos, ou grandes acontecimentos, cedendo aos impulsos da amizade, algumas e raras vezes barateasse seus cantos a quem não merecia por si e por seus factos ser tratado em tal genero de poesia.

«E tambem é de sentir que pela grande e aturada leitura dos antigos, especialmente de Horacio e Pindaro, o commendador Mello se esquecesse de vez em quando de que era um poeta christão, para á imitação dos seus modelos emestres tanto fazer seara pela fabula e a mythologia.

«Na tribuna parlamentar, que abordava com arrojada intrepidez e na qual fallava sempre com o accento da verdade e a consciencia do direito; na grande tribuna universal, a imprensa o commendador Mello foi um typo completo de orador e de escriptor — convicção robusta nas opiniões, sanidade nas idéas, concisão na sua exposição, enthusiasmo reflectido na sua manifestação, correccão no estylo, precisão e justiça nos enunciados, facilidade de dicção e de elocução, elevação no pensamento, sciencia do que tratava, vigor na expressão, dialectica subtil e logica cerrada, tudo, enfim, era bom e proprio do meio e modo por que fallava ou escrevia.»

O commendador Antonio Joaquim de Mello succumbiu aos 8 de Dezembro de 1873, as oito horas da manhã, victima de um ataque de paralyisia, de que um anno antes fôra accomettido, e foi sepultado no dia seguinte no Cemiterio Publico do Recife.

Tal foi a vida do patriota illustre, do litterato insigne, do cidadão prestante, o commendador Antonio Joaquim de Mello.

Antonio Jorge Guerra. Sacerdote respeitavel, patriota illustre e dedicado, orador eloquente e inspirado, o Padre Antonio Jorge Guerra é um dos muitos pernambucanos benemeritos sobre cuja vida bem pouco se poderá dizer pela escacez de dados á seu respeito.

Mas o curto periodo em que se assignalou, a *Guerra dos Mascates*, constitue a esplendida corôa das suas glorias, inscreveu pelo patriotismo e valor que ostentou nessa crise tremenda porque passou a terra que lhe dera o berço, o seu nome, o nome de heroe, nos annaes dessa luta.

Dado o grito da revolta em 1710, preso e deposto o governador, é eleito para o substituir o bispo diocesano D. Manoel Alvares da Costa. Antonio Jorge Guerra abandona o Recife, parte para Olinda, une-se ao partido da nobresa, e promove efficazmente o cerco que se lançou a rebellada villa do Recife, que pretendia abater os fóros da altiva cidade de Olinda, promovendo a sua elevação á capital.

Terminada a tarefa do cerco do Recife, o Padre Guerra offerece-se ao bispo-governador para gratuitamente servir o lugar de capellão do presidio ou estancia da Boa Vista, cujo offerecimento sendo acceito, elle parte a desempenhar o mandato do seu patriotico offerecimento, prestando zelosa e dedicadamente aos feridos e moribundos os maiores cuidados, todos os soccorros necessarios, quér corporaes, quér espirituaes.

O bispo edificado de tanta virtude, diz o autor dos *Martyres Pernambucanos*, entregou ao zelo do Padre Guerra, a imagem de Santo Amaro, eleito protector das armas pernambucanas, a qual sendo transferida de sua igreja foi collocada em uma capella de palmas, provisoriamente erigida no arraial da Boa Vista.

Chegada a noticia da victoria da batalha de Sibiró, ganha pelos contrarios, espalhou-se pelas fileiras do exercito da causa dos pernambucanos, o desalento, e terror geral se ia manifestando no animo de todos. Então o Padre Antonio Jorge Guerra ergue a sua voz eloquente e cheia de inspiração, faz-se ouvir em todas as partes, vóa a todos os acampamentos, inflamma, electrisa todos os animos, offerece-se para a sua frente affrontar todos os perigos, e no momento do maior entusiasmo gerado pela eloquencia de sua palavra, mil guerreiros correm aos Afogados sob o commando de João de Barros Rego, e vóam ao encontro do audaz inimigo.

Com essa falange de bravos, marchou tambem aquelle que a havia levantado, no character de seu capellão. Chegados em Afogados, partem de novo ao encontro do inimigo que se achava intrincheirado no engenho Garapú em Ipojuca, e aos 8 de Setembro de 1711, rompe o fogo das fileiras em assalto as trincheiras inimigas. O combate foi geral e a victoria disputada pelos dous exercitos em tremenda luta por todo o dia, até que no seguinte os inimigos abandonaram o seu posto, e fugiram em debandada, deixando no campo todo o seu material de guerra.

No combate de Ipojuca, o Padre Antonio Jorge Guerra, elevou-se, ennobreceu-se, e obrou taes prodigios de valor, escudado no poder e eloquencia de sua palavra, e tanto exaltou, *a ponto que o successo correspondeu plenamente as esperanças*, na phrase do Plutarcho dos Martyres de 1710, o Padre Dias Martins.

Conquistados os louros da victoria de Ipojuca, voltou o Padre Jorge Guerra para a sua occupação da capellania da Boa Vista, e na pratica constante dos deveres desse cargo perserverou até a paz, ou vinda do novo governador Felix José Machado, quando, para elle, assim como para os seus demais companheiros, abriu-se uma nova phase, uma nova vida, a perseguição, o martyrio e a morte.

Aberta a devassa por ordem do governador pelo ouvidor João Marques Bacalháo, o Padre Antonio Jorge Guerra foi um dos primeiros sobre quem lançaram logo as suas vistas os perfidos mascates. Assim, ellê refugia-se nas mattas de Tracuanhem, em cujas immediações tinha sua casa e ricas plantações.

Ahi, promoveu em vista das correrias, perseguições e assassinatos que constantemente eram praticados, uma liga para resistir a oppressão dos agentes do governador, que se havia constituido parcial dos Mascates, até que El-Rei melhor informado dos acontecimentos que deram logar a revolta, mandasse pôr termo a semelhante perseguição e selvageria dos seus agentes.

Feito o ajuntamento do povo nas mattas, cuja reunião é conhecida na historia pelo nome de — *Liga de Tracuanhem*, o Padre Jorge Guerra entregou o seu commando a Leão Falcão d'Eça; e não só pelo nome e fama do seu promotor, como tambem pelo d'aquelle que no character militar era o seu chefe, em breve se viu em numero superior de 400 homens, todos aguerridos e valentes, tor-

nando-se tão assustadora ao governador e seus parciaes, que poseram em movimento todos os meios possiveis para destruir a *Liga de Tracunhem*.

Mas esse centro de apoio, essa garantia ás vidas da perseguida nobresa, ou partidarios da causa dos pernambucanos, em breve desapareceu, pela infamia e sedução dos Mascates. O governador, em Junho de 1712, faz partir uma expedição sobre a *Liga de Tracunhem*, e desprevidos sem duvida, foram vencidos. Dous irmãos do Padre Guerra foram presos, e elle não sendo encontrado, contentaram-se os vencedores, sedentes como se achavam, em arrasar a sua casa, e destruir todas as suas lavouras.

Então, se viu o Padre Guerra obrigado a errar fugitivo pelas matas por espaço de dous annos, á escapar dos tormentos e torturas porque estavam passando os seus amigos. Eis em poucas palavras os tormentos, os trabalhos que passou esse martyr do patriotismo, victima do odio e perseguição dos barbaros vencedores, segundo Fernandes Gama nas suas *Memorias Historicas da Provincia de Pernambuco* :

« Fugiam de recolhel-o seus parentes, e só fiava dos amigos, occulto por bosques e retiros, dando-se-lhe o sustento as escondidas, e nas mudanças de um por outros logares, para furtar os motivos de suspeitas : passou noites tenebrosas por caminhos horrendos, lameiros erios cheios, com riscos evidentes a cada passo, molhado, frio, e mal alimentado, a pé descálço, sem forma de sacerdote, para que assim podesse ter disfarce ; e sobretudo falto de saude, e a ponto de morrer ao desamparo por lhe ser impossivel o curar-se. Mas, como a fortuna, permittindo-o Deus, ajuda os animos, foi-se a Araripe em uma noite occultamente como andava, e o Licenciado Manoel de Faria, lhe fez a graça de remedios, que foi tomar ao engenho Penedo em casa do Padre Antonio Dias Vilella, e supposto lhe foram necessarios dous resgardos, em tempo que só um era custoso, tanto de medicamentos como de alvitreiros, como ambos os tivesse vigilantes, sahiu d'ahi são para a campanha a encher o curso do seu fado, que para completar ainda faltava. »

Assim conseguiu o Padre Antonio Jorge Guerra, escapar aos furores e perseguições dos seus inimigos, *reservando-o a Providencia para com sua elegante pena defender os desgraçados prisioneiros e homisiados.*

O Padre Antonio Jorge Guerra, não prestou somente

serviços reaes e relevantes á causá dos pernambucanos nos campos do combate, como tambem áquelles que gemião na oppressão, nas escuras e infectas masmoras. Em nome delles, em nome das matronas e donzellas pernambucanas, dirigiu maviosissimas cartas a El-Rei, ao duque de Cadaval, e a outras personagens da cõrte, relatando a justiça da causa que sustentavam, as perseguições dos vencedores, o odioso espirito de vingança que respiravam os agentes do governo ás infelizes victimas. Estas cartas, escriptas em linguagem amena e agradável, mas ao mesmo tempo energica e conveniente, acham-se transcriptas nas *Memorias Historicas de Pernambuco*, como um padrão, como um attestado dos seus meritos litterarios, do seu amor e patriotismo; e se ellas não motivaram o perdão geral, certamente muito para isso contribuíram, e corôou a fortuna os generosos votos do Padre Guerra permitindo-lhe ver terminada a perseguição dos seus amigos, muito embora ficassem as victimas cobertas de dolorosas e indeleveis cicatrises, fructo infalivel das revoluções.

Tal foi uma das phases da vida do Padre Antonio Jorge Guerra, a unica que nos ligou a historia, mas grandiosa, que sagrou heroe esse illustre sacerdote, *que por suas virtudes religiosas, por sua eloquencia e patriotismo honrava o clero pernambucano.*

Antonio José Victoriano de Almeida e Albuquerque.

Nasceu em fins do seculo passado: Manoel Caetano de Almeida e Albuquerque e sua consorte D. Anna Francisca Eufemia do Rosario, foram seus paes. Pelo lado paterno, foram seus avós o tenente coronel Francisco Antonio de Almeida e D. Josepha Francisca de Mello e Albuquerque, e pelo materno, o tenente coronel Antonio José Victoriano Borges da Fonseca, pernambucano distincto, autor da *Nobiliarchia* desta provincia, e D. Joanna Ignacia Francisca Xavier.

Manoel Caetano de Almeida e Albuquerque, litterato e poeta distincto, empenhou-se em dar a seus filhos uma educação esmerada, e para cultivar-lhes o espirito, e assegurar-lhes um futuro promettedor e prospero, desvellou-se, e não se eximiu a sacrificio algum. E elle teve a felicidade de vel-os corresponder aos seus esforços e empenhos elevados a altas posições, e gosando de grandes creditos e considerações. Antonio José Victoriano, levado pela vivesa do seu genio e por uma natural inclinação, dedicou-se a

vida militar, assentando praça de soldado no regimento de linha de Olinda em 1800, e foi reconhecido cadete, tendo ainda bem poucos annos de idade.

Organisando-se o regimento de artilharia, foi escolhido dos corpos existentes, uma officialidade luzida e distincta, e Antonio José Victoriano entrando nessa escolha, teve a patente de segundo tenente. Declarada a guerra aos francezes, pelo Manifesto de 1 de Maio de 1809, foi emprehendida uma expedição sobre a pequena colonia — Guyana Franceza, — cuja expedição devia organizar-se no Pará. Designado um dos corpos da guarnição de Pernambuco á marchar fazendo parte da expedição, Antonio José Victoriano levado pelo enthusiasmo da gloria, offerece-se voluntariamente, segue para o norte, e reunido as outras tropas no Amasonas, transpõe as fronteiras da possessão franceza. Os invasores apoderam-se logo de trez pontos principaes, e a 12 de Agosto de 1809, era firmada pelo governador da Guyana o termo de capitulação. No dia seguinte entravam as tropas portuguezas na vencida cidade, arvoram em seus muros a bandeira nacional, sahindo a guarnição franceza com todas as honras da guerra, a seguir caminho da França.

Antonio José Victoriano hem de pressa se fez distinguir entre os seus companheiros, não só pelo valor que ostentou, como pela indifferença com que soffreu as maiores privações e as inclemencias de um clima a que não estava acostumado. Estacionada as tropas portuguezas em Cayenna, até que pelo congresso de Vienna foi deliberada a sua entrega e determinada a demarcação dos limites do Brazil com as possessões francezas, voltou Antonio José Victoriano para Pernambuco depois de uma ausencia de mais de 6 annos, tendo conquistado pelo seu merecimento a patente de capitão.

Regressando aos patrios lares, tornado ao seio de sua familia, lhe foi reintegrado o seu posto de official do regimento que havia abandonado, quando se offereceu á marchar para Cayenna. Em epocha propicia ao seu genio patriotico e emprehendedor, voltára Antonio José Victoriano para Pernambuco. Encontrando os seus patricios empenhados no plano da revolta que devia proclamar a liberdade e independencia de sua patria, elle associou-se logo a esses illustres patriotas, e foi um dos operarios mais distinctos dessa crusada da liberdade, cuja existencia foi tão curta como o perpassar de um meteóro. Eis

um heroe por quem a patria seria salva, se fora possivel salvar-se; assim começa o autor dos *Martyres Pernambucanos* o artigo consagrado a Antonio José Victoriano de Almeida e Albuquerque. Nobilissimo pernambucano de 1817, continua o mesmo escriptor, consocio dos patriarchas da liberdade, adepto profundissimo e membro distincto das duas Academias — Paraiso, e Suassunas, era capitão do regimento de artilharia, alma das juntas preparatorias da liberdade, excedendo a todos em prudencia antes da explosão, e em magnanimidade, em pugnar pela patria livre.

Recebendo ordem do brigadeiro Manoel Joaquim Barbosa de Castro, quando fôra denunciada a conspiração, afim de prender e conduzir á fortaleza das Cinco Pontas o seu collega capitão Domingos Theotônio Jorge cumpriu as ordens do superior; mas apenas soube da morte do brigadeiro, e da proclamação da revolta, foi reunir-se aos seus companheiros, e nessa tarde e dias seguintes prestou immensa coadjuvação, «sabendo admiravelmente alliar o homem, o cidadão e o soldado.»

Antonio José Victoriano, por suas virtudes sociaes, e por seus conhecimentos na sciencia militar, havia-se constituido na phrase de um escriptor contemporaneo o idolo do governo, do povo e dos soldados. Convertido o seu regimento em batalhão, no dominio da revolução, quando se deu uma nova organização ao exercito, foi elle elevado ao posto de major, merecendo esse acto do governo unanime applauso. Nos dias criticos da republica, quando as tropas reaes já transpunham os limites de Pernambuco em demanda da capital, os patriotas marcham ao seu encontro a embargar-lhe os passos e a sustentar a causa da proclamada liberdade.

Antonio José Victoriano recebe então a patente de coronel e o commando de uma pequena força de cem homens, tirados de todos os corpos, inclusive escravos alistados. A' vista de similhante tropa, diz um historiador, seria preciso ser Victoriano para não esmorecer! Porem com ella marchou intrepido a encorporar-se as tropas do general Suassuna, e sob suas ordens foi encontrar os realistas já postados em linha de batalha no engenho Utunga, no dia 2 de Maio de 1817. Trava-se então renhida peleja; Antonio José Victoriano dirige a artilharia, ostentando durante a acção muita coragem e intrepidez, desenvolvendo toda a pericia de habilissimo artilheiro; mas a sorte das armas foi adversa

aos patriotas, tocou-se a retirada, « e o nosso bravo commandante da artilharia viu-se obrigado por disciplina a abandonar a victoria e o campo, e a retirar-se com o resto dos seus bravos. »

No dia 15 de Maio encontram-se os dous exercitos no engenho Guerra em Ipojuca, e ás 2 horas da tarde começa uma tremenda canhonada, com pouca vantagem porem para qualquer dos lados, cabendo ainda ao coronel Antonio José Victoriano dirigir a artilharia ; a pericia e acerto com que dirigiu-se no combate, fazendo « com dexteridade e justesa » laborar a artilharia, seria, segundo os proprios generaes inimigos, o golpe mortal dos seus planos, a propria perda da batalha. Mas a questão da preferencia do commando entre o general Suassuna e Domingos José Martins, e depois a desintelligencia entre um e outro sobre a marcha do combate, opinando aquelle pela capitulação e este pela sustentação da peleja até que a sorte das armas decidisse da victoria, tudo isso deu causa de ganho aos inimigos, os patriotas perderam a acção, e com ella a proclamada liberdade da patria.

Antonio José Victoriano vendo pela segunda vez escapar-se a victoria, derribada a causa da independencia, recusa-se a acompanhar o exercito em retirada do campo da honra ; alli fica entre mortos e feridos, sentado sobre uma peça de artilharia, resoluta a não sobreviver a liberdade, e espera impavidamente o seu fim. Chegam as tropas vencedoras ao local em que se achava, e tocado o inimigo por essa audacia, coragem e abnegação do illustre patriota, pergunta-lhe quem era. *Eu*, lhe responde Antonio José Victoriano, *sou um pernambucano livre, que commandei estas peças em nome da patria independente !*

O general inimigo admirou o jovem official republicano, e o tratou com a devida consideração a um tão illustre prisioneiro. Antonio José Victoriano acompanhou o exercito vencedor em sua marcha sobre a capital, e chegando ao Recife, foi atirado ao porão de uma sumaca de guerra, que dentro de poucos dias levantou ancoras em demanda da Bahia, condusindo a seu bordo as primeiras victimas da tyrannia.

Condusido á cadeia da Relação, ahi mostrou quanto era superior aos trabalhos e privações de uma prisão immunda, e ás barbaridades exercidas sobre as victimas illustres da mallograda tentativa da independencia da patria, até que depois de um martyrio de mais de 4 annos,

o grito de rebellião que retumbou em 1820 na cidade do Porto, lhe veio abrir as portas do carcere, conferindo-lhe por um Decreto de amnistia geral, a perdida liberdade.

Antonio José Victoriano fixou-se então na cidade da Bahia, casou-se, e recebeu a nomeação de commandante da fortaleza da Barra, cargo que exerceu até 1831, em cuja epocha segundo cremos, regressou á Pernambuco. Aqui lhe foi confiado o commando do batalhão de artilharia, e rompendo a revolução dos Cabanos, partiu para o interior da provincia, não obstante o seu máo estado de saude, prestando pelo seu jamais desmentido valor e pericia militar, relevantissimos serviços a causa da pacificação desta provincia. Terminando os seus trabalhos da revolta, foi nomeado commandante da fortaleza do Brum, cargo que lhe foi bem fatal pelo local desta fortificação, augmentando a molestia e padecimentos que soffria.

No intuito de obter melhora dos seus soffrimentos, emprehendeu uma viagem ao Maranhão, mas a mudança de clima não operou resultado satisfactoric. Voltando á Pernambuco, naufragou perto do Ceará, obrigando-o este revez a partir por terra para esta provincia, e nesta longa quão penosa viagem, foram immensos os seus trabalhos, incalculaveis os incommodos e privações porque passou. Antonio José Victoriano terminou finalmente a serie de serviços prestados ao paiz, aceitando a prefeitura da villa do Bonito, por nomeação da Presidencia de 30 de Outubro de 1837, onde tudo lhe foi adverso. Esquecido dos homens, máo olhado pelo governo, victima do seu amor e patriotismo empenhando-se pela regeneração e independencia de sua patria em 1817, viu os seus serviços mal apreciados, sem remuneração alguma, e depois de tanta dedicação e sacrificios, de tantos annos de serviços, ser-lhe apenas conferido o habito da Ordem de Aviz, isto não como graça, mas por lei, e a patente de tenente coronel graduado; e quando a morte já lhe batia á porta, foi nomeado commandante das armas da provincia do Piauhy, cargo que não chegou a exercer!

Antonio José Victoriano de Almeida e Albuquerque, falleceu em Abril de 1843, ralado de privações e desgostos, victima illustre votada ao sacrificio pelo seu patriotismo. Official distincto, pela sua coragem, actividade e intelligencia, benemerito pelos serviços prestados ao paiz, martyrisado por amor da liberdade e independencia de sua patria, heroe pelos seus feitos na guerra de Cayenna, e nas re-

voltas de 1817 e dos Cabanos, Antonio José Victoriano não logrou gosar do premio e galardão de tantos serviços e dedicação, e morreu esquecido e obscuro, e sepultado os seus restos na igreja da Soledade, nem ao menos uma simples inscripção sobre o seu sepulchro, indica o lugar em que descansam as cinzas de tão illustre quão benemerito cidadão ! Esta a sorte do patriota, esta a recompensa daquelles que bem souberam honrar e illustrar a terra em que nasceram, a terra da patria ! E' que o merito de qualquer individuo, diz Goldsmith tratando do valente Holfe, só é verdadeiramente apreciado, no momento terrivel em que a humanidade para sempre o perde.

Antonio José Victoriano Borges da Fonseca. Nasceu na cidade do Recife, a 26 de Fevereiro de 1718 e aos 9 de Maio deste mesmo anno foi baptisado na igreja matriz de S. Frei Pedro Gonçalves.

Era filho de Antonio Borges da Fonseca, natural de Portugal, mestre de campo de infantaria de Olinda, fidalgo da Casa Real e cavalleiro da Ordem de Christo, e de sua consorte D. Francisca Peres de Figueiròa, natural de Pernambuco.

Ainda bem jovem assentou praça no exercito, e logo depois, em 1736, quando apenas contava 18 annos de idade, seguiu para a colonia do Sacramento, fazendo parte da expedição de socorro que enviou esta provincia, e foi commandando uma das companhias de que se compunha aquella expedição.

Voltando a Pernambuco, já graduado no posto de tenente, foi logo depois promovido ao de capitão, posto este bastante honroso para elle, porque o havia conquistado pelo seu valor e merecimento.

Restaurada a ilha de Fernando de Noronha, do poder dos francezes que a occupavam, mandou o governo por ordem régia de 26 de Maio de 1737 que o governador de Pernambuco fizesse guarnecer aquella ilha por um destacamento da força desta praça, e que se fizessem as necessarias fortificações.

Em consequência desta ordem, mandou o governador e capitão general desta capitania Henrique Luiz Vieira Freire de Andrade presidil-a com tropa, e em 1741 nomeou a Antonio José Victoriano Borges da Fonseca para seu commandante.

Terminando a sua commissão, durante a qual se construíram as fortificações desta ilha, voltou á Pernambuco, e em 1744 seguiu para Lisboa.

Nessa côrte, Borges da Fonseca obteve do governo o posto de ajudante de tenente de mestre de campo general, e o fôro de fidalgo cavalleiro da Casa Real. Além dessas honras, obteve o *titulo de familiar de Santo Officio*, por carta patente do cardeal D. Nuno da Cunha de 27 de Agosto de 1744, e a 16 de Junho de 1745 foi armado cavalleiro da Ordem de Christo na real igreja de Nossa Senhora da Conceição e neste mesmo dia professou na igreja do convento de Nossa Senhora da Luz.

Regressando de Lisboa á Pernambuco, incorporou-se ao seu regimento; e chegando-lhe depois a patente de sargento-mór, foi designado pelo governador desta capitania, para servir de seu ajudante de ordens, commissão esta que terminada em 1754, quando passou a servir no regimento do Recife, sendo ao depois por patente régia de 27 de Outubro de 1755, elevado ao posto de tenente-coronel.

Todos estes postos e honrosas distincções, que, na idade de 37 annos já possuia Antonio José Victoriano Borges da Fonseca, não eram graciosos, e nem prodigalisados pelo patronato e protecção. Elle era um official distincto pelo seu valor e merecimento, intelligente, e muito versado em humanidade e litteratura; era mestre em artes pelos estudos geraes do collegio da Companhia de Jesus da cidade de Olinda, e academico de numero da Academia Brazilica dos Renascidos.

Em 1765, o governo o distinguio com a honrosa nomeação de governador e capitão general da capitania do Ceará.

Recebendo a patente de sua nomeação, prestou juramento no palacio das Torres do Recife aos 27 de Março do mesmo anno de 1765, nas mãos do governador de Pernambuco D. Antonio de Souza Manoel de Menezes, conde de Villa Flôr, e seguindo para o seu destino, tomou posse do governo da capitania a 25 de Abril.

Antonio José Victoriano Borges da Fonseca foi na ordem chronologica, o trigesimo sexto governador e capitão general do Ceará, e depois de um sabio governo de dezeseite annos e dezeseis dias, o entregou ao seu successor, aos 11 de Maio de 1782, e voltou para Pernambuco.

O Sr. Conselheiro Alencar Araripe, tratando do governo de Borges da Fonseca, na sua *Historia do Ceará*, diz o seguinte:

« O capitão-mór Borges da Fonseca, administrando a capitania com zelo por espaço quasi de 16 annos, mereceu o amor dos governados e a confiança do governo da Metropole, de sorte que, sendo já velho, por cansado deixou o encargo d'administração. Aquelle, alem de premiar os seus serviços com a reforma do posto e soldo de coronel, deu-lhe por aviso de 3 de Junho de 1780 faculdade para continuar na capitania o tempo que quizesse: mas a sua idade e sobretudo os seus negocios os chamavam a Pernambuco. Borges da Fonseca, usando da régia permissão, solicitou do governo de Pernambuco competente successor, e no fim do anno de 1781 deixou o governo da capitania nas pessoas designadas por lei para os casos de substituição provisoria. »

« Borges da Fonseca, diz um outro escriptor, prestou relevantes serviços na administração do Ceará. Escreveu uma generalogia das principaes familias da capitania, documento que por alguns tempos existio no mosteiro de S. Bento de Olinda, e do qual não resta noticia actualmente. Tinha por habito dirigir longos conselhos ás autoridades subalternas e fazer de monitor, de sorte, que podia chamar-se o Simão de Nantua dos capitães-móres. »

« Era este capitão-mór, diz ainda o conselheiro Araripe, homem activo e animado de bons desejos. Chegando á capitania, logo reconheceu a falta de organização da autoridade publica sem agentes e meios, com que podesse levar a effeito as suas ordens e pensamentos. Portanto ao governador de Pernambuco expoz a palpitante necessidade de crear agentes do poder e regularisar a marcha da administração; e antes de findo o primeiro anno do seu governo, competentemente autorizado, havia elle creado em todas as freguezias da capitania « um commandante, a cujo cargo estivesse o bom governo e quietação dos moradores e execução das ordens reaes. »

Foi um dos seus primeiros cuidados percorrer a capitania, prestando especial cuidado ao aldeamento dos indigenas, os quaes mandou recolher nas aldeias já estabelecidas e chamou á aldeia de Monte-mór-velho a tribo dos Baiacús, então errantes pela ribeira do Choró. Durante o seu governo desentranhou das brenhas e admittiu nas aldeias mais de 4 mil indigenas; e tanto se empenhava pela prosperidade destas que no decurso da sua administração passava nas aldeias de Arronches, Monte-mór e Mecejana grande parte do tempo.

Annualmente visitava as 11 villas, então existentes na capitania, percorrendo muitas vezes nessas excursões mais de 400 leguas.

Muitas pessoas vindas das vizinhas capitanias vagavam internadas no sertão sem domicilio nem industria. Depredar o gado alheio e colher os frutos silvestres era a sua unica occupação. Para melhor civilisar essa gente obteve ordem para reunir os vagabundos em povoações de 50 fogos, distribuindo-lhes as terras adjacentes, sob pena de serem tratados e punidos como salteadores: muitos foram chamados aos povoados, e fixaram-se com os seus estabelecimentos.

Este capitão-mór empenhou-se em animar a pequena agricultura da capitania, e com esse fim empregava dinheiro da real fazenda na compra de generos, que remettia para Pernambuco, onde eram vendidos por conta da mesma fazenda; só em resina de Jatobá empregou elle no anno de 1771 mais de 1:600\$000 réis.

Durante o seu governo fez-se o quartel da tropa de 1.^a linha, o qual subsistiu até que foi substituido pelo que se está acabando de construir, e era na verdade uma obra já notavel para o Ceará em tempos de tanto atrazo e de tão minguados recursos. »

Não findam ainda os serviços prestados por esse illustre e benemerito varão no governo da capitania do Ceará. Inaugurou na capital um hospital militar, procedeu em 1775 um arrolamento da população da capitania, e creou as seguintes freguezias: de Almofala em 1766, de Arneiroz em 1767, e a do Aracaty em 1780, e elevou a povoação de Curuahú, a cathogoria de villa, em 1776, sob o nome de Granja, e para as freguezias que creara, organisou um regimento para os seus commandantes. Em 1768 escreveu e remetteu para Pernambuco um trabalho sob o titulo — Estatistica da capitania do Ceará —, e em 1778 uma chronologia da mesma capitania, cujos trabalhos julgam-se perdidos.

Sobre a importancia desse primeiro trabalho — *a Estatistica do Ceará*, assim se exprime o Conde de Pavolide, governador e capitão general de Pernambuco, em uma carta que lhe escreveu em data de 13 de Setembro de 1768.

« A noticia que vm. me enviou com a carta de 2 de Junho, em que descreveu debaixo das graduções de longitude e latitude o terreno que se comprehende nessa capitania, individuando villas, freguezias e fazendas nella

estabelecidas, como tambem o numero dos seus habitantes, e rendimento que tem a Fazenda de S. Magestade nos dizimos reaes; me foi estimavel pela distincção e claresa com que se faz comprehensivel a substancia do seu todo, depois de resumida explicação das suas partes, motivos que faze mui recommendavel a importancia deste papel, que deve á direcção de vm. um distincto louvor.»

Alem destes escriptos, e da generalogia das principaes familias da capitania do Ceará, de que já tratamos, escreveu um outro sob o titulo: *Nobiliarchia Pernambucana, que contem as memorias genealogicas das familias mais distinctas, com a noticia da origem, antiguidade e successão de cada uma dellas.*

Esta obra inedita consta de quatro grossos volumes in folio e tem por epigrapha estas sentenças: *Et super his omnibus benedicto Bominun qui fecit te. Ecclesiast. cap. 32, 17. Non ministerüs illus aestimabo, sed moribus, sive quis que dat mores, ministeria casus assignat. Senec. epist. 47.*

Consta esta obra de quatro grossos volumes in folio, sendo o primeiro escripto em 1771 e o quarto em 1777.

«A *Nobiliarchia Pernambucana*, diz o commendador Antonio Joaquim de Mello, é uma obra difficilima, e de interminaveis diligencias, e trabalho, qual, a posto que incompleta, é todavia digna de apreço por nos dar a conhecer, e conservar as generalogias de muitas familias da provincia.»

A *Nobiliarchia*, cuja propriedade pertence ao mosteiro de S. Bento de Olinda, é uma obra de grande importancia e utilidade; não pelo valor genealogico, que é de pouco interesse, mas sim, pela grande copia de informações e noticias historicas que contém, documentos, subsidios biographicos, e noticias sobre a fundação de capellas, engenhos e muitas outras importantes, e todas de grande interesse historico.

Nessa obra, ostenta o seu autor uma erudição e conhecimentos profundissimos. E' admiravel o numero e exactidão das suas citações e tão minuciosas, que além de indicar as obras que tratam das pessoas mais notaveis desta provincia, indica o volume, o capitulo e até a pagina.

Antonio José Victoriano Borges da Fonseca, escrevendo a *Nobiliarchia Pernambucana*, prestou um grande serviço á historia da nossa provincia, e é digno, pois, da honrosa menção do seu nome no livro dos nossos heróes.

O Illustre e benemerito coronel Antonio José Victoriano Borges da Fonseca, além dos titulos que deixamos enumerados, era alcaide-mór da villa hoje cidade de Goyanna, e da villa de Iguarassú.

Foi cásado com D. Joanna Ignacia Francisca Xavier, natural do Recife, cujo consorcio foi celebrado aos 17 de Julho de 1736, e do qual existe numerosa descendencia.

Antonio José Victoriano Borges da Fonseca, falleceu aos 9 de Abril de 1786, na idade de sessenta e oito annos, e foi sepultado no claustro do mosteiro de S. Bento de Olinda, e sobre o marmore que sella os seus restos mortaes, gravou-se o seguinte epitafio :

S.^a do Cor.^{al} de
Infantr.^a pa-
ga, e Gov.^{or} q.
foi do Ceará
Gr.^{de} Ant.^{to} José
Vitr.^o Borges
da Fon.^{ca} Ca-
valr.^o profes-
so na ordem
de Chr.^o Fal.^o A
9 de Abril de 1786.

Antonio Manoel Felix. Nasceu na segunda metade do seculo XVII na freguezia de Nossa Senhora da Luz, comarca de Páo d'Alho.

Filho de paes incognitos, de nascimento humilde, foi ingeitado em casa de uma familia honesta que o tomou á sua conta e deu-lhe a conveniente educação. Dotado de uma bóa indole, de costumes puros e exemplares, seus paes adoptivos encaminharam-no á vida sacerdotal, sua mais ardente e nobre aspiração.

Ainda bem jovem, lutando com mil difficuldades para manter-se nos estudos necessarios ao presbyterato, Antonio Manoel atirou-se ao trabalho, e com o pouco cabedal de illustração que possuia então, obteve do governador e capitão general desta capitania D. Fernando Martins Mascarenhas de Lencastre, em 26 de Maio de 1699, provisão de advogado nos auditorios da capitania de Itamaracá, assim como nos de Olinda e Recife, *visto ter intelligencia sufficiente para isto.*

Assim, em luta constante com a pobreza e falta de re-

curso em que vivia, perseverou e encarou resolutamente todas as difficuldades que se apresentavam em sua vida, até que viu coroados os seus esforços, e nobremente conseguida a idéa fixa que visava: ser padre.

Recebendo ordens sacras das mãos do virtuoso bispo desta capitania D. Frei Francisco de Lima, e obtendo o respectivo patrimonio que lhe fez um amigo, cantou a sua primeira missa, e foi logo incumbido da capellania do arraial de Jacupe, em S. Caetano, em cuja missão se conservou bem pouco tempo.

Delegando o bispo diocesano, em principios do seculo passado, ao Reverendo Mestre-escola Padre João Maximo de Oliveira para visitar algumas freguezias deste bispado, nomeou para secretario dessa missão o Padre Antonio Manoel Felix, já bem conceituado pelas suas virtudes e saber. Percorrendo elle em sua missão diversas freguezias, estacionou finalmente na de Nossa Senhora do O' de Ipojuca, a ultima em que teve logar a ordenada visita. Neste logar offerencia-se então um espectáculo triste e desolador.

Erravam pelos campos miseraveis lasaros, cobertos de ulceras, disformes immundos, a implorar em vão a caridade publica; mas todos fugiam do seu contacto, á sua aproximação.

A miseria, o desespero, a morte finalmente, era tudo que cabia em partilha á esses reprobos da sociedade. O Padre Antonio Manoel foi o amparo dessas infelizes creaturas, que a Providencia enviou para as socorrer, para estender-lhes a caridosa mão, sem temer o seu contacto, o contagio da terrivel molestia que os affligia; e qual Christo, despresando as temerosas advertencias do povo para que não se aproximasse do irmão da piedosa Martha, elle procura a todos os enfermos, abriga-os em sua casa, conforta-os, e amenisa-lhes com a maxima piedade evangelica os seus ultimos dias.

Terminados os seus trabalhos da visita em Nossa Senhora do O', o Padre Antonio Manoel parte para o Recife, e traz em sua companhia os doentes que allí recolhera, e installa-os em sua propria casa no bairro da Boa-Vista, então quasi deserto e despovoado; e desse segredo, da existencia dos lasaros em sua casa, ninguem mais sabia, a excepção de dous amigos e confidentes.

O Padre Antonio Manoel Felix era pobre, mas cheio de resignação e heroismo, apostolo dedicado da caridade, um

verdadeiro sacerdote, em fim. Era pois, necessario recorrer á caridade publica, para sustentar os seus doentes, para pensar das suas feridas, e a caridade publica não foi surda ao generoso appello do virtuoso sacerdote, em prol dos miseraveis lasaros.

Depois, quando já não era mais necessario guardar aquelle religioso silencio, porque as grandes, nobilissimas e generosas acções resplendem onde quer que sejam praticadas ainda que, por mais reservadas e occultas que sejam, e qual o perfume subtil de certas flores, ainda que não vistas, se exhalam em ondas embriagadoras, patenteando assim a sua existencia occulta, divulgou-se o seu procedimento, todos o louvaram e contribuíram para a realisação de um hospital e a formação de um patrimonio para o seu sustento.

O Padre Antonio Manoel não desanimou diante das maiores difficuldades que a cada passo surgiam, encarou-as de frente com animo firme e resolutu, e teve a gloria de ver meia realisada a sua empreza. Obtendo a doação de uma casa no mesmo bairro da Boa Vista, fez as accommodações necessarias, erigiu um modesto oratorio, e sobre o seu altar collocou um painel de Nossa Senhora da Soledade, padroeira do hospital.

Installando provisoriamente nesse predio os seus enfermos, cuidou da fundação de um edificio apropriado á esse fim, e obtendo por escriptura publica lavrada a 4 de Maio de 1714 a doação de um sitio que lhe fizera o capitão Euzebio de Oliveira Monteiro e sua mulher D. Maria da Cunha, para a fundação de uma capella e hospital, o venerando sacerdote metteu hombros á sua nova empreza, e coadjuvado pelos moradores do logar com algumas doações, não só em dinheiro como em materiaes, tratou de obter a necessaria licença para a fundação do estabelecimento, cuja pedra fundamental foi lançada com toda a solemnidade, no dia 28 de Setembro de 1716.

O Padre Antonio Manoel, começando os trabalhos da nova igreja, sob a invocação de Nossa Senhora da Soledade, tencionava depois de á concluir tratar da fundação do hospital, ao lado da mesma igreja.

Mas elle não teve a gloria de ver coroados os seus esforços, de colher os fructos de tanta fadiga, dedicação e trabalho.

A morte o surpreendeu quando elle tanto se empenhava em levar ao fim a grandiosa e humanitaria obra

que emprehendeu e quando já tão proximo via a sua terminação. Sacerdote vasado nos moldes dos apóstolos do Evangelho, elle tinha por divisa a maxima divina da caridade e do amor do proximo; era illustrado e generoso, era humilde, mas dessa humildade que eleva e engrandece.

Fazendo o seu testamento em 27 de Março de 1718, elle nada occulta, nada deixa envolto nas trevas da incerteza, e expõe com a maxima franqueza a sua origem, a humildade do seu nascimento, a sua vida, tudo finalmente! E' um documento tão valioso e tão grande pela modestia que resplende, que damos em substancia a sua integra, somente em relação á sua vida e a fundação do hospital.

«Eu pobre Antonio sou engeitado, criado em casa de Manoel Fernandes da Cruz e de sua mulher Leonor Antunes Maria Manoella; sua familia me tomou á sua conta, me creou, e assim sou filho das ervas da freguezia de Nossa Senhora da Luz da Matta. O Senhor bispo Frei Francisco de Lima me ordenou sacerdote para assistir em Jacuipe arraial de S. Caetano, para onde fui com animo limpo de assistir com os annos necessarios, mais a vaidade do tempo, escrupulo das confissões me fizeram tal horror, que fugi como atonito e louco.

«Depois me mandou fazer patrimonio que me fez José Pinhão de Mattos. Nunca tive na igreja de Deus, cargo nem dignidade alguma; occupi-me em fazer missões temeroso de faltar o para que me ordenei.»

«Fui por escrivão de uma visita e fazendo verdade por meus peccados, me não faltaram encargos nella de algum vintem mais, ou menos, porque nenhum foi por peitas. Depois dellas, vindo de Nossa Senhora do O' onde a fizemos, vendo eu tantos pobres lasarinos pelos campos como brutos, me resolvi procurar-lhes agasalho, e com effeito dei principio na Boa Vista, mas tão fracos, que parecia mais doudice que obras que se haviam de perpetuar, onde tive escondidos os primeiros; depois me deram outra casa, onde foi preciso manifestar-se, e com os annos se pôz as cousas no estado em que hoje se acham.»

Os successores do Padre Antonio Manoel terminaram não só a igreja da Soledade como tamqem o hospital que ficou medindo cerca de onze metros quadrados. Com o andar do tempo foi decahindo pouco a pouco a instituição do hospital dos Lasaros, e a sua casa tomada para o recolhimento de freiras Ursulinas, ficaram elles de novo sem

abrigo, até que, em fins do seculo passado o governador D. Thomaz José de Mello fundou o hospital de Santo Amaro das Salinas.

Não cabe pois ao governador D. Thomaz a gloria de instituidor de tão util qão humanitario estabelecimento, como asseveram Abreu e Lima, Fernandes Gama e outros historiadores. Os documentos que encontramos na secretaria da Camara Episcopal, e que nos serviu de base não só para estes ligeiros traços da vida do illustre e benemerito Padre Antonio Manoel Felix, como para uma *Memoria sobre a instituição do hospital dos Lasaros*, que lemos no Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, em sessão de 27 de Junho de 1878, são incontestaveis e de muito valor e autoridade.

Cabe, pois, ao benemerito Padre Antonio Manoel Felix a gloria de instituidor desse generoso e humanitario estabelecimento. Elle já existia deste o alvorecer do seculo passado como vimos, e o nome do seu verdadeiro instituidor tem permanecido desconhecido até hoje. O nome respeitavel desse varão, é o do venerando Padre Antonio Manoel Felix, a cuja gloria junta a de fundador da igreja de Nossa Senhora da Soledade, e a de um homem dotado de um coração magnanimo, e ornado das mais eminentes virtudes.

Antonio Martins Bayão. Nasceu em principios do seculo XVII no Rio de S. Francisco, territorio que então pertencia a esta capitania, e subdividido hoje, pertence parte á provincia da Bahia, e parte a das Alagôas.

Homem rico e conceituado, influencia legitima no lugar do seu nascimento e domicilio, patriota energico e exaltado, Martins Bayão foi um dos poderosos agentes da conspiração tramada contra a dominação hollandeza, e o chefe do movimento n'aquella localidade; prudente e cauteloso, vivendo cercado de inimigos, nunca suspeitaram da sua iniciativa; os seus planos eram reflectidos e criteriosos, e as observações e communição com o centro revolucionario do Recife não as confiava as eventualidades do papel e portadores, e pretextando qualquer negocio á capital, vinha elle proprio trazer as suas observações e noticias, expor a marcha da propaganda e conferenciar sobre o caso, ainda que expondo-se a grandes trabalhos e perigos, e a viagens longas e encommodas.

Capitão de uma companhia de auxiliares do Rio S. Francisco, ao grito da revolta em 1645 elle põe em campo os seus soldados, sustenta-os á sua custa, convoca os moradores do lugar, improvisa um pequeno exercito que pouco a pouco se vae augmentando, e vae buscar o inimigo em Cajupe, bate-se valerosamente, mas a victoria custou-lhe um ferimento gravissimo que recebeu na luta. Mal cicatrizadas as suas feridas, Martins Bayão põe-se de novo a frente dos seus soldados, então já em numero respeitavel, e vae desalojar os hollandezes que haviam levantado uma casa forte na Ilha grande para guarda de gados e outros mantimentos, põe-se de emboscada, e após a derrota de quatro batalhões de infantaria inimiga, apodera-se do ponto fortificado, e de 2500 cabeças de gado e 400 cavallos.

Em um outro combate com um esquadrão inimigo, a victoria vem ainda coroar as armas do intrepido Martins Bayão, custando ao inimigo mais de 300 mortos, em cujo numero contavam-se tres capitães, além dos prisioneiros que ficaram. Partiu então á buscar duas companhias que o governador geral da Bahia mandava secretamente á coadjuvar os revoltosos, e unindo-se a ellas, entrou na villa hoje cidade do Penedo no dia 10 de Agosto de 1645, onde se achava o campo dos independentes. D'ahi partiu o exercito a render a fortaleza *Principe Mauricio*, já sitiada pelos lados do sul e oeste, e nesta marcha superior a cento e vinte legoas, por logares quasi intransitaveis, sob rigoroso inverno, passando rios cheios e obrigado a se internar no matto para evitar algum encontro que o demorasse, gastou treze dias. Cabendo então o commando ao capitão Nicoláo Aranha, official de linha, começaram as hostilidades, e a 19 de Setembro de 1645 rendia-se a fortaleza com toda a sua artilharia e munições, e 260 hollandezes que a guarneciam, após um cerco de mais de um mez.

A tomada da fortaleza *Principe Mauricio* na phrase de um historiador, foi de tão grande utilidade para os nossos, como de perniciosissima consequencia para o inimigo. Era ella a chave da fronteira sul, e a porta principal que nos abriu commoda communicação com a Bahia. Acrescia alem disto que a margem meridional do Rio S. Francisco era abundantissima de gado, e esses campos, que até então constituíam o principal deposito que mantinha o exercito hollandez, passaram a ser o deposito do exercito independente. A utilidade, pois, da tomada da praça, foi a to-

dos os respeitos grande para nós, e nenhuma victoria nesta longa guerra mereceu mais applausos, e tambem nenhuma outra se alcançou com menos custo.

Depois desta victoria, notabilissima não só pelas vantagens materiaes, como pela influencia moral que produziu, o bravo capitão Antonio Martins Bayão partiu para as Alagôas á soccorrer os seus moradores pelo risco em que se achavam, soffrendo durante a viagem trabalhos immensos pela aspereza dos caminhos, e chegou exactamente a tempo de impedir o desembarque de tropas inimigas que vinham em seis embarcações, pelejando á peito descoberto até que frustrou-lhes inteiramente o intento.

Martins Bayão mantendo a estabilidade da independencia pernambucana nessa importante e immensa região do sul da capitania, não acompanhou a marcha da guerra nos outros pontos, mas o credito do seu valor e a confiança que inspirava aos chefes independentes era tal, que só elle bastava para manter firme tão importante localidade, o centro dos viveres e fornecimentos do nosso exercito. Quando nenhum perigo ameaçava e tudo estava tranquillo, eil-o em marcha pelo interior, subindo até ao alto sertão, animando aos tímidos que se haviam refugiado nessas immensas regiões para voltar ás suas casas, e levantando tropas que enviava aos nossos arraiaes, ou então escoltando o gado e mantimentos que enviava aos nossos campos, e dessas escurção em muitas teve de lutar com o inimigo que tentava arrancar-lhe das mãos vidas e mantimentos.

Assim viu passar nove longos annos de guerras, de trabalhos immensos e um cem numero de privações, até que a victoria propicia as nossas armas, trouxe-nos a liberdade, a paz e o bem estar de todos. Martins Bayão foi colher então no santuario da familia as glorias e o renome que conquistou nas lutas da liberdade de sua patria escravisada a estrangeiros por vinte e quatro annos.

Surge então uma outra luta, a guerra dos Palmares, e o velho soldado deixa de novo os commodos de sua casa, abandona as suas fazendas, e parte para as Alagôas a desalojar os negros ahí aquilombados, cuja população crescente já offerencia serias e futuras consequencias funestissimas. «Martins Bayão, resa um documento que temos sob as vistas, obrou em tudo com tanto valor, que chegou a ir ao interior do sertão onde estava o governador das armas, e

avançando por varias partes mataram grande quantidade de negrões fazendo despenhar muitos por um rochedo, e voltando a refazer-se do necessario para o sustento dos soldados; foi terceira vez em demanda dos negros que se tinham augmentado, estabelecendo-se o nosso arraial nas suas lavouras, apresionam n'esta occasião duzentos e quarenta, além de mortos e feridos, obrando como bom e honrado soldado.»

Antonio Martins Bayão começou a vida militar em praça de soldado, passou a alferes, ajudante, capitão de uma companhia de auxiliares das ordenanças do Rio S. Francisco, sendo depois elevado a patente de sargento-mór, *havendo-se nestes tempos, como resa um documento official, com bom procedimento, assim como na occasião do levantamento e liberdade desta capitania, porque na villa do Rio S. Francisco tomou armas contra os hollandezes que estavam senhor della, fiando-se da sua pessoa todo o segredo quando se tratava do dito levantamento, vindo de sua casa a levar e trazer os avisos para com mais certeza serem sabidos, com grande trabalho e risco de sua pessoa.»*

O sargento-mór Antonio Martins Bayão falleceu em avançada idade aos 15 de Fevereiro de 1688. Homem de merito e de prestigio, um dos mais ardentes apostolos da causa da restauração de sua patria do dominio hollandez, nobilitado pelos seus serviços e dedicação, Antonio Martins Bayão viu-se mal apreciado, os seus serviços e sacrificios sem remuneração alguma, e até o seu proprio nome esquecido pelos nossos historiadores; e ficaria mesmo condemnada a um total esquecimento a sua memoria, se não a salvasse a Carta Regia de 15 de Dezembro de 1715 á seu neto Amaro Bezerra, pela qual lhe foi conferido o officio de tabellião do termo da villa de S. Francisco, cujos serviços julgados por sentença recahiram em beneficio do dito seu neto. Sirvam ao menos estas linhas para exaltar a memoria de um homem honrado e benemerito, illustre e magnanimo.

Antonio Muniz Barreiros. Nasceu em fins do seculo XVI, e provavelmente na villa de Olinda, a antiga e opulenta capital de Pernambuco. Seu pae chamava-se tambem Antonio Muniz Barreiros, era natural de Portugal, e morador nesta capitania; e posteriormente foi provido

no cargo de provedor-mór da fazenda real, sob a condição de fundar dous engenhos ou fabricas de assucar na capitania do Maranhão.

Incumbido por seu pae de realisar alli a obrigação condicional que tomára, Antonio Muniz Barreiros partiu para o Maranhão, sendo ao mesmo tempo incumbido de uma outra missão, pois fôra despachado capitão-mór, e encarregado do governo da capitania, sendo que a unica censura que teve esta nomeação, como refere um escriptor, foi o ser Muniz Barreiros muito jovem ainda para tomar conta de governo tão importante. Porem querendo destruil-a, o governador geral Diogo de Mendonça Furtado lhe impôz « a obrigação de se aconselhar nas materias mais graves com o Padre Luiz Figueira, da Companhia de Jesus, de tantas letras como virtudes. »

Em companhia do Padre Figueira, partiu Muniz Barreiros de Pernambuco, e chegando ao Maranhão, tomou posse do governo a 20 de Abril de 1622, governo este que não foi muito feliz nos seus primeiros dias, porque os habitantes do Maranhão, senhores absolutos dos indios, não podiam ver os jesuitas partilhando do poder, sem os considerar como meio de embaraço á sua fortuna particular. Porem Muniz Barreiros procedendo de modo a conquistar a estima e confiança geral, conciliou os animos, fazendo os jesuitas assignar um termo, « de que nunca se intrometteriam com os indios domesticos, sob pena de exterminio e perda de todos os seus bens. »

Um dos primeiros cuidados de Muniz Barreiros, foi dar cumprimento a obrigação que contraira seu pae, e começou logo a construcção dos dous engenhos, escolhendo para assental-os as margens do rio Itapicurú, satisfasendo assim a condição do cargo a elle conferido, sendo estes os primeiros engenhos de assucar que se fundaram no Maranhão.

O capitão-mór Antonio Muniz, diz Berredo nos seus Annaes, tinha continuado no exercicio do seu ministerio com uma geral aceitação daquelles moradores, que pelas zelosas deligencias do seu grande cuidado se augmentavam muito todos os dias, assim no bom commodo das suas vivendas da cidade, multiplicando-se os seus edificios, como tambem na cultura dos campos para o seu sustento e grangearias, de que já abundavam; e depois de dirigir o governo dessa capitania por mais de 3 annos, passou-o a seu successou no dia 3 de Setembro de 1625.

Terminado o seu governo, Muniz Barreiros continuou no Maranhão, entregando-se a agricultura na direcção de de seus engenhos, e mais tarde foi nomeado procurador um da fazenda naquella capitania, até que a invasão hollandeza veio dar nova occasião de illustrar o seu nome, perpetuando-o nas feitos que se deram nessa luta de patriotismo e liberdade.

Invadido o Maranhão pelos hollandezes em 1641, vencido pelo poder das suas armas, assenhorearam-se da capital, e foram estendendo o seu dominio por toda a capitania, levando o terror e a miseria a todos os seus habitantes, com as violencias, extorções e roubos que praticavam. Os ricos proprietarios dos engenhos de Itapicurú, viram as suas propriedades passar ao dominio dos invasores, guardadas por escoltas de soldados, e reduzidos a humilhante condição de feitores; e toda a população soffrendo, uns em seus haveres, outros em sua honra.

Os soffrimentos eram inauditos, muitos os opprimidos, eultrajados em seu patriotismo e em sua honra, e assim resolveram libertar-se do jugo que os opprimia, conspiram um levantamento geral, e elegem por chefe da insurreição a Antonio Muniz Barreiros, o mais conceituado e rico colono, aquelle que mais confiança merecia dos seus concidadãos.

Aprasado o rompimento para a noie de 30 de Setembro de 1642, foram atacados os engenhos de Itapicurú, tomados de assalto, e na manhã do dia seguinte rendia-se o forte do Calvario, e marchavam os patriotas em caminho de S. Luiz, e em fins de Novembro estava Muniz Barreiros acampado com suas forças a 3 legoas distante da cidade.

Fazendo avançar um pequeno destacamento até o rio Cotim, ahi se emboscou, e quando appareceram os hollandezes á descoberto, foram totalmente derrotados. Com esta victoria, que ministrou aos sublevados armas e munições, animou-se Muniz Barreiros á ir sitiá a cidade.

Assim iniciada a guerra regeneradora do Maranhão, diz um escriptor, Antonio Muniz Barreiros, chefe dos insurgentes, não teve mais descanso: habil e energico, embora mal auxiliado; porque apenas recebeu fracos soccorros da capitania do Pará, glorificou-se na luta não só dirigindo-a como se fôra amestrado general, ora batendo-se em pessoa, como intrepido soldado.

O reforço enviado do Pará em auxilio dos maranhenses empenhados na empresa da libertação de sua patria do poder dos hollandezes, tardou demasiadamente á poder o

heroico Muniz Barreiros levar a effeito o já resolvido ataque ao centro das fortificações inimigas, e quando chegou, cruel enfermidade o havia prostrado no leito da dôr. Confiado o commando a Antonio Teixeira, não lhe coube a dita de saudar a regeneração da patria, porque a morte apanhou-o no meio da gloriosa e difficultosa guerra, em que á frente da sua cohorte de patriotas combatia contra soldados aguerridos.

Atacadas as tropas patrioticas pelas hollandezas, conseguiram então obter algumas vantagens ganhando os postos avançados, porem encontrando nas trincheiras do Carmo irresistivel barreira, travam tremendo combate, e depois de 2 horas de porfiada luta, debandaram em retirada, deixando o campo alastrado de 160 mortos e 200 feridos. Entre os canticos da victoria, refere um escriptor maranhense, misturou-se profundo desgosto, porque immediatamente depois della falleceu Muniz Barreiros coberto de tal gloria, que nunca morrerá seu nome, visto estar escripto com a penna da posteridade nas paginas da historia.

Assim terminou a gloriosa luta da expulsão hollandeza no Maranhão, sem que o seu maior heroe, o illustre e intrepido Antonio Muniz Barreiros, « o primeiro e denodado chefe da insurreição regeneradora do Maranhão, » podesse saudar com os hymnos da victoria a gloriosa restauração e liberdade da patria.

O Sr. Dr. Cesar Augusto Marques, pagando um tributo de admiração em homenagem á memoria de tão illustre e preclaro varão, no seu *Diccionario historico-geographico do Maranhão*, consagrou estas palavras á sua memoria, palavras dignas de quem as escreveu, e daquelle cujos feitos proclamam:

« O seu governo começou na noite de 30 de Setembro de 1642, em que, como chefe dos conspiradores, os guiou heroicamente ao campo da honra, onde derrotando os inimigos da patria, colheo para si e para seus valorosos companheiros muitas palmas da victoria, e muitas corôas de gloria, que são conservadas perpetuamente pela historia, que se orgulha quando conta tão grandiosos feitos.

« Entretanto, quando faltava tão pouco para ver terminar as suas fadigas, falleceu na noute de 16 de Janeiro de 1643, porem ignora-se o logar onde descansam essas cinzas, e infelizmente, porque a gratidão nacional não pôde sobre ellas levantar um soberbo monumento, que atteste

aos vindouros um factu notavel... E morreu Muniz Barreiros quasi embalado pelos ruidos das acclamações de tão estrondosa victoria, parecendo, no dizer de Berredo, que as suas virtudes só esperavam pela gloria deste dia, para encaminhal-o á eternidade. »

Antonto Pedro de Figueiredo. Nasceu aos 22 de Maio do anno de 1822, na historica e Leal villa de Iguarassú.

Filho de paes desherdados de bens da fortuna, e cujos nomes não nos foi possivel obter, nascendo por conseguinte em leito humilde e pobre, dotara-o porem a natureza com a riqueza do talento, com os dons inapreciaveis da intelligencia; e condemnado cedo a não fruir as delicias das existencias ociosas e opulentas, por gosto e urgente necessidade arrojou-se á carreira litteraria com ancia, com força, com energia suprema.

Pobre, lutando com immensas difficuldades, sem mestres que o encaminhassem, sem livros que lhe servissem de guia na grande róta litteraria a que o seu genio o impelira a transpor, Antonio Pedro de Figueiredo deixa o ninho paterno ainda bem jovem, domicilia-se no Recife, mais largo campo ás suas aspirações, e atira-se sem tregoa e sem descanso ao mais laborioso trabalho, aos mais assiduos estudos.

Em 1843, quando apenas contava os seus vinte e um annos de idade, publica Antonio Pedro de Figueiredo a traducção do *Curso da historia da Philosophia por V. Cousin*, na typographia de M. F. de Faria, comprehendendo apenas o primeiro volume, que trata da introdução a historia da philosophia; no seguinte, o segundo volume e no immediato, o terceiro, terminando assim uma arrojada empreza para elle, que sem meios a ella se aventurara, em uma terra em que são carissimos e difficultosos os meios de publicidade, onde não ha editores, não ha mercados, nem consumidores para tal genero de producção.

E' uma verdade acceita por todos os pensadores, diz elle proprio nas duas palavras que precederam a esse importante trabalho, que a civilisação é obra da philosophia, a qual, sendo ao mesmo passo um dos elementos desta mesma civilisação, é o elemento por excellencia que illumina e desenvolve todos os outros, donde se segue que a civilisação se não pode dar nos paizes aonde a philosophia é ignorada e despresada.

A traducção dessa obra, dedicada a mocidade brasileira, a vulgarisação desse monumento de sabedoria do illustre philosopho francez, «o Platão da nossa idade», foi um grandioso serviço á causa da instrucção e da civilisação do Brazil, e o generoso acolhimento que teve esse trabalho, e as palavras de saudação e de animação que ao interprete de Cousin enviára a imprensa, bem traduzem o seu valor e o seu merito.

A *Estrella*, em seu numero de 4 de Novembro de 1843, num juizo que publicou acerca desse trabalho, disse o seguinte sobre o seu traductor, depois de geralmente tratar sobre a excellencia do livro:— Se cedessemos á tentação que temos de indicar ao publico todo o valor do livro de que hoje damos conta, iriamos sem duvida mui longe. O Sr. Victor Cousin encontrou no Sr. A. P. de Figueiredo um traductor fiel, e um amigo cheio de dedicação. O jovem professor de Pernambuco é uma das mais viçosas esperanças do paiz; e nós não duvidamos que dentro em pouco elle realise o generoso desejo que o anima de ir á Europa visitar os seus mestres, e colher, com as viagens que tenta fazer, um novo cabedal de variada sciencia. Queira elle no entanto acceitar esta homenagem que hoje lhe rendemos em nome da philosophia e da litteratura nacional, como um testemunho não suspeito de gratidão publica.

Esta apreciação foi secundada por uma outra escripta pelo Dr. Antonio Rangei de Torres Bandeira, e publicada no *Diario Novo* de 28 de Novembro de 1843, na qual assim ajuizou do merito da traducção da obra de V. Cousin:— A excellente obra do grande philosopho francez dos nossos dias, achou no Sr. Figueiredo um traductor fiel é exacto, que, unindo á linguagem de Camões as preciosidades daquella lingua tão culta, em que estão concebidos seus pensamentos, notando os idiotismos, e evitando os perniciosos galecismos que desgraçadamente tanto vogam nas versões portuguezas, soube dar ao publico brasileiro uma prova de que muito se interessa pela prosperidade moral de seus concidadãos.

Taes foram as saudaçõs e os protestos de encorajamento e animação, que entre outros foram tributados ao jovem litterato pernambucano, ao atirar a luz da publicidade, ás primicias do seu talento, o primeiro fructo dos seus estudos e esforços; tal foi a sua estréa no mundo litterario.

Em 1844, por portaria da presidencia de 11 de Abril,

obteve Antonio Pedro de Figueiredo a nomeação de professor adjunto da cadeira de Geometria do Lyceu do Recife, de cujo cargo foi exonerado em 30 de Junho de 1846. Durante esse exercicio, elle regeu cumulativamente, por impedimento dos respectivos professores, as cadeiras de inglez, lingua nacional e philosophia.

Em 1849 entrou de novo para o Lyceu, incumbido da regencia da cadeira de lingua nacional; e em 1855, por portaria de 16 de Agosro, foi nomeado professor da segunda cadeira de historia e geographia do Gymnasio Pernambucano, merecendo durante o seu magisterio, ser designado examinador, por muitas vezes, dos alumnos do curso de preparatorios, annexo á Faculdade de Direito.

Em 1846 encetou Antonio Pedro de Figueiredo a publicação do *Progresso*, revista social, litteraria e scientifica, sendo coadjuvado por collaboradores distinctos, entre os quaes notavam-se os Drs. José Soares de Azevedo, Maciel Monteiro, Torres Bandeira e outros. Mas esta interessante publicação, atravessando os annos de 1846 e 1847, terminou no anno seguinte, ficando incompleta esta ultima parte. Comtudo, a collecção do *Progresso* forma um bom volume, e de todas as revistas até hoje publicadas nesta provincia, quicá no imperio, ella occupa um logar distincto, como uma das mais importantes publicações litterarias.

Mais tarde, o nome de Antonio Pedro de Figueiredo inscreveu-se entre os redactores do *Diario de Pernambuco* e por muito tempo foi elle um dos seus mais illustres collaboradores, cuja penna só largou para cahir sobre o leito, no qual poucos dias depois cerrou os olhos á luz do mundo. Dentre os numerosos trabalhos litterarios que publicou nas columnas do decano da imprensa pernambucana, por espaço de doze annos, alem das *criticas litterarias*, *revistas de theatro*, *contos*, *lendas e tradições*, *sciencias e artes*, notam-se os seus artigos e correspondencias traduzidos do inglez e francez, do *Anuario dos dous mundos*, da *Revista de Partz*, da *Revista dos dous Mundos*, e de outros jornaes da Europa. Occupa porém, um logar distincto entre os seus artigos do *Diario de Pernambuco*, a serie de folhetins, publicação semanal, sob o titulo — *A Carteira*—firmados com o pseudommo *Abdalah-el-Kratif*. E' admiravel a illustração, os dotes e conhecimentos variadissimos que revella o seu autor nessa interessante serie de folhetim. A historia, a philosophia, a litteratura,

as artes, tudo finalmente teve o seu logar de honra na *Carteira*, tudo foi tratado com proficiencia e criterio, a par de um estylo correctissimo, e de uma linguagem pura e genuinamente portugueza.

Um artigo que temos sob as vistas, publicado no *Progressista* de 6 de Maio de 1863, tratando desses mesmos folhetins, diz o seguinte, mencionando apenas tres, dentre a sua immensa serie, que colleccionada e impressa, formaria alguns volumes:

«A *Carreira* do 1.º de Agosto de 1858. e que tem por epigraphe — *Uma vingança de nova especie motivada por uma mulher* — é um conto phantastico cheio de incidentes chistosos, pedaços descriptivos de um poetar natural e gracioso, ancias de mortal desasocego, um escripto em fim que refocilla o espirito, e faz rir e chorar ao mesmo tempo. A *Carteira* que trata da *natureza e a sociedade relativamente a igualdade*, não é sómenos á citada; não só merece attenção como pagina lucida, scientifica e litteraria, como tambem como pagina formosa da mais sã e cosmopolita philosophia. Outro tanto acontece com a *Carteira* de 15 de Agosto de 1858, onde o *passado e o presente*, constitue um apreciavel escripto de estylo mimoso e natural, emquanto aquelle outro se recommenda pela resenha engenhosa dos contrastes sociaes, juntas as compensações providenciaes, que invisiveis, arranjam o homem e a sociedade para seus fins immortaes.»

Em 1848, publicou Antonio Pedro de Figueiredo, nesta provincia, na *Typographia Imparcial*, o seguinte trabalho, traduzido do francez: *Da soberania do povo e dos principios do governo republicano moderno*. Lições pronunciadas na Faculdade de Direito de Pariz, por M. Ortolan, professor na mesma Faculdade. E em 1851, na *Typographia Commercial*, publicou as suas *Noções abreviadas de philologia, acerca da lingua portugueza*.

Precedeu a estas produções, a publicação que fez em 1847, da traducção do romance de George Sand, *As sete cordas da lyra*, precedida de um prefacio, no qual em poucas linhas, o traductor descrevendo o estado de miseria em que nos achamos acerca de litteratura, demonstrou a necessidade de aguçarmos o gosto por meio das traducções dos primores d'obras estrangeiras.

Em 1852 sustentou Antonio Pedro de Figueiredo uma renhida questõe com o Dr. Pedro Autran da Matta e Albuquerque, sobre o *Socialismo*; os seus artigos publicados

no *Diario de Pernambuco* e na *Imprensa*, e os do seu illustre contendor na *União*, podem facilmente serem compulsados pelos entendidos no assumpto, e á vista de um estudo criterioso sobre um e outro batalhador, formarem o seu juizo á respeito. Nós porém, á vista da nossa incompetencia em semelhante assumpto, contentamo-nos apenas, mencionando este facto da vida litteraria de Antonio Pedro de Figueiredo, em indicar as fontes necessarias áquelles que quizerem ter conhecimento mais particular dessa justa litteraria,

Antonio Pedro de Figueiredo, fadado a gosar de uma existencia bem pouco duradoura, e essa mesmo cheia de trabalhos e privações, bem cedo terminou os seus dias de peregrinação por este mundo, bem cedo se lhe desvaneceram com a molestia que o accommetteu, a qual pela sua gravidade patenteara-lhe a sua morte prematura, todos os seus planos, as suas nobres e generosas aspirações.

Vergado ao peso de grave molestia, sem poder trabalhar, substituiu-lhe na incumbencia de folhetinista do *Diario de Pernambuco*, o seu amigo e collega de trabalho Dr. Torres Bandeira. Depois de dez longos mezes dos mais acerbos soffrimentos, Antonio Pedro de Figueiredo sentiu-se melhorado dos seus encommodos, atirou-se a sua banca de trabalho, escreveu um folhetim, foi publicado, e poucos dias depois, recahindo dos seus soffrimentos, consequencia talvez de sua imprudencia, a morte o arrebatou á vida da eternidade, aos trinta e sete annos de idade, no dia 21 de Agosto de 1859.

Os derradeiros dias da trabalhosa existencia de Antonio Pedro de Figueiredo., são assim descriptos pelo autor do artigo do *Progressista*, que ha pouco citamos :

«Que agonia atroz a do talento, que, depois de produzir tanto, se vê a braços com a miseria, á fome, a morte? Victima de cruel enfermidade, curtido de dores, se havia erguido, á hora tardia, a compor o seu derradeiro escripto. O anjo da inspiração adejara-lhe em torno, nas azas fulgurantes das agitações da tempestade, nos céos abrasados, e nas torrentes de harmonia de um piano ao longe, na soturnidade da terra, em notas do coração, como o delle, atrophiado por desditas tantas. O esforço que fizera o enfermo, prostrando-o instantes, accordou-o logo depois a scentelha electrica da musica terna, suave, commovedora, dolorida, como os sentimentos de uma saudade, como o golpear de uma agonia, profunda e atroz.»

«O genio de Figueiredo, seguindo as evoluções atmosphéricas nos céos, á par das commoções musicaes na terra, como chamma immortal, crepitou, scintillou, e despediu clarões vivissimos e fulgurantes.»

«A prostração instantanea de Antonio Pedro de Figueiredo, era-lhe o perpassar na mente do abandono dos amigos e da patria: era a lembrança dos *astros opacos* que recebiam-lhe a luz; era a dôr rememorativa dos *espectadores* do talento d'elle; era o spectaculo da solidão, da tristeza, da ingratição, que cercavam-no; e que, nos lampejos do genio, pela intuição, as claras lhe indicava tantos vultos opulentos em europeis e cabedaes, quantos abjectos em grosserias e mesquinhezas. E' por isso, que, o derradeiro escripto de Antonio Pedro de Figueiredo nos parecerá horrifado de lagrimas, a principio, de indignação no meio, de gracioso perdão no fim.»

Agora é o proprio Antonio Pedro de Figueiredo que falla, e assim, já com os pés ás bordas do sepulchro, começou a sua derradeira producção litteraria, publicada a 16 de Agosto de 1859.

«No leito da dôr, a que temos estado preso, ha dez longos mezes; no meio de aturados e intensos soffrimentos; cercados das constantes e peniveis preoccupações de uma existencia quo o destino tecera mesquinha e sombria, e a molestia viera ainda mais anuviar e torturar; um sentimento havia que nos ralava o coração mais do que os padecimentos; que nos acabrunhava o espirito mais do que as preoccupações; que nos pungia á alma mais do que o esquecimento e abandono de alguns que reputavamos amigos sinceros e dedicados; era a saudade acerba das horas as vezes tão melancolicas e tão de enfado, que consagravamos a rapida e imperfeita, mas sempre grata tarefa de compor e escrever este folhetim, fundado por nós, e tão generosamente abrigado ao *rez de chauseés* do grande órgão da publicidade do norte, órgão que se multiplica quatro mil vezes por dia, instrue, deleita, lisongea e castiga diariamente tanta gente avida de prazer, de lisonja e de advertencia.»

Assim, abandonado de todos, até daquelles que reputava *amigos sinceros e dedicados*, na maior penuria, lutando com toda a sorte de privação, ás mãos da indigencia, succumbiu Antonio Pedro de Figueiredo, esse homem tão rico de talentos, tão opulentado por seu genio e illustração, que tantas producções do seu engenho nos teria legado, se ou-

tra fosse a sua sorte, se mais propicia estrella servisse de phanal aos passos de sua vida, se melhor aproveitado fosse por aquelles em cujas mãos susteem o cofre das graças, quasi sempre bem mal distribuidas! Sorte fatal do genio! Despreso, indifferentismo e esquecimento dos contemporaneos, até que a posteridade o venha reabilitar, erguer do abatimento a que fôra condemnado, e conferir-lhe o logar de honra a que tem juz!

A imprensa pagára a memoria de Antonio Pedro de Figueiredo, o merecido tributo de saudade, abrindo-lhe logo após a sua morte, as portas do Pantheon, legando assim o seu nome a posteridade. E esse homem que no leito da morte achara-se abandonado, que fôra desprezado, ao cerrar os olhos pelo sopro gelido da morte, ao dar-se sepultura ao seu cadaver, no Cemiterio Publico do Recife, tributara-se-lhe honras que na vida não o julgaram digno de merecel-as; a concorrência, quer de homens de letras como de pessoas gradas, que em testemunho do apreço que consagravam á intelligencia e ás bellas qualidades do illustre finado, foi immensa: e no acto de ser dado á sepultura o seu cadaver, os Drs. Torres Bandeira e Franklin Doria, e Hermenegildo Coutinho, recitaram discursos, repassados de sentimento, derradeiro tributo á memoria de tão illustre, quão desditoso litterato pernambucano!

A provincia perdeu em Antonio Pedro de Figueiredo, diz o Dr. Torres Bandeira, um dos seus homens de letras que muito a ennobreciam:— as letras perderam nelle um dos seus mais zelosos cultores.— Se, como homem, elle tivera defeitos, cumpre a Deus julgal-o e aprecial-o: como cidadão sabia cumprir o seu dever, como mestre era digno do logar que occupava, como amigo era credor de toda a confiança e estima. Viveu e morreu pobre, é verdade; mas a riqueza é de um dia, e a intelligencia e a gloria não se somem na poeira de um cemiterio... N'isto, ao menos, está a elevação do talento: não podem contestal-o, porque o livro em que se lê o necrologio de um homem de merito real, é aquelle mesmo em que se escreve a sua memoria para a posteridade.

Antonio Pedro de Sá Barreto. Nasceu na freguezia de S. Amaro de Jaboatão, no engenho Macugé, aos 31 de Janeiro de 1801, e foram seus paes o tenente-coronel Francisco Antonio de Sá Barreto, um dos patriotas do movimento emancipador de 1817, e sua mulher D. Jo-

sepha Thomazia Telles de Menezes, senhores do engenho Jardim daquella mesma freguezia. Foram seus avós paternos o mestre de campo Bento Correia de Sá e sua consorte D. Joanna Francisca Xavier de Albuquerque Barreto, ricos agricultores, senhores do engenho Garapú do Cabo; e maternos, o capitão Ignacio de Barros, e sua mulher D. Laura Thereza Ornellas de Barros, também agricultores, e senhores do engenho Macugé.

Em 1817, quando Antonio Pedro de Sá Barreto havia completado os seus dezeseis annos de idade, e o governador e capitão general Luiz do Rego Barreto reorganizava o exercito desta capitania, elle assentou praça, e justificou primeiro cadete.

Quando em 1820 occorreu o lamentavel cerco e ataque da serra do Rodeador no Bonito, onde um numero consideravel de camponios fanaticos e ignorantes, levados de superstições e chimeras, alli se reuniram, em puro fanatismo religioso, Luiz do Rego fez marchar uma expedição com o fim de dispersal-os, julgando ser aquillo um estratagemma politico. Os sitiados foram cruel e barbaramente atacados, e ainda que lutando com forças desiguaes, ostentaram uma coragem raramente vista, mas foram derrotados, mortos e feridos em grande numero, as habitações e lavouras foram arrasadas e incendiadas, e os prisioneiros conduzidos ao Recife em um estado lastimoso e miseravel.

Sá Barreto, então cadete graduado official, fez parte desta expedição, viu cahir ao seu lado compatriotas e irmãos, victimas da mais atroz e barbara tyramnia, e em vez das conquistas dos louros da victoria, colheu maguas pela sorte dos seus compatriotas, forçado a batalhar contra elles por força das circumstancias militares e ordens superiores, e no meio desta horrivel matança viu succumbir um seu irmão, commandante em chefe das forças milicianas de Santo Antão.

Em 1821, quando os pernambucanos oppozeram irresistivel barreira as tyramnias do governador Luiz do Rego, e pozeram em campo a propaganda constitucional, quicá das liberdades e independencia patrias, Sá Barreto foi um dos muitos brasileiros que incorreram no odio dos portuguezes, e a consequencia das suas aspirações, das aspirações mais nobres e generosas que pode ter o subdito de um paiz, calcado pela oppressão e tyramnia, foi o desterro, foi a deportação.

Livre da prisão e desterro fulminado pelos oppressores de sua patria, Sá Barreto viu finalmente o Brazil livre e independente do jugo portuguez. Em 1824, distanciando-se d'aquelles de seus compatriotas que oppozeram um protesto energico ao impolitico e violento acto da dissolução da constituinte brazileira, pondo em campo a guerra separatista, e proclamando depois a Confederação do Equador, Sá Barreto, já elevado ao posto de capitão, seguiu partido contrario, e foi prestar os seus serviços nos arraiaes daquelles que sustentavam a integridade do imperio.

Marchando para a Barra Grande onde acampavam-se as forças imperialistas, cahiu prisioneiro da revolução, e de Serinhaem marchou escoltado para o Recife, e foi encerrado preso na sala livre da cadeia desta capital.

Ahi prisioneiro até a chegada do brigadeiro Francisco de Lima e Silva a frente das suas tropas, cujo primeiro acto foi immediatamente abrir-lhe as portas da prisão, Sá Barreto recebeu então a incumbencia do commando da 1.^a e 2.^a companhias do seu batalhão, e marchou á reforçar o corpo do exercito estacionado na Boa-Vista, onde ia ferir-se a batalha decisiva, da vida ou morte da proclamada republica.

Nessas lutas fratricidas, em guerra entre compatriotas e irmãos, não brilham os louros da victoria, as acções as mais heroicas, os feitos de maior valor e intrepidez, são eclipsados e obscuros; mas realça sobre tudo isso o valor calmo e reflectivo que ostentou o capitão Antonio Pedro de Sá Barreto, á par dos actos de humanidade e confraternidade que praticou para com os feridos depois do combate, e depois desses dias luctuosos o quanto foi util, o quanto prestou-se á salva-guardar a muitos de seus companheiros de armas, que vencidos, erravam aterrados e homisiados, victimas da sua iniciativa e adhesão á esse pronunciamento politico.

Sá Barreto foi então condecorado com a medalha que devia destinguir aquelles que mais se haviam nobilitado no serviço da campanha, mas elle agradece ao general Lima e Silva essa distincção, e posteriormente apresentado a S. M. o Imperador pelo mesmo general, respostou-lhe sobre a sua recusa o mesmo que já havia dito em Pernambuco á tal respeito. Então o general fez a S. M. a historia de Sá Barreto, desde o começo até o

fim da guerra, e essa historia valeu-lhe muito honrosas palavras do Imperador, que acabou por dizer-lhe: *Louvo-lhe o procedimento e os escrupulos; tem, porem, incontestavel direito, como bravo e leal, ao uso da medalha que conferi.* Sá Barreto agradeceu respeitosa-mente tão honrosas palavras, porem perseverou em não usar semelhante condecoração!

Rompendo pouco tempo depois a guerra da Cisplatina, e marchando as tropas do norte para a campanha, Sá Barreto foi incorporado ao seu batalhão, tomou parte em todos os combates, e mereceu pelo seu merito e valor militares, a estima e confiança dos seus superiores, especialmente do general Brow, um dos mais distinctos e illustres dessa famosa campanha.

Sá Barreto foi um dos heróes da infeliz mais gloriosissima jornada de Ituzaingo, a 20 de Fevereiro de 1827, na qual incorporado ao legendario batalhão 18 de Pernambuco, sob o commando do intrepido Lamenha, sustentou a honra e dignidade do Brazil; e quando a adversidade feriu-nos de chofre, e o seu batalhão marchou em quadrado com o 13 da Bahia, nesse famoso quadrado sobre o qual vinha em repetidas cargas a cavallaria inimiga, sem jamais conseguir vantagem alguma, marchou em retirada, mas em retirada gloriosa, soberba e irresistivel.

Sá Barreto acompanhou todos os movimentos, e tomou parte em todos os feitos da guerra Cisplatina. De Ituzaingo passou com o exercito á Caçapava, e d'ahi á diversas posições, e depois á villa do Rio Pardo onde acampou em quartéis de inverno. Assim entrou o anno de 1828, quando pela intervenção da Inglaterra foi ajustado um armisticio. Mesmo assim, ainda pela deslealdade dos argentinos, os brazileiros em represalia a um ataque pelas forças do coronel La Torre, cahiram sobre o acampamento geral do exercito inimigo, e o levaram de vencida.

Terminada a guerra, e reconhecida a independencia da provincia Cisplatina, sob o nome de Estado Oriental do Uruguay, Sá Barreto foi chamado á côrte do Rio de Janeiro, e incumbido de organizar em Pernambuco um corpo militar especial. Firmado o acto da abdicção de D. Pedro I em 1831, e se achando o nosso exercito em um estado de decadencia e descredito, Sá Barreto solicitou

e obteve uma licença, e entregou-se a vida agricola, recolhendo-se então ao engenho Jardim em Jaboatão, de propriedade de seus paes.

Qual Cincinato, trocou a espada pela charrúa, e inteiramente segregado, e entregue aos labores da vida agricola, viu succederem-se alguns annos, até que, passados os abalos e convulsões politicas da abdicação, foram de novo exigidos os seus serviços, ao que elle promptamente acudiu. Foi-lhe então confiada a inspecção da Guarda Nacional desta provincia, que recentemente creada, entráva em organização.

Nomeado commandante das armas desta provincia, por portaria da presidencia de 17 de Novembro de 1837, em virtude de autorisação do governo imperial para tal fim, tomou posse e entrou em exercicio aos 13 de Dezembro do mesmo anno. Os serviços que prestou o major Sá Barreto no desempenho dessa missão, apregoam mais que tudo o tempo de sete annos em que se demorou no exercicio desse cargo, pois isso importa a mais plena e cabal confiança que lhe depositava o governo imperial, e o bom desempenho que dava a essa honrosa incumbencia, sobre cuja importancia falla bem alto um artigo biographico publicado por occasião da sua morte, no *Diario de Pernambuco*: Era bem ardua aquella tarefa então: succediam-se as insubordinações nos corpos, habituados as revoltas militares d'aquelles tempos calamitosos, e explorados pelos partidos politicos, que se disputavam ao poder. O velho illustre que acaba de succumbir, prestou então ao paiz os mais relevantes serviços, sempre com sua calma habitual, com sua justiça nunca desmentida.

Tal foi a época em que lhe foi confiado o commando das armas desta provincia, taes foram os seus serviços, até que o entregou ao seu successor a 7 de Setembro de 1844. Em 1847, obteve a sua reforma no posto de coronel, após trinta annos de vida militar, tendo como premio dos serviços que prestára ao paiz durante as situações mais criticas desse ultimo periodo da nossa historia politica, o habito e depois a commenda de S. Bento de Aviz. Em 1849 por occasião da revolta praieira, o governo confiou-lhe o commando do corpo de voluntarios da freguezia de Jaboatão, e em 1862 foi chamado pelo governo imperial para occupar o lu-

gar de presidente do conselho de fornecimento militar na provincia, cargo que occupou até a sua extincção.

Votado inteiramente aos interesses da vida agricola que novamente abraçára, o coronel Antonio Pedro de Sá Barreto viveu ainda muito tempo, inteiramente afastado da vida publica, e assim, pouco mais de dous mezes depois de contar os seus oitenta annos de existencia, falleceu no povoado da Torre, aos 3 de Abril de 1881.

Venha ainda em nosso auxilio o citado artigo biographico, e realce as seguintes phrases, o merito, os serviços e as virtudes desse illustre e benemerito servidor do estado:

« Como cidadão, como soldado, amigo, marido e pai, o coronel Antonio Pedro de Sá Barreto, foi um espelho, no qual reflectiram-se em todos os tempos as mais edificantes virtudes. Homem de principios rigidos, de velha tempera, era o que, no rigor da expressão, se chamaria em tempos que vão longe, um homem de bem. O venerando cidadão que acaba de sumir-se na eternidade, que está no seio de Deus, com o qual viveu e morreu, deixa larga descendencia composta de dez filhos, trinta e sete netos e quatro bisnetos. Por expressa disposição sua, em seus ultimos momentos, honras militares lhe não foram prestadas, nem pompa alguma cercou o seu feretro até a derradeira morada de seu corpo. Modesto na morte, como na vida, conservando até o fim o uso de suas faculdades, teve a morte do justo. Era uma reliquia pernambucana, ou antes nacional. O patriotismo nelle nunca se extinguiu sob os zelos da idade. Não ha muitos annos ainda, quando a leviandade jactanciosa de um ministro argentino ousou, em nota diplomatica, atirar-nos indirectas offensivas de nossa honra nacional, o nobre e modesto veterano de Ituaingo, cheio de patriotica indignação, fez publicar pela imprensa, nesta provincia, a historia da famosa batalha, a maior de quantas até agora se havia ferido em terras da America do Sul. »

Tal foi a vida do illustre veterano da nossa emancipação politica, o honrado e illustre soldado Antonio Pedro de Sá Barreto.

Antonio Peregrino Maciel Monteiro (segundo barão de Itamaracá). Nasceu aos 30 de Abril de 1804; foram seus progenitores Manoel Francisco Maciel Monteiro, ba-

charel em canones pela universidade de Coimbra, capitão commandante dos auxiliares desta capitania de Pernambuco, d'onde era natural e de D. Manoela Lins de Mello.

Dedicando-se Maciel Monteiro á carreira das lettras e das sciencias, fez o seu curso preparatorio em Olinda, e seguiu para a França; e matriculando-se na universidade de Pariz, recebeu ainda bem joven o gráo de bacharel em Lettras aos 16 de Novembro de 1824, o de bacharel em Sciencias, aos 8 de Abril de 1826, e o de Doutor em Medicina aos 19 de Maio de 1829.

Apezar de joven, deu Maciel Monteiro na universidade as mais sobejas provas do seu bello talento e dedicação pelos estudos.

Voltando á sua patria, laureado aos 25 annos com o titulo de Doutor em Medicina, e com as cartas de bacharel em Lettras e Sciencias, começou a exercer a profissão medica nesta cidade, onde bem cedo o seu talento e proficiencia deram-lhe fama e numerosa clinica.

Em 1833, transpoz o limiar da politica, e por varias legislaturas quer geral, quer provincial, mereceu o suffragio dos seus comprovincianos. Na tribuna parlamentar, o seu verbo sempre inspirado, a sua palavra autorisada e arrebatadora eloquencia, conquistaram-lhe tantos applausos, e um nome tão respeitavel como orador parlamentar, que o Brazil guardará saudosa e grata memoria.

«Elle tinha voz sonora, diz o Dr. Joaquim de Macedo, mas não efeminada, palavra fluente e jamais interrompida pela mais leve hesitação, pureza de estylo, eloquencia arrebatadora, e gesto moderado e agradável: nunca faltou a um seu discurso a belleza da forma, e todos os seus discursos se affiguravam preparados com trabalhoso esmero.

«Completa illusão!... Maciel Monteiro frequentava apaixonado os theatros, os bailes, as sociedades dos circulos mais elegantes, e elle proprio era o typo da mais exigente e caprichosa elegancia, no trajar sempre rigorosamente á moda, e no fallar sempre em mimos de delicadeza e de refinada cortezia em que sem pretensão nem demasia seu espirito subtil e sua imaginação de poeta radiavam suave e encantadamente.

«Após longas horas passadas em sarãos, em companhias aristocraticas, em sociedades e excellentes amigos, ou nos theatros, Maciel Monteiro dormia a somno solto até as 10 horas da manhã seguinte: lembrava-se então ás ve-

zes de que devia fallar na camara, e pensava no seu discurso em quanto apurava cuidados no seu vestir esmerado.

«Logo depois a camara ouvia eloquente discurso, lindissimo na fórma, com perfeito plano na ordem das idéas, pujante na argumentação, e revelador da illustração de quem o proferia. O auditorio convencia-se do laborioso e longo estudo a que se dera o orador, que apenas acabava de improvisar.

«Talento maravilhoso, que teria feito, e que teria sido no seu paiz Maciel Monteiro, se menos se deixasse arrebatado pelos gosos licitos e honestos, mas tão inebriantes como vãos da vida de festas, de fulgentes salões, e de aristocraticos enlevos?...

«Essa fraqueza, innocente defeito de Maciel Monteiro, privou a patria de um grande estadista, ou de um dos seus primeiros poetas.»

São estas palavras, os traços mais fieis e mais firmes, que se poderia traçar sobre Maciel Monteiro, e deixam bem ver, a mestria de quem as escreveu.

Geralmente conhecido e reputado, e desempenhando sabia e satisfactoriamente todos os seus mandatos, e tal o seu merecimento, que foi chamado em 1837 a fazer parte do gabinete de 19 de Setembro, o primeiro e o mais notavel gabinete do partido conservador, confiando-se-lhe a pasta dos negocios estrangeiros.

No ministerio occupou-se Maciel Monteiro especialmente da questão do Oyapock com a França, revelando tanta habilidade, reflexão e proficiencia nesta melindrosa questão internacional, que, dir-se-hia um velho e profundo estadista.

Demittido em 1839 o gabinete 19 de Setembro, Maciel Monteiro, tomando assento no parlamento, defendeu-o e justificou-o em um tão bello e eloquente discurso, que só esse discurso bastaria para sua gloria parlamentar.

Na legislatura de 1850 não frequentou a tribuna como dantes, porque digna e esclarecidamente occupou a cadeira de presidente da camara.

Voltando do Rio de Janeiro depois da demissão do gabinete de que fizera parte, foi-lhe confiada a directoria do Curso Juridico de Olinda, por decreto Imperial de 18 de Julho de 1839, assignado pelo regente Pedro de Araujo Lima, depois Marquez de Olinda.

Dous annos depois, foram os serviços que havia prestado, remunerados com a conferencia do título de Conselho, por Carta Imperial de 17 de Setembro de 1841.

Estabelecendo-se por esse tempo nesta cidade a *Sociedade de Medecina Pernambucana*, foi o conselheiro Maciel Monteiro aclamado presidente, e no dia da sua installação aos 4 de Abril de 1841, proferiu um discurso inaugural, que corre impresso na revista desta associação — *Annaes da Medicina Pernambucana*.

Poucos annos depois, deliberando seguir a carreira diplomatica, partio em 1853 para Lisbôa, em cuja côrte foi acreditado como Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario do Brazil. Durante a sua vida diplomatica, sempre gosou das mais subidas e significativas honras, respeito e consideração.

Grandes foram os serviços prestados pelo conselheiro Maciel Monteiro a sua patria nessa difficil e melindrosa missão, especializando-se os que prestou contra a numerosa quadrilha de moedeiros falsos, que de Lisbôa infestavam o Brazil, e por cujo serviço teve em remuneração o título de Barão de Itamaracá, com as honras de grandeza.

Maciel Monteiro não só era grande e eloquente orador, medico distincto, politico consummado e habilissimo diplomata, como tambem elegante, mavioso, e inspirado poeta.

«Talento descommunal, intelligencia clara e feliz, diz o Dr. Joaquim Manoel de Macedo, competentissimo juiz para o julgar, Maciel Monteiro cultivou as letras e a poesia, e não foi um dos primeiros poetas da lingua portugueza no seu tempo, sómente porque não quiz sel-o.»

«O Barão de Itamaracá nascera com os mais superiores dotes para ser grande poeta e grande orador. Na tribuna parlamentar, e em numerosas, mas fugitivas composições poeticas, pela maior parte perdidas; algumas, porém, felizmente conservadas lampeja e fulgura o seu prodigioso talento.»

«Mas elle poetava, como pronunciava discursos, improvisando sempre!...

«E em seus discursos como em seus versos, embora uns e outros improvisados, aprecia-se em gráo distincto a elegancia e a belleza da fórma, cujo cuidado foi a outros respeitos a fraqueza desse homem rico de faculdades para ser gigante nas republicas das letras!...»

Quem ha, porém, que não conheça os bellos, mimosos e maviosos versos de Maciel Monteiro?

Purismo e elegancia de phrases, pensamento arrojado, sublime inspiração, vòos altivos, tudo resplende nas suas bellissimas composições poeticas.

Pena é, que andem dispersas essas mimosas produções da sua lyra, e que bem difficil seja colleccional-as.

O commendador Antonio Joaquim de Mello, consagrou algumas paginas das suas *Biographias de alguns poetas e homens illustres da provincia de Pernambuco*, a algumas das poesias de Maciel Monteiro.

Um nosso illustre comprovinciano, Antonio Pedro de Figueiredo, hoje fallecido, sob o pseudonymo de *Abdalah-el Kratif*, publicou no *Diario de Pernambuco* de 3 de Maio de 1858 um bello artigo sobre essa obra; então disse o seguinte a respeito dos versos de Maciel Monteiro:

«O nosso distincto comprovinciano, o Sr. Maciel Monteiro, tambem occupa varias paginas das «*Biographias*» com diversas das suas produções. Entre estas produções do Sr. Maciel Monteiro, encontramos uma, que não podemos resistir á tentação de trasladar para aqui; é uma das mais sympathicas composições poeticas que conhecemos; é dedicada a um anniversario, celebrado no dia 25 de Março de 1849:

Trôa o canhão terribil, que apregôa
Os patrios foros em marcial linguagem:
Eis o dia, Senhora, de pagar-vos
O anno feudo da minha vassalagem.

Mais uma vez o Astro soberano
Seus dominios correu no firmamento:
Hoje assente em seu throno, eil-o que espalha
Graças de luz ao vosso nascimento.

Balançando-se n'haste voluptuosa,
Quão linda gala trajam hoje as flores!
Dir-se-hia, para gloria de enfeitar-vos,
Qu'orvalhou-as na aurora a mão d'Amores.

As aves, que na selva a alva saudam
Com seus molles cantares á porfia,
O perfume nas rosas aspirando
Os ares embalsamam de harmonia.

O sol tem mais fulgor, a flor mais mimos,
A ave mais doçura em seu trinado ;
Ah! como a Creação dobrou seu fausto
Neste dia, Senhora, abençoado!

Tudo, tudo obedece á voz do Eterno
Rendendo cultos a belleza tanta!
Só o Bardo na lyra, envolta em crepe,
Se emprehende cantar, geme, não canta!

Muda a lyra, na qual sagrei outr'ora
Tantos hymnos de amor á formosura:
Se do prazer dedilho as cordas d'ouro,
Vibrar a corda sinto da amargura.

Mas já que em vosso gynecceo risonho
Não pode o canto meu ser hoje ouvido;
Dai, Senhora, que aos echos da alegria
Ao menos se misture um meu gemido.

Ah! se em pomposo altar a Divindade
Insenso, flores, canticos aceita,
O orar do infeliz tambem acolhe
E as lagrimas do afflicto não regeita.

A mesma urna, que no Tabernaculo
Recebe o ouro farto da Opulencia,
Tambem, modesta aos votos de humildade,
A oblação recolhe da indigencia.

Pequeno é meu tributo: eis-o qual passo.
Qual me é dado pagar-vos reverente:
Não é o dom opimo do Opulento,
E' sim a escassa offrenda do indigente.

« Esta inspiração tremula de emoção e de entusiasmo, é um dos reflexos mais brilhantes do grande poeta em toda a excepção do vocabulo, é um dos brados mais sympathicos do cantor pernambucano, que com as suas melodiosas e divinas producções tem encantado a sua geração, desde a morada humilde até as residencias mais opulentas.»

Séja-nos, pois, tambem permittido trasladar duas das suas mais lindas poesias, não menos bellas, e cheias de inspiração e harmonia ; uma, feita ao embarque e partida de uma senhora, e a outra um soneto.

UM SONHO

Ella foi-se!... E com ella foi minha alma
Na asa veloz da Briza sussurante,
Que ufana do thesouro, que levava,
Ia... corria... e como vai distante!

Voava a brisa, no atrevido raptó
Frisava do Oceano a face liza :
Eu que a brisa acalmar tentava insano,
Com meus suspiros alentava a briza!

No horisonte esconder-se anuviado
Eu a vi; e dous pontos luminosos
Apenas onde ella ia me mostravam :
Eram elles seus olhos lacrimosos!

Pouco, e pouco empanou-se a luz confusa,
Que me sorria la dos olhos seus ;
É d'além ondulado uma Aura amiga
Aos meus ouvidos repetio — adeus —!

Nada mais via eu, nem mesmo um raio
Fulgir a furto de esperança bella ;
Mas meus olhos illusos descobriam
N'uma amavel visão a imagem della.

Esvaio-se a visão, qual nuvem aurea
Ao bafejar de vespertina aragem :
Se aos olhos eu perdia a imagem sua,
No meu peito eu achava a sua imagem.

Ella foi-se!... E com ella foi minha alma
Na aza veloz da briza sussurante.
Que ufana do thesouro que levava,
Ia... corria... e como vai distante!

SONETO

Formosa, qual pincel em tela fina
Debuchar jamais pôde, ou nunca ousara;
Formosa, qual jamais desabrochára
Em primavera rosa purpurina:

Formosa, qual se a propria mão divina
Lhe alinhara o contorno e a forma rara;
Formosa, qual jamais no céu brilhara
Astro gentil, estrella peregrina:

Formosa, qual se a natureza, e arte,
Dando as mãos em seus dons, em seus lavrores,
Jamais soube imitar no todo, ou parte:

Mulher celeste, oh! anjo de primores!
Quem pôde ver-te, sem deixar de amar-te!
Quem pôde amar-te, sem morrer de amores!

Além dos seus versos originaes, correm impressas no *Progresso*, revista que se publicou nesta cidade nos annos de 1846 a 1848, algumas poesias traduzidas do francez, de Lamartine. E essa revista, ao inserir em suas columnas essas produções, disse o seguinte:

«Hoje começamos nós a publicação da serie de poesias, devidas á elegante penna do nosso comprovinciano, o Sr. Conselheiro A. P. Maciel Monteiro.» «Medico habil, estadista distincto, o Sr. Maciel Monteiro ha sabido juntar ao renome de sabio pratico e aos triumphos de eloquente orador as palmas da poesia.» «As duas peças, que damos aqui, são traducções de duas *meditações* de Lamartine. De feito, uma secreta sympathia devia necessariamente arrastar o nosso illustre consocio para os trabalhos do poeta francez com quem tem o Sr. Maciel Monteiro muitos pontos de semelhança, e que á maneira do cantor de Jocelyn, tambem não julgou que os triumphos litterarios fossem incompativeis com as graves preoccupações do homem de estado.»

Tal foi o inspirado vate, o melodioso poeta Antonio Pellegrino Maciel Monteiro. Estas produções da sua musa que acabamos de apresentar, bastam por si sós, para conferir-lhe um lugar distincto na galeria dos nossos poetas.

Depois de haver tão assignalados serviços prestado a sua patria, e tão digna e honradamente, morreu longe della, na cidade de Lisbôa aos 5 de Janeiro de 1868.

Embalsamado o seu cadaver, foi dado á sepultura aos 8 do mesmo mez, no cemiterio dos Prazeres, com toda a pompa e magnificencia devida a tão illustre personagem.

Eis como um jornal de Lisbôa discreveu o ceremonial do seu sahimento:

«O prestito funebre, que foi o mais pomposo possivel, como se devia a tão illustre representante, sahio da igreja dos Martyres pela 1 hora da tarde, depois do *Libera-me*, por musica vocal e instrumental.

«Concorreram a esta cerimonia o corpo diplomatico, presidido pelo nuncio apostolico, ministros, pares, deputados, titulares, altos dignitarios, funcionarios publicos, muitos subditos brasileiros e os camaristas e officiaes ás ordens de suas magestades el-rei D. Luiz e D. Fernando.

«As carruagens particulares tomaram lugar na frente, precedendo o carro funerarario, o trem em que ia a corôa, coberta de preto e quatro coches de tres parellhas, conduzindo os ecclesiasticos: logo em seguida ia um coche da casa real conduzindo o parochio, de cruz alçada, levando o fereiro outro coche igual, rodeado de creados do paço com brandões accessos, e dous estribeiros, fechando o cortejo o regimento de lanceiros n. 2. Todas as tropas da guarnição da capital, e tres baterias de artilharia, formaram no cemiterio afim de prestar as ultimas honras ao finado diplomatico, dando as descargas do estylo. Salvou tambem um navio de guerra.

«A falta do Sr. Barão de Itamaracá tem sido bastante sentida, porque era um cavalleiro muito apreciavel e gozava excellentre reputação não só pelas suas boas qualidades, mas como orador illustre do parlamento brasileiro.»

Dous annos depois, foram os seus restos mortaes transportados para a cidade do Recife, a bordo do brigue portuguez *Bella Figueirense*, o qual aportou á mesma cidade aos 24 de Setembro de 1870.

Na manhã do dia 1.º de Outubro foram elles trasladados de bordo para a matriz da Boa-Vista, com uma pompa e solemnidade edificantes; e assim, deram os pernambucanos mais uma prova do apreço e respeito devidos a memoria de um dos seus mais illustres irmãos.

E a 6 de Dezembro de 1872, foram elles depositados em

um bello monumento de marmore, no cemiterio publico, mandado erigir pela Camara Municipal, do Recife, sobre o qual se lê a inscripção seguinte :

*A' memoria
Do conselheiro
Antonio Peregrino Maciel Monteiro
2.º Barão de Itamaracá
Mandou levantar este modesto
Monumento
A Camara Municipal do Recife
24 de Agosto de
1872*

Assim tiveram os seus restos mortaes um monumento digno da sua gloria, do seu talento e illustração; e desta vez ao menos, não foram os pernambucanos indifferentes á memoria de um heróe, homem notabilissimo, de que tanto se deve orgulhar e ufanar!

Antonio Peregrino Maciel Monteiro, segundo Barão de Itamaracá, exerceu os cargos de vereador da Camara Municipal, provedor da Saúde do Porto, director do theatro publico em 1850, presidente da commissão medica para estudar e apresentar as medidas tendentes a prevenir a febre amarella em 1851, membro da junta medica, medico da guarda nacional e director da Instrucção Publica (1852), além das diversas missões que deixamos consignadas.

Em 1841, foi agraciado com o officialato do Cruzeiro, em 1854 com a grande dignitaria da Rosa e a grã-cruz de Christo de Portugal, em 1855 com a grã-cruz de S. Gregorio Magno de Roma e posteriormente com a de uma das ordens da Suecia. Era membro de varias sociedades litterarias e scientificas nacionaes e estrangeiras, e entre ellas a Arcadia de Roma.

Terminamos este rapido esboço da vida de um tão illustre pernambucano, com as seguintes e elegantes palavras, com que o Illm. Sr. Dr. Aprigio Guimarães terminou tambem o seu bello discurso, recitado na matriz da Boa-Vista, quando ahi se depositavam os seus restos mortaes:

«Para os olhos do espirito, entusiasta e patriótico, o nome de Maciel Monteiro encerra thesouros, que só a posteridade saberá apreciar devidamente.

«Os nossos netos, estudando a historia de hoje, acharão, entre os mais distinctos: na linha dos medicos, M.

Monteiro; na linha dos oradores parlamentares, M. Monteiro; na linha dos poetas, dos jornalistas, dos diplomatas, M. Monteiro! Sempre grande! De cada vez uma gloria immorredoura para Pernambuco e para o Brazil!

«Ao Creador a sua alma!

«A posteridade o seu nome!»

Antonio Pessôa Arco-Verde. Nasceu no primeiro quartel do seculo XVII, era filho de Agostinho Gonçalves Panasco, e pertencia a nação dos indios Tabayrés.

Em 1636 se alistou nas fileiras do terço dos indios commandados por D. Antonio Felippe Camarão, e galgou todos os postos já nos campos da batalha durante a guerra hollandeza, e já depois da restauração, por outros serviços e pelo seu merecimento e aptidão.

Fez parte da jornada de Goyanna, achou-se no reducto do Capibaribe, na tomada da Casa-Forte, nas duas batalhas dos Guararapes, na expugnação das praças do Recife, e em outros combates com os inimigos, procedendo em tudo com satisfação, como diz a Carta Regia de 12 de Abril de 1683.

Depois de terminada a guerra da restauração do dominio hollandez, não foi Antonio Pessôa Arco-Verde descansar á sombra dos louros que havia conquistado nos campos da batalha.

Reclamando a patria os seus serviços por occasião da guerra dos Palmares, elle corre pressuroso, e não obstante já ser velho toma parte em todas as entradas que se fizeram, bate o inimigo, e enrama a sua frente com mais estes novos e fulgentes louros.

Foi em virtude de tão assignalados serviços, que a Carta Regia de 17 de Novembro de 1683, confirmou-o no posto de capitão-mór e governador dos indios das aldeias de Pernambuco, no qual o havia interinamente provido o governador e capitão general desta capitania D. João de Souza, a 12 de Dezembro de 1682, «*por ser pessoa benemerita, e haver servido com muita fidelidade nas guerras do Estado do Brazil, procedendo sempre em todas ellas com o valor e satisfação de mui honrado soldado, particularmente na armada do conde da Torre, no sítio que o conde Nassáu poz á cidade da Bahia, e nas mais occasiões de peleja, que no decurso daquella guerra succederam, como foi nas batalhas dos Guararapes, e nas da restauração das praças de Pernambuco,*

occupando os postos de alferes, ajudante, e capitão no mesmo terço, e ultimamente estar servindo o posto de tenente ha trinta e quatro annos com toda a satisfação, governando as suas aldeias, e acudindo para as occasiões dos Palmares em todas as entradas que se fiseram áquelles sertões, não faltando ás obrigações do dito posto com mui honrado zelo do meu serviço. »

Taes são as honrosas palavras que a respeito desse denodado heróe, consignou El-Rei D. Pedro II de Portugal, na dita Carta Regia. Ainda em premio dos seus serviços, foi Antonio Pessôa Arco-Verde condecorado com o habito de Aviz. Pela folha de sua tença existente no almoxarifado da antiga Fazenda Real, consta que o capitão-mór Antonio Pessôa Arco-Verde, falleceu no dia 15 de Outubro de 1692. Foi cazado com D. Catharina Fernandes, de cujo consorcio nasceu o capitão Domingos Pessôa Panasco.

Antonio Rangel de Torres Bandeira. Nasceu na cidade do Recife aos 17 de Outubro de 1826. Foram seus paes Antonio Ignacio de Torres Bandeira, escrivão de appellações do fóro desta capital, e modesto cultor das lettras, e sua consorte D. Manoela Margarida de Souza Rangel.

Manifestando em sua infancia intelligencia clara e precoce, amante dos livros e do saber, inteiramente applicado aos estudos, seus paes esforçaram-se em dar-lhe uma educação esmerada, encaminharam-no á carreira das lettras, e Torres Bandeira soube corresponder aos exforços e sacrificios de seus paes. Aos dezoito annos já havia concluido o curso de preparatorios, e matriculando-se na antiga Academia de Olinda, foi graduado bacharel em sciencias juridicas e sociaes, aos 16 de Outubro de 1848.

No anno seguinte recebeu Torres Bandeira por portaria da presidencia de 14 de Abril, a nomeação de lente substituto das cadeiras de geographia e rethorica do Lyceu Pernambucano. Depois da extincção deste estabelecimento, passou a reger a cadeira de francez do Gymnasio Provincial, por portaria de 17 de Agosto de 1855, e em 1859, á seu pedido, foi transferido para a de geographia e historia antiga, cargo esse que desempenhou até poucos dias antes do seu fallecimento, com intelligencia, zelo e notavel aproveitamento dos seus discipulos.

Na sua vida publica Torres Bandeira exerceu tambem o cargo de 5.º supplente do Juizo Municipal da primeira vara do termo do Recife, em 1851; de delegado de policia em 1852, substituindo por varias vezes, como encarregado do expediente, o respectivo chefe; de inspector interino do primeiro circulo litterario em 1853; de membro substituto do conselho director da Instrucção Publica de 1855 a 1867; e o de deputado a Assembléa Provincial, na legislatura de 1862 a 1863, e como supplente na de 1854.

Bem jovem ainda começou Torres Bandeira a sua vida litteraria. A datar das lides academicas até que chegou a hora fatal de pagar a morte o tributo da vida, todo esse espaço de tempo que comprehende um periodo de quasi trinta annos, foi consagrado ao estudo, ao ensino, ao trabalho e a publicação de seus productos litterarios, não só em livros, como nos diversos jornaes desta e outras provincias, e n'alguns de Portugal. Bem poucas das produções de Torres Bandeira foram publicadas em livros, avultando assim as que tiveram publicação em jornaes, e algumas outras que deixou ineditas.

D'entre os diversos jornaes em que assidua e dedicadamente collaborou Torres Bandeira, notam-se os seguintes entre outros: *Diario de Pernambuco*, *Diario do Rio*, *Jornal do Commercio*, *Jornal do Recife*, *Atheneu Pernambucano*, *União*, *Recreio*, *Revista Brasileira*, *Revista Unversal Lisbonense*, *Progresso*, *Academico do Norte*, *Revista Popular*, *Oito de Dezembro*, *Futuro*, *Echo Pernambucano*, *Aurora Pernambucana*, *Yris Academico*, *Correio da Tarde*, *Jornal dos Domingos*, *Revista Catholica*, *Phyleidemon*, *Polymatico*, *Jornal do Instituto Pio e Litterario*, *Ordem*, *Liberal Progressista*, *Amigo do povo*, *Opinião Nacional*, *Oriente*, *Madresilva*.

Os artigos de Torres Bandeira publicados em todos estes jornaes sobre assumptos diversos, comporiam alguns volumes preciosos, pela sua riqueza e variedade, principalmente sobre litteratura, assumpto em que era versadissimo; e entre os seus escriptos que foram publicados em livros, notam-se os seguintes, hoje bem raros: *Oblação ao christianismo*, *O eremita de Jaffa*, *Um eloquio dramatico*, *Um suspiro á Deus*, *Harmonias romanticas e Cancioneiro christão*.

Torres Bandeira, quer como professor, quer como

litterato, prestou immensos e grandiosos serviços as lettras e a instrucção. Além do ensino de historia e geographia que professava no Gymnasio Provincial, elle tinha aberto em sua casa um curso das seguintes materias: francez, inglez, latim, allemão, rethorica, geometria, philosophia, geographia, historia e portuguez, sendo que nas quatro ultimas disciplinas, segundo o conceito de um illustre litterato, era mestre profundo, sabio e inimitavel.

Que serviços devem as lettras a Antonio Rangel de Torres Bandeira? interroga o illustre litterato Dr. José Soares de Azevedo. A esta pergunta não serei eu quem responda. A sua corôa litteraria de prosador e de poeta ennastram-na quantos homens competentes hão compulsado os seus trabalhos, quer no Brazil quer em Portugal. A *Aurora Pernambucana*, de que Torres Bandeira fôra o principal redactor em 1859, é um repositório importante de politica doutrinaria, de critica e de litteratura variada, em que a nossa mocidade tem muito que estudar e que aprender. Os archivos e jornaes religiosos do Rio, da Bahia e do Maranhão, a *Revista Brasileira do Rio*, *Revista Universal de Lisbôa*, a *Revista Popular* da mesma cidade, todos esses orgãos de publicidade se honram com os escriptos succulentos de Torres Bandeira.

Os limites a que me devo circumscrever no presente discurso, continua o Dr. Soares de Azevedo, não me permitem analysar um a um os rasgos de engenho do nosso illustre poeta e prosador; mas as suas tentativas de *Critica litteraria*, o seu curioso *Eremita de Jaffa*, honram a sua memoria: *se a cultura da poesia será nociva ao progresso das sciencias*, e a sua these economica *sobre a inconveniencia da propriedade individual ser substituida pela propriedade collectiva*, seriam por si sós bastantes para lhe dar um lugar de merecida honra entre os melhores pensadores do Brazil. A feição caracteristica do seu estylo, é a amenidade e a correcção: tudo lhe vem tão simples e tão natural, a sua musa inspira-o com tal castidade, que, se a minha opinião é de algum valor nesta materia, elle veio renovar entre nós a graciosa e singella expressão de Bernardin Ribeiro.

Torres Bandeira já com a palavra, já com a penna, era o mais estrenuo animador da mocidade, em suas

conquistas e emprehendimentos no campo das sciencias e da litteratura. Jamais empresa alguma litteraria foi bater ás portas de Torres Bandeira solicitando o seu nome, a sua coadjuvação, que sahisse de mãos vãs, que não fosse por elle animada e encorajada. E foi assim, que em 1870, já quando bem pouco tempo lhe restava de vida, contribuiu para a publicação da *Madresilva*, o ultimo jornal em que collaborou. N'um dos seus numeros transcrevendo o Sr. Dr. Aprigio Guimarães uma poesia de Torres Bandeira, consagrou-lhe estas palavras:

« Tambem este mestre das letras, um dos poucos litteratos de cunho que restam a Pernambuco, que já tão rico foi delles, veio offerecer a sua mimosa flor á *Madresilva*. O companheiro estimavel de Marques Rodrigues, Galvão, Fontenelle, e toda a pleiade dos moços poetas de seu tempo; o moço profundamente estimado por D. Thomaz de Noronha, e discipulo sempre distincto do vigario Barreto, do padre Marinho, do padre Miguel, e de Soares de Azevedo; o poeta mais de uma vez animado por Maciel Monteiro e tão apreciado pelos Castilhos — summos sacerdotes das letras portuguezas, o Dr. Torres Bandeira será sempre bem vindo nestas paragens modestas, em que se cultiva a *Madresilva*.

Torres Bandeira, *essa Academia em miniatura*, na phrase do Dr. Raposo de Almeida, foi um dos muitos litteratos brasileiros, victimas do indifferentismo e desfavores do governo. Viveu lutando com a pobresa, trabalhando constantemente para manter-se digna e honradamente, já como professor do Gymnasio Pernambucano, já como advogado, já entregando-se ao ensino preparatorio no curso que tinha aberto na casa de sua residencia, cujas materias deixamos enumeradas. Nem uma commissão ao menos lhe confiára o governo, nenhum emprego rendoso lhe fôra dado, nem ao menos uma simples condecoração, hoje tão liberalmente prodigalisadas, tão barateadas mesmo, lhe foi conferida! Correu por diversas vezes nesta cidade que havia sido nomeado presidente de provincia; vagos e simples boatos!

Possuia, porem, Torres Bandeira titulos bem honrosos e significativos; titulos que não se dão graciosamente, que não tem altas nem baixas e nem cota-

ções, porque se conquistam, e só ao merito são conferidos. São, pois, estes os titulos que entre outros possuia Torres Bandeira: socio correspondente do Instituto Historico Geographico e Etnographico Brasileiro, do Instituto Episcopal Religioso e da Sociedade Propagadora das Bellas Artes do Rio de Janeiro, do Instituto Litterario Maranhense e do Instituto Historico da Bahia, socio honorario do Gabinete Portuguez de Leitura de Pernambuco e do Maranhão, do Instituto Pio e Litterario, e fundador do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, e primeiro secretario do Conservatorio Dramatico desta provincia.

Antonio Rangel de Torres Bandeira falleceu aos quarenta e seis annos de idade, no dia 11 de Novembro de 1872, e foi sepultado no Cemiterio Publico desta cidade. A immensa concurrencia de amigos e admiradores do illustre litterato pernambucano, no acto do seu sahimento da egreja do convento do Carmo para a sua derradeira morada, as palavras que foram pronunciadas á beira de sua sepultura, a solemnidade de uma sessão funebre celebrada á sua memoria pelo *Club Popular do Recife*, o tributo de sentimento e homenagem que lhe rendeu a imprensa e os seus collegas e alumnos do Gymnasio, alem de outras manifestações de pesar, não menos honrosas e eloquentes, fallam bem alto de seus meritos, bem traduzem o que valia, o que significava a perda de Antonio Rangel de Torres Bandeira.

Antonio Rangel de Torres Bandeira, acaba de ter um monumento digno das suas glorias e meritos litterarios. Um seu discipulo, amigo e comprovinciano, um desses moços em cujo coração palpita a veia patriótica, entusiasta das glorias e tradições desta provincia, Henrique Capitulino Pereira de Mello, o autor do mimoso livrinho *Pernambucanos illustres*, publicou em 1878 um estudo biographico sobre Torres Bandeira, em cujo trabalho, não realçam somente o merito e valor que tem, mais tambem o duplo fim que levou o seu autor a o emprehender: consagrar um monumento mais duravel á memoria de Torres Bandeira, e reservar o seu producto á educação de uma sua filhinha.

N'este trabalho, alem da biographia de Torres Bandeira, vem appensa uma resenha dos seus escriptos publicados em diversos jornaes, em folhetos, em vo-

lumes e ineditos, assim como uma outra dos juizos criticos, e outros escriptos sobre esse illustre litterato pernambucano. Indicando esse tão primoroso quão trabalhoso escripto do Sr. Henrique Capitulino, temos dous fins; rendermos um tributo de louvor ao seu autor, e evitarmos o trabalho de enumerar os escriptos de Antonio Rangel de Torres Bandeira, tão minuciosamente ahi mencionados.

Longa seria a transcripção, ainda que succinta, dos escriptos e juizos criticos relativos a Torres Bandeira, em cujo numero, entre outros, figuram os dos Conselheiros Antonio Feliciano de Castilho e José Feliciano de Castilho, Innocencio Francisco da Silva, Commendador Antonio Joaquim de Mello, e Drs. José Soares de Azevedo, Aprigio Guimarães e Francisco Manoel Raposo de Almeida. Ouçamos pois, dentre todos estes litteratos, cada qual mais competente por suas luzes, conhecimentos e autoridade, a Soares de Azevedo, nos seguintes topicos da sua bella oração academica, pronunciada no Gymnasio Provincial, por occasião da sessão funebre, celebrada pela congregação deste estabelecimento, ao terminar a solemnidade do acto religioso:

.....
 « Antonio Rangel de Torres Bandeira, o incansavel cultor das letras, o energico defensor da honra e dos direitos dos fracos nos tribunaes, extrenuo propugnador da liberdade regrada na tribuna e na imprensa, o socio querido de tantos institutos, o douto professor do Gymnasio Provincial de Pernambuco, o lume que fazia parte da bellissima constellação de poetas brasileiros no actual seculo, desapareceu do horisonte da terra, e foi sentar-se n'um céu mais limpido, no meio de estrellas fulgentissimas e mysteriosas, cujo centro d'attracção é a substancia increada!

.....
 « Abre-se a manhã da vida por uma aragem benéfica, que desabrocha a planta, e a convida a inhalar a seiva que a sustenta; chega ao meio dia da vida no meio de sombras irrealisaveis, correndo atraz de sombras que nos fogem; fecha-se a noite da vida crestada a planta flacida, porque a não orvalha o amor dos contemporaneos, antes é açoutada pelos ventos desabridos dos dissabores. Porém se a vida do que vegeta

na terra é a de um desses espiritos privilegiados que conversam com Deus, que querem encaminhar as creaturas para as altas verdades espirituaes; que sabem escrever algumas paginas ungidias, como são as de João Gerson; que se apoderam do psalterio, como o Propheta Rei, e d'ahi desprendem alguns suspiros inimitaveis; que, arrebatados a uma esphera superior, de lá nos enviam algumas notas melancholicas, como as de Millevoie, ou torrentes d'estro inspirado, como o de Virgilio e de Felinto, ai! então não é a planta que desfallece e curva a corolla resequida; — é o martyr das letras, que se vota em sacrificio a uma existencia continua de dores. O poeta de um coração é como o facho temperado de resinas aromaticas, acceso no meio do sanctuario; faz ver alli muitas maravilhas, levanta pensamentos altissimos, patenteia o que quer que seja da Divindade, mas vae ardendo... vae-se consumindo... vae-se dissipando: — cada particula de fragrancia, de claridade ou de calor que derrama, é uma particula que desbarata do seu ser: — é um momento, e ás vezes são annos, que desperdiça da sua duração. Depois, e d'ahi a pouco, apaga-se... extingue-se... desaparece.

« Tal foi a vida e tal a morte do illustrado collega, cuja perda deploramos no meio desta funebre solemnidade..... »

Antonio de Santa Maria Jaboatão. Nasceu na freguezia de Santo Amaro de Jaboatão, hoje villa e séde da comarca desse nome, no anno de 1695.

Ainda bem moço, e tendo deliberado abraçar o Instituto Seraphico, seguiu para a Bahia, e foi admittido no convento de Santo Antonio de Paraguassú. Nessa casa fez elle o seu noviciado, e professou aos 12 de Dezembro de 1717, quando contava os seus vinte e dous annos de idade.

Concluindo os seus estudos em 1725 e recebendo as ultimas ordens, voltou para Pernambuco e entregou-se ao ministerio da predica pelo longo periodo de trinta annos.

Frei Antonio de Santa Maria Jaboatão, pelo seu talento, illustração e virtudes, occupou na sua ordem os lugares de mais importancia, taes como os de Mestre dos Noviços, no convento de Iguarassú, de Guardião por duas vezes no convento da cidade da Parahyba, Secretario do

Capitulo, Prelado Local no convento de Santo Antonio do Recife, Definidor em 1755, e o de Chronista-Mór da Provincia.

Em sua mocidade cultivou Frei Antonio de Santa Maria Jaboatão a poesia; e algumas das suas bellas produções, que apresentou na Bahia, conquistaram-lhe reputação, applauso e renome.

Mas as sciencias ecclesiasticas, em que era versadissimo, os deveres dos seus cargos, e especialmente os seus estudos e composições oratorias, as quaes com a sublimidade e inspiração do seu verbo, e pela pompa do seu estylo tanto illustraram o pulpito brasileiro, fizeram-no abandonar as musas, e da sua afinadissima lyra não nos resta um só dos seus harmoniosos cantos.

Frei Antonio de Santa Maria Jaboatão tambem era historiador e historiador profundo, imparcial, minucioso e justo. O seu *Novo Orbe Seraphico Brasileiro, ou Chronica dos frades Menores da Provincia do Brazil*, é uma obra prima, de incontestavel merito e valor, e unica no seu genero.

Esta obra divide-se em duas partes; a primeira foi publicada em Lisbôa em 1761, e a segunda inedita, que se julgava perdida, sendo offerecida ao Instituto Historico do Rio de Janeiro, foi publicada por sua ordem em 1858—1862, assim como reimpressa a primeira, que se tornara rarissima. E no parecer, que sobre a sua importancia, valor e utilidade deu o illustrado conselheiro Diogo Soares da Silva Bivar, em 5 de Setembro de 1840, o qual vem inserto a pag. 370 do tomo 2.º da revista do mesmo Instituto, disse o seguinte:

«O estylo do autor pecca algum tanto no máo gosto dos *seissentistas*; e se bem que a sua dicção seja portugueza, no que guardara escrupulosa castidade, força é confessar que de tal arte a trata elle com periodos extencissimos e phrases mal cadentes, que na leitura cança e descompassa: a sua piedade o faz acreditar por sobre naturalo que talvez não é, e todavia póde dizer-se que não mostra superstição, mas antes christandade, para explicar-me em referencia ao nosso respeitavel autor, com as mesmas palavras de que usara um sabio academico fallando do veneravel Anchieta. E' em summa, a obra do padre Jaboatão, como quer que seja, destinada a consagrar os factos da Ordem de Santo Antonio no Brazil, abraça no seu com-

plexo tantos factos e noticias interessantes para a historia geral do nosso paiz, que o seu autor tem um direito incontestavel entre os seus mais graves escriptores.»

Como orador sagrado, tambem Frei Jaboatão occupou um lugar distincto. A sua collecção de sermões, *Jaboatão Mystico*, conquistou grandes e merecidos louvores. Na censura lavrada aos 9 de Junho de 1758, por Frei Timotheo da Conceição e Frei João de S. Thomaz, qualificadores do Santo Officio, confessaram, que, *é tal a erudição, a fecundia, e a formalidade, com que o autor escreveu este livro, que isso só bastava para o acreditar de usigne Escriptor, e para o dar a conhecer na palestra litteraria pelo Sol dos Escriptores.*

«O autor deste livro, diz o padre Frei Antonio do Amor de Deus, unindo nelle a utilidade com a doçura, o delineou com idéas tão singulares, assumptos tão proprios, reparos tão agudos, conceitos tão elevados, e estylo tão elegante, que se bem em uma só linha, que tirava Apelles, expressava a valentia do seu pincel, o reverendo autor neste livro todo seu, em poucas clausulas ostenta na suavidade de suas palavras, e na utilidade da materia a singularidade de sua elevada penna, fazendo-se em cada uma das correntes, em que dividio este seu *Jaboatão Mystico*, norte dos Oradores Evangelicos, idéas de santos costumes, thesouro da melhor eloquencia, e argumento de muitas noticias, pois sem faltar ás pontualidades do Sagrado texto uniu com as humildes persuasões da moralidade as mais altas maximas de uma Catholica politica, admirando os seus discursos Evangelicos, e aproveitando com as suas ponderações, e politicas observações, e persuadindo com tão seletas doutrinas a seguir as mais solidas virtudes, com palavras tão mellifluas, que executando-as com gosto o sentido, refundem n'alma um grande aproveitamento.»

Frei Antonio de Santa Maria Jaboatão foi socio da Academia dos Esquecidos, erecta na cidade da Bahia, onde apresentou algumas producções, e academico de numero da Academia Brazilica dos Renascidos, tambem da mesma cidade. O dia do seu fallecimento é ignorado, porem cremos que foi pelos annos de 1763, porque, estando a sua obra concluida, apenas publicou a primeira parte, ficando inedita a segunda.

Frei Antonio de Santa Maria Jaboatão é um dos pernambucanos illustres, que tem passado ignorado e desconhecidamente. Rasguemos, pois, o expresso véo que por

mais de um seculo o encobre, e ergamos o busto desse heróe, desse orador distincto e historiador notavel, no templo das nossas glorias, no Pantheon dos nossos heróes, cujo lugar de honra conquistou com a sua penna, com a sua eloquencia, com as suas virtudes.

Dos numerosos trabalhos de Frei Antonio de Santa Maria Jaboatão, bem poucos nos restam alem do *Orbe Seraphico*. Os seus ineditos, que deviam ser numerosos e de muita importancia, desappareceram; temos porem noticia de um sob o titulo — Catalogo Genealogico das familias brazileiras — cujo trabalho menciona o Sr. Felner na sua *Memoria sobre o nome verdadeiro de João Fernandes Vieira*, e diz possuil-o: os publicados são os seguintes, alem do *Orbe Serafico*, ja mencionado:

Discurso historico, geographico, genealogico, politico e encomiastico, recitado em a nova celebridade, que dedicaram os pardos de Pernambuco ao santo de sua cor o B. Gonçalo Garcia. Lisbôa 1751.

Sermão de Santo Antonio, em odia do Corpo de Deus, no convento do Recife. Lisbôa 1751.

Josephina Regio — equívoco — panegyrico, Tres praticas e um sermão do glorioso Patriarcha S. José, offerecidos ao Serenissimo Rei D. José I, pregados na igreja matriz da Parahyba. Lisbôa 1753.

Gemidos Seraficos etc. Exequias celebradas pela Provincia de Santo Antonio na morte do fidelissimo rei D. João V. Lisbôa 1755.

Jaboatão Mystico, em correntes sacras dividido. Corrente primeira, panegyrico e moral. Lisbôa 1758. Esta obra foi offerecida ao governador José Correia de Sá, e consta de dez sermões.

Sermão de S. Pedro Martyr, pregado na igreja do Corpo Santo do Recife. Lisbôa 1751.

Sermão da Restauração de Pernambuco, pregado na Sé de Olinda em o anno de 1731, Lisbôa 1752.

Sermão da Rainha Santa Izabel de Portugal. Lisbôa 1662.

Alem destas obras compoz mais as seguintes, que não foram impressas:

Jaboatão Mystico:

Corrente II. Panegyrica, e Moral. Consta de sermões em solemnidades de varios santos.

Corrente III. Serafica, e Panegyrica. Contem sermões dos Santos e varias solemnidades da Ordem.

Corrente IV. Moral e Ascetica. Sermões de Quaresma, penitencia e doutrina.

Corrente V. Sermões em diversas solemnidades e Titulos da Senhora.

Antonio Vicente do Nascimento Feitosa. Nasceu na cidade do Recife aos 10 de Junho de 1816. Era filho legitimo de Vicente Ferreira do Nascimento Feitosa e D. Anna Maria do Nascimento Feitosa.

Tão rico de talento, como seus paes pobres de fortuna, foi por elles destinado á vida ecclesiastica, porem, depois de fazer os seus estudos de humanidades, matriculou-se no Curso Juridico de Olinda em 1833, e em 1837 recebeu o grão de bacharel em sciencias juridicas e sociaes, trez annos depois, em 1840, defendendo theses perante amesma Academia, lhe foi conferido o grão de doutor.

Em 1838 abriu o Dr. Feitosa escriptorio de advogado na cidade do Recife, cuja profissão exerceu até os ultimos dias de sua vida, constituindo-se pelo seu elevado talento, illustração e proficiencia, um dos ornamentos e notabilidades do nosso fôro. Nos primeiros annos de sua vida publica, exerceu o Dr. Feitosa o cargo de promotor publico da capital, interinamente o de procurador fiscal da Thezouraria Provincial em 1841, de supplente da 1.^a vara de juiz municipal da capital em 1842, e por algum tempo regeu a cadeira de philosophia do antigo Lyceu Pernambucano, para a qual fôra nomeado em 1844, e de cuja sciencia era profundissimo e abalisado mestre.

Desde a sua mocidade abraçára o Dr. Feitosa a causa liberal, e foi um dos seus mais denodados campeões.

Em 1848 figurou no movimento politico desta provincia, e desde o dia em que se alistára nas phalanges do partido liberal até a sua morte, foi, já pela sua dedicação e sacrificios, já com a sua penna habilissima e palavra eloquente e arrebatadôra, um decidido e intrepido batalhador em prol das liberdades patrias, um dos vultos mais proeminentes do partido liberal.

A sua vida laboriosa de advogado, não o absorvia no todo. Sobrava-lhe tempo para tambem figurar nos combates do circo da politica, e em sua arena, era um dos mais valentes e distinctos gladiadores. Mas não era somente na vida do fôro e da politica em que o nome respeitavel do

Dr. Feitosa tanto resplendera; as sciencias, a litteratura e a jurisprudencia, tambem o tiveram no seu templo como sacerdote do seu culto.

Ahi estão como vivissimo attestado de tudo isso, as columnas de muitos jornaes publicados nesta capital, nomeadamente o *Diario Novo*, *Argos Pernambucano*, *Constitucional Pernambucano*, *Progressista*, *Cidadão*, o *Direito*, *Themes Pernambucana*, *Oriente* e *Liberal Pernambucano*.

E o tempo chegava-lhe para tudo isso; mas não ficava ahi somente o trabalho do Dr. Feitosa, esse talento multi-forme na phrase do Dr. Aprigio Guimarães; em quasi todas as festas de associações litterarias e beneficentes, lá estava o Dr. Feitosa occupando a tribuna, pronunciando bellissimos e eloquentes discursos. A' jornada patriotica do partido liberal, todos os annos emprehendida em honra a Nunes Machado, a nenhuma faltou o Dr. Feitosa, em nenhuma deixou de pagar o seu tributo de saudade, a memoria desse martyr da idéa liberal.

E mais ainda trabalhava o Dr. Feitosa; mais alem vão os productos desse homem privilegiado, desse talento possante e gigante. Deixou mui adiantadas as traducções de *Monsabré* e de *Heineccio*, e quasi concluido um tratado sobre letras de câmbio, uma traducção do sermão de Bossuet sobre o mysterio da Santissima Trindade, e fragmentos de um escripto sobre o Apocalypse, que se ignora se é original ou traducção, e muitos outros talvez desconhecidos.

Dos escriptos politicos, litterarios e scientificos do Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitosa, alem dos publicados nos jornaes que deixamos enumerados, um ou outro trabalho juridico ou discurso, viram a luz da publicidade em livros ou folhetos; mas em todos os jornaes em que collaborou, é grande, riquissimo e variado o seu numero, alem de muitas e correctissimas traducções.

Como orador, possuia o Dr. Feitosa incontestaveis dotes. O seu verbo sempre inspirado, a sua palavra harmoniosa, eloquente e arrebatadôra, conquistou-lhe applausos e renome.

Em 1863 foi o Dr. Feitosa eleito deputado á Assembléa Geral Legislativa pelo primeiro districto desta provincia, e logo após incluído em duas listas triplices para a escolha de um senador em cada uma dellas, mas em ambas foi

esquecido pela corôa; deram-lhe porem o officialato da Ordem da Rosa, a unica distincção que dos poderes publicos recebeu durante a sua vida!

Eleito deputado geral, seguiu para o Rio de Janeiro e o seu embarque foi um dos mais esplendidos que tem testemunhado esta capital; foi uma digna manifestação do povo áquelle que do seu seio, do seu nada, se havia erguido e conquistado pelo seu incontestavel merecimento o mandato honroso de seu representante. No parlamento Feitosa exhibiu-se o mesmo orador pujante, arrojado e eloquente; mas a linguagem da verdade, certas questões encaradas por este lado e não por áquelle, como ditavam os interesses politicos, sem curvar-se a prescrições extranhas, sem receber o santo e a senha dos pseudos chefes, foi sacrificado, votado ao esquecimento e ostracismo, victima da politica, cuja causa, cuja idéa, fôra sempre um culto para elle, votado desde a sua infancia com sacrificios enormes, trabalhos incessantes, dedicação extrema e desinteresse sem limites. Mas a politica, como diz um historiador, é um combate de forças egoistas e cegas; os sentimentos só mais tarde acordam na posteridade, e a gratidão dos povos só se define passadas as crises, erguendo estatuas e creando festas.

Socio effectivo e fundador do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, e seu orador consecutivamente eleito desde a sua fundação em 1862, o Dr. Feitosa prestou relevantissimos serviços a essa patriotica instituição, e os seus discursos quer os recitados no seu próprio recinto, quer em diversas festas litterarias em que honrosa e brilhantemente o representava, figuram dignamente em suas revistas.

O Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitosa, falleceu aos 29 de Março de 1868, na idade de cincoenta e dous annos, incompletos ainda, e foi sepultado no Cemiterio Publico de Santo Amaro, onde em tumulo privativo descansam os seus restos mortaes. O seu funeral e sahimento, foi um dos mais solemnes, pomposos e concorridos, que tem visto esta capital, não obstante as chuvas torrencias que cahiram nesse dia. « Era o povo pernambucano levando o pernambucano illustre ao templo da nossa gloriosa historia. »

Advogado distintissimo, quer na banca quer na tribuna, philosopho profundo, jurisconsulto consumado, literato de aprimorado gosto, jornalista illustre, talento ro-

busto, illustração profunda, o Dr. Feitosa deixou um nome illustre nos annaes da sciencia e da litteratura, legou a terra em que abriu e cerrou os olhos, um nome que sempre ao pronunciar-se, dirá a posteridade: — foi um grande homem, um pernambucano distinctissimo.— O Dr. Feitosa nasceu pobre, lutou com a pobreza que o recebeu no berço, porem foi um homem que elevou-se por seus talentos, só e só por seus talentos. E foi com a sua penna e com o seu verbo por longos annos, uma gloria desta terra, quando ella já era pobre de glorias.

A' sua memoria rendeu devido preito a imprensa desta e de outras provincias; até mesmo aquella que lhe era adversaria por principios politicos. Na Assembléa Provincial, ergueu um seu adversario politico, o Sr. Dr. Gaspar Drumond, e pronunciou este curto mais expressivo e sentido discurso, que não só honra a memoria do illustre morto, como tambem ao seu autor, e áquelles que apoiaram á sua nobre e generosa idéa :

« Senhor Presidente. Proponho que esta Assembléa suspenda hoje os seus trabalhos em signal de sentimento pela morte do illustre Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitosa. « Senhores: um nome illustre foi riscado do livro da vida. Já não existe o Exm. Sr. Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitosa!! As letras perderam um dos seus mais dedicados cultores!! a jurisprudencia um dos seus mais dignos sacerdotes!! Pernambuco um dos seus filhos distinctos!! O illustre finado, Senhores, era membro proeminente do partido liberal, pugnou sempre por essa idéa, sacrificou-se por ella, e não vae mui longe a epocha, Senhores, em que elle vos deu a prova mais solemne de sua abnegação pelo fastigio do poder. Não é, Senhores, senão o cumprimento ou reconhecimento de uma divida sagrada o que hoje vos peço. A approvação do meu pedido é testemunho solemne que presta a Assembléa Provincial de Pernambuco a memoria de um cidadão distincto. Pela minha parte, Senhores, cumpro um duplo dever; pago á amizade o ultimo tributo, rendo um preito de veneração ao illustrado cidadão que se legou a pobreza a sua familia, legou á patria um nome immorreduro!! »

Assim, ouvido esse discurso, constantemente interrompido por manifestações de apoio, a Assembléa suspendeu os seus trabalhos em signal de sentimento e pesar por tão lamentavel e sensivel perda.

O Instituto dos Advogados, o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, e o Gabinete Portuguez de Leitura, tambem acompanharam, e significaram o seu sentimento pela perda de tão prestimoso e illustre consocio.

O Instituto Archeologico, grato a memoria do seu orador, daquelle que sempre soubera elevar e engrandecer os seus fóros, rendeu significativo preito de homenagem a sua memoria, celebrando uma sessão funebre, a qual teve lugar no dia 27 de Abril de 1868. Esse acto, celebrado com toda a solemnidade e pompas funerarias, foi concorridissimo, comparecendo alem de grande numero de pessoas da sociedade selecta pernambucana, as autoridades civis e militares da provincia, tecendo o elogio funebre do finado, o illustrado Dr. Francisco Manoel Raposo de Almeida.

O Dr. José Soares de Azevedo, « a estrella polar dos litteratos pernambucanos » no relatorio que na qualidade de Secretario perpetuo do mesmo Instituto, apresentou a 27 de Janeiro seguinte, consagrou estas palavras a memoria do Dr. Feitosa :

« Ao alvorecer do anno academico que hoje termina, veio uma grande e inopinada perda cobrir-nos a todos de luto, e abrir um vasío insondavel nesta patriotica Instituição. O homem que os nossos suffragios haviam escolhido desde que nos constituimos para ser o interprete de nossos pensamentos e a atalaya de nossos Estatutos, pendeu n'um instante para a terra, como a palmeira do deserto, que o nordeste desarraiga. Aquella bocca, que tantas vezes aqui se abrira para nos arrebatat em vós altissimos, seccou de repente, como a fonte de Sanir, e deixou-nos a todos humilhados ante o decreto imprevisto da Providencia! Aquelle peito generoso, que ha hoje exactamente um anno e a esta mesma hora aqui se exhalou em ais, e tantas flores desfolhou sobre a memoria do valente que nos pertencia, e que a morte ceifára nas aguas do Paraguay, deixou de bater dous mezes depois dessa memoravel inspiração elegiaca! Aquelle espirito de escolha que a todos assombrava pela vastidão de suas luzes como publicista, pela habilidade e zêlo com que defendia os direitos de tantos clientes, como seu patrono, e pelos immensos recursos de sua erudição como homem de letras, deixou de pertencer á terra em 29 de Março! Todos vós sabeis quanto estas abobadas o prantearam em uma sessão melancholica e solemne, consagrada á sua memo-

ria, e com quanta pompa a piedade de alguns amigos intimos dirigiu as suas exequias no templo contiguo, onde se achou presente quanto ha ahi de notavel em nossa cidade, sem distincção de crencas. »

Tambem o Dr. Aprigio Guimarães, digno orador que succedeu ao Dr. Feitosa, teceu no discurso que nessa mesma sessão recitou, de envolta com o quadro brilhante de sua vida, a justissima e esplendida corôa de suas glorias,

Seja-nos licito pois, terminarmos o presente artigo com alguns extractos desse primoroso trabalho, inserto nas revistas do mesmo Instituto, á pagina 525 do 2.º volume.

.....
« Contemplemos o advogado.

« E' de maravilhar a actividade desenvolvida pelo Dr. Feitosa nesse ramo das suas occupações. Os que o conheceram no escriptorio, diariamente, por muitas horas respondendo a um grande numero de clientes, accedendo verbalmente e por escripto ás exigencias da politica, não sabem explicar como e quando se faziam esses brilhantes e innumerados arrasoados, de que estão cheios os cartorios do Recife, escriptos por sua propria mão, com esmero e gosto, e o que mais é, enriquecidos com o resultado da lição dos melhores autores de direito, com o estudo paciente e reflectido das nossas leis! Para o Dr. Feitosa a profissão de advogado era uma verdadeira paixão. Os arrojados da sua alma eram os mesmos, ou com a penna na solidão do gabinete, ou fallando electrizando no tribunal dos jurados, perante o numeroso auditorio que sempre acudia a ouvir a sua palavra. E quando pensaveis, que isto era alimento sufficiente para um espirito altivo e nobremente ambicioso, eis encontrar a mesma arrojada actividade no politico, a mesma paciente reflexão no philosopho, a mesma tenacidade e gosto no litterato, os mesmos aturados labores nos estudos historicos e religiosos. Fosse outro, fosse amplo, e não tal qual elle teve e nós o conhecemos, o centro que a sorte houvesse destinado ao Dr. Feitosa, e os raios daquella vasta intelligencia teriam porventura illuminado o mundo!

.....
« Como politico teve um erro que o honra, que será sempre o erro dos nobres caracteres: confiar sempre demasiado na linha recta, *em Deus e no direito.* Não podia deixar de fallir na epocha sinuosa, tristemente sinuosa que

atravessamos... Como philosopho a questão da liberdade de Deus, foi no meu humilde entender, a mancha do sol daquella intelligencia, aliás tão chegada ás verdadeiras grandezas do Christianismo, tão bem temperada da sublime humildade da philosophia Christã!

.....
 «Predominava no Dr. Feitosa a paixão pelo fôro. A independencia inherente á profissão, a liberdade que é o seu principal condimento, apontaram-lhe a bandeira politica, sob a qual alistou-se, e por honra da qual batalhou tanto, que por fim já maravilhava—a tempera das armas e a força do braço. Um dia pareceu resurgir a aurora da liberdade no Brazil... O Dr. Feitosa acreditou, muitos como elle acreditaram... Esta cidade viu embarcar para a côrte o deputado Feitosa, ao estrepito, ao mais alegre alarido de ovações de despedida: o povo honrou no seu illustre irmão o triumpho esplendido do merecimento pessoal, fazendo-se valer por si só. Era o merecido galardão da mais nobre dedicação pela mais nobre das causas — a causa da liberdade, que é a causa do futuro, que é a causa do Christo! Quem diria então, que dentro em pouco deveriam ter applicação as palavras de fina ironia e elevado aticismo, que acabava de escrever o Sr. Senador Octaviano:— Feliz aquelle que teve a prudencia de jamais sacrificar-se por causa alguma nobre! O Dr. Feitosa, em sua volta da côrte, foi friamente recebido, como quem não havia correspondido ás amplas esperanças nelle depositadas!

«Onde não imperavam largas idéas de patria e liberdade, onde se enthronisava o calculo do sophisma e das rasteiras ambições, era preciso impor silencio ao altivo filho do povo, que suppunha um dever na tribuna parlamentar como na forense, a franca enunciação do pensamento em procura da verdade... Valeram-se da sua inexperiencia parlamentar, e procuraram asphyxial-o! Aquelle grande espirito vacillou com o inexperado golpe; e, aos poucos retrahindo-se, procurou visivelmente as solidões do gabinete d'advogado, recusando francamente, em nome da liberdade, um logar na deputação pernambucana. Dava costas ao combate?— Acredito que não. Era muito nobremente ambicioso aquelle espirito, para que tal fizesse!

«Com as lições da experiencia politica (amarga experiencia) elle ia procurar no estudo e na meditação *armas adaptadas ao combate da nossa politica*; sem perder de

vista a recta da liberdade, ia prescrutar os segredos das curvas machiavelicas da politica do Brazil, reparando ao mesmo tempo os estragos domesticos causados por sua devotação á infeliz causa liberal brazileira. Deus não quiz; arrebatou-o nesta phase nova e difficil de sua trabalhosa vida! Mas, assim como as manchas do sol não lhe empanam o brilho, Feitosa, apesar de tudo, será para as futuras gerações pernambucanas o symbolo illustre da força do talento e do estudo; o mais nobre exemplo, legado aos filhos do povo; do prestigio, do merecimento pessoal.»

Antonio Vieira de Mello. Nasceu na freguesia de Muribeca, aos 14 de Abril de 1669; seus paes foram o coronel Bernardo Vieira de Mello, rico proprietario rural, e D. Maria Camello de Mello.

Recebendo por herança páterna as fazendas de Ararobá, para lá seguiu em 1698, e dedicou-se inteiramente a colonisação e cultura das suas terras. Era por esse tempo inteiramente desconhecido todo esse immenso territorio. Concedido a seu pae e outros por titulo de sesmaria passado em Olinda em 23 de Dezembro de 1671 pelo governador Fernão de Souza Coutinho, por muito tempo esteve todo esse terreno por explorar. O rio Una não se conhecia perfeitamente, e Garanhuns era ainda um deserto sertão.

Antonio Vieira de Mello, fixando a sua residencia em Jupy, em breve tempo, devido a sua actividade e immenso labor, estendia se por aquelle immenso deserto, uma rica fazenda, cortada de estradas, contendo logradouros, e campeando aqui e ali importantes propriedades. A par de todo esse afanoso trabalho, do incremento que rapidamente ia tomando esse nucleo de civilisação que se erguia no centro da nossa provincia, a religião ia tambem fazendo as suas conquistas; e assim, Antonio Vieira funda a sua custa no alto do *Jupy* no centro da povoação, uma modesta capella dedicada a N. S. do Rosario, e em breve alvejava o seu campanario por entre os arvoredos que a cercavam.

A fazenda do *Jupy*, pertenceu antigamente a freguesia de S. Antonio de Garanhuns, depois foi desmembrada da mesma e hoje pertence a de S. Bento. Conhecida dos negros aquilombados nos Palmares foi a nascente povoação por mais de uma vez atacada por elles. Antonio Vieira de Mello teve de sustentar por muito tempo, com as armas nas mãos, uma luta terrivel; mas finalmente pôde conseguir fase-los procurar os seus acampamentos na serra da Barriga em Alagoas.

Vieira de Mello foi tambem um dos soldados que militaram na campanha dessa famosa guerra, e só voltou aos campos de sua propriedade quando a republica dos Palmares foi totalmente aniquilada. Militou no terço do mestre de campo Domingos Jorge Velho, *havendo-se com valor e procedimento, que ficou ferido em uma perna*, como attesta o mestre de campo do terço dos Palmares Luiz Mendes da Silva, em 20 de Março de 1741.

Terminada a guerra, Vieira de Mello recolheu-se a sua propriedade, e tratou de reparar os males causados pelos negros; e proseguindo no seu trabalho, preveniu-se de maneira a evitar a formação de novos quilombos, deu maior desenvolvimento ás suas explorações, abriu uma espaçosa estrada de suas fazendas ao arraial de Jacuipe, empreza gigantesca que tendia a convidar e attrahir novos povoadores, ao mesmo tempo que expellia os negros bravios que se achavam acoitados naquellas cercanias.

Não foram por certo tão grandiosos serviços prestados por esse benemerito pernambucano, a causa da civilização e progresso de sua provincia, esquecidos pelo soberano. El-Rei, alem do foro de cavalleiro fidalgo de sua casa, e da patente de capitão mór que lhe concedera, fez-lhe doação de uma data de terras, *como um dos benemeritos da campanha dos Palmares*. Quando porem o capitão-mór Vieira de Mello, esperava passar tranquillamente os derradeiros dias de sua vida, veio feril-o um golpe acerbo, que apresou-os consideravelmente.

Mal visto, cremos que por motivos da revolta dos Mascates, foi denunciado e preso em uma das fortalezas do Recife, onde esteve até que de Lisbôa lhe foi enviada uma ordem regia de soltura. Vieira de Mello sahiu do carcere já bastante abatido pelo peso dos annos, pelos desgostos e pela molestia que o consumia, e bem pouco tempo gozou da liberdade que lhe concederam os seus cruentos inimigos; elle falleceu na idade de noventa e cinco annos e meio, aos 22 de Outubro de 1764, e o seu cadaver foi sepultado no jazigo de sua familia, junto ao altar de N. S. da Conceição na Igreja do convento de S. Antonio da cidade do Recife.

O capitão-mór Antonio Vieira de Mello, é um dos muitos pernambucanos cuja memoria tem passado desconhecida até hoje. Apostolo devotado da civilização, corre aos sertões, arranca os indios bravios de suas tabas, e os conduz á vida social; activo e emprehendedor, transforma os campos incultos em ferteis pastagens e inicia a agricultura,

estabelece fazendas de criação, e por toda a parte erguem-se nucleus de habilitações, nasce a vida e o trabalho, e com elle a prosperidade, o bem estar e a riqueza. Abastado de bens da fortuna, elle soube tirar vantajoso proveito dos seus haveres, e tornou-se benemerito pelos serviços que prestou a sociedade e a humanidade; e sabiamente conciliando os seus interesses com os de sua provincia, muito contribuiu para o seu desenvolvimento agricola e commercial, e o pouco que deixamos consignado, são titulos sufficientes para o qualificarmos — um homem distincto e apprehendedor, um devotado apostolo da causa da civilisação.

Antonio Vieira da Silva. Filho de Jorge Vieira de Azevedo, nasceu na villa do Recife em fins do seculo XVII, assentou praça de soldado a 26 de Abril de 1685, passou a cabo de caçadores, sargento, alferes ajudante e a capitão do terço de infantaria de Olinda em 1725 por Patente Regia, subindo a todos estes postos *por ser o mais capaz, havendo-se, com bom procedimento em tudo de que foi encarregado.*

Em 1696 Antonio Vieira da Silva embarcou em uma sumaca que levantou ancoras do porto do Recife em perseguição de uma balandra de piratas que infestavam as costas desta e outras capitánias, roubando os navios, e nesta empreza em que prestou mui valiosos serviços, percorreu toda a costa do Norte a Sul.

A guerra dos Palmares tambem o contou no numero dos seus heróes, para onde partiu acompanhado de trez escravos, armados, municidados e sustentados durante toda a campanha á sua custa.

Por ser um official *intelligente, de prestimo, verdade, zelo e muito entendido na arte militar,* Antonio Vieira da Silva foi nomeado adjunto examinador dos pretendentes perante a corôa, e acompanhou o governador Caetano de Mello e Castro a Páo Amarello, afim de levantar a planta topographica do local em que se tinha de construir uma fortaleza para a defesa da barra, *por ter grande actividade e intelligencia para semelhantes trabalhos.*

Por occasião da guerra dos Mascates em 1710, Antonio Vieira da Silva mostrou-se alheio a uma e outra parcialidades, ostentou-se em fim o typo do verdadeiro militar. Fazendo parte da guarnição do Recife incorporado ao seu regimento, a obediencia aos seus superiores, o zelo e lealdade que manifestou em todo o serviço de que foi encarregado, sem hostilizar os seus patricios, nem trahir aos

seus deveres de soldado, tal foi a posição e norma de proceder a' que se impoz. Forçado pelas suas circumstancias á manter-se firme no seu posto, e querendo sahir briosamente dessa difficil situação, conseguiu afastar-se do Recife, e em 1711 achava-se no commando da fortaleza de Tamandaré; porem cercada esta fortificação pelas tropas pernambucanas, Vieira da Silva se houve na peleja *como valeroso soldado até o dia em que se levantou o cerco, o qual durou perto de um mez.*

Nomeado então, nesse mesmo anno de 1711, para com a sua companhia guarnecer a fortaleza do Ceará, tomou o rumo do seu destino, mas naufragando o barco que o conduzia, na barra do Rio Grande do Norte, conseguiu apenas salvar com grandes riscos e difficuldades a tropa de seu commando, e durante o tempo em que ahi esteve a espera de novas ordens, fora a tropa sustentada a sua custa. Permanecendo então no Rio Grande, e rebellando-se os gentios, Vieira da Silva offereceu-se ao capitão-mór para ir ao seu encontro, á evitar os perigos que estavam eminentes sobre os habitantes, e marchando á frente de suas tropas e de outras que pôde reunir na localidade, conseguiu afugental-os batendo-os completamente-

Em 1713 já Antonio Vieira da Silva se achava na capitania do Ceará no desempenho da sua missão, quando sublevam-se os indios, commettendo toda a sorte de insultos e damnos sobre os moradores, roubando, matando e destruindo as fazendas e plantações dos colonos. Nomeado commandante em chefe de uma expedição composta de quinhentos homens, marchou com toda a brevidade em seguida dos indios, e nesta viagem difficil e perigosa, atravessa caminhos asperrimos, serras inhabitaveis e cobertas de bosque, abrindo picadas para a passagem da tropa, experimentando todo o genero de encommodos e privação pela falta de recursos e esterilidade daquelles sertões. Encontrando-se afinal com os indios, trava-se renhida peleja e depois de porfiada luta, ganha com a victoria todos os despojos que elles conduziã, fructos dos roubos que commetteram; e proseguindo em sua marcha após a victoria, Vieira da Silva conseguiu internar os indigenas em tal distancia, que a capitania respirou livre de taes inimigos; e *em toda esta marcha, diz El-Rei D. João V em uma Carta Regia, fez grande despesa de sua fazenda com os indios mansos e soldados que o acompanharam, tratando aos enfermos com muita caridade.*

Voltando desta empreza trazendo o asseguração da paz e da tranquillidade dos habitantes, livres então dos ataques e correrias dos indios, Vieira da Silva entregou-se de novo ao exercicio do seu cargo, e na ausencia do capitão mór do Ceará, coube-lhe o governo da capitania, que por algum tempo dirigiu. Ainda no Ceará, e entre outros serviços que prestou, nota-se o da fundação da villa de Aquirás, desenvolvendo o seu genio activo e emprehendedor nas obras da igreja matriz, cadeia e casa da camara do senado.

Terminando a sua missão do Ceará, Vieira da Silva regressou á esta provincia, e em 1716 foi nomeado commandante da fortaleza da Barra, em cujo cargo permaneceu pelo tempo de um anno. Em 1718, arribando ao porto do Recife uma não que seguia viagem para a capitania da Bahia, o governador de Pernambuco D. Lourenço de Almeida ordenou ao mestre de campo do terço em que servia Antonio Vieira da Silva que o designasse para seguir com a sua companhia para aquella praça afim de conseguir o restabelecimento da sua tranquillidade e socego, *por lhe constar o seu talento e ser a dita sua companhia a que sempre andava completa de soldados, pela sua deligencia em procurar para a mesma os mais capazes, obrigando-se perante o almoxarifado da fazenda real pelo seu fardamento, por não o ter ainda vencidos, expondo-se a pagal-os da sua fazenda.*

De volta da Bahia, em 1719, e por occasião da sublevação dos moradores de Porto Calvo, S. Bento e Camaragibe, por não quererem acceitar os capitães-môres nomeados, Vieira da Silva seguiu com uma força de quinhentos homens, e executando promptamente as ordens que recebera, conseguiu apasiguar os amotinados, deu posse aos capitães-môres dos seus respectivas cargos, sem a minima alteração, *devendo-se o bom exito desta deligencia ao seu valor, zelo e honroso procedimento, gastando nesta empreza grande somma de seus cabedaes.* Em 1724 marchou com quatrocentas praças á apasiguar os soldados de Ipojuca, revoltados contra o seu capitão-mór, conseguindo não só o restabelecimento da ordem como o respeito a autoridade constituida.

Em 1726, quando pelos seus serviços e merecimento já se achava elevado ao posto de capitão, Vieira da Silva foi de novo nomeado para com a sua companhia guarnecer a fortaleza do Ceará, onde conseguiu apasiguar as desor-

dens que lavravam não só na capital, como na villa de Aquirás, em cuja missão se houve *com valor e prudencia, deixando os moradores em tranquillidade.*

Nesta commissão, diz um documento official, o capitão Antonio Vieira da Silva houve-se honradamente, prestou grandes serviços a ordem e socego publico, gastou liberalmente da sua fazenda, e creou duas irmandades na matriz da villa da Fortaleza.

Promovido ao posto de sargento-mór do terço de Olinda por Patente Regia de 12 de Janeiro de 1733, quando contava quarenta e oito annos de praça e mais de sessenta de idade, Antonio Vieira da Silva em todo esse decurso de tempo prestou immensos e valiosos serviços a sua patria, e elevou-se pelo seu merecimento e bravura, pelos seus feitos e heroísmo. Sem podermos acompanhar os actos de sua vida aqui por diante até o seu fallecimento, por nos faltar os dados precisos, o que fica dito, porém, ministrado unicamente pela Patente Regia que o promoveu ao posto de sargento-mór, a qual enumerando os seus serviços transmittiu-nos assim a memoria dos seus feitos, basta para conferir ao nome de Antonio Vieira da Silva um lugar de honra entre aquelles de nossos patricios, que engrandecendo e elevando o nome da patria pelos seus feitos de patriotismo e de valor, engrandeceram e elevaram tambem o seu nome, ao qual a posteridade rende justos e merecidos cultos.

Apolonio Peres Campello Jacome da Gama. Nasceu na cidade do Recife a 9 de Fevereiro de 1830; foram seus paes Galdino de Oliveira Jacome e D. Anna Peres Campello Jacome da Gama.

Em 1846 Apolonio assentou praça na companhia de cavallaria, seguiu para o Rio de Janeiro e matriculou-se na Academia Militar.

Interrompendo os seus estudos em 1848, veio a Pernambuco, figurou na campanha, e foi então promovido a 2.º tenente por merecimento. Seguindo depois para a côrte, e continuando os seus estudos, teve ainda de os interromper em 1852, quando partiu para a campanha do Uruguay. Promovido a 1.º tenente, e recebendo a patente de capitão ao terminar os seus estudos, postos estes que lhe foram conferidos *por merecimento*, foi nomeado director do Arsenal de Guerra de Matto Grosso, cargo este, que apesar de sua pouca idade, desempenhou zelosa e digna-

mente, por cujos serviços, ainda *por merecimento*, lhe foi conferida a patente de major, sendo-lhe então designado o lugar de ajudante da directoria do Arsenal de Guerra de Pernambuco.

Rompendo a guerra do Paraguay, promovido a tenente coronel, e nomeado commandante do 2.º corpo de *Voluntarios da Patria*, este acto do governo mereceu unanime applauso, e patrioticamente aceita esta incumbencia, Apolonio foi alvo de uma esplendida manifestação popular sobre a sua nomeação, assim como de uma outra por parte dos empregados do Arsenal de Guerra.

A 22 de Junho de 1865, Apolonio embarcou para o Paraguay á frente do 2.º corpo de Voluntarios, o qual na campanha passou a ter o numero 30. O batalhão composto de 511 praças, teve um embarque esplendido, e esse dia foi o de uma verdadeira festa nacional. Depois de pequena demora no Rio de Janeiro, S. Catharina e Porto Alegre, Apolonio estacionou com o seu batalhão no Paço de S. Lourenço, e d'ahi seguiu para Uruguaiana. Atravessou depois o Paço da Restauração na republica Argentina, continuando a sua marcha até que em Abril de 1866 entrou no territorio paraguayo.

No dia 2 de Maio teve lugar a acção de Estero Bellaco, e o batalhão 30 nesse brilhante feito de armas tanto se distinguio, tal foi a bravura e valentia que ostentou, que foi elogiado em ordem do dia, 133 de seus officiaes e praças foram condecorados, cabendo então ao seu illustre e digno commandante a commenda da ordem de Christo. Depois passou Apolonio com o seu batalhão para serviço das linhas de vanguarda, as quaes foram feitas sob o seu plano e direcção, merecendo o seu trabalho, e o zelo e pericia com que executou tão arriscada e difficil empreza, os mais significativos elogios do general em chefe do exercito.

A batalha de 24 de Maio, as avançadas de 28 de Junho, os reconhecimentos de 16 e 17 de Julho no Potrero Pires, e outros feitos de armas da campanha do Paraguay, são paginas brilhantes da vida do illustre tenente coronel Apolonio, porque em todos esses feitos elle ostentou muito valor e intrepidez, e conquistou tantas glorias, que inscreveu o seu nome honrosamente nos annaes de tão memoravel campanha. Apolonio tomou parte ainda em muitos outros movimentos, figurou nas acções de Tujucué e Parecué, e em fim atacado o cercado em suas linhas avançadas, conseguiu graças a sua coragem e intrepidez, e ao arrojo com que fez

manobrar o seu batalhão, debellar o inimigo, salvar a si e aos seus, conquistando assim uma victoria immensa, victoria que ainda mais veio realçar o seu merecimento, e os creditos de valentia e intrepidez que dignamente gosava o 30 de Pernambuco.

Assaltado infelizmente por grave enfermidade, veio por prescripção medica procurar alivio aos seus males na terra da patria, e chegou a Pernambuco em Junho de 1868; porem já era tarde, e a 6 de Novembro elle era cadaver. E assim passou os umbraes da eternidade, depois de uma vida sem mancha, e de uma carreira militar bastante honrosa, quer no serviço da paz, quer no da guerra. «Era mais um dos membros dessa pleiade distincta, que acudiu aos reclamos da patria ultrajada, que se foi deixando aos seus um nome honrado, e a sua provincia uma grata recordação »

Militar brioso e intelligente, diz um jornal por occasião do seu fallecimento, cidadão prestimoso e honesto, filho dedicado e bom amigo, foi um dos que presurosos correu á campanha do Paraguay a desaffrontar a honra da nação que seriamente se achava compromettida. Com 38 annos de idade, occupava um lugar distincto no exercito, no commando do segundo corpo de *Voluntario da Patria*, tendo sido sempre considerado pelos seus companheiros de armas, que sabiam bem aquilatar o merito. Formado em mathematicas, pertencendo ao estado maior de primeira classe, onde tinha a patente de tenente coronel, tendo sido director do Arsenal de Guerra de Matto Grosso, bem como ajudante da directoria do de Pernambuco, deu provas de sua reconhecida probidade e honradez. No exercicio do commando do 2.º corpo de *Voluntarios*, soube bem desempenhar sua commissão, pelo que foi condecorado com o officialato da Rosa e com a commenda de Christo. Zeloso no desempenho de seus deveres, Apolonio era infatigavel em promover o bem estar dos seus commandados, que nelle tinham antes um amigo, que um chefe, de modo que, no exercito era um dos typos de verdadeiro commandante. A' sua morte perdeu Pernambuco um dos seus melhores filhos, o exercito um dos seus mais bravos e distinctos soldados, e sua familia uma das mais fortes columnas que lhe servia de arrimo.

O tenente coronel Apolonio Peres Campello Jacome da Gama, foi sepultado no Cemiterio Publico do Recife, e hoje os seus restos se acham encerrados em um modesto tumu-

lo na igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Militares, sobre o qual se vê gravada esta inscripção : *Da familia do tenente coronel Apolonio Peres Campello Jacome da Gama, commendador da ordem de Christo, official da Rosa, cavalleiro de S. Bento de Aviz, condecorado com as medalhas da companhia do Uruguay e Paraguay. Nasceu a 9 de Fevereiro de 1830, e falleceu a 6 de Novembro de 1868. Lembrança de sua mãe e irmãos.*

Aprigio Justiniano da Silva Guimarães. Nasceu na cidade do Recife aos 3 de Janeiro de 1832, e foram seus paes o general José da Silva Guimarães e D. Francisca Marcolina Guimarães.

Os primeiros esplendores do robusto talento de Aprigio Guimarães, foram apparecendo desde os primeiros preparatorios e estudos academicos. Em 1847 matriculou-se no Curso Juridico de Olinda, e atravessando brilhantemente o estadio academico, aos 19 de Novembro de 1851, recebeu o gráo de bacharel em direito, não tendo ainda completos os seus vinte annos de idade.

D'essa epocha por diante, diz um seu biographo, começa a sua carreira gloriosa. As portas da sociedade abriram-se de par em par ao mancebo, que em breve havia de occupar posições, a que só outros attingem n'uma idade em que o talento está mais amadurecido pela reflexão. E' que elle reunia então esses dous preciosos predicados, que raro se encontram juntos em tão verdes annos.

Indo ao Ceará em 1850, ainda estudante, Aprigio Guimarães collaborou no *Pedro II*, e voltando á esta provincia afim de concluir os seus estudos academicos, foi aqui o correspondente daquella folha. Deixando no Ceará muitas relações e um nome geralmente acatado e festejado, obteve a nomeação de secretario da presidencia daquella provincia, cargo que exerceu de 1851 a 1853, sacrificando-o por amor da confiança nelle depositada pelos seus amigos que o incumbiram da redacção do *Pedro II*, em opposição ao presidente da provincia Dr. Joaquim Villela.

A' este sacrificio heroico, á esta lealdade e dedicação do jovem Dr. Aprigio Guimarães, correspondeu digna e briosamente a provincia do Ceará, conferindo-lhe um logar na Camara dos Deputados, em cuja camara tomou assento em 1854, 1855 e 1856. Longe de emmudecer, Aprigio Guimarães occupou a tribuna por diversas vezes em cada sessão, honrando assim o mandato que lhe fôra confiado

pelos cearenses; e entre os diversos discursos que proferiu, nota-se um combatendo um projecto de reforma judiciaria apresentado pelo finado conselheiro Nabuco, projecto que elle julgava em parte attentatorio á liberdade de imprensa, e um outro apresentando um projecto sobre a propriedade litteraria, o qual mais tarde entrou em discussão

Ainda occupando uma cadeira no parlamento nacional; a sua provincia natal conferiu-lhe um lugar na sua Assembléa Provincial, na legislatura de 1854 a 1855, e mais tarde na de 1863 a 1864.

Em 1856 defendendo theses perante a Faculdade de Direito do Recife, foi approvado plenamente, e a 20 de Dezembro recebeu o grão de Doutor em direito. Vagando uma cadeira de lente dessa mesma Faculdade, o Dr. Apri-gio Guimarães apresenta-se candidato, mas foi infeliz; e após quatro concursos quasi consecutivos, obteve a almejada cadeira, por Decreto de 20 de Agosto de 1859, e a 24 de Setembro teve entrada na Faculdade como lente substituto, cabendo-lhe logo a regencia da cadeira de economia politica. Fallando pela primeira vez aos seus discipulos, o jovem e talentoso mestre em um arroubo de inspiração e eloquencia, desenha o quadro da luta heroica e perseverante que sustentára por trez annos para conquistar uma cadeira na Faculdade, e assim disse:

«Cheguei, Senhores. Cheguei, porem, feitas as devidas distincções, como Silvio Pellico de volta das suas prisões: a fadiga ia consumindo-me o corpo, o scepticismo ia devastando-me o espirito. . . Mas, Deus quiz que eu chegasse, e cheguei. Esta cadeira, que era o meu sonho dourado, este dia de que eu pretendia fazer o marco miliario de minha vida litteraria, este momento que eu esperava como um dos mais jubilosos de minha vida, tudo agora me aterra e me confunde! Assim são as pobres aspirações terrestres, no cabo sempre a desillusão, a realidade só no seio de Deus! Ha trinta e quatro mezes, Senhores, dispuz-me á uma batalha intellectual. Quão longe estava eu então de pensar, que montaria tantas vezes a brecha sem resultado! . . . Não me queixo, nem faço re- criminações; converso com os que vão ser meus discipulos, consigno aqui um exemplo: foi uma lição fertilis- sima para mim, pôde ser uma lição aproveitavel para muitos. . . . Affeito á longa benevolencia em vinte e uma provas de minha vida de estudante, eu vim encontrar na

22.^a, e pela primeira vez, votos de reprovação. Não desanimei, apresentei-me em concurso, regeitaram-me. Eu havia lido um escripto de um dos nossos sabios bispos, que — um quasi contracto com os chamados a concurso, para que o provimento se faça no mais digno, e, quando tal não aconteça, ha obrigação de restituir. — E' que os meus juizes, disse eu commigo, ainda fóra das trevas do inquisitorial escrutinio secreto, teem rasões valiosas para me declararem não digno. . . . E se assim não for, quem me fará a restituição? Eu mesmo, tendo por patronos o trabalho e a perseverança. E se por ventura em mim postergou-se a justiça, o que haverá ahi para admirar? Data de velhos tempos o máu resultado dos concursos: Davezan e dous outros doutores foram regeitados pela Universidade d'Orleans, para admissão de outro candidato, que accetava as theorias do dia; mas então, embora no seculo XVI, de que zomba o das luzes, interposeram os regeitados seu recurso para o parlamento de Pariz, e o escandalo não vingou. A mim, porem, só me restava trabalhar....

« Apresentei-me em segundo concurso, achei-me só, e retirei-me. Em terceiro já fui mais feliz, coube-me o segundo lugar. Em quarto mantiveram-me n'esse posto. Afinal, depois de tão longa fadiga, a justiça imperial coroou meus esforços, como eu esperava, porque nunca della duvidei. Eis-me no começo de realisação do meu sonho dourado. Do alto d'esta cadeira seja meu primeiro brado solemne, uma acção de graças a Deus, que me ajudou, uma fervorosa supplica, para que me continue seu auxilio! »

O Dr. Aprigio Guimarães occupou diversas cadeiras na Faculdade até 1870 quando foi provido cathedratamente na de direito civil, e no anno seguinte na de economia politica, a qual regeu até a sua morte. Dedicado preceptor da mocidade, verdadeiro apostolo do magisterio, o Dr. Aprigio Guimarães correspondeu digna e honrosamente o alto cargo que lhe fóra confiado, foi um dos ornamentos do corpo cathedratico de nossa Faculdade, e um dos seus professores por quem os seus discipulos sentiam o mais vivo enthusiasmo, e um dos poucos a quem foram tributadas as mais eloquentes provas de estima e distincção pelo corpo academico, e entre estas manifestações nota-se a que teve lugar em 1871, por occasião de lhe ser offerecido o seu retrato a oleo, pelos estudantes do 5.^o anno, tendo logar então uma festa esplendida e memoravel nos annaes da Academia Pernambucana.

Advogado distincto do fôro do Recife, o Tribunal do Jury desta capital era o seu verdadeiro Capitolio, e alli, a sua palavra eloquente, os dotes oratorios que em alto gráo possuia, impondo-se a todos que o ouviam na tribuna, conquistaram-lhe applausos calorosos, verdadeiros triumphos. Na tribuna popular defendendo a causa democratica que idolatrava, e em todos os comicios litterarios, scientificos e politicos, sempre o vulto sympathico do Dr. Aprigio Guimarães, sempre a sua palavra em prol da causa da patria, das letras e da humanidade. Orador por muitos annos do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, os fóros desta terra, as suas glorias e tradições, e a memoria dos seus feitos e emprehendimentos, tiveram no Dr. Aprigio Guimarães um propagador estrenuo, elle tinha um verdadeiro culto por tudo isso, e quando os homens do Sul procuravam amesquinhar o nome legendario de Pernambuco, desvirtuando os nossos commettimentos, eil-o em campo reivindicando as nossas glorias, firmando a verdade historica, e elevando cada vez mais os nossos fóros e tradições.

Como jornalista, não occupou lugar menos distincto o Dr. Aprigio Guimarães, e os seus escriptos quer politicos como litterarios publicados nos diversos jornaes d'esta provincia, entre elles o *Diario de Pernambuco*, *Jornal do Recife*, *Provincia*, *Liberal*, *Atheneu Pernambucano*, *Progresso*, e *Opinião Nacional* que redigiu de 1867 a 1870, são testemunhos bem solidos, e proclamam bem alto os seus dotes e merecimentos de escriptor e jornalista.

Litterato distincto, de uma illustração elevada, deixou produções recommendaveis, e sem incluir os seus diversos escriptos nos jornaes d'esta e outras provincias, os seus discursos academicos e outros trabalhos scientificos, litterarios e politicos, que dariam muitos volumes, notam-se os seguintes :

Propriedade litteraria. Historico e sustentação d'un projecto a respeito, apresentado á Camara dos Senhores Deputados em 14 de Agosto de 1856. Recife, Typ. Academica, 1859.

Lições sobre a infallibilidade e o poder temporal dos Papas. Recife, Typ. Commercial, 1860.

Estudos sobre o ensino publico. Recife, Typ. Commercial, 1860.

Discursos e diversos escriptos. Recife, Typ. Mercantil, 1872.

Jesuitismo e catholicismo. Recife, Typ. Mercantil, 1873.

Jesuitismo em Pernambuco. Pernambuco, Typ. Commercial, 1873.

Nunes Machado. Ensaio Dramatico. Recife, Typ. Commercial, 1874.

O Nunes Machado levado a scena em 11 de Abril de 1874, pela primeira vez, foi uma festa brilhante, patriótica e litteraria, e o seu autor o alvo das mais esplendidas ovações. Em 1877 o Dr. Aprigio escreveu um outro drama — João de Souto Maior ou o delirio do Patriota, e o leu perante uma concorredissima assembléa, no Club Popular.

Homem incansavel no trabalho, as suas funcções de lente e de advogado, não o impediam do cultivo das letras, das justas jornalisticas e politicas, e prestou em todas as manifestações da sua vida, os maiores serviços, e foi de uma probidade e desinteresse proverbias. O Dr. Aprigio Guimarães nada teve dos poderes publicos que o distinguisse como homem de merito e de talento superiores, como um dos mais zelosos e prestimosos cidadãos, alem daquillo que elle pelo seu merecimento e esforços individuaes poderia conquistar! A minha unica distincção, e a garantia do parco pão de meus filhos, diz elle proprio em um dos seus escriptos, é o lugar de lente, depois de tres annos de uma luta infernal, em que ficou por uma vez compromettida a minha saude, depois de uma quasi reprovação na defesa de theses, depois de quatro concursos por entre um cento de sacrificios, que não devem sahir da arca das tradições do meu pobre lar.

Em um outro escripto, diz ainda esse martyr do indifferentismo: Só tenho uma ambição, e aliás outra não é licita á minha fraquesa: que um dia, quando me lançarem a ultima pá de terra, possam todos dizer: *Foi soldado da Liberdade, a quem faltou o braço, mas nunca o animo.... Foi um homem que nada fez, desejando sempre fazer muito pelo homem e pela patria....*

Agora algumas palavras sobre a sua vida politica, e sobre o papel que representou na phase da questão religiosa, palavras estas que se fizeram ouvir da mesma tribuna e no mesmo dia em que tantas vezes fallára o Dr. Aprigio: é um trecho do interessante discurso pronunciado pelo Sr. Dr. João de Oliveira, na sessão magna e an-

niversaria do Instituto Archeologico, a 27 de Janeiro de 1881:

« A sua vida de homem publico, a evolução sempre luminosa e progressista de seu espirito, as suas lutas de liberal e de pensador livre — occupariam um espaço de que não disponho.

Póde-se assegurar que poucos homens no Brasil foram tão legitimamente orgãos de uma geração, e poucos, como elle, gosaram do prestígio e da reputação que de norte a sul o acompanhavam.

Conservador, nos primeiros annos de sua vida, como nunca negou, á sua intelligencia pareceu que no campo liberal poderia empregar melhor os bons desejos de cidadão, e em 1860 vemol-o já alistado nas fileiras ditas liberaes. Seguiu-se o periodo confuso das ligas e fusões, periodo do qual a posteridade nunca terá conhecimento completo, taes são as contradicções e mysterios que o cercam. Liberaes e conservadores, por ordens partidas do sul, deram-se as mãos, sem saber porque, e marcharam juntos, sem saber para onde. O Dr. Aprigio Guimarães deveria notar a falta de seriedade que n'isto havia, e desde então as suas vistas politicas tinham necessariamente de se alargar. Não que elle estivesse fóra da contenda; filiara-se no grupo á que chamavam *genuino*, denominação que aliás merecia o mesmo valor da de *progressista*.

A luta entre os dous grupos foi ingloria, como sõem ser entre nós todas da mesma natureza; O Dr. Aprigio Guimarães entendeu que se devia fallar de idéas liberaes, de compromissos, e para este fim creou o jornal — *Opinião Nacional*, cujo fim era a implantação do liberalismo a que este distincto cidadão chamava *radical* em todas as ordens e relações da vida civil e politica.

A consequencia, todos o sabem, foi um degredo perpetuo, uma proscricção, que inutilisou para sempre o futuro do imprudente rebelde.

Substituida a scena do quadro em 1868, o Dr. Aprigio Guimarães teve de ver o congraçamento dos *genuinos* e dos *progressistas*; e tanto fallou-se n'esse tempo em liberalismo, que realmente o proscripto tomou esperanças.

Em 1872 surgiu a questão religiosa, e com ella uma nova phase na vida do Dr. Aprigio Guimarães.

Um sacerdote corajoso, em nome de um dever superior, atirou a luva á uma ordem de cousas que elle, com toda a

razão, julgava offensiva á pureza do dogma; de outro lado, uma geração robusta, educada no ideal moderno, accitou a luta em nome de principios, que alguns occultavam no enleio de uma reconciliação já impossivel, e outros proclamavam em toda a sua extensão.

Momentos tristes esses em que se despedaçam os corações e sentem-se no vacuo os espiritos; durante os quaes o meio termo é a bandeira da hypocrisia e da cobardia, ou, quando muito, o arrimo da ingenuidade.

O Dr. Aprigio Guimarães não deu tréguas ao que elle chamava a invasão ultramontana; na tribuna popular e na imprensa, na cadeira de mestre e nas conversas diarias, elle atacava o inimigo valentemente; e se, no calor da discussão, a sua imparcialidade soffria e o adversario recebia golpes demasiado duros, era que o liberal amedrontára-se extremamente e o cidadão estremecia, sobretudo pela independencia da patria.

Foi notavel a progressão do espirito do Dr. Aprigio Guimarães durante a questão. As novas doutrinas philosophicas de Comte e Spencer apresentaram-se-lhe como um raio de verdade e de justiça em meio da violencia e exclusivismo das opiniões. Em questões sociologicas os livros de Spencer eram os seus guias, e em seus discursos e em suas conversas, o nome de philosopho inglez rematava constantemente um modo de ver.

Terminado o conflicto religioso, o Dr. Aprigio Guimarães volveu á vida de mestre. Começava já a esquivar-se da politica, desilludido de quaesquer esperanças. O desanimo invadira-lhe a alma, e aquella intelligencia robusta só apparece nas prelecções de sua cadeira e nos discursos academicos.

O anno de 1878 foi fatal ao distincto liberal. O orador festejado dos tempos da opposição, não foi achado digno de representar o seu partido.

E basta n'este assumpto.

O Dr. Aprigio Guimarães tinha uma elevada intuição patriótica; mostrou-o diversas vezes n'este Instituto, defendendo os heróes da historia da provincia, e reivindicando os seus brios affrontados pelos escriptores aulicos.

Devo terminar. Deste cidadão, que agitou a intelligencia de uma geração, resta hoje um nome puro, como reconhecem agora os que ainda hontem tanto concorreram para a sua morte.

Homem de coração liberal, que acreditou de mais, orador primoroso, publicista adiantado, e pernambucano da velha tempera — eis os titulos do Dr. Aprigio Guimarães ao preito da posteridade.»

O Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães, falleceu no dia 3 de Setembro de 1880, e depositado o seu cadaver na matriz da Bôa-Vista, d'ahi teve logar o sahimento para o Cemiterio Publico. Extraordinariamente concorrido, formava o prestito a quasi totalidade dos estudantes da Faculdade de Direito, o corpo docente da mesma, e grande numero de pessoas de todos os credos politicos e de todas as classes sociaes. Sobre o ataúde viam-se a borla e o capello de doutor em sciencias juridicas e sociaes, e conduzido á mão até a capella do Cemiterio, foi depositado depois da encommendação, no tumulo de seus parentes. Antes, porem, de ter logar este ultimo acto, fallaram os seus alumnos representando cada um dos cinco annos do curso da Faculdade, o Sr. Dr. Paulo José de Oliveira, por parte do Club Popular, Dr. Henrique Capitulino Pereira de Mello em nome dos Bachareis de 1879, o Sr. Conselheiro João José Ferreira de Aguiar, o academico Izidoro Martins Junior, e os oradores da sociedade Certamen Litterario e Pugilato das Lettras, depositando os dos cinco annos da Faculdade e o do Club Popular, corôas funerarias sobre o tumulo do illustre mestre e distincto tribuno pernambucano.

Sirvam ao menos estas manifestações posthumas, esta como que apotheose tributada ao homem que acabava de morrer pobre, cansado, esquecido e quasi descrente, de reparação da posteridade aos erros dos contemporaneos.

Augusto Netto de Mendonça. Nasceu na freguezia de Santo Antonio da cidade do Recife aos 4 de Agosto de 1834. Foram seus paes Felipe Lopes Netto e D. Veridiana de Mendonça.

Aos quatorze annos de idade seguiu Augusto Netto de Mendonça para o Rio de Janeiro, e por Aviso de 1 de Agosto de 1848 assentou praça de aspirante á guarda-marinha. Em todo o curso da escola de marinha, conquistou Augusto Netto pelo seu aproveitamento e intelligencia, inequivocas provas de distincção, tanto de seus mestres como de seus condiscipulos; e embarcando-se em viagem de instrucção, e tocando em Lisbôa, conquistou titulos de subida

consideração na cõrte portugueza, entre os quaes do proprio monarcha D. Pedro V, que lhe conferio o habito da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa.

De volta de sua viagem de instrucção, cujos triumphos tão brilhantemente encetaram a sua carreira militar, um destes acontecimentos, que a mão da fatalidade tantas vezes lança como que obstaculos sobre o caminho da vida do homem, veio escurecer o seu horisonte, tão claro, tão brilhante e promettedor.

Um dia, um impertinente official, de patente superior a sua, ousou insultar ao jovem marinheiro, atacando em face os seus brios; e elle sem reflectir, « porque não se reflecte quando se é injuriado » com todo o ardor e impetuosidade dos seus vinte e tres annos de idade, repelle a affronta, o insulto que atirára-lhe o seu companheiro de armas, e na luta ferem-se reciprocamente; mas a severa disciplina militar condemna-o a prisão. Augusto Netto resigna-se, cumpre a sentença, sentença injusta, porque o seu dever, sagrado dever de honra o impelliu a lavar a affronta que recebera; mas ao abrirem-lhe as portas do carcere, o seu primeiro impulso foi pedir a sua demissão do posto que occupava na armada imperial, passo que a tempo felizmente, pôde ser embargado pelos amigos. « Era o destino, que já então traçava no quadro da vida os feitos gloriosos de Augusto Netto de Mendonça, e lhe reservava a mais invejavel de todas as mortes, a morte pela patria. » Augusto Netto submete-se a imposição dos amigos, continua no serviço da armada, e incumbido pelo governo imperial de diversas commissões, quer no Brazil como da Europa, em todas corresponde a sua altura, merecendo louvores pelo seu resultado e apresentação dos seus trabalhos.

Declarada a guerra do Estado Oriental, e logo depois a do Paraguay, Augusto Netto foi um dos primeiros officiaes da marinha brazileira que receberam o baptismo de sangue nessas lutas gigantes, nas quaes o Brazil conquistou um nome glorioso, inscrevendo pelo valor dos seus heróes, brilhantes paginas nos bellicos annaes do universo. No bombardeio e tomada da praça de Paysandü, em 1865, muito se distinguuiu o jovem official Augusto Netto de Mendonça, merecendo elogios e louvores do vice-almirante commandante em chefe das forças navaes, *pelo modo com que se conduziu no sitio e tomada de Paysandü*; e por Aviso de 25 de Fevereiro de 1865, foi mandado elogiar, *não sò pelo valor*

que mostrou no combate contra a dita cidade, como pela energia e perseverança com que resistio as ordens com que quizeram arrancar do seu poder os prisioneiros, a quem desarmara, compromettendo-se a salvar-lhes a vida, o que cumpriu por honra sua e da bandeira nacional.

Depois da victoria da rendição de Uruguayana, e da marcha do exercito alliado para Corrientes, Augusto Netto ficou naquelle ponto commandando uma canhoneira; por-rem, contrariado, impaciente mesmo por se achar longe do theatro da guerra, solicita e obtem uma licença de tres mezes, freta á sua custa um barco, sóbe ao Paraná, e apresenta-se ao Visconde de Tamandaré, commandante em chefe das forças navaes, e pede o seu lugar, o lugar que á sua honra reclamava entre os demais combatentes. Commandando a canhoneira *Greenhalgh*, assistio aos 16 de Abril de 1866, a passagem do exercito alliado para o territorio Paraguayo, á margem do Paraná, e no dia seguinte entrou em combate contra uma bateria inimiga, por cujo comportamento foi elogiado em ordem do dia. Tomou parte tambem nos bombardeamentos e combates das fortificações de Curuzú e Curupaity, e em diversas occasiões commandando então o encoraçado *Mariz e Barros*, muito se distinguiu. Tompson, na sua *Historia de la guerra del Paraguay*, juiz insuspeito como inimigo que fôra do Brazil, faz o elogio do capitão de fragata Augusto Netto e de um outro official seu companheiro, ambos de *jaleco branco*, que no *Mariz e Barros permaneceram durante os combates sobre suas casamatas*. Os officiaes do *jaleco branco* diz o Dr. Joaquim Manoel de Macedo, tinham nomeada entre os paraguayos de Angustura.

Abre-se agora a ultima pagina dos brilhantes feitos do valente capitão de fragata Augusto Netto, ultima pagina de sua vida sim, vida curta sem duvida, mas ennobrecida por altaneiros feitos, a primeira da vida da immortalidade, da vida desses homens que nunca morrem, da vida dos heróes.

Aos 9 de Dezembro de 1868, foi ordenado um reconhecimento ás terriveis fortificações de Angustura. O encoraçado *Mariz e Barros*, rompia a marcha da esquadra, e Augusto Netto, impavido a peito descoberto, dirigia já a manobra do navio, como o fogo ás baterias das fortificações inimigas, quando uma balla certa fractura-lhe a laureada cabeça, e elle cahe sem vida sobre o tombadilho do

navio. Assim acabou gloriosamente o capitão de fragata Augusto Netto de Mendonça cuja patente conquistára pelo seu valor e heroismo em defesa da patria, na conquista de suas glorias e esplendores. Elle contava apenas trinta e quatro annos de idade, mas as suas duas ultimas patentes, conquistara-as por merecimento e actos de bravura na campanha do Paraguay, assim como pelo seu merecimento tambem obtivera o officialato das Ordens do Cruzeiro e Rosa, o habito de Christo, e da Conceição de Villa Viçosa pelo governo portuguez, e diversas medalhas de campanha.

O *Correio do Sul*, folha de Porto Alegre, tecendo a corôa das glorias e renome desse illustre pernambucano, diz o seguinte :

« Uma carta de Humaytá dá alguns pormenores curiosos a respeito desse distincto e mallogrado official de marinha. Unido em estreita amizade com outros dous officiaes dos mais notaveis, o bravo Mariz e Barros e o modesto Montauray, chamavam-lhes *os tres mosqueteiros*, adequando-lhes os nomes dos herôes de Dumas ás qualidades especiaes de seu character. Augusto Netto de Mendonça era o Artagnau da campanha; e quando vio ir-lhe fugindo um após outro os dous amigos, manifestára mais de uma vez o desejo de se lhes ir reunir em breve, cahindo n'um novo Riachuelo. Fez-lhe Deus a vontade, fornecendo-lhe gloriosa morte no meio de um combate, senão de uma batalha; e mais feliz que os outros, cahio no meio da epopéa magnifica, que acaba de coroar os sacrificios da nação com uma esplendida victoria.

Moutauray definiu-o a febre, e onze mezes depois da tomada de Paysandú espirava n'um hotel de Montevideo, desembarcando do navio que o conduzia da côrte para a esquadra, quando já a morte lhe não tolerava firmar a planta no seu tombadilho. Mariz e Barros mal preludiou as glorias da armada nas aguas paraguayas, succumbindo de frente de Itapirú no primeiro desastre que ensanguentou um dos nossos encorçados. Netto de Mendonça cahio mettendo audaciosamente o seu navio sob os canhões de Angustura, para realisar o reconhecimento de que se achava encarregado. » O capitão de fragata Augusto Netto de Mendonça, diz o Dr. Joaquim Manoel de Macedo, era homem de excellente coração e de character o mais generoso; de genio muito alegre ainda no ardor dos combates, em que mostrou sempre tanta bravura como serenidade, conser-

vando sempre a sua característica jovialidade. No momento em que recebeu a bala e cahio morto, estava sorrindo. Era entusiasta da honra e da gloria de sua patria e morreu heroicamente combatendo por ellas.

B

Bento José Lamenha Lins. Nasceu na villa de Serinhaem, no engenho Quilebra no anno de 1801.

Assentando praça em 1817, em 1821 figurou no movimento politico de Goyanna em prol da nossa independencia, e desembainhando pela primeira vez a sua espada para livrar a sua patria do governo oppressivo do general Luiz do Rego, muito se distinguiu o jovem Lamenha, e teve em premio dos seus serviços o posto de alferes. Marchando depois para a provincia da Bahia na divisão do general Labatut, afim de assegurar a sua independencia tenazmente guerreada pelos portuguezes, Lamenha notavelmente distinguiu-se, foi um dos bravos do combate de Pirajá, foi condecorado e teve um posto de accesso, tomou parte em todos os movimentos da campanha, e no memoravel 2 de Julho de 1823 entrou na capital commandando uma brigada de tropas bahiannas, que occupavam o ponto do Cabrito. Lá estão os campos de Pirajá, disse Feliz Peixoto em um discurso pronunciado na Camara dos Deputados, quando Lamenha foi accusado pelos acontecimentos que se deram nesta provincia a 26 e 27 de Junho de 1848, lá estão os campos de Pirajá, que foram testemunhas do seu valor, desse notavel combate de Novembro em que o exercito bahiano retirou-se em derrota, e Lamenha com outros pernambucanos sustentaram o ponto de Pirajá, combate tão glorioso, que serve de ornato aos festejos que se fazem na Bahia no anniversario de 2 de Julho.

Lamenha voltou então para Pernambuco glorificado pelos serviços prestados a causa da independencia da Bahia, e começou a figurar nos movimentos politicos que por esse tempo agitavam a sua provincia. Nomeado em 2

de Janeiro de 1824 commandante do 1.º batalhão de caçadores, e travada a pendencia entre Manoel de Carvalho e Francisco Paes Barreto, sobre a presidencia da provincia, Lamenha toma o partido deste, prende em um conflicto a Manoel de Carvalho, mas revoltando-se a guarnição da fortaleza do Brum onde foi elle recolhido, e sendo reintegrado na presidencia, dividiu-se a tropa, e retirou-se a que tinha tomado parte na prisão de Carvalho, e foi acampar na Barra Grande.

Por occasião desse facto que teve lugar em 20 de Março, já havia Lamenha sido demittido do commando do 1.º batalhão de caçadores, e então Manoel de Carvalho fez marchar para o Cabo uma divisão afim de bater as tropas contrarias e dissolver as corpos que Lamenha e Seára levantavam no sul da provincia. Trava-se então renhida peleja, Lamenha toma parte em todos os movimentos da campanha, e quando a revolução foi debellada e as tropas imperialistas entraram na cidade do Recife, foi elle nomeado commandante da expedição do norte, pacificou as provincias da Parahiba, Rio Grande do Norte e Ceará, apresionou as tropas fugitivas, a cujos comprómettidos prodigalisou immensos favores praticando actos de humanidade e cavalheirismo, e recolhendo-se então ao Recife, foi logo mandado para o Rio de Janeiro com o seu batalhão, onde recebeu do imperador D. Pedro I as mais significativas provas de estima e consideração.

Lamenha occupava então o posto de major em commissão, assim como tinha exercido todos os outros até este, também em commissão, tendo porem conquistado todos elles por sua intrepidez e bravura nos campos da batalha; e assim, teve em remuneração dos seus serviços a confirmação no posto de tenente do batalhão 18 de caçadores por Decreto de 8 de Março de 1825, foi confirmado no de capitão por Decreto de 15 de Junho, no de major commandante do mesmo batalhão por Decreto de 2 de Agosto, e foi em fim promovido a tenente-coronel por Decreto de 12 de Outubro, todos do mesmo anno de 1825, contando apenas vinte e quatro annos de idade, e oito de serviço militar.

Abre-se agora a pagina mais brilhante e esplendida da vida do bravo Lamenha; a campanha do Sul, a guerra da Cisplatina; mas, sobre o que poderíamos dizer sobre esse periodo, fallá eloquentemente o seguinte topico de um discurso pronunciado na Camara dos Deputados pelo Sr. Aragão e Mello.

« Entre os feitos brilhantes que a nossa historia militar registra até então, nenhum havia superior ao que praticára o então tenente-coronel Lamenha a 20 de Fevereiro de 1827, nos campos de Ituzaingo. Nesta batalha a sorte das armas nos foi adversa, e o nosso exercito teve de retirar-se acosado pelo general Alvear. O inimigo, que com todo o peso e prestigio de um exercito victorioso contava aniquilar-nos, viu quebradas suas furias ante um punhado de bravos que cobrindo a retaguarda do nosso exercito, lhe garantia a retirada.

« Esses bravos, que por muitas horas embargavam o passo ao exercito inimigo, eram Lamenha com o seu batalhão. Gravemente ferido, nunca abandonou seu posto. Vendo rarearem-se as fileiras do seu batalhão á cada carga inimiga, continuou sempre impassivel a sua gloriosa tarefa. E quando, ja pela tarde, cortados pelo ferro, e extenuados pela fadiga, esses bravos mal se podiam suster, descobrem uma divisão inimiga que manobrava para cortar-lhes a retirada; era Lavaleja que surgia com tropas frescas. Lamenha julgou-se perdido; porem impavido continuou a marchar como d'antes.

« Aqui, meus Senhores, seja-nos licito render uma homenagem ao bravo Lavaleja, o general inimigo soube apreciar a heroicidade do adversario infeliz; e tomado de admiração pelo valor de Lamenha, longe de o aniquilar como podia, e lhe permittiam o direito e usanças da guerra, conservou immovel a sua divisão; e quando Lamenha lhe passou em frente, em vez de accommetter, corteja-o com a espada! Apraz-me memorar o cavalheirismo desta acção do general inimigo, que por ella teve de responder a conselho de guerra em seu paiz. Apraz-me ainda consignar a explicação que elle deu do seu procedimento: *Nas circumstancias seria uma covardia atacal-os*; disse Lavaleja. »

Ainda na guerra da Cisplatina, entre outros feitos em que o bravo Lamenha immortalisou o seu nome, nota-se a acção de Santa Maria, em que salvou o exercito brasileiro, commandando então uma brigada, quando haviam generaes sem commando. Lamenha teve então promoção ao posto de coronel por Decreto de 12 de Outubro de 1827.

Terminada a campanha, foi despachado commandante militar do Rio Grande do Sul, passou depois a commandar armas em S. Catharina, e nomeado para igual cargo em Pernambuco, entrou em exercicio a 5 de Maio de 1830. No

anno seguinte após o acto da abdicção, esta provincia foi theatro das maiores commoções politicas. A 5 de Maio rebenta uma sedição militar com o fim de depôr Lamenha do commando das armas, e a 14 de Setembro rebenta outra e mais tremenda sedição, que se prolongou até o dia 16, mas, que, foi suffocada com exito, ainda que se tivesse de lamentar a perda de muitas vidas.

Lamenha passando então a fazer parte do grupo que trabalhava pela restauração do governo de D. Pedro I, cahiu no desagrado do governo, foi demittido e a 3 de Novembro de 1831 deixou o cargo de commandante das armas. Perseguido, mal apreciado, e cansado de soffrer as injustiças de seus inimigos politicos, e retirado inteiramente á vida privada, tendo em consequencia gasto grande parte de sua fortuna, retirou-se em fim para o seu engenho em 1835, d'onde só voltou em 1848. Nomeado de novo commandante das armas desta provincia por Decreto de 24 de Maio de 1848, entrou em exercicio em 18 de Junho, e o deixou a 28 de Setembro do mesmo anno, cabendo-lhe então o enejo de prestar um grandioso serviço a causa da ordem publica, por occasião do motim popular de 26 a 27 de Junho.

Reformado em 1838 no mesmo posto de coronel que havia conquistado aos vinte e seis annos de idade, em 1827, victima do esquecimento, indifferentismo e perseguição dos seus inimigos, esse golpe o veio ferir sensivelmente; e mesmo assim, jamais negou os seus serviços sempre que se os reclamava. Em 1844 serviu no cargo de commandante superior da guarda nacional do municipio do Cabo, em 1849 foi nomeado supplente de juiz municipal e de orphãos do mesmo municipio, e depois passou a occupar o lugar de presidente do conselho administrativo do Arsenal de Guerra. Coronel reformado do exercito, dignitario da imperial ordem do Cruzeiro, commendador da Rosa, cavalleiro de S. Bento de Aviz, e condecorado com as medalhas da guerra da independencia da Bahia, da campanha de Pernambuco de 1824, ambas de prata, e com a de ouro da guerra da Cisplatina, conferida — *Aos bravos entre os mais bravos*, sendo que esta ultima lhe foi collocada no peito pelas proprias mãos do imperador D. Pedro I, eis os titulos que traduziam o valor, o merecimento e a bravura do illustre Lamenha.

Bento José Lamenha Lins falleceu a 15 de Maio de 1862, foi sepultado no Cemiterio Publico do Recife, prestando-

se-lhe todas as honras a que tinha direito por sua patente e condecorações, e nesse mesmo dia lavrou o general commandante das armas desta provincia a seguinte ordem do dia, communicando a guarnição da praça o fallecimento do benemerito Lamenha :

« O general commandante das armas é obrigado a cumprir o penoso dever de annunciar á guarnição desta provincia o passamento de um dos veteranos do exercito, do Sr. coronel reformado Bento José Lamenha Lins, que hontem pelas 11 e 1/2 horas da noite foi Deus servido chamal-o á si. Distincto lidador da independencia em Pirajá na Bahia, propugnador da ordem publica e integridade do imperio na Barra Grande, nesta provincia, e nas campanhas do Rio Grande do Sul, onde verteu o seu sangue; foi esse benemerito official pelos seus relevantissimos serviços, afferdo á monarchia e as instituições do paiz, sempre acatado pelos seus companheiros d'armas, que ora lamentão a sua morte, e dirigem fervorosas preces ao Creador pelo eterno repouso de sua alma. »

Bento Teixeira Pinto. A tradição popular assigna-la como berço do nascimento de Bento Teixeira Pinto, a freguezia de Muribeca, situada a quatro legoas ao Sudueste da cidade do Recife, e a um dos celebrados montes Guararapes, e o Sr. Conselheiro Pereira da Silva nos seus *Varrões Illustrados do Brasil*, fixa a epocha do seu nascimento no anno de 1545.

Foi Bento Teixeira Pinto o primeiro brasileiro que cultivou a litteratura e principalmente a poesia; e segundo uma competente autoridade, o mesmo Sr. Conselheiro Pereira da Silva, foi elle um poeta distincto e escriptor de gosto. Elle passou a flor da sua mocidade engolphado no cultivo da poesia, historia e sciencias naturaes, e no estudo dos classicos latinos e hespanhóes, cujas linguas lhe erão familiares como se deprehende dos seus escriptos. Pelo seu tempo, bem insignificantes ou quasi nenhuns, eram os meios que proporcionava a nascente colonia de Pernambuco, a quem tinha desejos de possuir conhecimentos superiores, e de adquirir um certo grão de illustração; e Bento Teixeira avido de possuir essa illustração que somente na metropole se adqueria, emprehendeu uma viagem a Portugal.

Aos 16 de Maio de 1565, quando talvez contasse os seus vinte annos, partiu Bento Teixeira á bordo da não Santo

Antonio, em companhia de Jorge de Albuquerque Côelho, terceiro donatário de Pernambuco, a quem era muito dedicado, e sob cujos auspícios talvez tivesse apprehendido essa viagem; mais estando contraria a maré, e os ventos ao rumo que levava o navio, arrastaram-no de encontro aos baixos de Olinda. Grandes avarias e damnos resultou disto; e pela demora da necessaria reparação do navio, somente se effectuou de novo a partida aos 29 de Junho do mesmo anno. Com prosperos ventos e em bonancosos mares, navegou os primeiros dias em sua róta a não Santo Antonio. Mas pouco depois, enfureceram-se os mares e os ventos, que tudo ameaçavam destruir e finalmente para cumulo de maiores desgraças, cahiu presa dos corsarios, que a deixaram roubada e desmantellada, e sem poder mais governar-se, e assim continuaram passageiros e tripolantes os ultimos dias de sua tormentosa e atribulada viagem. O que soffreu Bento Teixeira e os seus companheiros de viagem,— a não a sossobrar a cada momento, o ataque dos corsarios francezes que de todo a roubaram, e o lamentavel estado em que estes os deixaram, até que, extenuados, e quasi mortos surgiram á vista do cabo da Róca, arrastados pelas correntes, prestes a dar á costa, se uma caravela portugueza não lhes passasse um cabo, conduzindo a não ao porto de Cascaes,— é descripto pelo proprio Bento Teixeira, no seu escripto — *Relação do naufragio que fez Jorge de Albuquerque, vindo de Pernambuco em a não Santo Antonio em o anno de 1565*,— impressa em em Lisbôa em 1601, e appensa a um outro escripto seu, a *Prosopopéa*.

Aportando Bento Teixeira a Portugal, foi com os seus companheiros de viagem em romaria á igreja de Nossa Senhora da Luz, cumprir os votos solemnes que haviam feito, quando de envolta com os elementos enfurecidos, lutavam com os corsarios, como elle proprio descreve na sua *Prosopopéa*. Algum tempo demorou-se em Lisbôa Bento Teixeira, mas em 1583 já estava de volta em Pernambuco, pois n'esse anno tinha a seu cargo em Olinda, a cobrança dos dizimos, e em 1591 dirigiu uma expedição contra os indios Pitiguares, por haverem dado um assalto nas mattas de páo-brazil, e morto alguns colonos.

Em Pernambuco entregou-se á vida agricola, foi senhor de um engenho de assucar, ensaiou a plantação e cultura do trigo, e descobriu a malagueta. Em 1599 seguiu de novo para Portugal, e ahi esteve até 1607, quando regres-

sou á Pernambuco, e julga-se pelos seus escriptos, que por algum tempo esteve nas possessões portuguezas das Indias. Alem destes apontamentos da vida do illustre Bento Teixeira, que pudemos colher, nada mais nos foi possível obter; a data do seu nascimento, morte e outras circumstancias de sua vida, tudo é ignorado, e se não fôra os seus escriptos impressos, e a menção de um outro inédito, por Barbosa Machado na *Bibliotheca Lusitana*, talvez até o seu proprio nome o fosse tambem.

Alem da *Relação do naufragio*, « interessante pela narração de tantas desgraças a par de tanta resignação para supportal-as, » publicou Bento Teixeira um poema sob o titulo — *Prosopopéa* —, offerecido a Jorge de Albuquerque, terceiro Donatario de Pernambuco, o qual foi impresso em Lisbôa em 1601, e reimpresso no Rio de Janeiro em 1873, conservando-se o mesmo formato, typo, orthographia e cuidadosamente reproduzidas as suas gravuras. Um outro trabalho de Bento Teixeira, sob o titulo: *Dialogo das grandezas do Brazil*, que se conserva inédito, ainda que parte tenha sido publicada, é interessantissimo pelas variadas noticias historicas e geographicas que dá de todas as capitancias do Brazil. Encontra-se ainda de Bento Teixeira algumas poesias na *Phenix renascida*, periodico que se publicou em Lisbôa pelos annos de 1716 a 1720, como sejam: sonetos, eclogas e cantatas pastoris.

Bento Teixeira Pinto na ordem chronologica dos escriptores brazileiros occupa o primeiro lugar, e as suas obras são o ponto de partida da nossa historia litteraria, e elle constitue na phrase do Dr. J. M. de Macedo, o primeiro elo da immensa cadeia de litteratos do Brazil. Pernambuco pois, a sua patria, ufana-se da primasia que occupa no pantheon dos nossos homens celebres, dos nossos escriptores, tão dignamente representado pelo inspirado autor da — *Prosopopéa* — Bento Teixeira Pinto. —

Frei Bernardino das Neves. Nasceu em Olinda em meiado do seculo XVI, e foram seus paes o capitão João Tavares, primeiro conquistador e provocador da Parahyba, e D. Constançia Dias.

Abraçando a vida de religioso, Sebastião Tavares, como então se chamava, deixou este nome, por occasião da sua profissão religiosa no convento de S. Francisco de Olinda, a qual teve logar no dia 28 de Janeiro de 1588, e

então tomou o nome religioso de Frei Bernardino de Nossa Senhora, cujo sobrenome substituiu depois pelo das Neves. Frei Bernardino das Neves occupa um logar distincto na historia da conversão dos nossos indigenas ao gremio da religião e da civilisação. Genio propenso para o serviço da egreja, zeloso pela conversão do gentio, perfeito conhecedor da sua lingua, bom entendimento, prudencia e capacidade para qualquer missão, recebeu logo após a sua ordenação sacerdotal, provisões de pregador e confessor, e foi incumbido da catechese dos indios.

Neste emprego, diz o Padre Jaboatão, foi notorio o grande fructo que fez naquelle gentilismo, concorrendo para o bom effeito da sua conversão em muitos, a abraçarem com mais facilidade a doutrina que lhes pregava, alem do espirito e fervor com que lh'a propunha, e a claresa e propriedade das phrases com que lhe fallava na sua propria e natural linguagem. Foi então a sua habitual residencia no seio das florestas, nas aldeias e doutrinas dos indios, especialmente nas que se iam erigindo, servindo ora de interprete de seus companheiros incumbidos de outras missões, ora de seus guias, passando depois a ser o reitor geral de todas ellas.

Pela sua familiaridade com os indios, pelo zelo e cuidado com que os tratava, tornou-se tão venerado e obedecido por elles, que nas empresas de maior difficuldade era sempre elle o escolhido por seus prelados, cujo acerto correspondia o pleno resultado que sempre obteve em suas missões. D'entre estas nota-se a da capitania do Rio Grande do Norte em 1599, cujo resultado foi a conquista daquelle territorio, e a fundação da cidade do Natal, sua capital. Versadissimo na lingua dos indios, grande pregador, missionario zeloso e estimado, na phrase de um historiador, Frei Bernardino das Neves com a palavra, e Jeronymo de Albuquerque com o braço, foram os dous apostolos dessa missão de paz e civilisação, cujo resultado corôou os trabalhos e fadigas desses dous heroes, após dous longos annos de vigalias e cuidados.

N'essa empresa deu-se um factu interessante, e de tal importancia, que pôz termo aos seus já prolongados trábалhos, em cujo episodio Frei Bernardino das Neves representou o principal papel. Frei Jaboatão refere-o assim na sua obra *Orbe serafico* :

« Estava preso no forte um indio chamado *Ilha grande*,

tido por seus companheiros por grande feiticeiro, o qual foi aprisionado em um dos assaltos. Entregaram-no a Frei Bernardino como bom lingua desta gente, para o persuadir a que fosse tratar a paz com os seus, e que para isso lhe conferiam a sua liberdade. *Ilha grande* accitou o partido de bôa vontade, e depois de bem instruido na embaixada e pratica que havia de fazer aos seus, deixaram-no partir. Chegando a primeira cerca, os seus o receberam mui alegres, e muito mais, quando souberam o negocio a que ia. D'aquella o remetteram ás demais, assim da ribeira do mar, como as da serra vizinha, onde assistiam dous maiores e principaes de todos elles, chamado um Páo Secco, e o outro Sorobabé. A estes e a todos os mais, soube o indio embaixador compor um tão bem e efficaz arrasoado, que os obrigou a accèitar a paz, e á marchar com elle todos os principaes afim de effectual-a no forte com Jeronymo de Albuquerque. Representando Frei Bernardino das Neves o papel de interprete, prometeu-lhes da nossa parte uma paz e amisade firmes, como se havia feito na Parahyba, e ainda com muitos Putiguares da mesma capitania e seus parentes. Assim se ajustaram tambem com muita solemnidade, festas e alegria, entre uma e outra parte, com assistencia do ouvidor geral, de todos os demais cabos do forte e maioraes do gentio, e do Padre Frei Bernardino das Neves, de quem elles já tinham noticia e faziam estimação. »

Concluida esta missão, regressou o illustre missionario para esta provincia e recolheu-se ao seu convento de Olinda, exausto de forças pelas fadigas e trabalhos da tão longa e perigosa jornada, mas com a consciencia tranquilla de bem haver cumprido o seu dever, e com a fronte radiante por tão grandes quão assignalados serviços.

D'essa epocha por diante o nome de Frei Bernardino das Neves, desse homem cujo curso de vida foi todo uma continua e perigosa palestra, sem dar tregoa ao corpo, na phrase de um antigo historiador, desapareceu das narrações desses emprehendimentos em prol da causa da civilisação, sem duvida por grave omissão dos seus escriptores; porém bastam estas linhas para ennobrecer a sua memoria, digna de honras e louvores pela sua abnegação, heroismo e grandeza dos seus assignalados serviços. Frei Bernardino das Neves falleceu no seu convento de Olinda, de cuja ordem fôra elle o primeiro religioso

que entrára nesta provincia, em avançada idade, nos primeiros annos do seculo XVII, « deixando boa opinião e fama, adquiridas nos annos em que viveu. »

Bernardo José da Gama. (Visconde de Goyanna.) Nasceu na cidade do Recife aos 20 de Agosto de 1782, e foram seus paes o coronel Amaro Bernardo da Gama e D. Francisca Maria da Conceição, ambos oriundos de uma nobilissima familia de Portugal.

Estudando nesta provincia a lingua portugueza e adquirindo alguns conhecimentos de humanidades, Bernardo José da Gama embarcou para Portugal a 1 de Outubro de 1801, á completar a sua educação, e aos vinte e cinco annos de idade tinha concluido os seus estudos, recebendo a carta de bacharel em direito pela Universidade de Coimbra, ao tempo em que Napoleão ameaçava Portugal, Junot batia ás portas da sua capital e a familia real emigrava para o Brazil. No dia 29 de Novembro de 1807, quando largava do Tejo a esquadra portugueza que conduzia ao Rio de Janeiro o principe regente e sua familia, em um de seus navios Bernardo José da Gama tomava o rumo da patria, rico de saber, e laureado pelo primeiro estabelecimento scientifico de Portugal.

Em 1808, no mesmo anno de sua chegada ao Brazil, foi nomeado juiz de fóra do Maranhão, e nessa qualidade coube-lhe exercer interinamente quasi todos os cargos da capitania, ganhando elevado credito de rectidão e probidade desde que se observou a firmeza e prudencia com que castigou os officiaes da alfandega, fazendo recolher ao thezouro sommas enormes até então extraviadas. Dirigindo então o governo da capitania D. José Thomaz de Menezes, um dos capitães generaes que pelos seus desatinos, abusos e imprudencias tornou-se tão odiado á ponto de abandonar o posto que lhe fóra confiado, Bernardo José da Gama foi um dos membros do governo provisório que o substituiu, na qualidade de Juiz de fóra e ouvidor interino da capitania.

Tomando posse do governo a 24 de Maio de 1811, conservou-se até 29 de Novembro do mesmo anno, e nesse pouco tempo conseguiu apasiguar a capitania das invasões dos indios, aldeou-os em duas povoações que denominou Carará e Monção, e descobrindo-se nessas correrias um rio a que se chamou Guajaú, rodeado de mattas e importantes terrenos para cultura, elle a promoveu, apresentando

um trabalho em que demonstrava as vantagens daquelles novos estabelecimentos, serviços dignos de honrosa remuneração, que mereceram justos elogios de Henrique Koster nas suas viagens, e que no entretanto foram pelo governo mercedores de censura !

Mas a opposição que Bernardo José da Gama fizera ao despotico governo de D. José de Menezes, protegido na cõrte, contando dous parentes no ministerio, não podia ficar impune ; e então, vencida a intriga e o despeito dos amigos do ex-governador, lavrou-se em 1812 a demissão do illustre magistrado ; e só trez annos depois lhe foi dada a ouvedoria de Sabará, onde foi obrigado a servir desde Setembro de 1815 até Dezembro de 1818. Prestando no exercicio desse cargo importantes serviços, Bernardo José da Gama fez edificar um sumptuoso templo, confeccionou um mappa geographico da comarca, que mereceu do viajante Anderson incluil-o na sua obra *Viagem ao Brazil*, com elogios de Spix e Martius, e construiu um elegante theatrinho em Sabará a que deu o titulo de S. Pedro de Alcantara, fazendo pintar no pano de bocca as novas armas do Brazil, então elevado a cathegoria de reino, e sobre ellas voando a imagem da fama, embocando uma trombeta da qual sahiam estes versos de sua composição :

*Aos astros levarei d'outro hemispherio
O brilhante pendão do novo Imperio.*

estas circumstancias produziram serias desconfianças quando rompeu a revolução de Pernambuco de 1817 ; e a sua qualidade de pernambucano, o comprometteu ainda mais, sendo então lembrada a medida de o deportar para Portugal, para o que foi despachado a 6 de Fevereiro de 1818 corregedor do crime do bairro da Rua Nova de Lisbõa. Dous annos passaram-se trabalhando para evitar essa deportação, e nada conseguiria se a revolução constitucional de 1820 não vingasse, e o Brazil não entrasse em uma nova phase politica, sendo então nomeado desembargador da Relação de Pernambuco a 4 de Abril de 1821.

Naquella epocha de enthusiasmo, em que a nossa emancipação politica ia dando já os primeiros passos, Bernardo José da Gama procurou então suggerir ao povo os primeiros traços da independencia, e escreveu uma *Memo-ria sobre as principaes causas por que deve o Brazil reas- sumir os seus direitos e reunir as suas provincias*, e offere- cendo-a em pessoa ao principe regente, mereceu do futuro imperador tanto apreço, que immediatamente a mandou

imprimir a custa do governo e espalhar por todo o Brazil. Por esse mesmo tempo, quando os negocios de Pernambuco tomavão uma attitude seria, e parecia, que de alguma fórma se queria oppor obices aos seus generosos intentos, Bernardo José da Gama, escreveu a *Memoria sobre as principaes causas por que deve o Rio de Janeiro conservar a união com Pernambuco*, e publicando-a, prestou assim um duplo serviço, quer ao Brazil em geral, quer particularmente a sua provincia natal.

Tendo de partir para Pernambuco á tomar conta do cargo de desembargador da Relação desta provincia, e promulgado o Decreto convocando uma assembléa constituinte brazileira, o Senado da Camara do Rio de Janeiro officiou as camaras das provincias para se empenhar na execução do dito Decreto, e resolveu enviar um agente a esta provincia para conseguir a sua tão desejada união e cooperação á grande causa do Brazil. Para esse effeito, diz o Visconde de Cayrú, fez optima escolha no desembargador Bernardo José da Gama, de conspicuo patriotismo e saber, que não só já se havia distinguido em uma *Memoria* cheia de fieis sentimentos e elevados principios constitucionaes, mas tambem foi um dos collaboradores do projecto da installação, e attribuições da sobredita assembléa geral.

Chegando a esta provincia no dia 2 de Julho de 1822, tratou de dar immediata execução do seu mandato, ao mesmo tempo, que, com os seus collegas tratava da installação do Tribunal da Relação, acto que se verificou com toda a solemnidade a 13 de Agosto seguinte. Encontrando alguma resistencia da parte da Junta do governo provisório, relativa a missão que lhe fôra confiada, Bernardo José da Gama teve de sustentar renhida luta, ao mesmo tempo que se empenhava em desvanecer as prevenções contra o governo do Rio de Janeiro. Rompendo então a luta, extremaram-se os partidos, a junta provisoria foi deposta, e elle nomeado então para o governo que devia substituir o dissolvido, patenteou o maior desinteresse e abnegação recusando-se formalmente, pois o seu maior empenho e interesse era livrar a sua patria do aviltante jugo das côrtes constituintes de Portugal, o que importava reduzir o Brazil ao antigo regimem colonial.

Serenado os animos e voltando a paz e a tranquillidade publica, e celebradas as festas da aclamação de D. Pedro I, procedeu-se em 1823 a eleição dos deputados á assembléa constituinte Brazileira, e Bernardo José da Gama um dos

que mereceram a conferencia desse honroso mandato, ostentou na camara as suas idéas, foi liberal, mas sem aspirações exaltadas; o seu typo era principalmente o espirito zeloso da nacionalidade brazileira: fez parte da commissão da organisação dos trabalhos internos da camara, e depois foi eleito membro da commissão de legislação, cujos trabalhos e pareceres deram realce aos seus talentos e conhecimentos, e incubido finalmente de organizar o projecto de lei sobre a liberdade de imprensa, desempenhou essa incumbencia tão sabiamente, que o seu projecto com pequenas alterações foi convertido em lei.

Dissolvida a Assembléa constituinte, e arvorando-se em Pernambuco a bandeira da revolta que proclamou a Confederação do Equador, recebeu então do ministro da justiça, ordem para partir em demanda desta provincia; e embora mostrasse que isso importava entregal-o inermes nas mãos dos inumeros inimigos que tinha contrahido nesta provincia por occasião da sua missão de 1822, e outras razões alem do perigo a que se expunha, em nada foi attendido, e foi mesmo violentado não só a embarcar, como tambem a apresentar-se de uma maneira hostil nas fragatas destinadas para reforço do bloqueio, que então aqui se achava.

Chegado ao porto do Recife a 23 de Março de 1824, Manoel de Carvalho lavrou neste mesmo dia uma portaria intimando-o á regressar para o Rio de Janeiro no primeiro navio que selhe offerecesse, recolhendo-o entretanto á fortaleza do Brum, até que chegasse essa occasião, apesar das ordens imperiaes que trazia para continuar no cargo de desembargador. Propostas vantajosas e amigaveis, ameaças aterradoras lhe foram feitas para que reconhecesse como legitimo presidente a Manoel de Carvalho, porem Bernardo José da Gama tudo regeitou, a nada cedeu, e da propria prisão expediu circulares ás camaras municipaes para que não o reconhecessem como tal, e fez tudo quanto lhe foi possivel para alentar o esmorecido partido constitucional imperial.

Transportado então para bordo da fragata *Nitheroy*, que commandava o bloqueio do porto do Recife, Bernardo José da Gama tomou a resolução de ir para a provincia da Bahia onde chegou a 27 de Maio; porem novas complicações foi ahi encontrar, não só pelo receio que reinava de uma nova invasão portugueza ao Brazil, como tambem pela revolta do batalhão de *Periquitos*, e assassinio do

commandante das armas. Sabida a sua prisão em Pernambuco e as ameaças que soffreu, assim como as desconsiderações da côrte á seu respeito, os rebeldes da Bahia supposeram que elle facilmente se colligaria com elles, e enviarão-lhe uma commissão offerecendo-lhe todas as vantagens possiveis para o chamar ao seu partido, mas elle tudo regeitou, respondendo, que, *só tinha entrado em uma revolução em toda a sua vida, que fôra a da independencia com uma constituição monarchica, e nunca em revoluções de poleiro.*

Em uma provincia estranha, inactivo por força das circumstancias em que se achava, Bernardo José da Gama esperava ancioso o fim da guerra de Pernambuco para tomar conta do seu cargo, quando a 14 de Junho recebeu ordem do ministro da Justiça para servir na Relação da Bahia. Rebutando em principios de 1826 outra insurreição popular com a noticia de haver D. João VI reconhecido a nossa independencia, porem mantendo para si o titulo honorario de imperador do Brazil, este acto de tal sorte irritou os animos do povo, que sublevado ostentou-se furioso e medonho. Nessa crise revolucionaria, Bernárdo José da Gama recebe uma mensagem militar para assumir a presidencia da provincia, mas de modo algum querendo accetala, occulta-se, e d'est'arte a tropa que via nelle o objecto de seus planos, esmoreceu, e a furia revolucionaria se foi acalmando.

Conseguida esta vantagem, e se tendo o presidente refugiado á bordo de uma fragata, Bernardo José da Gama tomou então á si a tarefa de tranquillisar os animos com medidas persuasivas, escrevendo uma carta pseudonyma descrevendo os mal fundados receios, a qual duas vezes impressa produziu tão salutar effeito, que raiou o mais completo socego, como se tal commoção não se tivesse dado. Lord Stuart, testemunha de todo o acontecimento, não cessava de prodigalisar ao illustre patriota os maiores elogios pela sua attitude energica e pacificadora.

No entretanto, o resultado de tão grandioso serviço que prestára, foi ser chamado para a casa da Supplicação no Rio de Janeiro, *como um homem perigoso naquella provincia.* Em vão o povo bahiano, grato aos serviços que lhes havia prestado, dirigiu ao Imperador uma petição para que elle fosse dispensado de ir para a côrte, porque muito confiavam da sua rectidão, porque a elle a Bahia era devedora do seu socego e prosperidade; mas era mister obe-

decer, mostrar uma moderação superior á emulação dos governistas e aos desvarios dos governados, e no mesmo navio que trouxe a ordem, Bernardo José da Gama embarcou para o Rio de Janeiro.

Nessa viagem, feita no brigue americano *Ontario*, teve ainda de soffrer; ena altura do Cabo Frio foi o navio atacado pelos piratas argentinos, que de accordo com o commandante não só saquearam o navio como tambem despojaram os passageiros de tudo quanto possuíam. Apresado porem o corsario argentino pela nossa esquadra, foi posto em arrematação para indemnisar os passageiros do *Ontario*, mas o seu producto foi depositado no thesouro, e os prejudicados nada receberam!

Baldados todos os esforços do povo bahiano para conservar entre si o illustre dezembargador B. José da Gama, aguardaram occasião opportuna para significar-lhe os seus sentimentos de gratidão e reconhecimento; e pela morte do Visconde de Caxias que abriu no Senado uma vaga entre os representantes da Bahia, encontraram então essa opportuniidade; incluíram o seu nome na lista triplice, e elle obteve uma maioria absoluta de votos sobre os seus dous companheiros, o Dr. França e o Dezembargador Duque Estrada; e não obstante isso, não obstante os seus grandiosos serviços, foi preterido, outro foi o escolhido.

Nomeado chanceller e regedor das justicas, voluntariamente tomou á si a incumbencia de organizar um projecto de codigo do processo civil e criminal, composto de quinhentos e quarenta e seis artigos, os mais convenientes e adaptados as circumstancias do Brazil, trabalho este de tanta importancia e merecimento, que o governo o enviou á camara dos deputados, por proposta do ministro da Justiça, onde foi submettido a uma commissão que o approvou e mandou imprimir como o melhor que então existia; mas ficou nisto, cahiu em esquecimento, e depois appareceram os seus artigos publicados como resoluções ministeriaes!

Nomeado presidente da provincia do Pará em 1830, teve de retardar a sua partida, mas depois dos acontecimentos de 13 e 14 de Março de 1831, conhecidos na historia por *Noutes das garrafadas*, em que na cidade do Rio de Janeiro muitos portuguezes revoltantemente insultaram a nacionalidade brasileira, D. Pedro I chamou ao ministerio homens que não eram chefes do partido Liberal, que não sahiam da camara para o governo, mas que ao menos po-

diam merecer a confiança dos liberaes, e dos brazileiros em geral, e Bernardo José da Gama foi incumbido da pasta dos negocios do Imperio.

Organisado o ministerio em 20 de Março, a 5 de Abril já era substituido por outro de manifesto character de reacção anti-liberal. Rompeu então, no dia seguinte tremenda revolução, Bernardo José da Gama recebe um Decreto que o nomeava para o mesmo ministerio a requerimento do povo; na madrugada de 7 D. Pedro I abdica a corôa, nesse mesmo dia foi nomeada a regencia provisoria, e os membros do ministerio decahido voltaram de novo ao governo. Bernardo José da Gama protestou então que se acha coacto pela ameaça de ser havido por traidor se não condescendesse com o entusiasmo e vontade popular, e que supportaria o sacrificio somente para soccorrer a infancia de D. Pedro II, que se achava desamparado de seu pae, e forçosamente entregue á generosidade dos brazileiros; mas, que, apenas as tropas depuzessem as armas, no mesmo instante deixaria o cargo.

Bernardo José da Gama, dirigindo-se para S. Christovam á dar as necessarias ordens para ser respeitado e acatado o paço imperial, teve então occasião de exercer as funcções de tutor interino do jovem monarcha e de suas irmãs, e foi o primeiro brazileiro que prestou-lhes as primeiras consolações pela ausencia de seu pae, e no acto da acclamação e reconhecimento do Sr. D. Pedro II, tenra creança de pouco mais de cinco annos, foi elle quem o suspendeu em seus braços durante esse tocante e solemne acto. Serenados os animos, despensas as tropas, e conseguido o fim que o tinha levado ao ministerio, Bernardo José da Gama deu a sua demissão, e eleita em 17 de Junho pela Assembléa geral a regencia permanente, organisou-se então o novo ministerio.

O acto da abdicación de D. Pedro I excitára nas provincias reacções liberaes, e com ellas perturbações da ordem publica. No Pará, onde predominava no governo o elemento conservador á despeito das exigencias liberaes, predominava tambem o elemento portuguez representado pelo commandante das armas Francisco de Souza Soares de Andréa, então brigadeiro e depois Barão de Caçapava. Tendo a regencia de pôr á frente da administração da perturbada provincia do Pará, um homem superior e de elevado merecimento e prestigio, essa nomeação recahiu na pessoa de Bernardo José da Gama por Decreto de 17 de

Maio de 1831, para o que já havia sido nomeado por D. Pedro I em 23 de Dezembro do anno anterior. Aceitando esta espinhosa commissão, partiu para a provincia do Pará, e tocando em Pernambuco contrahiu matrimonio com sua sobrinha D. Izabel Ursulina de Albuquerque Gama, e no dia seguinte do seu consorcio seguiu para o porto do seu destino. Alli foram os recentes noivos encontrar todas as terribes privações que a celebre e sanguinolenta revolução daquella epocha lançava sobre o paiz, privações que a jovem senhora arrostou heroica e resignadamente com o character varonil de que era dotada.

Bernardo José da Gama, então galardoado com o titulo de Visconde de Goyanna que lhe conferira D. Pedro I apóz a dissolução da constituinte em 1823, como premio dos serviços que benemeritamente prestára, tomou posse da presidencia do Pará a 19 de Julho de 1831, e empenhou-se logo em dar apoio e influencia nos negocios da provincia ao partido liberal e anti-lusitano, mas, apenas decorrido vinte e um dias depois de sua posse, rebenta uma sedição militar em que tomou parte o commandante das armas, foi deposto do governo e viu-se coagido a embarcar para o Rio de Janeiro.

Exigindo o commandante das armas a frente das suas tropas rebelladas a prisão do arcepyreste João Baptista Gonçalves Campos, e dispondo o Visconde de Goyanna de força sufficiente para conter os amotinados por aquella audaciosa aggressão, quiz antes perder a presidencia do que derramar o sangue brasileiro, ou prender um cidadão sem culpa formada. Deposto do governo, fretou um patacho para o transportar ao Maranhão, e quando já havia embarcado todos os seus moveis e bagagens, á ultima hora, foi intimado para embarcar na fragata *Campista* que seguia para a còrte, recebendo o seu commandante ordem de tratá-lo como preso, destinando-lhe uma pequena parte da ante-camara do navio, sem o recato e decencia indispensavel para o transporte de sua familia. Obrigado então a fazer um novo contrato com o mesmo patacho, não para o Maranhão, mas sim para Pernambuco, pela quantia de 2:400\$000, alem da importancia do primeiro fretamento; desta sorte, depois de insultos pessoases, roubos e tudo quanto pôde occorrer a sanha brutal da força armada, o Visconde de Goyanna seguiu preso para a còrte, ao passo que a sua familia tomava o rumo de Pernambuco.

Já então começava a apparecer a reflexão, a tropa co-

nhecendo as enganosas promessas dos seus chefes, começava a desertar, desmascararam-se os fins dos revolucionarios, veio finalmente o arrependimento, mas já era tarde. O Visconde de Goyanna foi demittido insultuosamente do cargo de presidente, a sua prisão foi dilatada, e tiraram-lhe até o cargo de chanceller que exercia, sob o futil pretexto de o haver renunciado, desde que accitou a presidencia do Pará. Em vão as camaras municipaes paraenses dirigiram energicas representações ao ministerio reclamando a restituição dos seus creditos usurpados, e ao presidente injusta e acintosamente deposto, por uma revolta infame e de surpresa, tramada por homens de nacionalidade estranha a do paiz.

Conhecendo o povo paraense a obstinação e injustiça do governo, arrependido e envergonhado do erro que commettera, achou motivo para patentear ao illustre patriota o seu reconhecimento, dando-lhe uma demonstração do elevado conceito em que o tinham, mas que algúm tempo, iludido e de olhos vendados desconheceu tudo isso; confere-lhe então o honroso mandato de seu representante no parlamento nacional, no qual tomou assento em 1834, dominado somente do generoso intuito de salvar os paraenses das injustiças e desconsiderações do governo.

O nobre Visconde de Goyanna, frequentou então, com assiduidade e valentia a tribuna parlamentar. Era orador de agradável fluencia, diz um escriptor, de voz alta e firme, discutiador illustrado e energico, e distinguindo-se muito menos por arroubos de eloquencia academica, do que pela simplicidade do enunciado e pela franqueza, em que ás vezes chegava a ser aspero. Em maxima parte os seus discursos deixaram de ser publicados pelo *Jornal do Commercio*, que então sem contracto com a camara e só por conta propria dava na imprensa as discussões parlamentares. Queixoso com fundamento ou não de adulterações de suas fallas, o Visconde de Goyanna declarou na tribuna, que preferia que as não publicassem, e o *Jornal do Commercio* d'ahi por diante as omittiu como resentido.

Apparecendo nessa epocha um projecto do codigo commercial brasileiro, em que a influencia portugueza, ainda predominante, havia conseguido odioso privilegio em seu favor, excluindo todas as garantias aos nacionaes que se dedicassem á vida commercial, o Visconde de Goyanna ergue a sua palavra no parlamento, analysa seme-

lhante trabalho, mostra a falta de dignidade e patriotismo que o ditou, reprova-o finalmente, e neste voto do illustre patriota, toda a camara o acompanhou. Depois, quando se tratou das bases do tratado do commercio entre o Brazil e Portugal, em cuja questão os portuguezes procuraram corromper o character nacional, o Visconde de Goyanna fez a opposição que exigiam a autoridade do seu character e a sua lealdade e fidelidade de representante da nação. Advertido então á moderar a sua opposição e as suas phrazes, por estar no anno da eleição, respondeu, que, *pouco lhe importava o ficar excluido da urna eleitoral para sempre, com tanto que salvasse sua patria, que era a maior gloria á que podia aspirar um representante do povo.* E com effeito, não foi reeleito!

O Visconde de Goyanna, foi um dos muitos brasileiros victimas da influencia portugueza, mas injustamente. Ou em parte resentimentos hereditarios de pernambucano avesso á influencia de portuguezes, na phrase do Sr. Dr. Macedo, resentimentos que em Pernambuco datavam da guerra civil chamada dos *Mascates*, em principios do seculo XVIII, ou arrebatamentos e enthusiasmo patrioticos pela causa da independencia da patria, Bernardo José da Gama foi, desde 1822, tido em conta de exaltado ante-lusitano, e em toda a sua vida o acompanhou essa prevenção injusta, com que no Brazil os portuguezes sempre o olharam. Era falso juizo: Bernardo José da Gama não foi inimigo e perseguidor de portuguezes; foi entusiasta da independencia do Brazil, e depois de proclamada esta, e fundado o imperio, só se extremou em nobilissimo zelo nacional, repulsando toda e qualquer influencia estrangeira, e portanto a influencia lusitana nos negocios politicos do imperio do Brazil; o seu typo era principalmente o espirito zeloso da nacionalidade brasileira. Homem de honra, de energia, e de franqueza talvez rude, mas nobre, o Visconde de Goyanna foi mais que tudo esculpulo e exaltado campeão do nacionalismo brasileiro.

Desgostoso das injustiças de que foi o alvo e vilipendiado por todas as fórmas, e ralado de desgostos e atormentado de molestias, o Visconde de Goyanna resolveu retirar-se da vida publica, lançou mão do ultimo recurso que lhe restava, e pediu a sua aposentadoria com as vantagens que lhe tocavam por lei, mas negaram-nas todas. Instou, secundou o seu pedido por mais duas vezes, e afinal foi la-

vrado o Decreto de sua aposentadoria, não com o augmento da reforma, mas com o pequeno vencimento do extinto cargo de chanceller.

Em 1846, ainda o visconde de Goyanna tomou assento na camara como supplente por esta provincia, apresentando então um projecto para a criação de uma universidade no Brazil, acompanhado dos estatutos necessarios, o qual foi approvedo pela camara. Nomeado por Decreto de 14 de Novembro de 1846, inspector geral da caixa de amortisação da côrte, em cujo cargo serviu até 1849, foi então nomeado por Decreto de 14 de Novembro director do Curso Juridico de Olinda, hoje Faculdade de Direito do Recife, despacho este que lhe agradou assáz, porque o trazia a sua provincia natal, á sua familia, e ao seio de uma mocidade espreçosa, cheia de vida e enthusiasmo.

Aggravando-se porem os seus padecimentos, sem mais poder frequentar a Academia, o Visconde de Goyanna pediu a sua aposentadoria, instou por mais duas vezes enviando de novo igual pedido allegando mesmo, que, *não convinha dar-se-lhe um ordenado por serviços que não podia prestar*; e quando lhe chegou a sua tão almejada aposentadoria, e tantas vezes reclamada, poucas horas depois expirava esse honrado e benemerito cidadão.

O Visconde de Goyanna falleceu no dia 3 de Agosto de 1854, contando setenta e dous annos de idade, e foi sepultado no cemiterio publico do Recife, onde descansam os seus restos mortaes em tumulo privativo.

Bernardo Luiz Ferreira Portugal. Nasceu na cidade então villa do Recife no anno de 1755; foram seus paes José Lopes dos Santos e D. Eugenia Escolastica Joaquina.

Seguindo para Portugal, matriculou-se na universidade de Coimbra, onde recebeu os grãos de doutor em canones e em direito civil, e depois ordenou-se sacerdote. Em 1786 o Dr. Ferreira Portugal já havia concluido os seus estudos, e se achava em Pernambuco exercendo a profissão de advogado. Moço, talentoso e illustrado, esthusiasta dos grandes commettimentos, patriota exaltado, aspirando ver o seu paiz livre e independente do governo da metropole, desde essa epocha começou a trabalhar com outros companheiros na obra da regeneração politica de sua patria. Foi perseguido, e accusado pelo vigario geral do bispado

como perturbador do socego publico, foi-lhe imposta a pena de degredo para a capitania do Pará, por ordem regia de 18 de Novembro de 1795.

Assignando um termo perante o Juizo Ecclesiastico de não voltar mais á esta capitania, sob pena de ser degredado por toda a vida para Angola, foi removido do Aljube de Olinda para a fortaleza do Brum; mas representando o seu commandante que ali *não havia prisão segura para se conservar um preso de tanta ponderação*, foi então recolhido á fortaleza das Cinco Pontas, d'onde seguiu para o seu desterro em Março de 1796, indo para o Maranhão, e d'ahi então seguiu para o Pará, e conseguindo não sem difficuldades a sua liberdade, voltou emfim do ostracismo e recolhheu-se a sua provincia.

Em 1802 obteve o Dr. Ferreira Portugal uma cadeira na cathedral de Olinda, e aos 11 de Fevereiro de 1811 foi elevado ao seu deado, em cujo character fez parte do governo do bispado, na ausencia de D. Frei Antonio de S. José Bastos; e nesta posição o encontrou a epocha memoravel de 1817, quando a 6 de Março rompeu a revolta.

Este dia memoravel, diz um escriptor, não podia ser inesperado pelo principal ornamento das duas academias do Cabo e Paraizo, e de todas as mais sociedades patrioticas; e não faltou quem dicesse com muita probabilidade, que, nellas depositára desde a sua chegada a Pernambuco, os preciosos secretos da revolução abortada em Minas Geraes. Seja como for, é certo que ninguem ostentou naquelle dia tão ardente enthusiasmo, porque apenas rebentou em Olinda o grito do Recife, corre ao seu palacio, abre as portas, dá vivas a liberdade, abraça os primeiros mensageiros, offerece-lhes quanto possue, e logo á noite do dia 6 de Março, foi ao quartel general dos patriotas e arsenal das armas e munições que existiam em Olinda. Ahi foram reunir-se nos dias seguintes todas as milicias e ordenanças do Norte, que foram agasalhadas, mantidas e regaladas pela generosa liberalidade do dono da casa. Foi somente quando a patria ficou tranquilla pela capitulação, embarque e partida do ex-general Caetano Pinto, que o Deão licenciou o exercito dos seus hospedes, accumulando-o de novas generosidades, e dirigindo-lhes uma proclamação bem digna de ser original nos fastos das nações livres.

O illustre deão da cathedral de Olinda Dr. Ferreira Portugal, é uma das figuras mais salientes dessa quadra historica de Pernambuco. A sua assiduapresença nas ses-

sões do inaugurado conselho d'estado, as suas discussões e medidas propostas, a sua attitude, o seu patriotismo, os seus votos pela consolidação da independencia da patria, constituem-no um heroe, um patriota illustre e benemerito. Adoptado o novo laço e bandeiras nacionaes da proclamada republica, coube-lhe a honra de ministrar no acto da sua consagração, acto este que teve logar com toda a pompa e solemnidade no dia 2 de Abril de 1717, no campo da Honra, hoje das Princezas. Terminada a solemnidade, o Dr. Ferreira Portugal dirige-se ao povo, alça um dos estandartes, e voltando-se para a tropa ergueu a sua voz eloquente e pronuncia esta breve mas energica e patriótica allocução.

« In hoc signo vinces ! O nosso pae que está nos ceos, creou livres todos os homens ; o espirito das trevas introduziu gaz infernal na alma dos malvados : estes ligaram os braços dos seus irmãos, armaram-se de azorrague, e chamaram-se principes absolutos. Desde então, a creatura não poude mais erguer as mãos ao firmamento para supplicar o Creador, a sua face contristada abaixou-se á terra, chorou ! O scellerado manifestou desde o principio a reprovada sua origem, e abertamente provou que era filho de Satanaz : reunindo a hypocrisia á iniquidade occultou debaixo de uma corôa a marca de Caim, impressa sobre a sua frente, ungiu com o santo Chrisma os seus cabellos, e disse : *Eu venho da parte de Deus*. Blasphemia ! O Senhor fallou a Samuel : esta será a rasão do rei : *se apoderará dos vossos filhos e filhas, dos vossos campos, das vossas lavouras ; e accrescentou : um dia vós gritareis por causa do vosso rei, e eu não vos ouvirei porque o tendes eleito*. Os escravos voluntarios pesam ao mundo e a Deus. Nós não elegeremos principes, nós os combateremos, os perseguiremos até que entrem no inferno, d'onde o antigo inimigo do genero humano o extrahiu. Se as provincias deste vasto continente vos abandonarem, (o que o Omnipotente não permitta) será inteira a vossa gloria ; inteira a infamia dos cobardes, que vos abandonaram ; e quando nos inexcrutaveis arcanos da Providencia, fosse decretado que succumbissemos, será esplendido o nosso sepulchro, porque ultimos cedemos, porque sós ousamos resistir. *In hoc signo vinces !* Do alto gritou a voz a Constantino imperador, e lhe foi mostrada a Cruz resplandecente nos céos como documento de victoria : *in hoc signo vinces !* Exclamo eu tambem apresentando-vos este sacrosanto estandarte, e confiando-o nas vossas mãos : segui-o ; elle vos conduzirá ao caminho da honra, da indê-

pendencia e da liberdade. Não vos excitarei a ser valorosos; vós já o sois; o mundo vos conhece. Duas cousas somente vos recomendo — disciplina e união; a disciplina é origem dos grandes feitos; a união é a fonte de todos bens, e o vehiculo exclusivo da força dos estados.»

Terminado este succinto discurso, dirige-se o Dr. Ferreira Portugal aos officiaes a quem tinham de ser confiados os estandartes, entrega-os, e pronuncia ainda estas palavras: «Patriotas, escudados por estas bandeiras, não tenhais medo nem dos escravos do Norte, nem dos sevandijas do Sul. Eu mesmo, se vos faltar chefe, eu serei a vossa frente, tendo-me por mais feliz morrer com homens livres, do que viver com vis escravos!»

No intuito de fazer desaparecer do animo das almas timidas a duvida da adhesão á causa proclamada, e mesmo não estando em sua indole ver a marcha lenta e vagarosa do pronunciamento a favor da independencia por toda a provincia, compoz uma eloquente e patriotica pastoral dirigida aos seus diocesanos, e obtendo as assignaturas dos seus dous companheiros do governo do bispado, do qual rigorosamente fallando, na phrase de um escriptor contemporaneo, era elle o unico governador, foi publicada a pastoral, nella mostrou aos timoratos aferrados religiosamente ao governo realista, que estavam desligados das primitivas obrigações dos seus maiores e lançou mão de argumentos taes, que produziu ella um effeito prodigioso, acima mesmo de toda a espectativa.

Mas os pernambucanos achavam-se isolados; as outras provincias compromettidas abandonaram a sua causa no momento supremo, era forçoso ceder a lei da força, a republica baqueou, a realleza foi proclamada, mas sobre os cadaveres de victimas illustres, sagrados martyres no altar da patria. Quando a capital cahiu em poder das tropas invasoras, achava-se o Dr. Ferreira Portugal em Olinda, e julgando-se ahi mal seguro, toma o caminho do Recife. Mas quando seguia em direcção do Varadouro para embarcar, é preso por um pelotão de marujos, conduzido ao Recife, e carregado de ferros atirado ao porão do navio *Carrasco*, o qual poucos dias depois levantou ancoras em demanda da Bahia.

No dia 10 de Junho entrou a illustre victima da tyrannia nos carceres da cadeia da relação, e no dia seguinte compareceu perante a Commissão militar. Nella se apresentou o venerando Deão com aquella arrogancia, diz o Padre

Dias Martins, que é propria dos francos republicanos, e com tanto sangue frio que percebeu rapidamente as vistas benignas do conde presidente. Lembra-se no mesmo instante de recorrer a coacção com que o constrangeram a parecer rebelde no exterior, porém, quanto ao interior fôra sempre realista, dando em provas documentos, e um testamento feito no calor da revolução, e guardado no convento de S. Francisco de Olinda, no qual se declarava vassallo fiel do rei D. João VI, instituindo-o por herdeiro.

Este documento, sem duvida calculadamente escripto, salvava o Dr. Ferreira Portugal da morte ignominiosa que soffrera alguns de seus companheiros; mas elle permaneceu preso por quatro annos, e só obteve a sua liberdade em 1821, quando por influencia da revolução do Porto, foram os patriotas de Pernambuco declarados innocentes.

Livre das cadeias que o atormentaram por quatro longos annos de prisão e martyrio, o Dr. Ferreira Portugal não se deu pressa em voltar á patria querida, e demorou-se na provincia da Bahia. Estava então travada a luta entre o governo da regencia do Brazil, e as côrtes constituintes portuguezas, luta que apressou a declaração da nossa emancipação politica. Todas as provincias estavam em effervescencia, a idéa das liberdades patrias era o voto universal dos brasileiros, e os patriotas de 1817 ainda com as feridas mal saradas dos tormentos do carcere, fizeram-se de novo conspiradores.

O Deão Dr. Ferreira Portugal permanecendo na Bahia, não ficou inactivo, o mesmo fervor patriotico, o mesmo interesse pela causa do Brazil, a mesma dedicação, tudo isso ostentava o illustre patriota. A junta do governo suspeitando da sua conducta, recebendo denuncias que vieram reforçal-a, temeu do seu prestigio e influencia. Julga-o implicado nas tramas patrioticas da independencia nacional, intima-lhe despejo peremptorio, é obedecida; mas o balanço já estava dado, diz um escriptor do tempo, e as novas eleições distituindo todos os antigos membros do governo, lhes mostrou com evidencia que andavam cegos de orgulho, quando comparavam as suas curtas vistas européas com a esphera e talento de um brasileiro nascido para regenerar e immortalisar a sua patria.

Voltou então á Pernambuco o Dr. Ferreira Portugal, e entrou no goso do seu beneficio ecclesiastico, e nas lides da advocacia. A idéa da emancipação politica do seu paiz, já havia sido consumada, os seus serviços em prol de sua

causa, o seu tributo de brasileiro já haviam sido pagos. Agora era a administração do paiz, a sua elevação e engrandecimento, que reclamavam a attenção daquelles que tanto haviam se empenhado e trabalhado na obra de sua emancipação; e de novo revellou-se o Dr. Ferreira Portugal o mesmo homem, o mesmo patriota.

Alem dos cargos inherentes ao seu character sacerdotal, taes como o de vigario geral do bispado, juiz dos casamentos, commissario do Santo Officio, e outros que já deixamos mencionados, exerceu os cargos de procurador fiscal da Thezouraria de Fazenda, o de conselheiro do governo, e o de vice-presidente da provincia, em cujo character assumiu a sua administração de 4 de Setembro a 14 de Novembro de 1832.

Cavalheiro professo na ordem de Christo pelos seus serviços e merecimentos, o Deão Dr. Bernardo Luiz Ferreira Portugal, não só pela sua illustração como pelo seu talento, e pelos seus serviços e patriotismos, é um vulto distincto do primeiro reinado, notavel pela sua posição nas lutas da independencia. Bem poucos dados podemos obter á accrescentar ao que relativamente a tão illustre patriota, registra a historia contemporanea; mas o que fica dito, é sem duvida por demais sufficiente á perpetuar a sua memoria, á abrir-lhe as portas do templo dos benemeritos da patria.

Bernardo Vieira de Mello. Nasceu na freguezia de Muribeca, na segunda metade do seculo XVII. Foram seus pais o capitão de ordenanças Bernardo Vieira de Mello, fidalgo cavalheiro da Casa Real, e sua consorte D. Maria Camello de Mello, ambos naturaes da mesma freguezia. Era neto paterno de Antonio Vieira de Mello, sargento-mór, cavalheiro fidalgo da Casa Real, natural de Catanhede, em Portugal, e de sua mulher D. Margarida Muniz, natural da ilha da Madeira; e materno, de Belchior Alves Camello, instituidor do Morgado das Alagoas, e D. Joanna Bezerra.

Bernardo Vieira de Mello abraçou a carreira das armas, exerceu os postos de capitão de infantaria, tenente coronel de ordenanças, capitão-mór de Iguarassú, por carta Regia de 17 de Novembro de 1691; e passou a capitão-mór do terço dos Palmares, por Carta Regia de 25 de Setembro de 1709.

Estabelecida a celebre republica dos Palmares, desde os tempos da dominação hollandeza, ia tomando taes pro-

porções pelo seu augmento e fortificações, e pelo numero crescente de sua população, a qual se elevou a mais de 20:000 almas, que, as suas excursões e as suas rapinas iam tomando tambem proporções assustadoras.

Os governadores desta capitania contentavam-se apenas em remetter pequenas porções de tropas para bater os negros aquilombados em Palmares, mas nenhum resultado se obtinha.

Tomando conta da administração de Pernambuco Caetano de Mello e Castro, foi um dos seus primeiros cuidados apprehender a destruição dos Palmares. Para esse fim, formou um corpo de exercito de 3:000 homens, com gente voluntaria de todas as villas e povoações desta provincia e de algumas companhias dos dous terços de infantaria paga do Recife. « Nesta expedição, diz o historiador Sebastião da Rocha Pita, figuravam muitas pessoas ricas que voluntariamente quizeram ir, impellidas do proprio valor e da vingança que esperavam tomar daquelles inimigos, pelos damnos que lhes haviam causado. »

Bernardo Vieira de Mello residia então em sua fazenda de Pindobas, em Ipojuca, na qual possuia um engenho com esse mesmo nome, e constando-lhe essa resolução do governador, partio para o Recife a frente de um grande numero de homens armados, e offereceu-se para fazer parte da expedição.

Acceitando o governador o seu offerecimento, nomeou-o para chefe da expedição, e conferiu-lhe o posto de capitão-mór. Elle era um homem nobre e valoroso, diz o citado historiador, experimentado na guerra dos negros, havendo logrado algum tempo antes o feliz successo de um choque, em que degolou e captivou um grande troço delles em uma das estancias em que estivera, para reprimir as suas invasões; causas pelas quaes Caetano de Mello e Castro o elegeram para governar aquella empreza.

Preparada a expedição, partiu Bernardo Vieira de Mello a sua frente, quando ao mesmo tempo partia de Alagoas, Penedo, S. Miguel e S. Luzia do Norte outras tropas em numero de 1,500 homens, á se encorporar com as suas, e formando ao todo um corpo de exercito de mais de cinco mil homens, marcharam sobre as fortificações exteriores dos Palmares.

« Bernardo Vieira atacou a porta central, Domingos Jorge a do lado direito, e Sebastião Dias a do esquerdo; outros officiaes foram encarregados de diversos pontos da

estacada, onde se puzeram escadas levadas por prevenção; mas quantos por ellas subiam, foram victimas do valor dos negros, sendo rechaçados com armas, frechas e até com agua fervendo. Os sitiantes, conhecendo que não podiam escalar a estacada, recorreram ao governador de Pernambuco pedindo-lhe mais soldados e artilharia, sem a qual diziam ser impossivel poderem romper o intrincheamento; e poucos dias depois da partidados seus correios, lhes chegaram os viveres que tinham exigido das villas de Alagoas, Penedo e S. Miguel; mas os negros, a quem já faltava a polvora, vendo de sua atalaia o consideravel reforço que chegava aos sitiantes, desanimaram.

« Sebastião Dias a força de machado conseguiu abrir a porta que lhe tocava, e acontecendo o mesmo a Bernardo Vieira, aos quaes logo se uniu o paulista Domingos Jorge, apezar da distancia em que se achava no seu ponto, todavia pequena resistencia soffreram, porque o Zumbi e seus principaes companheiros, julgando infallivel a sua captura, se precipitaram corajosamente do alto da collina, preferindo essa morte á escravidão; e os outros, vendo-se entre o pranto e excessivos clamores, foram levados a Pernambuco, onde tirados os quintos pertencentes a fazenda publica, se repartiram os restantes pelos chefes e soldados da expedição, conforme as presas que fizeram quando entraram na fortificação, em a qual nada de precioso se achou, súperabundandó somente o armamento; e os escravos de quem se temiam que outra vez fugissem, e se rebellassem, foram distribuidos por outras provincias, ficando apenas em Pernambuco as mulheres e crianças. »

Terminada a campanha, Bernardo Vieira de Mello voltou para as suas fazendas, havendo prestado valiosissimos serviços, procedendo com tanto valor e distincção, que mereceu justa e valiosa menção dos seus feitos por Sebastião da Rocha Pita, na sua *Historia da America Portuguesa*. Elle foi então incumbido de uma expedição a Ararobá, onde bateu os tapuias, fundou um arraial, e assistiu por quatro annos, sustentando toda a gente que o acompanhava.

Alem das recompensas que o governo conferio a Bernardo Vieira de Mello, taes como o fôro de Cavalheiro Fidalgo da Casa Real, e o posto de capitão-mór da villa de Iguarassú, por tão assignalados serviços, confiou-lhe a administração da capitania do Rio Grande do Norte, com o

titulo de *Governador e Capitão-mór*, por Carta Regia de 8 de Janeiro de 1695. Bernardo Vieira de Mello parte para o Rio-Grande do Norte, toma posse do governo, e durante o espaço que o dirigio, muito contribuiu para o seu augmento e prosperidade. Dentre os serviços prestados a essa capitania, conseguiu subjugar os índios sublevados, que por muito tempo lhe causou grandes males, pelas destruições e damnos que faziam, fez augmentar as rendas da fazenda real, e fundou o presidio do Assú.

Terminada a sua commissão em 1701, voltou á Pernambuco, e foi nomeado commandante do terço de linha do Recife. Bernardo Vieira de Mello já achava-se empossado do seu novo cargo, quando chegou á Pernambuco Sebastião de Castro e Caldas na qualidade de seu governador e capitão-general, de cuja administração tomou posse a 9 de Junho de 1707.

Desde os fins do reinado de D. Pedro II de Portugal, os mascates ou mercadores portuguezes estabelecidos no Recife, se lembraram de o levar a categoria de villa, e transferir para aqui a capital, como um meio de fazer decahir a opulenta Olinda, onde dominava inteiramente a nobreza pernambucana, que os excluia de todos os empregos e representação, plantando-se então o germen da discordia entre brazileiros e portuguezes. Os mascates lançam mão de todos os meios a seu alcance para fazer triumphar a sua causa, corrompem, intrigam, accusam aos pernambucanos de quererem dar o grito de independencia, de tudo finalmente lançam mão. O governador Sebastião de Castro e Caldas, portuguez, acerrimo e apaixonado partidario dos mascates, tornou-se odiado dos pernambucanos, aos quaes tudo era negado, até o sagrado direito da justiça! Já cansados de o soffrer, tentam contra a sua existencia, mas erram o golpe, e elle foge para a Bahia. Estava, pois, plantada a revolta, abria-se o immenso livro dessa guerra, cujas paginas foram escriptas pelos portuguezes com o sangue nobre e generoso dos pernambucanos.

Dado o grito de guerra, Bernardo Vieira de Mello unio-se com o seu terço aos patriotas, demule o pelourinho que se havia levantado no Recife, já com a categoria de villa, e marcha para Olinda onde o senado da Camara e a nobreza deliberavam sobre a fórma de governo a se adoptar. Bernardo Vieira de Mello toma parte no congresso, e propõe que os pernambucanos dêem o grito de republica *ad instar*

dos venezianos, « cortando todas as difficuldades com a pintura dos recursos que haviam, assim para resistirem, como para se retirarem em caso de desgraça, sem lhe esquecerem os mesmos Palmares do recente Zumbi, de que brevemente se havia de aproveitar; conluio afinal, ser melhor em caso de desgraça entregar-se aos polidos e guerreiros francezes, do que servir aos grosseiros, malcreados e ingrattissimos Mascates. »

A discussão durou longo tempo, diz o autor dos *Martyres Pernambucanos*, mas a pluralidade aturdida com a magnitude e audacia do projecto, e estremecendo das consequencias, decidio que se chamasse o bispo D. Manoel Alvares da Costa, e se lhe entregasse o governo em nome de El-Rei, e assim se fez. Assumindo o bispo o governo da capitania aos 15 de Novembro de 1710, Bernardo Vieira pela sua influencia e prestigio, e pela sua dedicação á causa da patria, ficou sendo um dos sustentaculos da nova ordem de cousas, porem mortalmente odiado pelos humilhados Mascates, os quaes juraram a sua perda na primeira reacção de vingança, a qual não se fez por muito tempo esperar.

Rompe finalmente a revolta a 18 de Junho de 1711, pela 1 hora da tarde. Prevenidos, saem em grande numero pelas ruas do Recife, gritando que os pernambucanos se queriam rebelar, dando vivas a D. João V, e morras aos traidores! A este rumor, comparecem immediatamente o bispo governador e o ouvidor geral, que em vão clamavam aos amotinados, que lhes indicassem os traidores para os punir.

Correm á casa de Bernardo Vieira de Mello, e elle ignorando o que se passava, chega á janella e recebe dous tiros que felizmente não lhe acertaram. Tentam invadil-a e o assassinar, mas contiveram-se com o apparecimento do ouvidor Dr. José Ignacio de Aroche, que lhes bradou, que, *o traidor era seu preso, e que somente elle podia e promettia punil-o*, o que realmente fez, conduzindo-o preso para a cadeia, d'onde depois foi transferido para a fortaleza das Cinco Pontas.

Continúa, pois, o imperio dos mascates. O ser pernambucano, era para elles titulo bastante para toda a sorte de perseguições e barbaridades. Depõem o governador, e nomeiam para o substituir ao capitão João da Motta e ao preto mestre de campo do terço dos henriques; desrespei-

tam o venerando prelado, prendem-no, humilham-no, e praticam sobre os vencidos o que ha de mais infame e de mais atroz.

Neste interim, chega a esta provincia o governador Felix José Machado de Mendonça Eça Castro e Vasconcellos, e delegando os mascates os seus governadores, elle lhes respondeu que entregassem o governo ao bispo, legalmente constituido, de quem somente o receberia. D. Manoel Alvares da Costa assume ao governo em 8 de Outubro de 1711, e foi um dos seu primeiros actos mandar soltar a Bernardo Vieira de Mello e aos seus companheiros, victimas dos implacaveis e sanguinarios mascates.

Dous dias depois tomou posse da administração o novo governador, e então começaram as perseguições e o martyrio dos pernambucanos. Bernardo Vieira de Mello prevenido claramente que o horisonte politico ameaçava tolhar-se pela parcialidade das novas autoridades, e considerando no fim que lhes aguardavam, propoz que se refugassem nos Palmares, onde mais facilmente podiam oppor barreiras, e resistir á tyranhia dos mascates.

Porem não foi acceito o seu alvitre, e então deliberou elle partir somente em companhia de seu filho o alferes André Vieira de Mello. Alli chegando foi cordialmente recebido por seu amigo Miguel de Godóes, o qual se poz á sua disposição e efficazmente o coadjuvou na execução do plano que pretendia realisar.

Emquanto Bernardo Vieira de Mello, envidava todos os esforços para fazer triumphar a causa dos Pernambucanos, abria-se a devassa no Recife, os seus irmãos eram insultados, perseguidos e levados ao martyrio. Elle, pois, o mais dedicado á causa da patria, e o mais odiado desse punhado de illustres patriotas, não podia deixar tambem de ser uma das victimas.

Foi, pois, Bernardo Vieira de Mello condemnado na devassa pelo ouvidor João Marques Bacalháu, e sendo ao mesmo tempo accusado por se haver evadido, foi proscripto, assim como seu filho e parentes, incorrendo na mesma pena, todos quantos lhe dêssem asylo.

No dia 27 de Fevereiro de 1712, foi publicado no Recife um bando no qual se declarava os nomes dos condemnados, e as penas em que haviam incorrido. Este bando não só offerencia um premio a quem descobrisse certos pronunciados, como impunha a pena de inconfidente a quem os

asylasse. E entre esses, Bernardo Vieira de Mello, era um dos comprehendidos, e reclamada pelos mascates ou a sua pessoa, ou a sua cabeça.

Estas noticias, diz o autor dos *Martyres Pernambucanos*, fizeram com que o nosso heróe estremecesse pela primeira vez; não por si, mas principalmente pelo seu generoso amigo e companheiro, e cheio de generosidade pernambucana, determinou ir-se offerecer aos tyranos victima voluntaria pela salvação dos innocentes.

Bernardo Vieira de Mello parte dos Palmares, quando ao mesmo tempo partiam do Recife tropas em diligencia para o capturar, e dirigio-se para Porto Calvo, e procurando o capitão-mór dessa villa, José de Barros Pimentel, se entregou á prisão, para que, como a primeira autoridade do lugar dêsse conta ao governador, e do termo com que se sujeitava. José de Barros Pimentel remette immediatamente Bernardo Vieira de Mello para o Recife, sob a guarda de uma forte escolta, e aqui chegou aos 20 de Março de 1712.

« E' incrível o alvoroço, diz o padre Dias Martins, com que os ferozes mascates, os barbaros governador e ouvidor, receberam o terrivel Mello! e muito mais incrível a ferocidade com que era pedida em altos gritos a sua morte de força! Com effeito, distou della uma linha, porque o governador, persuadido de que uma junta de justiça presidida por elle, poderia sentenciar e fazer executar nelle e nos outros cúmplices a pena contra os réus de lesa-magestade, fez convocar os ouvidores de Alagôas e Parahyba, para com o de Pernambuco e juiz de Fóra Carvalho, consumarem a tragedia; porem juntos em primeira sessão de Julho de 1712, estremeceram todos os juizes da responsabilidade para com o Rei, e decidiram finalmente, que se esperasse por insinuação régia. »

Bernardo Vieira de Mello, apenas chegou ao Recife, foi encerrado nos carceres da fortaleza do Brum, e ahi permaneceu até que concluida a syndicancia, foi novamente pronunciado, e remettido para Lishôa, com seu filho André Vieira de Mello, e mais nove companheiros. Ahi chegando, foi recolhido á cadeia do Limoeiro, mas bem poucos dias de vida lhe restavam. Dóente e abatido, consumido de desgostos, tormentos e opprobrios, a luz daquella grande alma foi pouco a pouco se amortecendo, até que esgotado o ultimo alento, apagou-se para sempre!

Bernardo Vieira de Mello, a unica consolação que encontrou no exilio, foi a terna companhia de seu idolatrado

filho, nos braços do qual exhalou o ultimo suspiro. E assim obscuramente acabou esse illustre e benemerito pernambucano longe da patria, por amor da patria.

« Bernardo Vieira de Mello, diz o padre Dias Martins, foi um heróe talhado pela natureza para digno libertador da patria, porem atravessado de malignas circumstancias, cahiu victima arrastrando a patria, parentes e amigos, ao mais doloroso, se bem que muito illustre martyrio. »

Que o sangue desses illustres martyres da liberdade, que abundantemente regaram o sólo desta terra legendaria, possa fazer brotar e fructificar um dia a esplendida arvore da Liberdade!

Braz de Araujo Pessôa. Nasceu em Olinda no anno de 1618. Era filho do capitão Antonio Martins Ribeiro Pessôa, natural de Portugal, rico proprietario, senhor do engenho Garça-torta em Alagôas, onde fundou a matriz de Santa Luzia da Lagôa do Norte, hoje Maceió, e de sua mulher D. Branca de Araujo, natural de Pernambuco, fallecida em Olinda aos 10 de Janeiro de 1622.

Braz de Araujo Pessôa, era neto materno de Fernão Velho de Araujo, natural de Ponte de Lima em Portugal, senhor do engenho Garça-torta em Alagôas, o qual herdára sua mãe, e de sua mulher D. Francisca Paz, filha de Simão Paz e sua mulher D. Leonor Rodrigues, ambos naturaes de Leiria, em Portugal, e dos primeiros colonos que acompanharam ao Donatario Duarte Coelho á esta Capitania.

O capitão Braz de Araujo Pessôa, é um dos heroes da guerra hollandeza, cujo valor e patriotismo, conquistaram-lhe tantos louros e renome, que a historia reverentemente consagra-lhe um lugar de honra no pantheon da patria.

Abraçando a carreira militar, nobilissima carreira a que antigamente se dedicava entusiasticamente a mocidade ávida de gloria e renome, assentou praça de soldado, no começo da guerra hollandeza. Braz de Araujo Pessôa, refere o autor da Nobiliarchia Pernambucana, contava pouco mais de dose annos quando os hollandezes invadiram Pernambuco; mas como era brioso procurou ter parte na restauração de sua patria. Tinha sete annos de serviço no de 1647, em que foi provido no posto de ajudante do terço do mestre de campo Martim Soares Moreno por patente do governador da guerra de 1 de Setembro do dito anno; e como o seu valor e applicação era igual a sua nobreza

passou com brevidade ao posto de ajudante do numero por patente de mestre de campo general Francisco Barreto de Menezes, de 23 de Abril de 1648.

No campo da batalha, galgou Braz de Araujo Pessôa os postos do exercito; e vagando o commando da companhia de infantaria, do terço do mestre de campo André Vidal de Negreiros, « *e convindo provel-a em pessoa de valor, pratica na disciplina militar, e de muita experiencia na guerra, foi elle nomeado para esse posto, por patente de 22 de Agosto de 1654, passada pelo Conde de Atoguia, governador geral do Estado do Brazil, « em consideração ao bem que todas estas qualidades concorrem na pessoa de Braz de Araujo Pessôa, e a satisfação com que me consta haver servido a S. Magestade de muitos annos á esta parte nas guerras deste Estado, e em particular na daquella campanha em praça de soldado, alferes; e ajudante do numero do mesmo terço que actualmente exerce, achando-se em muitas occasiões de peleja, que se offereceram, e ultimamente na da felice restauração do Recife, e procedendo em todas com muita opinião, por cujo respeito o propoz o governador mestre de campo general deste Estado Francisco Barreto, esperando delle, que d'aqui por diante se haverá em todas as suas obrigações com a mesma pontualidade, e em tudo o mais que lhe tocar muito conforme ao seu vencimento »*; vencendo a tensa mensal de quarenta crusados (16\$000.)

Alem deste vencimento, obteve tambem o capitão Braz de Araujo Pessôa, mais um escudo de vantagem sobre outro qualquer soldo, por Provisão de 6 de Dezembro de 1654, passada pelo general Francisco Barreto de Menezes e os mestres de campo João Fernandes Vieira e Francisco de Figueirôa, occupando então o posto de ajudante do terço que passára depois a commandar, « *em attenção ao bem que servira, valor e satisfação com que procedeu nas occasiões da recuperação de Pernambuco.* »

Em 1655 apprehendeu Braz de Araujo Pessôa uma viagem a Portugal, *a tratar de negocios de summa importancia*, e requerendo a respectiva licença ao governador desta capitania o general Barreto de Menezes, este l'ha concedeu a 4 de Maio do mesmo anno, « *tendo respeito á justiça desta causa, e ao bem que tem servido o dito capitão Braz de Araujo Pessôa a S. Magestade de muitos annos a esta parte nas guerras deste Estado do Brazil, e em particular nas desta capitania de Pernambuco, e na recuperação della.* »

Quando se procedeu a reforma geral das tropas que haviam servido na guerra hollandeza, por disposição da real ordem de 11 de Dezembro de 1663, Braz de Araujo Pessôa solicitou a sua reforma, o que obteve por Alvará do conde de Obidos, vice-rei do Estado do Brazil, em data de 14 de Outubro de 1664.

Dessa data por diante, nada mais encontramos sobre a vida do capitão Braz de Araujo Pessôa; cremos que retirou-se á vida particular e recolheu-se á sua propriedade de Paratibe, onde falleceu aos 24 de Fevereiro de 1698, na idade de oitenta annos, e foi sepultado na igreja do convento de S. Francisco da cidade de Olinda. O capitão Braz de Araujo Pessôa, foi cazado com D. Catharina Tavares da Costa.

C

Gaetano Francisco Lumachi de Mello. Nasceu na freguezia de S. Frei Pedro Gonçalves do Recife aos 27 de Novembro de 1773, e foram seus paes Giacomo Lumachi, Capitão de milicias, natural de Liorne e sua consorte D. Maria da Conceição de Mello Barroso natural desta provincia, e descendente de Antonio Feijó de Mello, illustre capitão nas guerras da restauração de Pernambuco do dominio hollandez.

Assentando praça ainda bem jovem, no 2.º regimento da armada real de Lisboa, justificou cadete, mas deixando depois a carreira militar, obteve por alvará de 31 de Janeiro de 1799 a mercê da serventia vitalicia de escrivão da mesa grande da alfândega desta provincia, cargo que exerceu com intelligencia e probidade por espaço de 28 annos.

Obtendo baixa do exercito, Lumachi de Mello entrou no exercicio do seu novo cargo, e mais tarde lhe foi conferida por patente regia a nomeação do posto de sargento-mór das ordenanças formadas na commenda de Trossos e Rossos da sagrada religião de Malta, com licença illimi-

tada para residir em Pernambuco, assim como o habito de Santiago da Espada, em cuja ordem professou, e mais tarde transmutou-se para a de Christo.

O governador Luiz do Rego Barreto, informando em officio de 14 de Outubro de 1818 a sua pretensão relativa a passagem que requeria, da Ordem de Santiago para a de Christo, escreveu estas palavras : « Caetano Francisco Lumachi de Mello é um dos empregados da alfandega desta villa, que tem sempre gosado de uma reputação honrosa ; serve ha muitos annos com exactidão e assiduidade, e já teve a honra de servir a S. M. no extincto 2.º regimento da armada real, e me consta que desde este tempo tem tido sempre uma conducta irreprehensivel, pelo que me parece muito digno da graça que implora. »

Mais tarde, o mesmo governador Luiz do Rego informando uma outra sua pretensão, dizia, servir elle sempre com muita distincção e com muito zelo. Lumachi de Mello representa incontestavelmente o typo do funcionario intelligente e honrado, e foi na phrase do Commendador Antonio Joaquim de Mello, um cidadão reconhecidamente homem de bem, e merecedor da geral estima e respeito, de que inalteravelmente gosou.

Lumachi de Mello não distinguio-se somente como funcionario ; homem intelligente, recebendo uma educação cuidadosa e esmerada, possuindo um optimo cabedal de illustração, o seu nome figura na lista dos escriptores publicos desta provincia, que vem appensa á obra do Dr. Francisco Soares Mariz — *Historia Ecclesiastica Pernambucana* ; mas dos seus escriptos, das suas lucubrações litterarias, nem ao menos noticia podemos obter.

Em 1810 Lumachi de Mello publicou um opusculo em Londres, relativo ao rendimento da alfandega desta provincia em 1808, acompanhado de um mappa demonstrativo da sua importação e exportação, acto este que o fez merecer severa censura do governador Caetano Pinto, *por ser inconveniente demonstrar-se aos estrangeiros, maxime aos inglezes, o estado do nosso commercio, e os dados estatisticos relativos!*

Dirigindo por trez annos a administração da nossa alfandega, de 1822 a 1824, Lumachi de Mello publicou por esse tempo um outro opusculo nesta provincia, documento valioso á sua estatistica commercial, no qual vem minuciosamente demonstrada a importação relativa á esse pe-

riodo, o rendimento da alfandega, o numero de embarcações entradas e sahidas do porto do Recife, e outros dados estatísticos não menos interessantes.

Ao deixar o cargo de inspector da alfandega, ou juiz como se chamava então, logar este que interinamente exerceu, Lumachi de Mello mereceu os mais justos e merecidos louvores pelo modo porque se houve no desempenho dessa missão, e d'entre os officios que então lhe foram dirigidos, notam-se os dos consules da Grã-Bretanha, da Suecia e Noruega, dos Estados-Unidos e da França, louvores estes que traduzem particularmente o seu merecimento, por serem tributados por competentes e insuspeitas autoridades; e d'entre estas manifestações dirigidas ao intelligente e honrado funcionario, seja-nos licito transcrever o officio que lhe foi enviado por Mr. Augusto Mahalin, consul da França, datado de 24 de Novembro de 1824:

« O vivo e sincero sentimento, que tenho da noticia de V. S. deixar o tão melindroso como importante emprego, que, no meio de todas as commoções politicas da provincia; no meio das mais difficeis circumstancias; no decurso de trez annos consecutivos, soube com tanta firmeza e imparcialidade; tanta integridade e acerto desempenhar; faz que não possa deixar de dar ao menos a V. S. um testemunho particular, não direi da minha gratidão, sim de toda a minha nação: não pelos favores, mas pela justiça com que sempre foi servido tão exacto, como benevolo e justo, tratar os meus compatriotas.

« Cessou pelo momento a administração de V. S., mas fica em nossa lembrança a memoria d'ella; e se o meu modo de vêr podesse se tornar um titulo para V. S., não hesitaria a lh'o dar publico, não cessarei de repetir á todos a expressão da nossa commum gratidão.

« Passa a gratidão dos serviços, fica porem a lembrança do bem que se tem feito. E' assim, que, entre muitas outras cousas, a conta da importação e da exportação, ou o balanço do commercio nesta provincia que V. S. talvez o primeiro neste imperio deu ao publico em mappas tão uteis como satisfatorios e instructivos, é um exemplo que V. S. deixa áquelles que hão de o seguir na difficil estrada das suas laboriosas obrigações, e lhe merecerão sempre a gratidão geral do governo, a quem mostrou os verdadeiros recursos da provincia e do ponto á que podiam elles chegar; do povo que fez sabedor da sua posição mer-

cantil com as outras nações, e do meio de a melhorar, dos estrangeiros emfim, a que deve a justa proporção do seu respectivo commercio.

« Queira, Illm. Snr., acceitar as homenagens da sincera estima e perfeita consideração com que preso me dizer, de V. S. o attencioso venerador e criado, *Augusto Mahelin*, consul de França. »

Este valioso documento, franco e sincero pelas suas expressões, e firmado por uma autoridade estrangeira deixa bem traduzir o merito e os serviços daquelle a quem foi dirigido.

Caetano Francisco Lumachi de Mello falleceu no anno de 1827, contando 54 annos de idade, e a sua morte foi noticiada pelos jornaes desta provincia, com muitas expressões de sentimento, e bem merecidos elogios á sua conducta publica e vida particular. Militar na sua infancia, funcionario publico no decorrer da sua vida, por espaço de 28 annos em que occupou um cargo elevado na administração da alfandega desta provincia, elevou-se no conceito publico pela regidez do seu carater, pela sua intelligencia e probidade, por seus serviços e dedicação. Homem de merito, a posição media que occupou na sociedade, não permittiu-lhe deixar mais solidos e elevados documentos do seu merecimento, e os seus escriptos, que muito concorreriam para maior gloria e realce do seu nome, estes mesmos desappareceram no pó do tempo.

Fique assim registrado o nome modesto de Caetano Francisco Lumachi de Mello, como um homem de letras, e como um funcionario publico que fazia da sua profissão um verdadeiro sacerdocio, e como um cidadão reconhecidamente homem de bem.

Caetano Maria Lopes Gama. (Visconde de Maranguape.) Nasceu na cidade do Recife em fins do seculo passado; foram seus paes o Dr. João Lopes Cardoso Machado, e D. Anna Bernarda do Nascimento Gama, seus avós paternos o capitão-mór José Lopes Cardoso e D. Agueda Maria de Souza Machado, ambos portuguezes, e maternos, o sargento-mór Pedro Fernandes Gama e D. Thezera Maria de Jesus, naturaes desta provincia, descendendo pelo lado materno do fidalgo Ayres da Silva Coutinho, morgado de Azurara, e D. Margarida da Gama, filha de D. Vasco da Gama, terceiro marquez de Niza.

Caetano Maria Lopes Gama encetou a sua educação

litteraria no mosteiro de S. Bento de Olinda, onde foi admittido como noviço, no anno de 1805, em observancia ao Aviso Regio de 4 de Março daquelle anno, e, depois de ter estudado alli o curso de humanidades, deixou os claustros da ordem, atravessou o Atlantico, matriculou-se na universidade de Coimbra, e em 1819 voltou á terra natal graduado em direito.

Dedicando-se a carreira da magistratura foi juiz de fóra da villa do Penedo, na provincia das Alagôas, por nomeação de 4 de Abril de 1821, deixando porem este lugar no anno seguinte para tomar conta da ouvidoria da mesma provincia e comarca das Alagôas. Surgiram então os primeiros movimentos da independencia do Brazil, e ahi repercutindo, o jovem Lopes Gama arrojou-se á essa patriótica cruzada com tanto fervor e dedicação, tomou em todos os seus movimentos parte tão activa, e tanto se distinguio entre os que mais trabalharam na obra grandiosa da nossa emancipação politica, que, constituido o governo provisório das Alagôas, em 1822 foi eleito seu presidente. Convocada a assembléa constituinte brazileira, a provincia das Alagôas galardoou os serviços do illustre patriota elegendo-o seu representante, em 1823, á aquella camara, cuja manifestação, não menos honrosa do bom conceito em que era tido entre os seus concidadãos, foi por elle correspondida dignamente.

No dia da coroação de D. Pedro I, foi agraciado com o habito da imperial ordem do Cruzeiro. Dissolvida a assembléa constituinte, Caetano Maria Lopes Gama recebeu a honrosa incumbencia da administração da provincia de Goyaz, por Decreto de 25 de Novembro de 1823, e tomou posse do governo a 14 de Setembro do anno seguinte, dirigindo-a até 24 de Outubro de 1827, quando partiu para o Rio de Janeiro á tomar assento na camara dos deputados como um dos representantes de sua provincia natal. Na administração da provincia de Goyaz, Lopes Gama dedicou-se á trabalhos notaveis sobre a navegação fluvial, especialmente sobre a do rio Tocantins, assim como mereceram-lhe especial cuidado a catechese e civilização dos indios, ao mesmo tempo que regulava a administração do governo e fundava o hospital de caridade de S. Pedro de Alcantara, em cujo salão de honra se vê collocado o seu retrato, ahi inaugurado depois da sua morte, como um tributo da mais justa e louvavel gratidão.

Nomeado desembargador da Relação de Pernambuco, em 1828, auditor geral da marinha no mesmo anno, e em 1829 desembargador da Relação da Bahia, com exercicio na Casa da Supplicação, foi nesse mesmo anno nomeado presidente do Rio-Grande do Sul, por Decreto de 4 de Setembro, e tomando posse da administração a 19 de Novembro, dirigiu-a até 11 de Julho de 1831. Intendente geral da policia da corte em 1830, corregedor do crime no seguinte e juiz conservador dos inglezes em 1833, Caetano Maria Lopes Gama foi em fim ministro aposentado do Supremo Tribunal de Justiça, «havendo sempre gosado a mais bem fundada reputação de juiz recto e integro.»

Éra, porem, tão reconhecida a sua bella intelligencia e o seu profundo civismo, diz um seu biographo, que nem o monarcha, nem o povo, podiam deixar de aproveitar esse illustre varão em altas funções politicas e administrativas. O nome de Lopes Gama tornou-se tão caro á provincia de Goyaz, que em 1829 se apressou ella a elegel-o seu deputado á Assembléa Geral, pelo que houve elle de deixar a provincia do Rio-Grande do Sul, de cuja presidencia se achava então encarregado; e trinta e quatro annos mais tarde, ao chegar alli a triste nova do passamento do illustre brasileiro, foram geraes a dôr e o luto, e não faltaram honras funebres áquelle que a quasi sete-lustros deixára aquella nobre provincia. Semelhantes factos honram ao povo de Goyaz e não menos ao habil administrador, cujo talento e prudencia ninguem jamais poz em duvida, e que na verdade tiveram alli o tempo necessario para se demonstrar em proveito do paiz.

Alagoas, Pernambuco e Goyaz, tinham-se disputado a gloria de serem representadas por Lopes Gama na Camara dos Deputados; e em 1839 o Rio de Janeiro offereceu em uma lista triplice para senador o nome desse distincto varão, que, escolhido por Carta Imperial de 19 de Abril do mesmo anno, foi sentar-se entre os anciãos da patria.

Entrando nesse mesmo anno para o ministerio sendo encarregado da pasta dos negocios estrangeiros, «soube sustentar com vigorosa logica os direitos do Brazil na questão do Oyapock,» em 1847 foi ministro da justiça, no ministerio de 4 de Maio de 1857 occupou de novo a pasta dos estrangeiros, memorando o seu nome notaveis tratados e ajustes celebrados com a republica oriental do Uruguay e com a confederação Argentina, e no gabinete de 30 de

Maio de 1862 tomou parte ainda na alta administração do Estado, sendo-lhe confiada pela segunda vez a pasta da justiça, em cujo desempenho falleceu.

Nomeado presidente das Alagôas por Carta Imperial de 12 de Novembro de 1844, quando essa provincia atravessava a crise da revolução armada dos *Lisos e Cabelludos*, que romperam na administração do seu antecessor Bernardo de Souza Franco, Lopes Gama parte para o seu destino, toma posse do governo a 9 de Dezembro, e entregando-o em Março do anno seguinte, coube-lhe a gloria de haver conseguido a sua pacificação, restabelecendo a ordem publica e o imperio da lei; cumprindo notar, que, partindo para as Alagôas, recebera por ordem do governo a quantia de 20:000\$000, que poderia dispendir muito a seu arbitrio na obra da pacificação da provincia, terminando a sua missão e regressando ao Rio de Janeiro, recolheu aos cofres publicos a quantia de 19:500\$000, dispendendo apenas 500\$ em uma diligencia importante e indispensavel. Distinguido já pelos seus serviços em 1831, recebendo então a carta de conselho, em 1841 agraciado com o officialato da imperial ordem da Rosa, e por Decreto de 5 de Fevereiro do anno seguinte nomeado Conselheiro de Estado, a honrosa incumbencia da pacificação das Alagôas, e os serviços que então prestára conseguindo bom exito em sua missão, tiveram condigna remuneração, e a 23 de Fevereiro de 1845 o Imperador premiava esse serviço extraordinario, dando a Lopes Gama a grande dignitaria da imperial ordem da Rosa; e mais tarde, por Decreto de 2 de Dezembro de 1854, conferia-lhe o titulo honorifico de Visconde de Maranguape, com as honras de grandeza.

Fazendo parte do ministerio de 30 de Maio de 1862, occupando a pasta da justiça, « o Visconde de Maranguape pôde apenas acudir á voz do Imperador, que o honrava com a sua confiança; na mesma hora em que o novo ministerio apresentava o seu programma a camara temporaria, o veterano da independencia, o velho patriota, o leal, honesto e infatigavel servidor do estado, cahia em uma das salas contiguas ao recinto do parlamento atacado de uma apoplexia, como um guerreiro no campo da batalha. »

Caetano Maria Lopes Gama, Visconde de Maranguape, senador e grande do imperio, conselheiro de estado ordinario, fidalgo cavalheiro da casa imperial, grande dignitario da imperial ordem da Rosa, commendador da de Christo, official da do Cruzeiro, gran-cruz da ordem de S. Januario

de Napoles e imperial ordem turca de Medjdié de primeira classe, membro honorario da Academia de Archeologia da Belgica, do Instituto historico e Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, do Rio de Janeiro, e de outras associações scientificas e litterarias nacionaes e estrangeiras, falleceu no Rio de Janeiro aos 21 de Junho de 1864, e foi sepultado no dia seguinte no cemiterio de S. João Baptista, com todas as honras devidas aos altos cargos que occupava e aos titulos honorificos que possuia.

Depois de ter subido ao mais alto gráu da magistratura, depois de ter sido quatro vezes eleito deputado, quatro vezes chamado ao ministerio, trez vezes ao governo de provincias, depois de ser senador do imperio e conselheiro de estado, o Visconde de Maranguape, na phrase do Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo, morreu sem deixar um inimigo. Integro, severo no cumprimento dos deveres dos cargos e empregos que occupou, era bom, ameno, e cheio de benevolencia em suas relações particulares: nenhum amigo mais fiel, nenhum coração mais dedicado. E ainda mais: depois de ter fruido todas essas grandezas sociaes, depois de ter subido tanto quanto pôde um simples cidadão, o Visconde de Maranguape morreu pobre. O lençol da pobreza é uma mortalha sublime quando cobre o cadaver do homem que foi um dos grandes do imperio. E assim passou á posteridade o nome respeitavel e sympathico de Caetano Maria Lopes Gama; era um dos ultimos paladinos que nos restavam da gloriosa phalange da independencia; o baque mortal de cada um desses nobres representantes da epocha heroica, é sempre repetido em doloroso echo no coração da patria agradecida.

Carlos Ferreira. Nasceu na segunda metade do seculo XVII, e assentou praça de soldado a 19 de Dezembro de 1677. Por occasião da guerra dos Palmares, em 1683, Carlos Ferreira marchou como cabo de uma esquadra de vanguarda, e foi incumbido de cercar e bater os negros aquilombados pelas hostilidades que faziam aos moradores de Porto Calvo e Alagôas, conseguindo desalojar-os da posição fortificada que occupavam no oiteiro da Barriga.

Prestando mui valiosos serviços nessa expedição, assim como no arraial que se levantou no sitio de Mandahú, foi depois nomeado cabo de uma força de vinte e cinco homens para atacar e se apossar de um sitio em que os negros tinham uma roça, e, apesar de marchar até ahi apenas

com cinco por ter sido abandonado pelos outros em meio caminho, sustentou briosamente uma luta desigual, em numero, com os negros que guarneciam o dito sitio, cujo numero constava de quarenta, conseguindo vencel-os pela superioridade das suas armas e valentia dos poucos soldados que o acompanharam.

No ataque da serra da Barriga, Carlos Ferreira foi um dos primeiros assaltantes que conseguiram chegar ao portão da estacada, saltaram dentro, desalojaram os negros e lançaram fogo em sua fortificação. Terminada a guerra da republica dos Palmares, Carlos Ferreira fez parte da expedição incumbida das obras de fortificação da Parahyba Merim, onde esteve por espaço de cinco annos, e foi por diversas vezes incumbido de descobrir o campo. Depois, fez parte da expedição da serra do Jacaré no alto sertão desta capitania, e recolhendo-se então ao Recife, foi incumbido de outras commissões, entre ellas perigosas e difficéis diligencias, para effectuar a prisão de criminosos, *que satisfizes com distincção e grande risco de vida.*

Em 1694 embarcou com o soccorro de tropas que o governador desta capitania Marquez do Monte Bello mandou ao mestre de campo do terço dos Palmares, Domingos Jorge Velho, e no seguinte tornou a embarcar em demanda de uma balandra de piratas que infestavam a costa desta capitania, seguindo logo em 1699 para o reino de Angola commandando uma leva de soldados que daqui marchou em soccorro daquella praça, *servindo-os a sua custa, e havendo-se quer na viagem como em tudo o mais, com zelo e honrado procedimento.*

Por taes serviços, pela sua dedicação e merecimento, Carlos Ferreira de simples soldado, foi subindo aos postos de sargento, alferes, tenente e finalmente ao de capitão de infantaria do terço da praça do Recife, por patente Regia de 22 de Janeiro de 1700. Mais tarde, em 1710, quando rompeu a guerra dos Mascates, Carlos Ferreira occupava ainda o mesmo posto de capitão, e servia então no terço de infantaria de linha da cidade de Olinda. Valente pernambucano, diz o Padre Dias Martins, leal e dedicadamente seguiu a causa da patria e da nobreza nas suas querellas contra os Mascates e o seu protector o governador Sebastião de Castro e Caldas, e no levante que fiseram em 18 de Junho de 1711, foi elle a causa de muitos triumphos da nobreza sobre os mesmos.

Atacado inopinadamente o presidio da Bôa-Vista pelos Mascates em 27 de Junho, conseguindo elles fazer alguns prisioneiros, e derramando-se então geral pavor, foram intrepida e corajosamente batidos por Carlos Ferreira. Seguia elle do seu arraial para a cidade de Olinda, quando em meio caminho ouve as descargas do combate, e immediatamente volta em socorro dos seus companheiros; e quando elles por um lado oppunham seria e heroica resistencia aos mascates, Carlos Ferreira por outro ataca-os com tanta *intrepidez e bizarria*, que o inimigo collocado entre dous fôgos, retirou-se em vergonhosa debandada, perdendo na acção sessenta homens. Carlos Ferreira, a quem coube os louros da victoria, recebeu então a nomeação de commandante do arraial da Bôa-Vista, assim como das estancias annexas de Olarias, Sacco e Conceição. Um outro feito que immortalizou o nome de Carlos Ferreira, teve lugar a 9 de Agosto de 1711. Atacado o arraial de Santo Amarinho nesse dia por uma força de quatrocentos homens, e quando no fervor da peleja a victoria apresentava um aspecto duvidoso ás armas pernambucanas, appareceu o intrepido Carlos Ferreira á frente de suas tropas, accommette o inimigo e o obriga a deixar o campo abrigando-se immediatamente sob as baterias da fortaleza do Brum, com perda de varios mortos e feridos.

Por estas e outras proesas, diz o autor dos *Martyres Pernambucanos*, bem merecia Carlos Ferreira, alem da estima geral da nobreza, o amor e a admiração de seus patricios, melhor premio da fortuna; todavia, por occasião da invasão dos tyrannos, foi dos primeiros punidos e punido duas vezes. A primeira, e mais dolorosa para o brio pernambucano, foi ver-se obrigado a demolir com os seus bravos soldados as trincheiras da Bôa-Vista, monumento da sua gloria; a segunda, ser pronunciado na devassa do syndicante Cotia, preso e lançado nos carcereiros das Cinco Pontas.

A humilhação imposta a Carlos Ferreira para com os seus soldados desmanchar a trincheira da Bôa-Vista, foi um dos primeiros actos do parcial governador Felix Jose Machado, logo que assumiu as redeas da administração da capitania, lançando mão de um aleive, quando sò tinha por fim ser agradavel aos Mascates e abater os brios dos soldados pernambucanos.

A 14 de Janeiro de 1714, quando as prisões e perseguições estavam no seu auge, Carlos Ferreira cahiu nas mãos

dos seus crueis inimigos, e o remetteram para a fortaleza das Cinco Pontas, onde iam parar todos os presos, por ser esta prisão a mais rigorosa, estreita e abafada, sendo o numero dos presos muito superior ás suas proporções, mais ahí recolhidos *afim de que assim, uns aos outros servissem de aperto e de tormento.*

Notificado para embarcar, em um dos navios da frota que estava á partir em viagem para Portugal, Carlos Ferreira seguiu para bordo acompanhado de muitos outros companheiros de martyrio e infortunio, todos em grilhões feitos á molde de tormento, *porque não tinham mais de um palmo para impedir o andar, sendo o ferro quadrado e farpado para ferir, e os élos tão justos que fazião inchar as pernas.* Chegando porem antes de partir a frota um navio de Portugal trazendo o decreto de perdão aos compromettidos na revolta, Carlos Ferreira obteve a sua liberdade, e entrou na posse dos seus bens, fóros e regalias.

Sem mais outros dados sobre a vida e feitos de tão illustre e benemerito patriota, o que deixamos consignado constitue sem duvida titulos de illustração e benemerencia, e um nome honroso áquelle que tão briosa e heroicamente os praticou.

D. Frei Carlos de S. José e Souza. Nasceu na cidade do Recife, aos 4 de Novembro de 1777, foram seus progenitores Carlos José de Souza e D. Maria Machado Freire.

Frei Carlos fôra destinado por seus pais á carreira das armas; e quando apenas tinha concluido o seu curso de rhetorica e latim, elles o coagiram a assentar praça no exercito. Mas a sua nenhuma vocação para essa carreira, o seu ardente desejo de pertencer a uma outra milicia, a milicia de Deus, triumpharam por fim, e seus pais acce-deram em dar o seu consentimento a que elle abraçasse a vida sacerdotal.

Aos 4 de Dezembro de 1797, entrou o jovem Carlos nos claustros da Ordem Carmelitana, no convento do Recife, e vestio o habito do seu instituto; e depois de haver terminado o seu curso, feito não só neste convento, como no Seminario Episcopal de Olinda, recebeu ordens sacras e cantou a sua primeira missa na igreja do mesmo convento. Entre as sciencias a que mais se dedicou Frei Carlos, notava-se a geometria, a philosophia e a historia natural; e nesta tanto se aperfeiçoou e tão insigne se tornou, que

não duvidou responder conclusões publicas na igreja da Congregação da Madre de Deus, merecendo grandes applausos, justos e merecidos louvores.

Dotado de vigoroso talento e de illustração não vulgar, foi-lhe incumbida em seu convento a regencia da cadeira de philosophia e depois a de theologia moral. Que profundos conhecimentos não mostrou o padre Frei Carlos, diz um seu contemporaneo, que erudição não apresentou aos seus discipulos, não só religiosos, como seculares! Que immensidade de pessoas não beberam delle as maximas philosophicas e geometricas!

Na sua ordem, occupou Frei Carlos os cargos de mais confiança e importancia, justa, merecida e honrosa distincção conferida por seus irmãos, como homenagem ás suas virtudes e sabedoria. Frei Carlos conquistara taes triumphos, adquirira tanta fama pelos seus meritos scientificos, que tornara-se grande de mais para o pequeno e limitado espaço dos claustros. Bem como o perfume das flores denunciam da sua existencia, ainda que occultas, assim resplandeciam os meritos e as virtudes de Frei Carlos, por sobre a sua excessiva modestia e retrahimento.

Quando o Nuncio Apostolico Arcebispo de Nissibi teve de nomear um visitador da Ordem do Carmo, em Pernambuco, Frei Carlos foi um dos religiosos indicados como na altura de bem desempenhar tão importante cargo e mereceu as honras da nomeação por Breve de 6 de Novembro de 1809. A sua intelligencia e inteireza no desempenho deste arduo emprego ainda mais saliente tornaram o quilate do seu merecimento, e tanto que por diversas vezes mereceu elogios daquelle arcebispo, que não era prodigo em tel-os.

Frei Carlos foi tambem um orador distincto, e por muitas vezes occupou a tribuna sagrada, e em que se distinguio como um dos principaes oradores do seu tempo, eloquente e arrebatador, por sua expressão suave e fluida, fervida e brilhante ao mesmo tempo, que a si mesmo inflamava, e ao auditorio, que admirado o ouvia. Ainda se lembram os seus contemporaneos, diz um seu biographo, da mysticidade e unção de seus sermões quaresmaes, em que sabia tão bem casar a colera de um Deus justiceiro com a bondade de um pai misericordioso; e ainda se não esqueceram de seus arroubos, quando tecia o panegyrico de sua excelsa padroeira a Virgem do Carmelo, em cuja occasião, nadando-lhe os olhos em lagrimas, com a voz tre-

mula e o corpo agitado pelo enthusiasmo, enchia de firme crença ao seu auditorio, que extasiava com a narração das sublimes qualidades da Mãe de Deus e dos homens. Então era a sua linguagem, de ordinario, pausada e macia, fluida, fervida e brilhante, o seu accento imponente, o seu todo insinuante.

Quando em principios de 1832, D. João da Purificação Marques Perdigão, bispo eleito desta diocese, seguiu para o Rio de Janeiro afim de receber a sua sagração episcopal, Frei Carlos foi um dos trez sacerdotes escolhidos por esse prelado, para em sua ausencia reger a diocese de Olinda, em cujo governo com os seus dous collegas os padres Domingos Affonso Germano Regueira e Francisco José Tavares da Gama, se conservou até o anno seguinte, quando voltou o bispo D. João.

Frei Carlos não só gozou de consideração e honrosas distincções por parte dos seus prelados, como tambem do governo. Elle occupou com disvelo e sabedoria o cargo de directer do Collegio dos Orphãos de Olinda, para o qual foi nomeado a 2 de Abril de 1835 e na reforma que fez o governo no plano dos estatutos do Lyceu do Recife no anno de 1841, foi incumbido da regencia da cadeira de philosophia, e depois, em 1843, passou a assumir a direcção desse mesmo estabelecimento. Frei Carlos tambem exerceu o cargo de examinador synodal do bispado, cargo de grande importancia pelos conhecimentos e illustração que requer da pessoa que o desempenha, sobretudo em theologia, sciencia em que elle era versadissimo.

Eis, pois, o sacerdote virtuoso e exemplar, o sabio preceptor da mocidade, o orador cheio de eloquencia e inspiração, o theologo e philosopho profundo, que, vagando a diocese do Maranhão pela morte do seu prelado D. Marcos Antonio de Souza, mereceu do governo imperial a honrosa distincção de ser apresentado ao Summo Pontifice para bispo daquella diocese. O *Diario de Pernambuco* dando noticia da apresentação de Frei Carlos para bispo do Maranhão, disse o seguinte em artigo editoria: l

« O Rvd. Snr. Frei Carlos de S. José, digno irmão do Exm. e Rvm. Bispo de Chrysopolis, é um dos ornamentos da Ordem dos Carmelistas do Brazil e occupa um lugar mui distincto entre os ecclesiasticos de todo o imperio: elle honra esta ditosa provincia que o vio nascer e tem testemunhado a brandura de coração e a prudencia com que este illustrado ministro da religião se houve tanto ne

governo interino do bispado, como na direcção do Collegio dos Orphãos, onde plantou a economia, a instrucção, a ordem e a obediencia, sem faltar aos infelizes educandos com os desvellos de um carinhoso pai. Por consultar ao bem de sua saúde viu-se obrigado a deixar aquelle estabelecimento, acceitando a cadeira de logica do Lyceu desta cidade: seus talentos e virtudes o chamaram ao lugar de director do mesmo Lyceu, que teve de sentir tão depressa a sua falta. O governo de S. M. o Imperador não podia dar á igreja maranhense um prelado mais digno. O bem de que ella vai gozar, indemnizará a provincia de Pernambuco da ausencia deste ancião venerando, que tão bons serviços lhe prestava. »

A eleição de Frei Carlos para bispo da diocese de S. Luiz do Maranhão, foi unanimemente saudada e applaudida por todos que o conheciam e que sabiam apreciar os seus meritos, o seu talento e illustração, e as suas eminentes virtudes e qualidades. Eleito por Decreto Imperial de 13 de Maio de 1843, apresentado por Carta de 3 de Outubro do mesmo anno e proclamado em Consistorio de 22 de Janeiro de 1844, foi dous dias depois confirmado por Bulla do Summo Pontifice Gregorio XVI.

Placitadas as Bullas de sua confirmação por acto do governo Imperial de 16 de Março de 1844, recebeu D. Frei Carlos o oleo santo da sua sagração episcopal, ministrado pelo bispo desta diocese D. João da Purificação Marques Perdigão e assistido pelo bispo resignatario D. Thomaz de Noronha e por Frei João de Santa Isabel Pavão, provincial da sua ordem, aos 2 de Junho de 1844, na igreja do convento de Nossa Senhora do Carmo do Recife. Foi esse acto solemnissimo, não só pela pompa do seu ceremonial e pelas galas que ostentava o templo, como tambem por ser o primeiro e unico até esta data, que testemunhou os habitantes desta capital.

Partindo de Pernambuco com destino a sua diocese aos 19 de Junho de 1844, aportou ás plagas maranhenses no dia 25 do mesmo, e trez dias depois fez a sua entrada solemne na cidade episcopal de S. Luiz, tomou posse do governo de sua diocese e no fim deste acto concedeu 40 dias de indulgencia. Bem curto, porém, foi o governo de D. Frei Carlos na igreja do Maranhão. Apenas por 3 annos recebeu o seu rebanho a direcção espiritual de tão carinhoso e sabio pastor. « Mas, se curta foi a sua estada no

meio do rebanho, diz o padre Peixoto de Alencar, grandes foram os bens espirituaes que lhes deixou pelo exemplo edificante de suas virtudes e de suas letras. »

Conta-se, não sei com que fundamento, diz o mesmo padre, um factó ácerca deste prelado, que, a ser exacto, mostra bem a delicadeza de sua consciencia. Correu, que elle, não sei porque equívoco, ordenara a um religioso de Pernambuco, talvez do seu mesmo convento, faltando alguma das formalidades exigidas pelos canones, o que reconhecendo elle depois do acto da ordenação, deu-se immediatamente por suspenso, e assim permaneceu por tempo de 1 anno. Seja ou não verdadeiro o factó, a verdade é, que elle por algum tempo não se quiz prestar a ordenar os diocesanos de outros bispados, que iam com demissorias para elle, e que eram então ordenados pelo bispo resignatario, D. Frei Joaquim, Conde de Arganil, que alli já se achava desde o tempo de D. Marcos.

Velho e alquebrado, curvado ao peso de gravissima molestia, o illustre e venerando septuagenario volta áos patrios lares, a recobrar as perdidas fôrças em clima mais accommodado aos seus males, e deixa para sempre a sua diocese, o seu querido rebanho. Obtendo a necessaria licença do governo, por 6 mezes, parte D. Frei Carlos do Maranhão, e aos 23 de Julho de 1847 aporta á cidade do Recife e recolhe-se ao seu convento. E os seus males cada vez mais se agravando, a morte o surprehende, e elle exhala o derradeiro suspiro aos 3 de Abril de 1850. Os seus irmãos religiosos fizeram-lhe as suas solemnidades funebres, e no dia seguinte inhumaram os seus restos mortaes em uma sepultura na parede da capella-mór da igreja do convento do Carmo do Recife, no lado do Evangelho, sobre a qual collocou em 1864 o Rvm. Provincial D. Frei Jorge de Sant'Anna Locio, uma pedra de fino marmore, corôada por uma mitra, onde também se ostenta o baculo e a cruz pastoral, na qual se gravou esta inscripção :

Aqui jaz

D. Frei Carlos de S. José e Souza

Religioso Carmelita deste convento

E depois bispo da diocese do Maranhão

Nasceu a 4 de Novembro de 1777

Falleceu a 3 de Abril de 1850.

Mandado erigir por seus irmãos religiosos.

D. Frei Carlos de S. José e Souza, morreu aos 73 annos de idade, dos quaes 47 se passaram em vida religiosa e 6 no episcopado. A sua livraria, 4:000\$000 de rs., e mais objectos, legou ao Seminario Episcopal de S. Luiz; 300\$000 rs., e o producto dos moveis e roupas do seu uso, para os pobres da sua diocese; e ao convento do Carmo do Recife, além da quantia de 1:000\$000 de rs., legou a sua cruz pastoral, para que nos dias da festividade de S. Elias lhe servisse de ornato. Na vida desse illustre e virtuoso prelado, deram-se coincidencias bem singulares relativas ao seu convento do Recife. Na capella-mór da sua igreja, tomou o habito de religioso; nella professou; nella cantou a sua primeira missa; nella se sagrou bispo; nella conferio ordens de Presbytero; e nella finalmente foram sepultados os seus restos mortaes!

D

D. Diogo Pinheiro Camarão. Nasceu no primeiro quartel do seculo XVII. Era filho de Francisco Pinheiro Camarão e sobrinho do magnanimo heroe D. Antonio Felippe Camarão, tão celebre nos annaes da guerra hollandeza.

D. Diogo Pinheiro Camarão, pertencia a raça indiana, e seguiu a carreira militar, e como seu tio, foi um cabo de grande merecimento e distincção. A guerra da restauração desta provincia do dominio batavo foi o theatro do seu heroismo e das suas façanhas, pelas quaes galgou todos os postos até o de capitão-mór governador dos indios.

Os serviços prestados por D. Diogo Pinheiro Camarão acham-se consignados na Carta Régia de 22 de Junho de 1672, em attenção aos quaes confirmou El-Rei a patente de seu filho D. Sebastião Pinheiro Camarão, pela qual vê-se, que, tomara elle parte na guerra hollandeza « *eparticularmente na briga do Rio S. Francisco, e tomada da força em que o inimigo estava retendo, afóra outras que ajudou a render; nas entradas que se fizeram pelo sertão, e assalto*

do districto da Parahyba; e nas duas batalhas dos Guararapes se assignalou de maneira a ser dos que primeiro investiram, que foi accrescentado ao posto de capitão-mór do terço; e se achou outro sim na recuperação das Fortalezas do Recife, fazendo juntamente muitas entradas na campanha do Rio-Grande, em que teve varios recontros com o inimigo, procedendo com tanto valor, que na occasião em que se recuperou Pernambuco se lhe fez mercê de uma commenda de lote de 60\$. »

E aquelle que tantos serviços prestára, como reconhecia o próprio monarcha, e que conquistára o glorioso nome de heróe nos campos da batalha, via-se pouco tempo depois do acabamento da guerra sem meios de subsistencia!

Em 1661, requereu D. Diogo e o seu tenente Antonio Pessoa ao governador e capitão-general desta capitania, Francisco de Brito Freire, que, *como pai e supremo senhor os favorecesse, pondo os olhos nos serviços que elles tinham feito a S. Magestade, visto estarem passando algumas misérias, á falta de cabedal, e para remediarem de vestir as suas mulheres e filhos, lhes pedia mandar-lhes licrar o que fosse servido para os remediarem.* Eis como se remunerava os heróes da guerra hollandeza, que acabavam de doar a Portugal a mais rica e importante joia que fulgurou em sua corôa!

Henrique Dias morreu na miseria e o seu enterro fôï feito por esmola á custa da fazenda real! Aos officiaes e soldados não pagavam os seus soldos, e a alguns que impertinentemente requeriam os seus pagamentos, recebiam não em dinheiro, mas em fazendas, e isto mesmo não correspondia ao que se lhes devia! Vejamos, porem, o despacho que á petição de D. Diogo deu o governador Brito Freire em data de 23 de Maio de 1661: « Convindo ao serviço de S. Magestade conservar os indios que tem o capitão-mór D. Diogo, para cujo effeito é necessario fazer-lhe os favores possiveis, como tambem para que dê os indios que bastarem para formar uma aldeia no districto da villa de Serinhaem, para opposição dos negros levantados, que continuamente salteiam aquelles moradores, foi ordenado que se dê ao dito capitão-mór 100 cruzados em fazendas, ao seu tenente 60 cruzados e ao ajudante do tenente 25 cruzados, por conta de seus soldos. »

Em 1648, por morte de seu tio D. Antonio Felippe Camarão, foi D. Diogo promovido do posto de sargento-mór ao de capitão-mór commandante do terço dos indios. O

capitão-mór D. Diogo Pinheiro Camarão, gozava pelos seus merecimentos, de grande nomeada e confiança do monarcha; e foi assim que elle em carta de 21 de Julho de 1672 recommendou ao governador geral do Brazil que ordenasse ao governador de Pernambuco que não propozesse para as aldeias official algum, sem que precedesse primeiro informação de D. Diogo. Tal foi em largos traços a vida desse heróe que tanto illustrou com o seu valor e patriotismo o nome dessa provincia que lhe dera o berço. A historia celebra os seus feitos guerreiros e tece a corôa das suas glorias, e perpetúa a memoria do seu nome em seus annaes. D. Antonio Felippe Camarão teve em seu sobrinho o capitão-mór D. Diogo Pinheiro Camarão, um digno successor e tão illustre quanto elle. D. Diogo Pinheiro Camarão falleceu no anno de 1677.

Domingos Malaquias de Aguiar Pires Ferreira, Barão de Cimbres. Nasceu na villa hoje cidade do Recife aos 3 de Novembro de 1788, sendo seus progenitores José Estevão de Aguiar, natural de Lisbôa, e D. Maria do Sacramento Pires Ferreira, natural desta provincia.

Tendo por primeiro preceptor seu proprio pae, que exercia a profissão de negociante na praça do Recife, Domingos Malaquias aprendeu com elle o portuguez, e já aos 10 annos de idade sabia ler, escrever e contar correntemente, de tal sorte que então o ajudava escrevendo nos livros de sua casa commercial. Attingindo, porém, a idade de principiar os seus estudos secundarios, entrou no Seminario Episcopal de Olinda a 4 de Fevereiro de 1804, e no decurso de trez annos em que frequentou esse estabelecimento litterario, obteve instrucção solida e variada, estudando o francez, grego e latim, rhetorica, philosophia e geometria, dezenho e musica.

Terminando em 1807 o tirocinio de sua carreira litteraria, Domingos Malaquias seguiu para Portugal, e matriculou-se na faculdade de mathematicas da universidade de Coimbra. Coincidindo porém, a epocha dos seus estudos academicos com a invasão franceza em Portugal, e fechando-se por esse motivo a universidade, Domingos Malaquias que então cursava o segundo anno vê-se forçado a interromper os seus estudos e a voltar para Pernambuco. Não obstante esta difficuldade, elle não desanimou, e em 1811 tomava de novo o rumo da Europa á continuar o seu curso mathematico na Inglaterra; porém ahi encontrou

um obice ainda mais insupportavel--diferença de religião. E assim, não podendo matricular-se em nenhuma das universidades da Inglaterra, regressa á esta provincia, e pouco tempo depois da sua chegada é incumbido pelo governador Caetano Pinto de Miranda Monte Negro de importante trabalho, em cuja commissão se occupou por alguns mezes na secretaria do governo, negando-se a receber a remuneração que lhe fôra offerecida.

Descontente pelas insuperaveis difficuldades que encontrou no caminho de sua vida academica, Domingos Malaquias dedicou-se a vida agricola, e foi trabalhar de lavrador nas terras do engenho Macahú, porém recebendo em 1816 a nomeação de adjunto do administrador da estiva da alfandega desta provincia, cargo este que exercia seu tio materno o Dr. João de Deus Pires Ferreira, deixou a charrua de lavrador, e veio tomar conta do cargo que lhe fôra confiado. Rebentando no anno seguinte a revolução de 6 de Março, Domingos Malaquias adheriu a sua causa, e nomeado secretario e interprete da legação ou embaixada mandada aos Estados-Unidos á entabolar negociações e comprar armamentos, elle abandonou o seu lugar, e retirou-se para America. Ahi demorando-se um anno, viajando e instruindo-se, e não podendo voltar á Pernambuco em virtude da perseguição votada aos patriotas comprometidos na revolução, partiu para a Inglaterra, e depois seguiu para a França, onde fez o curso de sciencias naturaes no *Collegio de França* e no Jardim das Plantas.

Em 1820 já Domingos Malaquias estava de volta em Pernambuco, e recebeu então por consorte a sua prima D. Joaquina Angelina Pires Ferreira, filha de seu tio o Dr. João de Deus Pires Ferreira. Decretadas as côrtes constituintes de Portugal, e procedendo-se a eleição dos deputados por esta provincia no dia 7 de Maio de 1821, Domingos Malaquias foi um dos que recebeu a significativa honra de tão alta missão, tendo já recebido outra não menos importante, qual a de eleitor pelo circulo do Recife, na respectiva eleição celebrada em 31 de Abril do mesmo anno. Seguindo para Portugal com os seus companheiros de deputação, Domingos Malaquias tomou assento no congresso de Lisboa, d'onde voltou em 1823 com a consciencia de não ter poupado esforços para bem desempenhar o honroso mandato que lhe fôra conferido, encontrando então a sua patria constituida em nação independente, e livre da tutela de Portugal.

Dando-se uma nova organização administrativa ás provincias do constituido imperio, Domingos Malaquias foi incumbido da presidencia das Alagôas por Decreto de 25 de Novembro de 1823, cargo que não acceitou, e nomeado no anno seguinte inspector da Alfandega desta provincia, cujo cargo passou a exercer, deixando-o pouco depois, e seguiu para o Rio de Janeiro na qualidade de deputado a assembléa geral legislativa, em cuja camara, a integridade de character, prudencia e tino politico predominaram no distincto parlamentar. Nomeado por portaria de 11 de Abril de 1837 director do troco do papel moeda pelas notas do nosso padrão, emprego este, que requeria illibada consciencia, fidelidade e prudencia na pessoa que o exercesse, Domingos Malaquias, possuindo todos estes requisitos e o exercendo sem remuneração alguma, «portou-se de um modo condigno com o alto apreço que d'elle se fazia, sahindo airoso e limpo de um tão espinhoso emprego, cujas funcções foram prognosticadas como causa de muitos tropeços e deslustre.»

Nomeado por duas vezes vice-presidente desta provincia, a primeira em 7 de Janeiro de 1842, em quarto lugar, a segunda por Carta Imperial de 2 de Junho de 1848, em primeiro, por duas vezes tambem exonerou-se desse cargo; em 28 de Junho de 1847 e em 1855; e durante esse periodo, teve occasião de dirigir a administração da provincia por uma vez, servindo de 17 de Junho a 15 de Julho de 1848, «e nesta occasião empenhou-se para não decahir do alto pedestal a que o tinham elevado sua illibada conducta e reconhecido merito. Se tropeçou, foi involuntariamente e arrastado por circumstancias imperiosas, que não estavam em seu poder adivinhal-as.» Foi na sua curta administração que se deu o lamentavel acontecimento da rua da Praia, hoje Pedro Affonso, nos dias 26 e 27 de Junho de 1848, motivado pelo ferimento de um estudante do Lyceo Pernambucano, feito por um portuguez morador naquella mesma rua, cujo factó deu logar aos conflictos e desordens desses dias, em cuja situação, a attitudo e prudencia de Domingos Malaquias, as suas ordens e providencias, conseguiram o restabelecimento da ordem e tranquillidade publicas; e ao deixar a presidencia, a Associação Commercial dirigiu-lhe um honroso officio de agradecimento e felicitação, pela sabia e prudente maneira com que se portou em tal situação.

Domingos Malaquias de Aguiar Pires Ferreira mere-

ceu pelos seus serviços e elevado merecimento, inequívocas e honrosas manifestações de distincção e apreço, quer do governo imperial, como dos seus conterraneos. Condecorado com a commenda da ordem de Christo em 20 de Outubro de 1829 e com o officialato da Rosa em 20 de Abril de 1849, foi galardoado com o titulo de Barão de Cimbres por Decreto de 2 de Outubro de 1855, sendo-lhe concedida as honras de grandeza por Decreto de 2 de Dezembro do anno seguinte, possuindo entre outros titulos o de socio honorario da Associação Commercial desta provincia e os de effectivo da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, e da Instrucção primaria, ambas do Rio de Janeiro.

O Barão de Cimbres falleceu aos 10 de Dezembro de 1859, na idade de 71 annos, honrado e respeitado pelos seus serviços, e coberto das honras e grandezas que inspiram os grandes feitos de patriotismo, distincção e civismo. O que foi o Barão de Cimbres, os titulos de nobresa e magnanimidade que engrandeciam e exaltavam o seu vulto, o seu merecimento e as suas qualidades, os seus eminentes serviços e dedicação á causa da patria, resumem e exaltam este bello soneto que lhe foi offerecido ainda em sua vida, e publicado no *Diario de Pernambuco* de 6 de Outubro de 1849:

Prudencia, rectidão, saber, candura,
Valor, religião, patriotismo,
Altas virtudes proprias do heroismo,
Exhornam com primor tu'alma pura.

Teu coração heroico só se inspira
Em a patria salvar do nêgro abysmo,
Dar-lhe mais esplendor, mais brilhantismo,
E seu nome elevar á immensa altura.

Malaquias preclaro, ufano exulta!
De tão nobres acções ingente gloria
Da fama nos annaes brilhante avulta!

Teu nome adorna do Brazil a historia;
E o tempo que voraz o bronze insulta,
Submisso acatará tua memoria!

Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto, Barão de Iguarassú. Nasceu aos 14 de Agosto de 1790. Luiz Ribeiro dos Guimarães Peixoto e sua consorte D. Josepha Maria da Conceição Peixoto, foram seus paes.

Em Pernambuco fez Luiz Ribeiro dos Guimarães Peixoto o curso de humanidades, e tendo de seguir o sacerdocio da medicina, carreira de suas aspirações e vocação, começou a praticar nos cursos de cirurgia dos hospitaes desta capital, até que em 1810 partiu para o Rio de Janeiro, matriculou-se na escola medico-cirurgica, e entrou como alumno interno no hospital militar da côrte. Na escola ostentou Guimarães Peixoto todo o vigor do seu talento, pelo gosto e dedicação nos estudos das sciencias que compunham o curso de medicina, e tal foram as provas, aproveitamento e distincção que obteve no curso de anatomia e physiologia, que apenas concluindo-o foi designado por seus mestres para leccionar estas materias aos pensionistas que o principe regente D. João mandára vir das possessões da Africa. Guimarães Peixoto servio zelosa e gratuitamente o honroso mandato que lhe fôra confiado, representando cumulativamente o papel de mestre e de discipulo, quando aos 12 de Maio de 1812 a escola lhe conferio a carta do cirurgião.

Formado em cirurgia, novo horisonte rasgou-se immenso ante seus olhos, e os credits e fama conquistados na escola, foram cercados pelos mais esplendurosos successos, pelas mais disputadas victorias no immenso campo das sciencias medico-cirurgica. Mas elle achava pequena e insignificante a somma dos conhecimentos que possuia, queria penetrar e devassar todos os segredos da sciencia, conquistar novos titulos, enthesourar mais riqueza, e já gozando de promettedôra posição, 1.º cirurgião militar, medico da casa real em 1817, elevado em 1820 a cirurgião da real camara, lente da escola medico-cirurgica, clinico de muita nomeada, parte em conquista de novos louros, atravessa o Atlantico, e o mestre, vai assentar-se nas bancadas dos discipulos da Faculdade de Medicina da Universidade de Pariz. Mas, não eram sómente esses os titulos que possuia o alumno da Universidade de Pariz. Em 1821 foi-lhe conferido o habito da Ordem de Christo, em 1824 o fôro de fidalgo cavalleiro, mezes depois o titulo de conselheiro, em 1825 a commenda de Christo, todos esses titulos proclamavam bem alto o merecimento de tão illustre brasileiro.

Obtendo licença do Imperador aos 10 de Setembro de 1827, e a pensão do governo de cincoenta mil réis mensaes durante o tempo necessario para os seus estudos, seguio

para a França. Em Pariz, além do curso da Universidade, Guimarães Peixoto frequentou os hospitaes, adquirio reputação elevada, e foi recebido e estimado pelos mais celebres mestres da sciencia medica. Porem no meio dos seus trabalhos, n'essa afanosa colheita de novos louros, n'essa serie successiva de honrosos e significativos triumphos para si, mas que em grande parte revertiam em renome para o Brazil, o governo por um d'esses zelos de excessiva economia, suspende-lhe a pensão, tira-lhe o lugar de cirurgião-mór do imperio, e assim o seu ordenado! Porém D. Pedro I por um d'esses rasgos de generosidade e de justa indignação, abre o seu bolsinho, e o conselheiro Guimarães Peixoto recebe regularmente oitocentos mil réis annuaes, até completar os seus estudos.

Em 1830 concluindo o seu curso apresenta a Faculdade as suas theses, defende-as, e como prova escripta este trabalho: *Dissertation sur les medicaments braziliens que l'on peut substituer aux medicaments exotiques dans la pratique de la medicine au Bresil*, cujo trabalho foi impresso em Pariz em 1830, in 4.º constante de 152 paginas.

Recebendo o gráo de doutor em medicina pela Universidade de Pariz, Guimarães Peixoto corre em 1831 á apresentar-se ao ex-Imperador D. Pedro I, que acabava de chegar do Brazil em virtude do acto da abdicação, e a bordo da fragata *Volage* abraça o augusto protector ao protegido sábio, e dos olhos de um e outro desprendem-se copiosas, ardentes e significativas lagrimas.

O Dr. Guimarães Peixoto volta então á patria, e depõe nas aras do templo da sciencia o rico thesouro que conquistára, e de envolta com os reflexos do brilhante nome que deixára na capital da França a sua nacionalidade de brasileiro, conquistára tambem para sua patria, uma gloria, um renome. Um dos primeiros cuidados do Dr. Guimarães Peixoto ao chegar a côrte do Rio de Janeiro, foi a creação de uma escola de medicina, a fim de prodigalisar aos brasileiros, no seio de sua patria, todos os estudos das sciencias necessarias a um medico, de conformidade com o plano dos mais adiantados estabelecimentos d'essa ordem que na Europa havia observado. Deve-se pois, em grande parte, aos esforços e trabalhos do Dr. Guimarães Peixoto, a creação da escola de medicina da côrte, mandada installar por decreto de 3 de Outubro de 1832, cujos estatutos foram por elle confeccionados, e a sua custa mandados publicar na Typographia Nacional em 1836.

Não podia o governo deixar de significar ao illustre brasileiro Dr. Guimarães Peixoto, de uma honrosa e expressiva maneira, senão conferindo-lhe a directoria d'esse estabelecimento, e assim o fez por Decreto de 31 de Maio de 1833; mas elle não deixou a sua cadeira de mestre, a qual tão illustrada por elle fôra. Na cadeira de lente de phisiologia, diz o Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo; sua lição esclarecida, eloquente, lucifera corria com a suavidade da voz, com a inexcedivel fluencia da palavra, com a profusão de idéas que lhe dava o profundo conhecimento da sciencia, com a clareza da exposição e com a pureza da linguagem ás vezes, como arroio suave á deslizar-se por entre flores, as vezes como rio caudaloso á precipitar-se arrebatado.

Como medico da imperial casa do Brazil, coube-lhe a honra de prestar os maiores serviços. Fallecendo o principe D. Carlos a 4 de Fevereiro de 1824, foi o Dr. Guimarães Peixoto escolhido para o embalsamar; a 11 de Maio seguinte, assistio a proxima futura imperatriz do Brazil no acto do nascimento da princeza D. Januaria, a 2 de Agosto de 1824 recebeu ao nascer a princeza D. Francisca, e a 2 de Dezembro de 1825 o principe D. Pedro actual Imperador do Brazil. N'esta occasião, foi o Dr. Guimarães Peixoto abraçado pelo Imperador D. Pedro I em presença de toda a còrte, o qual convida com palavras repassadas de entusiasmo, a sua augusta consorte a exaltar o sábio medico com igual e significativa honra.

Em 1833, accommettido S. M. o Imperador de grave enfermidade, que ameaçava a sua vida, o Dr. Guimarães Peixoto teve a felicidade de salvá-lo. A regencia agradeceu ao illustre facultativo tão grandioso serviço e offereceu-lhe uma remuneração pecuniaria, mas elle recusa-se, accetando porem o titulo de 1.º medico do Imperador e da familia imperial. Ainda em 1845, aos 23 de Fevereiro, Guimarães Peixoto o mesmo que havia recebido em seus braços ao nascer S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II, recebeu tambem o seu augusto filho o principe D. Affonso; e então, o titulo nobiliario de Barão de Iguarassú, foi a merecida distincção com que foi galardoado por S. M. o Imperador.

Mas, curta peregrinação n'este mundo estava reservada ao sabio facultativo Barão de Iguarassú: A sua vida trabalhosa de medico, o immenso estudo a que se dava, não só para o enriquecimento de seu espirito, como para dar aos seus discipulos cada dia novos thesouros de sciencia e de sabedoria, alteraram-lhe a saude, aggravaram-n'a, e

na idade de cincoenta e seis annos, a morte arrebatou-o deste mundo, quando ainda por muito tempo tão util seria elle as sciencias e a humanidade soffredôra. O Dr. Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto, Barão de Iguarassú, do conselho de S. M. o Imperador, membro da Academia de Pariz e outros estabelecimentos scientificos da Europa, fidalgo cavalleiro, commendador da imperial ordem de Christo, official da Rosa, medico da imperial camara, official-mór da casa imperial, ex-cirurgião-mór do Imperio, ex-director da escôla de medicina e lente jubilado da mesma, falleceu na cidade do Rio de Janeiro aos 28 de Abril de 1846, e os seus restos jazem na capella da Ordem Terceira do Monte do Carmo.

O sabio medico Barão de Iguarassú, que segundo o Dr. J. Segaud muito se assemelhava com o celebre Bordeu, pela viva sensibilidade do character, pelo amor profundo da sua arte, pela fé nos agentes therapeuticos e pelo estudo predilecto da physiologia, que tão robustos monumentos poderia ter-nos deixado se escrevesse as suas observações, as suas conquistas no campo das sciencias; apenas legou-nos além da sua dissertação apresentada na Universidade de Pariz, uma *Memoria sobre o encephalocoele*, que foi publicada no Archivo medico brasileiro, tomo 3.º relativo ao anno de 1846.

O *Annuario politico, historico e estatistico do Brazil*, do anno de 1846, na sua secção nechrologica, consagrou algumas palavras em honra á memoria do sabio e benemerito Barão de Iguarassú, de cujo artigo trasladamos os seguintes periodos, os quaes realçam os seus meritos, e muito dizem do quanto valia:

« O Exm. Sr. Dr. Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto já não existe! Este benemerito cidadão, este grande e illustrado medico que tanto se desvelou em promover o bem da humanidade, cujos males com tanto amor e caridade procurou sempre remediar no exercicio de sua nobre profissão, este incomparavel professor de cirurgia da escôla de medicina do Rio de Janeiro, de cuja bôca emanaram jorros eloquentes de recondita erudição com que arroubava seus discipulos, quando se assentava na cadeira do magisterio, ou a cabeceira do doente expunha a sua opinião; depois de longa e penosa enfermidade, sereno e placido como verdadeiro catholico temente a Deus, e com a fé robusta de um christão, viu chegar o termo de sua existencia na idade

pouco avançada de 56 annos. Deixou em triste orphanade sua numerosa e inconsolavel familia, falta dos bens da fortuna, porem rica e opulenta do nome illustre que lhes legou, e que elle por seu vasto saber e inclytas virtudes, por sua probidade exemplar, soube grangear, assim entre os nacionaes que o admiravam e a quem era em extremo afeiçãoado, como na Europa, onde gosava de credito e fama justamente merecidas. N'elle perdeu o Brazil um cidadão amante de suas instituições e zeloso de sua grandeza, o monarcha um leal servidor, e amigo extremoso; a medicina nacional o seu luzeiro brilhante, e o mais illustrado membro d'essa numerosa corporação; sua familia o seu arrimo e protector; seus discipulos um sabio mestre; e seus amigos o mais candido e o melhor dos amigos. Sua vida foi um grande livro de virtudes e sabedoria; sua morte tão bella e calma como prova sua vida innocente e pura. »

Domingos Rodrigues Carneiro. Homem preto, natural da villa do Recife, filho de José Carneiro e Joanna Carneiro, africanos ou descendentes dos filhos daquelle continente, Domingos Rodrigues Carneiro nasceu em condição humilde, ainda bem jovem assentou praça de soldado no terço da gente preta de que foi mestre de campo Henrique Dias, e pelos seus serviços, conducta e merecimento, foi subindo a todos os postos, ate ao de mestre de campo, commandante do mesmo terço e governador dos pretos desta capitania. Os serviços de Domingos Rodrigues Carneiro, serviços estes que illustraram o seu nome e o tornaram digno de honrosa menção na historia, datam de 13 de Maio de 1680, do proprio dia em que teve praça de soldado nas fileiras do exercito desta capitania. Promovido a alferes em 1681, passou a capitão em 1684, foi elevado a sargento-mór em 1688, e finalmente por Patente Regia de 12 de Janeiro de 1694 foi nomeado commandante do terço dos Henriques com a patente de mestre de campo.

Em 1680, quando se emprehendeu a destruição da celebre republica dos negros dos Palmares, e teve de se crear um corpo de tropas necessarias á este fim, Domingos Rodrigues Carneiro acompanhando ao capitão Jorge Luiz Soares incumbido de levantar uma companhia de homens pretos forros, muito o auxiliou nessa empresa *em que houve grande trabalho*. Seguindo então para a campanha, em 1681 tomou parte no ataque da serra da Barriga, onde se

achavam os negros bem fortificados, cuja victoria importou a rendição desse ponto, destruindo-se-lhe as fortificações, casas e armazens de mantimento.

Conquistando na campanha o posto de alferes, Domingos Rodrigues Carneiro ainda permaneceu nos Palmares por mais 6 mezes para manter as posições tomadas e evitar a reunião de novos grupos dos negros dispersos que ainda vagavam por aquellas sercanias. Em 1686, já provido no posto de capitão, marchou sob o mando do capitão Fernão Carrilho para os sertões de Porto Calvo para destruir um mocambo que os negros haviam levantado, o que conseguiram, lançando-os fóra de suas fortificações e destruindo-as depois. Coube então a Domingos Carneiro o commando de uma força destacada em perseguição dos fugitivos, conseguindo fazer grande numero de prisioneiros, *andando oito mezes e meio nesta entrada, animando aos seus soldados, e sahindo fóra do seu arraial á buscar a trilha dos negros.*

Empreendendo em 1687 uma viagem á Portugal, El-Rei D. Pedro II devidamente apreciou os seus serviços, conferiu-lhe a patente de sargento mór, e por Carta de Padrão de 23 de Abril de 1688, fez-lhe a mercê *de dezoito mil réis effectivos pagos nos dezimos de Pernambuco.* Regressando a esta provincia nesse mesmo anno, o sargento-mór Domingos Carneiro entrou no exercicio do seu posto, o qual exerceu *com grande zelo e cuidado, assim na conservação como na boa disposição em exercitar aos officiaes e soldados do seu commando.*

Rompendo a guerra dos indigenas no Rio Grande do Norte, Domingos Carneiro que então se achava no commando do terço dos Henriques recebeu ordem de marchar para o Assú, fez toda a campanha, e muito auxiliou a capitania do Ceará tambem ameaçada, enviando-lhe soccorros e prestando-lhe outros serviços. Depois de um anno de estada no Rio Grande do Norte, regressou para Pernambuco, deixando aquella capitania pacificada e os seus habitantes livres das correrias e assaltos dos indios.

Novos titulos de distincção e benemerencia conquistaram então os serviços desse distincto soldado, e a conferencia do posto de mestre de campo governador dos pretos desta capitania, e o commando do terço dos Henriques que lhe foi confiado por Patente Regia de 12 de Janeiro de 1694, forão o galardão e o premio dos seus serviços, dos seus titulos de distincção e de patriotismo.

Domingos Rodrigues Carneiro conquistando esses títulos e assumindo a essa dignidade, entrando em um período de paz e tranquilidade, tomou então á si a empresa da construcção da nova capella de Nossa Senhora das Fronteiras na Estancia de Henrique Dias, onde tinha quartel o terço do seu commando.

A capella da Estancia, edificada por Henrique Dias em acção de graças pela victoria que obtivera no combate travado nesse mesmo lugar em 15 de Agosto de 1648 contra as tropas hollandezas, não é somente um monumento religioso, é tambem um memoravel monumento dos nossos feitos e gloriosas tradições. Edificada no decorrer da campanha, no mesmo local em que se havia ferido essa gloriosa batalha, Henrique Dias não pôde dar-lhe vastas e solidas proporções, e apenas ergueu uma modesta capella de barro, aguardando melhores tempos para erguer um monumento mais duravel.

Fallecendo Henrique Dias sem lhe ser possivel emprender a obra da nova capella, teve por successor ao mestre de campo Antonio Gonçalves Caldeira que tambem nada emprehendeu sobre isso; mas succedendo-lhe o mestre de campo Jorge Luiz Soares, tomou então á si a nobilissima empresa da obra desse monumento, porém foram inefficazs todas as suas tentativas. E' que esta gloria, a erecção desse monumento que memora um dos feitos mais notaveis da guerra hollandeza, estava reservada ao mestre de campo Domingos Rodrigues Carneiro.

Dirigindo um requerimento ao monarcha, pedindo um auxilio da fazenda real para a obra emprehendida, allegando, que, *pela pobreza com que fôra a capella fabricada, estava no chão, por ser de terra e barro, e que nella estavam sepultados os corpos d'aquelles valerosos soldados, que, com tanto zelo, valor e lealdade deram suas vidas e sangue pela corôa*; mesmo assim, depois de muita demora, fôï lavrada a Carta Regia de 11 de Outubro de 1707 mandando reedificar a capella velha, em observancia á ordens anteriores, mas que não foram executadas pela má vontade dos governadores.

Vencidas todas as difficuldades Domingos Carneiro deu mãos á obra, e conseguiu elevá-la a um estado bem adiantado, quando a morte vem interrompê-lo no meio da sua afanosa e patriótica tarefa. A obra continuando sob a direcção dos seus successores, terminou finalmente, e ainda hoje, a Imperial Capella de Nossa Senhora das Fron-

teiras, que elle deixára meio acabada, é um monumento que recorda um dos mais notaveis feitos de armas da nossa provincia, e os nomes dos seus heroicos fundadores.

Domingos Rodrigues Carneiro, se como soldado prestou grandiosos serviços e por elles se nobilitou, não menos digno é o seu nome da gratidão da posteridade, pela memoria que legou-nos de uma das mais brilhantes paginas da nossa historia: *o modesto monumento da Estancia que memora o feito de armas de 15 de Agosto de 1648.*

Domingos de Souza Leão, Barão de Villa Bella. Nasceu na fazenda Genipapo pertencente a antiga comarca de de Cimbres, a 16 de Dezembro de 1819, tendo por progenitores o tenente-coronel Domingos de Souza Leão e D. Thereza de Jezus Coelho de Souza Leão, descendentes de uma das mais antigas e principaes familias desta provincia.

Ainda que destinado por seus paes á seguir a vida agricola, comtudo, foi encaminhado nos estudos necessarios a obtenção de um titulo scientifico, e assim, concluiu os seus estudos preparatorios, em 1835 matriculou-se no Curso Juridico de Olinda, e em 1839 recebeu o gráo de bacharel em direito. Durante algum tempo o Dr. Domingos de Souza Leão dedicou-se exclusivamente aos labores da vida agricola, convivendo em companhia de seus paes, então estabelecidos na actual comarca de Jaboatão, mas o seu espirito eminentemente patriotico e emprehendedor, fizeram-no sahir da vida retrahida em que permanecia, e atirar-se a vida publica. Filiou-se ao partido conservador, e em 1842 tomou assento na Assembléa Provincial, «onde por sua moderação e criterio grangeára a nomeada de homem de governo.»

Dissolvida a camara temporaria em 1848 pela subida do partido conservador, o Dr. Domingos de Souza Leão foi eleito como supplente áquella camara, e teve occasião de nella tomar assento em 1850 na vaga do conde da Bôa-Vista, escolhido senador do imperio, e mais tarde tomou ainda assento, como deputado conservador, nas legislaturas de 1853 a 1856 e de 1857 a 1860.

Inaugurado o gabinete de 30 de Maio de 1862 sob a presidencia do venerando Marquez de Olinda, dissolvida no anno seguinte a camara dos deputados, e nascendo desta situação o partido progressista, com o seu programma esplendido de idéas e reformas, ao lado do grupo conservador que adheriu ao novo partido, em que destacavam-se

Zacharias, Nabuco, Saraiva, Paes Barretto e tantos outros, figurava tambem o Dr. Domingos de Souza Leão, « que por suas tendencias havia muito se distanciava de seus correligionarios. »

Nomeado então vice-presidente desta provincia, teve elle occasião de dirigir nessa qualidade a sua administração, de 13 de Janeiro a 1 de Dezembro de 1864, e depois nomeado presidente, tomou posse do governo a 10 de Maio de 1867 e o entregou a 23 de Julho de 1868. Na sua primeira administração, notam-se os serviços que prestou promovendo o adiantamento da grande lavoura, desenvolvendo e completando a viação publica, propondo a creação de uma fazenda-modelo, cujo plano apresentou no seu relatorio a Assembléa Provincial, e o incremento que procurou dar a instrucção publica, objecto tambem dos seus cuidados, cabendo-lhe a gloria de installar a Escola Normal creada pela Lei Provincial de 19 de Maio de 1864, á qual deu regulamento em 28 de Junho do mesmo anno.

Voltando de novo á administração da provincia, então já agraciado com o titulo de Barão de Villa Bella, todo o seu interesse e actividade foram completamente absorvidos pelas urgencias da guerra que sustentavamos com o Paraguay, « desenvolvendo a mais diligente actividade em obter e enviar contingentes para o exercito e armada, e nesse sentido prestou relevantissimos serviços, sem que deixasse de proceder com espirito de justiça e moderação, » ao mesmo tempo que promovia a creação da *Sociedade Protectora das Familias dos Voluntarios da Patria*, da qual foi eleito presidente, cujos fins humanitarios e patrioticos revellam a sua propria denominação.

Subindo ao poder o partido conservador em 1868, o Barão de Villa Bella deixou a presidencia, e longe de recolher-se á vida privada e de continuar nos seus labores de agricultor, tudo abandonou, e dedicou todos os seus esforços em unir e consolidar o partido liberal, e encaminhal-o na luta tremenda da opposição, o qual em signal da confiança e apreço que elle lhe merecia, o elegeu presidente do directorio central e o reconheceu por seu chefe.

Em 1868, quando ainda na presidencia de Pernambuco, o Barão de Villa Bella recusou tenazmente a inclusão do seu nome na lista triplice que para o preenchimento de uma vaga senatorial elegeu a provincia do Amazonas, sendo que expontaneamente importantes chefes liberaes da corte e daquella provincia se lhe dirigiram, offerecendo-lhe

com instancia os seus valiosos serviços, para o fazerem triumphar nas urnas. No entretanto não accitou, apesar de nessa mesma occasião não poder propor-se por sua provincia natal, pela incompatibilidade que tinha, na qualidade de seu administrador.

Não é este o unico exemplo, exemplo rarissimo em nossos dias, que de seu desinteresse e abnegação nos offerece em sua vida o Barão de Villa Bella. Concluindo um tratado com a Hespanha, quando occupou a pasta de ministro dos estrangeiros, elle deu mais uma prova do seu desapego ás honras, recusando altas condecorações honorificas que lhe foram conferidas pelo governo hespanhol, pedindo então que taes honras fossem dadas aos empregados da sua secretaria que collaboraram naquelle importante trabalho. Em 1866, renunciou uma cadeira de deputado que lhe foi offerecida, assim como recusou ser contemplado na chapa em 1876, quando o directorio liberal organisou a chapa do terço com que o partido pleiteou em opposição, e ainda em 1878 teria declinado da honra de representar a sua provincia, se não occupasse o cargo de ministro, como declarou, cargo este que tambem reluctou aceitar.

Investido como vimos da chefia do partido liberal de Pernambuco, o Barão de Villa Bella prestou a sua causa grandiosos e innumerados serviços durante o longo ostracismo de dez annos que elle atravessou. Empreendendo uma viagem a Europa, percorreu diversos paizes, e ao regressar em 1875 foi dignamente recebido por seus amigos, que entre outras manifestações o honraram com um esplendido banquete nos salões da *Associação Commercial*, e nesse mesmo anno resolvendo o directorio liberal abrir uma serie de conferencias publicas, realisou-se a primeira a 18 de Julho, cabendo-lhe pronunciar o discurso de abertura.

Eleito presidente do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano em 1876, esta associação mereceu tambem os seus cuidados, trabalhando não só pelo seu engrandecimento, como tambem procurando enriquecer o archivo e bibliotheca com manuscriptos e obras interessantes, algumas das quaes foram remittidas nos ultimos dias de sua existencia.

Com a subida do partido liberal ao poder e organização do gabinete de 5 de Janeiro de 1878, lhe foi confiada a pasta dos negocios estrangeiros, e embora o seu primeiro

impulso fosse não acceital-a, não obstante cedeu as exigencias dos amigos, ponderando que, homem publico como era, não se pertencia, senão aos elevados interesses de seu partido e de sua patria. Ainda que breve a sua estada no ministerio, não foi esteril a sua administração. No intuito de reduzir as despezas do estado, supprimiu algumas legações, e além de varios accordos e tratados de extradição que promulgou, concluiu uma convenção consular com a Hespanha, «a qual comparada com as que se concluíram com Portugal e a Italia, apresenta notavel differença em pontos essenciaes para o fim de obviar interpretações nocivas aos legitimos interesses do imperio.»

Retirando-se honrosamente do gabinete, e sacrificando o elevado cargo de ministro ás suas crenças e convicções firmes, elle justificou cabalmente a sua retirada perante a Camara dos Deputados, na qual tinha assento como representante de sua provincia, limitando-se então, «a negar somente o seu voto ao governo, quando a coherencia não lh'o permittisse dar.»

Poucos mezes depois, ás 2 horas e 20 minutos da madrugada de 18 de Outubro de 1879 cahia fulminado pelo raio da morte o nobre Barão de Villa Bella. Conselheiro, commendador da Ordem da Rosa e da de N. S. da Conceição de Villa Viçosa de Portugal, deputado, eminente chefe politico, o Barão de Villa Bella attingiu pelo seu merecimento e prestigio a elevada posição social e legou a historia politica do seu paiz um nome immaculado que será sempre respeitado... Homem energico e muito prudente, typo dos chefes politicos que mais apreço deviam ter, gozando de influencia em sua provincia, de educação finissima, perfeito cavalheiro, de grande modestia... taes foram os honrosos qualificativos com que tão acertadamente caracterizou o illustre e benemerito Barão de Villa Bella, um dos mais conceituados jornaes do Brazil, *O Globo*, quando elle assumiu aos altos conselhos da corôa, dirigindo a pasta do ministerio dos estrangeiros.

Domingos Theotonio Jorge Martins Pessôa. Nascido no ultimo quartel do seculo passado, pertencente a uma das mais illustres familias desta provincia, Domingos Theotonio recebeu toda a instrucção que então era possivel aqui se obter, seguiu a carreira das armas, e teve praça no regimento de artilharia do Recife.

Fazendo o curso d'armas nas aulas do seu regimento, Domingos Theotonio adquiriu illustração e conhecimentos especiaes, tornou-se um militar muito instruido, foi despatchado segundo tenente do mesmo regimento, por Patente Regia de 7 de Novembro de 1808 foi promovido a 1.º tenente, e por Patente de 14 de Outubro de 1814 passou a capitão.

Pernambucano illustrissimo, na phrase do Padre Martins, dotado de raras virtudes politicas e religiosas, militar instruido, e benemerito pelos seus grandes serviços ao Estado, as diversas commissões militares de que foi incumbido comprovam o seu merecimento, bastando mencionar entre ellas a do commando da companhia de artifices do seu regimento, por Decreto de 12 de Outubro de 1815, e a de inspector do Trem Real, hoje Arsenal de Guerra, por portaria do governador Caetano Pinto, em 28 de Janeiro de 1817.

Patriota distincto, inflamado no ardente desejo de ver melhorada a sorte de sua patria, Domingos Theotonio foi um dos iniciadores do generoso movimento emancipador de 1817, e um dos membros proeminentes dos clubs democraticos sob os nomes apparentes de Academias do Cabo e Paraizo. Trabalhava elle dedicada e ardentemente nos planos da consecução da obra comprehendida, quando aporta a esta provincia o illustre patriota Domingos José Martins, ao qual se ligou intimamente, e começou desde então aquella heroica união que só a morte pôde extinguir. Concertado entre si, e logo apresentado no club, o plano do futuro destino de Pernambuco, brevemente se separaram os dous amigos em missão tendente a se tratar dos meios necessarios á esse fim, tocando a Domingos Theotonio a missão do sul.

Em 1815 acompanhando Martins á provincia da Bahia, onde se iniciou na Maçonaria, alli deixou o seu companheiro que depois partiu para a Europa, e elle tomou o rumo do Rio de Janeiro á entender-se com os mações daquelle côrte, que muito dissimulada tinham a sua officina em uma casa á rua do Regente. Estabelecido o seu accordo com a Maçonaria do Rio de Janeiro, Domingos Theotonio regressa á Bahia, e após curta demora, deixando combinados os planos, parte para esta provincia, onde já se achava de volta da Europa o seu amigo Martins.

Domingos Theotonio que obtivera esplendido resultado

nas suas missões da Bahia e Rio de Janeiro, veio coroar os seus triumphos em Pernambuco com a conquista do refractario Amaro Gomes da Silva Coutinho, tão celebre nos annaes patrióticos de 1817, na Parahyba, pelo seu heroismo e dedicação a causa da patria.

Começou então a conspiração republicana com mais ardor e interesse, e contando então com a coadjuvação da Maçonaria que nessa epocha contava já em Pernambuco uma Grande Loja Provincial e quatro officinas filiaes, *compuesta de pessoas distinctas por sciencias e virtudes*, ainda mais se activaram os seus trabalhos, e cada dia que succedia-se importava um novo triumpho á causa da liberdade brasileira.

Denunciado o plano da conjuração ao governador Caetano Pinto, e tomadas em conselho de generaes que convocára, medidas tendentes á evitar o pronunciamento revolucionario, na manhã de 6 de Março de 1817, Domingos Theotónio recebe ordem de prisão do commandante do seu regimento e é conduzido á fortaleza das Cinco Pontas, sem oppor a minima observação e nem resistencia. Sóa porém o grito da liberdade no mesmo instante talvez em que se abriam as portas do carcere para receber o illustre Domingos Theotónio, rompe a revolução, e posto logo em liberdade, reune-se aos seus companheiroa, marcha para o quartel, e tomando o cõmmado da tropa parte para o campo do Erario, hoje das Princezas, e faz alto na extremidade do muro do convento de S. Francisco.

Domingos Theotónio conhecendo a falsa posição que occupava o marechal commandante da tropa alli postada, e querendo evitar o derramamento de sangue, mandou um parlamentar intimal-o á render-se, o que accitou o inimigo, sendo então enviado o mesmo para a fortaleza do Brum, e as tropas do seu commando reunidas as patrióticas. Concertado, na noite do dia 6, o plano de ataque á fortaleza do Brum, onde se refugiára o governador, no dia seguinte movia-se um corpo de exercito composto de perto de 4,000 homens de todas as cores e uniformes, sob o commando de Domingos Theotónio, a quem os seus companheiros haviam cedido as honros da primazia, e tomando posição junto a egreja do Pilar, manda um parlamentar intimar a rendição da praça.

Accita as propostas e evacuada a fortaleza, volta o exercito triumphante ao campo do Erario, procede-se a eleição dos novos membros do governo, e a Domingos

Theotonio coube a iucumbencia dos negocios da guerra, sendo por Decreto do dia seguinte nomeado general em chefe das tropas republicanas. Festas esplendidas succederam-se então em regozijo ao acto da proclamada emancipação da patria, a alegria, o enthusiasmo e o contentamento, divisavam-se em todos os semblantes, e é indizível o regozijo e indiscriptivel a pompa e magnificencias das solemnidades em honra a liberdade, em homenagem aos seus illustres e heroicos propugnadores. Mas esse periodo de felicidade, de alegrias e de festas, foi bem curto, em breve se converteu em lagrimas e em luto.

Falhou o promettido concurso da Bahia, e pelo contrario d'ahi marchou a primeira expedição militar contra esta provincia; as Alagôas pronunciando-se em reacção ante republicana ao aproximar-se as tropas bahianas, e a falta de recursos do governo provisorio para manter a estabilidade da republica, contribuindo assás para tudo o prematuro rompimento da revolução, tudo isto deu causa para a sua decadencia e total aniquilamento.

No extremo da revolução, quando os patriotas se batiam no sul da provincia com as tropas realistas em prol da causa da patria, Domingos Theotonio sendo o militar mais instruido e reconhecidamente bravo, jámais sahio do Recife; o governo provisorio reconhecendo que a sua assistencia e presença nesta praça era tão essencial á segurança publica, nem mesmo no auge do perigo da patria, accommettida por todos os lados, lhe permittiram desenvolver nos campos da batalha os seus talentos e bravura militares, e assim, o general das armas da revolução submetteu-se a não commandar e não bater-se uma só vez.

Perdida a batalha de Pindoba, e recolhido ao Recife o resto do exercito do general Suassuna, e apresentado o *ultimatum* do commandante do bloqueio, negando-se a entrar em negociações, allegando, que, *tinha em seu favor a razão, a lei e a força armada tanto terrestre como maritima, para poder entrar no Recife com a espada na mão, afim de castigar a todos muito a sua contrade*; então, julgaram os membros do governo signatarios da repudiada capitulação, que fazia-se absolutamente necessario em taes circumstancias o sacrificio temporario dos seus direitos individuaes, e assim cederam todo o poder ao governador das armas Domingos Theotonio, investindo-o da autoridade de dictador.

Nomeado no dia 18 de Maio *governador civil e militar do partido da independencia em Pernambuco*, pela dissolução do governo provisório, Domingos Theotónio tentou ainda uma nova proposta, mas a vanguarda do exercito realista marchava sobre o Recife, ameaçando atirar-se aos patriotas como a lobos, segundo a letra da proclamação do Conde dos Arcos, e os moradores mergulhados em desanimo e terror, viram na tarde do dia 19 desfilar as tropas para Olinda; mas a resposta que trouxe o emissario era affrontoso escarneo aos patriotas, *um insulto digno da pessoa que o proferia*, estava tudo irremissivelmente perdido.

Domingos Theotónio seguindo com o exercito para Olinda, dali tomou a estrada de Paulista e acampou no engenho desse nome. No dia seguinte, contristado com o suicidio do Padre João Ribeiro, recebe a noticia da occupação do Recife, e da marcha de uma columna em perseguição dos fugitivos; foi então geral o esmorecimento e desanimo, e a fuga foi o unico meio de salvação que pareceu poder-se abraçar.

Debandando-se o exercito no engenho Inhamã, Domingos Theotónio fuge desfarçado, interna-se pelas mattas, onde com alguns companheiros passa por algum tempo vida errante, faminta e desesperada, até que, atraído, é descoberto e preso, arrastado ao Recife, e sendo alvo de toda a sorte de insultos e injurias dos portuguezes, atiram-no ás enxovias da cadeia, comparece perante a Commissão Militar, a qual summariamente o condemnou a morte por sentença de 8 de Julho de 1817, sentença esta dois dias depois executada.

No dia 10 de Julho, diz o autor dos *martyres Pernambucanos*, appareceu logo de manhã cedo, armada, no meio do campo da Honra ou do Erario, uma alta forca, que, somente vista, espantava e despedaçava os corações. Quatro mil homens de guerra foram postados em alas pelas ruas, desde as Cinco Pontas até a forca; pelas 9 horas sahiram daquelle quartel quasi oitocentos soldados desarmados, restos dos dous antigos regimentos de Pernambuco, e ao som das suas musicas militares marcharam para o campo da Honra e foram postados em roda da forca, ficando cercados de um parque de artilharia com murrões accesos, e pela cavallaria da Bahia; as alas se foram unindo na retaguarda e reuniram-se por fim no mesmo campo. Sahiu então da cadeia Domingos Theotónio, vestido de alva, acom-

panhado do sacerdote exhortante e pia irmandade da Misericórdia, como é costume entre os portuguezes. Chegando ao campo, subiu intrepido o patibulo, e havendo-se reconciliado com o confessor, fallou intrecortadamente e disse em substancia: *Peço perdão aos meus patricios e a todos os circumstantes, dos escandalos e males que lhes tenho causado, e particularmente aos camaradas presentes de tudo quanto soffrem por minha culpa. Tenho um filho por nome Domingos, a quem só lhe deixo a benção de Deus, e lhe rogo, que, de ora em diante se chame Domingos da Providencia, a quem o entrego.*

A' estas palavras, recolhidas pelo Padre Dias Martins, accrescenta est'outras Muniz Tavares: *Meus patricios, a morte não me aterra; aterra-me a incerteza do juizo da posteridade. Eu deixo um filho em tenra idade; elle é vosso. Não o abandoncis, ensinae-lhe o caminho da viriude e da honra.* Domingos Theotónio ia ainda fallar, mas o algoz aperta o laço, arremeça-o fóra da forcea, e elle fica suspenso nas convulsões da morte. Sòs então os gritos de—*Viva El Rei o Sr. D. João VI*, o hymno realista executado pelas muzicas regimentaes e acompanhado pela tropa, e assim terminava a lugubre e apparatusa cerimonia de cada execução. Jogam então o cadaver sobre a terra, decepam-lhe a cabeça e as mãos, aquella mandam-na fincar em um alto poste no pateo da Soledade, e estas pregam-nas no quartel do seu regimento, e o tronco do cadaver, arrastado á cauda de um cavallo bravo, percorre as ruas da cidade, e depois deste lugubre e selvagem espectáculo atiram-no ás portas da matriz de S. Antonio, em cujo quintal lhe deram sepultura.

O capitão Domingos Theotónio Jorge Martins Pessôa, diz um escriptor hodierno, era soldado, e em face das leis militares a sua pena era a de morte. Entretanto, preciso é dizer, que durante o dominio da revolução republicana a sua autoridade, e a sua influencia pessoal pouparam Olinda e principalmente o Recife, e ainda muito particularmente os portuguezes, á perturbações da ordem, e aos maiores damnos ameaçadores da propriedade e da segurança pessoal. O capitão Domingos Theotónio Jorge foi soldado criminoso, revolucionario victima de suas idéas; mas antes e durante a revolução homem generoso e de bem.

Eis, pois, o juizo da posteridade sobre o illustre e benemerito patriota Domingos Theotónio Jorge Martins Pes-

sôa, cuja incerteza, tanto o atterrára, a elle, que não se atterrou ante o lugubre e apparatuso espectaculo da sua execução.

Duarte Coelho de Albuquerque. Nasceu em Olinda pelos annos de 1537. Foram seus paes Duarte Coelho, primeiro Donatario de Pernambuco, e sua consorte D. Brites de Albuquerque, ambos nobres e de illustre familia.

Duarte Coelho de Albuquerque, ainda bem joven seguiu para Portugal, afim de receber uma culta e esmerada educação, cujos recursos não podia então possuir a nascente colonia de Pernambuco. Fallecendo seu pai em 1554, sua mãe em virtude de uma verba testamentaria assumiu ao governo da colonia, em seu nome, pois a donataria de Pernambuco passava para si, por direito de successão.

Estava D. Brites de Albuquerque dirigindo a náu do governo, quando rebentou uma sublevação dos indios Caetés, que ameaçou aniquilar a nascente colonia; os indios moveram uma guerra tão cruenta, que por vezes Olinda se achou exposta a iminentes perigos, sendo necessario pedir-se soccorros a metropole. Recebida em Portugal a noticia do estado em que se achava Pernambuco, e de que os inimigos ameaçavam aniquilar todo o estabelecimento, causando nos lugares dos seus districtos muitos e grandes danos, mortes, destruições de engenhos e lavouras, sendo tal o terror, que os moradores de Olinda, não se atreviam a avançar a mais de duas leguas de distancia, a rainha D. Catharina ordenou então a Duarte de Albuquerque, que partisse immediatamente para Pernambuco, afim de tomar conta do governo de sua possessão, attendendo que nas debeis mãos de uma senhora, não havia energia e disposição necessaria para domar os selvagens. Parte, pois, Duarte de Albuquerque para Pernambuco, acompanhado de seu irmão Jorge de Albuquerque que tambem se achava em Portugal, trazendo alguma força e munições de guerra, e aportando na villa de Olinda, encontrou toda a população aterrorisada dos indios.

Empossado do governo em 1560, Duarte de Albuquerque convoca em conselho as principaes e nobres pessoas de Olinda, assim como aos padres jesuitas, e assentaram, entre outras medidas que tomaram, que para a guerra e conquista dos indios fosse nomeado para dirigil-a Jorge de Albuquerque; acceito o parecer, principiou a guerra, e com

tal ardor, que em breve tempo estava Pernambuco livre de seus cruentos inimigos, e cinco annos depois, estava toda a costa e o interior do paiz de quinze a vinte leguas, livre do ataque dos indios, e ganha esta vantagem, nunca mais se perdeu.

Nesta capitania despendera o seu primeiro donatario Duarte Coelho avultadissimas quantias para o seu estabelecimento, mas fôra bem empregado todo esse dinheiro, pois que somente da renda das pescarias e dos engenhos de assucar, percebia agora seu filho, para mais de dez mil cruzados. Como diz Southey, continha Olinda por esse tempo, setecentas familias, não contadas as casas dispersas, nem os engenhos, cada um dos quaes tinha de vinte a trinta moradores. Podiam por-se em campo trez mil homens, dos quaes quatrocentos de cavallos. De quatro a cinco mil escravos africanos, alem dos indigenas, se empregavam nesta capitania onde se contava mais de cem colonos cuja renda orçava de mil a cinco mil cruzados, alem de alguns que a tinham de oito a dez mil. A educação do povo estava confiada aos padres jesuitas, que ensinavam em seu collegio os elementos rudimentares de instrucção primaria, o latim e leitura sobre casuistica. Tambem aos seus cuidados, e proximo a villa de Olinda, tinha uma aldeia de indios convertidos, que não contava menos de mil almas. Todos os annos vinham a Pernambuco quarenta e cinco navios, mais ou menos, a carregar assucar e páu-brazil, que era o da melhor qualidade, e o arrendamento ou imposto da sua exploração á corôa, andava por vinte mil cruzados. E esta prospera e importante capitania estava desprovida de obras de defesa.

Eis, pois, o estado de Pernambuco, no tempo do governo do seu segundo donatario Duarte Coelho de Albuquerque, cujo genio iniciativo e emprehendedor, tanto o fizera desenvolver e prosperar. A agricultura, auxiliada pelos braços e emprezas de uma numerosa corrente de emigração que affluia para aqui, desenvolveu-se e progrediu rapidamante, nascendo por conseguinte um grande commercio pela troca dos productos, e crescendo prodigiosamente a sua população.

Mas Coelho de Albuquerque não cuidava somente no desenvolvimento material da sua capitania. A criação de um corpo de exercito, a sua disciplina, mereceram-lhe tambem particular cuidado, e foi assim, que em 1567, fez partir

uma pequena expedição militar para ajudar o governador geral Mem de Sá, a expellir os francezes do Rio de Janeiro, conforme as ordens recebidas do governo da metropole.

Por sua vez tambem, já havia Pernambuco sido invadido pelos francezes, que se apoderaram do Recife e o fortificaram convenientemente. Mas Olinda, capital de Pernambuco, diz um escriptôr, estava mui proxima do Recife, e Duarte Coelho de Albuquerque, segundo donatario, que a governava, tinha valor bastante e soldados aguerridos. Apenas, pois, os francezes se apoderaram do Recife, (então aqui apenas haviam algumas cabanas de pescadores, e dous ou trez armazens de receber utencilios dos navios) Coelho de Albuquerque a frente dos pernambucanos atacou tão vigorosamente os francezes, que estes não tiveram outro remedio senão embarcarem-se acceleradamente, e com bastante prejuizo. Um dos francezes, antes de tornar a embarcar, exprimiu o seu pezar relativamente ás desgraças de seus compatriotas no brazil, gravando sobre uma pedra estas palavras que o historiador Rocha Pita nos conservou com a mesma orthographia: *Le monde vá de pis am pi.*

Restabelecida a paz e a tranquillidade pelo internamento dos indios, e pela expulsão dos francezes, e deixando a marcha dos trabalhos da colonia em prospero estado, passou as rédeas da sua administração a D. Brites de Albuquerque, sua mãe, a quem para este fim déra plenos poderes em uma procuração que lhe passara em 22 de Julho de 1572, cujo documento acha-se registrado no livro do ponto do mosteiro de S. Bento de Olinda. Governou, pois, o segundo donatario de Pernambuco Duarte Coelho de Albuquerque a sua capitania, de 1560 a 1572, e retirou-se para Portugal.

Publicado o Decreto de El-Rei D. Sebastião, em que chamava os seus subditos as armas para a expedição da Africa, afim de restabelecer no throno de Marrocos o seu alliado Muley Moamet, que havia sido deposto por seu avô Muley Abdelmelek Coelho de Albuquerque foi um dos primeiros fidalgos portuguezes que se alistou naquella patriótica phalange, cujo successo foi tão infeliz.

Prompta a expedição, sahiu barra fóra de Lisboa aos 25 de Junho de 1578, tendo levantado ancoras com cincoenta vasos de guerra, cinco galeras e um grande numero de transportes, conduzindo a seu bordo um exercito de quinze mil homens de infantaria, e mil de cavallaria. Este exercito, fraco, composto de recrutas de diferentes nações e de

inexperientes e moços fidalgos, continha em si mesmo o germen da sua ruina no rigoroso luxo que ostentava e nos excessos dos officiaes e na inexperiencia do seu chefe, o rei D. Sebastião.

Chegando a Tanger, salta o exercito e marcha sobre Arzila, onde acampou. D'ahi, e contra o parecer dos generaes, D. Sebastião levantou acampamento, e avançou para Larache, pelo interior do paiz, deixando o litoral. Julgavam, pois, que o exercito inimigo estivesse em posição defensiva, e quando chegam a Alcacer-kibir, encontram-no formidavel, e tão superior em disciplina, e em numero ao portuguez, que contava quarenta e seis mil homens, inclusive trinta e seis mil de cavallos. Encontram-se, pois, os dous exercitos, e aos 4 de Agosto de 1578 fere-se renhidissima e sanguinolenta batalha, e depois de um pelear titanico, o exercito portuguez é destroçado, morto o seu rei, e alastrado os campos de Alcacer-kibir por oito mil combatentes portuguezes mortos na acção.

Duarte Coelho de Albuquerque, o primeiro pernambucano que illustrou pelas armas o nome da patria, fóra da patria, foi um dos heróes, um dos bravos soldados desta mallograda batalha, uma das victimas do enthusiasmo, e do amor da gloria. Elle lá ficou ao lado dos seus companheiros de armas e infortunio, e cahiu morto, como assevera o insuspeito juizo da historia, « quando obrava prodigios de valor. » Duarte Coelho de Albuquerque morreu aos quarenta e um annos de idade, solteiro e sem descendencia, e por sua morte passou a donataira de Pernambuco a seu irmão Jorge de Albuquerque um dos seus companheiros da jornada de Alcacer-kibir.

E

Estevão José Carneiro da Cunha. Natural da cidade do Recife, nasceu na segunda metade do seculo passado, e era filho legitimo do sargento-mór João Carneiro da Cunha. Assentando praça no regimento de artilharia da guar-

nição do Recife, Estevão José Carneiro da Cunha em 1801 já havia attingido ao posto de 2.º tenente, por patente de 12 de Julho de 1808 foi elevado a capitão, promovido a sargento-mór effectivo com a graduação de tenente coronel comandante do batalhão de infantaria paga da provincia da Parahyba, por Decreto de 24 de Junho de 1810 e patente de 17 de Julho do mesmo anno, tendo já recebido como galardão dos seus serviços o habito da ordem militar de S. Bento de Aviz.

Residindo na provincia da Parahyba em virtude da commissão que lhe fôra incumbida do commando das tropas que a guarneciam, ahí casou com uma estimavel e digna senhora, irmã do illustre martyr Amaro Gomes da Silva Coutinho. As suas relações com seu cunhado, os seus sentimentos de patriotismo, e o seu amor e enthusiasmo pela causa das liberdades patrias, levaram o illustre tenente coronel Carneiro da Cunha á iniciar-se no trama revolucionario, e á noticia inesperada do seu rompimento em Pernambuco, a 6 de Março de 1817, ainda que a sua prudencia lhe fizesse lamentar intimamente esse prematuro acontecimento, presagiando dolorosamente o seu tragico desfecho, com tudo, recebeu-a entusiastica e alvoroçadamente, e a attitude heroica de Amaro Gomes o fez tomar parte activissima no pronunciamento e adhesão da Parahyba á causa pernambucana.

Em face das circumstancias desfavoraveis em que se achava para fazer firmar a proclamada independencia, em face das tropas que rapidamente marcharam da Bahia sobre Pernambuco, e do não pronunciamento das demais provincias, o seu enthusiasmo arrefeceu, e viu perdida a generosa idéa que tão exaltada e patrioticamente esposára. Entretanto, Carneiro da Cunha envidou todos os seus esforços e actividade, e trabalhou com todo o zelo para que a provincia ficasse acoberta de todos os perigos, mas a escassez dos meios, a falta de munições de guerra, a fome que opprimia o povo, todos estes obstaculos atravessavam as suas mais activas diligencias, e ainda mais cresceram, quando rompeu a contra-revolução no Rio Grande do Norte e no Ceará, restaurando a autoridade real, de cujas provincias partiram tropas que começaram a hostilizar a Parahyba pelo norte e pelo centro.

Amaro Gomes que se achava á frente do movimento, partiu então para Pernambuco, á solicitar soccorros, mas foi infeliz na sua empresa, e em taes apertos Carneiro da

Cunha não pôde desempenhar os ardentísimos votos que fazia pelo triumpho da liberdade. Elle tomou então o unico partido que lhes restava, o da prudencia, e quando rompeu a contra-revolução, seu voto foi, que se cedesse ás circumstancias, afim de se evitar a inutil effusão de sangue entre irmãos e concidadãos, voto que verificou-se, celebrando-se a 6 de Maio de 1817 o acto da capitulação entre os chefes patriotas e realistas.

Debellada a revolta, por terra o memoravel monumento da liberdade parahybana erguido heroicamente por tão illustres patriotas, começaram os actos da mais barbara perseguição, e abriu-se o livro das tyrannias e do martyrio. Carneiro da Cunha, vendo-se descoberto em seu asylo por seus crueis inimigos, deveu a sua salvação á coragem varonil de sua digna consorte, que ajudada por uma sua irmã o arrancou das mãos dos soldados no momento de o prenderem. Frustrada essa tentativa, elle procurou mais seguro asylo, metteu-se pelo interior da provincia, e depois de algumas penosissimas peregrinações, partiu para Pernambuco, donde conseguiu embarcar para a Inglaterra, e onde se conservou até que rompeu a revolução de Portugal de 1820, depois da qual obteve a sua absolvição pela relação da Bahia, e regressou á sua patria.

Entrando de novo no exercito com a mesma patente de tenente coronel, em 1824 passou a coronel, e batalhou em prol da integridade do imperio, profundamente abalada pela revolta separatista de Pernambuco, apoiada pelas provincias da Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará. Fazendo parte do governo provisorio da Parahyba, commandando as suas forças expedicionarias estacionadas em Goyanna, batendo-se galhardamente. Estevão José Carneiro da Cunha portou-se honrosa e briosamente, e os seus serviços foram narrados do seguinte modo pelo presidente da provincia, Alexandre Francisco de Seixas Machado, quando deu conta ao governo imperial da pacificação da Parahyba, em officio de 16 de Novembro de 1824:

« Se não tem sido continuado o serviço militar do coronel Estevão José Carneiro da Cunha, tem comtudo a qualidade de ter sido presidente do extincto governo provisório e não se ter manchado no vicio daquelle governo. Prestando-se a servir debaixo da presidencia do meu antecessor, commandoa em chefe a acção de Itabaiana, que decidiu da primeira fortuna dos insurgentes. Na instalação do conselho entrou á servir de conselheiro, e quando

os inimigos ameaçavam ao norte com tropa que marchava da provincia do Rio Grande, foi estabelecer o acampamento, e se conservou até o desengano dos contrarios. Na occasião de marcharem as tropas desta provincia que foram occupar a villa de Goyanna, tomou o commando de todas ellas, e se achou no commando em chefe da guarnição daquella villa e suas visinhanças, debaixo das ordens do brigadeiro general de Pernambuco. »

Estevão José Carneiro da Cunha, prestou tambem immensos serviços no periodo das lutas constitucionaes e da independencia na provincia da Parahyba, a qual reconhecida e grata por tantos titulos, o elegeu deputado, e na primeira eleição para a organização do Senado incluiu o seu nome na lista dos senadores apresentados á corôa, merecendo elle ser escolhido por Carta Imperial de 22 de Janeiro de 1826. Homem de merecimento e de prestigio, patriota distincto, militar brioso, Estevão José Carneiro da Cunha illustrou o seu nome pelos seus feitos de abnegação e patriotismo, foi vulto notavel, e deixou veneranda e grata memoria entre os parahybanos. Senador do imperio, brigadeiro, distinguido por outros titulos e condecorações, Estevão José Carneiro da Cunha falleceu em avançada idade, aos 12 de Outubro de 1832.

Estevão Soares de Aragão. Capitão de ordenanças da freguezia do Cabo de Santo Agostinho, procurador da camara do senado de Olinda, a unica phase que encontramos da vida de Estevão Soares de Aragão, desse heróe pernambucano, na phrase do Padre Dias Martins, foi o papel que representou na crise tremenda por que passou esta provincia nos annos de 1710 a 1715, tão celebre na historia sob o nome de guerra dos Mascates.

Desenvolvendo-se consideravelmente a povoação do Recife, e conseguindo os habitantes portuguezes, inteiramente entregues a vida commercial, ajuntado grossos cabedaes, trataram de conseguir do governo a sua elevação a cathegoria de villa, mas a isso tenazmente se oppuzeram os pernambucanos, porque seriam elles os membros da justiça e governança, e por conseguinte juizes e partes ao mesmo tempo; e sendo a agricultura o principal ramo de negocio dos pernambucanos, os portuguezes taxariam as suas produções pelo preço que lhes conviesse, no entretanto que os generos por elles fornecidos já eram por um preço duplamente elevados.

A oppressão não se fez esperar. Os senhores de engenho viram-se obrigados para satisfazer os seus compromissos, a entregar o seu assucar pelo baixo preço de 400 réis a arrôba, o qual era exportado a razão de 1\$400, e no fim de cada safra, fosse qual fosse a sua abundancia, o agricultor ficava consideravelmente alcançado.

No entretanto, os portuguezes do Recife, a quem os pernambucanos chamavam de *mascates*, porque assim começavam a sua vida, foram tomando uma attitude hostil, e foram pouco a pouco conquistando terreno, e conseguiram finalmente do governo a Carta Régia de 19 de Novembro de 1709, que desmembrou o Recife de Olinda, elevando-o a cathegoria de villa.

Suscitou-se então uma nova questão, questão esta que bempatenteava o firme proposito dos portuguezes de levar os pernambucanos á um completo exterminio; a divisão do termo da nova villa. O ouvidor era de parecer que não tivesse maior termo que o comprehendido na freguezia, o governador porem, comprometido com os mascates em reduzir o termo de Olinda a um pequeno circulo, era de opinião que o termo do Recife excedesse muito ao da freguezia, que então comprehendia o Recife, S. Antonio, Bôa-Vista e Afogados.

A consequencia de tudo isso foi terrivel para Pernambuco. A' inauguração da villa surgiu a reacção, tentou-se contra a vida do governador Sebastião de Castro e Caldas, elle abandonou o seu posto e fugiu para a Bahia; o pellourinho foi arrasado, os novos membros do senado da camara forão humilhados, e após todos estes movimentos os pernambucanos partem para Olinda, reúnem-se em camara, e elegem governador o bispo diocesano D. Manoel Alvares da Costa.

Tudo então pareceu acalmado, o novo governo tomou o seu curso regular, sem comtudo prever nem acautelar-se de qualquer reincidencia. A' sombra desta imprevidencia trabalhavam surdamente os mascates, e então surgiu a represalia, a guerra finalmente foi posta em campo. Em 1711, aclamaram por governador a Sebastião de Castro e Caldas, o bispo refugia-se em Olinda, reúne-se a camara, e então os pernambucanos pelo orgão do procurador do senado Estevão Soares de Aragão, chamam os capitães-môres, chefes das milicias, e pozeram o Recife em apertado cerco.

Nestas circumstancias, o bispo renunciou o temporal do governo ao senado da camara de Olinda, e coube a Este-

vão de Aragão na qualidade de membro dessa corporação, tomar parte também no governo do paiz. Feito governador, nestas circumstancias, foi o seu primeiro cuidado fortificar os presidios do cerco e reforçar as guarnições, por que constava, que, grandes soccorros vinham do interior auxiliar os mascates, recolheram-se á Olinda todas as munições de guerra que se encontraram nas fortalezas de Itamaracá, Páu Amarello e Pitimbú, e logo se publicou um manifesto em que os mascates foram declarados traidores ao soberano.

A luta começou então com igual ardor entre um e outro partido. Ora vencedores, ora vencidos, os pernambucanos batalharam firmes e decididos em defesa dos seus fôros e regalias, com aquelle brio e intrepidez que tanto os caracterisavam, até que em Outubro de 1711 chegou o governador Felix José Machado, e tomou posse, serenando-se então todos os animos á espera do procedimento e dos actos do novo governador.

Estevão Soares de Aragão, entregando o governo, precisamente o ponto, que é segundo a phrase de um escriptor, d'onde principalmente data a gloria desse heróe, ficou assim como os seus companheiros somente com as attribuições ordinarias de membro da camara. Porem a parcialidade, a guerra cruenta votada aos pernambucanos pelo novo governador, não se fez esperar muito. Parcial decidido dos mascates, assalariado por elles, votado inteiramente ao seu partido, começou então a mais atroz perseguição aos pernambucanos, abriram-se os carcerees, e elles foram victimas de toda a sorte de miserias e torturas, de atrocidades e martyrio.

Terminando os membros da camara do senado de Olinda o seu mandato, entregaram a direcção dessa corporação aos seus successores, celebrando estrondosas festas em honra ao novo governador, festas estas que foi por assim dizer, a vespera do martyrio daquelles mesmos que as haviam promovido. Mas elles previam já a ingratição e procedimento do governador, a realisação dessa conjectura não se fez esperar, e elles aguardavam-na heroica e resignadamente.

Aberta por sua ordem a devassa juridica dos passados acontecimentos, Estevão Soares de Aragão, o membro mais activo e intrepido do governo provisório da camara de Olinda, não podia escapar aos odios e ferocidade dos mas-

cates, o seu brio, a sua honra e heroismo, indicavam-no precisamente um daquelles sobre quem recahiria de preferencia todas as perseguições e atrocidades.

Vulto proeminente da revolução, desse acontecimento memoravel que a historia registra em suas paginas sob o titulo de *Guerra dos Mascates*, Estevão Soares de Aragão foi um dos primeiros condemnados em 17 de Fevereiro de 1712, procurado com interesse, e preso na freguezia do Cabo onde se achava. Restituída a sua liberdade pouco mais de dous mezes depois, a 25 de Abril, foi de novo submettido a processo e preso segunda vez a 4 de Janeiro de 1713, na freguezia da Varzea, foi mettido nos carceres da fortaleza das Cinco Pontas.

A' nova da prisão de Estevão Soares de Aragão, exultaram os mascates, e festejaram-na como um acontecimento notavel e grandioso. Já a bordo do navio que o tinha de levar para a terra do exilio, com mais cincoenta e cinco companheiros de desgraças e martyrios, foi salvo á tempo, felizmente, antes de a frota dar a véla, pelo perdão régio concedido por graça do qual obteve a sua liberdade.

Pernambucano heroico, patriota requintador, flagello eterno, irreconciliavel e mais tremendo que tiveram os mascates, segundo a phrase do autor dos *Martyres Pernambucanos*, Estevão Soares de Aragão, capitão de ordenanças, e membro do governo provisório da capitania, mereceu pelos seus feitos de patriotismo e heroicidade, as maldições dos inimigos da grandeza e prosperidade de sua pátria, mas hoje a posteridade engrandece o seu nome illustre e respeitavel, e o registra no pantheon dos seus heróes. Sem mais outros dados á registrar sobre a vida de Estevão Soares de Aragão, basta a phase da guerra dos mascates, em que o seu nome occupa um logar proeminente, para nobilitar e engrandecer a sua memoria.



Felippe Bandeira de Mello. Nasceu na villa de Olinda, ao alvorecer do seculo XVII. Foram seus pais Antonio Bandeira de Mello, e sua mulher D. Jeronyma de Mesquita Azevedo. Felippe Bandeira de Mello e D. Maria Maciel de Andrade, foram seus avós paternos, e maternos, Matheus de Freitas Azevedo, fidalgo da casa real portugueza, Alcaide mór de Olinda, e D. Maria Eanes, honrados e conceituados povoadores da nascente colonia de Pernambuco.

Felippe Bandeira de Mello seguiu a carreira das armas, e foi um militar muito distincto por sua illustração e por seus feitos. As lutas navaes em que se achou quando serviu nas armadas reaes, as guerras do Brazil, Flandres e India, e as das fronteiras do Algarve, Beira e Almeida, por occasião da restauração de Portugal do dominio Hespanhol, exaltam o nome de Felippe Bandeira de Mello como distincto e valente militar.

Mas elle não possuia somente o valor e a coragem, distincções que elevam e ennobrecem o militar; elle reunia a tudo isto, « a indispensavel instrucção e tino para a administração civil e politica. » E assim, lhe foi confiada a administração da capitania de Porto Seguro; em 1644, foi nomeado por El-Rei D. João IV governador civil e militar da praça de Almeida, e especialmente encarregado da sua defesa, o que prova o gráo de instrucção militar que possuia. A situação politica de Portugal por aquelle tempo, era gravissima; do resultado da guerra, pendia a consolidação da sua liberdade, e os ferros da escravidão que a Hespanha lhe forjava accesa em guerra, só o valor e heroismo dos seus filhos os podiam quebrar.

Gravissima e arriscada era por tanto a situação de Felippe Bandeira de Mello, e não menos o encargo que sobre elle pesava; mas D. João IV incumbindo-o dessa importantissima missão, não se enganára quando lavrou o acto de sua nomeação, porque elle soube corresponder

a regia confiança com muita honra e distincção. A praça militar de Almeida, era a segurança, a chave de toda a provincia da Beira; ganhá-la antes que as fortificações que levantava Felippe Bandeira de Mello, ainda mais difficultassem a sua tomada, foi plano assentado pelos hespanhoes; e aos 21 de Janeiro de 1646, um exercito de cinco mil infantes e quatrocentos cavallo, investiram a praça de Almeida. Mas as atalaias do illustre soldado, correm ao avisar, e quando o inimigo avança seguro de que não o esperavam, recebe o castigo de sua audacia e á repetidas cargas, são forçados a deixar o campo, partindo com grandes perdas; e as hostes portuguezas victoriosas, entoam o hymno do triumpho.

Agora é a propria patria escravizada pelo dominio estrangeiro, que vae ser o theatro das glorias militares do nosso heroe. Accordára o governo considerando o resultado que obteria a sua politica européa, com a evacuação dos hollandezes do Brazil, em enviar soccorros aos insurgentes de Pernambuco, e ao mesmo tempo um general que pela sua pratica e habilidade, dirigisse a emprehendida companhia restauradôra, exclusivamente posta em campo pelo esforço e patriotismo pernambucano.

Foi pois nomeado mestre de campo general do exercito de Pernambuco, Francisco Barreto de Menezes, que muito se havia distinguido nas guerras da restauração de Portugal, e para tenente general junto á sua pessôa, foi nomeado Felippe Bandeira de Mello, por patente regia de 20 de Dezembro de 1646, *« em consideração aos seus serviços e merecimentos, pelo tempo de quinze annos que servia a corôa nas armadas do reino, nas guerras do Brazil, Flandres, Indias, e nas fronteiras das provincias do Alentejo e da Beira, occupando os postos de capitão de infantaria, capitão-mór da capitania de Porto seguro e governador da praça de armas da villa de Almeida, procedendo no decurso do tempo referido com satisfação e valor, assim no exercicio dos postos apontados, como nas occasiões de peleja, em que se assignalou, e por esperar d'elle e de sua qualidade que da mesma maneira procederia dahi por diante. »* Taes são as honrosas e textuaes palavras empregadas por El Rei D. João, ao conferir a Felippe Bandeira de Mello, o posto de tenente general.

Partindo do porto de Lisbôa com duas pequenas embarcações, conduzindo alguns petrechos, e um soccorro de trezentos homens, sobre as suas ordens immediatas,

nesta mesma occasião embarcou tambem o general Barreto de Menezes; mas encontrando na altura da Parahyba, uma esquadra hollandeza, teve de acceitar o combate, apesar da desigualdade de forças, tanto pela inferioridade numerica de embarcações como de combatentes, e ferida a peleja, cahem prisioneiros, Felipe Bandeira e Barreto de Menezes, depois de mortos parte dos soldados que os acompanhavam, e quando já não era possivel resistir por mais tempo.

Retido prisioneiro de guerra na praça hollandeza do Recife, Felipe Bandeira obteve escapar-se, e vôou aos acampamentos do exercito pernambucano, e dahi por diante foi elle um dos possantes collaboradores da obra restauradôra de sua patria do dominio da Hollanda. A 19 de Abril de 1648, trava-se renhida peleja nos memoraveis montes Guararapes.

O exercito inimigo commandado por Sigismundo Van Scoop, compunha-se de mais de seis mil homens, quinhentos marinheiros, cinco boccas de fogo, bem muniçados e mantidos, ao passo que as nossas forças elevava-se apenas ao numero de dous mil e duzentos homens; mas apesar dessa inferioridade, a coragem e bravura dos combatentes da honra e liberdades patrias, auxiliados pelas posições estrategicas que occupavam, venceram o poderoso inimigo, sahiram victoriosos e essa jornada dos Guararapes, cobriu de louros as armas pernambucanas, e constitue uma das glorias dentre as muitas que illustram os nossos bellicos annaes. E Felipe Bandeira de Mello foi um de seus heroes, e a gloria de que cobriu-se as armas pernambucanas, cobriu tambem aquelles que a conquistaram.

Consideravel foi a perda do inimigo; mais de mil mortos, em cujo numero contavam-se trez coroneis, dezoito capitães, nove tenentes e dezeseis alferes, que alastravam o campo, alem de quinhentos e vinte e trez feridos, em cujo numero entrava o proprio general em chefe; ficando em poder dos vencedores, duas peças de bronze, grande quantidade de armamento, munições, mantimentos, trinta e duas bandeiras e o estandarte general, o que constituiu os tropheos dessa gloriosa batalha; ao passo que a nossa perda foi de oitenta mortos, e quatro centos feridos. Os hollandezes humilhados por esse revez, vencidos por um punhado de soldados, quando dispunham de numero duas vezes maior, aguerridos e disciplinados, bem armados e

municiados, intentam uma segunda jornada sobre os mesmos Guararapes, onde levantára barracas de acampamento o nosso exercito; e segunda vez são derrotados, segunda vez os louros da victoria corôam as nossas armas!

O coronel Brink, nomeado commandante em chefe da empresa incumbida de reerguer os brios abatidos das armas hollandezas, escolhe cinco mil homens de infantaria, trezentos homens do mar, toma seis peças de artilharia, e marcha sobre os Guararapes, como que inebriado das ovações que o aguarda ao voltar triumphante! Fatal engano!

Aos 19 de Fevereiro de 1649, trava-se renhida a segunda batalha dos Guararapes. Assaltantes e assaltados, batem-se como leões, e depois de porfiada lucta, o anjo da victoria baixava sobre as phalanges pernambucanas, entoava-se unisono o hymno triumphal! O general em chefe do exercito hollandez, ao lado de mais de dous mil soldados, jazia por terra, assim como o almirante da esquadra hollandeza, que commandava a arthelharia; grande numero de feridos e prisioneiros, dez bandeiras, o estandarte general, toda a artilharia, e grande quantidade de armas, munições e viveres, taes foram os despojos que deixara-nos os inimigos.

E o tenente general Felippe Bandeira de Mello foi tambem heroe nesse novo e brilhante feito de armas. O conde da Ericeira no seu *Portugal Restaurado*, historiando a segunda batalha dos Guararapes, a todos os seus heroes rende homenagens e não suspeitos louvores. » Os mestres de campo referidos, diz elle, o tenente general Felippe Bandeira de Mello, e os mais officiaes e soldados, se particularisaram com acções tão assignaladas, que não é possível individualisal-as, nem encarecel-as. »

Depois de tanto se haver assignalado na guerra da conquista da liberdade patria, recebe do general a incumbencia de ir a côrte de Lisbôa afim de expor a El Rei D. João IV as circumstancias em que se achava a provincia de Pernambuco, e desempenhando a sua missão, volta de novo a tomar o seu posto de honra entre os seus companheiros de armas. Felippe Bandeira de Mello, trouxe por carta do monarcha de 10 de Abril de 1652, dirigida ao governador geral do Brazil, ordem para que se lhe entregasse o commando do terço do mestre de campo Francisco de Figueirôa, que se achava com licença em Lisbôa, *até se lhe consultar, e o prover, ou lhe fazer a mercê que houvesse lugar.*

Porem nada disso se verificou, e em 1653 achavam-se ambos em Pernambuco, e tomavam parte no conselho que aos 25 de Dezembro convocara o general Barreto de Menezes, afim de se deliberar o ataque geral do Recife; e assim, vê-se que Felippe Bandeira de Mello tomou parte ainda nos ultimos combates que restauraram sua patria do dominio hollandez, sob o qual gemeu por vinte e quatro annos.

Dessa epocha por diante, nada mais se encontra relativamente a vida aventureira desse illustre militar, que segundo concludentes rasões apresentadas pelo commendador Antonio Joaquim de Mello, falleceu em Pernambuco aos 24 de Outubro de 1655.

Tal foi a vida desse heroico pernambucano, que por galardão de seus feitos e patriotismo, recebeu do soberano honrosas demonstrações de apreço e confiança, titulos e postos que o nobilitavam, taes como a elevada patente de general, o fôro de fidalgo da casa real, e o habito da Ordem de Christo. « Honra portanto ao cidadão intrepido! Gloria ao capitão valente! Transmitta a patria agradecida perpetuamente de paes a filhos, o nome de Felippe Bandeira de Mello, uma das glorias militares do Brazil ainda no berço. »

Felippe Nery Ferreira. Nasceu na freguezia de S. Frei Pedro Gonçalves do Recife, aos 20 de Junho de 1783, e foram seus paes o capitão-mór Domingos Affonso Ferreira, e D. Maria Damianna de Lima Ferreira.

Seguindo a vida commercial, Felippe Nery Ferreira estabeleceu-se na praça do Recife, e foi um dos negociantes do seu tempo que gosaram de mais credito e conceito; e passando a servir no exercito de segunda linha desta capitania, logo nos seus primeiros annos, chegou ao posto de tenente do regimento velho de milicias do Recife, no qual foi confirmado por patente regia de 16 de Janeiro de 1815.

Iniciado nos planos do movimento separatista que se mallogrou em 1817, elle foi um dos eleitores do governo provisorio e no dominio da revolução, tomando sempre parte em todas as reuniões e assembléas, e prestando outros serviços, representou papel muito importante nessa quadra revolucionaria porque passou esta provincia. Sendo escolhido, *pelo seu zelo e firmesa*, juiz ordinario do crime e policia da villa e termo do Recife, exerceu este cargo tão dignamente que, até dos seus proprios adversarios politicos, recebeu os mais significativos louvores, con-

fessando elles ter encontrado em Nery Ferreira *muito mais doçura e humanidade, do que podiam esperar em tempo de tal crise.*

Felippe Nery Ferreira que, segundo o autor dos *Martyres Pernambucanos*, tinha por synonymos—liberdade, civildade, humanidade, virtudes religiosas, e todos os principios do republicanismo em fim, não encontrou, pelo seu criterio, imparcialidade e justiça de seu modo de proceder, um só accusador, e nem foi perseguido, quando foi restabelecida a autoridade real em Pernambuco; mas foi preso pela alçada e enviado á Bahia, onde resignadamente soffreu todos os tormentos até o termo da sua prisão em 1821, *não sem magoas de amigos e inimigos.*

Restituído á sua terra natal, os seus compatriotas deram-lhe logo uma prova do quanto sabiam apreciar as suas virtudes e patriotismo, elegendo-o membro da primeira junta do governo provisório, estabelecida após a deposição do governador Luiz do Rego. Em Fevereiro de 1822, estando no exercicio do cargo que lhe tinha sido confiado, em 27 de Outubro do anno anterior, os seus collegas o incumbiram de visitar as villas de Goyanna, Iguarassú, Limoeiro e Páo d'Alho, afim de convocar as camaras e o povo no intuito de firmar-se a causa constitucional, dissipar as discordias, chamar todos ao fiel cumprimento dos seus deveres e tomar qualquer providencia que para tudo isso fosse necessario.

Em Junho do mesmo anno foi deputado pela mesma junta para ir ao Rio de Janeiro, e em seu nome beijar a mão do principe regente, renovar perante elle os seus protestos de amor, fidelidade e obediencia, e ao mesmo tempo representar e requerer tudo que julgasse de utilidade immediata para a provincia; mas, deposta a junta pela sedição de Pedroso, ficou sem effeito tal incumbencia; e rompendo ainda um outro motim, em Olinda, por motivos politicos, elle cahiu prisioneiro da tropa amolinada, em 19 de Setembro de 1822, sendo solto no dia 27 pela nova junta do governo, logo que foi restabelecida a ordem publica.

Proclamada a independencia, agraciado com o officato da Ordem do Cruzeiro, após a criação da mesma ordem, e mais tarde elevado á dignitario, e nomeado presidente da Parahyba por Carta Imperial de 25 de Novembro de 1823, seguiu para aquella provincia, e tomou posse da administração a 9 de Abril do anno seguinte. Nery Ferreira foi encontrar, então, na sua administração os maio-

res embaraços e difficuldades por causa da onda revolucionaria que por esse tempo tinha invadido parte das provincias do Norte, e entre estas aquella cujo governo lhe tinha sido confiado.

Tomando conta da administração da provincia, foi um dos seus primeiros cuidados tratar da reunião dos eleitores, afim de proceder-se a eleição do conselho do governo, mas as camaras do Brejo d'Areia, Villa Nova da Rainha e Pilar mostraram-se hostis a essa determinação, assim como a sua propria posse do governo, pois, quando foi elle nomeado presidente, já lavrava a preparação revolucionaria. Nery Ferreira procurando por meios suasorios chamar-os ao terreno da legalidade, viu baldados todos os seus esforços; a reacção rompendo terrivel e ameaçadora a revolução, o emprego da força era o unico recurso que lhe restava, o que fez constrangidamente, recommendando porém, terminantemente, ao commandante das forças expedicionarias, «de não fazer effectivo uso das forças do seu commando, senão nas extremidades, ou de resistencia aberta, ou de ataques imprevistos; e que assim mesmo intimasse muito expressamente á qualquer agente, seu expedicionario.»

Nesse entretanto, recebeu Nery Ferreira uma portaria do governo imperial pela qual suspendia o bloqueio nos portos do norte, vistas as noticias de uma proxima invasão portugueza. Esta medida completamente o desalentou, e, figurando-se que a sua permanencia no governo, contra o qual tanto clamavam os dissidentes, seria d'alli em diante impolitica e damnosa á causa publica, quando o imperador appellava para os sentimentos de brazileirismo e união dos proprios sublevados, renunciou a autoridade no dia 21 de Julho de 1824, perante um conselho composto dos funcionarios superiores da provincia.

Nery Ferreira deixou então a provincia, mas com a consciencia tranquilla de haver exacta e fielmente cumprido o seu dever, sentimentos estes que foram honrosamente attestados ao governo imperial por seu successor, em officio de 16 de Novembro, no qual diz: Faltaria certamente á justiça, se avaliasse em pouco os serviços que prestára o seu antecessor; ... que elle se achou firme e resolutivo contra o partido levantado; ... persistindo firme, providente e corajoso, contra todas as machinações, rompimento e avançadas... Mesmo assim, Nery Ferreira foi sub-

mettido á processo por haver abandonado a presidencia, porém foi plenamente absolvido por accordão da Relação, de 13 de Janeiro de 1825.

Nery Ferreira achava-se já então no Rio de Janeiro, e regressando posteriormente á Pernambuco serviu como membro no conselho geral da provincia, e depois como conselheiro do governo, e procedendo-se a primeira eleição de senadores, o seu nome figurou na lista offerecida a corôa. Felipe Nery Ferreira falleceu aos 51 annos de idade, no dia 2 de Setembro de 1834, e foi sepultado na igreja matriz da Boa-Vista.

Felix Peixoto de Brito e Mello. Nasceu na freguezia de S. Antonio do Recife a 24 de Agosto de 1807. Felix José de Abreu Peixoto e D. Antonia Maria de Macedo e Mello foram seus paes, Antonio Teixeira de Abreu Peixoto e D. Anna Rosa Rodrigues seus avôs paternos e maternos Manoel Bento Alves de Macêdo e D. Anna Izabel Bernarda.

Depois de adiantar-se em alguns estudos de humanidades, Felix Peixoto preferiu a carreira das armas, assentou praça como voluntario, justificou cadete, e logo em 1822 partiu para a provincia da Bahia na columna expedicionaria commandada pelo bravo José de Barros Falcão de Lacerda, e foi receber o seu baptismo de sanguenos campos de Pirajá e Cabrito, pela causa gloriosa da independencia de sua patria. Batendo-se nos campos da batalha com as hostes disciplinadas da antiga metropole, Felix Peixoto ostentou valor e patriotismo inexcediveis, e por sua bravura e heroísmo conquistou aos quinze annos de idade o posto de alferes e a medalha da campanha da independencia.

Firmada a causa da liberdade na provincia da Bahia, cuja data memoravel lembra o valor dos intrepididos pernambucanos que muito contribuíram para o feliz exito de tão grandiosa empresa, Felix Peixoto voltou para esta provincia com os seus camaradas da victoriosa expedição. Em 1824, quando Pernambuco protestou com armas nas mãos contra a politica oppressora do primeiro reinado e proclamou a Confederação do Equador, Felix Peixoto tomou parte nesse movimento, e quando debellada a revolução, occultou-se para escapar dos furores do vencedor.

Pacificada a provincia e podendo apparecer, Felix Peixoto abandonou a vida militar, reformou-se no posto de alferes, e dedicou-se ao commercio, entrando de caixeiro

na casa de um negociante portuguez. Posteriormente, com a criação do Curso Juridico de Olinda, resolveu matricular-se, e concluindo os preparatorios que lhe faltavam entrou na academia, e em 1834 tomou o gráu de bacharel em direito.

Felix Peixoto abandonando a vida commercial para seguir a carreira das letras, viu-se sem recursos, e teria mesmo retrocedido se não encontrasse generosa coadjuvação da parte de alguns parentes e negociantes desta praça que entre si subscreveram-lhe uma mezada. Liquidando depois a sua reforma, e passando a perceber o soldo mensal de 22\$000, agradeceu então aos seus amigos a coadjuvação pecuniaria que lhe davam, continuando porem a aceitar até a sua formatura a de trez amigos que se recusaram em deixar de continuar, cujos nomes é digno de menção: Henrique Foster, João Matheus e João Severino Cavalcanti de Lacerda.

Seguindo a carreira da magistratura, foi nomeado juiz municipal e de orphãos do Brejo da Madre de Deus por Provisão de 13 de Junho de 1835, juiz de direito da mesma comarca a 20 de Abril do anno seguinte, juiz do crime do Recife, interinamente, por Portaria de 2 de Maio de 1838, e finalmente juiz do civil da mesma comarca do Brejo por Decreto de 17 de Setembro do mesmo anno.

Em 1835 quando se abriu a Assembléa Provincial de Pernambuco, e Felix Peixoto acabava de deixár os bancos da Academia, tomou assento como deputado na qualidade de supplente, e de 1836 a 1842 como deputado. Correspondendo digna e honrosamente o mandato que lhe fôra confiado, Felix Peixoto mereceu pelos seus dotes e talentos a eleição de deputado a Assembléa Geral em quatro legislaturas consecutivas até a de 1848, quando a camara foi dissolvida. De 1845 a 1848, diz o Sr. Dr. Macedo, pertenceu na camara temporaria a pleiade ardente da deputação pernambucana de que fazia parte Urbano, a logica; Nunes Machado, o enthusiasmo; e outros igualmente illustres; na tribuna parlamentar, que aliás não frequentou assiduo, mostrou-se orador vigoroso, e exaltado na sustentação da politica de seu partido.

Nomeado presidente da provincia das Alagoas em 12 de Agosto de 1847, dirigiu a sua administração até 24 de Abril do anno seguinte, em virtude de seguir para a côrte como deputado por Pernambuco. Na presidencia das Alagoas, Felix Peixoto dedicou-se inteiramente em promover

o seu engrandecimento e bem estar, e entre os seus trabalhos são dignos de menção, os dados que recolheu para formar uma estatística da provincia, o edificio da cadeia publica cuja primeira pedra assentou em 2 de Dezembro de 1847, as obras do quartel das tropas, a officina de espingardeiro que montou; as obras de fortificação do serro onde se acha o paiol da polvora, e estabeleceu-se uma bateria de artilharia, constituindo assim o melhor ponto de defesa interna da capital; a companhia que organisou para o abastecimento d'agua potavel á capital, conseguindo a subscrição de grande numero de acções para o seu capital; a publicação que mandou fazer do expediente do governo; e em appenso ao relatorio que apresentou ao passar a sua administração, juntou um mappa circunstanciado de todas as autoridades que tem governado aquella provincia desde a sua creação até o seu antecessor, illustrando-o com muitas notas e reflexões historicas, afim de servir no futuro de subsidio á historia civil e politica da provincia.

Tomando assento na camara, e subindo ao poder o partido Conservador a 29 de Setembro de 1848, Felix Peixoto que fazia parte da grande maioria liberal pronunciou-se logo em opposição, até que em principios de Outubro a camara foi adiada. Os deputados de Pernambuco, narra um escriptor, todos liberaes ou como se chamava na provincia — *praieiros* —, retiraram-se da còrte; antes porem de o fazer assentaram em reunião secreta do partido, que se empenhariam em manter a ordem, e impedir pronunciamentos illegaes. Os deputados das outras provincias tomaram na mesma reunião o mesmo empenho, mas em Pernambuco onde os animos já se achavam em ardentissima agitação, era muito difficil conter os impetos da revolta. Chegando aqui os deputados, esforçaram-se durante mais de um mez no desempenho do accordo tomado no Rio de Janeiro; de um lado porem as intrigas dos adversarios a fazerem passar por menos leaes ao partido praieiro e de intelligencia com o presidente da provincia, e de outra parte urgidos pelos correligionarios politicos mais exaltados já victimas da apaixonada reacção, e já em alguns bandos declaradamente levantados, tomaram a direcção do movimento illegal, e em Dezembro de 1848, ostentamente assignados em manifesto dado á luz da imprensa assumiram a responsabilidade da *Revolta Praieira* que tomou grandes proporções.

Felix Peixoto, uma das victimas da apaixonada reacção pela remoção do seu lugar de juiz de direito, pôz-se então á frente da revolução, e como antigo militar, deputado e homem esclarecido, foi o principal chefe das forças revoltosas. Partindo para o sul da provincia deixando assignada com os seus companheiros uma proclamação impressa com data de 31 de Dezembro, foi desembarcar na Praia de Gamellas, nas Alagôas, d'onde escreveu aos seus amigos, pedindo-lhes que reunissem forças, e as encaminhassem para Agua-Preta.

Organisado o exercito revolucionario, Felix Peixoto foi investido do cargo de commandante geral das tropas liberaes, e mais tarde quando em Agua-Preta se organisou o governo provisorio, creando-se um Directorio, foi elle eleito presidente do mesmo. Apóz diversos combates no interior, em que a sorte das armas nem sempre foi adversa as forças liberaes, foi deliberado em fim o ataque da capital. Investida a cidade do Recife no dia 2 de Fevereiro de 1849, por trez pontos diversos, a columna principal que estava confiada a Felix Peixoto, e que atacou pela Boa-Vista não poudo penetrar no Recife pela resistencia que encontrou. A morte de Nunes Machado e outros revezes, deu ganho de causa as forças do governo, ante as quaes tiveram de recuar as tropas liberaes.

Esse golpe tremendo não fez comtudo morrer a revolução. Felix Peixoto retirou-se para o interior, mas sem meios de seria resistencia, vendo já presos alguns dos deputados chefes da revolta e completamente perdida a sua causa, poudo conseguir escapar ás deligencias da autoridade, passou-se para as Alagôas, e dahi embarcou para a Europa. Fixando-se em Lisboa, tragando o pão amargo do exilio, Felix Peixoto soffreu resignado a sua sorte. Durante o meu exilio, diz elle proprio em um dos seus escriptos, conservei-me resignado, sem dirigir um sò queixume aos meus amigos e concidadãos; uma alma generosa houve em Lisboa que me adoçou a vida e me alimentou quando faltaram os poucos recursos de que podia dispor. Nesse triste decurso de minha vida, demonstrei por mais de uma vez, que existiam inteiros em meu coração os sentimentos do amor da patria, e em sua defesa foram minhas palavras publicadas nos jornaes de Lisboa, quando a vi desacreditada e ultrajada.

A vida politica de Felix Peixoto de Brito e Mello, terminou em 1849 com a revolução liberal-pernambucana. Fi-

xando-se em Portugal, ali casou-se, e nem mesmo depois de concedida a amnistia que abria-lhe franca as portas do imperio regressou á patria, e pouco depois obtendo o cargo de consul geral do Brazil na Hespanha, para ali se passou, e « depois veio duas vezes matar saudades da terra mãe, visitando o Rio de Janeiro, e saudando a sua querida provincia. » A segunda vez foi em 1877, partindo de Lisbôa a bordo do paquete *Orenoque*, no qual tambem vinham para o Brazil SS. MM. Imperiaes, sendo o motivo de sua vinda uma longa ausencia de 17 annos e o desejo de mostrar a terra da patria á sua unica filha, nascida na Europa.

Em meia viagem, no dia 17 de Setembro, Felix Peixoto convidou todos os passageiros para se reunirem no salão do paquete, e dirigindo-lhes algumas palavras desenhando o quadro tristissimo da secca das provincias do norte, terminou invocando os seus sentimentos de caridade, abriu uma subscrição que attingiu a 3,670 francos para a qual contribuiu com 500, alem da quantia de 2:000\$000 subscripta por SS. MM. Depois de alguma demora no Rio de Janeiro, veio visitar o *seu muito amado Pernambuco, dirigir-lhe as suas saudosas despedidas no ultimo quartel da vida, e que as recebesse tão sinceras e verdadeiras, como eram o amor e dedicação que lhe consagrava*; ao mesmo tempo que convidava os velhos amigos e parentes para darem-lhe um abraço, *porque em nove dias de sua demora não pedia procural-os pessoalmente, fazendo votos para que Pernambuco se engrandecesse e prosperasse, e que os pernambucanos nunca se olvidassem de suas honrosas tradições.*

Estas palavras escriptas em 10 de Janeiro de 1878 e publicadas nos jornaes d'esta capital, foram como que um presentimento, e a sua vinda a esta provincia uma como que fatalidade ou destino. Robusto e cheio de vida, não pensava elle que em lugar de deixar para sempre o solo querido da patria, nelle ficaria eternamente dormindo o derradeiro somno. Sentindo pela manhã do dia 13 uma pequena febre, que momentos depois se manifestou perniciososa, foi accommettido ao mesmo tempo por uma congestão pulmonar, que tomando rapido desenvolvimento, ao anoitecer já estava moribundo, vindo a fallecer poucos momentos depois, as oito horas da noite. Felix Peixoto de Brito e Mello falleceu aos setenta e um annos de idade, a 13 de Janeiro de 1878.

Nas differentes phases de sua vida, como soldado, como magistrado, como politico, como revolucionario, e final-

mente como funcionario publico, Felix Peixoto elevou-se pelo seu merecimento, prestou valiosissimos serviços ao seu paiz, foi um patriota distincto, um homem verdadeiramente notavel. Bacharel em direito, do conselho de S. M. o Imperador, dignitario da ordem da Rosa, commendador da de Christo, de Nossa Senhora da Conceição da Villa-Viçosa de Portugal e de Carlos III da Hespanha, entre outros titulos, estes fallam bem alto do seu merecimento, elevadissimos dotes e grandiosos serviços. Sua actividade, seu talento, sua illustração, servindo-nos das phrases de um escripto á seu respeito, estiveram sempre ao serviço do paiz que soube illustrar por seus nobres feitos, como os seus recursos particulares estiveram sempre á disposição dos que o procuravam, ou mostravam precisar do seu auxilio. Parlamentar distincto, sua palavra foi muitas vezes o verbo inspirado que apontava ao governo o caminho da legalidade e levantava barreiras insuperaveis ás pretensões do despotismo, naquelles tempos agitados e vertiginosos em que a liberdade vacillava, as instituições politicas estremeciam e o voto nacional estivera a ponto de succumbir.

Magistrado, poderia servir de modelo á nova geração pela rectidão de suas decisões, pelo estudo consciencioso e acurado, que fazia, dos feitos que tinha de julgar; e jamais teve a justiça melhor sacerdote, nem as leis melhor interprete.... Escriptor notavel e selecto, sua penna teve os mesmos encantos e arrojos que a sua palavra.... O conselheiro Felix Peixoto de Brito e Mello não foi só official, deputado, presidente e juiz de direito: quando depoz a espada, a toga e a farda de parlamentar e de administrador, quando a intolerancia politica o afastou dos comicios populares, o grande tribuno, o infatigavel patriota, vendo que seus profundos e variados conhecimentos não podiam ser utilizados no paiz, demandou á plaga estrangeira, onde foi procural-o a sabedoria imperial para aproveitall-o na carreira diplomatica. Nomeado consul geral do Brazil no reino de Hespanha, continuou a prestar importantes e relevantissimos serviços ao seu paiz, que nunca foi impunemente menoscabado e offendido em sua presença.

Não ha quem ignore com que enthusiasmo fallava o illustre finado de sua patria e de seus concidadãos: era que naquelle corpo, que os insultos do tempo não conseguiram vergar, se aninhava um espirito são e energico; era que naquella frente altiva, e embaixo das venerandas cãs, que coroavam-lhe como de uma aureola a cabeça pri-

vilegiada, pullulava em taes occasiões um unico pensamento: o amor da patria. E ella que sabe quanto lhe deve, saberá tambem honrar a memoria do grande cidadão que já entrou nos dominios da historia, derramando sobre o seu leito de granito, lagrimas, preces e flores. E esta divida, sagrada por mais de um motivo, deve ser paga principalmente pelo partido liberal, a quem cumpre recolher as tradições honrosas do passado, e prestar homenagem e preito as virtudes do eximio patriota, do distincto pernambucano, do grande vulto liberal, que tivera em vida o nome de Felix Peixoto de Brito e Mello. »

Fernão de Mello e Albuquerque. Nasceu no começo do seculo XVII; era filho legitimo de Diogo Martins Pessoa e de sua consorte D. Felippa de Mello, neto pelo lado paterno de Fernão Martins Pessoa e D. Izabel Gonçalves da Camara, e pelo materno de Jeronymo de Albuquerque e D. Felippa de Mello.

Fernão de Mello e Albuquerque teve sem duvida por berço a villa de Serinhãem, pois ahi possuia seu pae a rica propriedade do engenho Rozario, que fundára. Perdendo-o bem creança ainda, pois falleceu elle a 8 de Janeiro de 1612, Fernão de Mello recebeu de sua mãe a educação necessaria a encaminhá-lo na vida do dever e da honra, e chegando á idade em que tinha de desprender-se do lar paterno e seguir uma carreira qualquer, elle dicitu-se pela profissão das armas, e assentou praça no exercito, quando as legiões da Hollanda já ameaçavam cahir sobre Pernambuco. Em 16 de Fevereiro de 1630, quando o exercito hollandez saltou em Páo Amarello, e commandado pelo general Theodoro Van Demburg pôz-se em marcha sobre a villa de Olanda, Fernão de Mello e Albuquerque já era um dos amestrados defensores da honra e liberdade da patria. De 1630 a 1636, por seis annos consecutivos pois, Fernão de Mello achou-se pelejando peito a peito com o inimigo, em todos os encontros e batalhas que se deram dentro desse periodo; e fazendo parte da guarnição do fortê de Porto Calvo, quando cahiu elle em poder dos hollandezes, ficou prisioneiro, e participou da sorte de seus companheiros de armas, sendo com elles remettidos para as Indias Hespánholas.

D'ahi passou-se Fernão de Mello á Portugal, possuindo então a patente de alferes, e seguiu logo para Flandres, em cuja guerra serviu por espaço de cinco annos. Estava

militando ainda nessa campanha nas fileiras do exercito hespanhol, quando recebeu a noticia de haver Portugal sacudido o jugo de Castella, dado o grito de independencia, e acclamado rei a D. João IV; Fernão de Mello abandona então o exercito hespanhol, persuade e consegue conduzir alguns soldados portuguezes, parte para a cidade de Haya, affronta os maiores perigos e difficuldades, e ahi chega finalmente depois de immensos trabalhos, e apresenta-se ao embaixador portuguez, commandando uma meia duzia de bravos desertores, a todos os quaes sustentára a sua custa durante essa longa viagem emprehendida por terra.

Da capital da Hollanda parte Fernão de Mello para Portugal, offerece os seus serviços a D. João IV, e vò a ás fronteiras de Elvas, une-se ao exercito portuguez, e batalha contra aquelles mesmos de cujas fileiras acabava de desertar. Os serviços de Fernão de Mello e Albuquerque, na guerra da restauração de Portugal, patriótica e gratuitamente prestados á causa da liberdade e independencia da metropole de sua patria, a parte que tomou em 1644 na defesa do cerco de Elvas, e outros feitos, são titulos que nobilitam o seu nome, que perpetuam a sua memoria.

Achava-se Fernão de Mello empenhado na luta de Portugal com a Hespanha, quando rompe em Pernambuco a guerra da restauração, e elle vem unir-se aos seus compatriotas, deixa Portugal e parte em demanda do Brazil. Nessa occasião, tendo tambem de partir das ilhas adjacentes quatro companhias de infantaria sob o commando do mestre de campo Francisco de Figueiròs, D. João IV por patente datada de 17 de Fevereiro de 1646, elevou Fernão de Mello ao posto de capitão, *havendo respeito a muitas occasiões de pelepas nas guerras de Pernambuco em que procedeu com valor, na guerra de Flandres com satisfação, pelo cuidado e zelo portuguez com que tratou de recolher-se ao reino por occasião de sua acclamação, e por consideração ao mais.*

Os seus serviços, as glorias e louros colhidos em quatro campanhas, a da invasão de Pernambuco pelo exercito hollandez, a guerra de Flandres em que serviu no exercito hespanhol, a da restauração de Portugal, e finalmente a da restauração de Pernambuco do dominio hollandez, constituem os titulos de celebridade do capitão Fernão de Mello e Albuquerque. Dessá ultima phase da vida de tão illustre pernambucano, nada sabemos de positivo; e aqui veio a terminar os seus dias, segundo cremos, vendo despontar

nos horisontes da patria a suspirada e esplendida aurora de sua liberdade, a qual surgiu depois de heroicos e assombrosos feitos, no memoravel dia 27 de Janeiro de 1654.

Finda a guerra, e quando Portugal entrou na posse dos ricos dominios do Brazil, reivindicados aos hollandezes, em maxima parte, pelos esforços, valor e patriotismo dos seus naturaes, abriu-se o cofre das graças, mas os serviços, a dedicação e os feitos de muitos daquelles heroes que tanto contribuíram para a sua restauração, foram completamente esquecidos! Fernão de Mello e Albuquerque, que tanto se distinguira, quer nas guerras do Brazil, como nas de Flandres e de Portugal, foi sem duvida uma destas victimas, e sobre elle apenas encontramos a mercê que lhe fizera o governador de Pernambuco general Francisco Barreto de Menezes, *de dous escudos de vantagem sobre qualquer soldo cada mez*, aos 21 de Novembro de 1654, em virtude da Provisão Regia de 29 de Abril do mesmo anno, « *havendo respeito ao bem que tem servido Fernão de Mello e Albuquerque, e ao valor e satisfação com que procedeu em as occasiões desta recuperação em que o valor do dito capitão correspondeu bem á obrigação de seu cargo, e pelo animo, satisfação e talento com que se prestou. . . . e assignaladamente pela occasião da dita recuperação de Pernambuco.* »

Tal foi em largos traços a vida do heroico soldado, do illustre pernambucano Fernão de Mello e Albuquerque; tal os feitos que praticou nas campanhas da America e da Europa; tal a recompensa, a paga de tanta dedicação e patriotismo: — *dous escudos de vantagem sobre qualquer soldo cada mez!!*

Francisco Antonio Raposo, Barão de Caruarú. Nasceu a 24 de Novembro de 1817, e foram seus paes Miguel Francisco Raposo e sua mulher D. Joaquina Maria de Lemos.

Inspirado por sua vocação á seguir a carreira de engenheiro militar, Francisco Antonio Raposo seguiu para o Rio de Janeiro, e assentando praça em 2 de Dezembro de 1838, quando contava 21 annos de idade, matriculou-se no anno anterior na Escola Militar da cõrte, e fez o curso completo de engenharia civil e militar, obtendo sempre pelo seu aproveitamento e dedicação, as mais distinctas approvações.

Promovido a segundo tenente por Decreto de 2 de Dezembro de 1839, a primeiro tenente graduado em 4 de Março de 1844, effectivo em 3 de Julho de 1846, capitão em 7 de Setembro de 1847, major em 13 de Julho de 1856, tenente coronel em 2 de Dezembro de 1858, coronel em 19 de Março de 1864 e brigadeiro em 28 de Dezembro de 1872, o Dr. Francisco Antonio Raposo conquistou todos estes titulos um após outros pelo seu merito e distincção, cujas datas são assaz eloquentes para isso traduzir.

Servindo por muito tempo na repartição do Archivo Militar, como encarregado da direcção dos trabalhos da officina lithographica, em 1844 foi designado para reger a cadeira do 5.º anno da Escola Militar, e depois a do 6.º anno. Nomeado lente substituto da mesma escola por Decreto de 15 de Junho de 1845, e tomando o grão de Dr. em mathematicas a 20 de Setembro de 1847, foi promovido a lente cathedrafico da cadeira de physica por Decreto de 15 de Janeiro de 1849.

Possuindo então a patente de capitão, e graduado com o titulo scientifico de Dr. em mathematicas, Francisco Antonio Raposo, havia já conquistado um nome honroso e titulos de subido apreço e consideração, e o seu merito traduz-se nas missões de que fora incumbido, cujos resultados importavam justos e merecidos louvores dos seus superiores e do governo imperial.

Nomeado em 1848 director da fabrica de ferro de S. João de Ipanema, dirigiu este estabelecimento até 1855, e por Aviso do ministerio da marinha de 9 de Fevereiro desse mesmo anno, foi nomeado engenheiro civil e militar da repartição da marinha, sendo posteriormente nomeado lente das cadeiras militares da Escola Militar por Decreto de 1 de Março de 1858.

Exercendo ainda em 1861 o cargo que desempenhava junto ao ministerio da marinha, assim como o de membro do conselho naval, pediu e obteve a sua exoneração, passando então a servir como membro effectivo da commissão de melhoramentos do material do exercito. Passando á Europa em 1860, incumbido pelo ministerio da Guerra da commissão da compra de material de guerra para o nosso exercito, ahi se demorou até 1865, sendo-lhe então incumbida a direcção do Arsenal de Guerra da Côrte, em uma epocha anormal pelo rompimento da guerra com o Paraguay, e nesse cargo se houve com o maior zelo e intelli-

gencia possível, sendo mais tarde encarregado da organização do regulamento dos arsenaes de guerra, missão esta que desempenhou plena e satisfatoriamente, pela aprovação e louvores que mereceu o seu trabalho, do governo imperial.

Passando em 1865 do serviço do corpo de engenheiros para o do estado maior de artilharia, e por Decreto de 28 de Março de 1867 nomeado para servir na secretaria de estado-maior dos negocios da guerra, na qualidade de chefe da directoria do material de guerra, deixou esta incumbencia em 1870, para assumir as reedeas da administração da provincia de Matto Grosso, onde tambem desempenhou o cargo de commandante das armas. Deixando Francisco Antonio Raposo a administração da provincia em fins de 1870, voltou para o Rio de Janeiro, e foi nomeado quartel-mestre general do exercito.

Jubilando-se no lugar de lente cathedratico da escola militar, por contar mais de 26 annos de bons e relevantes serviços no magisterio, passou depois a exercer o cargo de director da Escola Polytechnica, em substituição do Visconde Rio Branco, sendo o Decreto da sua nomeação lavrado em 1 de Julho de 1879, desistindo elle patriotica e generosamente dos respectivos vencimentos, attendendo a crise financeira que então atravessava o paiz.

Funcionario zeloso e honrado, intelligente e illustrado, prestimoso e benemerito pelos seus serviços e dedicação, o governo imperial soube devidamente galardoar e distinguir a Francisco Antonio Raposo, já confiando-lhe cargos e missões elevados e honrosissimos, como conferindo-lhe titulos assaz significativos por traduzirem muita distincção e merecimento, como a dignitaria da Ordem da Rosa, e as commendas das de Christo e S. Bento de Aviz, e depois os titulos de conselheiro de guerra, e de Barão de Caruarú.

Membro adjunto da commissão de melhoramentos do material do exercito, quartel mestre general, vogal do conselho superior militar de justiça, encarregado por diversas vezes pelo ministerio da agricultura de examinar com os Drs. Francisco Primo de Souza Aguiar, Ricardo José Gomes Jardim e José Carlos de Carvalho, os trabalhos de construção e contas da receita e despesa da estrada de ferro D. Pedro II, membro da commissão incumbida da confecção do regulamento das escolas militares do imperio, e ulti-

mamente director da Escola Polytechnica, o general Barão de Caruarú distinguuiu-se não só como militar, mais tambem como mathematico abalisado e homem publico.

O Barão de Caruarú falleceu na côrte do imperio ás 3 horas da madrugada do dia 23 de Março de 1880, na idade de 63 annos incompletos, e o seu cadaver foi sepultado no cemiterio de S. Francisco Xavier, comparecendo ao seu enterro o ministro da guerra, Visconde da Gavea ajudante general, diversos officiaes generaes e superiores, e grande numero de amigos, sendo depositadas sobre o ataude algumas côrôas de saudades, entre ellas uma offerecida pela directoria do Arsenal de Guerra da côrte.

Inequivocas provas e manifestações de sentimento foram prestadas á memoria do illustre e benemerito Barão de Caruarú, pela geral estima que gosava entre os seus camaradas e os empregados com quem servira. Os da repartição do quartel mestre general, em signal de profundo sentimento pela morte do seu chefe, tomaram luto por 15 dias, assim como os empregados da Escola Polytechnica; e o ministro da guerra tendo em alto apreço as eminentes qualidades do benerito servidor do estado, mandou fechar a secretaria da guerra, no dia do seu fallecimento.

O chefe e mais empregados da repartição do quartel mestre general do exercito, gratos á sua memoria, collocaram na sala do expediente da mesma repartição, o seu retrato, assim como foi inaugurado um outro no dia da installação do Centro dos Engenheiros Brasileiros, no Rio de Janeiro, *um signal de homenagem da engenharia brasileira.*

O Barão de Caruarú legou á sua patria um nome puro e a memoria das suas virtudes e serviços incontestaveis. Um jornal do Rio de Janeiro, a *Gazeta de Noticias*, noticiando o seu passamento, disse em duas palavras o que era e o que valia tão illustre varão: « O exercito perde na pessoa do general Raposo uma das suas mais bellas e completas illustrações. Militar brioso, mestre abalisado em diversos ramos das sciencias militares, administrador zeloso, honesto e methodico, amigo dedicado e cidadão cheio de santo patriotismo. »

E se um dia, quando a patria tiver de prestar homenagem á memoria dos seus filhos mais charos, a memoria dos seus heroes, daquelles que souberam respeitar e engrandecer o seu nome, erigir um monumento que encerre

as cinzas do illustre pernambucano Francisco Antonio Raposo, Barão de Caruarú, grave como epitaphio as transcriptas palavras, dignas da sua memoria e dos seus grandissimos serviços.

D. Francisco Cardoso Ayres. Nasceu na freguezia de S. Frei Pedro Gonçalves da cidade do Recife aos 18 de Dezembro de 1821, e recebeu as aguas do baptismo na igreja matriz da mesma freguezia a 16 de Janeiro seguinte; era filho legitimo do capitão João Cardoso Ayres, natural de Abrantes em Portugal e D. Maria Cardoso Vivas, natural de Pernambuco, senhora de illustre origem.

Destinado por seus paes a vida commercial, apenas sahiu da escola primaria regida pelo professor Manoel Joaquim do Paraizo, foi ajudar a seu pae na sua loja de livros, situada á antiga rua da Cadeia do Recife, hoje do Marquez de Olinda, em cujo predio nascera. Em 1831, emprehendendo seu pae uma viagem a Portugal, mandou-o depois buscar, e para ahi seguindo, a 11 de Maio desse mesmo anno desembarcou na cidade de Lisbôa.

Ahi, frequentou o jovem Cardoso Ayres não só o commercio, como tambem algumas aulas de instrucção scientifica e artistica, e pelo seus progressos, applicação e intelligencia, muito aproveitou, merecendo de seus mestres estima e consideração, um dos quaes graciosamente o chamava — *o esperançoso brasileiro*. Voltando seu pae para Pernambuco em 1837, Cardoso Ayres o acompanhou, e deixando Lisbôa a 22 de Outubro, desembarcaram no porto do Recife a 24 de Novembro do mesmo anno.

Aqui, por algum tempo ainda, continuou Cardoso Ayres a occupar-se no commercio, até que resolvendo proseguir nos seus estudos, matriculou-se no Lyceu Pernambucano, onde estudou a lingua latina, cujos conhecimentos chegou a possuir em gráo elevadissimo, com o profundo latinista Padre Joaquim Raphael da Silva, geographia e historia com D. Francisco do Coração de Jesus Cardoso Castro; e com o Dr. José Soares de Azevedo, estudou philosophia. Sob a direcção de taes mestres, Cardoso Ayres, enriqueceu o seu espirito, illustrou-se, e fez rebentar a paixão dos estudos superiores; nessa quadra, no viço da mocidade, Cardoso Ayres cultivou a litteratura, ensaiou algumas composições dramaticas, e foi poeta.

De suas composições poeticas, publicou algumas no periodico *O Phileidemon*, que figuram ás paginas 31 e 151

da collecção de 1846, e uma opistola dirigida a João Lustosa da Cunha Paranaguá, hoje senador do imperio, a qual foi impressa nesta provincia em 1844.

Concluido o curso das disciplinas secundarias, Cardoso Ayres prestou exame na Academia Juridica de Olinda, e merecendo plena approvação em todas as materias, deliberou fazer os seus estudos superiores na Europa. Então, já havia abandonado a vida commercial, e já aos vinte e cinco annos ia executar uma outra, a vida ecclesiastica, e partio a alistar-se nas phalanges da milicia divina, onde procurando a humildade pobreza e obscuridade, encontrou as honras, a dignidade e a grandeza de principe da igreja, a mitra e o baculo pastoral.

A 19 de Abril de 1846, a bordo do navio genovez *Bri-fronte*, partiu para Europa, e a 17 de Julho, depois de uma pequena demora em Genova, saudou Cardoso Ayres a Roma pagã dos Cezares, a Roma christã dos Summos Pontifices. Matriculando-se na Universidade da Sapiencia, na faculdade de *Utroque jure*, apenas por dous annos frequentou as suas aulas, em virtude da revolução que rebentou a 23 de Novembro de 1848, que motivou não só fechar-se a universidade, como a partida do Santo Padre para Napoles.

Achava-se então em Roma por esse tempo, D. Antonio Rosmine Serbati, fundador do Instituto da Caridade, e com elle travando relações, sentiu-se inclinado a abraçar a vida de religioso naquelle Instituto. Assim determinado, partiu para a cidade de Strezza no Lago-maior, então reino do Piemonte, onde fasia-se o noviciado, sendo recommendado ao reitor desse estabelecimento D. Francisco Puecher Passavali, em cuja carta, com expressões entusiasticas lhe encarecia as virtudes e dotes do seu recommendado, dizendo finalmente, que lhe enviava um anjo. O reitor respondeu, que, de bom grado recebeu o seu recommendado, *mas que achava exaggerados os louvores que lhe liberalisava*. Não passaram-se porem cinco semanas, quando monsenhor Passavalli recebe nova carta de seu irmão na qual dizia: *não hesitava em escrever que tinha achado de facto, inferiores á verdade, os encomios que ao Cardoso tributara*.

Ahí, diz D. Lourenço Gastaldi, bispo de Saluzo, entrou elle no caminho de abnegação e de sacrificios com tamanho zelo, que bem depressa veio a constituir-se a admiração não só de todos os seus companheiros, que nelle julgavam

ter um Luiz de Gonzaga, como aos demais sacerdotes e irmãos da casa, de sorte, que, era para todos commum o dizer que, o irmão Francisco já não era um noviço, mas sim um homem ha muito consumado na virtude... E por isso, em seu regresso da Inglaterra, onde era superior provincial das diversas casas do Instituto, aquelle distincto mestre e escriptor ascetico, que foi o Padre Pagani, nas vistas de tirar alguns irmãos da Italia e leval-os á trabalhos naquelle campo, que a Providencia tornava cada vez mais amplo, e apreciando as raras virtudes de Cardoso Ayres, esforçou-se por tel-o consigo; e afinal conseguindo, não sem grande difficuldade da parte do abbade Rosmine, que como fundador era o superior geral, a autorisação de leval-o, teve o santo jovem de partir para a Grã-Bretanha em 1850, por entre as lagrimas dos irmãos e padres, que não sabiam quando Deus os edificaria com um semelhante exemplo tão perfeito de virtudes religiosas.

Cardoso Ayres acompanhando o Padre Pagani, foi residir na casa central da ordem em Inglaterra, que era então no collegio de Ratcliffe, no condado de Nottingham, cahiconcluindo o seu noviciado e o curso theologico, recebeu ordens de diacono das mãos do bispo diocesano. Passando-se depois para a casa de Rugby, em principios de 1852, leccionou uma das cadeiras do seu collegio, e ahi recebeu ordens de presbytero aos 5 de Junho desse anno, das mãos do bispo de Birmingham D. Bernardo Ullatorne, e cinco dias depois, cantou a sua primeira missa.

Cardoso Ayres havia assim tocado ao fim de sua humilde aspiração: era religioso da ordem de S. Estanislão Scott. Regressando ao Piemonte, ahi demorou-se algum tempo; mas em 26 de Junho de 1859 voltava de novo a Inglaterra com outros companheiros, e mereceu logo de seus superiores a nomeação de Sub-reitor da casa de Santa Maria de Upton, no condado de Cork na Irlanda, para onde seguiu. Cardoso Ayres na sua missão de religioso, modesto, humilde, virtuoso e retrahido, em vão occultava os thesouros de sabedoria que possuia. Longe da patria, separado della por mares immensos, por legoas sem conta, o seu nome, os seus talentos e as suas virtudes, chegaram a patria; e a patria lembrou-se desse homem, de quem fallando monsenhor Mac-Cabe, disse não haver encontrado um outro tão notavel por sua evangelica simplicidade e prudencia, e em 1860 offereceu-lhe a mitra de uma de suas dioceses; porem o sentimento de profunda humildade que

o digno sacerdote tinha no coração, diz monsenhor Passavalli, repugnava a tudo que tem côr de honra e dignidade aos olhos do mundo.

Cardoso Ayres recusa acceitar tão honrosa quão espinhosa missão, e supplica ao Santo Padre para que a isso não o obrigasse, e o deixasse no seu retiro; mas em 1867, o Decreto de 6 de Abril apresentando-o para bispo da diocese de Olinda, vae de novo sorprehender o virtuoso religioso na humildade e pobreza de sua cella.

Ao receber esta noticia, Cardoso Ayres parte para o reino do Piemonte, e implora do geral de sua ordem que lhe dispense da acceitação de tão elevado cargo: mas o Geral responde que isso só o podia fazer o Summo Pontifice.

Elle toma então o caminho de Roma e chega ahi a 26 de Junho; mas a cidade eterna estava coberta de galas, celebrava-se o centenario no martyrio do principe dos Apostolos, e só a 11 de Julho lhe foi possivel obter uma audiencia de S. Santidade. Pio IX ouvi-o, e responde-lhe que brevemente daria a resposta de sua resolução, e effectivamente a deu oito dias depois, por intermedio do monsenhor Franchi, secretario dos negocios ecclesiasticos, com a terminante ordem de que deveria acceitar a mitra: e neste mesmo dia, em virtude da palavra decisiva de S. Santidade, Cardoso Ayres officiou ao ministro do Brazil junto a a Santa Sé, participando que acceitava a nomeação.

« O alegre semblante, diz elle proprio em sua primeira carta pastoral saudando os seus diocesanos; o alegre semblante, desde então assumiu um aspecto grave, ao fallar entorpeceu as vezes a lingua, os olhos não poucas lagrimas verteram. E quando foi mister dar finalmente um passo, commoveram-se em nós os varios sentimentos d'alma; e o coração meditando, veio a resolução de evitar, quanto em nós coubesse, aquelle voto magnanimo, como que trazia consigo uma responsabilidade sobre os passos. Consequentemente viemos de proposito a Roma, para apresentar encarecidos rogos prostrando-nos aos pés do Santo Padre Pio IX, o Vigario de Jesus Christo, afim de que houvesse por bem tirar esta alma da sua afflicção. Ao mesmo tempo não nos dispensamos de conservar dia e noite em coração humilhado em supplicas a Deus; nem deixamos de tomar a Immaculada Virgem Maria que nos dera por mãe, qual nossa advogada em circumstancias tão importante. Mas invocamos tambem como intercessores os santos doutores Thomaz de Aquino, e Bernardo, assim

como S. Bernardino de Senna e S. Felipe Nery, para que nos soccorressem na difficuldade, da qual outr'ora elles mesmos tão felizmente se eximiram. »

« D'outra parte alguns sacerdotes das nossas plagas, e por esse tempo de estada ou passagem em Roma, vindo a saber do nosso intento, não cessavam de incitar-nos a ceder a vontade de S. M. o Imperador; entre os quaes contavam-se alguns dos dignissimos prelados da igreja nossa, então chegados para visitar o tumulto dos Apostolos, recorrendo a festa centenaria do martyrio dos mesmos Santos Apostolos. Pois bem, estes, um ornamento do episcopado brasileiro, abraçaram-nos com bondade, e prorrompendo como apóstolos em doces expressões, procuraram persuadir-nos, que esta nossa era uma indubitavel vocação para um tão importante serviço de Deus. Uma tal opinião mantinham alem delles outras pessoas bem acceitas assim da ordem ecclesiastica, como da sociedade civil. »

« Em fim deixou-se ouvir a voz do Pastor Supremo. »

A nomeação de D. Francisco Cardoso Ayres, para bispo da dioceze de Olinda, foi recebida com unanime applauso e entusiasmo. Ha quasi dous seculos que então contava de existencia o bispado de Olinda, depois de haver occupado o seu solio dezenove prelados, era esta a primeira vez que um pernambucano ia empunhar o baculo de pastor da propria igreja pernambucana, depois de tantas nomeações, depois de tanto tempo; e o nomeado era digno de tal nomeação, pois possuia as qualidades raras vezes reunidas, do talento, illustração e virtudes. Um jornal que então publicava-se nesta capital, *A Opinião Nacional*, disse, noticiando a sua eleição: « Nomeações como esta, honram a quem as faz, e põe se é possivel, mais em relevo o merecimento daquelles, que dellas se constituem dignos na sociedade. »

Aos 12 de Setembro de 1867, baixou pela secretaria dos negocios do Imperio, a carta de sua apresentação ao Summo Pontifice, e a 20 de Dezembro reunindo-se o Sacro-collegio, foi D. Francisco Cardoso Ayres preconizado pelo Santo Padre Pio IX, bispo da diocese de Olinda, e a 15 de Março de 1868, na Igreja Nova, onde começára a sua vida religiosa como irmão externo do oratorio, recebeu a sagração episcopal, das mãos do cardeal principe de Hohenlohe, tendo por assistentes monsenhor Passavale, arcebispo de Leonio, e monsenhor Franchi, arcebispo de Thessalonica. E foi esse um dia de singular alegria para muitos ecclesi-

asticos e seculares que o conheciam, diz o bispo de Saluzzo ; alegria que se prolongou na visita que depois fez a varias casas do Instituto na Italia, em França e na Inglaterra, onde seus antigos condiscipulos de noviciado exultaram de velornado da mitra episcopal, parecendo-lhes ver nella como que uma aureola bem merecida por tão eximias virtudes.

No dia da sua sagração, datou D. Francisco Cardoso Ayres, fóra da Porta Flaminia, a sua primeira carta pastoral saudando os seus diocesanos, escrevendo-as nas linguas latina e portugueza, em cada uma das quaes, e em edições differentes, publicou-a na mesma cidade de Roma em 1868. Nesta carta, a par da modestia e da humildade, brilha e manifesta-se a sua illustração ; ahi, a gratidão, o amor, o respeito e o reconhecimento, dão-se as mãos, e as confissões ingenuas de sua timidez, de sua incapacidade para tão alta dignidade, tudo eleva e sobresahe ; fiñalmente, com um eloquente *Salve*, ao clero, a nobresa e ao povo de sua dioceze, termina a sua carta de saudação. Mas elle subdividiu estas trez grandes classes, fallou-lhes directamente particularizando-as, de nenhuma esqueceu-se, e até esses proscriptos da sociedade que se chamam — escravos —, tiveram o seu lugar. « É se, por inevitavel condição, alguns ha que estejam sotopostos ao senhorio, diz o illustre prelado dirigindo-se aos homens em geral, não julguem-se elles indignos de um Deus. Pois que o filho de Deus, movido do amor de todos nós, de nenhum outro modo exinaniu-se, que tomando a fórma de servo, Elle que é o mesmo poder de Deus, o rei dos reis, o senhor dos senhores. Visto o que, igualmente a vós, hoje embora escravos dos homens, mas pela eternal vocação filhos de Deus, como a filhos nossos carissimos de bom grado mandamos esta mesma saudação. »

Aos 14 de Abril de 1868, partiu D. Francisco Cardoso Ayres de Roma em demanda do Brazil ; mas sua viagem prolongou-se, porque de passagem, visitou os mais notaveis monumentos religiosos da Italia, França, Inglaterra e Portugal, e embarcando-se em Lisbôa a 13 de Junho, atravessou o Atlantico, com destino ao Rio de Janeiro, a 28 tocou nesta provincia, e chegando a côrte, comprimentou a S. M. o Imperador, e d'ahi partindo, chegou a Pernambuco, a sua dioceze, a sua patria, aos 27 de Julho, e foi recebido com as mais vivas demonstrações de jubilo por toda a população do Recife.

S. Exc. Revm. saltou na rampa do cáes 22 de Novembro, e recebendo as devidas honras militares, seguiu a pé entre

ondas de povo á igreja do Espirito-Santo, afim de assistir ao solemniſſimo *Te-Deum*, cantado em acção de graças pela sua feliz chegada as plagas de sua diocese; e no domingo 2 de Agosto de 1868, fazia a sua entrada solemne na cidade episcopal de Olinda; e em seguida deu-se o acto da posse, na sala do Cabido, precedido pela leitura das bul-las de confirmação e do beneplacito imperial.

A solemnidade do acto da entrada na cidade episcopal, a posse, e o *Te-Deum* na Cathedral, tudo isto constituiu uma festa esplendida e pomposa. As ruas da velha capital de Pernambuco, percorridas pelo prestito estavam vis-tosamente embandeiradas, as varandas dos predios cobertas de colchas, e quando ao desfilar do prestito, composto das irmandades e confrarias, seminaristas, clero e cabido, passava o illustre prelado revestido das vestes pontificaes, debaixo do pallio cujas varas conduzia a Camara Municipal, as primeiras autoridades e pessoas gradas, nuvens de flores cahiam sobre elle, girandolas de foguetes subiam aos ares, os sinos de todas as igrejas repicavam festivos. Tres dias depois, a 5 de Agosto, era de novo D. Francisco Cardoso Ayres, o alvo de novas manifestações de sympathy, de respeito e de enthusiasmo. Os paróchianos da freguezia de S. Frei Pedro Gonçalves, celebravam um *TeDeum* em acção de graças pela sua elevação ao solio episcopal de Olinda, na sua igreja matriz do Corpo-Santo, em cuja freguezia nasceu, sob cujas abobadas recebeu as aguas do baptismo. Foi um acto solemne e pomposo, pelo cerimonial, pela concurrencia e apparato, pela riqueza e primor das ornamentações do bello e magnifico templo.

« D. Francisco Cardoso Ayres, diz um illustre prelado, começou sob os mais felizes auspicios os trabalhos administrativos de sua vasta diocese, fazendo-se tudo a todos para ganhar todos a Jesus Christo. Animado de sentimentos verdadeiramente paternaes, a todos acolhia e dava audiencia com a maior affabilidade e paciencia, a qualquer hora do dia, amando e fazendo o bem que podia a cada um, sem distincção de partidos. » Um dos seus primeiros cuidados, foi a reforma do Seminario Episcopal de Olinda, dando-lhe novo regulamento, ampliando o curso dos estudos, e reformando o corpo docente. »

No curto governo de pouco mais de um anno do seu episcopado, alguns factos deram-se que fizeram-no tragar á largos sorvos o calice da amargura. A denegação da sepultura no Cemiterio Publico, ao cadaver de uma das maio-

res glórias de Pernambuco, o general José Ignacio de Abreu e Lima, e o retiro espiritual imposto ao clero, no convento de S. Francisco do Recife, com a leitura do catecismo todos os dias feita por padres estrangeiros, e a subsequente prohibição ao publico de assistir a esses actos, fizeram amortecer aquelles animos que tanto se manifestaram de amor e enthusiasmo, á sua nomeação, a sua chegada a Pernambuco; extremaram-se os partidos, a imprensa manifestou a sua opinião pró e contra, e os exaltados foram injustos para com o illustre prelado, e até com as côres politicas se tentou revestir os seus actos. « Estamos promptos a todo o sacrificio que requerer o bem estar do nosso paiz, escreveu elle proprio na sua Pastoral de 28 de Abril de 1869, mas alimentar partidos, não. Nós vol-o declaramos francamente na consciencia de nos sentirmos immune de ter jamais praticado acto algum em o nosso episcopal ministerio, tendente a servir a um partido, e na firme resolução estamos de perseverar em nossos principios para o futuro, em quanto estiver em nós e nos auxiliar a graça divina. »

Mas a obra executada pelo seu antecessor D. Emmanuel de Medeiros, e seguida por elle, ia ser interrompida pela morte. Ao chamado do Summo Pontifice Pio IX para assistir ao concilio ecumenico do Vaticano, que se tinha de celebrar a 8 de Dezembro de 1869, partiu D. Francisco Cardoso Ayres para Roma aos 29 de Setembro desse anno; e a 14, do mesmo mez, deu uma carta pastoral de despedida aos seus diocesanos, e foi esta a ultima vez que a elles se dirigiu.

Em Roma, hospedou-se D. Francisco na casa dos Philipinos. O pouco tempo de vida que lhe restava, não permittiu-lhe chegar a epocha em que se tratou das mais importantes questões no concilio; mas nesse mesmo pouco tempo, elle revellou-se o homem que devia assumir uma posição brilhante nesse congresso ecclesiastico; e sobre essa ultima phase de sua vida, assim expressa-se o bispo de Ardach, n'uma carta dirigida ao Exm. bispo do Pará, D. Antonio de Macedo Costa: « Coube-me o prazer de estar junto d'elle na sala conciliar até que approve a Deus chame-o á eterna felicidade. Portanto, desde o dia 8 de Dezembro de 1869 até os primeiros dias de Maio de 1870, tive amiudadas occasiões de conhecer o bispo de Pernambuco. Affirmo, sem hesitação, que a opinião que d'elle formara quando era ainda elle simples sacerdote, confirmou-se

quando o conheci bispo. A caridade, lhanesa e humildade que o distinguia quando padre, nelle brilhava com maior esplendor uma vez por Deus elevado á dignidade episcopal. Cada dia elle assistia as reuniões, apesar de frequentes encommodos que padecia, escutava com a maior attenção tudo quanto se dezia; tomava notas com extremo cuidado, comprehendia o alcance de cada questão, e pesava todos os argumentos com extraordinaria perspicacia. Faziam-me impressão suas virtudes em todas as occurrencias, e admirava sua profunda erudição e recto juizo. Sua humildade, porém, encobria estes raros dotes a todos os que não o conheciam tão intimamente como eu, antes e durante o concilio. Eu admirava-o como um bispo santo, sabio e extremamente prudente; amava-o como um irmão que sempre foi bom, sempre meigo em suas maneiras, sempre prompto a servir a todos os que pediam sua assistencia. Ora venero sua memoria como a de um santo prelado e choro como um amigo querido que deixou-me.»

Na manhã de 9 de Maio de 1870, foi D. Francisco accommettido de uma enfermidade que a principio não apresentava character assustador; mas desenvolvendo-se rapidamente, foram inuteis todos os meios empregados a salvá-lo; e poucos dias depois era cadaver. D. Francisco Cardoso Ayres, falleceu aos 14 de Maio de 1870, tendo completos 48 annos de idade, dos quaes 27 de vida religiosa, 18 de sacerdocio e dous de episcopado.

Grande concurso de prelados de todas as nações, entre os quaes se distinguiam os arcebispos de Buenos-Ayres, de S. Francisco da California, de Iconio, de Valencia, varios bispos da America, França, Inglaterra, Irlanda, Oceania e Africa, e os do Brazil, tendo a sua frente o arcebispo metropolitano, o ministro plenipotenciario do Brazil junto a Santa Sé, e um crecido numero de outros ecclesiasticos e seculares, enchiam as naves da Igreja Nova dos Philipinos, onde foram rendidas as ultimas honras ao cadaver do illustre prelado de Olinda, no dia 16 de Maio. «Coube-me a mim, diz o Exm. bispo do Pará, no impedimento do nosso digno metropolitano, o piedoso dever de cantar a missa pontifical; o que fiz com profunda emoção, sendo o esplendor do acto realçado pelos tocantes accentos da musica da Capella Pontifical que enchia a alma de solemne e religiosa tristeza. Depois de ter assistido ao santo sacrificio, fez as asperções da liturgia e deu a ultima benção ao feretro S. Eminencia o Sr. Cardeal Corci, arcebispo e primaz

de Piza, revestido dos habitos e insignias pontificaes, com o que terminou a funebre cerimonia. No mesmo dia á noite foi o venerando corpo trasladado á capella dos Padres da Caridade, na rua Alexandrina, e no dia seguinte pela manhã encerrado no tumulo subterraneo que fica por traz do altar, e ali esperará a final resurreição dos pastores fieis, se acaso a diocese de Pernambuco, não reclamar estes despojos sagrados como uma reliquia preciosa que por tantos titulos lhe pertence. »

Mas estas reliquias ali estão abandonadas, e em breve desconhecidas e difficil de reconhecel-as para o futuro, se acaso forem reclamadas pela diocese de Pernambuco. Em 1876, quando o nosso particular amigo o Revd. Padre Doutor José Affonso de Lima e Sá achava-se em Roma, pedimos-lhe nos remetteste uma copia da inscrição tumular de D. Francisco Cardoso Ayres; e esse amigo em uma carta que nos escreveu, disse o seguinte: « Quanto a inscrição tumular de D. Francisco, fui logo a *via Alexandrina, n. 6*, casa dos Padres da Caridade, onde elle se acha sepultado, e não encontrei epitafio algum. Um padre conduziu-me a uma capella subterranea, mostrou-me nella uma grande quantidade de urnas de madeira, dizendo-me que estavam dentro dellas os ossos dos padres da ordem, e depois chegando-se comigo para um grande caixão de zinco, disse-me: — *Aqui está o seu bispo. Distingue-se o logar onde elle está de todos os outros, por causa do caixão ser de forma e especte diversa*, accrescentou o padre. Procurei por toda a volta do caixão, e com effeito não vi inscrição alguma. Eis tudo. »

Eis tudo, pois, accrescentamos tambem, o que resta do piedoso bispo de Olinda, D. Francisco Cardoso Ayres, cuja diocese um dia, quando se lembrar de reivindicar á si a guarda dos seus despojos, nada encontrará.

Francisco Corrêa Telles de Menezes. Nasceu na cidade de Olinda pelos annos de 1745, e era filho legitimo do licenciado Manoel Corrêa Telles e D. Rosa de Vasconcellos Saraiva.

Retirando-se com seus paes para os sertões do Apodi, alli passou a sua infancia e fez os seus primeiros estudos guiado por seu pae. Quando já se achava preparado para entrar no curso superior dos estudos necessarios á vida sacerdotal que aspirava, perdeu seu pae, o que fez retardar por algum tempo a sua carreira ecclesiastica, mas depois

veio para Pernambuco, e em Olinda encetou os seus estudos, e ao terminal-os recebeu ordens sacras das mãos do bispo diocesano D. Francisco Xavier Aranha.

Contava então o Padre Francisco Corrêa Telles de Menezes 27 annos de idade. Ordenado sacerdote, vendo co-rodos os seus mais ardentes desejos e aspirações, seguiu para o Apodi onde residia sua familia, e alli cantou a sua primeira missa. Voltando depois a Pernambuco á visitar uns parentes, e de passagem em Olinda, foi complimentar o sabio bispo desta diocese D. Thomaz da Encarnação Costa Lima, e nesta occasião solicitou-lhe a graça de uma provisão de confessor, ao que negou-se o prelado. O Padre Telles de Menezes não objectou-lhe cousa alguma; retirou-se, seguiu para o interior do Ceará, e d'alli escreveu uma carta a D. Thomaz da Encarnação, carta tão notavel, que o bispo ao terminar exclamou: *Quando aquelle Padre se me apresentou, julguei-o um tolo; enganei-me.* E passou provisão por trez annos, quando a solicitada era apenas de um.

O Padre Telles de Menezes percorreu os vastos e invios sertões do Ceará, Rio Grande do Norte e Parahyba, pregando a palavra de Deus, e chamando ao gremio da igreja catholica aquellas almas transviadas pelo crime e pelo peccado, prestando assim grandiosos serviços não só a causa da religião, como tambem a causa da civilização. Em suas viagens, nessas longas travessias, elle costumava trazer em sua bagagem um altar portatil, e todos os paramentos sagrados, e em qualquer lugar que chegava, erguia o seu altar, e celebrava o incruento sacrificio da missa, pregava o Evangelho, doutrinando os povos e exercendo outros actos da nossa religião.

Estando uma occasião em Olinda, no tempo do sabio e venerando bispo D. José Joaquim da Cunha Azevedo Coutinho, foi elle apresentado a esse prelado por seu primo o conego Dr. José de Almeida Nobre, sendo então offerecida uma cadeira no seminario ao Padre Telles de Menezes, distincção esta que elle não acceitou.

Homem illustrado e modesto, o Padre Francisco Corrêa Telles de Menezes era um patriota distincto, a causa da independencia de sua patria teve nelle um apostolo dedicado e notavel, e a historia registra o seu nome como um dos martyres desses tempos em que os homens affrontavam a tyrannia á peito descoberto, sem temer consequencia alguma, escudados no mais sagrado dos direitos,

no amor da patria, na causa da sua liberdade. Foi assim que entrou na revolução de 6 de Março de 1817, e no seu occaso, quando de novo a tyrannia reergueu o seu throno, foi preso e martyzado.

Não foi somente a causa da religião, da patria e da civilização, que o Padre Francisco Corrêa Telles de Menezes prestou innumerados e grandiosos serviços; elle foi tambem um apostolo da sciencia, e se os seus trabalhos não podem ser apreciados, uns por se terem perdido, e outros por estar ineditos ainda, e bem poucos publicados em fragmentos, comtudo, o seu nome, e o merecimento das suas investigações, são titulos de benemerencia assás valiosos á illustrar a sua memoria, esquecida e desconhecida por tanto tempo.

Nas suas longas e constantes viagens pelos nossos sertões, compoz o Padre Telles de Menezes uma obra em quatro volumes sob o titulo: *Lamentações brazilianas ás cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Christo*, offerecida a D. Thomaz de Noronha, a qual entregára a um seu irmão nesta provincia, para remetter a D. Thomaz, com destino a D. João VI. D'esta obra, notavel pelas muitas informações e outros factos historicos relativos ao ultimo periodo da nossa vida colonial, resta apenas o quarto e ultimo volume no Instituto Archeologico e Geographico Pernambuco, de cuja obra foram publicados alguns artigos nos jornaes do Ceará, e transcriptos nos desta provincia.

Escreveu tambem uma obra sobre a lingua dos nossos aborigenes, e uma outra sobre a nossa riqueza vegetal, a qual foi suscitada pelas seccas que assolam os sertões deste paiz, tratando larga e desenvolvidamente da carnauba, do chique-chique e de muitos outros vegetaes. Mais duas outras obras não menos interessantes e valiosas, escreveu tambem o Padre Telles de Menezes; uma sobre genealogia, em que tratava da linhagem das mais notaveis e distinctas familias desta capitania; e outra finalmente sobre mineralogia, na qual tratou especialmente do ouro, prata, carvão de pedra, pedra hume e muitos outros mineraes, assim como da cochinilla vegetal e do ouro em pó que descobrira nos diversos ramos em que abundam a natureza do rico e prodigioso solo deste paiz, tambem receberam especial menção nesse trabalho, dedicando-lhe artigos cheios de interesse.

Muitos dos manuscriptos do Padre Telles de Mene-

zes, foram parar ás mãos do senador Francisco de Brito Guerra, um dos homens mais conceituados da provincia do Rio Grande do Norte, que isto mesmo declarou a um seu irmão; a estes manuscritos, especialmente os historicos, « e dignos de serem decorados como lendas em que se decantam feitos memoraveis, » addicionou o senador Guerra muitas anotações e merecidos elogios ao seu autor; mas hoje ignora-se em mãos de quem param, e julgam-se mesmos perdidos.

A falta da imprensa no seu tempo, de absoluta prohibição nos tempos coloniaes, não pôde o Padre Telles de Menezes publicar os seus trabalhos e investigações scientificas, e de envolta com a irreparavel perda de taes monumentos, ficaram esquecidos o seu nome e a sua memoria.

Ministro do evangelho, verdadeiro sacerdote pelo seu zelo e dedicação, apostolo infatigavel da causa da emancipação patria e da nossa civilisação, zelador dos nossos feitos e tradições, escrevendo sobre epochas memoraveis da nossa historia, e propagador da riqueza e prodigios do nosso solo, escrevendo trabalhos sobre botanica e mineralogia, o Padre Telles de Menezes cujo nome é inteiramente desconhecido, porque desconhecidos são os seus trabalhos e locubrações, é um desses homens a quem a posteridade vae tirar do esquecimento para apresental-os aos coevos, e tributar-lhes as honras a que tem incontestavel direito por seus serviços e merecimentos.

Ao terminar estes ligeiros traços sobre a vida de tão illustre e virtuoso varão, extrahidos de um incompleto trabalho sobre a sua vida, que existe em manuscrito no archivo do Instituto Archeologico, faremos nossas as palavras com que o seu autor o terminou, e aqui as consignamos :

« O Padre Francisco Corrêa Telles de Menezes, falleceu em uma avançada idade de quasi 100 annos, na villa da Princeza, e jaz sepultado na matriz de S. João da cidade do Assú. Foi um homem venerando pelo seu culto aos dogmas da religião; foi uma alma purificada pelo sol da divindade, a quem os sacrificios da vida não poderam desesperar; foi finalmente um character probó e zeloso pelo magisterio importante que occupava, e digno emulo de muitos, que, como elle abrilhantaram a aurora litteraria d'aquella epocha. A taça do martyrio, elle bebeu a longos tragos, a esperanza foi o unico santelmo que embellesou a sua existencia, e missionario augusto pelos sacrificios que

experimentou, o Padre Telles de Menezes conquistou uma corôa que resplende em sua fronte. O patheon da historia tem mais este vulto proeminente, esse heroe que tanto alentou as conquistas da sua epocha, o Padre Francisco Corrêa Telles de Menezes.

Francisco Ferreira Barreto. Nasceu no bairro de Santo Antonio do Recife, então villa, aos 5 de Abril de 1790; foram seus legitimos progenitores, Vicente Ferreira Barreto, e D. Adriana de Messias Barbosa. Francisco Ferreira Barreto, ajudante de um dos regimentos milicianos do Recife, e sua consorte D. Caetana Maria do Espirito Santo, foram seus avós paternos; e maternos, Gonçalo de Azevedo Cartelles e D. Joanna Maria.

Concluindo Francisco Ferreira Barreto os seus estudos primarios, encetou, nas aulas da Congregação dos Padres de S. Felipe Nery, os seus estudos secundarios, assim como os superiores necessarios á dignidade sacerdotal, para cujo ministerio, encaminhou-o a sua tendencia e vocação. Desde os seus primeiros estudos, diz um seu biographo, fez-se elle-notavel por sua imaginação fogosa e brilhantes expressões, e pela perspicacia e dedicação com que se absorvia e primava nas letras; distincção que lhe valeu da parte de seus discipulos a antonomasia de *Doutor*, com que passou a ser geralmente indicado.

Terminados os estudos necessarios á ordenar-se, fez-lhe patrimonio para o estado sacerdotal, D. Joaquim Maria Pereira Vianna, e recebendo ordens sacras das mãos do bispo D. Frei Antonio de S. José Bastos, celebrou a sua primeira missa aos 29 de Junho de 1813.

Ainda minorista, Ferreira Barreto ensaiou no pulpito, occupando a cadeira evangelica de pequenas festividades, o seu bello e possante talento; e desde então, a sua palavra facil e eloquente, o primor de seus discursos e as galas que ostentava, attrahiram-lhe ouvintes e applausos. Elle tivera por mestre de declamação profana e sagrada, a João Nepomoceno da Silva Portella, cuja aula era no consistorio da egreja de S. José de Riba-Mar, e sob as lições e exercicios dirigidos por tão abalisado professor, Ferreira Barreto cultivou o seu espirito, adquiriu todos os preceitos e regras da arte concionatoria, e conquistou os foros de grande orador, cuja fama é ainda hoje proverbial.

Ordenado bresbytero, accitou Ferreira Barreto o logar de capellão do engenho Aldêas; mas por bem pouco

tempo exerceu essa capellania, porque tornou ao Recife afim de assumir a coadjutoria da freguezia de Santo Antonio, que lhe confiara o bispo D. Frei Antonio de S. José Bastos. Moço como era então, o padre Ferreira Barreto não gosava somente de conceito pelas suas virtudes e dotes oratorios; elle era poeta tambem, e de sua lyra afinadissima havia produzido canticos cheios de inspiração, belleza e harmonia. Na poezia sacra, era o padre Ferreira Barreto de tanta elevação, inspiração e primor, que até hoje só constitue nesse ramo digno emulo seu, na phrase de um litterato pernambucano, o padre Antonio Pereira de Souza Caldas; e nos outros ramos não o era menos. Na poezia satyrica, o espirito, a graça, e o epigramma, davam-se as mãos, e pena é, que de taes produções tão pouco nos reste. No tempo do governador Caetano Pinto, viveu entre nós o tenente Deodato Pinto, seu commensal, que versejava, porém mediocrementemente. Tomaram-no então a sua conta, o padre Ferreira Barreto e Frei João Baptista da Purificação, e com elle arcaram em versos. O padre Ferreira Barreto dirigiu-lhe trez sonetos; mas destes apenas resta-nos um, que engraçada e espirituosamente termina em fôrma de epitaphio, e neste mesmo genero epigrammatico, restá-nos tambem um outro, não menos bello e interessante.

Em 1817, a epocha da patriotica e ephemera republica de Pernambuco, esse brado da liberdade e independencia patrias, não actuou porém no animo do padre Ferreira Barreto, como no de outros tantos sacerdotes como elle. Os seus temores pela segurança, diz o commendador Antonio Joaquim de Mello, o seu character mais propenso á estabilidade e força governamental, do que á mobilidade livre e ingerencia popular, o contiveram nos limites de espectador; se não publico applaudinte estrondoso, tambem não expresso e nocivo reprovador.

E' que o padre Ferreira Barreto tinha idéas adversas á forma do governo proclamado pelos patriotas de 1817, e assim, desapareceu o seu temor e indiferença com o grito da independencia, adoptando-se a monarchia constitucional; e já anteriormente, muito se havia empenhado na luta constitucional, e após a deposição do general Luiz do Rego, pela eleição da Junta Governativa, escreveu o periodico *Relator Verdadeiro*, valiosissimo documento em sustentação á nova ordem de cousas.

Consumada a independencia, convocada a Assembléa Constituinte em 1823, o padre Ferreira Barreto mereceu de

seus conterraneos os votos para supplente de deputado, em cuja camara tomou assento por não comparecer o deputado Francisco de Carvalho Paes de Andrade.

Na côrte do nascente imperio, colheu o padre Ferreira Barreto novos louros pela sua palavra eloquente e arrebatadoura. Na capella imperial, em presença do imperador e de toda a côrte, pregou um sermão tão magnifico em arrebatamentos hyperbolicos do seu estylo, que arrancou applausos e conquistou renome; o Imperador mandou-o comprimentar, e cobriu-o de graças, taes como o habito de Christo em 22 de Fevereiro de 1823, o do Cruzeiro em 10 de Junho, o titulo honorifico de pregador da capella imperial em 12 de Agosto, e ainda a 26 do mesmo mez, lavrou-lhe o decreto de nomeação parochial da freguezia de S. Frei Pedro Gonçalves do Recife.

Dissolvida a Assembléa Constituinte, voltou á Pernambuco, e tomou conta do seu beneficio da egreja matriz de S. Frei Pedro Gonçalves. A conferencia desse beneficio e dos titulos honorificos com que o agraciara o Imperador, tornaram-se para o vigario Ferreira Barreto motivos de amargos dissabores, pelas constantes increpações dos seus adversarios partidarios, como a paga de uma humilhação indigna e aviltante do representante do povo a Assembléa Constituinte. Mas o vigario Barreto, diz o commendador Mello, que foi sempre homem do governo, conservou-se inativo e silencioso quanto á politica, entregue todo ás obrigações da sua egreja; menos a respeito da invasão de tropas portuguezas no Brazil, em que se fallava e sobre o que o Imperador pozera de accordo as provincias; porque sobre este assumpto Ferreira Barreto não poupava, arrebatado, razões e estímulos, para que fosse a presumida invasão heroicamente repellida.

Estabelecida em 1829 na cidade do Recife, a sociedade secreta *Columna do Throno*, tornou-se logo, sob bem fundados argumentos, suspeita de promover o governo absoluto. Como seu órgão, appareceram então na arena jornalística, os periodicos *Cruzeiro* e *Amigo do Povo*, dos quaes era voz publica ser o vigario Barreto um dos seus collaboradores; batiam porém, ás suas idéas o *Diario de Pernambuco* e o *Constitucional*, e o vigario Barreto tornou-se o alvo de ataques dos contrarios, de epigrammas picantes, de apodos e injurias, o que muito o amargurava e contrariava.

Porém elle jamais desmereceu do credito, conceito e

justissima consideração de que gozava, e os pernambucanos bem sabiam distinguir o homem honesto e illustrado, o padre virtuoso e exemplar, do politico retrogrado e apaixonado, e assim, vemos a Camara Municipal do Recife, nesse mesmo anno de 1829, distinguindo-o, confiando-lhe a honrosa missão de em seu nome e no de seus municipios, ir ao Rio de Janeiro felicitar ao Imperador, por occasião de suas segundas nupcias com a princeza D. Amelia de Leuchtemberg.

Cumprindo o vigario Barreto a sua missão no Rio de Janeiro, voltou á Pernambuco; porém a sociedade secreta *Columna do Throno* tomava assustadora attitude, a opinião publica manifestava-se já contra ella, o commandante das armas representa contra a sua existencia, e o governo viu-se forçado a mandar abrir conhecimentos judiciaes, e até a suspender algumas das garantias constitucionaes, e assim baqueou a *columnata*. O vigario Barreto achava-se então em uma posição melindrosa e critica; opprimido de desgostos e contrariedades, os seus adversarios politicos indispostos contra si, o povo em agitação, uma revolução em fim, prestes a rebentar, resolveu então deixar por algum tempo a patria, e embarcou para Lisbôa em 1831.

Na capital do reino portuguez, foi o Vigario Ferreira Barreto digna e honrosamente recebido, e gosou de muita consideração e estima. Os seus amigos instam, e forçam-no por fim a fazer ouvir a sua palavra; porem era necessario para, isso submeter-se a um rigoroso exame; mas elle presta-se a isso, o Nuncio Apostolico designa para seu examinador o prior de Santos, Antonio Joaquim Pereira Coelho, e em presença de numerozo auditorio elle exhibe as provas do seu talento, da sua illustração variadissima, e recebe a plena approvação *cum laude*.

Obtendo a respectiva provisão do Cardeal Patriarcha de Lisbôa, subiu aos pulpitos dos templos da metropole portugueza, e tanta fama e renome adquiriu, que em breve era convidado para pregar nas festividades mais solemnes e pomposas. Não foi somente a cidade de Lisbôa o theatro de seus triumphos oratorios no velho Mundo; outros lugares de Portugal o foram tambem, assim como algumas provincias de Hespanha, e em todas essas occasiões, as palmas e os louros triumphos, eram conquistados, e a sua fama subia, a proporção que novas occasiões lhe eram proporcionadas.

Pregando uma occasião na capella do palacio da illustre litterata portugueza a Condessa de Oyenhomsem, ficou ella tão verdadeiramente apreciadora do merito do Vigario Barreto, tão agradada do orador, que mandou-lhe offerecer um priorado, graça que elle recusou acceitar, assim como a guardamoria da Torre do Tombo que lhe offerecera D. Miguel, e em todas estas manifestações de apreço, e em todos os convites que recebeu para ficar em Portugal, a renuncia era sempre ditada pelo mais nobre sentimento, pelo amor da patria; e mais que tudo isso, elle presava-se de ser brasileiro, fóros que perderia se acceitasse qualquer dos offercimentos que lhe fizeram.

Em Lisbôa, diz Innocencio Francisco da Silva, frequentou o Vigario Francisco Ferreira Barreto, a sociedade dos mais extrenuos realistas daquella epocha, aos quaes erão tão bem acceito, que um dos mais notaveis, o Dr. M. P. Coelho Cotta, dizia delle *ser um excellente homem, em quem não podera descobrir a menor imperfeição.*

Não foi somente como orador, que o Vigario Barreto conquistou em Portugal fama e merecidos louvores; elle os conquistou tambem como poeta, publicando alguns sonetos offercidos a D. Miguel, e outros a morte de D. José Agostinho de Macedo.

Em 1834, acalmados os animos, serenada a tempestade politica do Brazil que o levou a voluntariamente expatriar-se, voltava aos lares patrios o Vigario Barreto. Em viagem, no dia de seu 44.º anniversario, a 5 de Abril, tomou da sua lyra, e magoado da injustiça que soffrera, compoz um sentidissimo e terno soneto, clamando contra a guerra que lhe votara o despotismo, e a intriga, lastimando a perda de amigos ternos, da patria e da familia, o-seu ostracismo de trez annos, concluindo que os mares, que o abysmo, fossem a sua patria, fossem o seu sepulchro, já que os não tinha em terra.

Porem os mares não ouviram a sua supplica, e elle aportou a salvo, ás plagas da terra que lhe dera o berço, e de novo entregou-se zelosa e dedicadamente ao ministerio do seu vicariato; e a patria sabia presar o seu merecimento, não o despresou, e elle se viu logo rodeado de amigos, de admiradores, applaudido, recebendo quer do governo, quer do seu prelado e de seus conterraneos, inequivocas provas de apreço e distincção. E assim, em 1844 foi nomeado director do Lyceu Pernambucano, em 1847 condecorado com

a commenda da ordem de Christo, em 1848 membro da commissão encarregada de rever o *Ensaio estatístico civil e politico* da provincia organizado pelo Dr. Jeronymo Martiniano Figueira de Mello, o cargo de examinador synodal, o de vice-presidente da Associação da Propagação da Fé, e depois o de seu presidente por morte do bispo D. Thomaz de Noronha, e finalmente a eleição de deputado provincial em duas legislaturas.

Em 1839, adoeceu gravemente de uma affecção pulmonar, e desenganado de recobrar a perdida saude, resigna-se, conforta-se com os soccorros espirituaes da religião Christã, e ao receber o sagrado Viatico, desprende de sua lyra, como que o ultimo canto do cysne, um tocante soneto a Jesus Crucificado; mas os desvellos e cuidados empregados, poderam-no erguer do leito da morte, e a muito custo encaminhando-se para a saudavel villa de Flores, a margem do rio Pageú, conseguiu recobrar a arruinada saude que gosava, e dous annos depois tornou ao gremio dos seus amigos, de sua freguezia; mas sempre abalido, fraco e soffrendo quasi sempre, cerrou os olhos á luz da vida, aos 25 de Fevereiro de 1851; e tão pobre, que os gastos do seu enterro e honras funebres, foram feitos por alguns moradores de sua parochia, e outros seus affeiçãoos e amigos.

O Vigário Francisco Ferreira Barreto, morreu pobre, mas legou a posteridade um nome tradicional, rico de glorias e de renome. O seu cadaver foi depositado na egreja da Madre de Deus, em cuja casa educou-se, e onde o seu genio bebeu as primeiras inspirações. No dia seguinte teve lugar o seu sahimento, notavelmente concorrido, e o seu cadaver foi levado á sua egreja matriz, coberto de bençãos pela numerosa pobreza que soccorria, e ahi recebeu o seu derradeiro asylo.

Não é hoje somente a tradição os unicos attestados do seu genio, e dos seus dotes como orador, theologo e poeta. Ahi corre as suas obras colleccionadas pelo commendador Antonio Joaquim de Mello, e publicadas em dous volumes in-4.º em 1874, em virtude da Lei Provincial N. 647 de 20 de Março de 1866, sob o titulo—Obras religiosas e profanas do Vigário Francisco Ferreira Barreto—, as quaes constam de seis orações apologeticas e quatro funebres, nove allocuções eleitoraes, e quatro composições diversas, que formam o primeiro volume inclusive a sua biographia; e o segundo contem as suas produções poeticas, constante de vinte e oito sonetos, uma ode, um elogio, uma anacre-

antica, trez hymnos, dous officios religiosos, quatro paraphrases dos psalmos de David, trez composições theatraes e nove diversas.

Mas não foram estas somente as composições do Vigario Barreto; elle deixou muitas outras ineditas, e entre ellas figuravam varias dissertações sobre diferentes questões, memorias, discursos e sermões; uma obra quasi concluida sobre a reforma do clero, dedicada ao episcopado brasileiro, e outra já terminada, contendo todas as objecções levantadas contra o catholicismo.

A maior parte das produções litterarias do Vigario Barreto que formam a collecção de suas obras, foram impressas separadamente em diversas epochas; e os seus lindos poemas, A criação do primeiro homem e da primeira mulher, o hymno da Conceição e do Messias, e as paraphrases de alguns psalmos de David, são afamados, e constituem as mais custosas joias da sua corôa de poeta. Em 1842 publicando nesta provincia o seu poema — *A criação do primeiro homem e da mulher* —, foi logo nesse mesmo anno reimpresso em Lisbôa, trazendo appenso uma apreciação publicada no *Diario de Pernambuco* de 4 de Março, que deve ser do illustrado litterato Dr. José Soares de Azevedo, não só pelo estylo como pelas iniciaes que o subsecreve — S. d'A.

A *Creação do homem e da mulher*, diz o autor dessa apreciação, é uma pequenina epopéa *sui generis*; é um raminho de nardos aromaticos, que ainda conservam toda a frescura do paraizo. Os meninos nas escolas deviam comecar a ler versos por este livrinho cheio de fragrancia, e o seu autor devia continuar a dar-nos as suas inspirações sublimes, senão por amor de si, ao menos por amor das letras e das boas artes.

O Vigario Francisco Ferreira Barreto, diz o Comendador Antonio Joaquim de Mello, não foi somente uma gloria do clero pernambucano por sua instrucção; era tambem por seu desinteresse e caridade. Nunca o orphão desvalido e a viuva consternada recorreram á sua piedade, que com elle não partisse, ou lhes desse o pouco mesmo de que se não podia dispensar.

Innocencio Francisco da Silva, Antonio Pedro de Figueiredo, o Dr. Antonio Rangel de Torres Bandeira, o Comendador Antonio de Mello, e outros litteratos, teceram a corôa de suas glorias, e bem alto proclamaram o seu merecimento como sacerdote, como orador e como poeta. Ou-

çamos pois o Dr. Torres Bandeira, n'um artigo publicado na *Aurora Pernambucana*. n. 89 de 1859, sobre o tomo 2.º das *Biographias de alguns poetas e homens illustres da provincia de Pernambuco*, pelo commendador Antonio Joaquim de Mello, no qual dignamente figura o illustre Vigario Ferreira Barreto.

« Nenhum dos talentos poeticos, de que se faz menção neste volume, é superior ao insigne *Cantar do Primeiro Homem*, da *Primeira Mulher*, ao excellente e sublime paraphrasta de alguns psalmos de David; e não seremos injustos se affirmarmos que nenhum delles lhe é igual. »

« O Sr. Mello soube comprehender e apreciar devidamente o merito poetico do vigario Barreto, que, em nosso humilde juizo, foi o mais perfeito imitador do incomparavel *Elmano*, tanto pelo arrojo e sublimidade do estro, como pelo primor e harmonia do rythmo.

« Sem que nos seja necessario entrar aqui em largas explanações criticas sobre o merito relativo das duas escolas poeticas portuguezas, de Filinto e de Bocage, que outros já tem cabalmente julgado, e que o Sr. Castilho tão magistralmente apreciou, basta-nos consignar a idéa de que nenhum outro poeta dos que conhecemos na litteratura classica portugueza e brazileira, soube reunir tantos dotes de espirito e de engenho á tanta formosura e esplendor de phrase como o vigario Barreto, »

« Não lhe faltava criação, nem lhe escasseava a phantasia nas composições tão bellas e brilhantes com que enriqueceu a sua e nossa patria. »

« Como homem, era distincto; como parochio, pode-se dizer que ninguem o excede; como poeta era digno de figurar na pleiade dos mais eminentes e abalisados; e como orador sagrado podia muito bem competir com os Caldas, Sampaivos, Junuarios, Mont'Alverne e outros. »

Francisco Gil Ribeiro. Nasceu em meados do seculo XVII, e assentou praça a 26 de Fevereiro de 1675.

Promovido ao posto de alferes, Gil Ribeiro fez parte da expedição das Alagôas que foi em soccorro das tropas empregadas na guerra dos Palmares, depois marchou para o Rio Grande do Norte quando os Indios Papuyás a invadiram, praticando toda a sorte de atrocidades sobre os seus

moradores, e tomou parte em todos os episodios que tiveram lugar, taes como a marcha até ao sitio da Capellinha á desalojal-os de Camaragibe e Pedra Branca, o combate ferido em Mipibú, cuja peleja durou um dia inteiro, conseguindo desalojar o inimigo que fugio em retirada deixando grandes despojos de guerra e as suas bagagens, e na peleja de Potengi em que tambem foram derrotados e destruidos, deixando no campo mais de cem mortos e prisioneiros.

Ainda no Rio Grande, Gil Ribeiro assumiu á direcção da sua companhia no impedimento do respectivo commandante, e apparecendo na costa dessa capitania uma balandra de piratas que havia apresado e roubado uma embarcação e feito encalhar uma outra, embarcou em sua demanda, percorreu a costa em toda a sua extenção, protegendo os navios e conduzindo-os ao porto, livres da perseguição dos piratas.

Promovido ao posto de ajudante, e exercendo as funcções de instructor, em cujo exercicio muito se esmerou em preparar os seus soldados no manejo das armas e manobras militares, passou a capitão do terço de infantaria do Recife por Patente Regia de 21 de Janeiro de 1698; e nessa qualidade, tendo o governador e capitão general desta capitania D. Fernandu Martins Mascarenhas de Lencastre, de nomear para capitão-mór do Ceará a *pessoa de valor, serviços e experiencia, e tendo respeito a que tudo isso concorria na do Capitão Francisco Gil Ribeiro*, o nomeou para o dito cargo por Portaria de 30 de Junho de 1699, no qual entrando em exercicio nesse mesmo anno, dirigiu a administração da capitania até o anno de 1703.

Em 1710, já elevado á patente de ajudante de tenente general, esse veneravel ancião repousava das suas fadigas militares no seu sitio das Sabinas, quando rompe a guerra dos Mascates. Convidado pelo governo provisório para se incumbir da guarnição e defesa do forte de Itamaracá, cujo ponto estava ameaçado pelos revoltosos de Goyanna, pela confiança que inspirava a sua bem conhecida fidelidade e coragem, Gil Ribeiro apesar de velho e enfermo acudiu ao reclamo da patria e marchou para Itamaracá em Julho de 1711. Tomando conta do commando de tão importante fortificação, em poucos dias conseguiu aprisionar nove barcos do serviço dos Mascates, porém uma commissão mais importante e urgente o chamou á Olinda, recebendo então a incumbencia do commando do cerco do Recife.

Gil Ribeiro, entrou logo no exercicio do seu novo cargo,

e a 9 de Agosto teve occasião de illustrar o seu nome, quando os sitiados forçaram o cerco pela Bôa-Vista e Santo Amaro com uma força de 400 homens; mas foram heroicamente repellidos nesta acção, graças as acertadas providencias e honrosa attitude que manteve o illustre commandante das forças pernambucanas. Partindo para a povoação de Goyanninha á castigar os rebeldes, Gil Ribeiro ataca-os vigorosamente a 23 de Agosto, e consegue afugentar o inimigo, deixando os moradores em paz e tranquillidade.

Tantas vantagens obtidas por este veneravel heroe, narra um historiador, custaram bem caras na campanha de Sibiró, onde, em 18 de Agosto de 1711, hia se perdendo o exercito pernambucano. O governo e a nobreza ficariam talvez descaroçados com este revez, se lhe não restasse ainda o Ribeiro, a quem fiseram vir correndo de Goyanna para ir suspender a marcha triumphante de Camarão, com as tropas que o insigne João de Barros Rego ajuntára no engenho Velho. Gil Ribeiro obdecendo promptamente a esta ordem, partiu immediatamente, deixando Goyanna segura á causa pernambucana, tendo executado o sargento-mór dos rebeldes, e trasendo prisioneiro a Jeronymo Paes, procurador e parcial dos mascates.

Chegando a Olinda e recebendo as necessarias instrucções do governo, partiu para o sul da provincia a 3 de Setembro, e no dia seguinte se reuniu ao exercito, o qual recebeu com enthusiasmo geral pelas suas recentes proezas, e pela confiança que infundia o seu merecimento e prestigio. Gil Ribeiro ainda mais conquistou as sympathias do exercito, ainda mais realçou a sua grandeza de animo e de patriotismo, por um acto de excessiva modestia e abnegação. Apresentando a provisão de sua nomeação, protestou, que, reconhecendo em todos maior capacidade para commandar o exercito e acabar gloriosamente a campanha emprehendida, elle se offerencia como soldado voluntario para obdecer as suas ordens. Este rasgo, este protesto do velho soldado, produziu o mais bello effeito, e o exercito acclamou-o general e protestou inteira obediencia.

No dia 7 Gil Ribeiro á frente das suas tropas, partiu em demanda do inimigo; e o encontrando entrincheirado no engenho Garapú, em Ipojuca, delineou o plano da batalha, e no dia seguinte pela manhã assalta as suas trincheiras. Trava-se renhido combate, e a luta prolonga-se até as 4 horas da manhã seguinte, quando os inimigos se retiraram em

debandada, abandonando as sus trincheiras e deixando todo o material do seu exercito. O governo e a patria festejaram condigna e enthusiasmicamente esta decisiva victoria, e sensivel e honrosamente agradeceram ao illustre general que a havia conquistado, e no auge do enthusiasmo por tão esplendido triumpho ordenou-lhe que a completasse marchando á tomar a fortaleza de Tamandaré.

Bem quizera o illustre general perseguir os inimigos em sua fuga, mas era preciso obedecer, e partiu para a nova empresa. No dia 19 de Setembro de 1711 Gil Ribeiro sitiou rigorosamente a fortaleza, mas não poude immediatamente effectuar a sua tomada, pela falta de artilharia, o que prolongou o sitio, até a chegada do novo governador Felix José Machado, que, aliciado pelos Mascates, logo lhe ordenou que o levantasse e se recolhesse á sua casa.

Francisco Gil Ribeiro sugeitando-se a esta ordem sem replicar, regressou ao Recife, e veio ser testemunha magoada e inconsolavel da fria recepção com que o governador remunerou os seus serviços e os seus feitos; da injustiça atroz com que o obrigou a restituir a seus primeiros possuidores as presas que fizera em Itamaracá, presas estas, que legalmente já lhe haviam sido adjudicadas; do desprezo com que foi tratada a nobresa; a privança dos mascates, finalmente a creação do Recife em villa, acto que teve logar em 21 de Novembro de 1711.

O velho e valente soldado não poude resistir a tanta humilhação, e succumbiu ralado de magoas e de desgostos. Tantas causas juntas, dizemos finalmente, fazendo nossas as palavras de um historiador, foram mais que bastantes para consumir um venerando heroe, que nunca deveria morrer; mas foi a altissima Providencia que quiz poupar-lhe outras mais horrorosas injustiças dos tyrannos.

Francisco José Arantes. Nasceu na cidade então villa do Recife, aos 30 de Novembro de 1783, de legitimo matrimonio de Felix José d'Arantes e D. Thereza Joaquina dos Santos.

Na Congregação do Oratorio de S. Felipe Nery desta cidade, teve ingresso Francisco d'Arantes, e na mesma Congregação fez os seus estudos de humanidades, revelando pela sua applicação e progressos um talento muito promettedor, e merecendo de seus mestres a distincção da escolha para ler a cadeira de Vesperas, e logo depois a designação para mestre dos noviços.

Nesse estabelecimento de religião, sciencia e caridade, que tão bons e reaes serviços prestou a esta provincia, recebeu Francisco d'Arantes, para assumir ao sacerdocio, todas as ordens necessarias, e ordenou-se presbytero.

Padre, possuidor já de muita illustração relativa a sua pouca idade, gosando de um nome e reputação entre os seus mestres, collegas e todos aquelles que o conheciam, Francisco d'Arantes visa mais largos e vastos horisontes, ambiciona possuir outros thesouros de sciencias, e parte para Portugal, deixa a patria querida, e a 21 de Outubro de 1814 matriculou-se na Faculdade de Theologia da Universidade de Coimbra. Durante o tempo dos seus estudos academicos, Francisco d'Arantes recolheu-se ao Collegio da Pedreira, e concluindo-os, recebe depois de apresentar e defender as suas theses, a borla e o capello de Doutor em Theologia, aos 29 de Junho de 1820. Pouco tempo depois, vagando uma das cadeiras da Faculdade que cursára, o Dr. Francisco d'Arantes inscreve-se no concurso respectivo, e tão brilhantes provas apresentou, tanto brilhára, que mereceu do governo a escolha entre os demais candidatos; e por Carta Regia de 19 de Agosto de 1823 recebeu o diploma de lente substituto da Faculdade de Theologia, e a 19 de Setembro prestou juramento e tomou conta da sua cadeira. Mas em resultado da intolerancia politica motivada pela luta de D. Miguel, que por tantos annos ensanguentou Portugal, foi o Dr. Francisco d'Arantes em 1834, assim como outros «ornamentos da Universidade», excluido da regencia de sua cadeira.

O Dr. Francisco d'Arantes, entusiasta cultor das sciencias, especialmente da theologia, e muito dedicado ao estudo das bellas lettras, não se esquecia que tambem era padre; e assim como soube honrar os titulos scientificos que possuia, soube tambem honrar o humilde habito de sacerdote que trajava. Elle occupou a cadeira de conego doutoral da cathedral de Fóra no Algarve, por titulo de 15 de Janeiro de 1831 passou a occupar a cadeira de chantage da cathedral de Coimbra, e em 14 de Maio de 1856, foi elevado a dignidade de deão da mesma cathedral, cujo cargo occupou até a sua morte.

Por differentes vezes, foi o Dr. Francisco d'Arantes eleito provedor da Santa Casa de Misericordia da cidade de Coimbra, prestando a essa instituição de caridade serviços extraordinarios, desempenhando zelosa e cuidado-

samente esse trabalhoso cargo. D'entre as muitas manifestações de apreço que recebeu do governo portuguez, e do povo de Coimbra, recebeu tambem dos seus collegas do Cabido da cathedral conimbricence, por mais de uma vez, o honroso mandato de vigario capitular desse bispado.

O Dr. Francisco d'Arantes, depois de uma longa existencia de 87 annos, empregada no serviço da igreja, da sciencia e da humanidade, falleceu aos 27 de Outubro de 1870 na cidade de Coimbra, legando a sua patria adoptiva os thezouros de sua sciencia e illustração, muitos bens aos seus estabelecimentos pios, e a sua terra natal, a gloria de tudo isso, sobre a qual reflecte os esplendores de seus louros, a fama de suas virtudes e o nome que deixou na republica das lettras.

Como homem de lettras, deixou o Dr. Francisco d'Arantes soberbos monumentos de sua proficiencia e illustração, em mais de um ramo dos conhecimentos humanos, quer ineditos, quer publicados, e destes, encontramos noticias sobre os seguintes :

Refutação da « Voz da razão do doutor José Anastasio da Cunha, lente de mathematicas da Universidade de Coimbra, » ou a verdadeira voz da razão. Coimbra, na Imprensa da Universidade, 1824.

Esta obra, segundo Innocencio Francisco da Silva, no seu *Diccionario Bibliographico*, são quasi as proprias quadras do opusculo refutado, produzidas em sentido contrario, e convertidas em exposição e confirmação dos dogmas e da moral do Christianismo; e segundo um jornal de Coimbra, mereceu geral applauso dos eruditos e das pessoas religiosas.

Compendio de Chronologia Mathematica e historica, extractada dos melhores autores. Coimbra, na Impr. da Universidade, 1825. Esta obra foi impressa com mais augmento e correccção, em 1826, na Imprensa Imperial e Real de Lisboa.

Sermão sobre a Conceição Immaculada de Maria Santissima, pregado a 8 de Dezembro de 1824, na capella da Universidade. Coimbra, 1825, Impr. da Univ.

Sermão da Senhora da Bôa Morte, pregado na cathedral de Coimbra a 14 de Agosto de 1853. Coimbra, 1853.

Sermão sobre a definição dogmatica da Conceição pura e immaculada da Santissima Virgem, não recitado na cathedral de Coimbra em 10 de Junho de 1855, por doença

grave que sobreveio ao autor. Lisboa, typ. de G. M. Martins, 1855. Este sermão foi reimpresso no tomo 2.º do *Sermão Selecto*, publicado por A. da Silva.

Sermão do patrocínio do glorioso S. José, pregado na capella da Universidade. Porto, 1826.

Resposta ao annuncio que na Gazeta n. 79, a pagina 352 mandou publicar o Dr. João Thomaz de Souza Lobo. Coimbra, na Impr. da Universidade, 1824.

Em 1857, havendo o conego Antonio Lobo Correia de Castro, pregado na cathedral de Coimbra, um sermão na festa de Nossa Senhora da Boa Morte, o qual em seguida foi impresso, vem a campo rebater as suas idéas o Dr. Francisco d'Arantes, pois sustentava proposições contrarias a doutrina catholica, e tambem em seguida publica as — *Breves reflexões acerca do sermão pregado na Sé de Coimbra, na festividade da Senhora da Boa-Morte, na segunda domingo de Agosto de 1857.*

Ainda em 1867, apesar de já contar os seus 84 annos, demonstrou evidentemente que não havia decahido dos seus conhecimentos scientificos e litterarios. Havendo o Dr. Motta Veiga feito uma publicação acerca — *Da residência coral dos conegos da sé, professores do seminario e lentes da Universidade*, o Dr. Francisco d'Arantes, apresenta ainda em campo, e oppõe a esse escripto, umas — *Breves reflexões em resposta ao Dr. Motta Veiga*; e neste trabalho, mostrou que ainda conservava perfeito conhecimento das sciencias ecclesiasticas que durante muitos annos professara na Universidade.

A boa acceitação desse trabalho, diz um jornal de Coimbra, d'onde temos extrahido estas ultimas notas, fez que, com a sua permissão fosse no mesmo anno reimpresso; e na supposição de que o Dr. Motta Veiga viesse contestar-lhe, compoz um outro trabalho mais desenvolvido sobre esse ponto, o qual deixou em manuscrito.

Alguns outros trabalhos publicou tambem o Dr. Francisco d'Arantes, entre os quaes encontramos noticia de um sermão da Epiphania e outro de Santo Antonio.

Deão da cathedral de Coimbra, lente de sua Universidade, orador eloquente e profundo, o Dr. Francisco d'Arantes é um dos muitos pernambucanos que têm illustrado a patria longe da patria, com os seus talentos, illustração, virtudes, e escriptos, titulos, sem duvida, eloquentes e valiosos á memorar o seu nome.

Francisco José Marinho. Nasceu no anno de 1795, e foram seus paes Francisco Marinho de Souza Ramos e D. Anna Francisca do Rego Barros.

Em 21 de Janeiro de 1823 foi nomeado alferes da companhia de guerrilha de Afogados denominada — *Defensores da Patria*, e rebentando no anno seguinte a revolta da Confederação do Equador, tomou parte nesse movimento politico, pelo que foi perseguido, sendo para notar-se, que, a circumstancia de ser cunhado do illustre Frei Caneca, ainda mais influiu no animo dos seus inimigos para exercer sobre elle maiores perseguições.

Homem pobre e laborioso, Marinho aprendeu o officio de carpinteiro, mas procurando adquirir conhecimentos inherentes a sua profissão, e dotado de bastante intelligencia, tornou-se um official perito. Em 1832 já exercia o lugar de mestre da officina de carpinteiro do Arsenal de Marinha, e nesse mesmo anno foi nomeado fiscal das obras da ponte do Recife. Por portaria de 10 de Maio de 1838 foi nomeado arquitecador do Consulado, sendo confirmada a nomeação por Decreto de 27 de Novembro de 1840.

Francisco José Marinho exerceu tambem o cargo de constructor do Arsenal de Marinha, mas sendo considerado dispensavel esse logar, foi ordenada a sua exoneração por portaria de 25 de Setembro de 1843. O cutter *Esperança*, os brigues-escunas *Guararapes* e *Olinda*, e o brigue *Capibaribe*, «foram obras deste pernambucano, que, sem protecção, e em algumas occasiões arteira e malignamente guerreado por invejosos do seu merecimento, chegou a adquerir bem fundada reputação na arte de construir navios, em que mereceu a admiração mesmo de estrangeiros, que, ao verem suas obras, eram informados de nunca haver elle estudado uma semelhante arte, e que tudo, que de bom nella fazia, era unicamente devido ao seu espirito apprehendedor, e ao talento não vulgar de que era dotado.»

Exercendo *com habilidade e pericia* o cargo de constructor do Arsenal de Marinha, muitos outros e importantes trabalhos foram feitos sob o seu risco e direcção; e deixando preparado todo o trabalho necessario á construcção do brigue-barca *Itamaracá*, o governo o comprou a sua viuva, e por elle foi feita toda a obra desse vetusto vaso da nossa marinha. Ao cahir n'agua o brigue-escuna *Olinda*, o *Diario de Pernambuco* de 23 de Fevereiro de 1843

publicou uma ligeira descripção desse navio, e disse: «Não é elle a primeira obra do Sr. Marinho, mas é segundo os entendedores a mais perfeita; prova de que o nosso constructor ganha em experiencia e sabe dar desenvolvimento á sua intelligencia.»

Sem educação profissional, guiado somente por sua dedicação e perseverança e pelos elementos que comsigo proprio pôde adquirir, pela sua intelligencia e á força de muito estudo e trabalho, Marinho foi um constructor naval de muito merecimento, e no cargo de arqueador do Consulado mereceu sempre a mais inteira confiança.

Como homem politico, como patriota, não foi secundario o papel que representou. Em 1823, foi elle um dos fundadores da *Sociedade Carpinteira*, associação secreta que trabalhava pela consolidação da nossa independencia, e pelo bem estar do paiz; em 1824, envolveu-se na revolução, e muito soffreu por amor da sua idéa; e mais tarde, em 1831, por occasião da Setembrisada, ei-lo incorporado ao batalhão academico na fortaleza do Brum e batendo as tropas sublevadas no bairro do Recife. E assim, o funcionario, o artista, o homem e o patriota, legou-nos titulos que assás recommendam o seu nome e a sua memoria.

Francisco José Marinho falleceu a 29 de Julho de 1846, e o periodico *O Nazareno*, em seu n.º 39 do mesmo anno, consagrando algumas palavras á sua memoria, por essa occasião, disse o seguinte: «Patriota puro e sem mancha, durante as vicissitudes de nossa mesquinha e insignificante politica, sempre esteve resignado; e era tamanha a sua resignação, que se o viu deixar o compasso de mestre para pegar no machado do official, quando assim o quiz a tyrannia, sem que elle possesse o menor reparo nesta mudança. Era senão o primeiro constructor do nosso paiz, ao menos igual aos melhores. E' uma fatalidade nossa; um a um dos nossos homens prestimosos se vae acabando, e sem que nos advirtamos de tão consideraveis perdas.... Um sentimento geral o acampanha. Uma flôr, uma lagrima sobre o tumulo do pernambucano genuino, que sempre amou a sua patria, somente pelo prazer e gloria que tinha de animal-a, e que todas as suas fôrças empenhou para elevar e dar importancia a esta provincia, que se ufana, que se honra de ter-lhe dado o berço.»

D. Francisco de Moura Rolim. Nasceu na cidade de Olinda no anno de 1580, e foram seus paes D. Felipe

de Moura, natural da cidade de Lisbôa, e D. Genebra Cavalcanti, natural de Olinda. Pelo lado paterno foram seus avós D. Manoel de Moura e D. Izabel de Albuquerque, irmã de D. Brites de Albuquerque, mulher do primeiro Donatario desta capitania Duarte Coelho; e pelo materno, Felipe Cavalcanti, fidalgo florentino, e D. Catharina de Albuquerque, filha de Jeronymo de Albuquerque e da india D. Maria do Espirito Santo Arco Verde.

D. Francisco de Moura Rolim, ainda bem joven seguiu para Portugal, ali completou a sua educação encetada em Pernambuco, e entrou nas fileiras do exercito portuguez, e pela sua intelligencia, valor e perícia militar, occupou os cargos de mais alta graduação do exercito.

O nome desse distincto pernambucano, os seus rasgos de heroicidade, a sua bravura e intrepidez, illustram os annaes dos tres mundos: Asia, Europa e America. Elle era considerado um general distincto, e no ardor das pelepas, bravo e de serenidade admiravel. Militou com applausos e honrosas menções na India, em Flandres e no Brazil, tomando parte nas guerras do principio do seculo XVII, a que a Hespanha levou Portugal dominado, ou a que sob a Hespanha, Portugal defendeu seus antigos domínios.

Em 1646 achava-se D. Francisco de Moura Rolim nas Indias. Occupada a cidade de Soar na costa da Arabia pelos Mouros, sob o governo do Xequé Mahamet, muito embaraçava e difficultava as relações e commercio das praças portuguezas de Mascate e Ormuz, e assim, foi deliberada a tomada da praça de Soar, e D. Francisco de Moura Rolim encarregado dessa missão. Preparada a expedição, partio da cidade de Gôa, marchando como general da artilheria D. Vasco da Gama. Chegando a expedição ás fronteiras de Soar, desembarcaram as tropas, e atacaram os mouros. Logo na primeira investida, o Xequé Mahamet cahio morto, mas os inimigos não desanimaram, e defenderam-se com todo o ardor e intrepidez. Fere-se renhida peleja, e em poucas horas de heroico batalhar, o exercito portuguez entôa os hymnos da victoria.

Os louros desta victoria, cuja conquista franqueou ao commercio portuguez das Indias a livre passagem das suas armadas por aquelle porto, coube ao illustre general D. Francisco de Moura Rolim. Terminadas as guerras da India e Flandres, recolheu-se á Lisbôa, e foi nomeado governador do Cabo-Verde, para ondê seguiu e tomou posse

do governo, o qual dirigiu de 1618 a 1622, quando terminou a sua missão.

Não tardou, porém, a occasião de se assignalar ainda mais pela conquista de novos triumphos, e dessa vez, coube ao Brazil, ser o theatro das suas façanhas, o campo em que colheu os mais fulgurantes louros que compõem a sua corôa de guerreiro. Os hollandezes já haviam experimentado o seu valor na Europa, vinham agora de novo experimental-o na America.

Invadida a Bahia em 1624 pelos hollandezes, cahio facilmente sob o seu poder, pelo fraco estado de defesa em que se achava. Quando essa noticia chegou á Europa, o governo da Metropole tomou immediatamente as necessarias providencias para restaurar aquella provincia do poder dos hollandezes, enviando uma expedição respeitavel pela sua força, e D. Francisco Rolim, *como mui entendido na guerra*, foi escolhido para ficar por chefe das tropas da Bahia, com o titulo de capitão-mór do Reconcavo.

Emquanto se aprestava a expedição restauradora, partio elle do porto de Lisbôa com trez caravellas, e tocando em Pernambuco, seguiu para a Bahia com alguma tropa e munições que aqui recebeu, e mais trez embarcações. Foi aportar na Torre de Garcia d'Avilla, e d'ahi seguiu para o acampamento do Rio Vermelho, e tomou posse do commando das tropas aos 30 de Novembro de 1624, até então commandadas por Marinho d'Eça. Chegando D. Francisco de Moura a Bahia, diz o historiador Rocha Pitta, « continuou as facções com a disposição e valor que lhe adquiriram a experiencia e o nascimento. » Melhorou a linha de sitio, dividindo-a em districtos e fazendo occupar algumas estancias importantes, cujas fortificações incumbiu a Manoel de Souza d'Eça. Igualmente organisou para dar protecção aos engenhos do Reconcavo, uma flotilha de lanchas e barcos canhoneiras, e nomeou para a dirigir a João de Salazat. Preparado tudo isso, e reforçado o exercito bahiano com o pequeno contingente que trouxera, e com outros que de Pernambuco, Rio de Janeiro e Espirito-Santo já haviam sido enviados, continuou a guerra contra os hollandezes com mais actividade, até que, com a chegada da esquadra Hespano-Portugueza, sob o commando de D. Fradique de Toledo, e com o seu auxilio, entraram os portuguezes na posse da cidade no dia 10 de Maio de 1625, com a capitulação dos hollandezes.

No dia 2 de Agosto partiu a esquadra para a Europa,

e D. Francisco de Moura assumiu as redeas do governo geral do Brazil, cuja nomeação régia trouxera D. Fradique de Toledo. Esta commissão o contrariou de alguma fórma. Elle, que pelos grandiosos serviços que havia prestado, e que pelos seus brilhantes triumphos tanto havia concorrido na conquista dos mais custosos louros que adornam a corôa das glorias militares do exercito Hespano-Portuguez, foi certamente bem mal remunerado, e disto queixou-se amargamente ao proprio monarcha, em carta de 10 de Maio de 1625, escripta da Bahia, dessa maneira :

« Senhor.—Em 28 de Março passado chegaram as armadas que V. M. foi servido mandar de soccorro a esta cidade do Salvador de todos os Santos, e foi o successo da restituição della tão honrado, como será notorio, e os generaes D. Fradique de Toledo, e D. Manoel de Menezes devem avisar a V. M. De sua Real grandeza esperava diferentes favores e melhoramento de lugar em seu Real Serviço, do que tive pela carta que em compánhia destas armadas recebi de V. M. por mão dos Governadores ; porém conforme á obrigação de Vassallo, cumpri as Ordens que se me deram, lembrando a V. M., que neste em que estou, o não posso servir com o zelo, e pontualidade que costume e assy na conformidade da licença que pedi a V. M. antes que me partisse, que restaurada a cidade, me podesse recolher a minha Comenda aonde estava, em companhia desta armada o detrimino fazer, desobrigando-me primeiro do que até agora tive a meu cargo ; V. M. o deve assi aver por bem, e mandar vêr esta causa com justiça, pois tenho servido com satisfação, em esperando de V. M. as mercês que costuma fazer a semelhantes benemeritos, me vejo tão atrazado. Deus guarde a catholica pessoa de V. M. Bahia 10 de Maio de 1625.—D. Francisco de Moura.

Foi elle o decimo quarto governador geral do Brazil, e nessa posição se conservou até o anno de 1626, quando entregou as redeas da administração ao seu successor D. Diogo Luiz de Oliveira conde de Miranda. Durante o curto periodo da administração de D. Francisco de Moura, acontecimento algum notavel se deu na Bahia. Lamenta-se, porém, o que teve lugar a 27 de Janeiro de 1625 ; n'uma casa fóra da cidade, onde se haviam recolhido os Padres da Companhia, a morte do seu reitor o Rvd. Padre Fernão Cardim, escriptor de bastante merito, e mestre do Padre Antonio Vieira.

Pelos serviços prestados por D. Francisco de Moura, por occasião da restauração da Bahia, contentou-se apenas El-rei de Hespanha em mandar aos governadores de Portugal pela Carta Régia de 7 de Agosto de 1625, *que se lhe agradecesse pelo que havia feito em suas obrigações!!* e isto mesmo, por se lhe haver consultado a tal respeito, e tambem sobre outros! Crêmos que depois desta commissão seguiu D. Francisco de Moura para Portugal, pois não figura em nenhum dos acontecimentos que tiveram lugar no Brazil depois disto; e lá falleceu no anno de 1657, na cidade de Lisboa, contando 77 annos de idade, solteiro e sem descendencia.

Este pernambucano valente e amestrado na arte da guerra, como lhe chama Accioli de Serqueira nas suas Memorias Historicas da Provincia da Bahia, foi um general illustre, distincto e brioso, cujo nome resplende nos annos guerreiros da India, de Flandres e do Brazil. Pelos grandiosos serviços prestados nestas duas primeiras campanhas, El-Rei o agraciou com o senhorio da ilha Graciosa, no archipelago dos Açores. Elle teve mais quatro commendas, e occupou o alto cargo de conselheiro de Estado.

Tal foi em largos traços a vida do illustre pernambucano D. Francisco de Moura Rolim, em cuja fronte brilham os louros da triplice corôa das suas glorias militares, conquistadas pelo seu heroismo e valor, nos campos da Asia, da Europa e da America.

Francisco Muniz Tavares. Nasceu aos 16 de Fevereiro de 1793, na freguezia de S. Antonio do Recife, e foi baptisado na igreja matriz da mesma freguezia a 27 do dito mez e anno. Era filho legitimo de João Muniz Tavares, natural da ilha de S. Miguel, e D. Rita Soares de Mendonça, natural de Pernambuco; neto paterno de Manoel Muniz e D. Barbara de Rezende, e materno de Euzebio Soares e D. Joanna Correia de Jesus.

Destinado por seus paes a vida ecclesiastica, Muniz Tavares fez os seus estudos philosophicos e theologicos na Congregação dos Padres da Madre de Deus, e aos 2 de Abril de 1808 obteve a respectiva sentença de habilitação para ser admittido a ordens menores e sacras. Muniz Tavares conclue exactamente os estudos necessarios á assumir ao presbyterato, quando D. Frei Antonio de S. José Bastos, bispo de Pernambuco, acabava de partir para o Rio de Janeiro; e assim, ancioso de obter logo a sua orde-

nação sacerdotal, seguiu para a Bahia, e aos 25 de Março de 1816, recebeu das mãos do arcebispo D. Fr. Francisco de S. Damaso de Abreu Vieira, a uncção sacerdotal, na capella do palacio archiepiscopal, e veio para Pernambuco celebrar a sua primeira missa, cuja licença lhe foi concedida por provisão de 18 de Maio do mesmo anno.

Muniz Tavares, creança ainda, e no estadio escolastico, já apresentava o typo do homem circumspecto, grave e previdente. Intelligente, estudioso, zeloso cumpridor dos seus deveres, sectario das idéas patrioticas predominantes nesses tempos, elle conquistára a estima e consideração dos seus mestres e condiscipulos. Já em 1810, quando os patriotas pernambucanos conspiravam no plano da regeneração politica do Brazil, Muniz Tavares era recommendado pelo illustre botanico Arruda Camara, em uma carta politica escripta ao seu amigo o Padre João Ribeiro, um dos seus mestres, *como um dos rapazes com quem se devia ter todo o cuidado no seu adiantamento.*

Logo depois de ordenado, entrou Muniz Tavares no exercicio do cargo de capellão da agonia do hospital do Paraíso, exercendo conjuntamente o de secretario da respectiva administração, e em 1817 achava-se no exercicio interino da sua regencia, cargo que era desempenhado por seu mestre e amigo o Padre João Ribeiro Pessôa. Era o hospital do Paraíso, sob o titulo apparente de Academia, o ponto de reunião dos conspiradores politicos de 1817, e ali recebeu Muniz Tavares a sua iniciação, e começou a collaborar na grande obra da mallograda tentativa da regeneração de sua patria.

O espirito publico achava-se então em exaltação. O feliz exito dos esforços das colonias inglezas e hespanholas da America, na obra da sua independencia, animava e encorajava aos pernambucanos, e a cada triumpho que a causa da liberdade obtinha sobre a ferrenha tyrannia que atormentava a esses povos, elles erguiam-se cheios de animação, e redobravam de esforços. Trabalhavam pois os obreiros da suspirada liberdade, tudo dispendo e preparando para o asseguramento e consolidação da generosa idéa que promoviam, quando um acontecimento inesperado veio accelerar o rompimento da revolução, em epocha que para isso ainda muito tempo e trabalho eram necessarios.

Mas os cômpromettidos patriotas não olharam a responsabilidade, não recuaram ao grito inesperado da pro-

clamação da liberdade, acceitaram o acto, e pela sua consolidação se empenharam e sacrificaram-se. Foi pois a 6 de Março de 1817, que echoou na cidade do Recife, o grito da independencia, o grito da liberdade, grito unisono, que retumbou por toda esta provincia, e pelas da Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará, com enthusiasmo e unanimes aclamações. A revolução, proseguindo na sua marcha, achou firme em seu posto o jovem Padre Muniz Tavares, e nelle encontrou, na phrase de um historiador contemporaneo, uma dessas poucas almas originaes, talladas pela natureza para grandes e altos destinos.

A prematuridade do rompimento da revolta, quando ainda muito havia que preparar e prevenir, foram as causas da sua ephemeridade, e o templo da liberdade firmado sobre bases tão pouco solidificadas, abateu e desmoro-nou-se! Veio então a reacção, tremenda e implacavel, abri-ram-se de par em par as portas dos carceres, forjaram-se pesados grilhões, e ergueram-se medonhos cadafalços, donde rolaram as cabeças das victimas compromettidas. Mas o movimento politico de 1817, não foi infructifero. O germen da liberdade estava lançado no fertil e immenso solo brasileiro, e mais tarde, em 1822, fructificou nas margens do Ypiranga.

A revolução de Pernambuco em 1817, diz o proprio Muniz Tavares na historia desse acontecimento, bem que muito pouco durasse, fará sempre epocha nos annaes do Brazil: tempo virá talvez, em que o dia 6 de Março, no qual foi ella effectuada, será para todos os brasileiros um dia de festa nacional. Pernambuco já tinha-se illustrado na sanguinolenta luta, que por longo decurso de annos, desprovido de meios, abandonado a si só, valorosamente sustentara contra uma das mais potentes nações maritimas da Europa, defendendo á sua honra, o seu territorio, a despeito das reiteradas ordens do tímido *Bragança*. Então, continuá ainda Muniz Tavares, por circumstancias peculi-ares, não soube obter mais do que a admiração e o respeito dos tyrannos; com a revolução indicada conquistou imprescriptivel direito a veneração dos amigos sinceros da liberdade. Estes não poderão esquecer jamais que foi essa provincia, quem primeiro deu o signal ao Brazil de ter chegado o momento tanto suspirado de entrar no goso dos bens immensos, que a cobiça dos portuguezes por espaço de trez seculos extorquia; foi ella quem apresentou-lhe a grande Carta da emancipação civil e politica, e mostrou com

o exemplo a maneira de possuil-a. Desgraçadamente não foi seguida, e succumbiu; mas não perece o germen plantado e regado com o sangue dos seus martyres: em tempo opportuno fructificou e não deixará de crescer com vigor. »

Estava pois debellada a revolução patriótica de 1817; ia descortinar-se aos olhos do immenso auditorio desse espectáculo, a scena final do grande drama da liberdade, a scena do martyrio; mas os tyrannos esqueciam-se que depois do desempenho dessas scenas, segue-se uma mutação, a apotheose dos heróes. E os heróes de 1817 tiveram a sua apotheose em 1822. Ao apagar-se o syrio da liberdade, os patriotas ficaram envolvidos nas trevas cerradas da tyrannia, cahiram victimas dos liberticidas. Muniz Tavares, sacerdote dos templos do christianismo, era-o tambem dos templos da liberdade, o que queria dizer nesse tempo em que a tyrannia havia reconquistado o seu poder, criminoso de lesa-magestade.

Rodrigo Lobo desembarcando no Recife, e começando á serie de perseguições exercidas sobre os infelizes patriotas, não tardou muito que Muniz Tavares cahisse em suas mãos. Preso, é immediatamente atirado a bordo da corveta Mercurio, seguiu para a cadeia da Bahia, até que a Alçada de Pernambuco dispôsesse da sua sorte. Na cadeia, diz um escriptor contemporaneo, tomou logo o partido, que unicamente convinha a um sacerdote; que foi resignar-se christãmente ás ordens da Providencia, e applicar-se continuamente ás sciencias politicas, presagiando o quanto ellas se lhe fariam necessarias no futuro. Depois das mais atrozes perseguições exercidas sobre os infelizes patriotas, começaram elles a respirar um pouco, e a gosar de algumas concessões, entre ellas, mediante avultado ganho para o carcereiro, as do uso de papel, penna e tinta, e com maior custo ainda obtiveram algumas novellas e livros de viagens, que ambiciosamente passavam de mão em mão. Um dia, porem, disse Muniz Tavares: *si nos havemos de entreter com essas novellas, que corrompem antes do que moralisam, porque não mandamos vir livros de instrucção, que utilizando-nos, matam o tempo que passamos na ociosidade?*

Unanimemente acceita a indicação de Muniz Tavares, começou a entrar nas prisões dos patriotas, uma alluvião de dictionarios francezes, Telemacos, Fabulas de Lafontaine e outros classicos francezes, e logo após outros livros de

linguas e sciencias, convertendo-se assim a cadeia como que n'uma universidade, onde Muniz Tavares, Antonio Carlos, Frei Caneca, Mena Calado, Pedroso, Villela Tavares e outros, diffundiam o estudo das lettras e das sciencias, cabendo a Muniz Tavares, «que muito utilisou a mocidade» a regencia da cadeira de Logica.

Individuos houve, que entrando para a cadeia quasi analphabetos, sahiram possuindo alguma instrucção litteraria, como Wencesláu Miguel Soares Carnevina, depois tenente-coronel commandante do corpo de artilharia de Pernambuco, que entrara mal sabendo ler e algumas definições de geometria, e sahiu sabendo bem mathematicas puras, adquerindo pelas copias das defesas dos collegas presos, uma calligraphia admirada por todos. Em fim, diz Antonio Joaquim de Mello, todo o mundo estudava, a habitação das trevas transformou-se em asylo de luz.

Muniz Tavares, intelligente, dotado de um espirito penetrante, acompanhando e pesando com criterio e raciocinio a marcha dos acontecimentos do tempo, previu e augurou mesmo a revolução de Portugal que rebentou em 1820, a que muitas vezes chamava em palestra amistosa com os seus companheiros, — *a necessaria ordem de cousas*—. E assim, ensinando e aprendendo ao mesmo tempo, se foram consumindo os seus quatro annos de martyrio, até que rebentou a prevista revolução, que lhe abriu as portas do carcere em 1821.

Muniz Tavares como muitos outros dos seus companheiros de prisão, sahiu dos carceres sabendo muito mais do que quando entrara; mas elle possuia a nobre ambição da riqueza do saber, e para elle essa *medida do ter* ainda senão havia enchido. Preferiu pois, deixar de voltar embarcado para Pernambuco, á seguir por terra, emprehendendo assim uma longa e encommoda viagem, por sertões aridos e estereis, somente com o fim de visitar nesta immensa travessia, algumas pessoas notaveis por suas luses e conhecimentos, que por esse tempo residiam nessas localidades, de cuja convivencia tirou grandes fructos, como elle proprio confessou mais tarde nos salões das côrtes constituintes de Lisboa.

Recolhendo-se á Pernambuco, Muniz Tavares recebeu do governador e capitão-general Luiz do Rego, a nomeação de professor regio da cadeira de latim da villa do Cabo, por provisão de 27 de Março de 1821, vencendo o ordenado

annual de 240\$000, pago em quartéis, cargo esse que elle acceitou contente, por dar-lhe occasião de bem dirigir e educar a mocidade.

Por esse tempo, convocadas as côrtes constituintes de Lisboa, ia-se proceder em Pernambuco a eleição dos respectivos deputados áquelle congresso, a cuja deputação, na phrase do autor dos *Martyres Pernambucanos*, « cabe a gloria da independencia imperial, o que talvez não tivesse logar, se de Pernambuco não fossem por deputados ao congresso de Lisboa, aquelles respeitaveis varões; » e nome de Muniz Tavares, apresentado e acceito em uma reunião para esse fim convocada, mereceu no acto da eleição os suffragios dos seus comprovincianos, e foi elle um dos sete deputados de Pernambuco áquelle congresso, e um dos mais distinctos que alli tomaram assento.

Terminado o processo eleitoral e recebendo o seu diploma, partiu Muniz Tavares para Lisboa a bordo da corveta *Princesa Real*, e aos 29 de Agosto de 1821, depois de approvado o parecer da commissão de verificação de poderes, tomou assento na camara.

Muniz Tavares contava apenas vinte e oito annos de idade; era bem jovem ainda quando foi distinguido por seus compatriotas, com esse mandato tão honroso quão difficil e cheio de responsabilidade. Mas a essa prova de estima, consideração e confiança, elle soube digna e honrosamente corresponder, soube elevar-se elevando os foros dos seus patricios, conquistar applausos e renome, conquistando os seus direitos e prerogativas, merecer as bençãos da patria, pelo merecimento dos seus serviços, sempre em luta em prol da liberdade; e quando já nada lhe era possível obter, da parcialidade da deputação portugueza, em maioria absoluta, quando ao Brazil não podia mais ser util, elle resigna o seu cargo, abandona os salões do congresso, e retira-se de Portugal, sem trahir o seu mandato, com a consciencia tranquilla de bem o haver desempenhado.

Emquanto Muniz Tavares pugnava pelos direitos do Brazil, ameaçado pela constituinte, de voltar ao antigo estado colonial, extinguindo-se todos os seus tribunaes e repartições, coartando toda a sua iniciativa politica, todos os seus passos na senda do progresso, grave e ameaçador era então o estado de cousas em Pernambuco. O general Luiz do Rego, que desde 1817 achava-se á testa do seu governo, tornara-se por seus actos impoliticos, repassados

de infamias e crueldades, o alvo do odio popular. A des-honra e a prostituição por elle levadas ao seio das familias, a horrivel matança da serra do Rodeador, no Bonito, a sua tyrannia mandando açoutar até os homens livres nas grades da cadeia, as suas invasões no poder judicario, mandando pôr na calcêta pelas ruas desta cidade um moço de familia, por não querer assignar um termo de expensas, mandando prender a muitas pessoas por dividas que não pagavam por falta de meios, a sua politica iniqua e inquisitorial, rebaixando os caracteres, aniquilando todos os sentimentos generosos, e mais que tudo, os seus actos de reacção e barbaridade, praticados em 1817, ao triumpho da tyrannia, conduziram os pernambucanos á vingança de tantos crimes e crueldades, e foi assim que João de Souto Maior tomou a si a tarefa de lavar com sangue a sua des-honra, a quebra dos seus brios e dignidades.

Ferido Luiz do Rego por Souto Maior, na noite de 20 de Julho de 1821, no meio da ponte da Boa-Vista, morto este novo Curio, como lhe chama o padre Dias Martins, este vingador da honra e dignidade dos seus patricios, os odios, a vingança e crueldades, cahiram de chofre sobre infinitades de pessoas, alheias sem duvida ao acto de Souto Maior. As prisões enchem-se de suppostos compromettidos, uns seguem deportados para a ilha de Fernando de Noronha, e outros tomam o rumo de Lisbôa, atirados ao immundo porão do brigue *Intriga*, sem mantimentos sufficientes para a viagem, em um navio arruinado, que por immensa felicidade os conduziu com vida áquelle porto.

Abre-se a sessão do congresso, e os deputados de Pernambuco que ignoravam a chegada dos seus patricios, ouvem surprezos, finda a leitura da acta, a menção do officio de Luiz do Rego, em que participava o horrivel attentado contra a sua pessoa, a remessa dos maiores inimigos da ordem publica, sobre os quaes recahiram graves suspeitas de proclamarem novamente a republica, e o estado de desordem e inquietação em que declarava ficar a provincia! Terminada a leitura desse officio, reinou o mais profundo silencio, a gravidade do assumpto, impunha calma e reflexão, todos interrogavam com o olhar a deputação de Pernambuco, como que pedindo uma explicação do facto, e a deputação de Pernambuco não foi indifferente a este appello, a esta muda mais eloquentissima interpegação, e não se fez demorar, e pelo orgão eloquente de Muniz Tavares, assim fallou :

« Sr. Presidente.—No dia mesmo em que tive a honra de tomar assento neste augusto recinto, depondo respeitos humanos e pensando unicamente no desempenho do cargo que tinha-me sido confiado, representei que convinha prover sem demora as precisões da interessante provincia de Pernambuco; disse que uma nova machina não se podia bem mover com velhas rodas; repeti o que todo o mundo sabe; que *Luis do Rego Barreto* avezado a exercitar com furor o regimen despotico, havendo no inteiro curso da sua vida, e em particular no governo que ainda occupa, dado mui evidentes provas do seu affêrro a abominada monarchia absoluta; era quasi impossivel que cordialmente abraçasse o systema liberal, que prostrava o seu orgulho insensato e destruia os ambiciosos planos, que em sua cabeça havia concebido.

« Accrescentei que elle dizia-se, ora constitucional para cobrir com essa capa a deformidade das suas acções. Boa fé não o guiava.

« A minha voz felizmente foi ouvida; as Côrtes recomendarão ao Governo a immediata remoção daquelle general; o Governo adherio. Oxalá que aquella resolução tivesse chegado ao seu destino dous mezes antes! A minha muito amada patria não traria hoje novo luto. *Luis do Rego*, ainda impudentemente protesta ser constitucional! Vós vêdes, illustres deputados, a singular confirmação da sua constitucionalidade. Um desesperado, que talvez teria motivo de desaffrontar-se de injuria privada, tenta assassinal-o; e eis que toda a provincia é indistinctamente calumniada e perseguida; os melhores Pernambucanos garroteados sem nenhuma fórma de processo, e não é tudo; são forçados a abandonar as suas propriedades, e deixar na miseria as suas familias, a atravessar o oceano em algemas sem que se lhes aponte legalmente o delicto!

« Estão já ancorados no porto desta capital. Vós acabais de ser informados. E' constitucional *Luis do Rego*? Monstro! Que maior attentado podia commetter contra Deus e os homens? Elle vos insulta Senhores, pretendendo associar-vos á sua ignominiosa conducta; insulta os poderes constituídos ousando enviar-lhes as victimas do seu caprixo, da sua tyrannia. Não temais que Pernambuco arvore o estandarte da rebellião contra as sabias reformas que para o bem geral da humanidade intentaes fazer; vos engana o tyranno; crê que com esta vaga accusação vos inculirá terror.

« Conheço a fundo os sentimentos dos meus honrados compatriotas; elles só querem um governo justo, um governo liberal: um tal governo é garantido com a constituição que vai-se organizar e que anciosamente todos esperão. Toca a este respeitavel Congresso reparar a injustiça, ou mais propriamente fallando, vingar a injuria feita as leis. Sejam postos immediatamente em liberdade os miseros pacientes, que a vós por meu órgão recorrem; e sejam restituídos a sua patria a custa do Thesouro Nacional, pois que obrigar-os ao pagamento das despezas de uma tam longa viagem, seria impor-lhes pesada multa, que de certo não merecem. Tome-se estricta conta ao despota, quando voltar, e renove-se a ordem para o seu solícito regresso. Si assim obrardes, Senhores, unireis mais e mais os Brazileiros a causa que tam heroicamente haveis proclamado: a justiça é a unica solida base dos governos. »

Terminado este breve, mais conciso e eloquente discurso, Muniz Tavares por exigencia do presidente do Congresso, mandou á mesa uma proposta concebida nos termos da sua ultima parte, a qual foi unanimemente approvada sem discussão alguma, mandada immediatamente executar, e em breve, aquellas victimas da tyrannia e oppressão de Luiz do Rego, estavam em liberdade, e tomavam o caminho da patria, livres pelo patriotismo e eloquencia de Muniz Tavares.

Este discurso, os seus actos no Congresso, a sua proposta para que os desterrados de Pernambuco na costa d'África, e outros prezos na propria provincia, por serem constitucionaes, e promoverem a installação da junta provisoria, fossem postos em liberdade, e que gozassem da amnistia concedida aquelles que se achassem comprehendidos em algum crime de opinião politica, propostas estas immediatamente approvadas, prova o alto e merecido credito que entre os seus collegas do Congresso gosava Muniz Tavares. Elle recebeu então, provas irrecusaveis e significativas dos seus patricios, de quanto o presavam, e do seu reconhecimento, pelos serviços prestados no Congresso portuguez, em prol da causa do Brazil e dos brazileiros. Entre estas manifestações, é-nos agradavel mencionar uma felicitação que lhe foi dirigida pelos maranhenses, firmada por um grande numero dos mais distinctos cidadãos daquella provincia, em 20 de Janeiro de 1822, e ao mesmo tempo transcrever estas palavras:

« O Discurso pelo qual V. S. no meio do Augusto Con-

gresso da Nação, em sessão de 30 de Agosto do anno passado, declarou os puros sentimentos dos seus compatriotas, e de todos os Brasileiros em geral, é seguramente digno do reconhecimento de todos, e especialmente dos desta Provincia do Maranhão, em que habitamos. O que nos obriga de commum accordo por meio desta, segurar a V. S. a nossa gratidão; esperançados de que o patriotismo, que brilha nas expressões de V. S. em justificação e beneficio dos Portuguezes do Brazil, haja de coadjuvar os Benemeritos deputados desta nossa Provincia, não só para o particular interesse della, como para a face da commum Patria e de todo o Universo patentear a nossa espontanea adhesão, e justo e sempre desejado afinco do Systema Liberal, que, dos prezentes e vindouros promette as maiores felicidades. Tributando a V. S. este publico, e sincero testemunho da nossa gratidão, ficamos ao mesmo tempo rogando a Deus, que prolongue a sua preciosa vida, e anime o seu espirito dos sentimentos patrioticos, que tem manifestado, para gloria do Brazil, honra da sua Patria, e terror do despotismo, que tem pesado sobre as Provincias de Pernambuco e Maranhão (dignas certamente de melhor sorte) pela união de sentimentos ante-constitucionaes dos seus dous oppressores, sobre os quaes nunca será inutil toda a vigilancia; pelos incontestaveis principios que elles tem mostrado de uma decidida opposição ao Systema Liberal. »

Por esse tempo, um jornal de Pernambuco tecia a apologia do illustre Muniz Tavares, e assim saudava-o:

« O Sr. *Muniz Tavares*, é um jovem patricio digno sem duvida, de entrar no catalogo venerando dos campeões da liberdade. Contando apenas 27 annos de idade, tem dado ao mundo dos homens livres, provas decididas de patriotismo e firmesa de character. Genio singelo e docil, espirito perspicaz, franco e sem reserva no seio dos seus amigos; sobranceiro a calumnia; emprehendedor e intrepido; apaziguado e tranquillo no meio das afflicções e dos desastres; inimigo jurado da oppressão e dos despotas; livre nos carceres, livre nas angustias do ferro; homem de molde para o seculo das constituições.

« Elle se tem conservado de olhos fixos sobre os destinos de sua patria; nem duvidaria renovar por ella o sacrificio honroso de *Codro*, *Meneceo*, *Cursio*, *Regulo* e *Catão*, seus mestres e modelos. Embora a intriga de mãos dadas com a malevolencia o arrancasse barbaramente da patria,

para o entregar por quatro annos successivos ao opprobrio dos grilhões e aos horrores da fome; talvez por isso mesmo, máu grado de muitos, nós o vemos hoje no circulo respeitavel dos paes da patria, na assembléa suprema e legisladora da nação portugueza, organisando com ella o codigo politico e liberal; monumento raro na historia da philosophia! »

Estava, porém, Muniz Tavares a findar a sua missão. O Congresso começava a tomar uma attitude hostile sobre os negocios politicos do Brazil, os deputados portuguezes atiravam-se insultuosamente sobre os brazileiros, e até as proprias galerias, sem que fossem contidas, atirava-lhes insultos. Os debates cada vez mais se acaloravam, Muniz Tavares bate-se vantajosamente com alguns deputados portuguezes, entre os quaes o audaz e insolente Girão, nega-se a assignar a constituição portugueza, e quando nada mais lhe era possivel fazer em prol dos interesses do Brazil, resolve deixar Portugal, e com alguns companheiros deixa Lisbôa, onde já se expunham os deputados brazileiros ao furor da plebe, embarca-se occultamente, e chegando a Falmouth, firmou com elles o celebre manifesto de 22 de Outubro de 1822, e parte para o Brazil.

Muniz Tavares, assim como os seus companheiros, ignoravam os ultimos acontecimentos do Brazil, partiram em demanda da colonial patria, e encontraram-na livre, independente, o imperio proclamado pelo grito da liberdade nas margens do Ypiranga, e convocada a constituinte brazileira. Muniz Tavares encontrou nos seus patricios, as merecidas e mais significativas provas de reconhecimento pelos serviços que prestára a causa da liberdade, a causa dos brazileiros, no congresso portuguez; e elles souberam manifestar o seu reconhecimento, elegendo-o deputado a constituinte brazileira, e ao proprio monarcha não foi indifferente o patriotismo e serviços do illustre Muniz Tavares, galardoando-os com a conferencia da Dignitaria da Imperial Ordem do Cruzeiro, por decreto de 1 de Dezembro de 1822.

Na assembléa constituinte brazileira, Muniz Tavares recebeu dos seus collegas inequivocas provas do conceito e apreço que lhe tributavam, taes como a sua eleição para secretario, de membro da commissão de poderes, e da incumbida de redigir o projecto da constituição; e elle soube digna e honrosamente corresponder a toda essa confiança, e como na constituinte portugueza, na brazileira

elevou-se a altura dos maiores oradores, dos mais insignes patriotas. As discussões da Constituinte, diz o Sr. Conselheiro Homem de Mello, provou exuberantemente, que havia nella a somma de luzes sufficientes para a confecção de uma constituição sabia e bem ordenada. Algumas materias foram ahi tratadas com grande erudição, entre outras a da liberdade religiosa, em que tomaram parte os deputados Silva Lisbôa, Carvalho e Mello, Antonio Carlos, Bispo Capellão-mór, Maciel da Costa, Muniz Tavares, J. J. Carneiro de Campos, Vergueiro e Carneiro da Cunha.

Por esse tempo publicava-se no Recife o periodico *Sentinella da liberdade na guarita de Pernambuco*, redigido por Sypriano José Barata de Almeida, periodico de propaganda politica, de idéas exaltadas e incendiarias. No seu n.º 54 de 1823, estampou a *Sentinella* em suas columnas um artigo contra Muniz Tavares, pelo qual se tratava de convocar os eleitores da provincia para se cassarem os seus poderes de deputado á Constituinte. Nesse tempo, em que a imprensa era soberana, e sabia, mantendo-se na elevada altura de sua missão, infundir respeito, e firmar opinião, Muniz Tavares assim atacado em sua honra, julgou não dever jamais por titulo algum representar uma provincia, onde um dos seus habitantes apresentava uma idéa tão indigna, tão revoltante. Mas a imprensa fallava, a soberana do universo pronunciou o seu verbo, era quanto bastava. Muniz Tavares recebendo esse numero do alludido jornal, immediatamente enviou á Camara um requerimento pedindo a sua demissão do cargo de deputado, no qual dizia, que:

« Embora, fazendo justiça ao caracter constante, e brioso dos meus constituintes, eu possa lisongear-me, de que não se realizará o pretendido attentado, e ainda realisando-se eu esteja persuadido, de que actos de tal natureza sempre são irritos, e nullos, por isso que não cabem nas attribuições da pessoa, que os pratica; todavia a consideração sómente, de que já não poderão ser uteis os meus esforços a bem da causa do Brasil, pela confiança que os mal intencionados de proposito procurarão insinuar á meu respeito, obriga-me a requerer com a maior instancia a esta augusta assembléa a minha demissão, e espero que m'a concederá attento o motivo allegado, que merece todo o peso. »

A Assembléa Constituinte não accitou a honrosa escusa pedida por Muniz Tavares, cumprindo assim o seu

dever; e então, continuou elle a frequental-a, até que por um acto de prepotencia e arbitrio do imperador, foi ella dissolvida.

Na sessão de 22 de Maio, diz um seu biographo, foi Muniz Tavares o deputado que apresentou o projecto autorisando o governo a fazer sahir do imperio no praso de 3 mezes a todos os portuguezes suspeitos de não adherirem a independencia. Esse projecto se affigurou a expressão simi-official da politica de reacção anti-lusitana do ministerio Andrada; cahiu combatido pelos moderados e por alguns dos mais ardentes liberaes, e determinou em breve tambem a quêda do ministerio da independencia; d'ahi o primeiro ponto da discordia, e depois os graves erros de uma politica opposta, que finalmente causou aquelle abysmo de 12 de Novembro de 1823, a dissolução da constituinte.

Muniz Tavares volta então á Pernambuco, e aqui, com mais 6 companheiros, assignou o Manifesto de 13 de Dezembro, apresentando aos seus concidadãos os motivos que os impediram de continuar no exercicio do honroso mandato que lhes haviam confiado. Pernambuco, a esse acto de violencia imperial, protestou com as armas nas mãos, pôz em campo a revolução e proclamou a Confederação do Equador. Porém Muniz Tavares não adheriu a sua causa, hostilizou-a mesmo, e a esse seu proceder occupou-se o *Typhes Pernambucano* de 15 de Abril de 1824, transcrevendo e commentando algumas cartas que dirigira a diversas pessoas desta provincia, bem pouco lisongeiras na verdade, aos seus actos de abnegação e patriotismo, anteriormente praticados. E' que os nobres e generosos intentos do illustre Muniz Tavares, visavam somente um alvo; a independencia da patria, e depois de attingir a esse alvo, queria unicamente a sua prosperidade, e bem estar. *Não sigo partidos*, disse elle n'uma dessas cartas, *só quero a ordem e tranquillidade da minha patria.*

Muniz Tavares, resolveu então partir para a Europa: estavamos em meiado de 1824. Em Pariz matriculou-se nas aulas da Universidade, e por diploma de 26 de Março de 1825, foi-lhe conferido o grão de bacharel em theologia, e depois defendendo theses, conquistou a laurea doutoral. Em 1826 já estava de volta no Rio de Janeiro, e por Decreto de 18 de Maio, foi nomeado secretario da legação brasi-

leira em Roma. Seguindo de novo para a Europa, entrou no exercicio do seu cargo a 23 de Outubro do mesmo anno, no qual conservou-se até Maio de 1832, quando obteve a sua exoneração. Neste cargo, durante o qual coube-lhe por duas vezes dirigir interinamente os negocios da legação junto Santa Sé, Muniz Tavares gosou unanime conceito e geral estima entre as dignidades da còrte pontificia, e dalli partindo, deixou gratas recordações.

Terminada as suas funcções diplomaticas, Muniz Tavares recolheu-se á Pernambuco, retirou-se inteiramente por algum tempo da vida publica, e começou no silencio da sua Thebaida, a erguer um monumento aos martyres de 1817, a essa gloriosa pagina dos annaes pernambucanos, e escreveu a *Historia da Revolução de Pernambuco de 1817*, obra que foi impressa nesta provincia na Typographia Imparcial de L. I. R. Roma, em 1840. Na Historia da revolução de 1817, diz o Dr. Aprigio Guimarães, Muniz Tavares recommendou á execração das idades os algozes da liberdade pernambucana. O que disse, disse, o que escreveu, escreveu. Foi bello de ver-se! Mais de um terço de seculo sobreviveu ao seu livro, e delle não retirou uma palavra; e guardou o mais solemne silencio ante as impugnações, mesmo quando vinham de estafados historiadores imperiaes, fallando burlescamente em tom de palavra de rei; e como se tanto não bastasse, ainda á beira do tumulo tornou a assignar o seu precioso livro, legando-o ao Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano.

Em 1841 occupou Muniz Tavares o cargo de secretario da presidencia desta provincia, durante a administração de Manoel de Souza Teixeira.

De 1845 a 1847 occupou Muniz Tavares um lugar de honra na Assembléa Geral, como deputado por esta provincia, e a camara temporaria, em grande maioria liberal, o elegeu seu presidente, e como tal, figura o seu retrato na respectiva galeria. Em 1846, recebeu um novo titulo de distincção dos seus comprovincianos, qual o de deputado a assembléa legislativa provincial, e dos seus collegas de deputação, a eleição de vice-presidente.

Neste mesmo anno, por carta imperial de 15 de Novembro, recebeu a nomeação de monsenhor da cathedral e capella imperial do Rio de Janeiro, de cujo beneficio foi aceita por decreto de 23 de Setembro de 1850 a renuncia

que fez, conservando, porém, as honras e prerogativas a elle inherentes, e em 1847, por Carta Imperial de 9 de Fevereiro, recebeu o titulo de conselheiro.

Deste anno por diante, Muniz Tavares afastou-se inteiramente da vida publica, e recolheu-se á vida privada. O recolhimento profundo daquelle espirito intelligente descansando sobre o thesouro de suas experiencias accumuladas, diz um seu biographo, o afastamento completo do movimento politico em seu paiz, elle, que amou a patria, que sonhou com a liberdade, que tinha forças para combater e soffrer por ellas!.. Sobresalta-me o espirito, quando, sobre isto meditando, tenho em mente aproximar-me do sacrario mysterioso daquelle alma. Estaria despovoada de fé?... A descrença amarga teria sido, depois de tão longa e momentosa luta, o premio dos seus esforços e soffrimentos?... Basta; não profanemos o recondito sagrado; respeitemos a inviolabilidade do sacrario...

Sim; aquella alma estava despovoada de fé; a descrença amarga depois de um lutar incessante, em prol da causa da liberdade, e dos direitos e interesses de sua patria, desde os tempos coloniaes, foi o premio dos seus esforços e soffrimentos; elle foi uma das victimas immoladas pela ingratição dos partidos. Muniz Tavares em toda a sua vida, tinha uma unica aspiração; era possuir uma cadeira no senado brasileiro, como representante de Pernambuco. Entrou uma unica vez n'uma lista offerecida a corôa, mas outro foi o escolhido. A esperança de o conseguir tinha-a perdido, dizia elle proprio em conversa intima com alguns amigos, *porque, quando o partido Liberal estava no poder, só elegia filhos de outras proçincias*, (allusão a eleição de Chichorro e Ernesto) *e quando governava o Conservador, só eram escolhidos os Cavalcantis*.

Do seu retiro de *Parnamerim*, sahiu em 1853 para presidir a administração dos estabelecimentos de caridade, em cujo cargo se conservou até Julho de 1860, quando pediu a sua exoneração, em virtude do accordo autorisado pela presidencia, entre esse estabelecimento e os herdeiros do marquez do Recife, relativo ao hospital do Paraizo e seus bens, accordo esse com que não se conformou, por julgar-o lesivo aos interesses humanitarios. Por espaço de sete annos em que achou-se á frente da administração dos estabelecimentos de caridade, Muniz Tavares foi incansavel em promover o seu augmento e prosperidade, já regularisando com methodo e economia a sua marcha, já melhorando

o seu patrimonio e finanças, como prodigalizando aos infelizes recolhidos aos diversos estabelecimentos, uma vida mais commoda e confortavel, empregando activamente o maior cuidado e desvello. A esse tempo, o governo em premio de taes serviços, lhe havia conferido a commenda de Christo por decreto de 2 de Dezembro de 1858, e a da imperial ordem da Rosa, por decreto de 14 de Março de 1860.

Muniz Tavares protestou de novo jamais sahir do seu aprasivel retiro de *Parnamerim*. Mas elle esquecia-se que o seu patriotismo ainda não se havia arrefecido, e que em seu peito ainda ardia a pyra do entusiasmo das glorias e tradições patrias. Meia duzia de homens em quem as tendencias destruidoras do seculo encontravam nelles firmes esteios para amparar o seu embate, meia duzia de homens siosos e entusiastas das glorias e feitos dos fillos desta terra legendaria, cheia de brilhantes tradições de heroismo, abnegação e patriotismo, conceberam a generosa e patriótica idéa da fundação de uma associação, que perpetuasse, celebrasse e propagasse tudo isso, e dessa idéa nasceu o Instituto Archeologico e Geographico Pernambuco, installado aos 28 de Janeiro de 1862.

A essa idéa associou-se logo a de collocar a frente da nascente instituição, o vulto venerando e respeitavel de Francisco Muniz Tavares, e elle correu pressuroso a presidir os destinos do Instituto, e a 21 de Setembro tomou posse do seu novo cargo, o qual só o deixou poucos dias antes de fallecer. Todavia, força é confessar que muito mais lucrarieis, disse elle modestamente no seu discurso no acto da posse, se a vossa testa houvesseis collocado outro mais habilitado que eu; á borda do sepulchro, pouco ou nada se faz; quando muito, contempla-se com acatamento religioso algum vaso cinerario dos nossos infortunados indigenas, que a mão sacrilega do conquistador, ávido de ouro, por acaso tiver poupado. Creio que não olhas-tes para a minha idade, continua o illustre ancião, e sim para meus bons desejos; agradeço, certificando-vos que sempre em tudo cedi a meus illustres compatriotas, menos em amor da patria; ninguém mais do que eu (digo-o com orgulho), deseja o engrandecimento e a prosperidade de Pernambuco; ainda no fundo do meu retiro, não cessarei de fazer votos para que o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano floresça, obtenha o fim grandioso a que se propõe. »

Sim; era bello de ver-se a assiduidade, a importancia

que Muniz Tavares ligava ao engrandecimento do Instituto, os seus esforços em promover o seu augmento, tudo finalmente que a isso se prendia. Velho, octogenario, arrimado ao braço de um amigo, transpunha o recinto do Instituto, e por falta do seu comparecimento, jamais deixou de haver uma unica sessão, por espaço de quatorze annos, tal o seu amor e patriotismo, tal a sua dedicação!

Já no fim da vida, com o corpo á borda da sepultura, procurou Muniz Tavares associar o seu nome já notavel por tantos titulos, a uma instituição nobre, generosa, e regeneradora — O asylo das Convertidas —, e em 1868 lançou em Santo Amaro das Salinas, os seus fundamentos. No anno seguinte achava-se já concluido o estabelecimento, medindo 50 palmos de frente sobre 100 de fundo, dotado de todas as necessarias dependencias e accommodações, e plantado em um grande sitio, todo murado. Muniz Tavares depositou n'um estabelecimento bancario a necessaria quantia para patrimonio da sua instituição, mandou vir da Europa as alfaias e paramentas necessarias á capella, e um bello quadro a oleo, de Santa Maria Magdalena, padroeira da casa, e mandou fazer alguns moveis.

Tudo assim preparado, e já pela sua idade avançada, não lhe sendo possível dirigir esse estabelecimento, vai offerecer a sua guarda, á protecção do bispo D. Francisco Cardoso Ayres, e elle recusa-se em acceitar a guarda e protectorado desse estabelecimento! Morre D. Francisco, é nomeado D. Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira, Muniz Tavares vai fazer ao novo bispo o mesmo offerecimento, e D. Frei Vital recusa-se! Descrente do mundo e dos homens, lança mão da quantia depositada para patrimonio, assim como do asylo, faz doação dos objectos que mandara vir da Europa, a diversas igrejas desta capital, e assim ficamos privados de tão util instituição.

Este facto contristou-o sobremaneira; era a ultima experiencia da descrença em sua longa vida, quando ella já estava a extinguir-se. No dia 17 de Outubro de 1876, quando celebrava em sua capella de *Parnamerim* o sacrificio da missa, foi assaltado do mal que o levou a sepultura, e tão fortemente, que nem poude terminar o acto. Seis dias depois, no dia 23, era cadaver.

Cumprindo-se as suas disposições testamentarias, foi o seu cadaver depositado na capella do capitulo do convento do Carmo do Recife, alli embalsamado, e exposto em camara ardente até o dia 27, e no seguinte, transportado ao

soberbo catafalco erguido na sumptuosa igreja desse convento, toda coberta de luto e de custosa ornamentação fune- raria, e depois de celebrar-se o officio solemne, foi o seu cadaver conduzido ao cemiterio publico, acompanhado por immenso acompanhamento, e terminadas as honras mi- litares a que tinha direito por seus titulos e condecorações, foi dado a sepultura em jazigo proprio.

Peza-nos profundamente mencionarmos tudo isso, esse apparatus, essas solemnidades e pompas funerarias, prescriptas pelo proprio Muniz Tavares, elle um octogena- rio, um philosopho christão, um sacerdote em fim! Fragi- lidades humanas, vaidades desta vida! Mas o amor da verdade, a nossa missão, impede-nos a isso mencionar. Não é este o unico senão da vida do assaz illustre e vene- rando Muniz Tavares; elle era homem, e como tal pagou o seu tributo ás fragilidades humanas. A verdade sempre, diremos fazendo nossas as palavras de um illustre publi- cista, a verdade sempre, principalmente junto aos tumulos: o *parce sepultis*, em quanto não se abre a historia, pode significar que não se apontem as manchas do sol, mas não que o sol não tem manchas, ou que as manchas são pontos luminosos de outra cor... Mas deixemol-o em paz na vida da eternidade, não vamos profanar as suas cinzas venerandas, não vamos abrir a lagem de um sepulchro para revolver os restos d'aquelle, que, como homem, na via sacra desde mundo, tambem deu as suas quedas.

Tal foi a vida de Francisco Muniz Tavares. Elle viveu oitenta e um annos, e morreu coberto das honras e gran- dezas da terra; Doutor, Monsenhor, Conselheiro, Digni- tario da imperial ordem do Cruzeiro, Commendador das de Christo e Rosa, socio do Instituto Historico Geographico e Ethnographico Brasileiro, e Presidente do Instituto Arche- ologico e Geographico Pernambucano, taes foram ellas.

O Instituto de Pernambuco, pagou o seu tributo de ve- heração e sentimento á sua memoria, celebrando em sua honra uma solemne e tocante sessão funebre, e collocando o seu retrato na sala de suas sessões, e o do Rio de Janeiro, pelo órgão do seu orador, o Sr. Dr. Manoel Joaquim de Macedo, na festa anniversaria que seguiu-se á sua morte, tecendo seu elogio funebre, terminou com estas bellas e e- loquentes palavras:

« Francisco Muniz Tavares viveu oitenta e um annos; a maduresa da idade e o inverno da velhice poderam mo- dificar o exaltamento de suas idéas politicas; nunca po-

rém, mudar-lhe a natureza : liberal desde a juventude era-o ainda um momento antes da agonia que precede a morte ; o amor da liberdade foi suave, congenita harmonia de sua alma, semelhante a simples e doce musica da balada, em que a ternura maternal encanta e faz adormecer o filhinho, e que se imprime para sempre no coração e na mente deste, de modo que sua memoria ainda lhe repete o canto da primeira infancia, no meio das melancolias e dos soffrimentos da velhice. Sua firmesa de principios politicos, que não vacillou nem em face das altas posições sociaes nem no theatro das ambições e nem depois na abstenção da vida publica activa, attesta que a alma de Muniz Tavares era sacramento puro da idéa a que rendeu sessenta annos de culto. »

Francisco Nunes Franklin. Nasceu na freguezia de S. Frei Pedro Gonçalves do Recife aos 23 de Julho de 1778.

Assentando praça no exercito de primeira linha desta provincia, e depois de algum tempo de serviço deu baixa, e seguiu para Portugal. Fixando-se em Lisbôa, partiu depois para Coimbra com o intuito segundo consta, de formar-se em medicina, o que não conseguindo por ter abandonado os seus estudos, voltou para Lisbôa em 1802, tendo cursado segundo parece as aulas de philosophia e mathematicas.

Em Lisbôa obteve Nunes Franklin ser empregado no Archivo da Torre do Tombo, e por fallecimento do Chronista da Casa e Estado de Bragança, Antonio Ribeiro dos Santos, obteve a nomeação desse importante e difficil cargo ; e essa distincção importava a remuneração dos serviços que, com tanto zelo e illustração, havia prestado, cujo alvará de nomeação foi lavrado aos 21 de Junho de 1821.

Vagando em 1833 o lugar de Guarda-Mór do Archivo, foi interinamente provido nesse lugar em Agosto desse anno ; porem bem pouco tempo o occupou, porque foi sorprendido pela morte aos 2 de Dezembro desse mesmo anno de 1833, na idade de cincoenta e cinco annos.

Francisco Nunes Franklin era dotado de uma bella intelligencia, e somente pelo seu talento chegou a conquistar uma honrosa posição em Portugal. Dedicado ao estudo das cousas antigas, em cujo emprego tinha á sua disposição os mais ricos e importantes subsidios para os trabalhos que tencionava emprender, muito trabalhou, e infelizmente muito pouco produziu.

Para mais facilitar aos seus trabalhos, dedicou-se ao

estudo da paliographia tendo por professor João Pedro Ribeiro. Os titulos de socio da Academia Real das Sciencias de Lisbôa, e de Chronista da Casa de Bragança, que lhe foram conferidos, são tão honrosos e significativos, que por si sós bastam para dar uma idéa do seu merecimento, talento e illustração.

Alem dos trabalhos que publicou, apresentou a Academia, uma *Chronica do primeiro Duque de Bragança*, e deixou inedito um breve *Catálogo dos Chronistas de Portugal*.

Francisco Nunes Franklin, que tão util poderia ser a sua patria, dispondo de tantos recursos intellectuaes e materiaes, tendo a sua disposição o importante archivo da Torre do Tombo, esse riquissimo repositario dos mais raros documentos, não escreveu uma só linha a seu respeito!

Serviu de titulo para a sua admissão de socio na Academia, um bello trabalho que tem por titulo: *Memoria Breve de D. José da Costa, Cardeal de Lisbôa, vulgarmente, o Cardeal d'Alpedrinha*. Esta memoria foi inserta no tomo VIII, parte I das *Memorias da Academia*.

Por ordem da mesma Academia e em sua typographia, foi em 1816 publicado um seu trabalho que tem por titulo: *Memoria para servir de indice dos Foraes das terras do reino de Portugal e seus dominios*.

Em 1825 foi publicada a segunda edição desta memoria, com mais augmento e correccão.

Francisco Paes Barreto, Marquez do Recife. Nasceu no engenho Velho, na comarca do Cabo, aos 26 de Maio de 1779; foram seus paes o mestre de campo Estevão José Paes Barreto, e D. Maria Izabel Paes Barreto, e seus avós paternos o capitão-mór João Paes Barreto e D. Maria Luiza de Mello, e maternos, Felipe Paes Barreto e D. Maria Izabel Barreto.

Francisco Paes Barreto herdando de seus paes avultada fortuna, e recebendo esmerada educação, abraçou a vida da agricultura, como seus antepassados. Entrando, por morte de seu pai, na posse e administração do morgado dos engenhos Velho, Santo Estevão, Ilha e Guerra, dedicou-se com ardor ao trabalho, dotou as suas fabricas dos melhoramentos introduzidos nesse ramo da agricultura, e notando a inconveniencia que havia nas immensas terras occupadas por esses engenhos, sem que podessem

ser melhor aproveitadas, conseguiu que nas mesmas se levantassem os engenhos Campo Alegre, S. José, Caramurú, Junqueira e Camassari, e assim avultou ainda mais a herança paterna.

Rico, circumspecto, homem de caracter e nobres e patrioticos sentimentos, Francisco Paes Barreto reunia a tudo isso o prestigio e influencia local, por sua liberalidade, por seus rasgos de patriotismo e desinteresse. A epocha gloriosa da revolução de 1817, esse preludio da independencia nacional, fel-o martyr, engastou-o nessa cadeia de heróes, hontem cobertos de opprobios e levados aos cadafalsos reaes, hoje cobertos de benções, e elevados ao pantheon das glorias patrias.

Num dos salões do hospital do Paraizo, fundado por seus antepassados, de cuja instituição era elle administrador por direito de successão, fundou, sob o nome apparente de *Academia do Paraizo*, um club conspirador, onde discutia-se e traçava-se o plano da independencia da patria. Francisco Paes Barreto tornara-se então um decidido apostolo das idéas democraticas, filiara-se a academia Suassuna, trabalhou incessantemente; e a tanta altura chegou em principio, diz o padre Dias Martins, que só elle era capaz de fazer e conduzir uma grande revolução. E oxalá fôra elle o unico autor do dia 6 de Março! Então a sua grave prudencia faria amadurecer no segredo o grande plano, elle buscaria e seguraria meios aptos e infalliveis; sua liberalidade directa sem o dezar de estrangeiro lhe attrahiria a multidão descontente de quem já era idolo pelas suas nobres virtudes, a liberdade em fim, sem os espeques da impostura marcharia magestosamente sem jamais ser assassinada por aquelles mesmos covardes que mais o deviam cemental-a.

Mas os factos precipitam o acontecimento, rompe inesperadamente a revolução, era necessario apoial-a. Francisco Paes Barreto, na qualidade de capitão-mór commandante das ordenanças da villa do Cabo, reúne immediatamente as suas tropas, e encorporando-as ao batalhão auxiliar dos Suassunas, põe-se em marcha, e ao amanhecer do dia 7 de Março acha-se na cidade do Recife, onde reúne-se as tropas patrioticas, encaminhando-se para o assedio da fortaleza do Brum, e pela sua influencia e prestigio muito concorreu para a capitulação e entrega dessa fortificação; e voltando com o exercito ao Campo da Honra, hoje das Princezas, afim de tomar parte na eleição do go-

verno provisório, e quando o publico esperava que o grande Barreto fosse um dos directores dos seus novos destinos, diz um autor contemporaneo, soube-se com magoa que elle se retirara para o Cabo, onde fôra esconder os seus talentos, e talvez a dôr da ingratição dos seus consocios: todavia não deixou de prestar os maiores serviços á liberdade da patria.

Mas no auge do perigo, quando o brilho do sol da revolução começava a empaledecer, e os exercitos reaes marchavam sobre o Recife, elle esquece a ingratição dos patriotas pela salvação da patria, reúne-se de novo aos seus companheiros; porém a perda da batalha de Pindoba apagára as ultimas esperanças dos patriotas, e elle vendo somente como unica e honrosa salvação a capitulação, apresenta a sua idèa, porém sendo ella recusada, deixou de acompanhar as tropas que partiram para o interior, ficou no Recife, e foi uma das primeiras victimas que cahiram em mãos dos inimigos. Preso, arrastado ao porão do navio *Carrasco*, seguiu para a provincia da Bahia, e foi atirado aos carcereiros da cadeia da Relação, passando pelas maiores privações, mal e escassamente alimentado, no meio de escravos e malfetores, sem que lhe fosse permitido receber de sua familia cousa alguma. Assim passaram-se quatro annos, até que em 1821 lhe foi restituida a liberdade.

Mas o martyrio não apagára a chamma patriotica daquelle generoso peito. Paes Barreto encontra a patria oppressa pelo jugo atroz e ferrenho de Luiz do Rego, o algoz dos seus companheiros immolados em 1817; abriu as portas de sua casa aos patriotas, ahi reuniam-se, lamentavam as desgraças que pesavam sobre a patria, e talvez não aventurassemos uma falsa proposição, se dissessemos que novos planos de regeneração ahi se concertasse, em face dos acontecimentos.

João de Souto Maior, tenta vingar as affrontas da patria, mas erra o golpe; accende-se de novo a tyrannia, os prezos que voltaram da Bahia, são indigitados como conspiradores, e Paes Barreto tido como um dos seus chefes. Espalham-se então os agentes de Luiz do Rego, prendem ao menor indício 41 cidadãos, e sem mais exame nem processo são remettidos á bordo do brigue *Intriga* e seguem para Lisboa.

Paes Barreto foi uma dessas victimas da tyrannia de Luiz do Rego. Trabalhosa e perigosa viagem soffreu com

os seus companheiros, até que chegaram a Lisboa, desembarcaram, e seguiram para as prisões do Castello. A noticia dos acontecimentos de Pernambuco, das violencias de Luiz do Rego, e da chegada dos prezos em Lisboa, Muniz Tavares, deputado por esta provincia ás côrtes constituintes, protesta na camara por tudo isso, pede a liberdade dos prezos, e a sua immediata restituição á patria, por conta do estado; e approvado o seu requerimento, são elles postos em liberdade, e saudam de novo a terra natal. Paes Barreto voltava ainda o mesmo patriota, a attitudede da constituinte portugueza despertára os animos brazileiros, Pernambuco expulsa Luiz do Rego do governo, e installa a junta provisoria. Na luta suscitada entre o commandante das armas Pedro da Silva Pedroso e a junta provisoria, da qual então fazia parte, prestou elle grandiosos serviços a causa da ordem e tranquillidade publicas, desenvolveu muita actividade animando aos esmorecidos collegas da junta, e com elles retirando-se para o Cabo, organisou um pequeno exercito, voltou ao Recife, supplantou o motim, restabeleceu a ordem, e mereceu os maiores louvores, não só dos nacionaes, como dos estrangeiros, cujas vidas achavam-se ameaçadas pelos facciosos.

Acabava então de ser dissolvida a constituinte brasileira, e chegavam a Pernambuco os seus respectivos deputados. Um dos seus primeiros actos, foi a apresentação de um manifesto á junta do governo, da qual ainda fazia parte Paes Barreto, concluindo por um projecto sobre uma nova forma na organização do governo. A junta reunese, apresenta a sua demissão, procede-se a nova eleição, e sahe eleito presidente Manoel de Carvalho Paes de Andrade; porém o governo imperial não approva essa eleição, e nomeia para presidente da provincia a Francisco Paes Barreto, por Decreto de 23 de Fevereiro de 1824.

Extremaram-se então as opiniões, os eleitores mantem o seu voto, sustentam a Manoel de Carvalho, e dirigem uma representação ao governo imperial, pedindo a confirmação do seu acto; o governo insiste, e assim foram marchando os acontecimentos, até que Manoel de Carvalho proclama a *Confederação do Equador*.

Francisco Paes Barreto firme na legalidade do seu mandato, retira-se ao seu engenho do Cabo, e mais tarde vão-se lhe unir as tropas que adheriam a sua causa, e a sua frente marcha para a Barra Grande, e ahi fortifica-se, e por mais de 6 mezes fora toda ella mantida á sua custa.

E quando mais tarde lhe fôra pedida a conta das despezas da guerra, elle respondeu— *que nada queria*, e essa importancia elevava-se a mais de 30:000\$000! Além dessa quantia, os inimigos deram-lhe consideraveis prejuizos em suas fazendas e engenhos, damnos que terminaram com a junção das suas tropas com as que enviara o governo afim de restabelecer a ordem publica; e quando terminou essa luta sangrenta entre irmãos. Paes Barreto abdicára então de suas crenças republicanas. O seu intento e aspirações eram a independencia da patria: e proclamada ella sob o regimem monarchico, elle a abraçou entusiasta, foi um dos seus mais extrenuos e dedicados sustentaculos. E foi porisso que não adheriu a *Confederação do Equador*, embora pareça que o seu amor proprio ferido pela tenaz resistencia que oppuzeram a sua nomeação de presidente da provincia, fosse o movel de pensamento e idéas contrarias.

Restabeleceu-se, pois, a autoridade imperial, a *Confederação do Equador* foi como que um meteoro que passou ligeiro pela atmospheria politica do Brazil, e ás perseguições e aos cadafalsos que se ergueram em punição aos apóstolos que haviam pregado o evangelho da republica, o monarcha abriu o cofre de suas graças em premio e recompensa áquelles que haviam sustentado a sua soberania, assegurado a sua corôa nessa grande parte do Brazil revolucionada, independente e republicana.

E assim, lhe foi conferida a Gran-Cruz da Imperial Ordem do Cruzeiro, o titulo de Conselho, e a mercê do titulo de Visconde do Recife, com as honras de grandeza, a 4 de Maio de 1825. A conferencia deste titulo, diz a respectiva carta imperial, era— *um testemunho publico do quanto lhe foi agradavel o seu serviço pela prova inequivoca que deu de fidelidade a sua pessoa, amor a sua patria e sincero interesse pela integridade e consolidação do imperio*; e a da Gran-Cruz do Cruzeiro, era, *um publico testemunho de reconhecimento por tão extraordinarios serviços, que o elevam gloriosamente á classe dos primeiros benemeritos da patria*.

Emprehendendo Paes Barreto uma viagem ao Rio de Janeiro, afim de apresentar pessoalmente ao Imperador os seus protestos de agradecimento, solicitou a respectiva permissão, a qual lhe fôra concedida dizendo officialmente o ministro do imperio, que, S. M. mandava-lhe participar, que, *seria muito agradavel que elle comparecesse quanto antes, não só porque desejava conhecer o benemerito ci-*

dadão que tem prestado tão uteis serviços ao Estado, e dado tantas provas de fidelidade e amor á sua augusta pessoa; mas tambem para conseguir circumstanciadas informações da provincia de Pernambuco.

No Rio de Janeiro, recebeu Francisco Paes Barreto honroso acolhimento do Imperador, o titulo de armeiro-mór do imperio, e por carta imperial de 12 de Outubro de 1825, foi elevado as honras de marquez.

Dessa epocha por deante, afastou-se o marquez do Recife da vida publica e de todos os negocios politicos da provincia, e entregou-se exclusivamente aos seus negocios particulares e dos cuidados do seu hospital do Paraizo. A simplicidade, a modestia, a accessibilidade, a sua bolça sempre aberta em favor de quantos recorriam a sua generosidade, e os seus serviços prestados ao paiz desde os tempos coloniaes, taes são os titulos que o tornam grande e benemerito aos olhos da posteridade. O marquez do Recife falleceu aos 26 de Setembro de 1848, aos 69 annos de idade, e foi sepultado no dia seguinte, no carneiro subterraneo da egreja do seu hospital do Paraizo.

Francisco de Paula Baptista. Nasceu na cidade do Recife aos 4 de Fevereiro de 1811, e foram seus paes o cirurgião Antonio Baptista da Conceição, natural de Belmonte, em Portugal, e D. Maria Theodora de Jezus Baptista, natural desta provincia, e filha do capitão-mór Manoel Antonio Ribeiro e D. Thereza Maria de Jezus Ribeiro.

A phase politica porque passou esta provincia em 1821 quando começou a despontar a aurora da nossa emancipação politica, levou seu pae a emigrar para Portugal, com os seus haveres, no intuito de alli estabelecer-se, e voltar depois para conduzir toda a sua familia. Mas no anno seguinte falleceu elle em Belmonte, deixando apenas a roupa de seu uso, e assim ficou o jovem Francisco de Paula Baptista orphão aos 11 annos de idade, e a fortuna de sua familia bem reduzida.

Paula Baptista estudava então a lingua latina na congregação de S. Felipe Nery, mas sobrevindo-lhe grave molestia, e posteriormente rompendo a revolução de 1824, teve de interromper os seus estudos, os quaes só poude continuar no anno seguinte, indo depois concluir o seu curso preparatorio no antigo *Lyceo Pernambucano*. Paula Baptista logo que encetou a serie de seus estudos, revellou uma intelligencia rara, e todo o vigor do bello e elevado

talento de que era dotado. Perdendo seu pae ainda bem creança, e ainda que sua mãe se visse quasi que sem recursos, comtudo não poupou esforços e sacrificios no intuito de fazel-o proseguir em seus estudos, cumprindo assim aquillo que seu esposo tão ardentemente desejava ver; e assim, já em 1829 Paula Baptista os havia concluído, conquistando em todas as disciplinas plena approvação, e então matriculou-se na Academia Juridica de Olinda.

Nos exames preparatorios, diz um escripto á seu respeito, Paula Baptista demonstrou publicamente a grandeza do seu talento e o vantajoso proveito de seus estudos. A intelligencia tem seus orgulhos, e orgulhos nobres; sempre que se póde elevar, não se curva à indifferença da mediocridade. O talentoso jovem, que tinha conhecimento do poder de seu merecimento, recusou formalmente o tempo que tinha por lei para estudar no exame de latim o ponto que lhe tocasse por sorte, e com esta renuncia pediu a seus examinadores que o arguissem de momento, e isso lhe fóra concedido com applausos de todos; assim como analysou, á contento dos examinadores de rhetorica, as orações de *Cicero-pro Catilina*, que de prompto lhe foram apresentadas. Firmou-se portanto o credito de Paula Baptista como estudante, que brilhantemente estava recomendado para continuar a colher louros nos estudos superiores.

Na academia, ainda mais o jovem estudante ostentou todo o brilho do seu pujante talento, e procurando por meio de um rigoroso estudo cada vez mais firmar a sua bem merecida reputação de estudante verdadeiramente distincto, conquistou, em todos os annos do curso, approvação plena e merecidos premios, e assim, quando em 1833 prestava o seu ultimo exame, no quinto anno, recebeu a laurea de bacharel em sciencias juridicas e sociaes, que lhe conferiu a academia de Olinda.

Laureado pelo primeiro estabelecimento scientifico da provincia, rico de talento e de sciencia, mas pobre de bens da fortuna e de protecção, Paula Baptista dominado das mais nobres aspirações, avido de saber, ambicioso de gloria e renome, quiz o gráu de doutor, e em Abril de 1834, poucos mezes depois da sua formatura, a mesma Academia lhe conferiu esse honroso e almejado titulo, depois de haver brilhantemente defendido as suas theses. Nesse mesmo anno Paula Baptista entra em concurso para o provimento de algumas cadeiras vagas na mesma Acade-

mia, e em Abril de 1835 recebe o Decreto que o nomeava lente da segunda cadeira do quinto anno; e assim, pouco depois de haver deixado os bancos da Academia, se viu collocado na cadeira de mestre, conquista honrosa, filha dos seus proprios recursos, victoria esplendida, ganha pelo vigor do seu talento.

No intervallo do concurso á nomeação de lente, o Dr. Paula Baptista exerceu interinamente o cargo de juiz municipal do Recife, assim como tambem o de chefe de policia. Creada a Assembléa Provincial, e procedendo-se nesta provincia a respectiva eleição, Paula Baptista foi um dos seus primeiros representantes na legislatura de 1835 a 1836, honra esta que lhe coube por mais 8 vezes, sendo a ultima a legislatura de 1864 a 1865.

Em 1843, na administração do Visconde da Bôa-Vista, Paula Baptista redigiu o jornal *A Estrella*, cuja missão era mostrar os grandes males das lutas pessoas dos partidos politicos, assim como a necessidade de dar desenvolvimento a industria, as artes e outras emprezas necessarias ao progresso e felicidade da provincia, sustentando ao mesmo tempo os actos da dita administração, e defendendo-a da forte opposição que lhe fazia o *Diário Novo* e outros órgãos da opinião liberal.

Em 1848, quando subiu ao poder o partido conservador, e rompeu nesta provincia a revolução liberal, Paula Baptista appareceu em campo com os seus bellos escriptos, combatendo a resistencia armada. Vencida a revolução em 1849, e tomando de novo assento na Assembléa Provincial, combateu energicamente os que procuravam justificar-a, sobre cujo assumpto proferiu um brilhante e eloquente discurso, digno ainda hoje de ser lido como um dos melhores productos oratorios. A attitudo de Paula Baptista na Assembléa Provincial, a distincção e a honrosa maneira porque se conduziu esse illustre pernambucano no desempenho do seu mandato, abriram-lhe as portas de uma scena mais vasta e elevada, e os seus comprovincianos julgando como que um dever mandal-o como seu representante á Assembléa Geral, o elegeram deputado, e em principios de 1850 tomava assento no parlamento nacional.

Com o talento que lhe era peculiar, com a vasta illustração que possuia, Paula Baptista desempenhou então um brillantissimo papel no seio dos representantes da nação. Proferindo alguns discursos com aquella belleza

oratoria, vigor de logica e estylo fluente e elevado, combateu o recrutamento e estigmatizou os excessos de ambos os partidos; clamou contra a impunidade dos crimes favorecidos pelo espirito partidario, defendeu o commercio a retalho como um direito nacional, declarou-se finalmente, homem de ordem e igualmente de justiça e liberdade.

O brilhante papel que representou na questão da nacionalisação do commercio a retalho, conquistou-lhe uma esplendida manifestação dos bahianos, quando em principios de 1851 passou por aquella provincia em viagem para o Rio de Janeiro, sendo recebido pelo povo com enthusiasmo e delirio, por occasião do seu desembarque, havendo entre outras manifestações um esplendido baile que lhe foi offerido. Tomando assento na camara, Paula Baptista defendeu ainda a nacionalisação do commercio á retalho, prestou decidido apoio ao governo, combateu a propaganda da constituinte e defendeu a tolerancia politica, como indispensavel condicção para o desenvolvimento e progresso do paiz.

No entretanto, nesta phase mais brilhante da vida de Paula Baptista, quando talvez as mais honrosas e elevadas posições sociaes lhe teriam de ser conferidas, pelos dotes, pelos talentos e illustração que revelára, a sua attitude politica começou a decahir, o seu procedimento apresentou contradicções taes, que ficou estacionario, esquecido, e finalmente arredado da vida politica. Diversas traducções, diz o artigo citado, temos ouvido dar-se ao seu procedimento, e muitas recriminações hão pesado sobre elle. Uns o tem accusado de tibio e frouxo, incapaz de levar até o fim a realisacção de uma idéa grande e generosa; outros de versatil; outros d'elle se haver vendido ao governo, e finalmente outros de utopista e visionario. Quanto não vae ahi de má e injusto! Explicando o procedimento illustre pernambucano na questão do commercio á retalho, servimo-nos da completa explicação que elle proprio deu no *Constitucional* de 20 de Setembro de 1861, que então se publicava nesta cidade:

« Homens mal inspirados apossaram-se desta idéa, misturaram-na com prejuizos e rivalidades, e moviam a credulidade popular, mais do que se suppunha na côrte. Qual fôra nessas circunstancias meu crime? Arranquei esta idéa da precipitação e perigo, e expurgada de odios, colloquei-a, placida, no terreno legal. E o que vi então?

Contra os que somente confiam na politica de contradicções e viva compressão, vi então o que já d'antes sabia, isto é, que as vezes ceder a uma effervescencia popular, tanto quanto mude as situações, basta para apagal-a. Em presença da propaganda de uma constituinte era puro conservador, e devia fortificar o governo dos conservadores. »

Seja o que fôr, conclue o citado artigo, a verdade é, que, depois que o illustre brasileiro dominou aquella idéa, todos os enthusiasmos por ella morreram.

Em 1852, quando arrefeceu a idéa da constituinte, e o orgão do partido liberal desta provincia a abandonou inteiramente, Paula Baptista começou na tribuna a mostrar-se inclinado ás opiniões liberaes, sustentando tambem a conveniencia da representação das minorias, a de respeitar-se todas as aspirações pacificas com a moralidade de seus principios, e fortemente mostrou a conveniencia da tolerancia politica, como uma condicção inherente ao bem do paiz.

Reeleito deputado geral na legislatura de 1853 a 1856, ao mesmo tempo que occupava uma cadeira na Assembléa Provincial, Paula Baptista tomou assento na camara temporaria e fez parte da opposição parlamentar, « e tratou de importantes questões, ligado sempre a principios e doutrinas, sem importar-se com pessoas, mostrando ao mesmo tempo suas tristes apprehensões á respeito da opinião vencida de abandonar o campo eleitoral pela compressão que soffria, e de haver o governo imposto sua vontade dentro do circulo dos seus, para a eleição de uns, e exclusão de outros. Abri os annaes das sessões da camara temporaria do 1853, que encontrareis discussões importantissimas do profundo orador, que se occupou das mais serias questões que alli se aventára, tratando igualmente de analysar todos 6 relatorios dos respectivos ministros que então compunham o gabinete. »

Subindo então ao poder o novo ministerio prezidido pelo Marquez do Paraná, Paula Baptista adheriu e apoiou a politica de conciliação adoptada pelo novo ministerio, até o fim da legislatura que terminou em 1856.

Em 1855 Paula Baptista deu á luz da publicidade o seu *Compendio de theoria e pratica do processo civil para uso das Faculdades de Direito do Imperio*, a primeira obra que neste genero se publicou no Brazil, e em 1860 publicou um *Compendio de hermeneutica juridica*, obras estas que re-

velam o seti merito e talentos superiores, e que foram recebidas pelo mundo illustrado como uma verdadeira preciosidade.

Condecorado com o officialato da imperial ordem da Rosa, em 1861 teve o titulo de conselho por haver completado 25 annos de serviço do magisterio, em cujo exercicio coube-lhe por mais de uma vez dirigir o cargo de director da Faculdade, assim como tambem, na qualidade de membro do conselho superior da instrucção publica, dirigir essa repartição interinamente.

Conservador nos primeiros annos de sua vida publica, Paula Baptista modificou as suas idéas, e filiou-se finalmente ao partido liberal. Fazendo parte da redacção do *Constitucional*, orgão do mesmo partido, e apparecendo o *Diario do Recife*, jornal conservador, o nome ou antes a pessoa de Paula Baptista foi o alvo sobre que se atiraram os seus adversarios, accusando-o de transfuga, e chamando-o de politico especulador e interesseiro. Tomando então a sua defesa no mesmo *Constitucional*, Paula Baptista a fez vantajosamente, e concluiu dizendo franca e conscienciosamente: « Fui conservador, fui conciliador, fui tolerante, e sem perder nenhum desses predicamentos sou hoje liberal. E nisto faço constituir a minha gloria, que o *Diario do Recife* tão deshumanamente me quer roubar. Fique-se elle com a felicidade de obedecer a obstinação, em viver do passado, e deixe—que me fique a infelicidade de viver das aspirações do futuro; fique-se com a honra de obedecer ao odio, e deixe que me fique o desar de obedecer a logica. »

Retirado da vida politica, inteiramente dedicado aos labores de sua vida de mestre e de advogado, Paula Baptista jubilou-se como lente da Faculdade de Direito em 1884, contando 46 annos de magisterio, e nesse mesmo anno, pouco depois de receber o Decreto da sua jubilação, falleceu a 25 de Maio, no povoado de Caxangá, e no dia seguinte, foi sepultado no cemiterio publico do Recife.

Homem distincto por seu talento e saber, na phrase de um jornal desta capital, o conselheiro Francisco de Paula Baptista honrou a provincia que lhe deu o berço, e que nobremente representou na Assembléa Geral e provincial, deixando n'um e n'outro parlamento luminosos traços de sua passagem, sendo em ambos geralmente apreciado como distincto orador, pelo vigor de sua logica, pela rectidão de seu raciocínio, pela belleza de sua rhetorica, em

fim, por sua eloquencia commovedora e insinuante. O conselheiro Paula Baptista deixou de si immorredoura memoria, como um dos homens mais illustres do seu paiz na vida do magisterio a que se dedicou. Dotado de um character bondoso, de um genio affavel, de character sincero e maneiras lhanas, gosava de uma grande estima e de um grande respeito.

Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque.

Nasceu em meados do seculo passado, era filho legitimo do coronel de milicias Francisco Xavier Cavalcante de Albuquerque, e D. Felippa Cavalcante de Albuquerque, ambos parentes e originarios dos mais nobres e conceituados colonos que vieram para esta capitania-no começo da sua povoação, em principios do seculo XVI.

Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque, nascendo rico e opulento, recebeu uma esmerada educação de seus paes, e constituiu-se pela sua generosidade, franqueza de character e idéas altamente livres e democraticas, um dos homens mais conceituados e populares, do ultimo periodo da nossa vida colonial. Genio perspicaz e empreendedor, cabeça inflammada pelas idéas predominantes da epocha, a liberdade dos Estados-Unidos e da França fizeram-lhe conceber planos altamente generosos e patrioticos sobre a sorte de sua patria, elle iniciou ou filiou-se ao plano de uma conspiração que tinha por objecto formar de Pernambuco uma republica sob a protecção de Napoleão; mas a idéa abortou, foi denunciada ao governo, e elle preso em 1801 como autor da conspiração, foi recolhido a fortaleza das Cinco Pontas em um apertado carcere, recomendando o governador ao commandante da fortaleza, na portaria que lhe dirigiu em 10 de Junho, para o recolher, que tivesse todas as precauções necessarias para a sua devida segurança, sem communicação com pessoa alguma de dentro da mesma fortaleza ou de fóra, com excepção apenas do medico ou cirurgião que se fizesse necessario por molestia, assistindo comtudo elle commandante as respectivas visitas, ou o seu immediato, assim como o assistisse por occasião da comida; que trouxesse sempre sentinella á porta de sua prisão, escolhendo para isso soldados da melhor nota, e que elle seria responsavel por qualquer falta para se proceder como fosse de justiça segundo a gravidade do caso.

Por portaria de 15 de Junho, o governador determinou ainda ao administrador do Correio que, *por se fazer preciso ao bem do real serviço, que as malas das cartas dos navios que chegassem á este porto vindas do reino se abrissem na sua presença, assim o executasse em quanto não fosse mandado o contrario*; tal a gravidade do facto.

A' sua prisão que se prolongou até o anno seguinte, sendo acompanhada do immediato sequestro de todos os seus bens, teve um resultado satisfatorio, viu-se finalmente recobrado da sua liberdade, mólas reaes e secretas fizeram correr sobre o crime cortinas impenetraveis, e rios de dinheiro correram em seu favor; e uma Ordem Regia determinou que lançando-se perpetuo silencio sobre a denuncia que resultou a sua prisão, se levantasse o sequestro dos seus bens, e se o pozesse em plena liberdade, pelo que foi ordenado ao ouvidor geral da comarca por portaria de 26 de Maio de 1802, perante quem fôra elle denunciado, que mandasse levantar a fiança prestada e o referido sequestro, sustando todas as execuções intentadas no seu juizo contra elle.

Privado do cargo de commandante da freguezia do Cabo, no qual prestou immensos serviços, já fardando á sua custa todos os soldados da sua companhia, como prestando os seus escravos á trabalhar gratuitamente na fundação do forte de Gaibú, apenas foi solto entrou no exercicio desse cargo, e no gozo de todos os seus bens e prerogativas. Nomeado capitão de ordenanças da freguezia de Jaboatão por patente de 28 de Abril de 1804, no anno seguinte foi nomeado capitão-mór das ordenanças de Olinda, cujo titulo foi confirmado por patente regia de 4 de Setembro de 1805, não occupando já igual posto na villa do Recife, porque se achava preso, quando a respectiva camara procedeu a eleição desse cargo em 1801, á qual disse em officio de 17 de Novembro de 1802, dirigido a junta do governo provisório, *que o teria feito como a quem constantemente assiste as qualidades recommendadas por Sua Alteza Real, illustre de nascimento, abastado de bens, e assistente no districto, se a horrorosa calunnia de um aleivoso fanatico e baixo intrigante, não pretendesse eclipsar a sua fidelidade e de seus progenitores.*

Em 1804, quando o governo fez um appello á generosidade dos seus subditos para occorrer a enormes despesas do estado, elle contribuiu com 5:000\$000, e por taes serviços lhe foi conferido o habito de Christo, bem honroso

e significativo nessa epocha, e em 1808 teve o fôro de fidalgo cavalheiro da casa real, *por seus merecimentos e serviços*, como diz o proprio diploma.

Mas os titulos que lhe foram conferidos, os cargos de que o encarregaram á desempenhar, e os serviços que prestava, nada disso havia apagado a idéa altamente patriótica que o dominava, a idéa da emancipação da sua patria, a constituição de um estado independente. Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque conspirou de novo, e depois daquella incomprehensivel epocha de gloria e de ruina, na phrase do autor dos —Martyres Pernambucanos—, o publico se admirou vendo o grande Suassuna cada vez mais infatigavel, se bem que mais circumspecto, em cultivar e propagar a sciencia occulta da liberdade.

O seu engenho Suassuna, nome esse pelo qual era elle pessoalmente conhecido, converteu-se sob o nome apparente de Academia, em uma escola democratica, onde os iniciados e adeptos não só nacionaes como estrangeiros, achavam luz, agasalho e subsidios. Não julgando sufficiente somente esse nucleo democratico, promoveu com todo o ardor e enthusiasmo a criação da bibliotheca do Paraiso, no Recife, e entregou a sua direcção ao illustre patriota o Padre João Ribeiro Pessôa de Mello Montenegro.

Estava pois a idéa em evolução, eram satisfatorios os progressos que se ia obtendo, e a propaganda marchava á passos agigantados, quando appareceu Domingos José Martins. Então assentou-se o plano de preparar os espiritos fóra da provincia, e emquanto Martins partia para Londres a liquidar os seus negocios, Domingos Theotônio seguiu para a Bahia e Rio de Janeiro, o coronel Suassuna a pretexto de molestia partiu para o norte, e visitou as provincias do Ceará, Parahyba e Rio Grande, d'onde voltou á reunir-se aos seus companheiros na epocha ajustada.

Rompe a revolução inopinadamente a 6 de Março de 1817, e apezar da prematuridade desse acontecimento, o coronel Suassuna reúne á noite desse mesmo dia as ordenanças e milicias do Cabo, arma os seus escravos, e marcha á sua frente para o Recife, e reúne-se as tropas patrióticas.

Após a capitulação da fortaleza do Brum, onde se refugiára o governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro, voltou o coronel Suassuna para o campo do Erario, e promovendo a eleição do governo provisório, de que foi um dos eleitores, mereceu depois a eleição de general de

divisão, cargo este a cujo desempenho se entregou totalmente, e partiu immediatamente para o Cabo, designado quartel general da sua divisão. O zelo do general Suassuna, diz o padre Dias Martins, sua actividade, seu patriotismo, e singularmente seu enthusiasmo pela liberdade, eram centelhas electricas, que se communicavam rapidamente á quantos o escutavam, fazendo-lhes conceber as mais venturosas esperanças. Mas a tempestade subita, que desde a Bahia começou logo a troyear sobre Pernambuco, resfriou em parte os ardores populares, e o mesmo Suassuna começou a vacillar sobre a coadjuvação dos bahianos, que Domingos José Martins promettia com tanta infallibilidade! Todavia preparou-se marcialmente para o futuro, mostrando em todas as medidas a sciencia de um general experimentado.

Começava então a eclipsar-se a estrella dos destinos pernambucanos. Sabida a noticia da revolta, quer na Bahia como na côrte do Rio de Janeiro, foram tomadas as mais severas providencias no intuito de suffocal-a e de manter-se a todo o custo na posse de Portugal tão rica e importante possessão. Partiu pois uma esquadra á bloquear o porto do Recife, e um exercito por terra a passos largos se encaminhava sobre Pernambuco. A' noticia de que o exercito marchava victorioso desde as Alagôas, o general Suassuna reúne as suas tropas, e apesar de conhecer o esmorecimento dos seus soldados pelos revezes dos combates parciaes com os realistas, vae ao seu encontro, toma posição, e fortifica-se no engenho Guerra, em Ipojuca.

No dia 15 de Maio avistam-se os dous exercitos, ambos iguaes na força numerica, mas superior o realista, pela ordem e disciplina, e as 2 1/2 horas da tarde começa uma terrivel canhonada, porém com pouca vantagem para ambos os partidos. As 5 horas destaca-se Domingos José Martins com 300 homens, e vae cortar a linha inimiga, mas sahe-lhe á encontro as milicias do Penedo, trava-se a luta, e Martins sahe vencido. E quando o general Suassuna firme no seu posto batia-se como um heroe, aquelle revez deu causa de ganho aos contrarios, elles redobram no seu furor, a victoria foi adversa á causa dos patriotas, e á noite Suassuna reúne os seus soldados, abandona o campo, e marcha para o Recife, unico ponto que então podia oppor seria resistencia.

Sobre o encontro e batalha travada entre estes dous exercitos, ha um ponto historico de grande alcance e in-

teresse á averiguar. Constatou que o general Suassuna, por ordens superiores, entabolára certas negociações com o commandante das forças realistas, no intuito de fraternizar os dous exercitos, e unidos cooperarem em sustentação da causa da independencia, o que elle aquiescera, mas que fôra contrariado por dous officiaes, os quaes de seu motu-proprio atacaram os patriotas. Seja como fôr, diz o padre Dias Martins, o general Suassuna, ou surprehendido contra a fé da convenção, ou irritado com as orgulhosas pretensões do governador Domingos José Martins, perdeu naquelle dia com a batalha, todas as esperanças.

Somente no fim da acção chegou o marechal Mello, commandante em chefe das forças realistas, e a sua attitude, o seu procedimento, são revellações importantes, porque só então, quando aquelles dous officiaes acabavam de ganhar a victoria, e quando elle mais nada podia fazer, *foi fama, de que só então mandára o desengano de não poder fazer nada mais em beneficio de Pernambuco, do que dar o tempo preciso para capitularem com o bloqueio.*

Recolhendo-se ao Recife, o illustre general Suassuna veio testemunhar as desgraçadas scenas que se deram ao terminar a sua existencia política, a proclamada republica pernambucana. As forças do bloqueio saltando e se aposando da capital, e unidas com as que vieram por terra da Bahia, enlutaram a cidade, e derramaram o terror por toda a parte.

O heroico Suassuna, resignado nos destinos da Providencia, viu-se em breve arrancado do asylo em que se achava, preso por ordem de Rodrigo Lobo, e entre ludibrios horrorosos da plebe amotinada, mettido no porão do brigue *Carrasco*, em cujo bordo seguiu para a Bahia em companhia de mais 71 victimas, e companheiros de martyrio. Ahi chegando, foi atirado aos carceres da Relação, onde sempre em vesperras de ser executado, em luta constante entre a morte e a vida, foi soffrendo as maiores privações e tyrannias dos seus oppressores, até que, depois de um martyrio de 4 annos, recobrou a sua liberdade.

Voltando á Pernambuco em 1821, abatido pelas molestias e privações da rigorosa prisão que soffreu, bem poucos dias de vida lhe restaram. Dir-se-hia que a Providencia vellára sobre a sua vida, para que a terra da patria abrisse o seu seio para receber o cadáver de um dos seus mais illustres e benemeritos filhos, e 8 dias depois

que chegára, em Junho de 1821, falleceu este preclaro varão, martyr pela liberdade, victima da mais barbara e nefanda tyrannia.

Tai foi a vida de Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, tal foi o destino do grande e benemerito Suassuna, cujo nome memora o de uma das mais bellas ruas da cidade do Recife.

Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, Visconde de Suassuna. Nasceu na cidade então villa do Recife, aos 10 de Junho de 1793, e era filho primogenito do capitão-mór Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, tão celebre na historia pelo nome de Coronel Suassuna, e sua consorte D. Maria Rita de Albuquerque Mello, oriundos das mais nobres e illustres familias desta provincia.

Assentando praça no exercito de primeira linha, em 1807, serviu no regimento de artilharia de Olinda, foi promovido a 2.º tenente por patente real de 16 de Março de 1813, a 1.º tenente da companhia de bombeiros do mesmo regimento por patente de 20 de Junho de 1816, e posteriormente deixando o serviço militar de 1.ª linha passou a servir na 2.ª, foi nomeado tenente-coronel commandante do batalhão de caçadores numero 54 por Decreto de 13 de Julho de 1827, passou a coronel graduado em 1829, a effectivo em 1835, reformando-se depois em brigadeiro.

Em 1817, já occupava elle o posto de 1.º tenente do regimento de artilharia do Recife, como vimos, e quando rompeu a revolução de 6 de Março, iniciado como estava na propaganda desse generoso movimento emancipador, Cavalcanti de Albuquerque achou-se á frente de toda a marcha revolucionaria, tomou parte em todos os seus movimentos, combateu ao lado de seu pae em defesa da patria, e quando de novo se restabeleceu a autoridade real, foi preso, e seguiu para a Bahia, onde gemeu por quatro annos nos mais crueis e apertados carceres.

Livre da prisão em 1821, voltou á esta provincia, e readmittido no exercito, elevado não só nos postos a que attingira pelos seus serviços e merecimento, como tambem no conceito e consideração dos seus conterraneos, prestou immensos serviços na quadra revolucionaria da nossa emancipação politica em 1822, e como em 1817, foi um dos patriotas mais notaveis dessa nova phase revolucionaria.

Tenente-coronel, e conselheiro do governo mais votado,

e primeiro vice-presidente desta provincia, coube-lhe dirigir as reideas da sua administração, no impedimento de José Carlos Mayrink da Silva Ferrão, cujo acto de posse teve logar no dia 12 de Abril de 1826, conservando-se no governo até 30 de Janeiro do anno seguinte. Em 1832 assumiu ainda ao governo da provincia, no impedimento de Francisco de Carvalho Paes de Andrade, dirigindo-a de 28 de Fevereiro a 20 de Março, e na qualidade de presidente, nomeado por Carta Imperial de 15 de Abril de 1835, tomou posse do governo no 1.º de Junho do mesmo anno, e conservou-se na sua administração até 1 de Fevereiro de 1837.

Um dos serviços que mais realçam nesta administração de Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, foi a sua tenacidade e empenho na terminação da cruenta guerra dos Cabanos, que assolava esta provincia ha quatro annos, e conseguiu finalmente ver os seus esforços coroados do mais feliz resultado, pois em Novembro de 1850 terminou esse sorvedouro de milhares de vidas nas constantes lutas.

Ainda mais uma vez coube-lhe a honra de dirigir o governo desta provincia, na qualidade de vice-presidente nomeado em 8 de Abril de 1837 pela Assembléa Provincial, na forma do art. 6 da Lei de 3 de Outubro de 1834, substituindo ao presidente Francisco do Rego Barros, na sua primeira ausencia, que mediou de 12 de Maio a 30 de Outubro de 1838.

Deputado a assembléa provincial em varias legislaturas, assim como a geral, eleito senador do imperio por esta provincia e escolhido por Carta Imperial de 29 de Outubro de 1839, tomou assento a 11 de Abril de 1840, e nesse mesmo anno, a 24 de Junho, fez parte do ministerio, occupando a pasta dos negocios da guerra, a qual dirigiu até 23 de Março do anno seguinte.

Em 1841 o governo imperial conferiu a Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque o titulo de Barão de Suassuna, elevando-o depois ao de Visconde, e conferindo-lhe depois outros não menos honrosos, remunerava assim os serviços de tão illustre quão benemerito patriota. O Visconde de Suassuna foi um dos homens de mais influencia e prestigio do seu tempo, até 1849, quando abandonou a vida publica, entregando-se completa e exclusivamente aos interesses de sua vida particular. Então, mais nada aspirava, havia representado um papel importante quer na historia politica do seu paiz, quer na direcção de importantissimos e elevados cargos, era senador do imperio, do

conselho de S. M. o Imperador, fidalgo cavalheiro da casa imperial, dignitario da imperial Ordem do Cruzeiro e brigadeiro reformado.

Dessa época á sua morte, o Visconde de Suassuna entregou-se a uma quasi completa obscuridade, segregou-se inteiramente dos seus amigos, não frequentou mais o senado, e nem mesmo ás publicas solemnidades comparecia.

Homem energico, de tempera antiga, desses que quebram mais não torcem, o Visconde de Suassuna cahiu muitas vezes, mas sempre para se erguer á maior altura e mais nobresa, sempre á fazer vingar um principio salutar, uma idéa util e generosa. Dotado de nobres e generosos sentimentos, honrado e magnanimo, foi um dos mais dedicados e fervorosos apóstolos da causa da liberdade e engrandecimento do seu paiz, e particularmente da sua provincia natal, por cuja causa a tyrannia fez d'elle um martyr, e a patria um heroe.

O seu afastamento da vida publica foi tal, que nas perturbações politicas desta provincia de 1848 á 1849, já havia decrescido de tal maneira o seu prestigio, a ponto de escapar-lhe das mãos o bastão de chefe do partido conservador, que aliás havia sido empunhado por elle com o maior tino e criterio possiveis.

Assim passou-se a ultima quadra da vida de Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, Visconde de Suassuna, até que, depois de longos annos de padecimentos phisicos, veio a succumbir em seu palacio do Pombal, onde se havia votado a uma especie de clausura, as duas horas da madrugada de 28 de Janeiro de 1880, na avançada idade de oitenta e sete annos, sepultando-se neste mesmo dia o seu cadaver no cemiterio publico do Recife, prestando-se-lhe todas as honras a que tinha direito por seus titulos e condecorações.

O *Diario de Pernambuco* noticiando o seu fallecimento, e commemorando os seus serviços, em um artigo nechrologico que publicou após a sua morte, terminou com estes periodos, que transcrevemos por conter mais algumas particularidades e outros dados sobre a vida de tão egregio varão:

« A vida de Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, morto Visconde de Suassuna, titulo que não data de mais de vinte annos, dividiu-se em duas phases distinctas: a primeira de lutas incessantes, de constantes aspirações e triumphos, foi por assim dizer a sua phase evolutiva,

em que todas as suas energias foram postas em actividade por uma vontade de ferro ao serviço de uma intelligencia perspicaz; a segunda, de repouso, de apasiguamento, de plenitude de gosos licitos, foi ao contrario, a sua phase de declinio, consequente á plethóra politica, que lhe marcou o ponto culminante, phase em que, com as energias da vontade, abateram-se tambem os vôos da sua intelligencia.

« Na primeira phase, que por assim dizer, começou-lhe na infancia, pois que, já em 1813 era elle segundo tenente de artilharia, Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, embora envolvendo-se activo e energicamente nos movimentos politicos, como occorreu em 1817, em que foi elle preso e remettido para a Bahia, onde permaneceu até 1821, não se descuidou de curar dos negocios do seu casal, e em parte ajudado pelo que levou-lhe em dote sua prima D. Maria Joaquina Cavalcanti Salgado, a quem deu elle a mão de esposo em 1813, conseguiu juntar cabedaes, que pouco a pouco foram crescendo, ao ponto de tornal-o um abastado capitalista, e um rico agricultor.

« De feito, Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, que foi opulento e faustoso; e embora se tenha resentido sua fortuna do quasi abandono em que elle manteve suas propriedades urbanas e agricolas na segunda phase de sua vida, ainda assim deixa elle grande copia de bens, que em pouco foram desfalcados pelas deixas que em testamento fez sua finada consorte.

« O cadaver do finado Visconde de Suassuna, foi depositado na igreja matriz da Boa-Vista, onde foram resados os ultimos suffragios por sua alma, sendo depois levado á carro para o cemiterio publico, onde foi sepultado no tumulo de sua familia, assistindo a esse duplo acto grande numero de amigos seus e de sua illustre familia. »

Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque Lacerda. Filho do capitão-mór Ignacio Cavalcante de Albuquerque Lacerda, rico e abastado agricultor, nasceu em Goyanna em fins do seculo passado, no seio da opulencia e de uma das mais preclaras illustres familias desta provincia.

Albuquerque Lacerda recebeu uma educação esmerada e cuidadosa, e apenas a sua rasão principiou a desenvolver-se como diz o eloquente pregador Frei João Capistrano de Mendonça, na oração funebre das suas exequias, seu illustre pai o mandou para o Seminario Episco-

pal da cidade de Olinda, onde estudou as aulas de humanidades, desenvolvendo não vulgar talento, e causando admiração a seus mestres, que mutuamente se congratulavam de ver fructificar assim as bellas sementes que elles cuidadosamente semeavam nos campos de seu coração e do seu espirito; e só para servir a patria, quando a patria de seus serviços careceu, só para sustentar a liberdade do seu paiz, é que elle deixou essa morada da sabedoria e da virtude para ir tomar parte nos gloriosos movimentos que aqui tiveram lugar no dia 6 de Março de 1817, e que foram os gloriosos preludios da nossa emancipação politica.

Militar revolucionario, jovem e entusiasta, a causa das liberdades patrias teve em Albuquerque Lacerda, um dos seus mais fervorosos e dedicados apóstolos. Acompanhando a seu pae, um dos mais distinctos patriotas dessa generosa iniciativa, em todos os movimentos que se deram durante a vida ephemera, mas gloriosa, da proclamada republica, batalhando a seu lado pela firmeza e consolidação da independencia e liberdades patrias, elle distinguio-se pelos seus serviços e dedicação, pelo entusiastico fervor que ostentou, e ainda no verdor dos annos teve de soffrer os mesmos tormentos e os mesmos ferros, que seus companheiros soffreram, quando o despotismo pôde abafar esse grito de liberdade, que foi tambem a verdadeira expressão do patriotismo.

Livre das cadeias que lhe fôrjaram o despotismo, em cujo martyrio ostentou a constancia e resignação de um verdadeiro heróe, Albuquerque Lacerda, o soldado revolucionario, assentou praça no exercito libertador em 1821, e nessa quadra de luta e de patriotismo em prol da proclamação do regimem constitucional, que veio a terminar com a deposição do governador Luiz do Rego, elle serviu com honra, intrepidez e denôdo sob as ordens de seu pae, um dos patriotas mais notaveis desse movimento politico, que por assim dizer, marca a era da independencia desta provincia.

Proclamada a independencia do imperio, e apóz o acto impolitico da dissolução da assembléa constituinte, surge a pendencia entre Manoel de Carvalho e o morgado do Cabo Francisco Paes Barreto, sobre a posse da presidencia desta provincia, e finalmente a proclamação da Confederação do Equador em 1824; e então, Albuquerque Lacerda seguiu a causa do morgado do Cabo, a causa da integridade do im-

perio, seriamente abalada por esse movimento politico, que tinha por fim formar das provincias do norte uma republica federativa.

Albuquerque Lacerda, sem olhar aos graves dispendios de sua fortuna particular, prodigalisados em prol da causa que sustentava, marcha para o sul da provincia onde se haviam fortificado as tropas imperialistas, e une-se aos defensores da integridade do imperio, cuja causa era para elle um dogma de inabalavel fé politica; e tomou parte em todos os movimentos que se deram até a total pacificação da provincia, e tantos e tão relevantes foram os seus serviços, que o governo imperial o agraciou em 1825 com o officialato da ordem do Cruzeiro.

Era então Albuquerque Lacerda sargento-mór do exercito, e apenas pacificada a provincia, mereceu do general Lima e Silva a nomeação do commando da policia do Ubú e Atapús, por portaria de 15 de março desse mesmo anno, por *concorrer na sua pessoa todos os requisitos necessarios para bem desempenhar as obrigações inherentes a um cargo de tanta ponderação.*

Militar brioso o distincto, Albuquerque Lacerda, que poderia ter conquistado pelo seu merecimento, postos elevados e titulos honrosos, abandonou a carreira militar tão nobre e heroicamente encetada, reformou-se no posto de major de primeira linha, e entregou-se a vida agricola. Fidalgo cavalheiro da casa imperial, official da ordem da Rosa, titulos que lhe forão conferidos por occasião do acto da sagração e coroação de S. M. o Imperador em 1841, pelos serviços que prestára em prol da ordem e causa publica durante o periodo da menoridade, cidadão sempre prestimoso e conceituado, foi nomeado coronel commandante superior da Guarda Nacional do municipio de Goyanna, por occasião da sua creação, cargo este que exerceu por muitos annos, até a sua morte, com esclarecido zelo e dedicação.

Habitando então na comarca de Goyanna onde possuia duas grandes e ricas propriedades, os engenhos Itapirema e Ubú, e conhecendo que a agricultura é o principio mais solido da prosperidade e grandeza das nações, e que os seus interesses são fixos, e que deviam os seus descendentes antes pedir o pão á terra pela sua cultura, que aos homens pelo commercio, Albuquerque Lacerda entregou-se inteiramente a vida agricola, sem com tudo abandonar o publico serviço, e sem esquecer-se dos deveres

que pesam sobre todos os cidadãos que se empenham heroica e patrioticamente pela prosperidade e grandeza de sua patria.

É no meio da grandeza e opulencia em que vivia, nobilitado por tantos e honrosos titulos de distincção que conquistára pelo seu merecimento e patriotismo, no meio de tudo isto, pois, na phrase eloquente de Frei Capistrano de Mendonça, Albuquerque Lacerda nunca se esqueceu de que era homem, e que no seio da sociedade os outros homens eram seus irmãos e tinham direito a seus beneficios. Affavel com todos, igual com os grandes, igual com os pequenos, era o homem sem apparatus, e queria que a igualdade que a natureza dá a todos, não se destruísse nem em seus gestos, nem em seus trages, nem em suas palavras. Foi um homem nimiamente caritativo, mas sem ostentação, e tal como manda a religião christã, escondendo a mão esquerda o que liberalisa a direita; ouviu a lei evangelica e conheceu a indole da caridade, e innumerás familias victimas da indigencia, e tantos outros feridos pela mão da miseria, encontraram em sua casa abrigo e pão, e lenitivo aos males que os affligia.

Surge porem uma quadra afflictiva para esta provincia, a revolução liberal de 1848. O coronel Cavalcanti de Lacerda, membro proeminente do partido conservador, e seu chefe na comarca de Goyanna, era ali um dos primeiros baluartes do governo e da ordem, convoca a Guarda Nacional sob o seu commando, e põe-se a sua frente á oppôr seria resistencia ao partido revolucionario.

A columna liberal do norte, suppondo que o governo havia resolvido concentrar na capital todas as forças de que podesse dispor, para pô-la a coberto de qualquer aggressão imprevista, foi postar-se na estrada de Iguarassú no lugar denominado Maricóta, afim de atacar as tropas do governo quando se dirigissem para a mesma capital. Deu-se então uma pendencia entre o coronel Albuquerque Lacerda e o commandante das forças do governo em operações na villa de Iguarassú, o coronel José Vicente de Amorim Bezerra, onde tambem se achava Albuquerque Lacerda com as suas tropas de guardas nacionaes. Este, opinando que a tropa sob o seu commando regressasse para a cidade de Goyanna afim de livral-a de qualquer surpresa das forças liberaes, e querendo o coronel Amorim Bezerra que ella tomasse posição nas mattas de Beberibe, conforme determinára a presidencia, resolveu então o co-

ronel Albuquerque Lacerda vir pessoalmente representar a esta os inconvenientes de semelhante ordem, e partiu por terra para o Recife, apenas acompanhado de duas ordenanças e um pagem.

Este alvitre do coronel Albuquerque Lacerda, esta viagem precipitada, por caminhos em que se achavam postadas as tropas liberaes, foi de uma temeridade sem limites, de um arrojo incontestavel, mas que lhe foi bem fatal; e ao chegar a Maricóta, foi gravemente ferido pelo fogo de uma guerrilha ou guarda avançada que se achava emboscada naquelle ponto, d'onde com muita difficuldade regressou para Iguarassú, graças aos cuidados e dedicação das pessoas que o acompanhavam.

Conhecida assim a posição das forças liberaes, o coronel Amorim Bezerra partiu immediatamente a atacal-as com toda a tropa do seu commando em numero de 400 praças, deixando apenas umas 30 em Iguarassú para defesa do coronel Albuquerque Lacerda que ali ficara pela gravidade do seu ferimento.

Quatro dias depois do ataque de Maricóta, entrava no porto do Recife um vaso de guerra nacional, conduzindo a seu bordo os feridos, entre elles o coronel Albuquerque Lacerda, cuja sorte inspirava o mais vivo interesse, por cuja salvação se faziam os mais fervorosos votos. Mas todos os cuidados prodigalisados quer pela medicina, quer pela familia, foram improficuos, e elle veio finalmente a expirar na noite de 7 de Dezembro de 1848.

Figueira de Mello, consagrando algumas paginas da sua *Chronica da rebellião praeira*, a memoria do illustre coronel Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque Lacerda, que acabava de morrer victima da causa que defendia, escreveu estas palavras sobre as manifestações de pesar que lhe foram tributadas, e sobre os seus meritos, virtudes e serviços: Os seus despojos mortaes tiveram jazigo nas catacumbas do convento do Carmo do Recife, e as suas exequias foram celebradas no meio de um concurso numeroso das pessoas mais gradas, que silenciosas e tristes viam desaparecer um cidadão prestimoso aos amigos, summamente benefico para com os que recorriam a sua generosidade, utilissimo á patria, então cercada de perigos eminentes, e necessitando de defensores. Fizeram-se-lhe as honras que se deviam ao seu elevado posto de coronel commandante superior, e que a causa de sua morte tornava ainda mais solemnes e mais significativas,

recitando o distincto orador Frei João Capistrano de Mendonça uma eloquente oração funebre, em que foram commemoradas todas as virtudes e serviços do illustre finado, e apresentadas como exemplo aos ouvintes.

Cidadão importante pela posição eminente que occupava, continua o citado historiador; pela fortuna que possuia em bens territoriaes; pela distincta familia a que pertencia, e sobre tudo pelos relevantes serviços que tinha prestado á causa publica, em cuja defesa perecia, a sua morte tão inesperada como dolorosa, foi deplorada por todos os cidadãos, e sentidissima a sua falta pelos amigos da ordem, principalmente em Goyanna, onde por sua fortuna, circumspecção e intelligencia; pelo conhecimento que tinha dos homens e dos seus interesses; por esse nobre entusiasmo que dirige os entes dedicados a uma causa ou principio, oppunha constante barreira aos seus adversarios, e ajudado por alguns outros cidadãos eminentes do lugar, era ahi o laço que unia os defensores da constituição em um só corpo, era a luz que os guiava no meio dos obscuros enigmas da politica; era o amigo que os sustentava e consolava em todos os trabalhos que tiveram de soffrer.

Deus quiz formar no coronel Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque Lacerda, falla agora o eloquente orador Frei João Capistrano, um homem benemerito da patria, da religião e da humanidade; elle tudo fez bom na carreira de sua vida, e conheceu que era um dom de Deus ver o homem como resultado e fructo de seu trabalho. Em relação com Deus, teve virtudes christãs; em relação com si mesmo engrandeceu-se pelos caminhos da justiça, e dirigiu-se por esta na estrada da gloria; em relação com a patria, elle foi um dos cidadãos mais uteis e mais benemeritos: foi brasileiro e verdadeiramente pernambucano, em cuja defesa recebeu o golpe que o privou da existencia.... Seu merito nunca se obscureceu, nem pelos tiros da calunnia, nem pelos ardís da inveja; elle bem serviu a sua patria, e se como rico derramou em seu seio grande porção de ouro, como guerreiro derramou por ella o seu sangue e por ella deu a sua preciosa vida.... Martyr dos seus deveres, perfeito cidadão, corajoso e intrepido militar, elle antepoz a morte ao captiveiro, dando a Deus o que era de Deus, e a Cezar o que era de Cezar, e á sua morte, perdeu a patria um valente cidadão e um dos seus melhores defensores.

Francisco de Paula Gomes dos Santos. Nasceu em Goyanna em 1783, e seguiu a vida agricola.

Rico proprietario, senhor de um dos melhores engenhos em Goyanna, Francisco de Paula Gomes dos Santos foi um dos comprometidos na revolução de 1817, deixou todos os commodos pela causa da patria, e ás perseguições que seguiram-se após a queda da proclamada independencia, viu-se pobre, privado dos seus bens, recorrendo então a advogacia para manter-se com honra e probidade.

Na phase politico-constitucional porque atravessou esta provincia em 1821, Gomes dos Santos representou um papel proeminente, e foi o chefe da crusada liberal pernambucana. Após o acto da eleição dos deputados á constituinte de Lisboa, em que elle tomou parte como eleitor pelo collegio de Olinda, seguiu-se a luta contra o despotismo e obstinação do governador desta capitania, luta que obrigou áquelle governador, por capitulação negociada, a retirar-se para Portugal.

O governo oppressor de Luiz do Rego, na phrase de um escriptor, pesava sobre Pernambuco desde 1817; mas em 1821 chegando a noticia da revolução que em 1820 havia rompido em Portugal, esse governador poz-se á frente do movimento liberal, colligando-se secretamente com os chefes militares portuguezes, e sem consulta nem apreço dos naturaes do paiz, de modo, que, a 11 de Julho proclamou e fez jurar as bases da futura constituição portugueza, e em obediencia ás ordens da regencia revolucionaria de Lisboa mandou proceder á eleição dos sete deputados que a mesma regencia determinára para representar Pernambuco na Constituinte. Os pernambucanos consideraram o procedimento de Luiz do Rego, como calculado manejo para conservar o poder, e muitos delles foram reunir-se em Goyanna, para onde marchou logo grande parte da tropa do paiz, e allí crearam a 20 de Agosto um governo provisorio, do qual foi presidente Francisco de Paula Gomes dos Santos.

Em quanto se estabelecia em Goyanna o governo provisorio, Luiz do Rego creava tambem no Recife a junta constitucional governativa de que se fez presidente. Regularizado os negocios do governo de Goyanna, e contando com a adherencia geral da provincia, Gomes dos Santos deliberou o ataque da capital, e de outros pontos, e finalmente após combates parciaes foi celebrada a convenção de Beberibe a 6 de Outubro de 1821.

Elegendo-se então a primeira junta provisoria do governo, Gomes dos Santos patenteou o maior desinteresse e abnegação, recusando-se a acceitar um logar que lhe foi reservado, contentando-se com a gloria que lhe restava do patriotico pronunciamento de Goyanna, no qual a sua dedicação e patriotismo conquistaram-lhe logar distincto nos annaes pernambucanos.

Em 1822, quando as tropas e povo do Recife e de Olinda romperam contra a junta provisoria, e deposeram-na a 16 de Setembro, para crear-se então um governo mais decidido as circumstancias do paiz e favoravel á causa da independencia da patria, Gomes dos Santos foi honrado pela confiança popular com a eleição de presidente da nova junta, como um cidadão que havia conquistado geral confiança, e a quem se recorria nos dias de mais perigo. Gomes dos Santos tomando posse do Governo no dia 17, dirigiu a administração até 23 do mesmo mez, quando os eleitores de Olinda e do Recife nomearam nova junta, da qual sahi eleito presidente Affonso de Albuquerque Maranhão, e Gomes dos Santos simples vogal; mas elle não se resentiu desse acto, não recusou os seus serviços, e pelo contrario, acceitou o cargo que lhe foi confiado, como subida honra e consideração.

Em 1823, ainda em effervescencia o periodo reaccionario, Gomes dos Santos foi pronunciado pela devassa dos acontecimentos de Fevereiro de 1822, e a junta do governo provisorio, em attenção a ser elle um dos seus membros, o convidou á ir ao Rio de Janeiro justificar-se e defender-se desse crime, visto ser menos decente ao governo ser elle conduzido debaixo do aparato de prisão. Esta ordem, porem, ficou sem effeito, e a 21 de Maio de 1823, nove dias depois da intimação que recebera para ir ao Rio de Janeiro, officiaua-lhe a junta, para que, de conformidade com a Provisão Imperial de 10 de Abril, fosse tomar assento na mesma junta na qualidade de seu membro, regendo instantemente o seu effectivo cumprimento, « pois que, a ingerencia dos sabios e prudentes pareceres de S. S. nos negocios da administração publica, affiançavam que, não só prevaleceriam, mas levariam a subir ao maior auge de prosperidade o bem geral desta provincia e a causa da independencia brasileira. »

Gomes dos Santos, retirando-se da vida publica, reduzido a extrema pobreza, pelo sacrificio dos seus avultados bens em prol da causa da liberdade de sua patria, viu-se

ao mesmo tempo mal apreciado, esquecido, e sem remuneração alguma os grandiosos e patrióticos serviços que prestára nas lutas constitucionaes de Pernambuco, e nas da independencia do Brazil.

Abrindo banca de advogado, talentoso e illustrado, homem de character e probidade, Gomes dos Santos conquistou os foros de advogado notavel, e era reputado um dos ornamentos do foro desta cidade; e retrahido, ralado de desgostos pelo indifferentismo de que era victima, passando mesmo algumas privações, viu assim passar o resto dos annos de sua vida.

« Patriota sem ambições, modesto e nobre, Francisco de Paula Gomes dos Santos depois de prestar tão notaveis serviços á independencia do Brazil, e á união do imperio, desapareceu da scena politica e morreu em socegado retiro,» aos 24 de Agosto de 1845, e foi sepultado no cemiterio da matriz de S. Antonio do Recife.

Francisco Rebello. Eis um pernambucano illustre, um valente e heroico cabo de guerra, de quem a historia, alem dos seus feitos nobilissimos e altaneiros, praticados na memoravel guerra da invasão hollandeza, nada mais nos legou a seu respeito.

Francisco Rebello, vulgarmente conhecido pelo nome de *Rebellinho*, pela sua pequena estatura, donde lhe veio o deminutivo do sobrenome, foi grande porem, no valor e heroismo.

Quando as cohortes da Hollanda pisaram invasoras o sólo pernambucano, já Francisco Rebello achava-se nas estacadas dos arraiaes patrióticos, de arma á cara, em defesa da causa santa da religião e da liberdade. Um dos primeiros feitos de Rebellinho memorados pela historia, teve lugar no campo das Salinas, em Santo Amaro, aos 13 de Julho de 1632. Em 28 de Novembro armam os hollandezes uma emboscada á nossa gente na ponte do Varadouro, em Olinda, e surtindo prodigioso effeito, Francisco Rebello, que fez parte da nossa tropa, cahiu prisioneiro, e foi arrastado á bordo de um navio de guerra, como mais segura prisão.

Mas o intrepido Rebellinho illude a vigilancia das sentinellas, lança-se ao mar na noite de 13 de Abril de 1833, luta com as ondas por muito tempo, chega a terra, atravessa o campo e as fortificações inimigas, e na manhã do dia seguinte chega inesperadamente á fortaleza do Campo

Real do Bom Jesus, onde é recebido com grande contentamento e significativas provas de apreço de seu general e camaradas.

Em 15 de Julho achava-se Rebellinho commandando a guarda da estancia do engenho de Pedro da Cunha e Andrade, na Varzea, quando é accommettido por uma forte columna hollandeza, composta de 400 homens. Era insignificante o numero dos nossos, em relação ao inimigo, mas travou-se renhida peleja, e antes da chegada do soccorro enviado do Forte do Arraial, o inimigo retira-se sem conseguir se apossar desse ponto, deixando no campo 18 mortos e feridos.

Em 12 de Janeiro de 1635 é Goyanna occupada pelos hollandezes, e recebendo o general Mathias de Albuquerque essa noticia, ordena ao capitão Rebellinho e a outros que marchassem a obstar-lhe o passo. Rebellinho parte com os seus companheiros, queimam os cannaviaes, retiram todos os indios das aldeias daquellas cercanias, e travam batalha em Mussurepe, e nesse feito recebe um ferimento o intrepido Rebellinho. Poucos dias depois, a 29, trava de novo luta com o inimigo, e recebe ainda mais dous ferimentos.

Em Janeiro de 1636 achava-se Rebellinho em Alagôas, quando constando ao general em chefe D. Luiz de Roxas e Borja que os hollandezes se achavam em Porto Calvo, e que haviam deitado um bando intimando a todos os moradores, sob pena de morte, a submetterem-se ao seu governo até o dia 12, fez Rebellinho immediatamente marchar afim de intretel-o até que chegasse elle com o grosso do exercito para dar o ultimo golpe.

Rebellinho parte, occupa os caminhos principaes, mata alguns soldados que encontra e prende o secretario do general hollandez, e teria mesmo conseguido feliz resultado se maior fosse o numero de soldados que tinha ás suas ordens; pois o inimigo sabendo que era perseguido levantou acampamento e partiu para outra direcção. Mas Rebellinho conhecendo a sua fuga, parte em seu encalço, e apenas consegue destroçar uma companhia de cavallaria, da qual matou 28 soldados, occupando a praça na tarde de 15, onde encontrou muita munição e abastecimento.

No dia 18 de Janeiro trava-se a renhida batalha da Matta Redonda, a qual nos foi adversa, pela pertinacia do general em chefe em acceitar o combate, pagando com a vida o seu desmesurado orgulho. Francisco Rebello foi

um dos capitães vencidos pela sorte das armas, porem mais uma vez conquistou virentes louros pelo valor e coragem que ostentou.

Depois desse mallogrado feito, Rebellinho partiu para Porto Calvo, donde a 14 de Fevereiro sahiu a frente de 400 homens afim de atacar as fortificações que os hollandezes tinham em Barra Grande; porem sabendo elles de sua aproximação, abandonam o forte e tomam o caminho da Villa Formosa de Serinhaem. Rebellinho arrasa as fortificações e torna para Porto Calvo, lamentando apenas a perda de dous homens.

Um mez depois, o general conde da Bagnuolo encarrega-o do commando de 450 homens, á fazer uma correria, que se terminasse tão auspiciosamente como principiou, teria sido de grande effeito.

Necessario é advertir, diz um escriptor, que estas excursões se faziam com excessivo trabalho e risco, porque a gente tinha de marchar pelo interior, abrindo caminho por entre mattas virgens, e algumas leguas mais acima onde houvesse moradores: porquanto, como o inimigo havia deitado bando com pena de morte contra os que subessem, e não revellassem as excursões dos nossos, ou lhes dessem qualquer especie de coadjuvação, tratavam de fazel-as com grande segredo, levando cada soldado o mantimento ás costas, segundo os dias que suppunham demorar-se, e os indios conduziam a polvora e as munições. Com tal recato marchavam até surprehender o inimigo no lugar em que sabiam estar elle mais descuidado, porque a despeito dos seus bandos, e do rigor com que os executavam, não faltavam moradores que avizassem e até dessem mantimentos aos nossos.

Por caminhos invios e escabrosos, chegou Rebellinho ao engenho Velho do Cabo, onde se achavam 70 hollandezes, os quaes defendendo-se retiraram-se á igreja. Rebellinho accommette-os, mata a 30, e aprisiona os 40 que restavam.

A audacia do intrepido Rebellinho chegou a ponto tal, que avançou até a povoação de S. Lourenço da Matta, á 5 legoas de distancia do Recife, e cerca de 50 de Porto Calvo, d'onde havia sahido; mas atacado vivamente pelo inimigo, em breve voltou para ahi, com perda não só do que tinha feito, como do que podéra fazer, se a sua prudencia igualasse ao seu valor, na phrase de um historiador.

Mas em breve esse revez foi coroado da mais explen-

dida victoria. Aos 16 de Outubro de 1656, partiu Francisco Rebello da villa do Bom Successo, a frente de 200 homens, com ordem de avançar até o territorio da Parahyba, em cuja viagem gastou 19 dias para andar 80 legoas, em virtude das voltas e caminhos que teve de abrir, afim de não ser presentido pelo inimigo.

A 5 leguas da cidade da Parahyba, no engenho de Manoel Paes Correia, achava-se o governador hollandez com uma força de 200 homens, promovendo a moagem da canna e fabrico do assucar. Accommettido inesperadamente pelas forças de Rebellinho, não lhe restou senão o tempo para retirar-se ás casas do mesmo engenho, onde muito resistio, mas finalmente viu-se obrigado a sahir ao campo, por terem os nossos soldados lançado fogo ás habitações, e travando então renhida luta, o governador, um capitão e mais 40 soldados e 19 indios de sua força, cahiram mortos, além de 7 prisioneiros que se fizeram.

Francisco Rabello envia immediatamente uma parte ao general em chefe, dando-lhe sciencia deste acontecimento, e pedindo ao mesmo tempo um reforço de tropa para continuar as suas operações. Extremaram-se então as opiniões; uns, eram do parecer que se ordenasse a sua volta, não só pelo embaraço que lhe causariam os feridos, como porque irritado o inimigo pela morte do governador, entre elles muito considerado, o havia de buscar com forças numerosas; outros, porém, opinavam que se enviasse o reforço pedido, a cuja opinião e parecer annuo o conde de Bagnuolo, general das nossas forças.

Partiu, pois, o capitão Sebastião de Souto com 100 homens, e o capitão Henrique Dias com 80 pretos do seu terço, e no dia 17 de Novembro, unidos com a tropa de Rebellinho, travou-se renhido combate com a tropa hollandeza que vinha vingar a morte de Ippo Eyssens, governador das praças do norte.

Mais de 2 horas durou o fogo, apesar da desigualdade do numero; porém sendo o do inimigo muito mais crescido, tiveram os nossos que bater em retirada. Vendo que não podiam permanecer mais por aquelle districto, onde o inimigo tinha agora forças superiores, Rebello e Souto resolveram tornar para a villa do Bom Successo, onde chegaram com demasiado encommodo por causa da conducção dos feridos.

Na batalha de Porto Calvo, ferido aos 18 de Fevereiro de 1637 o capitão Francisco Rebello foi um heroe, obrou

prodigios de valor. A Carta Regia de 28 de Junho do anno seguinte, concedeu-lhe o habito de qualquer uma das ordens militares que escolhesse, o fôro de fidalgo, quarenta cruzados de soldo por mez, e a promessa de uma comenda, *pelos serviços relevantes que prestára, bravura e denodo que mostrara naquelle feito.*

A sorte das armas, adversa a causa do Brazil, o exercito sem meios mais de sustentar a campanha contra a invasão hollandeza em Pernambuco, teve de emigrar de Alagôas para Sergipe, e d'ahi para a Bahia; foi uma peregrinação dolorosa, por meio de mattas, brenhas, lamaças e rios, lutando-se até com as proprias féras.

Francisco Rebello acompanhando a sorte de seus comprouvicianos, acompanhou-os tambem á Bahia. Mas, dotado de um genio ardente e bellicoso, ahi não ficou inativo. Commandando uma guerrilha de 60 homens, corre os campos, persegue o inimigo, vencendo para isso distancias consideraveis, e quando voltava a capital era conduzindo riquissimos despôjos, gados e muitos generos; sómente de uma vez conduziu 200 cabeças de gado, e de outra 1,000.

Devido aos seus esforços, se viu a Camara do Senado da Bahia obrigada a fazer alguma demonstração de gratidão para com os soldados de Pernambuco, a qual consistiu em dar-lhes um pagamento, que montou a 2:400\$000, declarando que, *fazia aquillo sem que lhes descontasse nada do que El-Rei lhes devia.*

Francisco Rebello, então já elevado ao posto de mestre de campo, conquistára pelo seu valor e heroismo, um nome legendario, titulos que immortalisam a sua memoria. Acompanhar todos os feitos de sua vida, enumeral-os, e enramar assim todos esses louros que constituem a esplendida corôa de suas glorias marciaes, seria escrever a chronologia da propria guerra da invasão hollandeza em Pernambuco.

Os feitos de sua vida, contém episodios riquissimos, dignos de um poema; a sua morte, no campo da honra, na conquista de novas glorias e novos triumphos, é digna de uma epopéa.

Em Fevereiro de 1647 partiu do porto do Recife uma esquadra hollandeza, conduzindo uma respeitavel força sob o commando do general Segismundo Van Schkoppe, com destino á Bahia, á tentar a sua posse, e desembarcando o inimigo na ilha Itaparica, ahi fortificou-se. O governador geral da Bahia Antonio Telles da Silva, tendo de desa-

lojar o inimigo, que ostentava-se audaz e poderoso, convocou um conselho afim de assentar-se no plano dessa empreza, e entre os cabos que o compunham, occupava o primeiro lugar o mestre de campo Francisco Rebello.

Exposta pelo governador a sua resolução e o plano que lhe parecia conveniente, foi impugnado pelo mestre de campo Rebellinho; e fallando, na phrase de frei Raphael de Jezus,—como conselheiro prudente e como soldado experimentado, foi de parecer diverso do governador, e allegou fortes razões para confirmar o seu dito. Ouviu o governador o discurso do Rebellinho, continúa o mesmo escriptor, e considerando que os mais cabos haviam de seguir o seu parecer, atalhou a conferencia, confirmando-se em seu primeiro intento, do qual se seguiram irreparaveis damnos. Poz o governador os olhos no Rebellinho, a quem encaminhava a pratica, e disse que, se naquelle congresso havia quem buscava desvios para fugir ao choque, que se ficasse em casa, e não quizesse desviar a empresa; que as mais difficultosas eram as que apeteciam os corações grandes, e que só em vencer os inconvenientes consistia o vencer; e porque conhecia bem os animos dos que tinha presentes, lhes não queria dilatar a occasião da victoria; que ao outro dia se havia de dar o assalto; e que se a fortaleza se ganhasse, seria de todos a gloria, e quando se não conseguisse, só a elle se havia de pôr a culpa.

Rebellinho comprehendendo o alcance de taes palavras, respondeu altivamente, « que nunca temera hollandezes, quem como elle contava as victorias por occasiões; porém, que, apontava os inconvenientes da empreza e as consequencias de uma e outra proposição, para demonstrar se converia mais ao estado vencer sem perda, ou perder sem fructo; e para que o seu zelo e experiencia não se traduzissem por fraqueza, saberia mostrar que não poupava a vida, quem não temia a morte, e que o successo diria o como sabia morrer por saber aconselhar. »

Inflamado nos estimulos de sua honra, brios e dignidade, sahiu Rebellinho do conselho, escolhe 1,200 homens, e ao romper da manhã seguinte avança á fortaleza inimiga; por entre nuvens de balas, Rebellinho rompe as palissadas, sóbe as trincheiras, e trava-se renhido e sanguinolento combate. E' indiscriptivel o desespero, a confusão, o furor e a luta entre assaltantes e assaltados, e no maior calor da luta, um raio de morte parte das linhas inimigas.

e vem ferir o peito do intrepido Rebellinho, martyr da honra e do dever, victima sacrificada pelo orgulho, obstinação e impericia do governador geral.

A morte do intrepido Rebellinho, trouxe o desanimo, a derrota, a retirada emfim, do exercito, acossado ainda por nuvens de ballas, que ainda mais augmentou a derrota. « Perdemos neste assalto, diz um historiador do tempo, 500 para 600 homens: damno que serviu de medida ao desatino. Não bastou que sua fama o coroasse de humana gloria, para que sua falta deixasse de causar a todos intensa pena. Os companheiros o choravam saudosos, os do povo timidos, o governador confuso, e todos arrependidos, ainda que não todos culpados. Para fazer a perda lamentavel, sobejava a do mestre de campo Francisco Rebello, cujo nome com o diminutivo de Rebellinho, foi em todo tempo merecedor de sua fama e de melhor fortuna. Era seu valor igual á sua industria, e a sua disciplina maior que a sua industria e que seu valor. Em sua gineta achavam os soldados muros, e em sua espada lição; defendia ensinando, e ensinava ferindo: em fim, foi para nossas armas irreparavel a perda deste varão, porque se contentou aquella idade com dar um só Rebellinho. »

Frei Francisco de Santa Maria, no seu *Anno historico Portuguez*, assim discreve o heroico mestre de campo Francisco Rebello, assim tece a corôa de suas glorias, assim inscreve o seu nome no Pantheon da Patria:

« Foi o mestre de campo Francisco Rebello, facilmente igual aos famosos capitães do seu tempo, em valor e em prudencia, virtudes que rara vez se costumam achar juntas em um sujeito. Chamavam-lhe, como por antonomasia, o *Rebellinho*, por ser de menos avultada estatura; mas nella e nos espiritos, era um novo Alexandre. Podemos dizer, que todo elle era coração, e correspondiam ao coração as forças; occasião houve, em que apertando nos braços a um hollandez, sem uzar de outra arma, lhe expremeu e arrancou a alma do corpo. O seu nome (ainda em diminutivo), augmentou sempre o alento dos seus soldados, e foi o terror dos inimigos. Com 60 homens rompeu 200 inteiramente; quantas vezes pelejou, tantas venceu, e pelejou vezes sem numero, já em campanha aberta, já soccorrendo praças sitiadas, já defendendo outras de perigosos sitios. Era igualmente valeroso e liberal; amava e favorecia aos benemeritos, e de todos era bem quisto. Morreu no dia 8

de Fevereiro de 1647 á violencias de uma ordem intempes-
tiva, de uma resolução temeraria, mas nunca terá fim á
fama e memoria do seu nome. »

Francisco do Rego Barros, Conde da Boa-Vista. Nas-
ceu aos 3 de Fevereiro de 1802, no engenho Trapiche,
freguezia do Cabo de S. Agostinho; foram seus pais Fran-
cisco do Rego Barros, coronel do regimento miliciano da-
quella villa e fidalgo cavalleiro da casa real, e sua consorte
D. Marianna Francisca de Paula. Pelo lado paterno era
neto de Sebastião Antonio de Barros e Mello, fidalgo ca-
valleiro, professo na Ordem de Christo, e coronel da caval-
laria miliciano do Recife, e de D. Maria de Albuquerque
e Mello; e pelo materno, do coronel Francisco Xavier
Cavalcanti de Albuquerque e D. Felippa Cavalcanti de Al-
buquerque.

Francisco do Rego Barros assentou praça em 1817, e
julgado por sentença do Conselho de Direcção, de 17 de
Outubro do mesmo anno, estar conforme o seu processo
de justificação, foi reconhecido cadete, e continuou a ser-
vir no 2.º batalhão da divisão dos Voluntarios Leaes de El-
Rei, em que havia tido praça de soldado.

Dahi marca o tirocinio da brilhante carreira de Fran-
cisco do Rego Barros. Em 1821, quando o governador Luiz
do Rego procurou opprimir esta provincia, os pernambu-
canos colligaram-se e oppuseram barreiras aos actos im-
politicos do inconsequente governador.

Tendo-se mallogrado a tentativa do patriota Souto
Maior, e Luiz do Rego escapo do golpe, multiplicaram-se
os ultrages e os insultos. Francisco do Rego Barros, então
já graduado no posto de alferes, foi uma das victimas dos
caprichos e desmandos de Luiz do Rego, foi deportado
para Lisbôa, e atirado aos carcereiros da fortaleza de S. Ju-
liao da Barra.

Livre da prisão, pela iniciativa heroica de Muniz Ta-
vares, e obtendo licença para estudar em Portugal, se-
guiu para Coimbra, e matriculou-se na universidade. Dei-
xando Coimbra em 1823, partio para a França, matri-
culou-se na universidade de Pariz no curso de mathema-
ticas e recebeu ao termina-lo o grão de bacharel.

Ahi, nessa moderna Athenas, conquistou Francisco
do Rego uma reputação honrosa pelos seus talentos e il-
lustração, ainda mais abrilhantados pela suas distincções
e triumphos da vida academica.

De volta aos patrios lares, não preso e humilhado como havia sahido, mas sim com a fronte enramada pelos louros da sciencia, e quando a patria já estava livre e independente, alistou-se no exercito brasileiro, no qual conquistou pelo seu talento e merecimento o posto de brigadeiro em que se reformou.

Na segunda legislatura da imperio de 1830 a 1833, foi eleito deputado á assembléa geral por esta provincia, sendo então capitão do estado maior de primeira classe. D'ahi por diante mereceu sempre o suffragio dos seus comprouviancios, deixando unicamente de representar a sua provincia na legislatura de 1848 a 1851. Porém sendo as camaras dissolvidas pelo decreto de 19 de Fevereiro de 1849, foi reeleito na seguinte legislaturá :

Procedendo-se por esta occasião a eleição de dous senadores nesta provincia, foi Francisco do Rego Barros incluído na lista sextupla, e por Carta Imperial de 6 de Abril de 1850 foi escolhido senador, e aos 4 de Junho desse mesmo anno tomou posse dessa cadeira que por espaço de 20 annos tão honrada foi por elle.

Por duas vezes occupou a presidencia desta provincia. A primeira, de 2 de Dezembro de 1838 a 3 de Abril de 1841, sendo nomeado por Carta Imperial de 16 de Outubro daquelle anno ; a segunda, de 7 de Dezembro de 1841 a 13 de Abril de 1844, sendo nomeado por Carta Imperial de 17 de Novembro daquelle mesmo de 1841.

A nenhum outro administrador como Francisco do Rego, deve tanto Pernambuco. Nenhum como elle promoveu tantos melhoramentos e foi tão util ; e o seu vulto ergue-se altivo no templo dos benemeritos desta provincia ao lado dos governadores D. Thomaz José de Mello e Henrique Luiz Vieira Freire de Andrade.

As melhores vias de communicacão desta provincia, foram começadas por elle ; o antigo edificio do Erario Publico, transformou no actual palacio do governo ; do abandonado convento da Madre de Deus, fez a actual e espaçosa alfandega, e abriu a rua desse nome, demolindo parte do mesmo convento para esse fim ; o bello theatro Santa Izabel, foi obra sua ; construiu a antiga ponte pensil do Caxangá a unica desse genero que possuiu o Brazil ; e o caes Pedro II ou do collegio, tambem foi obra sua, e o seu nome memora uma modesta pyramide que se ergue no centro da pequena saliencia que forma a rampa de desembarque desse caes.

Montou a repartição das Obras Publicas, dotando-a de engenheiros de reconhecido merito, que mandou contractar na Europa; reconstruiu a velha ponte da Boa-Vista, e foi elle finalmente quem contractou as obras do encanamento d'agua potavel para o abastecimento da cidade do Recife com a companhia de Beberibe.

Só esta serie de importantes melhoramentos por elle emprehendidos, e varios outros de menos importancia, são de mais para que esta provincia guarde uma grata memoria sua, e o proclame um dos seus filhos mais illustres e benemeritos.

As artes mechanicas e liberaes, tambem muito lhe devem; e o alto gráo de perfeição e adiantamento a que tem attingido, são fructos da sua generosa e patriotica iniciativa de mandar buscar artistas estrangeiros habilitados que aqui se estabeleceram e derramaram as suas luzes.

E os pernambucanos não foram indifferentes a tão grandes e assignalados serviços, o deixando victima da ingratição e do indifferentismo. Em 1841 o corpo do commercio desta cidade construiu e offereceu-lhe o palacete da rua da Aurora, em que residia, em homenagem aos relevantes serviços que prestara em prol do desenvolvimento commercial da provincia. Tambem o governo imperial não foi menos solícito em premial-o. E no anno de 1840 agraciou-o com o titulo de Barão da Bôa-Vista; em 2 de Dezembro de 1854, conferiu-lhe as honras de grande do imperio; em 2 de Dezembro de 1858, deu-lhe o titulo de Visconde; em 14 de Março de 1860, nomeou-o Veador de S. M. a Imperatriz e em 7 de Setembro de 1866 conferiu-lhe o titulo de Conde.

Além de todos esses titulos, tinha o Conde da Bôa-Vista o fôro de fidalgo cavalheiro da Casa Imperial, era condecorado com a grande dignitaria do Cruzeiro, com o habito de S. Bento de Aviz, e com a commenda da Ordem de Christo portugueza; era brigadeiro reformado e commandante superior da Guarda Nacional do municipio do Recife. Ainda como uma prova significativa dos seus serviços, recebeu do corpo do commercio da Bahia uma riquissima espada de ouro cravejada de brilhantes, por haver daquí enviado soccorros e tropas áquella provincia, o que muito concorreu para debellar a revolução conhecida na historia por *Sabinada*, que alli rebentára.

Já no ultimo quartel da existencia, depois de uma vida inteiramente dedicada ao bem do seu paiz, e quando fruia no seu retiro o descanso e a paz depois de um tão longo trabalhar, foi sorprendido em 1865 por um decreto do governo imperial, que o nomeava presidente e commandante das armas da provincia do Rio Grande do Sul. Era por esse tempo essa commissão muito espinhosa e de grande importancia, por estar o Brazil seriamente empenhado com a guerra da republica do Paraguay, e ter de passar por essa provincia, e mesmo della partir a maior parte da tropa que formou o nosso exercito de operações. O Conde da Bôa-Vista parte para o Rio Grande do Sul em 1865, toma posse da sua commissão, porém volta no anno seguinte por ter pedido exoneração desse cargo, que, certamente, já não era para um homem de sua idade e curvado pelo peso de tantos serviços que havia prestado.

Voltando á Pernambuco, bem poucos tempos de vida lhe restavam; e as 5 horas da manhã do dia 4 de Outubro de 1870, falleceu o Conde da Bôa-Vista, e no dia seguinte foi o seu cadaver sepultado no cemiterio publico do Recife, no tumulo de seu irmão o conselheiro Sebastião do Rego Barros.

O Conde da Bôa-Vista é um destes cidadãos, que pelos seus serviços, patriotismo, desinteresse, sabedoria e virtudes, são credores de uma divida de honra, que Pernambuco um dia pagará, quando melhor souber prestar homenagem á memoria dos seus heróes. Não basta que o nome de uma rua faça lembrar o do pernambucano illustre, que tanto trabalhara no augmento e grandeza de sua provincia. Roma conferia aos seus heróes as honras do triumpho, e decretava corôas para elles. Os obeliscos do Oriente são a historia viva dos feitos dos seus filhos. O Conde da Bôa-Vista era um destes caracteres vasados nos moldes da antiga Grecia. No exercicio dos seus cargos jámais maculou a sua reputação; soube collocar-se na altura de um cidadão que sabe prezar a sua honra e dignidade. E por isso morreu pobre, legando a seus filhos além do seu nome, o engenho que herdára de seus pais! e o palacete que lhe déra o corpo commercial de Pernambuco! O nome desse illustre pernambucano, jámais se apagará da mente daquelles que amam deveras a sua patria, e que são zelosos das suas glorias e tradições brilhantes. É a posteridade honrando e venerando a sua memoria, cumprirá o seu dever.

Frei Francisco de Santo Antonio. Nasceu no anno de 1609, e era vulgarmente chamado o—Prezinho—, por ser de côr preta.

Em sua mocidade, abraçou Frei Francisco de Santo Antonio a carreira das armas, e serviu no terço da gente de sua côr, sob o commando do valente Henrique Dias, e batalhou em prol da liberdade de sua patria na guerra da restauração do dominio hollandez. E na galeria dos herôes dessa guerra, destaca-se o seu vulto, cujas feridas diversas recebidas nos combates dessa pugna homérica, dessa lueta da liberdade contra a escravidão, são o attestado dos seus feitos ingentes e patrioticos.

« Restaurada a terra, diz Frei Jaboatão, e cansado da milicia do mundo, e com desengano claro do pouco que mereceram para com os reis da terra os seus trabalhos e serviços, deixando o quartel que lhe tocava no acampamento dos exercitos, onde tantas vezes havia posto a perigo a vida e o corpo as balas, buscou nos claustros da religião um quarto para descanso d'alma, e segurança do espirito: e assim, depois de repetidas instancias, supplicas e provas, foi admittido para elles, e lhe lançaram o habito de irmão donato. »

Não consta o tempo de sua admissão á ordem franciscana, no convento de Olinda; mas segundo o chronista dessa mesma ordem, *era de uma vida em tudo religiosa, e mui serviçal nos officios interiores da casa, humilde, penitente, de muita abstinencia e summamente caritativo.*

Por mais instancias, por mais diligencias que fizesse o irmão Francisco para ser admittido a profissão, não lhe foi possível obter dos religiosos essa graça. E' que os prejuizos e preconceitos já dominavam nesses bons tempos de outr'ora, sendo para admirar que eram apoiados pelos apóstolos do Evangelho, desse código sublime em cujas paginas resplende os mais salutares preceitos da igualdade e fraternidade, pregados pelo Homem Deus!

Porém o bom preto não abandonou a sua empresa, não deixou de lançar mão de todos os meios possíveis para alcançar o seu almejado fim. Esgotados todos os meios de que podia dispôr, e vendo que em Pernambuco não obtinha dos seus superiores ser frade professo, tomou caminho de Portugal, á valer-se do monarcha.

Porém novos trabalhos lhe estavam reservados para supportar; era a difficuldade de ser admittido em audiencia real. Finalmente, depois de muito tempo errar pelos

corredores e ante-salas do paço, depois de soffrer com heroica resignação as grosserias e motejos dos aulicos e da criadagem, achou quem se interessasse por elle, quem o introduzisse a presença de El-Rei D. Pedro II; o monarcha o ouve benignamente, e attendendo aos serviços que prestara como soldado, e aos da religião, e as boas informações da sua vida no estado de donato, ordenou aos religiosos de Pernambuco que o admittissem a profissão.

O bom preto beija reverente as mãos do monarcha, inunda-as com lagrimas de jubilo e agradecimento, e embarca-se tomando o rumo da patria; e aqui chegando, apresenta a ordem real, e terminado o necessario processo entra no noviciado, e aos 2 de Agosto de 1689 professa na igreja do convento de S. Francisco de Olinda, quando já contava 80 annos de idade, e seis annos depois, celebra a sua primeira missa, no dia 1 de Agosto de 1695.

Porém bem pouco tempo logrou Frei Francisco de Santo Antonio o estado sacerdotal, que, com tantas difficuldades lutara para o conseguir. A 25 de Agosto de 1695, desse mesmo mez e anno, e vinte e quatro dias depois que celebrara a sua primeira missa, a morte o surpreendeu, *vendo, porém, satisfeitos os seus desejos, e deixando a todos edificados, completou o dilatado curso da vida com opinião universal de virtude e fama de santidade.*

Foi elle o primeiro homem de côr preta que logrou ser admittido como frade professo no Brazil, e até a data em que se determinou que cessassem as profissões, tendendo isto á total extincção das ordens religiosas, não nos consta que outro qualquer homem de côr, lograsse semelhante honra. Mas elle supportou heroicamente toda a opposição que lhe moveram, todos os embaraços que se lhe apresentaram, mas viu coroados os seus intentos, e vio triumphar a causa da igualdade e da fraternidade, a despeito dos prejuizos da época, dessa desigualdade que se procurou manter nas ordens religiosas.

Frei Francisco de Santo Antonio, morreu na avançada idade de 86 annos; e toda essa longa vida, fôra empregada no serviço de Deus e da Patria. Cinge, pois, a fronte desse heróe uma dupla corôa. A de soldado conquistada pelo seu valor e intrepidez nos campos da batalha, pela causa da liberdade, e a de religioso, pelas suas virtudes evangelicas, tendo por fanal a caridade, cuja corôa fôra tecida por aquelles a quem levava o conforto, o alivio, a consolação, quando se debatiam nas ancias da fome e da miseria.

« Não são as armas ou as lettras, diz o general Abreu e Lima, em um ligeiro esboço biographico de Frei Francisco de Santo Antonio, que ennobrecem o homem, mas sim as virtudes que ellas geram, porque o sabio é naturalmente virtuoso como aquelle que tem por timbre defender a sua patria: as virtudes são por tanto a origem de toda a nobreza, e aquelle que as possui em gráo heroico e eminente, é muito nobre e digno de memoria. Ora pelas armas tambem foi digno e benemerito o irmão Frei Francisco de Santo Antonio, porque defendeu a sua patria do jugo dos estrangeiros, e por ella derramou o seu sangue muitas vezes com valor e bizarria, e como homem de eminentes virtudes não póde ter melhor padrão de gloria do que morrer com fama de santidade, porque para ser santo é mister possuir todas as virtudes. »

Francisco Xavier de Moraes Cavalcanti. Nasceu na freguezia de S. Frei Pedro Gonçalves do Recife em fins do seculo passado, e era filho legitimo do Dr. Manoel de Araujo Cavalcanti, procurador da real corôa e fazenda desta capitania, e D. Izabel Thereza de Moraes Lins; neto paterno do capitão Pedro Coelho Pinto e D. Romualda Cavalcanti de Albuquerque, e materno do mestre de campo Manoel Alvares de Moraes Navarro e D. Thereza de Jesus Lins.

Oriundo de uma das mais distinctas familias desta provincia, nascendo na abastança e na riqueza, educado cuidadosamente por seus paes, Moraes Cavalcanti seguiu a vida agricola e se estabeleceu em Iguarassú, de cuja villa foi nomeado capitão-mór, e mais tarde condecorado por El-Rei D. VI com o habito da Ordem de Christo, distincções estas que escriptosamente concedidas naquella epocha, tradusiam o merecimento e os serviços d'aquelles a quem eram conferidas.

Moraes Cavalcanti, homem de fortuna e de prestigio, dotado de nobissimos e patrióticos sentimentos, foi um dos mais illustres adeptos da causa emancipadora de 1817. Além de associado aos tramas revolucionarios das academias do Paraiso e Suassuna, a sua casa, magnifica vivenda em Iguarassú, constituia um outro centro supplementar, ao norte da provincia, onde tinha lugar concorridissimas assembléas e esplendidos banquetes, *onde quasi sempre*, na phrase de um chronista, *fundia oráculos o il-*

justre Antonio Carlos de Andrade Machado e Silva, ainda que nem sempre com a precisa descripção.

Foram das numerosas e frequentes reuniões da casa do rico capitão-mór de Iguarassú, que sahio o celebre requerimento em nome da camara do senado da mesma villa, contra os novos e vexatorios tributos decretados por um Alvará de 1812, requerimento este que tanto encommo-
dou ao governador Caetano Pinto, e que tantos elementos lhe proporcionaria para suffocar, se quizesse, a trama revolucionaria dos patriotas pernambucanos; assim como eram notorios os calorosos discursos contra a tyrannia e os oppressores, ahi pronunciados em plena assembléa ou banquetes, descautelada e imprudentemente, inconveniencias estas, que sem duvida contribuíram para o inopinado rompimento e mallogro da causa da independencia.

Deixemos estas considerações que pertencem ao dominio da historia, e passemos a tratar da attitude do illustre patriota Moraes Cavalcanti no dominio da revolução. Apenas divulgou-se em Iguarassú a noticia do rompimento, Moraes Cavalcanti convocou as tropas de milicias e ordenanças, fallou-lhes em nome da patria e da independencia, e no auge do entusiasmo pôe-se em marcha forçada sobre a cidade de Olinda na noite do proprio dia 6 de Março, e ao amanhecer de 7 entrava á frente de uma força respeitavel em auxilio da causa da patria, a qual nesse mesmo dia, jurou eterna e desinteressada fidelidade.

Passado o primeiro movimento, assentados os negocios publicos, e já em marcha a organização provisoria do estado á sombra da paz e da harmonia, Moraes Cavalcanti recolheu-se a sua casa, e despresadas todas as antigas e odiosas distincções, começou a dar os mais edificantes e expressivos exemplos da vida e conducta republicanas.

Redobrou então de trabalhos e actividade na obra da consolidação da independencia da patria, os seus esforços e sacrificios foram innumerados e energeticos, para vencer os obstaculos e os escrupulos que se antolhavam, pela falta de tempo para preparar e dispôr os animos, que desprevenidos viram romper a revolução e proclamar-se a republica, em uma epocha de cegueira e fanatismo, proscrevendo a monarchia enraizada á quasi trez seculos, e desaparecer a pessoa do rei, acatada, inviolavel e sagrada. E quando foram presentes a camara do senado de Iguarassú, as leis organicas do governo do Recife, teve o dissabor de vel-as repudiadas em plena camara, apesar de

todas as suas diligencias e dos seus esforços, tão nobremente coadjuvados por dous illustres companheiros, os intrepidos patriotas Francisco Pedro Bandeira de Mello e João Nepomuceno Carneiro da Cunha.

Mas o illustre capitão-mór Francisco Xavier de Moraes Cavalcanti não succumbiu nem desanimou, e nos apertados transes em que brevemente se viu a causa da liberdade, elle presta-lhe novos e relevantissimos serviços. Quando o general José Marianno de Albuquerque Cavalcanti foi incumbido pelo governo provisorio de ir bater os revoltosos de Páo d'Alho, e seguiu para Iguarassú, apenas acompanhado por 60 praças, ahi á esforços do capitão-mór Moraes Cavalcanti organisou um corpo de tropa de 400 soldados, que reforçado por duas companhias de cavallaria miliciana de Goyanna, partiu para aquella localidade.

Moraes Cavalcanti viu succeder-se um á um todos os dias do ephemero imperio da liberdade de sua patria, a marcha progressiva da sua ruina, e sem ao menos poder obstar a sua queda; mas elle de nada temeu, não se occultou e afrontou impavido as iras dos seus crueis e implacaveis inimigos. Preso em sua propria casa, e trazido entre opprobios á presença do governador Rodrigo Lobo, foi mettido em ferros nos porões da corveta Mercurio, e nella seguiu com os seus companheiros de martyrio e infortunio para a provincia da Bahia, e foi atirado aos carceres da cadeia da Relação, onde jazeu por 4 annos, até que em 1821 lhe foi restituída sua liberdade.

Moraes Cavalcanti ainda figurou nas lutas constitucionaes, em 1821, e foi um dos propugnadores do governo estabelecido em Goyanna, o qual firmou-se no Recife com a capitulação do governador Luiz do Rego Barreto, e mais tarde, em 1824, foi um dos patriotas da tambem mallograda tentativa republicana, que proclamou a Confederação do Equador.

Achando-se então os corpos de ordenanças em um total estado de relaxação por falta de um chefe zeloso, activo, intelligente, de reconhecida probidade e dedicado patriotismo que reorganisasse os ditos corpos, e possuindo estas qualidades o capitão-mór Francisco Xavier de Moraes Cavalcanti, o presidente Manoel de Carvalho o nomeou por portaria de 29 de Agosto commandante geral das ordenanças desta capital, cujo districto comprehendia as freguezias de S. Frei Pedro Gonçalves, S. Antonio e

Boa Vista; em consequencia do que, ficou autorisado a crear os respectivos corpos, tudo consta da dita portaria.

Fazendo-se de novo revolucionario em prol da idéa republicana, Moraes Cavalcanti teve de soffrer ainda as consequencias do seu patriotismo, mas não tão barbara e cruelmente como em 1817. Desapparecendo em 1824 da scena politica de sua provincia, entregue inteiramente aos negocios de sua casa, cuja fortuna encontrára arruinada e empolgada por mãos alheias quando voltou do exilio em 1821, o illustre e benemerito patriota falleceu desconhecido e ignorado, mas o seu nome, os seus feitos em prol da causa emancipadora do seu paiz, o seu merito, as suas virtudes e os seus serviços repassados da mais alta abnegação e patriotismo, realçam a memoria do seu nome, como um dos vultos legendarios da historia das nossas lutas da liberdade e independencia patrias.

Francisco Xavier Paes Barreto. Nasceu na villa de Cimbres, aos 17 de Setembro de 1821, e foram seus paes o capitão-mór Francisco Xavier Paes de Mello Barreto, rico proprietario e agricultor, e sua consorte D. Anna Victoria Coelho da Silva. Perdendo seus paes ainda em tenra idade, recebeu zelosa e esmerada educação de sua tia D. Rita Zeferina Coelho da Silva Leite, que alli mesmo o encaminhou nos primeiros passos á seguir na carreira das lettras, sua mais ardente e decidida vocação.

Em 1831, aos dez annos de idade, deixou Paes Barreto a casa de seus paes na villa de Cimbres, de tão amargas recordações pela infelicidade e desgraças de que foram victimas, e encaminhou-se para o Recife á completar a sua educação alli encetada. Seis annos depois, inteiramente consagrados ao estudo, venceu elle as primeiras difficuldades da vida academica, havia completado o seu curso de humanidades, e em 1838 matriculando-se no Curso Juridico de Olinda e recebeu em 1842 a carta de bacharel em direito.

A vida academica de Paes Barreto foi um completo triumpho, foi uma das phases mais notaveis da sua existencia. Estimado por seus collegas pela sua natural benevolencia e affabilidade, louvado por seus mestres pela sua applicação e comportamento, nunca teve nota má, nem deu motivos a minima observação de mestre algum; e coadjuvando a sua intelligencia com uma applicação e

estudo dignos de louvor, elle conseguiu nos sete exames e cinco actos que precederam á sua formatura plena approvação em todos elles.

Laureado com o titulo scientifico de bacharel em direito, Paes Barreto incetou a sua vida na carreira da magistratura, pelo modesto logar de supplente de juiz municipal de Goyanna, passando depois a exercer o cargo de promotor publico da comarca do Recife, por nomeação de 25 de Abril de 1848.

Elevado a juiz de direito, foi-lhe confiada a comarca do Limociro, por Decreto de 16 de Janeiro de 1854, depois foi transferido para a de Santo Antão a 22 de Janeiro de 1855, para a do Rio Formoso em 1857 e em 1862 para a de Olinda, todas ellas nesta provincia. Honrando a toga de magistrado, juiz energico, justiceiro e honrado, caracter probo, intelligencia esclarecida por um rigoroso estudo sem treagoas, elle tornou-se digno do geral apreço, seu nome era por todos respeitado, e os seus dotes e virtudes dignamente apreciados.

Foi assim que mereceu do governo imperial a incumbencia de honrosas e difficeis missões, foi assim que o despacharam chefe de policia da provincia do Piauhy, em uma epocha difficil e arriscada, quando era crescido o numero dos crimes perpetrados contra as pessoas, e os criminosos impunemente percorriam o extenso territorio da provincia, levando o terror, o crime e a miseria; elle foi incansavel na repressão e na punição do crime, e a este respeito os seus serviços no Piauhy foram verdadeiramente relevantes.

Não menos importante foi o desempenho de igual missão que lhe foi confiada na provincia das Alagóas. Os serviços que ahi prestou a causa da ordem e tranquillidade publica, a justiça e equidade que presidiam todos os seus actos foram taes, que atravessando no periodo dessa commissão algum tempo, nunca os seus adversarios politicos o atacaram, e pelo contrario, quando o faziam aos dous presidentes em cujas administrações serviu, as mais significativas provas de gratidão e homenagem eram tributadas ao chefe de policia, pela sua rectidão e beneficos esforços.

A' taes serviços, ao digno e honroso desempenho de taes missões, outras mais importantes lhe foram confiadas; e assim, em 1854 foi nomeado presidente da provincia da Parahyba, em 1855 passou á dirigir a administração do

Ceará, em 1857 a do Maranhão, e finalmente a da Bahia em 1858. Na administração da provincia da Parahyba, o seu principal cuidado, o empenho em que mais se esmerou, foi a repressão e a punição do crime, e tamanha foi a energia, e os bens que ella produziu foram tantos, que a gratidão parahybana honrou dignamente ao illustre magistrado que dirigia os seus destinos, chegando até a formar-se o projecto de erigir um monumento que recordasse aos vindouros o seu nome e os seus serviços.

Na administração do Ceará, porém, foram ainda maiores os serviços que prestou, distinguindo-se mais particularmente pelo lado economico e material. Deu grande impulso a estrada que liga a capital á comarca do Baturité, um dos centros de maior produção da provincia; fundou um edificio para collegio dos orphãos desvallidos, que até então não tinham abrigo e meios que ministrassem a sua educação; assim como um outro para educandos menores; dividiu a provincia em circulos eleitoraes, cujo plano não só foi approvado pelo governo imperial, como não mereceu a minima censura de nenhum dos partidos existentes; alem de outros serviços não menos importantes.

Na provincia do Maranhão, onde naufragavam todos os presidentes, pela intriga e mesquinha luta dos partidos, Paes Barreto sahi respeitado e cheio de prestigio, e na administração da Bahia, se bem que fosse curta a sua presidencia, desenvolveu muito tino e actividade relativamente a situação financeira em que se achava, vencendo todas as difficuldades não só por uma bem entendida e severa economia, como por meio de uma arrecadação moralisada, cuja falta era a difficiencia dos recursos e dos meios de face á enórmissimas despesas. D'entre os beneficios materiaes com que dotou a provincia, nota-se o contracto da illuminação a gaz, e as obras do passeio publico da cidade, onde a gratidão baianna inscreveu o seu nome em um pequeno monumento que alli erigiu.

Por mais de uma vez a provincia de Pernambuco confiou-lhe o honroso mandato de seu representante á assembléa geral legislativa, e de 1849 a 1855 dignamente occupou uma cadeira na assembléa provincial; e se como orador faltavam-lhe os rasgos de eloquencia, e a vehemencia no estylo, manifestava porem em seus discursos em linguagem placida, correctá e singela, a nobresa das suas intenções, a pratica e familiaridade nos negocios publicos; e a

utilidade, o bem, prosperidade e realce de sua patria, eram o seu alvo, eram o ponto culminante a que elles attingiam.

Na organisação do ministerio de 10 de Agosto de 1859, Paes Barreto occupou a pasta dos negocios da marinha. Ali, diz um seu biographo, como em todos os importantes cargos que havia exercido, a justiça e o bem publico foram sempre a norma dos seus actos. Suas decisões contra os dissipadores da fazenda nacional, e os obices que oppunha ás manobras clandestinas, daquelles que por canaes tortuosos sabem chegar ao defraudamento dos cofres publicos, suscitaram-lhe poderosas desaffeições, que desabafavam pelos diarios ou em publicações particulares, maltratando-o com a impudencia ordinaria de réos de policia convertidos em juizes de seus repressores, de homens chegados ao pinaculo da corrupção constituindo-se de sua propria autoridade censores publicos da moralidade estranha.

A' frente da alta administração do paiz, o conselheiro Paes Barreto, não só no ministerio da marinha, como posteriormente no dos negocios estrangeiros, em 15 de Janeiro de 1864, elle soube elevar-se no conceito publico, e todos, quer gregos quer troyannos, eram unanimes em tributar-lhe devidos louvores, em exaltar os seus meritos, abnegação, desinteresse e patriotismo. Ahi estão as suas resoluções, os importantes regulamentos que deixou, quer no ministerio, como nas provincias que presidiu, e o papel distincto que representou no conselho dos ministros. Como se fôra sua boa sina deixar em todas as administrações, a que presidira, vestigios honrosos e provas certas de verdadeiro patriotismo, diz o citado biographo, nas poucas semanas que a molestia lhe permittira consagrar á gerencia dos negocios estrangeiros, organisou o notavel Aviso em que determinou o sentido genuino das condições consulares celebradas pouco tempo antes; Aviso este digno do estadista que se presava, e que, sem faltar de modo algum ao prometido, soube zelar a dignidade do seu paiz.

Em 1863 foi o conselheiro Paes Barreto nomeado inspector da alfandega do Rio de Janeiro, como homem tallhado de molde para uma missão excencialmete moralisadora, como então esta requeria, e por Carta Imperial de 22 de Fevereiro de 1864 foi escolhido senador pela provincia de Pernambuco, attingindo assim a mais alta, honrosa e nobilissima posição a que póde aspirar um brasileiro,

possuindo elle alem dos titulos já consignados, o habito da Ordem de Christo, e o officialato da Rosa.

Conservador no começo da sua carreira, modificando depois as suas idéas politicas, elle viu-se atacado na Camara dos Deputados sobre esse ponto, quando fazia parte do ministerio, e teve de justificar-se; mas não lhe foi dada a occasião precisa para isso, elle succumbiu poucos dias depois, porem deixou começado o seu discurso, as suas justificações posthumas; eis alguns topicos desse importante escripto politico :

« Não sou liberal, nunca declarei que deixava de ser conservador, diz o nobre deputado. A camara e o paiz sabem que desde 1853, epocha em que o partido conservador perdeu a rasão de ser, eu deixei de acompanhar os chefes desse partido.

« Fiz parte da opposição parlamentar de 1853, e sustentei com todo o meu fraco apoio a politica de conciliação, que nunca mereceu a completa approvação dos conservadores. Em 1857, quando aquelle partido se levantou contra o ministerio, de que faziam parte os Srs. Marquez de Olinda, e Conselheiros Souza Franco e Jeronymo Coelho, eu sustentei aquelle ministerio, descrevi o que devia ser conservador, e votei com os liberaes que se achavam neste recinto.

« Fiz parte da opposição que em 1859 combateu o ministerio de 12 de Dezembro de 1858 por mostrar tendencias claras e bem positivas para voltar aos antigos excessos.

« Em 1861 fui um dos primeiros que se ergueram nesta casa em opposição ao ministerio Caxias. Em 1862 fiz parte da liga que se opperou no parlamento, e da qual resultou a situação actual.

« De volta á minha provincia, promovi a fusão dos dous partidos liberal e conservador moderado, o que já se realisou publica e solememente, denominando-se partido progressista.

« Já vê a camara que o meu procedimento não tem sido mysterioso nem occulto. Tenho marchado á luz do dia, e por caminhos conhecidos. O nobre deputado acha que as palavras valem mais do que os actos; eu sigo a opinião contraria.

« Já sabe, pois, o nobre deputado a que partido pertenço: o meu partido é aquelle de quem foi candidato o nobre deputado, e por quem foi eleito; é o partido progressista, é o partido da maioria desta camara. »

Estas palavras que bem se pode chamar a sua auto-

biographia politica, encerram e justificam assás a modificação lenta e depois completa mudança de suas idéas políticas, o que longe de ser um motivo de censura, é pelo contrario um objecto digno de louvor, porque elle almejava o bem geral, a prosperidade e o engrandecimento do seu paiz, o que só se opperaria por meio de reformas beneficis e efficazes, o que o partido conservador fiel ao seu programma e idéas, jamais realisaria.

Occupando a pasta dos negocios estrangeiros no ministerio organizado em 15 de Janeiro de 1864, e escolhido senador do imperio no mez seguinte, o conselheiro Francisco Xavier Paes Barreto subia assim de distincção em distincção, para em breve tempo cahir fulminado pelo raio da morte, quando ainda muito esperava de si o paiz, quando ainda eram necessarios os seus serviços e dedicação á nova phase politica que se ostentava no poder, da qual foi um dos apóstolos mais dedicados e zelosos.

Accommettido de uma molestia que rapidamente se foi desenvolvendo, em breves dias terminava o conselheiro Paes Barreto a sua peregrinação por este mundo; e no dia 28 de Março de 1864, na capital do imperio, desprendeuse a sua alma do envolucro da materia, e voou ás alturas do infinito, após quarenta e trez annos de lutas e trabalhos, mas de honrada e assignalada existencia, por feitos que immortalisam a sua memoria.

A' sua morte, perdeu o Brazil um vulto respeitavel e proeminente, e Pernambuco, a provincia que o viu nascer, e que se engrandecia pelo seu renome, um dos filhos de quem muito ainda esperava, e um d'aquelles que sabia zelar e conservar com religioso respeito a gloria do seu nome, e as tradições brilhantes dos seus illustres antepassados.

O marquez de Olinda, esse venerando patriota, concorrendo ao seu enterro, exclamou com os olhos arrasados de lagrimas, e ferido do mais profundo sentimento, no momento em que se fechava o ataúde que encerrava o seu cadaver: *Ahi vae encerrado o resto do thezouro que eu esperava deixar á minha provincia.*

O illustrado Dr. José Joaquim de Moraes Sarmiento, epilogando as virtudes, os feitos e serviços do conselheiro Francisco Xavier Paes Barreto, assim descreve os seus ultimos dias, o seu character e as virtudes que o ornavam:

« O cidadão honesto que assim procedia, tinha gasto, para exercer com dignidade os importantes cargos que occupára, tudo quanto havia herdado de seus paes; e não,

obstante sua muita sobriedade, notoria economia, e gastos poucos dispendiosos, foi vendendo pouco a pouco cinquenta e tantos escravos, e todo o seu patrimonio. Onde tantos teem descoberto o caminho da riqueza, elle só encontrou o da mais completa pobreza. Ministro, já moribundo, para executar a prescripção dos medicos, que o mandavam para um dos suburbios do Rio de Janeiro, não tinha dinheiro algum. Foi preciso que um parente fizesse a despesa necessaria, e á hora do passamento, o filho do rico capitão-môr de Cimbres, do senhor de mais de trezentos captivos e de muitas leguas de terra, não possuia um só escravo, não dispunha de seis palmos de terra para a sepultura, não deixava um só vintem para as despesas do funeral.

« Para esta absoluta, mas gloriosa pobreza, mil vezes mais honrosa do que a maior parte das riquezas que ahi se ostentam tão orgulhosas, contribui bastante a commiserção, talvez demasiada, que lhe inspirava o aspecto do infortunio, da necessidade, da miseria. Ultrapassando os limites da caridade, dava aos desvalidos emquanto tinha que dar....

« Singelo no trato, ouvia com affabilidade e admiravel paciencia os numerosos pretendentes ou solicitadores que o procuravam. Dava sem arrogancia do mesmo modo que recebia com dignidade. Antes de fallar, já a expressão agradavel das suas feições tinha prevenido os ouvintes a seu favor, e contribuido para lhe ganhar os corações. Prudente e reflectido, sua intelligencia era rapida na concepção da exequibilidade dos negocios e dos meios de os realisar. Contra o que succede ordinariamente aos cidadãos que entram de pouca idade na gestão dos negocios publicos, nunca foi homem de utopias e de arrebatamentos. Suas idéas foram sempre praticas, e em todas ellas se revela o tino administrativo, a severa pureza da convicção intima....

« Feliz o cidadão, que depois de subir todos os degraus do poder social, chega ao apice das grandezas, morre desapegado das glorias mundanas, e, na derradeira phase que precede á morte, confessa as vãs chimeras deste mundo! Caracteres desta tempera foram sempre raros, e hoje são rarissimos. Paes Barreto não é só o esplendor da sua familia, é tambem uma das glorias da provincia, e honra ao imperio todo. Onde quer que venha a chegar a fama de suas grandes virtudes, se a religião do dever ainda ahi ti-

ver altares, seu nome será venerado, como o de um dos homens mais puros do nosso seculo nas altas regiões do poder.... »

Francisco Xavier Pereira de Brito. Nasceu na freguezia de Santo Antonio do Recife, aos 17 de Novembro de 1786, e foram seus paes João Pereira de Brito, negociante desta praça, e sua consorte D. Anna Carneiro da Cunha.

Em 1802, quando contava apenas 16 annos de idade, Francisco Xavier Pereira de Brito seguiu para Portugal, completou o curso de humanidades encetado nesta provincia, e matriculou-se na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. Por occasião da guerra da invasão franceza, em 1808, o jovem estudante abandonou temporariamente os seus estudos, fez-se soldado e pelejou em prol da honra da patria commum, e quando de novo se abriu a Universidade e continuou o seu curso, recebeu o grão de doutor em medicina, e regressou á sua patria em 1810.

Medico distincto e illustrado, « *possuindo grande massa de luzes e conhecimentos universaes* », o Dr. Pereira de Brito pela dedicação e cuidado que consagrava áquelles que confiavam do seu zelo e proficiencia, e mais que tudo, pela felicidade das suas curas, por suas maneiras e cavalheirismo, conquistou merecida fama, immensa clientela e grande popularidade.

Liberal, patriota distincto e exaltado, a revolução de 1817 contou no jovem medico um dos seus heróes, e por sua generosa iniciativa nesse movimento politico, soffreu resignado o martyrio votado pela tyrannia á todos os compromettidos. Accusado de rebelde, victima das suas idéas pelo odio realista, os seus inimigos foram além, pois até lhe accusaram de oppor-se a que seus filhos fossem baptisados segundo o rito da egreja catholica, accusação essa que naquella epocha de fanatismo, era gravissima; calumnia atrocissima, pondera o autor dos *Martyres Pernambucanos*, incompativel com a religiosidade de sua jovem esposa e parentes, e com o respeito religioso de que lhe vimos dar muitas provas, quando de perto o tratamos em 1820.

Accusado perante a alçada, e pronunciado depois, foi uma das victimas das prisões nocturnas de 6 de Abril de 1818, as quaes fizeram debulhar em lagrimas mais de 60 familias pernambucanas, que se viram desamparadas

de seus chefes, aos quaes se ameaçavam dos mais atrozes supplicios. Recobrando a sua liberdade em 10 de Outubro de 1818, em virtude do Decreto de perdão de 6 de Fevereiro do mesmo anno, o Dr. Pereira de Brito viu-se livre das atrocidades e perseguições de seus inimigos, e continuou nos labores da sua profissão, cuja vida era para elle um verdadeiro sacerdocio.

A revolução separatista de 1824, contou ainda no Dr. Pereira de Brito um dos seus mais dedicados apóstolos, batalhou mais uma vez em prol da causa da liberdade, e de novo foi pagar o crime da sua rebeldia ás mãos ensanguentadas dos oppressores de sua patria. Nas lutas da nossa emancipação politica, em todos os movimentos que se deram em prol da sua causa, figura tambem o nome do Dr. Pereira de Brito, elle foi um dos seus apóstolos, e um dos brazileiros que mais se distinguiram em todos os acontecimentos que se deram em prol de tão nobre e grandiosa empresa.

Nomeado *medico do Tribunal da Relação* desta provincia, por provisão de 26 de Outubro de 1822, e, a 5 de Abril de 1826, segundo medico do hospital militar, o Dr. Francisco Xavier Pereira de Brito serviu tambem os cargos de almotacé, juiz de fóra pela lei, juiz de orphãos por trez vezes, vereador da Camara Municipal do Recife, presidente do governo no tempo da revolta Pedroso, delegado nesta provincia de physico-mór do imperio, e membro do conselho do governo provincial por muitos annos.

Deputado á Assembléa Provincial desde a criação dessa corporação em 1835, até 1844, quando falleceu, o Dr. Pereira de Brito mereceu ainda dos seus conterraneos o honroso mandato de deputado a Assembléa Geral na legislatura de 1830 a 1833, e em 1842 recebeu a nomeação de vice-presidente da provincia, mostrando sempre esse distincto pernambucano, em todos os cargos que exerceu, inabalavel honradez e probidade, decidido interesse pela causa publica e sincero amor pelas instituições do paiz, sempre moderado em suas acções e liberal distincto e con-cituado.

Homem de merito superior pelo seu talento, medico distincto, patriota illustre, o Dr. Pereira de Brito prestou immensos e grandiosos serviços ao seu paiz, quer como cidadão, quer como funcionario, serviu honrosa e dedicadamente a causa da liberdade e independencia de sua patria, e deixou pelo merecimento dos seus feitos de dedica-

ção e patriotismo um nome respeitavel e illustre, uma memoria digna dos louvores da posteridade, cujos serviços mereceram-lhe a conferencia da commenda da imperial ordem de Christo em 1843.

O Dr. Francisco Xavier Pereira de Brito falleceu aos 58 annos de idade, em 31 de Julho de 1844, victima de uma molestia proveniente dos encommodos e privações que soffreu durante as suas prisões politicas de 1817 e 1824.

G

Gervasio Pires Ferreira. Nasceu no Recife aos 26 de Junho de 1765, e foram seus paes Domingos Pires Ferreira e D. Joanna Maria de Deus, pertencentes a uma das mais illustres e opulentas familias desta capitania.

Recebendo de seus paes, esmerada e cuidadosa educação, Gervasio Pires encaminhou-se para Lisbôa nos seus primeiros annos, onde atirou-se a vida commercial, casou e estabeleceram uma grande casa, cuja fortuna e prosperidade deram-lhe grandes cabedaes e riquezas. Invadido Portugal pelos francezes, em 1808, Gervasio Pires regressou para Pernambuco no anno seguinte, e aqui estabeleceu a sua casa, a qual pelos seus fundos e creditos, tornou-se uma das primeiras e mais importantes desta praça.

Iniciado o movimento revolucionario-emancipador desta provincia, o qual rompeu prematuramente em 1817, Gervasio Pires foi um dos conspiradores da causa das liberdades patrias, mas a sua prudencia e reserva foram taes, que ninguém jamais suspeitou dos seus sentimentos, e se não fôra a intempestiva explosão de 6 de Março, na phrase de um historiador do tempo, ainda ogora os olhos profanos não veriam em Gervasio Pires, senão um denodado e sempre honrado realista, prudencia esta que o acompanhou no dia da revolução, e nos que immediatamente lhe succederam.

Rompe, porém, a revolução, e então, Gervasio Pires apresentou-se sem rebuço, saudou radiante a proclama-

ção da independencia da patria, e tornou-se pelo seu patriotismo, experiencia e generosidade, um dos sustentaculos e esteios da nova ordem de cousas. Delegando o governo provisorio a Antonio Gonçalves da Cruz, para ir aos Estados-Unidos á entabolar negociações e á comprar armamentos, Gervasio Pires offereceu generosamente o seu navio *Espada de Ferro*, e a quantia de 25:000\$000 para um e outro fim, offerta esta que foi acceita e applaudida por todos os patriotas que dirijiam os destinos da proclamada republica.

No dia 11 de Março recebeu Gervasio Pires do governo provisorio a mais solemne prova de apreço e confiança, pela sua eleição para o importante cargo de presidente do Erario Nacional, em substituição a Antonio Gonçalves da Cruz, despachado nesse mesmo dia embaixador de Pernambuco nos Estados-Unidos; e logo após foi eleito conselheiro de estado, e quer n'um como n'outro cargo, Gervasio Pires prestou tão importantes serviços, revellou-se um homem tão superior, que sem o seu parecer, sem elle finalmente, nenhuma medida ou providencia eram tomadas e nada se fazia então sem o seu voto.

Mas foram ephemeros, estavam contados os dias da existencia politica da proclamada republica, e da independencia da patria, que sob tão bons auspicios fôra iniciada, e que com tanto patriotismo e enthusiasmo fôra proclamada. De nada valeu a dedicação e o heroismo de tantos e illustres patriotas, porque o prematuro rompimento da revolução tudo sacrificou e aniquilou. Os serviços de Gervasio Pires, a sua dedicação e generosidade, resaltam a cada passo na marcha ephemera desse acontecimento, que se não vingou, muito contribuiu porém no animo dos brazileiros para despertar-lhes o amor da independencia e liberdades patrias, quatro annos depois proclamadas.

Gervasio Pires, si patenteou na prosperidade da republica o seu espirito calmo e reflectido, e um admiravel patriotismo, não o patenteou menos na adversidade, quando as tropas realistas já batiam ás portas do Recife. A' retirada do governo da capital, elle, que com os seus collegas baldadamente se esforçou para obter do almirante portuguez Rodrigo Lobo algumas condicções favoraveis de capitulação, recolheu-se desenganado ao seio de sua familia, esperando resignadamente a sorte que o aguardava.

Preso, e mettido em grilhões a bordo do navio *Carasco*, seguiu para a Bahia, e ahi gemeu por quatro annos.

Na adversidade, privado da sua liberdade, ainda o mesmo homem magnanimo e generoso, o mesmo patriota, o mesmo liberal. Gervasio Pires abriu a sua bolça em favor de seus infelizes companheiros, a quem a fortuna fôra duplamente adversa, soccorreu-os, prodigalisou-lhes beneficios, e mensalmente distribuia uma certa quantia áquelles mais pobres e necessitados.

Assim passaram-se quatro longos annos de martyrio e de soffrimentos, até que em 1821, por effeito da revolução constitucional de Portugal, em 1820, elle e seus companheiros saudaram felizes a liberdade e a terra da patria.

Gervasio Pires, que desde a crise tremenda da quadra da republica protestou guardar o mais absoluto silencio, continuou ainda neste firme proposito, por algum tempo depois que chegou á Pernambuco, e de tal maneira, que sómente por escripto, recebia e agradecia parabens, fazia perguntas e dava respostas. Com effeito, observa o autor dos *Martyres Pernambucanos*, se isto era capricho, saudades ou penitencia da extincta liberdade, em que tanto figurára, agora tornava-se virtude nas terriveis marulhadas, em que achava sua patria, pela raivosa luta em que andava com o antigo despotismo.

Jurada a constituição secretamente por Luiz do Rego e os seus parciaes, os pernambucanos oppuzeram resistencia a esse acto do governador, e triumphando pelo acto da Convenção do Beberibe, foi eleita a primeira junta do governo provisório de Pernambuco, no dia 26 de Outubro de 1821, sahindo presidente o venerando patriota Gervasio Pires, que tomou posse na Camara de Olinda no dia immediato. Chegava assim a occasião de pagar-lhe os seus contraneos tantos serviços e patriotismo, e a patria assim restituiu-lhe o uso da falla; e Gervasio Pires eleito por numerosos votos, foi o primeiro presidente constitucional que viu o Brazil, segundo o Decreto das côrtes constituintes de Lisboa.

No desempenho dessa missão, elle desenvolveu immensa capacidade, mereceu geraes applausos e confiança, não só das côrtes como dos seus compatriotas. Mas em pouco, á creação de alguns partidos, começou uma guerra desabrida e implacavel, as circumstancias da epocha eram difficeis e criticas, e fosse esta ou aquella a attitude da junta governativa, encontraria sempre um partido á oppor-lhe serios embaraços, e a mover-lhe a mais decidida opposição. As côrtes de Lisboa, attribuiram-lhe vis-

tas republicanas, os regeneradores paulistas lhe imputavam vistas constitucionaes, e os pernambucanos divididos e descontentes pozeram em campo uma sedição militar, e no dia 16 de Setembro de 1822, Gervasio Pires viu-se elle apeado do seu cargo, e obrigado a refugiar-se em um navio inglez, por tentarem contra a sua vida, e a seguir para o sul.

Tocando o paquete na Bahia, e sabida a noticia da passagem de Gervasio Pires, o general Madeira que a frente das tropas portuguezas mantinha a posse daquella provincia á corôa de Portugal, não poude perdoar-lhe o crime do seu patriotismo, o seu acto de acclamar, como presidente da junta do governo de Pernambuco, a 2 de Junho de 1822, o principe D. Pedro, chefe do poder executivo independente de Portugal, exigiu a entrega de Gervasio Pires, e immediatamente o remetteu preso para Lisbôa, onde foi recolhido a cadeia de Limoeiro.

Corria ainda o seu processo, quando rebentou em Lisbôa a contra-revolução de 5 de Junho de 1823, e mandando El-Rei D. João VI restituir-lhe a liberdade, Gervasio Pires se apresou em tomar o caminho do Brazil e embarcou para o Rio de Janeiro. Justificado do seu procedimento, reconquistando a estima e confiança dos seus concidadãos, e depois de tantas vicissitudes e tormentosa vida, voltou para o seio de sua provincia e familia, e passou tranquillo e dedicado sempre ao serviço e engrandecimento da patria, a ultima phase de sua vida.

Ainda preso, Gervasio Pires publicou um folheto em sua defesa, contestando um outro que apparecera atacando-o pelos seus actos de Pernambuco, ao qual deu por titulo: *Considerações sobre o folheto intitulado Narração historica da conducta politica de Gervasio Pires Ferreira.*

Os pernambucanos que na raiva dos partidos foram injustos no julgamento dos actos de tão illustre patriota, repararam então a sua falta, e Gervasio Pires foi occupar pelos seus suffragios uma cadeira no parlamento nacional, nas duas primeiras legislaturas do imperio. Na camara, segundo um escripto que temos sob as vistas, elle mostrou-se em todas as circumstancias—liberal moderado, e na tribuna foi orador sem pretensão de eloquencia, mas discutidor intelligente, conciso e claro.

Na tumultuosa sessão de 1832, Gervasio Pires representou um papel importantissimo pelo seu character e ascendencia, e basta mencionar a commissão especial de que fez parte com Francisco de Paula Araujo, Candido Baptista

de Oliveira, Manoel Odorico Mendes e Gabriel Mendes dos Santos, a qual foi incumbida de estudar de prompto o assumpto da demissão da regencia trina, e dos ministros de Estado, propondo igualmente as medidas que considerasse adaptadas as circumstancias, parecer este que foi lido as 4 horas da tarde.

Gervasio Pires exerceu por muito tempo o cargo de conselheiro do governo desta provincia, sempre dedicado e infatigavel no trabalho, sempre apresentando ou apoiando as medidas de maximo interesse, e entre aquellas que foram especialmente apresentadas por si, basta lembrar o projecto do melhoramento do porto do Recife, projecto grandioso, cujo resultado era de grande alcance e interesse para esta provincia. Mas infelizmente não foi executado, e ainda hoje o melhoramento do porto desta capital e um problema difficil de resolver-se.

Após uma longa existencia de 71 annos, notavel pelos serviços prestados em prol da independencia politica do seu paiz, nobilitado pelos seus feitos de patriotismo, Gervasio Pires Ferreira morreu aos 9 de Março de 1836, legando a sua patria um nome legendario, e a memoria do mais puro e acrysolado patriotismo.

O seu cadaver foi sepultado na egreja de N. S. do Rosario da Boa Vista, e sobre o marmore que sella os restos mortaes desse illustre e benemerito varão, lê-se este epitaphio:

Aquí jazem
Gervasio Pires Ferreira
Filho de
Domingos Pires Ferreira,
E D. Joanna Maria de Deus
Bom marido e pai,
Nascido aos 26 de Junho de
1765,
Deixando para sua memoria
Dez filhos, e vinte e um netos;
E sua neta
Emilia Carolina Gonçalves da Silva,
Nascida aos 15 de Outubro de
1834,
E ambos fallecidos
Aos 9 de Março
de
1836.